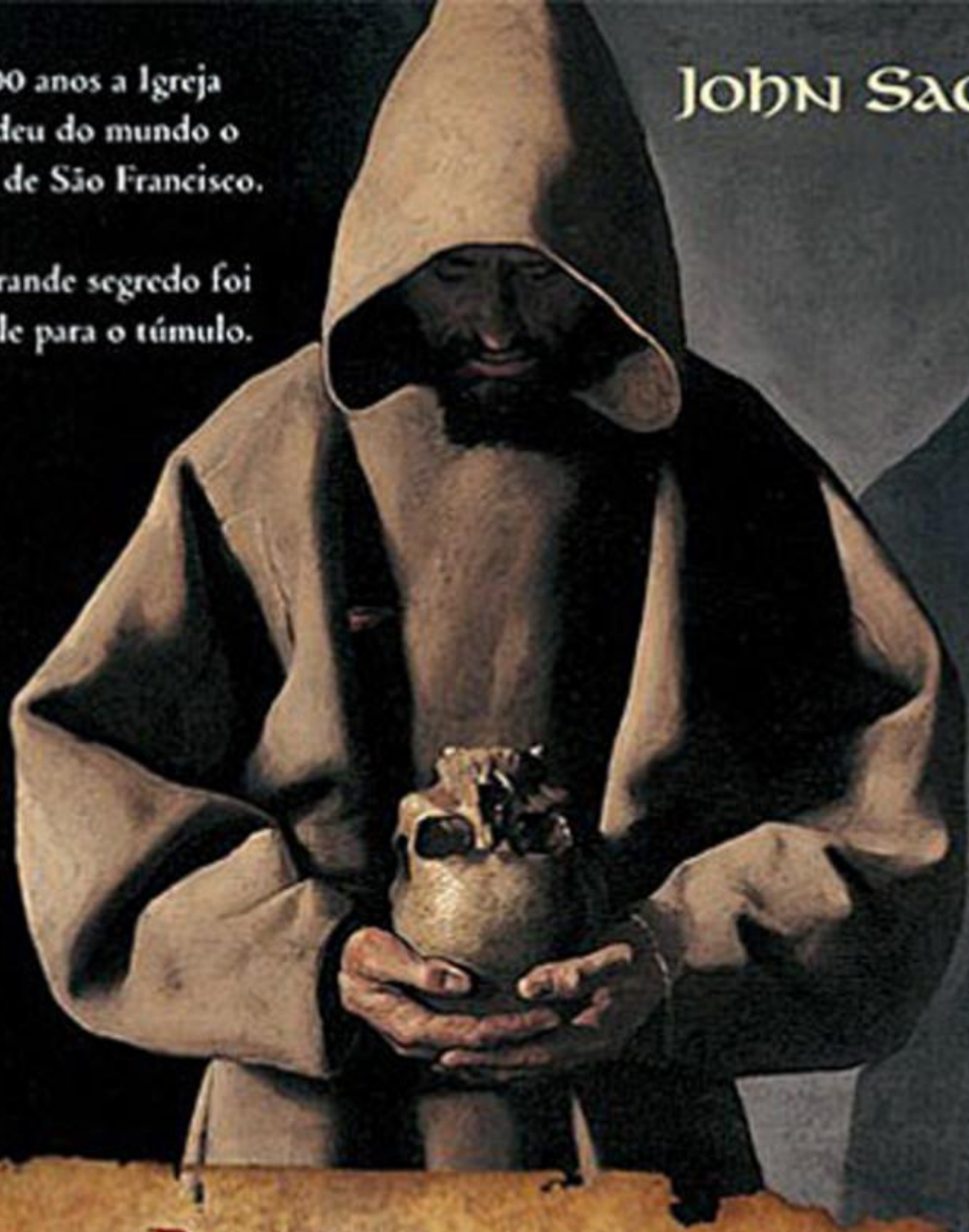


Há 700 anos a Igreja
escondeu do mundo o
corpo de São Francisco.

Um grande segredo foi
com ele para o túmulo.

John Sack



A
CONSPIRAÇÃO
FRANCISCANA



SEXTANTE
FICÇÃO

John Sack

A
Conspiração
Franciscana



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

Título original: *The Franciscan Conspiracy*
Copyright @ 2005 por John Sack
Copyright da tradução © 2007 por Editora Sextante Ltda.
Publicado em acordo com o autor, que é representado pela BAROR
INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova York, Estados Unidos.

Todos os direitos reservados.
tradução: Márcia Alves e Maria Luiza Newlands
preparo de originais: Alice Dias e Jorge Viveiros de Castro
revisão: José Tedin Pinto e Sérgio Bellinello Soares
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
design da capa: David Ruppe, Impact Publication
imagem da capa: Francisco de Zurbarán (Espanha, 1598-1664)
São Francisco de Assis em seu túmulo ca.1630/34
Óleo sobre tela - 2 x 1,14 m
Aquisição do Milwaukee Art Museum [M 1958.70]
adaptação da capa: Miriam Lerner
pré-impressão: ô de casa
impressão e acabamento: Geográfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL, CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S 127c Sack. John R., 1938-
A conspiração franciscana / John Sack [tradução Maria Luiza
Newlands e Márcia Alves] — Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

Tradução de: *The franciscan conspiracy*
ISBN 978-85-99296-16-5

I. Francisco, de Assis, São, 1182-1226 — Morte e sepultamento Ficção. 2. Francisco,
de Assis, São, 1182-1226 — Devoção — Ficção. 3. Franciscanos — Ficção. 4. Itália
— História — 1268-1492 — Ficção. 5. Assis (Itália) — Ficção. 6. Ficção americana. I.
Silveira, Maria Luiza Newlands. II. Alves, Márcia Claudia Reynaldo. III. Título.

07-2795

CDD813
CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 — Gr. 1.404 Botafogo
22270-000 — Rio de Janeiro - RJ
Tel.:(21)2286 9944 — Fax: (21) 2266 9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br
www.sextante.com.br

AGRADECIMENTOS

Ao NORTHWEST WRITING INSTITUTE DO LEWIS and Clark College, pelo período de residência da Walden e pela valiosa dádiva do tempo. Aos autores da Blue Mountain e aos leitores da White Cloud, pelos inestimáveis conselhos e pelo incentivo.

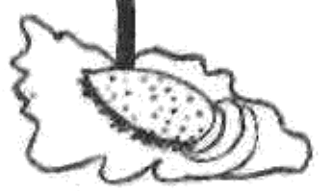
E, acima de todos, a Francisco, que insistiu para que esta história fosse contada. *Grazie molte.*

Beatus frater eius duobus annis ante mortem suam quatuor
gesima loco alueme ad honorem beate virginis marie maris die beati
michael archangeli a seculo assumptiois beate marie uirginis ad festum sancti
michael septem et facta est super eum manus dei per uisionem et allocuti
one seraphim et impressionis stigmatum in corpore suo beatus habet laudes ex alio
latere re

collato **B**enedicat tibi dominus et custo
diat te. ostendat faciem
suam tibi et misereatur tui
conuertat uultum suum ad te
et det tibi pacem

Beatus frater eius scripsit manifestam benedictionem in forma leonis

T dominus bene
fleo te dicat



Simili modo fecit istud signum thau cum capite manu sua

BÊNÇÃO DE SÃO FRANCISCO A FREI LEO.

Caso Satã existisse, o futuro da ordem fundada por São Francisco lhe proporcionaria um prazer extraordinário. (...) O resultado final da vida de São Francisco foi criar mais uma ordem abastada e corrupta para fortalecer à hierarquia e facilitar a perseguição a todos que se sobressaíssem pelas virtudes morais ou pela liberdade de pensamento. Tendo em vista o caráter e os objetivos pessoais dele, é impossível imaginar conseqüência mais amargamente irônica.

— BERTRAND RUSSELL



Não me venham dizer que Francisco fracassou. O Espírito de Conciliação apropriou-se de seu sonho e podou-o a gosto: apropriou-se de seus irmãos (...) e modificou-os, da mesma forma como tentara modificá-lo desde o início, transformando-os em monges bons, mas banais. Apropriou-se de seu corpo e enterrou-o em uma das maiores igrejas da Itália. Apropriou-se da história perigosa de sua vida, censurou-a e adaptou-a nas biografias. Mas não conseguiu apoderar-se de Francisco. (...) Francisco triunfou; foram os outros que fracassaram.

— ERNEST RAYMOND

F Leo fr̄a eis sc̄o tuosā
lucē y pacē. Ita dico t̄b
fr̄a me. sicut mat. q̄
oīa v̄ba que dico mihi
sua. breuit̄ in d̄c v̄ba
dispono y colloco. y
p̄p̄o rap̄o. ut p̄
c̄filū ut n̄t̄ d̄ me
q̄ ut cō filio t̄b. i q̄
cūq̄ modo me loquor
de t̄. p̄ace me d̄o
eo y sequē. s̄gr̄a s̄ p̄
l̄p̄t̄e iū. fac. d̄
cū benedictione d̄
p̄ me obuenia
y t̄ b̄c̄t̄ ne ce
m̄ ma tu a p̄ d̄
e se l̄t̄io n̄e quā y l̄

FAC-SÍMILE DA CARTA ESCRITA POR SÃO FRANCISCO
A FREI LEO POR VOLTA DE 1220.

LISTA DE PERSONAGENS

OS FRADES MENORES (FRANCISCANOS)

Ministros gerais (1212-1279)

1212-1226 São Francisco de Assis (San Francesco d'Assisi)

Vigários: Pietro Caetani, 1212-1221

Elias di Bonbarone, 1221-1227

Secretário: Leo d'Assisi

1227-1232 Giovanni Parenti

1232-1239 Elias di Bonbarone

Secretário: Illuminato da Chieti

1239-1240 Alberto da Pisa

1240-1244 Haymo de Faversham

1244-1247 Crescentius da Iesi

1247-1257 Giovanni da Parma

1257-1274 Bonavenlura da Bagnoregio

Secretário: Bernardo da Bessa

1274-1279 Girolamo d'Ascoli

OS FREIS

Conrad da Offida, eremita da facção Espiritual

Federico, em visita a Assis

Lodovico, bibliotecário do Sacro Convento

Salimbene, escriba e cronista

Tomás da Celano, primeiro biógrafo de São Francisco

Ubertino da Casale, noviço

Zefferino, companheiro de frei Illuminato

DA COMUNA DE Assis

Angelo di Pietro Bernardone, mercador de lã

Dante, filho mais velho de Angelo

Piccardo, filho de Angelo

Orfeo, marinheiro, filho mais novo de Angelo

Francesco di Pietro Bernardone (São Francisco de Assis), irmão de Angelo

Giacoma dei Settisoli, viúva pertencente à aristocracia, originária de Roma

Roberto, mordomo de Donna Giacoma

Nono, carroceiro

Primo, fazendeiro

Simone della Rocca Paída, *signore* da maior fortaleza de Assis
Calisto di Simone, filho de Simone
Bruno, criado de Calisto
Mteus Anglicus, médico inglês

DE FOSSATO DI VICO

Giancario di Margherita, cavaleiro aposentado, ex-prefeito de Assis

DA COMUNA DE GÊNNOVA

Enrico, menino do interior, vindo de Vercelli

DE ANCONA

Rosanna, amiga de frei Conrad da Offida

DA COMUNA DE TODI

De Coldimezzo:

Capitania di Coldimezzo, que doou as terras para a Basílica de São Francisco

Buonconte di Capitania, filho de Capitania

Cristiana, sua esposa

Amata, sua filha

Fabiano, seu filho

Guido di Capitania, irmão de Buonconte

Vanna, sua filha

Teresa (Teresina), sua neta

Da cidade de Todi:

Jacopo dei Benedetti (Jacopone), penitente público

Cardeal Benedetto Gaetani

Roffredo Gaetani, irmão de Benedetto

Bonifazio, bispo de Todi, irmão de Capitania di Coldimezzo

DE VENEZA

Lorenzo Tiepolo, doge de Veneza Maffeo Polo, mercador de jóias Nicolò Polo, irmão de Maffeo Marco Polo, filho de Nicolò

OS PAPAS (1198-1276)

1198-1216 Inocêncio III, que aprovou a Ordem dos Frades Menores

1217-1227 Honório III

1227-1241 Gresório IX (Ugolino da Segni, antigo cardeal, protetor dos Frades Menores, 1220-1227)

1241 Celestino IV

1241-1243 Cargo desocupado por vinte meses

1243-1254	Inocência IV
1254-1261	Alexandre IV
1261-1264	Urbano IV
1265-1268	Clemente IV
1268-1272	Cargo desocupado por quatro anos
1272-1276	Gregório X (Tebaldo Visconti di Piacenza, antigo legado apostólico do papa em Acre, na Terra Santa)

PRÓLOGO



Assis

25 de março de 1230

O CAVALEIRO SIMONE DELLA ROCCA PAIDA esquadrihava a viela onde os frades iriam aparecer. *Andem; venham logo, seus ratos de igreja detestáveis. Vamos acabar com essa história infeliz.* Empertigou-se sobre a sela e sacou a espada da bainha. Sua língua estava seca como um chumaço de lã.

A multidão o irritava. Durante toda a manhã, levas de espectadores tinham acorrido à praça, sem se incomodar com o lixo que lhes chegava aos tornozelos nem com outra chuvarada que parecia prestes a desabar. O administrador-chefe da cidade, prefeito Giancarlo, havia declarado feriado, e não seria uma simples chuva de primavera, muito menos a barreira erigida durante a noite, que iria estragar o espírito festivo. Os guardas-civis de Giancarlo tinham arrastado pedaços de madeira e blocos de mármore do canteiro de obras da nova basílica superior, ainda incompleta, para levantar um muro baixo que cortava a praça. Agora, os guardas afastavam as pessoas para trás do muro como peixes numa represa, onde elas se acotovelavam para conseguir a melhor vista. O burburinho ia aumentando com a aglomeração. Alguns se esforçavam, inutilmente, para ouvir o canto dos frades em meio ao barulho. Tudo o que a multidão conseguia era manter o olhar fixo na mesma direção dos olhos de Simone.

Afinal, o cavaleiro viu o incenso queimando na ruela. Quando a procissão entrou na praça, um grande crucifixo emergia da fumaça e dos solidéus dos

meninos que balançavam os incensórios. *Tarde demais para hesitações.*

Simone havia posicionado seus cavaleiros de frente para o espaço aberto diante da entrada da igreja superior. Fez um sinal de cabeça para os outros, colocou o elmo e alisou o cavanhaque para dar sorte. A mão se contraía sobre o punho da espada. Os joelhos apertaram as costelas do cavalo. Engoliu com força para vencer a secura da garganta e seguiu lentamente com seu animai em direção ao espaço entre as pessoas e a procissão.

Os cascos sugando a lama a cada passada e o suave chacoalhar da armadura do cavaleiro quase não perturbavam a cantoria da fila dupla de cardeais usando chapéu e batina vermelhos, que avançava devagar como uma centopéia brilhante ao longo do muro que cortava a praça. Nem eles nem os bispos com mantos de arminho que vinham em seguida demonstraram o mais leve temor dos cavalos que avançavam aos poucos. Tampouco as pessoas que se benziam e se ajoelhavam atrás da barricada.

E por que haveriam de temê-los? Aqueles eram os guerreiros de Rocca Paidà, a fortaleza no cume do morro que protegia a cidade. Todos haviam escutado rumores sobre a intenção dos habitantes de Perúgia de seqüestrarem os restos mortais do santo. Pelo menos era isso que Simone esperava. O fator surpresa seria seu melhor aliado.

Atrás dos bispos vinham os frades e, bem no meio deles, os carregadores do caixão. Atravessaram a *piazza* ao longo da mureta da encosta que delimitava seu lado sul. O crucifixo, os cardeais e os bispos já haviam descido o caminho de terra que levava à igreja inferior e esperavam em formação no pátio externo.

Chegara a hora. Quando o caixão começou a descer a ladeira, ele gritou: "*Adesso! Agora!*", e cravou as esporas em sua montaria. O cavalo investiu contra a fila, distribuindo patadas com os cascos dianteiros, conforme fora treinado para agir durante as batalhas. Com ossos quebrados, um frade foi derrubado gritando de dor; outro saltou para o barranco a fim de se livrar do enorme animal. Simone sorriu sob o elmo e pôs-se a golpear ferozmente com sua espada. Ao girar vagarosamente seu cavalo, viu os guardas-civis enfrentarem um grupo de homens que tentava escalar a barricada.

— Proteja o alto do caminho — ordenou ao cavaleiro a seu lado.

Dois de seus cavaleiros já desciam em direção ao féretro, forçando os carregadores do caixão a se dirigirem para o pátio mais abaixo. A princípio, os frades cooperaram, correndo para o refúgio da igreja e a proteção do prefeito,

que aguardava no início da estrada com o restante da guarda civil. Mas os homens de Giancarlo usaram suas lanças para dispersar os prelados pelo pátio, provocando um alvoroço de mitras e mantos e saias arrebanhadas, cujos donos tentavam fugir em direção ao caixão. Tarde demais, os frades se deram conta de que haviam caído numa armadilha.

Simone açoitou o cavalo e desceu o morro, ao longo da trilha.

Mais embaixo, bem perto dele, um frade agarrara um guarda pelo braço e gritava com voz estridente. O guarda arremessou-o para fora da estrada com um golpe de sua manopla de metal, e o cavalo de Simone teve de saltar por cima do corpo que vinha deslizando ladeira abaixo.

O cavaleiro somente olhou para trás quando chegou à base da colina. O capuz do frade voou longe, expondo uma longa trança negra. A viúva romana! Maldita! Ela não tinha nada que sair na procissão com os frades. Escorria sangue de sua face quando finalmente conseguiu se levantar, mas ela parecia não notar nem se importar. Fulminando-o com seus olhos verdes, ela o desafiou mostrando o punho fechado:

— Como se atreve, Simone? Como tem coragem de roubar nosso santo?

O cavaleiro respirou fundo ao ser acusado pelo próprio nome. Mais uma vez, desejou que o prefeito tivesse contratado guerreiros de outra cidade para fazer aquele trabalho sujo.

Simone girou e galopou até a porta da igreja. Os guardas estavam agora com o caixão e arrancavam de cima dele o último frade, pequeno como um menino, que se agarrava a ele com toda a sua força. Por causa do seu tamanho, o cavaleiro presumiu que aquele deveria ser Leo, o anão. Após cercar a caixa de madeira, os homens de Giancarlo postaram-se atrás de Simone, enquanto os membros da igreja atiravam-lhes uma saraivada de pragas e maldições. O cavaleiro apeou e atirou as rédeas para um dos guardas.

— Você vai arder no fogo do inferno, Simone! — vociferou alguém bem perto de seu ouvido. Ele se virou e ergueu a espada, mas o bispo de Assis levantou a cruz que levava ao pescoço para fazê-lo parar. Mordendo o lábio inferior, Simone abaixou a cabeça para entrar na igreja. O prefeito veio juntar-se a ele em seguida. Bem no portal da entrada, o mercador de lã estava à espera, ao lado do castelão da comuna de Todi.

— Ponham o ataúde no chão — ordenou Giancarlo a seus homens.

Depois, mandou que fossem para fora, defender o pátio. Assim que os

guardas saíram, ele e o cavaleiro fecharam a porta com uma barra pesada de madeira que ia de um lado a outro. O prefeito encostou-se no painel entalhado, ofegante, enquanto Simone levantava o elmo e secava a testa com a manga de seu gibão de couro acolchoado. Foi somente quando o cavaleiro repôs a espada bainha que notou vestígios de sangue ressecado na lâmina. *Cada vez pior*, pensou, sombrio.

A penumbra da entrada e o som agora abafado da confusão do lado de fora da igreja apaziguaram seus nervos. Correu os olhos ao redor e viu o rosto pálido do castelão, o desdém franzindo os lábios do mercador, o maxilar contraído do prefeito, e perguntou-se por que cada uma dessas pessoas teria se envolvido naquele sacrilégio. Suspeitava que o comerciante haveria de ficar leito em vender as relíquias, um por um dos ossos santificados, apesar de serem os restos mortais de seu único irmão.

Uma voz soou, vinda do fundo da nave central:

— Rápido. Tragam o caixão para cá.

Dois frades, o mestre construtor frei Elias e seu lacaios, esperavam em cada lado do altar principal. Um círculo de tochas queimava em seus suportes, atrás deles, fazendo com que Simone se lembrasse da maldição sobre o fogo do inferno lançada pelo bispo. A luz das tochas projetava a sombra de frei Elias dentro da igreja, tornando-o muitíssimo maior do que o franzino conspirador que tramara o roubo. O calor afogueou o rosto do cavaleiro, apesar do vento gelado que percorria a igreja. Ficou imaginando se Elias poderia absolvê-lo antes de saírem, ainda que o frade fosse seu parceiro nesse pecado. Apavorava-lhe a idéia de encarar a multidão que o esperava do lado de fora lendo sua alma em pecado mortal.

Ao chegarem na parte da frente da nave, os quatro homens encontraram o altar mor deslocado de sua base e uma profunda escavação na rocha abaixo dela. Os homens prenderam o caixão em cordas paralelas ao buraco e, com a ajuda dos frades, abaixaram-no até dentro do sarcófago. Jogaram as cordas sobre o caixão. Então, Elias girou uma das colunas em miniatura, ricamente ornadas, que ficavam na parte traseira do altar, até se ouvir um ruído seco. O bloco maciço moveu-se, rangendo devido à pesada rotação que fazia sobre o buraco. Finalmente, o frade limpou com os pés a poeira que se juntara ao redor da base de mármore, alisando-a depois com a sola da sandália para não parecer que tinha sido tocada.

— Ontem, os operários começaram a aplicar os ladrilhos no chão da abside — explicou. — Vão cobrir esta área amanhã. Não haverá nenhum vestígio. Ninguém saberá onde ele descansa.

Dobrou um joelho junto ao altar, inclinando a cabeça vagamente na direção do sarcófago. — Nenhum vestígio, padre Francesco — repetiu, num sussurro satisfeito.

— VOSSO segredo permanece convosco.

Simone recordou-se da reunião no palácio de Giancarlo, quando o próprio frade Elias argumentara que o corpo deveria ser escondido — até mesmo dos fiéis — protegê-lo dos caçadores de relíquias. Havia duvidado das intenções do homem desde o começo. De acordo com a interpretação do cavaleiro, Elias ainda fervia de raiva devido à eleição que perdera depois da morte de São Francisco. A irmandade havia nomeado outro frade para suceder ao santo na função de ministro geral da Ordem; um homem de mais idade, piedoso, porém com menos capacidade administrativa que o dedo mindinho de Elias. Fosse como fosse, Elias resolveu tirar vantagem da derrota quando o papa lhe pediu para que se encarregasse pessoalmente da construção da basílica. Agora, ele usara seu prêmio de consolação contra seus detratores e escondera a mais preciosa relíquia da Ordem onde jamais seria encontrada. Da próxima vez, os irmãos pensariam duas vezes antes de votarem contra ele.

Depois de aplainar a área ao redor do altar, Elias fez sinal para o laçao:

— Frei Illuminato, vá buscar a urna. O rapazote desapareceu, encoberto pelas sombras do transepto. Ao voltar, minutos depois, trazia um pequeno relicário de ouro. Elias suspendeu a tampa e retirou do interior um anel com uma pedra azul-clara entalhada. Enfiou-o no dedo enquanto seu auxiliar distribuía anéis idênticos aos outros.

Neste dia está formada a *Compari della Tomba*, a Fraternidade da Tumba — disse Elias. — Vamos fazer o juramento, sob pena de morte, de jamais revelar o local onde os ossos estão enterrados.

— E, igualmente, jurar de morte qualquer um que descubra o esconderijo por acaso — acrescentou Giancarlo, severo. — Deus é nossa testemunha.

— Deus é nossa testemunha — repetiram os outros. Levantaram as mãos com os anéis à luz dos archotes e juntaram-nas. Cada um segurou com firmeza o punho do que estava ao lado.

— Amém! Assim seja! — exclamaram em uníssono.

Itália e região ao redor de Assis, cerca de 1270



PRIMEIRA PARTE

O GRIFO



CAPÍTULO I



Festa de São Remígio

1º de outubro de 1271

FREI CONRAD FRANZIU A TESTA, intrigado, ao chegar ao topo da trilha que ziguezagueava até sua cabana. O esquilo, agitando a cauda e guinchando no parapeito da janela, indicava que havia um visitante lá dentro, alguém que não era o criado de Rosanna.

— Quietos, Irmão Cinzento! — ralhava, deixando cair o feixe de tenha que trazia ao ombro. — Dê ao estranho as boas-vindas que daria a mim. Ele pode ser um dos anjos do Senhor.

O eremita envolveu o esquilo em suas mãos e depois o soltou com leveza sobre o tronco escuro de um pinheiro que ficava logo adiante. O animal subiu para um galho mais alto enquanto Conrad entrava pela porta.

Sem se incomodar com a conversa, o visitante — um frade — dormia com a cabeça aninhada sobre a mesa do eremita, o rosto escondido sob o capuz.

Conrad resmungou baixinho, satisfeito. Se tivesse de ser sociável e conversar, pelo menos o assunto seria espiritual. As sandálias de couro e a batina nova, de um cinza cor de rato, que seu hóspede usava não lhe agradaram tanto.

Provavelmente era um Conventual, um daqueles frades mimados cuja vida estava mais próxima dos monges negros enclausurados do que de um filho de São Francisco desenraizado. Torceu para que a conversa não acabasse na velha discussão sobre a essência da verdadeira pobreza. Estava cansado e desconfiado daquele assunto; não havia lhe trazido nada além de sofrimento.

Apanhou os galhos secos que juntara, carregando-os pelo fio de junco que

os atava. O sol mergulhava cedo nos montes Apeninos nessas tardes de outono, e o ar da montanha já vinha esfriando bastante durante a noite. Carregou vários punhados de folhas mortas, pinhas e coníferas secas e amontoou tudo dentro do círculo de pedras achatadas no centro do aposento. Enquanto acendia o fogo com sua pedra de sílex, um murmúrio sonolento veio do canto.

— Frei Conrad da Offida?

A voz, surpreendentemente aguda, parecia a de um menino de coro antes de começar a falsear e a oscilar na puberdade. O visitante era um noviço, supôs, e provavelmente jovem demais. Como norma, a Ordem não recebia candidatos menores de quatorze anos, mas as autoridades muitas vezes ignoravam essa proibição.

— Sim, sou frei Conrad — disse. — A paz do Senhor esteja convosco, jovem irmão.

E continuou ajoelhado ao lado do anel de fogo.

— E também convosco. Meu nome é Fabiano — o rapazinho esfregou o nariz com as costas da mão, abafando as palavras.

— Fabiano. Muito bem! E seja bem-vindo. Assim que o fogo pegar, vou cozinhar uma sopa. Há grãos de feijão de molho no caldeirão.

— Nós também trouxemos comida — disse o menino, apontando o polegar na direção de uma sacola trançada que pendia da viga do teto. — Queijo, pão e uvas. — Nós?

— O criado de Monna Rosanna guiou-me até aqui. Foi a patroa dele quem mandou essa comida de reserva, caso não tivesse o suficiente para você e uma visita. Conrad sorriu e disse:

— Essa dama costuma ter de fato esses gestos de cortesia.

A labareda agora crepitava alto, enchendo o lugar com a fragrância do pinheiro da região de Aleppo, que ardia lentamente. A fumaça subia em linhas sinuosas através da cobertura de palha enegrecida pela fuligem e saía por uma pequena fresta no telhado. As chamas faiscaram nos olhos do visitante, fazendo-os brilhar como azeitonas maduras sob o capuz. Conrad pôs o caldeirão no fogo e apanhou o sacode alimentos. Rosanna, bendito fosse o seu coração generoso, tinha mandado também uma cebola. Cortou duas fatias para comer cruas com o queijo, dividiu o resto em quatro partes iguais e acrescentou à sopa.

— Quem o enviou a Monna Rosanna? — perguntou Conrad.

— Meus superiores em Assis. Disseram-me para procurá-la em Ancona, e

lá nas redondezas encontrei dois frades que me informaram o caminho para a casa dela. A *signora* pareceu muito curiosa quando lhe disse que p. encontrá-lo...



O COMENTÁRIO PAIROU NO AR, inacabado, soando como uma pergunta.

— Crescemos juntos — explicou Conrad —, éramos quase como irmãos. Ela, ou melhor, ela e o marido ainda cuidam de mim quando podem.

Fragmentos de lembranças flutuaram por sua mente: duas crianças repartindo pãezinhos à margem do cais enquanto o sol tremeluzia na água a seus pés, A imagem desintegrou-se por inteiro, da mesma forma que os reflexos luminosos se dispersavam nas pequeninas ondas naquela tarde longínqua, pois o visitante logo voltou a tagarelar.

— Você é órfão? É por isso que morava com a família dela?

Conrad encheu as bochechas de ar e deu um sopro lento.

— O passado dessa criatura não tem nenhuma importância — disse.

Aquela não era a conversa espiritual pela qual tinha ansiado. Teria mudado de assunto ali mesmo, mas Fabiano parecia tão desapontado que Conrad resolveu acrescentar:

— Sim. Meu pai era pescador em Ancona. Deus o levou durante uma tempestade, quando eu era ainda muito criança. Os pais de Monna Rosanna me acolheram. Resolveram que eu deveria estudar e me entregaram para os frades assim que fiz quinze anos. Agora, quatorze anos depois, aqui estou, e essa é toda a minha história.

Enquanto mexia a sopa, seus olhos marejaram levemente. Secou as lágrimas com o punho da manga, e estava para comentar o cheiro forte da cebola quando o menino o interrompeu mais uma vez. — Onde estava a sua mãe?

— No céu, sem a menor dúvida. Meu pai dizia que ela morreu invocando a Virgem Santíssima ao me dar à luz.

A cabana recendia ao aroma das favas sendo cozidas. O menino respirou fundo e cocou a cabeça:

— Gosto de saber da vida das pessoas. Queria poder passar meu tempo todo Vagando pelo mundo a colecionar histórias, como frei Salimbene. Conhece

frei Salimbene?

Conrad fechou a cara. — Ele não é um frade que você devesse imitar. Por que não me conta o motivo que o fez vir até mim? — mirou de novo aqueles olhos escuros, que de repente se encheram de compaixão, quase chegando às lágrimas. Então e finalmente compreendeu.

— Frei Leo? — disse, respondendo à própria pergunta.

— Sim.

— Ele morreu em paz?

— Em paz, na mesma cabana em que São Francisco faleceu.

— Ele deve ter ficado contente por isso.



O EREMITA AJOELHOU-SE. Já esperava pela perda do amigo e mentor. Afinal, Leo vivera mais de oito décadas. Mesmo assim, sua morte era um golpe.

Quem conseguiria compreender o plano divino? Leo suplicara para ser levado com seu mestre São Francisco, e ainda assim Deus o prendera à vida por mais meio século, trabalhando e escrevendo. O pequenino padre tinha sido enfermeiro pessoal do fundador, trocando os curativos e passando unguentos nas feridas que se abriram nas mãos, nos pés e no lado do corpo dele depois da terrível visão no monte La Verna. Leo também fora confessor e secretário do santo — virtualmente os cargos mais importantes da Ordem, caso estivesse interessado em poder. Mas Francisco escolheu seu companheiro justamente por sua admirável simplicidade. Com mania de dar apelidos, ele rebatizou Leo, o leão, de *Fra Pecorello di Dio*, Irmão Cordeirinho de Deus.

Até os frades mais jovens, como Conrad, conheciam a famosa história da briga de Leo com Elias, depois da morte de Francisco, em que ele espatifara o grande vaso onde o ministro geral guardava as doações para a nova basílica. Elias mandou que o surrassem e o baniu de Assis por conta de sua rebeldia. Leo recolheu-se à obscuridade e começou a escrever pequenos tratados panfletários denunciando a falta de rigor e os abusos dentro da Ordem. Tornou-se a consciência dos frades, mencionando tanto os preceitos quanto o espírito de São Francisco como fontes de inspiração — e a facção Conventual o odiava por isso.

Conrad ficou imaginando se frei Bonaventura, o último na linha de

sucedores de Elias, teria passado por cima da antiga rixa.

— E o ministro geral enterrou frei Leo com as devidas honras? — perguntou.

— Com certeza. Na basílica, ao lado dos companheiros. Dizem que é a melhor das honrarias.

— E era o que ele merecia — afirmou Conrad.

Quando Conrad mexia a sopa, o menino retirou o capuz. Cabelos pretos cortados bem curtos desciam retos até a ponta da orelha. Os olhos amendoados tinham a expressão de surpresa das corças, o que era acentuado pelas longas pestanas. A pele branca como leite das faces e têmporas brilhava tão translúcida que, mesmo sob a pouca claridade, Conrad conseguia acompanhar as veias. O sorriso era largo, o nariz longo e reto com narinas dilatadas. Um nariz nobre, pensou Conrad. Esse menino é bonito *demais* para estar vivendo com frades mais velhos, especialmente frades que seguiam o comportamento dos monges negros. Só Deus sabia qual dos abundantes vícios monásticos estariam imitando àquela altura.

Quando Conrad parou de mexer a comida, o menino enfiou a mão dentro do saco que deixara debaixo da mesa e retirou um pergaminho enrolado.

— O mestre do noviciado mandou que lhe entregasse esta carta. Frei Leo disse que era absolutamente indispensável que a recebesse logo após sua morte.

O eremita desenrolou o manuscrito em pergaminho à luz do fogo. Leu-o varias vezes.

— O que diz? — Fabiano perguntou.

— Não está lacrado. Fico surpreso que você não o tenha lido. Seu mestre ainda não lhe ensinou as letras?

— Um pouco. Só consegui entender algumas das palavras. Pedi aos frades que encontrei pelo caminho que lessem para mim, mas só diziam que... não tinha *nada de interessante*.

Conrad revirou os olhos para o céu. Petulante, esse menino. E talvez perigoso, por ser tão ingênuo.

— Esses frades lhe disseram seus nomes? — perguntou.

— Não. Mas um deles era mais velho que o tempo, e o outro tinha o cabelo louro, se isso vale de alguma ajuda.

Conrad franziu os lábios.

— Não ajuda em nada.

Esses frades poderiam de fato trazer problemas. Esperava que a falta de discernimento do menino não causasse nenhum mal. Examinou o pergaminho novamente.

— Talvez *você* possa me dizer se a carta é ou não interessante — ele disse. — Ela me aconselha a fazer o bem, como Leo certamente o faria, mas a mensagem não parece ter vindo do padre que conheci.

Aproximou ainda mais o pergaminho do fogo e leu em voz alta.

"Para Conrad, meu irmão em Cristo, frei Leo, seu indigno companheiro, vem cumprimentá-lo com obediente reverência em nome do Senhor."

Até aqui é de Leo; mas escute:

"Recorde-se de como nós o aconselhamos a estudar e aprender. Leia com seus olhos, compreenda com a mente, sinta em seu coração a verdade das legendas. Servite pauperes Christi."

Conrad estendeu o pergaminho na direção de Fabiano. Sirva os pobres de Cristo? — Fez uma pausa para que as palavras fossem absorvidas, presumindo que o menino pudesse entender o significado delas, e terminou com um gesto de mão.

"Escrito em Assis no décimo quarto ano da administração de Bonaventura di Bagnoregio, Ministro Geral, Ordem dos Frades Menores"

O eremita coçou a nuca.

— Leo *nunca* me pediria para estudar, nem mesmo os relatos da vida de São Francisco, se é que são essas as "legendas" a que ele se refere. Francisco pregava que os estudiosos perdiam um tempo que seria mais bem utilizado em orações. Quanto a servir aos pobres, foi Leo quem me enviou para estas montanhas. E vem agora dizer que eu me dedique a eles? Acho estranho.

Deu um peteleco no pergaminho.

— Nem mesmo é a letra de Leo. Grande demais e deselegante. Ele era um escriba refinado.

O eremita segurou a carta perto do fogo pela última vez. Um remate oval a emoldurava, mas sob a luz fraca ele não podia ver nenhuma uniformidade de padrão. Não era próprio de Leo designar como *urgente* uma carta que não tinha *nada de interessante*, mas, pelo que leu, Conrad teve que concordar com os dois frades viajantes.

Atirou o pergaminho sobre a mesa, o qual se enrolou novamente em forma de cilindro. Poderia não ser nada além da tagarelice de um homem senil.

Contudo, a mente de Leo guardava muitos segredos. Considerando a letra, que não reconhecia, a mensagem podia ser até uma trapaça inventada por Bonaventura, mas com que finalidade? Ainda assim, o rapaz vinha do Sacro Convento, a casa principal da Ordem, e só esse fato já despertava receios em Conrad.

— Vou dar lhe comida, e depois volte a dormir — disse afinal. — Fez uma viagem cansativa.

Conrad teria tempo de refletir sobre a mensagem enquanto descansavam e esperar que lhe viesse alguma inspiração com as primeiras luzes da manhã.

Encheu duas tigelas de madeira com a sopa do caldeirão. Fabiano, enquanto isso remexia devagar e pensativamente os cabelos crespos, até que ficaram espetados um ouriço.

— Você ficou triste quando a deixou? — perguntou, afinal.

Conrad, porém, não estava disposto a reabrir feridas da infância. Tocou os lábios com o dedo:

— Devíamos observar silêncio enquanto comemos, irmãozinho. Nosso fundador desejava que seus frades ansiassem por silêncio desde a noite até o amanhecer. Já falamos o suficiente por um dia inteiro.



O CANALHA DO LEO sabia de tudo desde o começo. Durante todos esses quarenta e cinco anos cuidara do seu esconderijo como uma galinha protetora e preocupada, teimoso demais, mesmo então, para deixar o ninho e levar seus segredos para o túmulo como faria um homem sensato. Em vez disso, passara MUS crias natimortas para um dos rebeldes ermitões.

Com uma palmada, frei Illuminato afastou o mosquito que lhe sugava o sangue do pulso, desejando que pudesse esmagar o eremita com igual facilidade. Puxou as rédeas de seu jumento e, com a manga, enxugou a testa. Mesmo em outubro, um dia ao sol podia esgotar as forças do viajante, sobretudo alguém com idade tão avançada. Com a morte de Leo, ele era o último da primeira geração de irmãos que realmente tinham vivido com São Francisco.

— Preciso descansar, frei Zefferino — disse ao companheiro. — Esses meus frágeis ossos não conseguem ir mais longe por hoje.

— Como desejar, padre.

O jovem frade girou a perna no ar por cima do pescoço do burrico e deslizou para o chão. Depois ajudou o padre a apear.

Illuminato apertou os quadris com as mãos e arqueou as costas, espreguiçando-se como um gato velho e enrijecido. Sacudiu os ombros e foi coxeando por alguns metros até o topo da colina.

— Magnífico — disse por fim, abrindo os braços para o vale esculpido pelo rio Tescio. Fileiras de choupos estendiam-se como sentinelas às margens da estrada abaixo, brilhantes em seu dourado de outono. Outros borrões em tons de amarelo marcavam as azinheiras espalhadas entre as sempre-verdes da floresta dos arredores. Na parte inferior da colina, várias construções em madeira se amontoavam em torno do campanário de tijolo de uma igreja, e, em algum ponto daquele aglomerado, a estrada se bifurcava: noroeste para Gubbio, sul e oeste na direção de Assis.

O companheiro de Illuminato segurou as rédeas dos dois animais juntas em uma das mãos, enquanto com a outra espantava uma mosca que zumbia ao redor da tonsura cor de palha de sua cabeça.

— Vamos dormir em Fossato di Vico hoje à noite? — perguntou. — Tenho um amigo que é um dos cônegos da catedral de lá.

— Dormir? Não, Zefferino — respondeu o padre. — Você só vai dormir amanhã.

Illuminato viu a perplexidade nos olhos azuis do homem.

— Não podemos perder tempo — disse. — Quero que você chegue antes de mim à aldeia. Na colina em frente à catedral, verá um *palazzo*. Entre, pergunte pelo *Signore* Giancarlo e diga-lhe que o "Amanuensis" precisa ficar na casa dele hoje à noite.

— *Amanuensis*?

— Ele saberá o que significa. Peça-lhe também, por amor a esse mesmo nome, que troque seu burro por uma montaria descansada, um cavalo ligeiro, se possível.

O velho padre apontou para a bifurcação abaixo. Siga pela estrada do norte o mais rápido que puder até a casa dos frades em Gubbio. Diga ao irmão superior que, se o eremita Conrad vier das montanhas e parar lá para descansar, que o retenha. À força, se necessário. Eu seguirei caminho para Assis, para avisar o ministro geral.

— E como o irmão superior saberá quem é o eremita?

Illuminato franziu o nariz cabeludo e seus olhos brilharam.

— Ora! Ele é um fanático, um daqueles fedorentos *zelanti* que se orgulham conto o diabo de jamais tomar banho. Sentirão o cheiro dele bem antes de o avistarem. Também tem a barba negra de um sarraceno herege e uma juba desgrenhada onde outrora havia uma tonsura de padre.

Cuspiu na poeira do leito da estrada para enfatizar sua repugnância e acrescentou:

— Pode ser que o menino também esteja com ele, mas isso não deve ser nenhum problema. Diga ao irmão superior que o segure também.

Illuminato tomou de volta as rédeas de sua montaria que o outro frade segurava.

— Agora vá, irmão, e boa sorte. Haverá uma recompensa para cada um de nós por esse trabalho.

Viu Zefferino chicotear o burrico ladeira abaixo, até que os dois desapareceram numa curva da estrada. Então, seguiu-os em um passo mais confortável puxando o próprio animal. Seus jarretes flácidos e o lombo esquelético não agüentavam mais tanto castigo e já haviam sido maltratados o suficiente por uma tarde.

Não avisara a Elias, muitas décadas atrás, para não açoitar aquele gnomo irritante do Leo? *Deixe-o com sitas arengas!* — aconselhara. Mas isso fora em 1232, e Elias, cheio de si com seus novos poderes — ministro geral da Ordem —, ainda expulsara Leo de Assis. Aqueles golpes desferidos sobre o frade tinham aberto uma fenda que agora se escancarava como o abismo infernal, pronto para tragar as duas facções da Ordem.

O padre rangeu os dentes desalinhados, mais uma vez irritado com Elias e, de repente, consigo também. Devia ter arrancado do menino a carta de Leo. Suas faculdades mentais agora funcionavam menos lentamente. No *palazzo*, ele pediria ao velho *signore* um pergaminho. Tinha de registrar tudo o que pudesse recordar da mensagem. O velho Giancarlo usava o anel da confraria; ele não pouparia esforços para pôr fim a esta mais recente ameaça ao juramento que haviam feito.

CAPÍTULO II



CONRAD E FABIANO DORMIAM ENROLADOS em seus mantos, um de cada lado do fogo. A respiração do menino entrou numa cadência regular, enquanto o eremita olhava o teto escurecendo, numa gradação de cores que ia do vermelho ao cinza. Os camundongos corriam pela cabana em busca de migalhas de pão e restos de comida. Caçadores noturnos de maior porte percorriam o mato lá fora à procura de alimento. De um lago distante vinha um coro monótono de rãs coaxando. Uma rajada fria de vento entrou pela janela e o fez estremecer. Na maioria das noites, entregue a um sono prazeroso, não teria notado nem a brisa nem as criaturas noturnas.

Várias vezes seguidas, rememorou a carta de Leo. Tudo na mensagem lhe parecia errado — a caligrafia, as palavras, até mesmo o velino cor de creme em que fora escrita. Leo adorava a Senhora Pobreza com tanta paixão quanto ao próprio São Francisco. Se tivesse algum dinheiro, não haveria de gastá-lo num velino tão caro. Não. Teria feito uma doação a um pobre.

Conrad também tinha dúvidas a respeito do mensageiro. Não podia acreditar que Leo tivesse entregado uma mensagem importante a esse diabrete do Sacro Convento. Seu mentor não confiava em ninguém na casa principal. Nessas últimas décadas, havia escrupulosamente escondido seus panfletos dos outros frades, pois temia que fossem confiscados. E até mesmo a Conrad, que ia considerar seu filho espiritual, confiara apenas um de seus pergaminhos. O resto, Leo deixara com as Damas Pobres de São Damião, em cujo convento, onde nenhum outro homem além do padre confessor delas tinha permissão para entrar; seus manuscritos estavam escondidos em segurança, fora do alcance dos abelhudos de Bonaventura.

Por outro lado, esse Fabiano sobrevivera a uma caminhada perigosa pelos Apeninos e conseguira localizar Conrad em seu eremitério. O menino devia ser engenhoso, Sem contar que falava com familiaridade de frei Salimbene, embora Conrad não pudesse imaginar o que esse girino poderia ter em comum com aquele velho sapo. Recordou-se da visita do obeso cronista ao Sacro Convento durante uma de suas infindáveis perambulações. Durante uma tarde, Salimbene mantivera em torno de si um grupo de irmãos dando risadinhas abafadas ao escutar suas histórias obscenas. Lembrou-se das feições inchadas do frade, de sua papada dupla — testemunhos de uma vida de banquetes nas cortes da nobreza — e de sua careca rosada porejada de suor sob o sol quente, e a imagem dele fez com que Conrad estremecesse de repulsa, da mesma forma como reagira no passado.

Ao fitá-lo através do fogo, o eremita viu que Fabiano também tremia em seu sono. O menino provavelmente não estava acostumado ao ar frio das montanhas. Virou-se de lado e soprou o que restava de brasas até provocar uma chuva de faíscas alaranjadas. Acrescentou mais madeira e atçou os carvões até achar que o fogo se manteria durante algum tempo.

— Pare! — gritou Fabiano de repente.

Conrad gelou. O que teria feito para assustar o menino?

— Parar o quê? — perguntou com brandura.

Fabiano não respondeu, e Conrad deu-se conta de que o noviço ainda dormia. O grito brotara de algum pesadelo. Os pés do menino agitaram-se por baixo do manto, como se ele tentasse escapar de alguma coisa ou de alguém.

Conrad ficou olhando até Fabiano se acalmar de novo. Então, o eremita finalmente cerrou os olhos. O nó de frustração em seu estômago se desfez, os batimentos do coração se desaceleraram e sua mente se aquietou.

Não fazia idéia de quanto tempo havia se passado, se adormecera ou estivera acordado, quando uma luz pálida e azulada pareceu expandir-se por trás de suas pálpebras. Dois frades vestidos em farrapos, com seus contornos embaçados num brilho de safira, pairavam acima dele. O irmão mais jovem descansou a mão lacerada no ombro do ancião.

— Conrad — disse o frade de tonsura branca, através de lábios que não se moveram. A delicadeza e a afeição contidas na voz dele deram-lhe arrepios. Reconheceu seu mentor e, pelas feridas na mão do jovem frade, sabia quem devia ser o companheiro de Leo.

— Frei Leo! Padre Francisco! — queria falar, mas nenhum som saía de sua garganta.

— Descubra a verdade das lendas — Leo repetiu a essência da mensagem.

As palavras reverberaram na mente de Conrad, embora parecesse que Leo apenas as pensava, não falava.

— Então a mensagem vem *mesmo* de você? Mas é tão diferente de seu feitio...

— Trate a mensageira com cortesia. Ela acaba de realizar uma tarefa bem árdua. Não faça caso de sua pouca idade. Vai precisar da ajuda dela para o trabalho que tem pela frente.

Conrad abriu os olhos de repente. E mais uma vez pegou-se olhando fixo para a palha escura do teto.

— *Ela? Ajuda dela?*

Sentou-se num pulo, como se atingido por um raio, e espreitou Fabiano do outro lado das chamas, com as costas estreitas voltadas para o fogo. Haveria uma curva na altura do quadril que não notara antes?

Uma visão dos santos de Deus deve ser sempre levada a sério. Vozes que são ouvidas quando se reza ou se dorme profundamente sempre revelam a verdade. Naquele momento, elas diziam que Conrad não deveria permanecer na cabana com Fabiano. Não fora São Crisóstomo quem advertira "É por intermédio das mulheres que o demônio penetra no coração dos homens"?

Conrad ajeitou o último galho seco sobre a fogueira. Com um movimento, retirou seu manto e com ele cobriu a figura adormecida; depois, pé ante pé sobre a palha, saiu pela porta. Os camundongos correram ligeiros para os cantos da cabana à sua passagem.

O ar frio atingiu as orelhas e o rosto do eremita. Curvou-se contra a parede, no ponto mais próximo da porta, com os braços abraçando os joelhos, e levantou os olhos para o céu claro e gélido.

Leo o que você fez comigo? Sabe que não tenho experiência nenhuma com mulheres. Era um adolescente ao deixar a família de Rosanna, e desde então praticamente não tivera nenhum contato com o sexo feminino. Durante o último verão que passaram juntos, até mesmo ela, fosse com um sorriso insinuante ou com um relancear deliberado daqueles olhos escuros, conseguia acelerar-lhe o pulso e provocar um torvelinho em seu coração. Com o correr dos

anos, passou a aceitar como uma bênção redentora de Deus a dor intensa que sofrerá quando se separaram. Não teve nem mesmo a oportunidade de uma despedida verdadeira. A mãe de Rosanna disse que a moça estava doente demais para participar do café da manhã no dia em que o pai dela o mandou embora abruptamente para a casa do frade em Offida.

O brilho dos olhos de uma jovem corça pastando a alguns passos da cabana chamou-lhe a atenção. Tinha batizado o animal de "Chiara" quando filhote, por causa da extrema leveza de suas passadas longas. Conrad sorriu pela primeira vez desde que lera a mensagem de Leo, satisfeito porque algo de seu inundo não se alterara.

Estendeu a mão e o animal veio até ele. Afagou o pêlo duro do pescoço da corça por um instante, o pescoço que toda semana ele examinava à procura de carrapatos, e depois a afastou com delicadeza. Era a companheira feminina perfeita para um frade eremita. *Que Deus me poupe da companhia de mulheres*, implorou, enquanto tentava pegar no sono outra vez.



EM GERAL, CONRAD RECEBIA a alvorada com alegria. Era o momento em que absorvia o ar frio e puro e acrescentava às suas orações matutinas o gorjear alegre e ritmado dos pardais e o arrulho das pombas que despertavam. Entretanto, naquele dia, enquanto as copas das árvores filtravam os primeiros raios de luz, seu cérebro ainda fervilhava com pensamentos sobre mulheres.

Se Fabiano é uma moça, argumentou para si, *isso explica suas perguntas frívolas. Mas como era possível Leo dizer que ele precisaria da ajuda daquela criatura mexeriqueira?*

Lembrou-se de como Leo amava e louvava Santa Clara. A fundadora das Damas Pobres demonstrara uma força indomável, dedicando-se a uma vida de pobreza depois da morte de Francisco com mais determinação do que todos os frades. Acamada e alquebrada pelo jejum e pela austeridade, ela se agarrou à vida por mais trinta anos, até que o santo padre finalmente aprovou suas rígidas regras para as Damas Pobres. Dois dias depois da sanção papal, Leo ajoelhou-se junto ao catre dela em São Damião e, com tristeza, a viu beijar o decreto e finalmente entregar a alma a Deus. Mas aquele misterioso Fabiano — aquele

pingo de gente — e a abençoada Clara nada tinham em comum, exceto o sexo feminino.

Leo também tinha falado bem de outra mulher, a viúva abastada que confortara Francisco no leito de morte. Durante décadas, ela também ajudara Leo, dando dinheiro à Ordem para adquirir um hábito para ele quando o que usava se desfez em farrapos e hospedando-o durante os anos de exílio. Donna Giacoma de... algum lugar, de uma área qualquer de Roma, sua cidade natal.

Conrad friccionou o rosto dormente de frio e ponderou mais uma possibilidade. Donna Giacoma — benfeitora de Leo — certamente poderia ter fornecido de bom grado os mais finos equipamentos de escrita, caso ainda estivesse viva. Ela devia ter mais ou menos a idade de Leo, porém já era viúva quando São Francisco a conheceu. Mas se *tivesse* sido ela quem providenciara o velino para a carta, isto daria algum sentido àquela confusa situação.

Conrad ouviu o rapaz, ou a moça, mexer-se na palha. Baixou a cabeça e fingiu dormir quando Fabiano atravessou a porta com passo incerto e foi em direção às árvores. Sentiu-se tentado a acompanhá-lo com os olhos para ver se seu visitante se mantinha de pé ou se agachava, mas o pudor o impediu.

A idéia ofereceu-lhe uma outra pista em potencial, embora Conrad não se mostrasse inclinado a segui-la. Assim como a maioria dos seminaristas, havia lido *De Contemptu Mundi*, a obra do Papa Inocêncio. Ainda se recordava do trecho que descrevia a grande aversão do pontífice ao sangue menstrual. *Em contato com ele, os cereais não amadurecem, os arbustos secam completamente, a relva morre, as árvores perdem suas frutas; e, se os cachorros o ingerem, ficam loucos.* Caso Fabiano fosse uma moça, e caso tivesse chegado à puberdade, e se por um golpe de sorte seu fluxo mensal estivesse acontecendo, Conrad só teria de verificar mais tarde como ficara o local.

Bastou se lembrar do texto para uma bÍlis amarga subir à garganta do eremita, que de repente ficou nauseado — a mesma reação que tivera ao tomar conhecimento da maldição feminina de Rosanna e, mais tarde, quando encontrou em seu caminho as bruxas do sul, que, segundo diziam, misturavam sangue menstrual em suas poções de amor. Tinha acabado de fazer onze anos quando Rosanna, um ano mais velha, explicou por que naquela tarde não iria correr montanha acima com ele. Ela parecia ter amanhecido como mulher e crescido mais do que ele durante a noite; depois disso, só conseguia olhar para

ela com espanto.

Conrad finalmente se decidiu. Não tinha condições de lidar com essa feminilidade rude, primitiva. Pôs-se de pé com dificuldade e afastou-se do eremitério, na direção oposta à de Fabiano. Teria de escolher outro recurso para descobrir a identidade do noviço.

Fabiano parecia amuado quando os dois voltaram à cabana e se cumprimentaram com um gesto de cabeça, à entrada. Conrad foi até a mesa, depois de retirar o saco de comida da viga do teto. Despejou água de um jarro de barro em duas canecas, fatiou um pão ao comprido com a faca de cozinha e encheu-o com pedaços de queijo e uvas. Depois, com ar despreocupado, perguntou a Fabiano, ao passar-lhe a tábua de trinchar:

— Frei Hilarion ainda é o mestre dos noviços no Sacro Convento?

— Ah, estamos quebrando o silêncio agora? — Fabiano parecia mais aborrecido do que surpreso com a pergunta do frade. — Frei Conrad, se quiser saber algo, basta me perguntar. É evidente que descobriu que sou mulher. Não precisa inventar truques idiotas.

— O que quer dizer? — de repente se sentiu muito desajeitado.

— Acordei com um manto a mais me cobrindo e você dormindo lá fora. O que eu deveria pensar? Que um homem cortês descobriu que está dividindo a cabana com uma mulher e lhe ofereceu seu manto. Tenho de agradecer por isso. Por outro lado, um homem desmiolado decide que prefere ficar congelado a se arriscar ao contágio da depravação feminina como se fosse sífilis, e assim foge para proteger sua alma puríssima. *Não tenho nada a agradecer por isso!*

E arrancou um naco de pão com os dentes como se quisesse que fosse a carne dele.

— Acertei, não é verdade? — perguntou.

A brancura da pele do seu rosto e do pescoço cobriu-se de um brilho rosado, e a ameaça cintilou em seus olhos negros.

O rosto de Conrad também se aqueceu. O audacioso discurso deixara-o constrangido e atônito. Ela minara a tentativa transparente de Conrad de ser esperto — mais do que justo da parte dela —, mas, ao fazê-lo, provara total falta de respeito para com a sua condição de padre. Ele realmente deveria estar furioso com ela, a bem de seu cargo, ou no mínimo por amor-próprio.

— Meu nome verdadeiro é Amata — continuou ela, antes que ele pudesse objetar. — Fabiano é, ou *era*, o nome de meu irmão.

Brincava com o pergaminho de Leo enquanto comia, mastigando e falando ao mesmo tempo.

— Melhor dizendo, *Suor Amata*. Sou uma irmã serva em São Damião. O camareiro de uma nobre dama entregou esta mensagem em nossa casa e a madre priora confiou-a a mim. Ela costuma incumbir-me de muitas tarefas.

E fulminando-o com os olhos:

— Sabe, irmão, como é perigoso, até para um *homem*, até para um *frade*, atravessar essas montanhas sozinho? Se uma quadrilha de *banditi* descobrisse que apanhou uma mulher... e não somente uma bolsa com moedas de prata ou um par de sandálias novas, eu estaria em melhor situação com minha garganta aberta igual a um portão de castelo. A vida seria pior que a morte, até mesmo a morte eterna no inferno.

— Cuidado, criança! Está blasfemando! — retrucou Conrad. — Nada poderia ser pior que a separação eterna da Visão Beatífica.

Amata lançou-lhe um olhar de esguelha, mordaz.

— Sei do que estou falando, irmão, embora não esteja muito certa de que você o saiba. É o chamado mundo real, um lugar que você não vê há alguns anos, presumo. E tem mais, não me chame de "criança"! Estou quase chegando aos dezessete anos. Se não estivesse ligada a um convento, a esta altura estaria tomando conta de minha própria casa, com bebês pendurados nas minhas saias.

E sorriu, mas o sorriso não era agradável.

— A sua Rosanna já não estava casada quando tinha a minha idade?

Conrad devolveu-lhe um olhar furioso. Rosanna não dizia respeito a ela. Ele já havia revelado o bastante.

Na verdade, sua amiga se casara *tarde*, com exatos dezesseis anos. Fazia apenas dois meses que ele estava com os frades quando a carta de Rosanna chegou. Os pais da moça tinham arranjado o seu casamento com Quinto, o mercador, segundo escrevia ela, pedindo-lhe ainda orações e bênçãos. Conrad jejuou por muitos dias para expiar os pensamentos que teve ao ler aquela notícia. As orações só começaram a fluir bem depois.

Com o cotovelo, Amata estendeu e alisou a mensagem de Leo sobre a mesa, enquanto atirava uvas dentro da boca com a mão livre. Seus olhos assumiram aos poucos uma expressão estranha. A raiva desapareceu tão depressa quanto a de um bebê irritadiço a quem oferecem uma nova bugiganga.

— Isto são palavras? — perguntou, com a ponta do dedo deslizando sobre

a borda que emoldurava a mensagem de Leo. — Vejo um M aqui e algo que se parece com um A.

— Onde? Deixe-me ver.

Conrad arrancou-lhe o pergaminho da mão e correu para a porta de entrada. A borda era realmente constituída de uma série de letras pequenas, um minúsculo manuscrito que Conrad reconheceu como sendo do próprio Leo. Procurou um ponto de partida onde achar seqüências que formassem palavras e frases, mas só encontrou vários fragmentos desconexos. A borda começava com a mesma ordem que encerrava a mensagem principal: *Servite pauperes Christi*. Ele murmurou em voz audível o que lia:

— *Sirva os pobres de Cristo. Frei Jacoba sabe muito sobre a submissão perfeita. Quem mutilou o Companheiro? De onde veio o serafim? O primeiro de Tomás numa o começo da cegueira; o Testamento derrama os primeiros fragmentos de luz. As unhas do leproso morto têm uma crosta de verdade. Servite pauperes Christi.*

Completo o círculo ao redor da borda, mas o significado continuava tão misterioso quanto antes.

— Por que ele escreveu em forma de charada? — quis saber Amata. Presumo que, se não posso compreender, então Bonaventura também não poderia, caso isto viesse a cair nas mãos dele.

Enrolou a carta e enfiou-a em sua túnica. Isto é tudo que sei. Tenho de verificar as legendas e o testamento que Leo menciona aqui, e a biblioteca do Sacro Convento tem aquilo de que preciso. Bastou dizer aquelas palavras e Conrad ficou tenso. Frades como ele, que praticavam a pobreza total, não eram bem-vindos na casa-mãe. Vivera lá quando era um jovem padre e acabara tendo sérios problemas ao declarar que os irmãos ali praticavam a pobreza de modo errado.

Citara a Regra de São Francisco: *Os irmãos não devem ter nada que seja seu: nem casa, nem um lugar, nem coisa alguma.* E acrescentara:

— Olhem para nós, para nossas roupas macias, rostos corados e comida requintada. Possuímos livros. Somos donos deste rico mosteiro. A única coisa que nos falta aqui são esposas.

Aquilo acontecera sete anos antes, em 1264, logo após ele ter voltado de Paris e depois que frei Bonaventura substituiu Giovanni da Parma no cargo de ministro geral. Bonaventura tinha pouca paciência com frades rebeldes como

Conrad, que batia de frente com a autoridade. Não demorou muito para que o novo padre fosse apresentado a um dos frios e úmidos calabouços escavados bem fundo sob o Sacro Convento. Se Conrad não tivesse prometido, por insistência de Leo, viver em isolamento e abandonar as pregações, ainda estaria definhando naquelas profundezas, como o próprio Giovanni.

— Giovanni da Parma é um mártir vivo — declarou.

Conrad havia se habituado tanto a conversar sozinho ou com seu amigo esquilo, o Irmão Cinzento, que esqueceu que Amata ainda estava sentada à mesa. Quando levantou os olhos, viu a cabeça dela inclinada na pose queixosa que o animalzinho freqüentemente adotava.

— Tudo há de se resolver segundo os desígnios divinos — disse, como se isso servisse para explicar seu comentário anterior. — Tenho de ir a Assis, irmã. Esta manhã mesmo.

— Posso ir com você? Iria me sentir mais segura se viajássemos juntos.

Conrad ficou indeciso. Outro enigma. São Francisco aconselhara aos seus primeiros seguidores que jamais viajassem com mulheres nem comessem do mesmo prato que elas, à maneira elegante dos nobres. Talvez Conrad já tivesse desobedecido a essa regra ao compartilhar seu café da manhã com Amata.

— Prometo me comportar com o máximo recato — acrescentou Amata, projetando o lábio inferior. Mas Conrad reparou que seus olhos brilhavam. *A moça está zombando de mim, pensou. Contudo, está certa quanto à maior segurança de se viajar acompanhado.*

Então o eremita se lembrou de que a segunda versão da Regra de Francisco dizia apenas que os irmãos, em companhia de mulheres, não deveriam ter atitudes *que pudessem despertar suspeitas*. Quem desconfiaria de um frade viajando com um noviço chamado Fabiano? Na verdade, São Francisco determinara que seus frades viajassem em pares; um frade que viaja sem um companheiro despertaria suspeitas, como Amata sem dúvida despertara ao encontrar os dois frades na estrada. E ele nem mesmo estaria violando o *espírito* da Regra, pois não sentia nenhuma afeição por aquele elfo que falava sem rodeios e de forma irreverente. A tentação da carne não seria uma questão a considerar.

— Trate de cumprir sua promessa — disse ele. Olhou ao redor do aposento, imaginando o que precisariam levar, os arranjos necessários antes de partirem. De novo, ficou indeciso: — Você reparou se os frades que leram a

mensagem de Leo leram também a da borda?

— Pode ser que sim. O mais velho virou-a de um lado para o outro. Fiz mal em permitir que a vissem?

— Receio que sim! Se a mensagem vai ou não nos colocar em perigo, não tenho como prever, pois não sei o que significa. Meus irmãos Conventuais desconfiam de que tudo o que Leo escreveu cheira a rebelião; e talvez estejam certos.

Inclinou-se atrás da mesa e ergueu do escuro uma urna, que pôs sobre o banco.

— Você precisa saber sobre o pergaminho de Leo, para o caso de eu não conseguir voltar para cá.

Levantou a tampa da urna e pegou dentro dela um pacote em forma de tubo. Um odor acre de peixe estragado encheu o aposento, um cheiro reconfortante para Conrad, que sempre o associava a seu pai e ao cais de Ancona. Cuidadosamente, foi desenrolando o invólucro oleado de cor amarelo-esverdeada, com várias camadas de linho descorado, até Finalmente surgir um manuscrito grosso, que o eremita estendeu ao comprido em cima da mesa. Amata o sentiu entre seus dedos.

— É chamado de rolo de papel — explicou Conrad. — Frei Leo disse que é um material novo trazido da Espanha. Pela mesma senhora que entregou a carta dele em São Damião, imagino. Ele adorava isto. Não é preciso raspar nem alisar, como se faz com o pergaminho, e as páginas nunca saem da ordem. Ele mandou me chamar na última primavera, pois sabia que lhe restava pouco tempo. Pediu-me para fazer cópias dessa crônica para os irmãos Espirituais escondidos em Romagna e Marches. Só nós, uns poucos, podemos manter viva a verdade.

— Que verdade?

A verdadeira historia dos Frades Menores, desde a morte de São Francisco. Infelizmente, nossa Ordem tornou-se um grifo monstruoso. Metade águia, voando a grande altitude, nas asas da santidade e da devoção. Poderia citar dúzias de frades que se elevam nessas asas. Contudo, a outra metade é leão, e possui as garras da crueldade e da injustiça. Leo testemunhou as provações daqueles irmãos que permaneceram fiéis à Regra. Depois que Elias se tornou ministro geral, mandou encarcerar e torturar muitos deles. Até mesmo assassinou frei Caesar de Spire; mais tarde, quando Crescentius sucedeu a

Elias, ele dispersou o grupo. Enviou alguns para o martírio na Armênia Menor. Bonaventura...

— Mas frei Elias construiu a basílica — interrompeu Amata. — O mundo inteiro vai a Assis para ver *aquilo!*

Conrad expirou devagar o ar dos pulmões, lembrando a si mesmo que devia ser paciente. Amata obviamente quase nada sabia sobre a divisão na Ordem. Teria muito o que aprender antes de poder se tornar a ajuda que Leo prometera. O eremita assumiu o tom indulgente de um professor.

— Embora Elias fosse tão íntimo de São Francisco quanto qualquer frade, com exceção de Leo, ele não compreendeu o ponto central da vida do nosso fundador. Francisco, em sua humildade, pediu para ser enterrado fora das muralhas da cidade, no Colle d'Inferno, onde se lançava o lixo de Assis e os criminosos comuns eram sepultados. Mas o que foi que frei Elias fez? Conseguiu que toda a encosta da montanha fosse doada à Ordem, uma Ordem que não possuía nada enquanto seu mestre viveu, e lá construiu a basílica mais magnífica de toda a cristandade — um mausoléu gigantesco para *Il Poverello*, que era como as pessoas o chamavam, o pobrezinho de Deus. *Aquilo* prova quão pouco Elias o compreendeu.

O rosto de Amata se iluminou.

— Eu *conheço* o Colle d'Inferno. Foi meu avô Capitano quem o doou a frei Elias.

Conrad encarou com descrença a novidade que lhe vinha do outro lado da mesa. Primeiro, ela alegara conhecer um frade mundano como frei Salimbene, e agora esta serva tinha a ousadia de lhe dizer que fora sua família que doara o terreno para a basílica principal?

Amata esticou o rolo de papel com as mãos.

— Não acha melhor levarmos isso conosco? Poderíamos escondê-lo com a madre prioresa.

— Não. Viraríamos combustível para os inquisidores caso nos pegassem, e a crônica seria o estopim. Vou enterrá-la junto com a urna. Só você e eu sabemos que existe. Se eu não conseguir voltar...

— Ah, não! — Amata sacudiu as mãos como se fosse uma dona de estalagem espantando mosquitos de sua bebida. — Não posso ajudá-lo com isso. Não sou livre para ir aonde quero. Foi a única vez que atravessei essas montanhas.

— Só Deus sabe por que está envolvida nesses assuntos, irmã, mas se Ele quiser que você seja um instrumento de Sua vontade, Ele lhe dará os meios.

Para repor o manuscrito na urna, primeiro Conrad teve de retirar de lá um embrulho de linho atado com um cordão. O pacote escorregou de suas mãos e caiu com estrépito sobre a palha, esparramando penas para escrever, um tinteiro de chifre, pedra-pomes, régua, buril e giz. Ao curvar-se para juntar a parafernália, Conrad enrubesceu por ter sido tão desastrado.

— Viu, tenho tudo para fazer as cópias, exceto o pergaminho. Tinha a intenção de pedir a Monna Rosanna para começar a incluir algumas folhas todas as vezes que me mandasse comida.

Amata riu alto, mas não, como ele pensara, de sua falta de jeito.

— E *you* disse que os *estudiosos* perdiam seu tempo? Sabia que você não acreditava nisso.

— Sabia? E você se acha assim tão inteligente para saber disso?

— Olhe para sua túnica. As partes do tecido que roçam a cadeira e os cotovelos estão muito mais gastas do que a da altura dos joelhos. Você deve ficar tão à vontade com o traseiro instalado em uma cadeira quanto um escriba sentado diante de sua escrivaninha.

Conrad não sabia se ria ou ficava ofendido. Decidiu-se pela primeira opção.

— Eu confesso — anunciou. — Estudei e debati com os grandes sábios em Paris. Também tive a minha vez. Nós, alunos, julgávamos ter encontrado as chaves do universo em algum ponto entre nossos silogismos ambíguos e as discussões excessivamente sutis. Sinto dor de cabeça só de pensar naqueles anos.

Ainda sorria quando se dirigiu ao jardim para apanhar uma ferramenta para cavar. *E até hoje ainda não sei quantas almas desencarnadas são necessárias para encher um prato de sopa*, recordou-se.

— Espere um pouco aí fora — Amata gritou para o eremita pela janela —, tenho de cuidar de... um assunto feminino.

Imediatamente, Conrad virou as costas para a cabana. Assuntos femininos, de novo! Já tinha perdido o apetite de tanto pensar naquela questão.

Aproveitou o momento para admirar as árvores, ainda cintilantes de orvalho como milhões de minúsculas fogueiras. Naquele momento, percebeu quão profundamente sentiria saudades de sua floresta. Embora Amata parecesse

estar demorando uma eternidade, de repente toda a urgência de pegar a estrada desapareceu. Compreendeu que talvez estivesse partindo para sempre daquele lugar que viera a amar como se fora um antegoço do céu. Uma última vez o eremita quis absorver a quietude, a serenidade que sentira ali. Decidiu que deixaria a porta da cabana aberta para o caso de seus amigos da floresta precisarem de abrigo. Imaginou se sentiriam sua falta. Ou estaria ele pensando como um herege ao atribuir sentimentos humanos aos animais sem alma?

— Estou pronta — avisou Amata, finalmente. — Também arrumei a urna para você.

O eremita cavou um buraco no canto onde ficava a mesa. Amata ficou vigiando enquanto ele encaixava a urna na cavidade e a cobria com palha. Ela também segurou com força a tampa para que não saísse do lugar enquanto ele socava terra ao redor. Ao limpar a pá de madeira, Conrad achou que via uma firmeza no queixo da moça, uma a determinação que não notara antes. Seria possível que esta irmã insensata, com toda a sua insolência, possuísse de alguma forma a coragem e a determinação masculinas? *Vai precisar de ambas*, previu ele, *para enfrentar a tempestade que vem pela frente*. E a tempestade — inevitável como a chegada do inverno — estava próxima.

Naquele instante, a imagem do pai afogado, debatendo-se na espuma escura da tormenta que o devorara, perturbou sua mente. *Deus tenha piedade de todos nós*, rezou.

Capítulo III



ORFEO BERNARDONE ENXUGOU O ROSTO na manga esvoaçante de sua túnica árabe. Correu as unhas pelo cabelo grudado em seu pescoço e ajustou o gorro levantino vermelho que lhe pendia, como uma bolsa, sobre a orelha. O sol batia sem piedade sobre o porto de Acre nessa manhã rara, em que nenhuma brisa soprava do mar e a Terra Santa mais parecia um deserto ressecado do que a Terra Prometida. O marinheiro apertou os olhos contra o clarão das casas mouras brancas e das cúpulas das mesquitas e palácios à distância. Palmeiras altas acumulavam suas poucas folhas no alto dos troncos delgados, como se mesquinhassem sua sombra para as criaturas humanas lá embaixo.

— Você é um fenômeno, Marco — disse a seu companheiro. — Seu capuz continua seco, tal como no momento em que você o colocou.

Puxou os cachos louros que saíam do chapéu do jovem mestre Polo.

— E agora só um fio de cabelo está fora do lugar.

O adolescente empurrou a mão do outro.

— Um próspero mercador tem de manter uma aparência fresca — disse. — Se outro comerciante vê que você transpira, saberá que vai levar vantagem na hora de fazer o negócio.

Passaram por entre as barracas sombreadas e as ruelas que cruzavam o bazar. Orfeo inalou profundamente a mistura dos perfumes de cravo e noz-moscada, dos sacos de canela e de gengibre das índias e do almíscar da província de Tebeth. Os príncipes da corte e da Igreja pagavam pequenas fortunas por essas especiarias em Roma; ali, porém, ele podia apreciar as mesmas delícias sensuais em um simples passeio matinal. Que maravilha era esse Oriente!

Crianças vestidas de trapos mendigavam pela praça do mercado, e mulheres tímidas, cobertas por véus, equilibravam jarros na cabeça, lembrando-lhe as donas-de-casa que iam buscar água nas aldeias do alto das colinas de sua Úmbria nativa. Todavia, comparada com Acre, a Úmbria era tão fria quanto as promessas de uma virgem. Pelas ruas do porto, cruzados roçavam cotovelos com os sarracenos, mouros e judeus pechinchavam com armênios e nestorianos cristãos — todos unidos como os raios de uma roda ao eixo do dinheiro. Tal e qual os marinheiros desembarcados na ilha dos comedores de lótus, os homens de diferentes raças que para ali convergiam logo pareciam esquecer suas cruzadas santas e *jihads*, esqueciam até suas pátrias, desejosos de permanecer por toda a eternidade naquela costa aprazível.

Orfeo impressionava-se mais com a atmosfera de tolerância na cidade do que com os próprios habitantes. Na Úmbria, um homem podia acabar na fogueira por suas roupas esfarrapadas ofenderem um bispo rico ou por ter comparado o céu a um queijo redondo para demonstrar uma posição teológica qualquer. Mas em Acre toda cultura e toda filosofia encontravam abrigo. Os minaretes de onde os muezins chamavam os muçulmanos fiéis para a oração compartilhavam o céu com os bastiões da nobreza européia: as torres da condessa de Blois e do rei Henrique II, dos Hospitalários, dos Templários, dos Cavaleiros Teutônicos e — lá embaixo, onde os muros da cidade encontravam o porto — os castelos do patriarca de Acre e do legado papal, Tebaldo Visconti da Piacenza. No labirinto de praças e ruelas, Orfeo encontrava gregos, normandos, aragoneses, curdos, turcos e, claro, comerciantes de Pisa e de Gênova. Era principalmente por causa desses compatriotas que os dois jovens traziam espadas presas na cintura, por cima de suas túnicas.

Nessa manhã dirigiram-se para um local adiante do bazar, em um dos corredores estreitos e sinuosos que saíam do centro comercial. No alto da ruela, músicos cantavam melodias provocantes entrelaçadas com o canestro dedilhar das cítaras, numa casa onde duas cortesãs gêmeas de pele escura esperavam para recebê-los.

— Uma vez mais, antes de viajarmos para Laiassa — os italianos lhes haviam prometido na véspera. A expectativa da aventura seguinte excitara-os tanto quanto o pensamento desse último prazer excitara as fogosas irmãs.

— Marco, por que você me esconde a resposta de seu pai? — perguntou Orfeo, enquanto iam caminhando por entre as barracas. — Diga-me se também

serei um próspero mercador.

O rosto de Marco era uma máscara neutra.

— Ele lida com realidades, *amico*. É um homem de bom senso.

Uma carranca tomou o semblante de Marco quando ele imitou a expressão do seu pai:

— Orfeo entende é de remos. Além de ataques-surpresa a navios mercantes genoveses, que experiência ele tem com as armas? Por que devemos levá-lo conosco como soldado? Será que sabe montar um cavalo, sem falar em um camelo? Será que os tártaros não se rirão de nós quando virem o que chamamos de cavaleiro?

As sombras esvaíram-se do rosto de Marco para o ânimo de Orfeo. Então era mesmo o que ele receava. Desde que conseguira trabalho como tripulante da ágil galera veneziana de Polo, sonhava em dar um passo adiante com os mercadores de jóias, viajando como membro da caravana deles através da Armênia Maior e da Menor, da Turquia e da China, até a corte do próprio Kublai Khan. *Jesus*, seria a experiência de sua vida! Era só alguns anos mais velho do que Marco, e não poderia também voltar rico? Rico o suficiente para viver as mesmas experiências excitantes para as quais Marco nascera? Contudo, ao escutar de fonte indireta a avaliação sombria de Nicolo Polo, sentiu-se mais condenado do que nunca ao destino de todos os marinheiros. Suas economias jamais bastariam para estabelecê-lo como mercador, e fazia muito tempo que havia cortado todos os laços com o pai e os irmãos comerciantes. Deixou cair a cabeça e fixou o olhar nas próprias sandálias à medida que elas iam levantando a poeira da rua.

— E ele disse mais uma coisa no final — acrescentou Marco. — Concluiu sua fala assim: *Mas, apesar disso, é seu amigo, meu filho. E, como você o aprecia, vamos achar um lugar para ele.*

— O quê? É verdade?

Marco abriu um sorriso.

— Que todos os santos confessores sejam louvados! Vou para a China! — gritou Orfeo. Agarrou o adolescente e beijou-lhe o rosto, depois o levantou no ar e o abraçou com tanta força que o outro gemeu de dor.

— Você tem de me proteger e não quebrar as minhas costelas — disse Marco, ofegante.

Orfeo caiu na gargalhada e, de repente, sua fisionomia ficou terrivelmente

séria.

— A começar de agora, quem sabe — disse.

Por cima dos ombros de Marco, avistou três homens se aproximando. Usavam as cores de Gênova.

Avaliou-os rapidamente. Não eram grandes, provavelmente não valeriam cem dracmas o lote no mercado de escravos. Orfeo, por outro lado, tinha o físico de um lutador e sempre se vangloriava de conseguir imobilizar um boi. Os anos passados nos remos tinham transformado seu corpo de menino rechonchudo. Apesar disso, eram três homens e decerto confiariam mais nas espadas do que na força bruta.

Fosse por estar excitado pelas boas notícias ou simplesmente inspirado pelo novo cargo de guarda-costas de seu senhor, Orfeo sentiu um impulso belicoso. Falou bem alto enquanto os homens se aproximavam.

— Não é verdade, Marco, que Gênova é habitada por eunucos sem nenhuma fé e mulheres sem qualquer vergonha?

Fulminou os homens com os olhos ao falar. Devolveram-lhe o olhar e um deles retorquiu:

— Pelo contrário, mas é verdade que todos os venezianos são uns mentirosos e uns bajuladores.

— Marco girou o corpo de forma que ele e Orfeo ficassem ombro a ombro e de frente para os genoveses. Os cinco, simultaneamente, levaram as mãos para as espadas.

— *Sior Polo. Sior Polo* — gritou uma voz aguda e ofegante atrás deles. — venham depressa. Seu pai mandou avisar que devem retornar agora mesmo ao acampamento.

— Oh, *Sior Polo* — repetiu um dos genoveses, imitando a voz afetada. — É melhor ir correndo para seu papai antes que leve uma surra.

— Por favor, vocês todos, guardem as espadas — esganiçou-se o eunuco. — O assunto é *importante*.

— O que houve? — rebateu Marco com aspereza, sem tirar os olhos dos três homens das espadas ameaçadoras. — O que pode ser tão importante assim?

— Temos um papa, *Sior Polo*. Após trinta e um meses, finalmente temos um papa.



NO SALÃO DE SEU CASTELO, Tebaldo Visconti da Piacenza aguardava a comitiva de Polo, tocando de leve as têmporas úmidas com um lenço bordado e perfumado. A luz viva do sol entrava pelas janelas em forma de arco alinhadas na parede ocidental do aposento.

Será que já havia de fato dois anos que Nicolo e seu irmão Maffeo tinham chegado a Acre como emissários do Grande Khan? Quanto mais envelhecia, mais rápido pareciam se passar os meses. Recordou-se da primeira impressão que tivera dos dois mercadores venezianos: homens bem-educados e discretos. Haviam trazido a Tebaldo, legado papal de Acre, os pedidos do imperador.

— Kubai Khan, chefe supremo de todos os tártaros, solicita ao pontífice soberano de Roma cem homens eruditos, totalmente familiarizados com a religião cristã e também com as sete artes, qualificados para provar por argumentos justos e imparciais que os deuses dos tártaros e os ídolos adorados em suas casas não passam de espíritos malignos, e que a fé professada pelos cristãos é fundamentada em uma verdade mais evidente do que as outras. O Grande Khan deseja, além disso, um frasco do óleo santo da candeia que queima no sepulcro do Senhor Jesus Cristo, a quem ele professa venerar e considerar como verdadeiro Deus.

Mas aquele era o Ano de 1269 de Nosso Senhor, e o Papa Clemente IV morrera no ano anterior.

— Sua cadeira ainda está desocupada — Tebaldo dissera aos Polo. — Retornem a Veneza. Visitem suas casas e famílias e esperem pela eleição do novo papa.

Assim fizeram, e Nicolo descobriu que a esposa que havia deixado grávida ao partir, quinze anos antes, dera-lhe um filho. Ela o chamou de Marco, em homenagem ao santo protetor de cidade. Nicolo também soube que a mulher morrera ao trazer o menino ao mundo. Finalmente, dois anos depois do primeiro encontro com Tebaldo, os irmãos voltaram a Acre com Marco a reboque. Não podiam esperar mais, alegaram. Kublai Khan tomaria sua prolongada ausência como uma afronta, com conseqüências sombrias para os cristãos de todos os lugares.

Agora, quando se preparavam para recomeçar a viagem, o conclave de

cardeais desprezara os clamores da facção angevina em favor de um papa francês em suas fileiras e anunciara sua escolha. Elegera o legado papal de Acre para ser o próximo papa.

Tebaldo levantou-se de seu trono de cedro-do-líbano quando vozes e passos ecoaram no corredor de pedra que levava ao salão. Maffeo Polo entrou na frente da comitiva da família. Ajoelhou-se e beijou o anel de Tebaldo.

— Sua Santidade — disse. — Que maravilhosa surpresa. Por qual nome devemos chamá-lo no futuro?

— Decidi-me por Gregório. Gregório, o décimo papa a usar este nome. Sentou-se novamente, enquanto os visitantes permaneciam de pé diante de seu trono. Sempre haviam manifestado respeito pela função que ele exercia como legado, mas a deferência exagerada que via agora em seus rostos deixava-o constrangido. Em seus sonhos mais ambiciosos, nunca imaginara se tornar papa. E agora que tinha sido aclamado líder da igreja cristã na Terra inteira preferia concentrar-se em um dos títulos mais humildes do papado: *Servas servorum Dei*, o servo dos servos de Deus.

— A notícia não podia ter chegado em melhor hora — declarou ele. — Mais um dia e você estaria velejando rumo à Armênia Menor.

Fez sinal para um clérigo que esperava numa porta lateral entreaberta. Por MM vez, o clérigo acenou também e dois corpulentos frades dominicanos entraram no salão.

— *Signori*, apresento-lhes frei Guielmo da Tripoli e frei Nicolo da Vicenza. Por graça de Deus, ambos se encontravam aqui em Acre quando a notícia da minha eleição chegou de Roma. Não são os cem sábios que o Grande Khan deseja, mas são homens de letras e ciências.

Era o melhor que ele poderia fazer com tão pouca antecedência, e rezou para que a escassez de missionários não fosse fator decisivo para a conversão dos tártaros ao cristianismo. Examinando os dois afáveis pregadores, conjeturou até se chegariam a sobreviver à rigorosa viagem à China.

O clérigo aproximou-se do trono e entregou a Tebaldo um pergaminho de velino fechado com seu sinete.

— Além dos meus cumprimentos a Kublai Khan, esta carta papal autoriza esses frades a ordenar padres, sagrar bispos e conceder absolvição, de forma tão integral como se eu mesmo o fizesse pessoalmente. Minhas bênçãos vão com todos vocês, para sua saúde e segurança. Sei que serão retardados por gelo,

areia, inundações, guerras, ataques-surpresa dos bárbaros e outros numerosos perigos.

As últimas palavras foram dirigidas especialmente aos dois dominicanos, e observou uma nervosa troca de olhares. Receava que sua escolha se provasse desastrosa, mas, a bem da verdade, os dois eram os únicos estudiosos habilitados que dispunha naquele dia. Talvez tivesse sido preferível ter oferecido seu clérigo aos Polo.

Ao desincumbir-se das formalidades da missão dos comerciantes, Tebaldo permitiu-se recuar de novo para o encosto entalhado do trono. Respirou fundo enquanto mais uma vez apalpava de leve suas têmporas.

— Para lhes dizer a verdade, meus amigos, não lamento ir embora de Acre. Seus companheiros mercadores e mesmo nossos bravos cruzados fizeram de minha vida aqui uma série infindável de frustrações.

Os membros da comitiva inquietaram-se com aquelas palavras, sem saber demonstravam culpa ou arrependimento, ou como deveriam reagir. Teobaldo sorriu, enfasiado com a perplexidade deles.

— Compreendem minhas razões, não é mesmo? — perguntou. — Enviamos os melhores guerreiros do mundo cristão para cá a fim de recuperar a Terra prometida. Mesmo assim, Baibars Bandukdari e seus mamelucos continuaram

Com os ataques e pilhagens. Só neste ano capturaram o castelo dos Templários em Safed e decapitaram os nobres que encontraram lá. Arrasaram Antioquia e massacraram todas as suas oitenta mil almas, com exceção das poucas que se salvaram e foram escravizadas apenas porque os braços dos soldados de Baibars cansaram-se de matar. Ainda nesta década, calculo que vá atacar a própria Acre. E sabe o que mais? Ele vai tomar Acre, porque nós cristãos brigamos tanto uns com os outros que nunca o enfrentamos como uma força unida. Seus irmãos venezianos vendem armas a Baibars. Os genoveses fornecem-lhe escravos. Os Templários e os Hospitalários digladiam-se entre si e ambos frustram nossos esforços de negociar com os sarracenos, ao se recusarem a permutar os prisioneiros muçulmanos. "Precisamos deles, são artesãos habilidosos" é o que me dizem. Todos só pensam em suas próprias vantagens, em vez de considerar os desígnios de Deus ou mesmo nosso bem-estar mútuo. Apoiou a cabeça contra o espaldar e suspirou alto.

— Perdão, *signori*. Vocês são apenas mercadores de jóias e serviram bem

à nossa causa. Não é de vocês que me queixo. Meu tempo aqui custou-me caro demais. Estou apenas cansado e ansioso para retornar à terra que me é familiar.

Sentou-se novamente ereto e examinou os presentes.

— Ah, aqui está o seu Marco. Mas creio que não conheço o outro jovem que está a seu lado. É mais um de seus filhos, *Sior* Polo?

— Não, Vossa Santidade. Permita-me apresentar-lhe Orfeo di Angelo Bernardone, amigo de meu filho e soldado da nossa expedição.

— Mais um de seus compatriotas de Veneza, então?

— De Assis, Excelência.

Depois, como que para salvar uma situação embaraçosa, o comerciante acrescentou:

É sobrinho do abençoado São Francisco, natural daquela cidade.

— Verdade?

Tebaldo examinou mais cuidadosamente o robusto jovem. Considerava-se muito perspicaz em seu julgamento de pessoas. O jovem tinha bom porte, e Tebaldo apreciou a energia e a curiosidade daqueles olhos castanhos. Indicavam vitalidade e inteligência rápida. *Uma lástima que não tenha conhecimentos teológicos*, pensou, e então outra idéia veio à sua mente.

— *Sior* Bernardone — disse. — Com a ida dos Polo, gostaria que fosse comigo para Veneza. Com você a bordo, podemos ter certeza de obter a proteção de seu santo tio. Não tenho a menor dúvida de que ele está mais perto do trono de Deus do que qualquer outro santo, a não ser a bendita mãe de Nosso Senhor.

Os irmãos Polo rapidamente se curvaram como prova de sua aquiescência, mas Tebaldo percebeu um traço de decepção e confusão anuviar o rosto do moço de Assis. Ele não parecia nada honrado por ter sido escolhido pelo papa. Marco repreendeu seu amigo com ar sisudo e sussurrou algo em seu ouvido. O jovem balançou a cabeça, concordando, e caminhou empertigado para a frente. Ajoelhou-se diante do trono, curvou-se até sua testa tocar as sapatilhas de seda branca de Tebaldo e beijou a bainha do manto do legado.

— Sou seu servo e de Deus, Vossa Santidade. Tudo o que sou, e tudo o que tenho, deixo a seu dispor.

CAPÍTULO IV



CONRAD APOIOU O SACO DE COMIDA entre grandes rochas que uma antiga avalanche amontoara em desordem e esperou por Amata. O sol não havia chegado ao ápice, mas as pedras já estavam quentes e prometiam ficar ainda mais — era um daqueles dias peculiares de outubro que se aferram com teimosia ao verão. Mais de uma hora antes haviam deixado todas as sombras para trás ao passarem pela floresta, e a leve brisa que soprava na encosta pedregosa da colina não chegava a refrescar.

O eremita raramente se distanciava de sua floresta, fosse para descer até as aldeias na costa ou para subir a essa região seca e inóspita. Quando se aventurava até o cume, em geral era para celebrar um dia santo especial, que ele passava em estado de contemplação. Os penhascos proporcionavam-lhe um panorama límpido, com cadeias de montanhas azuis e purpúreas, cobertas de neve ou cortadas por cachoeiras formidáveis — uma exibição emocionante do poder criador de Deus, no meio do qual Conrad rastejava, tão pequeno quanto as aranhas que escalavam as paredes de sua cabana. Moradores da cidade, aglomerados na trama densa de suas próprias construções, poderiam se sentir mais importantes do que a natureza que os rodeava, mas os Apeninos de Deus apequenavam qualquer orgulho humano.

Desviou o olhar do horizonte, em direção à trilha que acabara de subir.

— Tem certeza de que você sabe escalar como um cabrito montes? — berrou para Amata, que subia o caminho com grande dificuldade.

A moça deixou-se cair em cima de uma rocha próxima e aspirou o ar quente, trazendo a mão sobre o peito, que subia e descia. Quando se refez, respondeu:

— Posso ter exagerado um pouco. Não estou acostumada a subir montanhas tão altas.

Mas estava falando a verdade quando disse que não tem medo de altura?

— Siga adiante. Irei logo atrás. Se este seu atalho nos poupar uma semana de viagem, serei grata a você por tê-lo escolhido.

— Logo estaremos numa trilha aberta pelas cabras através da face da montanha — explicou Conrad.— O trecho mais estreito não chega a duzentos metros; mas um único passo em falso e você mergulhará mais de *quinhentos* metros até o fundo do vale.

Com ar distraído, arranhou um dos rochedos com uma pedra pequena e acrescentou, evitando olhar para ela:

— Eu devia imaginar que só uma alma inocente, sem medo da justiça de Deus ousaria tentar fazer este percurso.

Essa era uma questão entre a moça e sua consciência, e ele não queria ver o lado da alma dela refletido nos olhos.

— Se você não tem medo, eu também não tenho — respondeu Amata. — Mas a subida seria mais fácil sem essas túnicas compridas. A bainha se prende o tempo todo nas pedras e quase caio. Ouvi dizer que a Ordem tem planos de voltar aos hábitos curtos, iguais aos usados pelos primeiros frades. Por mim, já o teriam feito.

— Os primeiros frades tinham que trabalhar para seu próprio sustento, Como qualquer outro lavrador — disse Conrad. — Como você mesma observou pela manhã, de um jeito bem singular, nós, irmãos mais recentes, passamos a maior parte do tempo sobre nossos traseiros. Os frades do Sacro Convento agora recebem remuneração para copiar manuscritos, como os monges negros. Além do mais, mesmo que a Ordem venha a restabelecer a túnica para seus frades, você e suas irmãs enclausuradas vão continuar a usar hábitos longos, em nome da decência.

— Uma lástima, você não acha? — comentou Amata às suas costas.

De sua posição mais elevada, Conrad virou-se. Lá estava ela com um sorriso largo, a túnica puxada bem acima dos joelhos. O eremita cobriu depressa os olhos com a mão e virou o rosto para o outro lado.

— Irmã! Pelo amor à Virgem mais pura, cubra-se!

— Qual o problema? — a voz dela assumira um tom brincalhão. — Se você fosse um lavrador e eu fosse sua amada companheira, estaria vestida assim

todos os dias, trabalhando a seu lado; e isso lhe daria grande prazer.

— Mas eu *não* sou um lavrador e você *certamente* não é minha mulher. Sou frade, um padre consagrado ao serviço de Deus. Se eu extrair um instante sequer de prazer ao olhar suas longas pernas, esse instante poderia ser o primeiro elo da cadeia que me arrastaria para o abismo. Cumpra a promessa que fez na cabana, a de agir com recato.

Ele não tivera a intenção de dizer "longas" pernas. Também não pretendia do fato olhar para elas, mas um relance foi o bastante para impressioná-lo. Não que devesse ficar surpreso. O hábito folgado podia esconder todas as formas das mulheres. Até agora, não havia pensado nela em termos de corpo — ou de pernas.

Se Amata notou o deslize, foi delicada o bastante para não demonstrar — o que o fez pensar que ela não se dera conta. Conrad já percebera que ela não perdia nenhuma chance de alfinetá-lo. Para seu alívio, ela mudou de assunto ao retomarem a subida.

— Você é um tipo *estranho* de padre, não é? Não tocou no breviário sequer uma vez, e já é quase meio-dia.

Conrad sorriu. Será que nada escapava a essa criança? Se não tivesse nascido mulher, daria um bom aluno de direito canônico ou civil.

— Muitos são os caminhos para o paraíso, irmã — retrucou. Assumiu novamente o tom professoral que usara nas explicações sobre Elias e a basílica: — Alguns, por exemplo, escolhem o caminho físico, usando seus corpos para alcançar a salvação. O cruzado encontra Deus ao decapitar o sarraceno ou em seu próprio martírio. *Os flagellanti* chicoteiam o próprio corpo com correias de couro enquanto recitam salmos penitenciais.

Amata fez uma careta.

— Ui! Uma vez, quando era menina, vi um grupo desses *flagellanti*. Passaram por nossa comunidade a caminho de Todi. A carne ensangüentada respingava em todo mundo e em tudo que estava ao alcance. Tapei os olhos, de tão repulsivos que eram.

— Eles estiveram por todos os lugares nos últimos onze anos. Muitas pessoas achavam que 1260 seria o ano do Apocalipse.

Novamente, Conrad pensou em Giovanni da Parma, isolado em sua cela. E por que motivo? Somente por continuar a acreditar nas profecias do abade clarividente Joachim di Flora, depois que elas saíram de moda entre a alta

hierarquia da Igreja. Conrad fez uma pausa para reorganizar os pensamentos e retomou a lição de moral.

— Religiosos enclausurados como os monges negros de São Benedito, por outro lado, passam a vida em estado de devoção, cantando e rezando de acordo com as regras.

Apanhou o breviário que estava dentro da túnica e virou as páginas.

— Sete vezes por dia e no meio da noite, conforme ensina o salmista rei Davi. De minha parte, tentei primeiro a via do intelecto, começando com o *trivium* e o *quadrivium*.

— O *quem* e o *quê*?

As sete habilidades intelectuais que são condições prévias para o estudo da teologia: o *trivium* — gramática, retórica e dialética — e o *quadrivium* — música, aritmética, geometria e astronomia.

Conrad diminuiu a velocidade para tomar fôlego, pois o caminho à sua frente era íngreme.

— Então, depois de ter ensinado teologia em Paris — continuou —, voltei à casa-mãe em Assis e comecei a praticar as formalidades religiosas da vida conventual. Por estranho que pareça, depois de vários anos de estudo e prática regular da oração, comecei a me sentir cada vez mais afastado não só de Nosso Senhor, mas também de meus irmãos. A vida conventual carecia de algo para mim. Foi então que comecei a me interessar pelos frades ermitãos e quis saber se eles viviam mais perto de Deus do que nós.

Entusiasmou-se. Tinha muito a ensinar a Amata.

— Só nestas montanhas, irmã, consegui finalmente começar a ver Deus. Ainda que "como por um espelho, confusamente" como disse São Paulo, mas talvez tão claramente quanto é possível nesta terra. E de que modo faço isso?, você pode vir a perguntar. Sento-me. Nada mais. Apenas fico sentado. Encosto-me na parede do meu eremitério e deixo que Deus venha a mim. Se me sento de olhos fechados, Ele aparece dentro de mim. Se abro os olhos, vejo-O em todas as criaturas que andam ou rastejam diante da minha porta. Ele está nas árvores e nos arbustos, em todos...

Amata o deteve com um gesto. Parou e botou as mãos nos quadris, avaliando o como uma dama da aristocracia faria para decidir se comprava ou não um escravo.

— Como já disse antes, você é um tipo muito estranho de padre; e está se

revelando um grande falador. Também não estou bem certa se tem vocação para eremita. Talvez tivesse sido melhor juntar-se aos frades pregadores de São Domenico, em vez de à Ordem dos Frades Menores.

Conrad ficou de queixo caído, interrompido no meio de seu discurso. *Porque jogara pérolas àquele porco? A maioria dos estudiosos nem se daria ao trabalho de ensinar a uma mulher, que dirá a uma serva.*

Chegaram à beira de um precipício, onde a trilha tomava um declive acentuado. Lá embaixo, uma faixa fina e brilhante serpenteava em meio à relva de diferentes tons de verde. Apesar da impertinência de Amata, Conrad não conseguiu resistir à lição que a cena proporcionava.

— Eis aqui um exemplo do lado mais vantajoso da vida do eremita. O poderoso Hércules não conseguiria lançar uma pedra que atravessasse aquele rio lá embaixo. As árvores em suas margens, que daqui parecem simples moitas, na verdade são mais altas que dez homens. Daqui de cima, a gente vê o mundo em toda sua insignificância através dos próprios olhos de Deus, um panorama que equívale a vários volumes de tratados de filosofia. Beba dessa fonte, irmã, enquanto tem oportunidade.

Se ela realmente bebeu, Conrad não poderia afirmar, mas pelo menos não o contestou. O eremita conduziu-a pela borda do despenhadeiro até chegarem a uma saliência estreita que atravessava a escharpa na direção oeste.

— É a nossa trilha. Se quiser, amarre as sandálias em volta da cintura para firmar bem os dedos dos pés no chão.

E acrescentou:

— Vamos perder apenas um dia de viagem se voltarmos daqui e partirmos de novo da cabana.

Amata apertou os olhos, avaliando a trilha das cabras. Seus lábios se moveram, e Conrad imaginou se ela estaria rezando ou tomando coragem. Ocorreu-lhe perguntar se ela se sentiria mais confiante segurando o cinto dele, mas seria um convite para um contato físico e ele desistiu.

— Pronta? — perguntou afinal.

A moça engoliu em seco, respirou fundo e assentiu com a cabeça enquanto retirava as sandálias.

— Não olhe para baixo — avisou enquanto ela atava as sandálias ao redor da cintura. Conrad amarrou o saco de comida no cinto e virou-o para trás. — Olhe para a parede de pedra e deslize de lado, procurando apoio para as mãos.

Não se preocupe com o tempo que vamos levar na descida. Concentre-se apenas no seu próximo passo.

Observou o rosto da menina. Estava mais pálida do que o normal. Embora mordesse os lábios, os olhos dela mostravam a mesma determinação que ele notara antes de saírem do eremitério.

— Tudo certo, então. Que Deus nos proteja — rezou Conrad. Fizeram o sinal-da-cruz e, lado a lado, pisaram na beirada do mundo.



SE ANTES ELE TERIA RECEBIDO com prazer um vento mais refrescante, Conrad deu graças a Deus pela brisa suave que soprava naquele momento. O suor descia-lhe pelo pescoço e pelas costas como larvas rastejando, e ele tinha de pestanejar para afastar os mosquitos dos olhos. Mesmo assim, sabia que uma lufada forte vinda do vale teria forças para enfunar suas batinas como se fossem velas de um navio, suspendendo-os da parede do despenhadeiro tão facilmente como montes sopradas de um dente-de-leão.

Ia chutando as rochas soltas aos poucos, à medida que se deslocava de lado, passo a passo, alisando o caminho para Amata. Ela o seguia de perto, mais muda do que as pedras em queda livre. Ele sabia que o corpo dela comichava tanto quanto o seu. No mínimo, a túnica da moça, por ser nova, teria mais peso do que a sua, toda esfarrapada. Ficou imaginando o que estaria passando pela cabeça dela, mas não desejava perturbar-lhe a concentração. Quando abriu a boca, foi só para sussurrar palavras de apoio de modo a mantê-la concentrada:

— Um passo... de cada vez.

Chegaram à curva que marcava o meio da trilha. Logo depois, ele sabia, havia um alargamento do caminho protegido por uma saliência — uma cavidade onde poderiam descansar por um momento e relaxara tensão dos braços e ombros. Virou-se para falar com Amata sobre a saliência quando a rocha em que ela se agarrava rachou. Ela deu um grito agudo e começou a oscilar. Conrad estendeu a mão para trás e segurou-a pela manga, para devolver-lhe o equilíbrio. E então ouviu um ruído sobre suas cabeças e um chuveiro de seixos começou a cair.

— Rápido! Temos de chegar até a curva — disse ele.

Amata estava imóvel contra a parede da montanha. Os fragmentos que caíam foram ficando maiores e os seixos agora vinham em um fluxo intenso. Uma pedra do tamanho da cabeça dela bateu-lhe no ombro esquerdo, fazendo-a gritar. Conrad agarrou-a pela cintura, enrolando a túnica da moça no seu punho como um nó e, meio guiada, meio arrastada, puxou-a para si.

— Agüente firme! — ele gritou. — Não vá desistir agora!

As pernas de Amata começaram a tremer, rígidas. Usando o braço livre para se firmar, Conrad ajudou-a a se mover lentamente pela escarpa na direção da curva até alcançar o ponto mais largo da trilha. Fez com que se sentasse de costas para o precipício. Então, deslizou para o chão ao seu lado e manteve o braço ao redor de seus ombros enquanto uma forte tremedeira sacudia todo o corpo dela. Ela tentou falar, mas seus dentes batiam tanto que só lhe restava chorar.

Ele já tinha visto essa tremedeira de medo antes, numa raposa que entrou como uma flecha em sua cabana para escapar de uma matilha de cães de caça. Ela tinha conseguido abrir uma boa distância, e Conrad fechou a porta do eremitério antes que os cachorros pudessem alcançá-la. Manteve a porta fechada, com a raposa tremendo encostada em sua perna, até ouvir o tropel de um grupo de cavaleiros ofegantes vindo no encalço da matilha.

— Santuário — gritara para os caçadores. — A Irmã Raposa invocou a sagrada proteção deste eremitério.

Através de um buraco no nó da madeira da porta, ficou olhando o clã de nobres, em geral um bando de ignorantes, e torceu para que a sua reputação de religioso excêntrico os detivesse. Por que se arriscariam a uma maldição do eremita e a comprometer suas almas por causa de uma simples raposa? Os olhares que lançavam para a cabana iam da indignação ao ódio. Confabularam entre resmungos, carrancudos; por fim, viraram seus cavalos para outra direção. Chamaram pelos cães enquanto desciam a montanha.

— A tremedeira já vai passar, irmã — prometeu. — É a dança-de-são-vito. Até os guerreiros mais ferozes têm esse tipo de tremor depois de vencerem uma batalha.

Conrad acalentou-a suavemente, como um pai que acalma uma criança assustada e, para sua própria surpresa, começou a murmurar uma cantiga de ninar. Sentia como se abraçasse um pedaço de sua própria juventude, pois ao fechar os olhos imaginava estar segurando Rosanna — a Rosanna da qual se

lembrava, com dezesseis anos, não a roliça sobrevivente de oito gestações e três bebês nascidos vivos que, agora com trinta anos, mandava comida para o eremitério uma vez por semana. Amata chegava até a exalar um leve odor de peixe que lhe lembrava o das crianças de Ancona, provavelmente por ter manuseado o invólucro do pergaminho de Leo.

A vista que se estendia diante deles era diferente, agora que haviam ultrapassado a curva do caminho. Conrad apontou para o vale. Aqui e acolá, sobre afloramentos rochosos, blocos marrom-avermelhados amontoavam-se uns em cima dos outros.

— Lá está a aldeia de Sassoferrato, e bem longe, à direita, pode-se distinguir Fossa to di Vico. Teríamos levado quatro dias para chegar lá pela estrada que segue para o sul.

Uma sensação de ternura tomou conta de seu coração, uma emoção que seria de esperar somente durante uma meditação sobre o Menino Jesus. Mas ele não estava preparado para sentimentos de afeição por uma mulher de carne e osso. De repente, Conrad temeu que Deus o precipitasse do alto de seu pouso caso cedesse ao menor impulso. Fez um esforço para trazer à tona um pouco da hostilidade que sentira pouco antes de pisarem na saliência rochosa, mas a vulnerabilidade da moça lavara de sua alma todo resquício daquele sentimento negativo. Apesar da arrogância e das bravatas, ela precisava da sua proteção.

Finalmente, a tremedeira passou e ele retirou o braço dos ombros dela.

— Acho que agora você vai ficar bem.

Conrad enfatizava deliberadamente as palavras que sabia que *devia* dizer. Precisava mudar a atmosfera reinante, e depressa.

— Como está seu ombro? Consegue erguer o braço? — perguntou.

Ansioso por ser prestativo, pegou o antebraço de Amata para ajudar a erguê-lo. Em vez de músculo, sentiu algo sólido por dentro da manga, como uma lata, e mais espesso do que um osso. Amata puxou com força o braço, e seu corpo estremeceu.

— Não está quebrado — disse —, mas acho que não serei de grande ajuda na colheita das uvas quando voltar para São Damião.

Ela trocou a posição das pernas, lutando para se levantar.

— Devíamos começar a nos mexer.

Ao apalpar o que quer que fosse que Amata escondia na manga, ele a havia instigado a agir. Queria perguntar do que se tratava, porém decidiu que

não era uma boa hora para pressioná-la.

— Tem certeza de que não precisa descansar um pouco mais? A maioria das pessoas mas não superaria tão depressa a experiência de ver a morte de perto. Sobretudo alguém que tem sido sempre protegida, como você.

A intenção dele era acalmar. O rosto de Amata ficou rubro e seus olhos se estreitaram em duas fendas.

— Protegida? O que sabe sobre a minha vida? — rebateu ela. E deu-lhe as costas, dirigindo-se para a última parte da trilha. — Às vezes você é um perfeito idiota, irmão, mas acabou de me lembrar que tenho outro motivo para voltar a Assis sã e salva.

E tentou levantar, apoiando-se no braço que não estava machucado.

— Espere um pouco, irmã. Conte-me o que quer dizer com isso.

Era uma forma desajeitada de pedir desculpas. O que ele pretendia dizer era: *Se soubesse mais a seu respeito, não faria comentários idiotas.*

— Se chegarmos inteiros ao final desta trilha, pode ser que lhe conte — disse Amata.

O céu nublara-se aos poucos e nuvens de tempestade surgiram na direção sudeste. À distância, as irregulares cadeias de montanhas assumiam a aparência de ondas violentas açoitadas pelo vento à medida que a escuridão se adensava e se espalhava. As nuvens podiam ser prenúncio de chuva. Ou pior, o ar frio poderia provocar as fortes lufadas ascendentes que Conrad tanto temia. Precisavam de fato seguir adiante.

Apoiou o cotovelo de Amata, ajudando-a a ficar em pé. Assim que ela retomou o equilíbrio, Conrad desfez as laçadas da corda que usava como cinto e estendeu-a para ela. — Passe-a pelo seu cinto antes de eu amarrá-la de novo em minha cintura.

— Não tem medo que eu o arraste comigo, se escorregar?

— O que tiver de acontecer, irmã, acontecerá a nós dois. Deus nos uniu nesta tarefa. Creio que Ele quer que continuemos juntos. Ou que terminemos juntos.

— Belo discurso para um frade — disse Amata, sorrindo. — Se tivesse vindo de um admirador, teria sido completamente romântico.

E acrescentou, dessa vez em tom sério:

— Obrigada por preocupar-se comigo. Fui grosseira com você. Tenho pouca afeição pelo hábito sacerdotal que usamos e também por alguns homens

com os quais briguei no passado. Você é uma boa pessoa e vem me tratando bem. Quero pedir-lhe desculpas antes de nos arriscarmos nesta trilha outra vez.

— E eu também quero me desculpar por qualquer animosidade que tenha sentido por você.

Ela sorriu mais uma vez, mas seus olhos se tornaram tristes.

— Meu irmão Fabiano costumava dizer: "Um beijo de despedida, para o caso de eu morrer."

Conrad percebeu que ela estava prestes a chorar. Inclinou-se e deixou que seus lábios tocassem de leve a testa dela.

— Para o caso de nós dois morrermos, irmã — disse.

Amata enrubesceu e abaixou os olhos. Amassou o cinto dele entre os dedos por um momento e depois o entrelaçou ao seu.

CAPÍTULO V



NO PONTO EM QUE O CAMINHO DAS CABRAS desaparecia num amplo e árido platô, finalmente os dois se entregaram ao cansaço. Amata deitou-se de costas na terra, agitando os braços e rindo de felicidade. Ainda unido à menina pelos cintos de ambos, Conrad se esticou ao seu lado com o coração batendo forte sob o osso do peito, enquanto a tensão ia cedendo aos poucos.

— Oh, Deus, conseguimos! — exclamou Amata.

— *Graças a Deus*, conseguimos — corrigiu o eremita, ofegante.

Um espaço brilhante entre as nuvens mostrava o sol mergulhando na direção dos picos mais altos.

— Logo teremos de encontrar um local para acampar — acrescentou ele. — Já fizemos esforço bastante por hoje.

A paisagem vista do platô agora se espalhava a norte e a leste, e também na direção do sul. Era possível distinguir mais vilarejos e uma ou outra horta cercada nos contrafortes das montanhas. Ainda estavam longe de ser verdadeiros povoados; contudo, dentro de um dia, provavelmente viriam a cruzar com outras pessoas.

— Estamos indo para além daquela cadeia de montanhas mais afastada — explicou Conrad. — Caso haja um vão entre as nuvens no fim da tarde, observe onde o sol vai se pôr. É para lá que vamos seguir a caminho de Gubbio. De Gubbio, acompanharemos as margens do rio Chiagio até Assis. Estaremos lá em dois dias; três, no máximo.

Amata sentou-se e examinou as montanhas distantes ao norte. Será que avistaremos o castelo dos Malatesta? Adoraria vê-lo, mesmo que de longe.

Conrad deu uma risada.

— Não há a menor possibilidade — disse. — Fica a muitas léguas daqui, quase no litoral.

Ela teve um arrepio.

— Odeio lordes. Sobretudo os velhos, disformes e maus como Gianciotto Malatesta.

Conrad conhecia a história, um mexerico tão empolgante que até o homem que vinha a mando de Rosanna não conseguira resistir e contara-o em detalhes para Conrad, numa das vezes em que lhe levava comida. O clã Malatesta de Rimini e os lordes Polenta de Ravenna desejavam formar uma aliança e organizaram o casamento entre Gianciotto e Francesca Polenta. A noiva tinha a idade de Amata, presumia Conrad. Cientes de que Francesca provavelmente rejeitaria Gianciotto por causa da idade avançada e da feiúra, os Malatesti mandaram o irmão mais jovem dele, Paolo, *Il Bello*, representá-lo na cerimônia de casamento, na qualidade de seu procurador. Algum tempo depois da cerimônia, conforme a história, Paolo e Francesca estavam lendo um romance sobre Lancelot no jardim do castelo. Motivados pelo amor que o belo cavaleiro sentia por Guinèvere — que era casada —, começaram a se abraçar e se beijar. Naquele dia, não leram mais nada. Aparentemente, a paixão entre os dois também foi maior que a cautela, e um criado de Gianciotto que assistira à cena de amor contou tudo ao patrão. O final foi trágico; o tipo de bobagem romântica que uma jovem como Amata acharia irresistível.

— Gianciotto com certeza vai arder no fogo do inferno por ter matado a mulher e o irmão — afirmou Conrad. — Mas os amantes sem dúvida também sofrem por causa do pecado que cometeram.

— O pecado deles? Então é pecado amar? Não foi Jesus quem nos disse para amar o próximo?

— Da mesma forma como Ele nos amou, irmã. Não se referia ao apetite carnal quando disse isso. Além do mais, Francesca era casada com o irmão de Paolo.

— Você fala como se ela tivesse sido consultada sobre o casamento! Esses nobres corrompidos se casam com quem bem entendem, e nunca por amor. Por terras, por dinheiro, ou para cumprir algum acordo. Nunca por amor. Tomam o que querem e matam quem contraria suas vontades. Eu os odeio do fundo do meu coração!

— Há nobres maus, temos de admitir, mas também existem nobres

bondosos, da mesma forma como você irá encontrar camponeses bons e maus. Todos são parte do plano de Deus.

— Também conheço homens bons — disse Amata, com uma voz sonhadora. — Meu pai era um homem honrado. Mas homens como Gianciotto Malatesta... Os músculos do maxilar dela se retesaram e o rosto se contorceu, primeiro com expressão de sofrimento, depois de raiva. Conrad pressentiu que ela estava prestes a falar de si.

Em silêncio, o eremita examinou a mata de carvalhos retorcidos que se estendia para além do declive. Pássaros invisíveis saltitavam nas sombras entre os galhos, e seu canto era esporádico e quase inaudível.

Conrad farejou o ar. Sentia o cheiro da tempestade iminente, e parecia que os pássaros também a pressentiam. Sempre contava com um grande aguaceiro na primeira chuva da estação. Pelo menos, ele e Amata teriam bastante madeira para se proteger da umidade. Pedacos de galhos caídos ao acaso cobriam o solo debaixo das árvores, e a lenha de carvalho queimava melhor do que qualquer outra.

Conrad ficou ruminando a aparente contradição de um camponês com espírito nobre, que ele imaginava ser a melhor forma de descrever o pai de Amata; um palpite bastante fácil, já que nove entre dez homens trabalhavam a terra. Segundo a sua experiência, a maioria dos colonos e fazendeiros de aluguel estava ocupada demais para se dedicar a ideais mais elevados. A religião que praticavam não ia muito além de feitiços e poções mágicas para afastar doenças e fazer com que as colheitas fossem abundantes. Quando lhes davam o recesso de um dia santo, eles em geral o passavam bebendo, brigando e cometendo toda espécie de atos licenciosos. Entretanto, por ser padre confessor, Conrad conhecia uma outra exceção — lavradores que superavam muito seus senhores em virtude.

— Seu pai foi maltratado pelo senhor dele? — perguntou enfim.

Amata bufou de raiva.

— Maltratado pelo senhor dele? Meu pai eslava rezando para o *seu Senhor*, desarmado, junto com a mulher e os filhos na capela da família, quando o demônio em forma de gente irrompeu portas adentro e o feriu mortalmente. Mamãe jogou-se sobre o corpo do marido, e um filho do mesmo Satanás levantou sua espada larga e a fez atravessar ambos os corpos. Meu irmão tentou escapar pulando pela janela da capela.

Fez uma pausa.

— Ele gritou meu nome enquanto caía. Depois, não fez mais ruído nenhum.

Escondeu o rosto nas mãos. Seus ombros e costas sacudiam em uma pantomima de dor, pois os soluços eram mudos.

— Nem sei se tiveram um enterro digno.

Conrad desviou o olhar para as sombras que se adensavam sob as árvores. Quase temia fazer a pergunta seguinte, mas depois de ouvir tanta coisa sobre a matança da família, tinha de saber o resto.

— Não quero saber da sua piedade inútil — rebateu ela, áspera. — Não vai trazer minha família de volta.

Embora ela mantivesse os olhos bem apertados, Conrad pôde ver que as lágrimas se juntavam nos cantos.

Aproveitando que os olhos dela estavam fechados, passou a observar-lhe os traços do rosto, na esperança de encontrar algum indício que o ajudasse a compreender essa enigmática mulher-criança. O maxilar contraía-se em linhas duras, as lágrimas escorreram vagarosamente para as têmporas e caíram na terra. Ela havia aberto seu coração, revelando a ferida mais dolorosa, e ele a observara secretamente em toda a sua fraqueza. Mas a rispidez da resposta dela de certa forma o livrara de uma enrascada. Trouxera-o de volta à realidade, espantado e temeroso, olhou a própria mão, que quase usara para acariciar-lhe o cabelo. Havia chegado perto, muito perto, de perder tudo o que conquistara espiritualmente durante os anos que vivera em isolamento.

Quando menino, costumava mergulhar para pegar esponjas no porto de Ancona. Certa vez, enquanto meditava, percebeu que estava comparando essas criaturas a almas humanas. Se deixadas para secar ao sol, as esponjas ficavam claras e leves, como as almas expostas à luz deslumbrante da graça de Deus. Sua própria alma quase atingira o estado de absoluta ausência de peso, pelo qual tanto ansiava antes de Amata aparecer com a carta. Mas, nos dois dias que se seguiram, tinha a sensação de que seu espírito se tornara pesado e inchado, primeiro ao absorver os problemas de Leo, depois os da moça, como se fosse se encharcando de uma emoção atrás da outra, emoções de que se esquecera fazia muito tempo. De repente, desesperadamente, precisava ficar só. Vou procurar um abrigo. Vai chover forte esta noite. Já volto.

Amata recomeçou seu lamento fúnebre. Ele separou os cintos, levantou-se

e bateu a poeira de sua túnica. Ao sair do platô caminhando em direção às árvores, voltou-se para olhar pela última vez aquela figura solitária estirada no cume do morro. Depois, abaixou a cabeça e mergulhou na floresta escura.



O DESGOSTO AINDA PESAVA no coração de Orfeo enquanto contemplava a correnteza levar seu amigo rumo à entrada do porto. Os remadores impulsionavam a galera suavemente através daquela extensão protegida de água.

Adeus, Marco, acenou. Aproveite a viagem de sua vida. Pensarei em você quando estiver andando pelas piazzas de Veneza e dedicarei uma ou outra cortesã à sua memória.

Se pudesse, teria apagado de sua mente os relatos do mais velho dos Polo sobre as damas de Kinsai, as mais belas do mundo, que passavam em suas oscilantes liteiras enfeitadas, com pentes de marfim no cabelo negro como azeviche e brincos de jade balançando contra as faces lisas e macias. Ou as histórias sobre as senhoras do palácio que, cansadas de caçar com os cães reais, tiravam seus vestidos e mergulhavam despidas nos lagos, aos risos, divertindo-se como cardumes de peixes prateados.

Addio, compare, acenou pela última vez quando a galera passou do quebra-mar. Adeus, China.

Seguiu pela beira do cais arrastando os pés, sem se incomodar com o cheiro forte do ar marinho nem com os gritos e rodopios das gaviotas sobre sua cabeça, até chegar diante de um navio de guerra inglês que estava sendo abastecido para a viagem a Veneza. O príncipe anglicano Edward, novo comandante dos cruzados, oferecera ao papa uma escolta com seus navios de guerra assim que soubesse da eleição de Tebaldo.

O marujo que existia em Orfeo maravilhou-se com a embarcação. O vau do tabuado do convés projetava-se pelos lados da embarcação e era fixado por cavilhas ao estilo do sul, mas a relação entre largura e comprimento dos próprios vaus era provavelmente de três para cinco, bem diferente da relação de um para cinco das esguias galeras venezianas. A embarcação de guerra, com toda a certeza, tinha sido construída para agüentar os violentos mares do norte e o oceano aberto, enquanto uma galera como a de Niccolo Polo cortava

suavemente as águas calmas do Mediterrâneo. Tanto o castelo de proa quanto o de popa do navio de guerra elevavam-se em vários níveis, à maneira das carracas sarracenas, e um castelo mais alto elevava-se acima do único mastro. Arqueiros e atiradores com catapulta embarcados nesse navio teriam uma clara vantagem, devido à altura, sobre os que estivessem em galeras de guerra de bordo mais baixo. Os construtores do navio tinham agrupado as aberturas dos remos com apenas vinte centímetros de distância entre os toletes, e seguramente previsto capacidade para duzentos remadores em formação birreme ou trirreme. Com vento forte soprando a favor, a embarcação poderia alcançar a velocidade de doze nós. Nenhum pirata se atreveria a atacar uma flotilha de navios como aquele.

Orfeo gemeu com pena de si mesmo. Piratas, pelo menos, podiam animar a viagem. Observou a cidade com coração e olhar cabisbaixos. Viu os altos baluartes de Acre refletidos no porto, que o movimento das ondas levava e espalhava como se fossa uma miragem. Se o discurso do papa recém-eleito já estivesse marcado pela infalibilidade da visão papal, esses monumentos ao poder seriam transformados em escombros dali a poucos anos. Tudo o que Orfeo sabia agora, porém, era que — por capricho desse mesmo pontífice — seu frágil castelo de esperanças e fantasias se havia esfarelado sem possibilidade de recuperação.

Levantou o queixo, como se desejasse olhar de cima as torres do porto. Eram altas, frias e duras como o pai e os irmãos que o tinham dominado na infância. Ainda criança, corria para os braços da avó quando os mais velhos tentavam subjugar seu pequeno espírito. Por todos os anos que se haviam passado desde então, as mulheres continuaram a confortá-lo, enquanto os homens de sua família, seus amigos e seus colegas de bordo apenas o faziam sofrer.

E assim seria aquela noite. Dando as costas para o navio de guerra, dirigiu seus passos na direção da viela por onde ele e Marco tinham seguido tão alegres naquela manhã.

CAPÍTULO VI



— **M**ALDITO LAMAÇAL! MALDITO BOI MAGRELO! — Primo bateu com o punho na tábua que lhe servia de assento em sua carroça. Tirou os tamancos e jogou-os sobre a carga de lenha; depois desceu, afundando até as canelas na lama que cobria a trilha. Olhou primeiro com raiva para o animal, depois para as rodas de madeira sólida atoladas no barro. A tempestade que varrera as montanhas na noite anterior transformara o caminho num atoleiro.

— Vai levar uma surra nesse couro imprestável se eu tiver de descarregar essa carroça de novo.

Com dificuldade, afastou-se do caminho estreito e arrancou furioso alguns galhos dos pinheiros mais próximos. Espalhou-os na frente de ambas as rodas para dar tração e andou com esforço na lama até a traseira da carroça.

— Eh! Vamos, Júpiter — gritou, para fazer o animal andar, grunhindo e empurrando a carroça por trás. O eixo rangeu e as rodas se movimentaram um pouco para a frente. — Mexa esses ossos! — Girou o corpo, de modo que suas costas encostassem por completo na carga e enfiou os calcanhares na lama. Os pés deslizaram e ele caiu sentado. Com um ruído baixo, a carroça voltou ao sulco anterior.

— *Porco Dio! Putana Madonna!*

Apanhou um punhado de barro vermelho e arremessou-o na estrada, na direção de dois frades que vinham se aproximando, seguindo o rastro deixado pelas rodas. O mais robusto carregava uma sacola pendurada no ombro e parecia não se incomodar com o chão encharcado. Seguia em frente pelo lamaçal, enquanto o frade mais baixo levantava delicadamente a barra da túnica e se equilibrava pela beira da estrada.

— *Merda! Era só o que faltava. Padres passando por mim na estrada. E frades esmolava, ainda por cima.* Primo havia cruzado com um padre numa estrada um dia antes de sua *mamma* adoecer, e ela nunca mais ficara boa. Uma antiga crença enraizada em sua alma dava-lhe a certeza de que o desafortunado encontro com o padre causara a morte da mãe. Como os outros aldeões iguais a ele, tinha um pavor mórbido de sacerdotes; mas, ao contrário dos demais, encarava esse medo de frente. Quando os frades chegaram a uma distância em que sua voz os alcançasse, Primo fulminou-os com um olhar cheio de profunda animosidade.

— Não tenho dinheiro nem comida sobrando e não quero ser salvo — gritou.

O pequeno frade riu num tom agudo, quase uma risadinha de moça. O fazendeiro abanou a cabeça, enojado. *Que dois padres coisa nenhuma. Só um padre sodomita com seu noviço prostituto.* Ele era tão fogoso como qualquer homem e sempre se saía bem nos cantos escuros durante as festas, mas nunca fizera com meninos como os gregos pagãos.

Primo apoiou-se numa trave da carroça e pôs-se de pé. Bateu a lama de suas *vestes*, deixando um desenho listrado em vários tons de vermelho sobre a lã. O barro também se agarrara aos pêlos grossos de suas pernas nuas.

Os dois frades pararam a alguns passos da carroça. O pequeno foi o primeiro a falar:

— *Servite pauperes Christi*, padre. Justamente como Leo dizia.

— O que foi que ele disse? — perguntou Primo. — Se estiver rindo de mim, vou quebrar seu crânio ao meio, seja ou não noviço.

— Ele disse que devíamos dar-lhe uma ajuda — o mais velho respondeu. Primo tirou a boina arredondada e usou-a para enxugar o rosto.

— O quê? E sujar essas mãos ungidas? Pensei que vocês só pegassem em coisas santificadas e dinheiro.

— Quer ajuda ou não? — perguntou o frade, sem rodeios e, obviamente, sem nenhum senso de humor.

— Perdão, perdão, padre. Claro que quero. De cavalo dado não se olha os dentes, como dizem por aí.

E atirou a vara de picar o boi para o noviço.

— Tome, *fratellino*. Veja se consegue despertar alguma vida nesse estrupício de animal. Nós dois empurramos por trás, se o padre estiver disposto.

O frade estudou o animal.

— Ele não é muito grande.

— Pois é. Mas isso é problema meu. O boi tem dois anos de idade, mas é tudo o que me sobrou. O pároco levou a fêmea prenha, mãe dele, em pagamento do enterro, quando a *mamma* morreu. Como são ladrões da mesma laia, vocês sabem como isso acontece.

— Seu pároco tinha direito ao imposto feudal. Tomar o animal da preferência do sobrevivente é um costume antigo.

Os olhos sem cor do frade fixaram-se nos de Primo.

— Para um homem que precisa de ajuda, você devia tomar mais cuidado com o que sai de sua boca.

Primo empertigou-se e estava prestes a xingar o homem quando o menino interrompeu:

— Estou pronto. Quando vocês dois quiserem, podem começar a empurrar...

O frade continuou a encará-lo fixamente com aqueles olhos cinzentos assustadores, capazes de amaldiçoar alguém só com um olhar. O fazendeiro baixou a cabeça. Não estava em condições de fazer do frade um inimigo justamente agora, e seguiu para a parte de trás da carroça.

— Pode ir na frente, padre.

Os homens encostaram os ombros nas grandes rodas. Com um grito, o menino começou a puxar pela dianteira da carroça enquanto aguilhoava o boi com outra mão. Os galhos do pinheiro estalaram sob as rodas, produzindo um perfume que por instantes sobrepôs-se ao odor almiscarado do animal, e muito lentamente a carroça avançou, rangendo. O sino em torno do pescoço do boi tinha, cadenciado.

— Continue empurrando — gritou Primo. — Se me levarem até o topo dessa subida, vamos ter condução para todos. Depois, há uma descida fácil nas próximas léguas.

Os três aplicaram todos os seus esforços, e até o animal parecia revitalizado Com o movimento para a frente.

Bom animal. Bom Júpiter. Esse é o meu bom amigo. Não deixe essas rodas pararem.

Os frades comemoraram ao chegar ao topo da subida, e Primo bateu nas costas do mais velho. A pancada pegou o homem de surpresa, mas ele

respondeu com um sorriso largo.

— Deu tudo certo — disse. Primo subiu de volta para seu assento. Estava bem alegre agora.

— Alguém está cansado? Há espaço para um de cada vez aqui em cima.

Não é preciso, estamos acostumados a caminhar — disse o frade. — Mas, obrigado mesmo assim.

— Eu aceitaria uma carona — o noviço interrompeu. E, estendendo o braço direito, explicou: — Machuquei meu outro ombro. Pode me ajudar a subir?

Primo agarrou o antebraço estendido.

— Dê um empurrão na bunda dele, padre.

O menino riu às gargalhadas.

— Você o ouviu, frei Conrad. Dê-me um empurrão na bunda.

— Fabiano! Veja lá com quem você está falando.

Primo soltou uma risada. Deu um puxão, e o menino aterrissou direto de encontro a ele. O frade olhou furioso, de cara fechada, sobretudo quando o noviço mostrou-lhe a língua.

— Espero que não o esteja apertando. Esta tábua é bem estreita — disse o menino.

— Eu tinha uma vaca que dava vinte de você — Primo retrucou. — Não me atrevia a ordenhá-la junto a uma parede. Poderia me esmagar.

Olhou para o menino com curiosidade:

— Acho que seu padre é um pouco ciumento.

Deu uma piscadela, satisfeito com a própria esperteza, e começou a cantar despreocupadamente:

*Pela floresta frondosa,
Bovo saiu em cavalgada,
E sua Rosabella formosa
trotava a seu lado, animada.*

— Fabiano! — gritou o frade de repente. — Não são os seus pés que estão machucados.

— Dê uma folga para o monstro dos olhos verdes, padre — zombou Primo. E, com uma risada, acrescentou: — Seu noviço não me atrai nem um

pouco.

O frade balançou a cabeça com raiva, mas o menino falou primeiro: *É casado, signore?*

— Não, mas estou pronto para isso desde que a *mamma* morreu. *Papa* e eu bem que precisamos de uma mulher lá em casa.

— Eu também já pensei um dia em casar e ter filhos — declarou o noviço.

— Bem, você ainda pode fazer filhos, se eles não castrarem você nem o deixarem sair perambulando por aí longe de seu mosteiro — observou Primo. — Existe mais de uma criança bastarda em nossa aldeia com os olhos azuis do pároco.

E deu um soco com tanta força na perna magra do passageiro que o menino encolheu-se de susto.

O frade já tinha visto e ouvido o bastante. Cobriu a cabeça com o capuz e apertou o posso, ultrapassando a carroça. Seus pés deslizavam na lama, mas com teimosa persistência conseguiu estabelecer uma pequena distância entre ele e os outros dois.

— Ei! Espere aí, padre — Primo chamou. — Quero lhe fazer uma pergunta. Uma coisa séria.

O frade parou e esperou a carroça aproximar-se, mas recusou-se a retirar o capuz. Quando Júpiter estava chegando ao seu lado, Primo perguntou:

— Já ouviu a história dos dançarinos no cemitério da igreja?

O fazendeiro não podia ver o rosto do homem, mas um rosnado gutural convenceu-o de que o frade o escutava.

— Era um dia de festa em homenagem à Virgem, com todo o povo da aldeia bêbado como um gambá, pulando ao redor das lápides e cantando. E, a noite inteira, a mesma cantiga: "Querida, tenha piedade." E houve quem tivesse mesmo pena, no escuro, sabe? Mas, com toda aquela algazarra debaixo da janela de seu quarto, o velho pároco não pregou o olho. Bem, você pode imaginar o estado em que ele se encontrava na manhã seguinte, ao rezar a missa: com os olhos turvos, apoiando-se no altar para se manter de pé. Então, levantou os olhos para o céu para começar as orações; porém, em vez de "Senhor, tende piedade", deixou escapar: "Querida, tenha piedade."

Primo deu uma sonora gargalhada e socou de novo a coxa do menino.

— Que escândalo! Até hoje choro de tanto rir só de pensar.

Mesmo esfregando a perna dolorida, o menino achou graça. Contudo, para

decepção de Primo, o frade ainda se recusava a participar da brincadeira. Muito pelo contrário, apertara o passo novamente.

— Não é nada pessoal — gritou-lhe o fazendeiro. — É porque sempre que estou sentado aqui em cima na minha carroça olhando para o rabo do Júpiter lembro-me do padre que me levou embora a vaquinha. Não tem nada a ver com você.

Dobrou-se no assento e riu até quase engasgar.

Como o frade já estava uma boa centena de passos à frente, o menino começou a ficar inquieto. Beliscou o pescoço, e um olhar preocupado tomou conta de seus olhos escuros.

— Você foi longe demais — admitiu. — Ele ficou realmente bravo.

— Que nada! Ele vai sobreviver. A casca dele é grossa, e eu estava precisando de uma boa risada depois dessa noite de temporal.

— Ainda assim, não devia ridicularizá-lo desse jeito. Vou lá conversar com ele. B melhor ficarmos juntos.

O menino saltou da carroça e saiu chapinhando na lama, atrás de seu companheiro. Quando o noviço afinal alcançou o frade, Primo se sentiu instalado numa primeira fila, pronto para assistir a um espetáculo de entretenimento. *Ôôpaa! O pequerrucho está levando uma bronca, pensou. E devolvendo na mesma moeda.* Com suas túnicas enlameadas, os frades lembravam as marionetes de Puncinello e sua mulher, ralhando um com o outro e sacudindo os braços como uns bonecos. Ficou na expectativa de que o afeminado levasse uma bofetada num lado da cabeça, do jeito que seu pai costumava bater na *mamma* quando ela o aborrecia. Mas talvez os frades não tivessem permissão para estapear as orelhas dos seus amados.

Por fim, o frade diminuiu o passo e mais uma vez esperou o carro de boi passar ao seu lado.

— Qual o seu destino, *signore*? — resmungou.

Primo tirou a boina e tentou parecer bastante encabulado.

— A abadia de Santo Ubaldo, do lado de fora de Gubbio, Vossa Reverência. Estou levando essa madeira como pagamento do aluguel para os monges de lá. Tenho de entregar uma carga na abadia antes de poder cortar lenha para mim da floresta deles. Estaremos no portão da frente hoje à tarde, se não pegarmos mais chuva e se o lombo do Júpiter agüentar.

— Então você está a serviço dos monges negros de São Benedito? —

perguntou o frade.

— Pior que isso: apesar do que diz o sermão, sirvo a dois senhores. Contudo, não posso dizer que amo um e odeio o outro, pois pelo meu gosto largaria os dois. Meu primeiro senhor, o conde Alessandro, matou um de seus aldeões por ele ter demorado a sair do caminho. Esporeou seu cavalo em cima do homem. Foi absolvido, justificadamente, porque o morto era seu próprio servo e tudo o mais; porém, como penitência, ele empresta aos monges algum pasto, metade de suas florestas e metade da minha pessoa. O que você está vendo aqui à sua frente é a metade de um homem. Metade de mim está à disposição do capataz dos monges; a outra pertence ao bailio do condado; entretanto, não sei dizer qual metade trabalha mais. E enquanto isso o pedaço de terra que me pertence de fato fica abandonado.

O frade retirou o capuz. Ficou refletindo ao lado da carroça, enquanto o noviço caminhava alguns passos atrás. Por um momento, ouviam-se apenas a sineta do boi, o rangido da carroça e as batidas dos cascos do animal na lama.

— São Francisco sabia do que estava falando — disse o frade, afinal. — Triste é o dia em que os homens de Deus chegam à conclusão de que precisam de propriedades; e mais triste ainda é quando vendem absolvição para obtê-las.

— Seu santo disse muita coisa certa, embora fosse um pedinte muito asqueroso, ao jeito dele. Está entendendo o que quero dizer, padre? — e olhou de soslaio para Conrad. — Já vi que não entendeu nada — continuou Primo. — No ano de 1225, meu velho pai, na época com a idade que tem hoje o seu noviço, viu o santo em carne e osso. Os irmãos o levavam na garupa de um jumento, cego como um morcego à luz do dia, com as mãos e pés enrolados para cobrir as chagas de Cristo.

— Não havia nada de asqueroso em sua cegueira ou em suas feridas — interrompeu o frade. — Ele contraiu uma doença no Egito, ao tentar converter o sultão ao cristianismo. Quanto aos estigmas do Cristo crucificado, foram a maior dádiva jamais concedida ao filho de um mortal.

— Ah, sim, você tem razão, é claro; mas deixe-me acabar de falar. Meu pai estava olhando para ele, como já disse, quando, de trás de uma moita, saiu mancando um leproso, sacudindo sua matraca e segurando a tigela de esmolas.

— Tragam meu irmão aqui", ordenou o santo, e logo começou a tatear a cabeça do desgraçado. Assim que encontrou o rosto e os lábios, beijou-os como se ele fosse o mais bonito dos seres e a mais doce das criaturas. Agora, pode ser

que você tenha outra opinião, mas isso é o que eu chamo de asqueroso.

— Não é só você que pensa assim — reconheceu o frade. — Eu não teria toda essa força. O fervor sagrado é também uma dádiva de Deus.

Enquanto Conrad falava, a carroça fez uma curva na trilha encharcada. Por todos os cantos das montanhas azuis, a névoa da manhã subia como fiapos de plumas. O fazendeiro distinguiu, a algumas léguas, as torres altas, cinzentas e monolíticas da abadia encravada na encosta do monte Ingino. Abaixo da abadia, no sopé da montanha, aninhava-se o vilarejo de Gubbio.

— Vejam, irmãos — anunciou. — É o final da minha jornada. Deveriam também se hospedar lá esta noite. Dom Vittorio tem uma mesa bastante farta.



QUANDO A NÉVOA FINALMENTE SE DISSIPOU, em pouco tempo o sol secou a entrada, cobrindo-a de crostas de argila. O carro de boi seguiu com mais facilidade em direção ao seu destino. Em algum momento entre a noa e as vésperas, os três viajantes chegaram à casa da guarda do mosteiro.

Conrad parou para dobrar os joelhos e aproveitou para alongar os músculos da panturrilha, feliz por estar próximo do fim de mais um dia de caminhada — e satisfeito por estar prestes a se livrar do incômodo fazendeiro, embora, ainda tivesse de se haver com Amata. Com o homem a encorajá-la, ela se divertira às custas de Conrad quase o dia inteiro. *Que provação devia ser aquela moça para a madre prioresa e para as irmãs em São Damião!* Quanto mais cedo ele a colocasse atrás dos muros do convento, e quanto mais cedo pudesse estar sozinho de novo, melhor seria.

Inspirou profundamente, enchendo os pulmões com o ar fresco, ainda com cheiro de chuva. Uma brisa fria rodopiou numa lufada intermitente, agitando as folhas amareladas da floresta, depois cessou tão repentinamente quanto começara.

À frente deles, na porta da casa da guarda, um monge de idade avançada apertou os olhos para enxergá-los melhor. Para além da pequenina cabana, uma ponte de madeira sobre a cabeceira do Chiagio levava ao grande portão, reforçado por braçadeiras de ferro, do próprio mosteiro. As muralhas pareciam mais as de uma fortaleza militar, com suas vigias e fendas para armas. Conrad

suspeitava que houvesse ainda uma porta levadiça gradeada, escondida atrás do portão principal.

Na margem oposta do rio, uma rolinha solitária ciscava aqui e ali na relva castanha, de vez em quando bicando uma semente atirada ao solo pela tempestade. Assim estarei daqui a mais alguns dias, filosofou o eremita: investigando pergaminhos antiquados, ansioso por achar um único grão que dê sentido a esta jornada.

Durante a última hora de caminhada, quando o fazendeiro e Amata finalmente se cansaram das brincadeiras e da longa e ensolarada estrada, os pensamentos de Conrad voltaram à mensagem de Leo. Ficou apreensivo ao se dar conta de que muito em breve chegaria a Assis sem ter ainda a menor idéia do que devia procurar. "Descubra a verdade das lendas", pedira Leo — uma pista não muito maior do que as sementes bicadas pela rolinha.

— Olá, Primo — exclamou o porteiro. — Faz tempo que não aparece. Leve sua carga pelo portão norte e peça uma caneca de cerveja ao despenseiro.

Os dois trocaram amenidades enquanto a carroça passava. Então, o velho monge virou-se para os frades.

— A paz do Senhor esteja contigo, irmão — cumprimentou Conrad.

— Convosco também — o monge replicou. — Vão pernoitar por aqui? Isso, naturalmente, seria impossível. Levar uma mulher para dentro das muralhas do mosteiro seria uma grave infração, apesar do disfarce de Amata. E, além do mais, Conrad não tinha certeza de que ela conseguiria manter a compostura. Mesmo que passassem a maior parte do tempo nos aposentos que os monges reservavam para as visitas, em algum momento teriam de interagir com os religiosos.

— Deus abençoe vossa bondade — disse o eremita —, mas queremos seguir viagem para Gubbio, aproveitando o resto da luz do dia.



ENQUANTO CONRAD RECUSAVA a oferta de hospitalidade do porteiro, um estrondo começou a sacudir o caminho sob seus pés. O monge idoso não demonstrou surpresa, apenas apontou para a colina abaixo, de onde meia dúzia de monges fortemente armados vinha subindo em disparada. Suas montarias

galopantes não eram delicados palafreiros, mas enormes cavalos de guerra, tão grandes que o pescoço chegava à altura da mandíbula de um homem, e com peitos largos como barris. Uma matilha de cães os acompanhava, correndo pelas margens da estrada para evitar os cascos e os grossos respingos de lama que estes levantavam. Os cavalos investiram em linha reta na direção dos viajantes, com as bocas espalhando espuma e as orelhas deitadas para trás. Paralisado, Conrad só conseguiu cobrir o rosto com os braços. No último instante, o líder dos cavaleiros puxou com força a cabeça do animal, enfiando os pés nos estribos enquanto suas mãos poderosas firmavam as rédeas. Parecia ser um homem de grande força física, e a cruz cravejada de pedras preciosas que balançava sobre seu largo tórax o identificou como Dom Vittorio, o abade de Santo Ubaldo.

— Que prazer em vê-los, frades! — gritou para Conrad e Amata.

Ele se levantou nos estribos, dando a impressão de dirigir-se a eles das próprias copas das árvores que emolduravam sua cabeça meio calva.

— A providência de Deus certamente os enviou até mim para que este dia não seja um total desperdício.

Os olhos de Conrad arregalaram-se diante dessa exibição de lanças e alabardas, de coldres carregados de setas que lhes pendiam dos ombros, de clavas e balestras oscilando presas nas selas. Sinais de que haviam estado à caça de criaturas mais perigosas do que meros cervos.

O abade seguiu seu olhar de espanto:

— Aqueles malditos habitantes de Perúgia — explicou. — Deus fundiu suas almas no fogo do inferno. Contrataram uma gangue de assaltantes de estradas para importunar quem passa por nossos caminhos; mas não vimos nem sombra dos patifes hoje.

Conrad lembrou que a abadia de Santo Ubaldo era proprietária da maioria das terras aráveis e das florestas nos arredores de Gubbio, e nada mais natural que os monges agissem como senhores feudais, protegendo periodicamente seus domínios contra invasores e predadores. *Uma outra maldição associada à propriedade*, pensou. E outra razão para ser grato pelo amor que sua Ordem dedicava à Senhora Pobreza — ou, pelo menos, por seu suposto amor a essa dama. Dom Vittorio fez sinal para que os outros monges seguissem para o mosteiro. O imenso portão foi aberto pelo lado de dentro, ao som do atrito das correntes e barras transversais. Quando os cascos do último cavalo ecoaram pela ponte, ele voltou sua atenção para Conrad e Amata. O eremita já tinha começado

a descer o caminho rumo a Gubbio, com a moça seguindo atrás.

— Esperem, irmãos. Quero que passem a noite aqui como meus hóspedes.

— *Grazie molte*, Reverendo Pai — disse Conrad —, mas há uma casa da nossa Ordem em Gubbio. Tínhamos planos de dormir lá.

Conrad também sabia que na cidade havia um convento das Damas Pobres onde Amata poderia pernoitar, embora ele preferisse passar a noite sob as árvores na floresta a qualquer outra alternativa. Desejava evitar complicações, estando tão perto de Assis.

— Bobagem. *Insisto* que fiquem.

A maneira enfática com que o abade proferiu a palavra "insisto" deixou claro que o homem sempre conseguia o que queria.

— Quero que dirija os serviços amanhã. Afinal, é o dia da festa do fundador da sua Ordem.

— Quatro de outubro, já?

Conrad não podia acreditar que havia esquecido da Festa de São Francisco, o dia mais importante no calendário da Ordem. Era nisso que dava perder a confiança no breviário. De repente, o remorso apertou-lhe o coração. Conseguiu apenas responder com voz fraca:

— Não estamos acostumados aos seus rituais.

— Ah, mas pelo menos pode ler as lições da vigília. Vou tomar sua aceitação como um favor pessoal.

O tom calculado do abade deixou implícito que também tomaria uma recusa como uma ofensa pessoal.

Xeque-mate! Como poderia dizer não ao monge sem confessar que viajara com uma mulher nos dois últimos dias? Lançou um olhar para Amata. Com os olhos, implorou seu apoio. Tinha esperanças de que, com sua inteligência rápida, ela pudesse livrá-los dessa enrascada, finalmente prestando a ajuda que Leo prometera.

De costas para o abade, ela dirigiu a Conrad um largo sorriso malicioso:

— Vamos ficar, padre — disse. — Nunca passei a noite numa abadia desses monges.

Seus olhos muito abertos eram uma descarada zombaria de uma expressão de inocência. Por uma fração de segundo, Conrad imaginou-se espancando-a sem parar, com a vara mais grossa que estivesse a seu alcance.

Do alto de seu cavalo, Dom Vittorio curvou-se galantemente para Amata.

Obrigado, jovem frade — disse. — Você será tão bem tratado quanto um cardeal ou um emissário do papa em visita a este mosteiro. Se o seu rude companheiro insiste em tomar outro caminho, ele que o faça sem você.

Conrad abaixou a cabeça para disfarçar a exasperação que lhe contraía os cantos da boca. Fora derrotado. Nada mais lhe restava a não ser arrastar os pés — atrás deles, enquanto o abade incitava seu cavalo a passar pela ponte e Amata o seguia, lépida e obediente. Tinha de acompanhá-los, ao menos para tomar conta *dela*. Só Deus sabe as confusões que poderia criar se a abandonasse aos próprios caprichos.

CAPÍTULO VII



CONRAD CALCULOU UNS CENTO E VINTE homens e meninos, à medida que os monges, em fila, foram entrando no refeitório depois das vésperas. Um mosteiro imenso. Tomaram seus assentos em duas fileiras de mesas apoiadas sobre cavaletes, que cobriam todo o comprimento do extenso salão. Dom Vittorio conduziu Conrad, Amata e o seu prior ao longo da parede baixa na outra extremidade do refeitório para uma mesa pequena instalada sobre um tablado. O hebdomadário, monge responsável pelo ofício litúrgico da semana, subiu os degraus do púlpito, dando fim à procissão de entrada.

O estômago de Conrad dava boas-vindas á perspectiva de algum alimento depois de um dia na estrada, embora talvez aquela não fosse uma refeição completa. Em um mosteiro com regras rígidas, os monges já teriam feito a refeição principal no meio do dia. Por outro lado, não achava que Dom Vittorio fosse de seguir regras severas. Conrad via o abade mais como um castelão rural, daqueles que viviam nas torres, hospitaleiros remanescentes de uma era feudal em extinção — como o pai de Amata devia ter sido. Da cozinha exalava o cheiro de saborosas iguarias, o que vinha confirmar suas suspeitas.

O ar da noite esfriara depressa, mas o irmão encarregado da cozinha providenciara para que a lareira estivesse acesa com antecedência, trazendo conforto ao ambiente. Conrad notou que o refeitório também servia de depósito de armas do mosteiro. Por todo lado, o alaranjado das labaredas se refletia no brilho das balestras, das armaduras, das armas de ferro e dos escudos de metal pendurados na parede. A julgar pelas aparências, era como estar jantando no grande salão do duque de Spoleto.

A um sinal de Dom Vittorio, o hebdomadário começou a ler a biografia de

um santo beneditino constante do obituário da Ordem. Imediatamente, o nível dos sussurros nas mesas começou a subir. Cabeças começaram a se voltar para os visitantes. Conrad notou que as atenções se fixavam cada vez mais em Amata; pior ainda, ela devolvia os olhares dos monges com seu largo e irresistível sorriso.

Será que ela não percebia que, mesmo disfarçada de rapaz, corria tanto perigo quanto uma moça no meio de monges indisciplinados? Conrad sentiu-se com Lot protegendo os anjos que o visitaram da malícia dos habitantes de Sodoma e Gomorra. Não que Amata pudesse ser considerada um anjo por *qualquer* critério imaginável. Não obstante, sentia-se responsável por ela. Debruçou-se na direção da menina e sussurrou:

— Prudência, *irmão*, prudência. Para alívio dos nervos de Conrad, a comida chegou naquele instante. Em vez do caldo ralo acompanhado do "pão de cavalo", escuro e duro, feito de cereais grosseiros misturados a ervilhas secas, que ele imaginava que seriam servidos como refeição leve para os monges, o cozinheiro e seu pequeno exército de ajudantes carregavam bandejas e mais bandejas de porco assado e fatias de queijo. Um jovem ajudante deixou vários tabuleiros com um delicioso pão branco diante deles. Outro encheu suas taças com vinho de aroma agradável, e o tempo todo Dom Vittorio sorria para os convidados com afável sociabilidade:

— Comam, irmãos. Amanhã terão de enfrentar a estrada novamente. Precisam recobrar as forças.

O que antes era um murmúrio foi-se intensificando até virar uma algazarra festiva, que abafou por completo a voz do leitor. Ao olhar para a outra ponta do salão, Conrad viu que os cães de caça tinham invadido o refeitório e passeavam por entre as mesas. De vez em quando, um dos monges atirava para cima um pedaço de carne ou de pão, provocando os cachorros, que rosnavam e mordiam-se uns aos outros. Entre os noviços instalados no fim do salão, a brincadeira parecia ser jogar o pedaço de comida na ponta da mesa da frente, obrigando um irmão noviço a salvar sua refeição de um cão que saltava para apanhá-la.

Embora sua consciência o repreendesse por comer com tanta voracidade quanto os monges, o estômago do eremita invalidava suas objeções. Engoliu todos os pedacinhos de todas as fatias extraordinariamente grossas de carne de porco que lhe foram oferecidas, sendo ele um convidado. Amata também Comia com entusiasmo e, quando a refeição terminou, comemorou junto com os

monges quando estes tiraram os tampos das mesas de cima dos cavaletes e os viraram. As taças de estanho vazias caíram retinindo nas lajes de pedra do chão junto com os restos de comida, para deleite dos cães, que remataram todo aquele alvoroço com latidos e rosnados furiosos enquanto se atiravam às sobras. No meio do tumulto, Conrad percebeu que os lábios do leitor continuavam a se mover, até que finalmente o monge fechou o livro e persignou-se.

A ceia chegara ao fim.

A equipe da cozinha alinhara-se contra a parede, esperando os cachorros terminarem. Os monges formaram fileiras e marcharam de volta à basílica da abadia para a liturgia das completas, o último ofício do dia. Enquanto os outros entravam na nave e tomavam as suas posições no coro, Conrad e Amata saíram da fila. Os dois mantiveram-se separados dos demais no transepto norte, enquanto os monges negros oravam pedindo um sono tranqüilo e proteção contra o demônio, que, de acordo com a advertência de seus salmos, fazia a ronda *sicut leo rugiens*, como um leão rugindo na noite que se aproximava, buscando quem iria devorar. Conrad abaixou a cabeça e desejou que Amata conhecesse latim o suficiente para levar a sério o conselho.

O eremita vivera fora das comunidades religiosas por tanto tempo que esquecera como era impressionante a reverberação produzida por tantos homens, jovens e velhos cantando em uníssono. Apesar do comportamento negligente, pensou, esses monges sabiam cantar. As vozes graves, sobretudo, faziam seu peito ribombar. Como a basílica ia ficando cada vez mais escura e os religiosos mal podiam distinguir uns aos outros na penumbra que se adensava, ele permitiu que lágrimas de alegria transbordassem de seu coração e lhe deslizassem pelo rosto. Não sabia, muito menos se importava, se Amata percebera. Naquele instante, sentia-se tão só naquela basílica cheia de gente quanto ela se sentira, com seu cântico fúnebre, na noite anterior.

Um período de meditação silenciosa seguiu-se ao hino final, depois do que Dom Vittorio procurou os frades com os olhos e fez um sinal para que o seguissem. Conduziu-os a um quarto de dormir que ficava ao lado de seu escritório.

— Normalmente, é aqui que durmo — explicou —, mas, como a casa de hóspedes está sendo reformada, abro mão de minha cama para meus honrados visitantes.

Uma única vela iluminava o quarto, mas era o suficiente para revelar mais

conforto do que Conrad imaginava ser possível em um mosteiro. Havia uma cadeira para leitura, estofada, diante da janela de vidros coloridos, e uma banquetta alta acolchoada ao lado da escrivaninha do abade. Duas tapeçarias grandes serviam para isolar a friagem das paredes de pedra: numa delas, a cena de um javali encurralado por caçadores; na outra, um falcoeiro no ato de remover o capuz de seu pássaro. O que mais o surpreendeu, porém, foi a cama do abade. Um monge deveria dormir em um colchão singelo, normalmente um grande saco de pano recheado com palha. Essa cama possuía uma armação de madeira que afastava o colchão do chão frio. As cortinas do dossel amarradas aos pilares da cama estavam abertas, exibindo uma coberta acolchoada de penas e uma carreira de travesseiros grandes como sacos de trigo. Quando fechadas, as cortinas serviriam como proteção contra ventos fortes, no inverno, ou contra mosquitos, no verão. Muito provavelmente, o colchão também teria enchimento de penas de ganso. Conrad tentou adivinhar se até mesmo um papa já teria um dia dormido numa cama igual àquela. O abade chegou perto de Conrad e disse em voz baixa:

— A cama é grande o bastante para vocês dois? Ou posso mandar vir um outro colchão para seu noviço.

Falou olhando o rosto de Conrad bem de perto. O eremita percebeu que a observação de Dom Vittorio era ao mesmo tempo um teste e uma sugestão.

— Oh, não! Não... — gaguejou Conrad. Voltou-se para a porta. — O mesmo quarto? Isso não iria...

O abade balançou a cabeça e levantou as mãos:

— Não diga mais nada. Você está certo em querer evitar até mesmo a suspeita de impropriedade. Há em minha casa, embora eu tenha vergonha de admitir, aqueles que estão preocupados demais com a impureza da carne. Poderiam interpretar mal se você compartilhasse o quarto com o menino. Ele deve passar a noite no dormitório dos noviços. Dirigiu-se a Amata:

— Venha comigo, filho.

Amata deu de ombros para Conrad, como se dissesse: *Que posso fazer? Não tenho escolha.* Sorriu e saiu atrás de Dom Vittorio.

— Espere — Conrad deixou escapar. E, sem pensar, agarrou o ombro machucado da moça, que reagiu com um grito de dor. O tom agudo do grito deixou os três atônitos. Perturbado, Conrad voltou a falar, procurando desviar a atenção do monge com uma rápida explicação.

— Esqueci de mencionar, Reverendo Pai, que Fabiano machucou o braço num acidente ontem.

Sua voz vacilou um pouco, o suficiente para que ele temesse ter revelado o segredo. A única esperança que lhe restava era continuar falando.

— Ele deveria ficar com a cama mais confortável. Um colchão de palha no dormitório dos padres já está bom para mim. Normalmente durmo no chão.

Dom Vittorio fitou Amata com certa curiosidade enquanto seguia com o eremita para a porta.

— Como queira, frei Conrad.

Tornou a olhá-la quando saíam do quarto.

— Não dê atenção ao sino da vigília, jovem frade, e descanse bastante. Se ainda estiver sentindo dor pela manhã, vou pedir ao irmão da enfermaria que o examine à luz do dia.

Amata fez uma mesura... um pouco ansiosa demais, na opinião de Conrad. A pobre menina estava apavorada e não queria abrir a boca com medo de que sua voz pudesse traí-la.

Conrad já percebera que não teria descanso enquanto não conseguissem escapar daquele lugar. Os músculos de seu estômago contorciam-se quando ele e o abade entraram no claustro; o porco suculento e gorduroso borbulhava em seus intestinos. O toque-toque das sandálias de Dom Vittorio nas lajotas do chão da galeria e até o roçar dos pés descalços de Conrad ecoavam nas paredes do claustro de uma forma assustadoramente alta no escuro silêncio do ambiente estranho. O frade relanceou os olhos com preocupação para o sombrio pátio interior, quase sentindo a presença de figuras misteriosas, ocultas, espreitando impacientes atrás de cada coluna iluminada pelo luar. *Por favor, tenha juízo esta noite, Amata*, implorou, mas ela evidentemente não podia ouvir a súplica enquanto se acomodava para dormir na cama macia.



ACOSTUMADO A SONS NÃO MAIS ALTOS que o do ocasional roçar das folhagens do pinheiro contra a parede da cabana, Conrad passou uma noite agitada. O dormitório tinha sido dividido de modo que cada monge ocupava uma pequena cela individual, mas as divisórias de madeira, da altura de um homem, não

constituíam barreira suficiente contra a cacofonia de dúzias de monges a roncar.

Mas, mesmo que o quarto fosse tranqüilo como um cemitério, a sua preocupação com Amata o teria mantido acordado. Todo farfalhar de colchão, todo ranger de tábuas do assoalho o despertavam completamente. Hora após hora, imaginava monges saindo e voltando às suas camas. Finalmente, no meio da noite, o cansaço absoluto o venceu e ele caiu num sono inquieto. Mas o descanso durou pouco. Mais cedo do que parecia humanamente aceitável, o monge que fazia a ronda noturna fez retinir o sino que levava consigo, avisando que era hora de se levantarem para as vigílias.

Sonolento, Conrad repetiu para si as mesmas palavras do salmista que havia citado para Amata no dia anterior:

— Sete vezes por dia eu Vos louvarei, e à noite chamarei por Vosso Santo Nome. *Maldito Rei Davi e sua insônia*, resmungou para si mesmo, e de imediato repreendeu sua mente profana e seu corpo preguiçoso. Obviamente, tratara seu "templo" com muita condescendência no refugio da floresta. Até esses descomedidos monges negros o encabulavam. Esfregou os olhos, espreguiçou-se trôpego atrás dos irmãos, agora em profundo silêncio, para a basílica. Ia aquecendo as mãos e braços durante o percurso; o ar da noite esfriara o claustro e o sol somente apareceria dali a umas cinco horas. Dentro da igreja, os monges negros formavam quatro fileiras, duas em cada lado da nave, com os padres ao longo das filas de assentos mais elevados, junto da parede, e os noviços no nível do chão, abaixo deles. Por não ter posição hierárquica no grupo Conrad postou-se no final de uma das fileiras de padres. Não viu Amata. Tudo indicava que ela havia seguido o conselho de Dom Vittorio e continuava a dormir.

O eremita aproveitou a chance para cochilar mais um pouco enquanto seu vizinho no coro arrumava os marcadores de seda no volumoso Livro dos Salmos no Antifonário, que se equilibravam no suporte comum aos dois. Quando forçou seus olhos a se reabrirem, sentiu-se um pouco melhor ao ver que os outros estavam tão fatigados quanto ele. Até Dom Vittorio dava a impressão de ter dormido mal. Seus olhos estavam inchados, as maçãs do rosto cheias de manchas vermelhas, e sua voz rangeu como as correntes enferrujadas uma ponte levadiça quando entoou a bênção para abrir a cerimônia: *Jube, Domine, benedicere*.

Um por um, os hinos, salmos e antífonas saíram claudicantes da boca de Conrad, até chegar a hora da primeira leitura. A um sinal de Dom Vittorio,

Conrad fez uma ligeira saudação e subiu ao púlpito que ficava atrás do lugar do abade. Um dos monges já tinha aberto o livro nos trechos que ele deveria ler.

A formação religiosa de Conrad prevaleceu quando entoou as primeiras quatro lições do Comum dos Confessores. Quanto mais lia, mais gostava dessa sua função na cerimônia dos monges negros, orgulhoso porque São Francisco estaria sendo honrado por membros de outra Ordem que por vezes fora considerada rival. Todavia, ao virar a página para começar a quinta leitura, emudeceu. Por três vezes, examinou o cabeçalho: *Lectio de Legenda Major Ministri Bonaventurae*.

Refletiu: *Será que foi para isso que Deus me fez passar esta noite de sofrimento?* O texto restante vinha da *Legenda Principal*, a biografia de São Francisco, de autoria de Bonaventura. Aqui, finalmente, poderia estar uma pista para entender a mensagem de Leo. Uma vez mais, um fragmento da carta de seu mentor cruzou sua mente, enquanto ele permanecia ali parado, apertando as beiradas do púlpito: *Leia com os olhos, veja com a mente, sinta no coração a verdade das legendas*.

Um ruído de tosse no coro logo abaixo do púlpito trouxe-o de volta à sua incumbência. Fileiras de rostos pálidos e aborrecidos viravam-se para ele da nave e, outra vez, Dom Vittorio pigarreou ostensivamente. Conrad curvou-se num pedido de desculpas e retomou a recitação.

— *Franciscusy Assisii in Umbria natus* — entoou —, Francisco, nascido em Assis, na Úmbria... — e logo voltou ao ritmo da narrativa. Quando estava quase no meio da sétima lição, porém, Conrad emudeceu de novo. A passagem descrevia como, dois anos antes da morte de Francisco, um anjo serafim com seis asas luminosas, cor de fogo, aparecera diante do santo e imprimira em suas mãos, pés e na lateral do corpo as chagas do Cristo crucificado.

De qualquer maneira, Conrad provavelmente teria feito uma pausa ao chegar nessa parte. O momento em que o anjo marcou o corpo de São Francisco com os estigmas sagrados era o mais dramático e emocionante das crônicas da Ordem. Qualquer frade ficaria comovido. Entretanto, mesmo com o coração tocado pela imagem, uma das indagações de Leo importunava sua mente. *De onde veio o serafim?* Seria esse o serafim a que Leo se referia? Talvez não, posto que o anjo obviamente viera do céu. Então, o que será que ele queria dizer com "de onde veio"?

Se pudesse, teria feito uma pausa para desemaranhar as conexões que se

sucediam atropeladamente em sua cabeça — mas precisava continuar entoando. Quando enfim terminou o trecho, tentou mais uma vez reordenar seus pensamentos, enquanto os monges cantavam o responsório e o versículo que vinham em seguida. Contudo, uma movimentação na parte da frente da basílica o perturbou mais ainda. Um noviço dos monges negros havia acabado de chegar e se prostrara diante do altar principal para expiar seu atraso. Depois, ao tomar seu lugar no coro, escondeu a boca com a mão, cochichou algo para outro noviço e os dois começaram a dar risadinhas. Conrad acompanhou os olhares deles dirigidos para o fundo da nave e viu que Amata também tinha acabado de chegar. Ela seguiu para o último banco no final das fileiras de noviços, bem na frente do retardatário, e (seria verdade?) parecia sorrir furtivamente para o rapaz. Conrad apertou os olhos, tentando aguçar a visão sob a fraca luminosidade da basílica. Já tinha visto aquele sorriso antes, ou seus olhos o estavam enganando? Com o indistinto e incerto tremeluzir dos círios, e da distância em que se encontrava, não podia ter certeza.

Mais uma vez o coro chamou-o de volta às suas obrigações. Quase como se isso fizesse parte dos rituais, os monges começaram a tossir em uníssono e, de certa forma, mais alto e com mais irritação do que da primeira vez. Conrad pôs-se a ler a lição final. Ainda meio adormecido e pressionado pelo acúmulo de tantas novas dúvidas, sentia sua mente tão vagarosa e obtusa quanto o boi de Primo.

Por que deveria se importar com as atitudes de Amata? Uma raiva inesperada cresceu aos poucos dentro dele à medida que cantava o trecho de encerramento. A cena da morte de São Francisco não podia competir com o enxame de pensamentos que se debatiam em sua mente.

Será essa minha raiva moralmente correta? Afinal, soa responsável pela moça. Mas não; de fato, não. Deus deu a ela livre-arbítrio, como a todos os seres humanos. E, além disso, ela não teria dormido aqui essa noite se não fosse tão ardilosa. Mas a mulher é o vaso mais delicado. Precisa da minha força. Eu deve-ria ter imaginado um jeito de tomar conta de seu quarto.

De uma forma ou de outra, conseguiu terminar a cerimônia e começou a descer a escada do púlpito. Foi então que, em sua cabeça, aquela voz insolente insinuou: *Frei Conrad, você está com ciúmes?*

Isso é ridículo! Lançou um olhar furioso para Amata ao passar à sua frente quando voltava para seu assento. Viu que a moça se encolhia, mas

desviou o rosto para não olhar mais para ela.

Já instalado em seu lugar junto ao coro, deixou-se afundar contra o encosto do banco e fitou a cabeça inclinada e de cabelos cortados bem rentes na fileira mais abaixo. Um rubor coloria a parte de trás do seu pescoço fino, e seus ombros delicados tremiam a olhos vistos. O peito do eremita contraiu-se em um suspiro de tristeza enquanto o canto gregoriano crescia a seu redor. Com pesar, virou o rosto para o tabernáculo de ouro sobre o altar principal.

Perdoe-me, Senhor, por meu coração tão desconfiado, suplicou. Fui injusto Com ela, terrivelmente injusto com ela.

CAPITULO VIII



— **C**ONRAD, LEVE VOCÊ ESTA COMIDA! Meu ombro está me matando. Amata e o eremita tinham acabado de cruzar a ponte de madeira do lado de fora do mosteiro e estavam ainda ao alcance da visão do velho porteiro.

— *Mi scusi*, irmã. Seja paciente. Temos de mostrar a Dom Vittorio que você melhorou. Caso contrário, ele poderia mandá-la para a enfermaria.

— Isso ele não faria mesmo — respondeu a moça, convicta.

— Como pode ter tanta certeza? Você ouviu o que ele disse ontem à noite.

— E repito que não teria me mandado para a enfermaria hoje de manhã. Seja como for, agora já saímos da abadia.

Fez uma careta de dor quando tirou o saco do ombro e o entregou ao eremita. O despenseiro o reabastecera generosamente de mantimentos.

No trecho em que o caminho descia em direção à cidade, Amata parou e apontou de volta para Santo Ubaldo, um bastião negro contra o céu róseo. As nuvens cinzentas que pairavam acima da abadia começavam a se colorir de um rosado vivo.

— Não acha estranho — observou ela — que o sol sempre se levante no leste?

— O quê? O que isso tem a ver...

— Alguma vez já pensou sobre isso? O sol cai na beirada ocidental do mundo toda noite; entretanto, ao nascer do dia, está exatamente de volta no lugar de onde veio. Como ele chega até lá durante a noite? Isso não o deixa curioso?

— Nem um pouco. Sei que todas as coisas são possíveis para Deus, e essa compreensão me basta.

— E, durante todo aquele tempo em que estávamos cantando no escuro, o

sol já estava aquecendo nosso novo papa. Dom Vittorio disse que a essa altura ele devia estar no mar, velejando da Terra Prometida para Veneza. Lembrou-se de orar pela segurança dele e de todos os jovens marinheiros esta manhã?

— Somente fiquei sabendo da eleição depois de quebrarmos o silêncio, quando a prima acabou. Claro que desejei boa sorte para o santo padre. E também para os que o acompanham.

Amata sorriu. Um sorriso recatado e ao mesmo tempo satisfeito, que Conrad vira a viagem inteira. Desde as vigílias, ele vinha se comportando de forma cortês, tentando expiar-se da injustiça que cometera. Ela não questionara sua mudança de comportamento, mas reagira com entusiasmo. Contudo, insistia em mudar de assunto quando ele lhe perguntava sobre a noite no quarto de Dom Vittorio. Conrad desconfiava que ela o estivesse provocando deliberadamente — uma punição bem merecida, aliás, por ter pensado o pior a respeito dela. Sabia que também seria inútil interrogá-la sobre o noviço que chegara atrasado.

O ângelus matutino ressoou pela trilha tortuosa, avisando aos sentinelas noturnos que era hora de abrirem os portões da cidade. Gubbio se alastrava pela parte plana do vale, formando o desenho de um pé pardacento com um dedão enfiado na garganta criada entre o monte Calvo, a oeste, e o monte Ingino, onde eles agora se encontravam. Além das muralhas, Conrad distinguia as ruínas do antigo teatro romano. Aparentemente, *Iguvium*, como a cidade era chamada quando os Césares ainda governavam, já havia se estendido bastante pela planície do rio Chiagio — antes dos séculos de guerra com as cidades-estados rivais, que a tinham feito recuar para as fronteiras de então.

O rangido dos portões da cidade sendo abertos para acolher o novo dia cortou a sonolenta quietude do amanhecer. O eremita lembrou-se de sua última viagem a Gubbio, na primavera em que recebera o pergaminho de frei Leo.

— Conhece a *Corsa Dei Ceri*, irmã? A corrida das velas?

Amata fez que não.

Ele parou e colocou o saco de comida no chão.

— Assisti a uma delas. Todo dia quinze de maio, na véspera da festa de seu padroeiro, os habitantes de Gubbio fazem uma corrida, partindo desse portão abaixo de nós e subindo o monte Ingino até a abadia. Três equipes de dez homens carregam três enormes velas de madeira. As velas têm a altura de seis homens e são pesadas como ferro, cada uma trazendo na ponta a imagem de um santo feita de cera — Santo Ubaldo, é claro, São Jorge e Santo Antônio Abate. É

uma festa maravilhosa. As equipes sobem a ladeira grunhindo pelo esforço, os santos inclinam-se nas ponteiras, e a cidade toda vai correndo atrás.

— Qual dos santos ganhou no ano em que esteve aqui?

Conrad deu de ombros.

— A corrida realmente não importa. Santo Ubaldo, sendo o protetor da cidade, deve sempre ganhar. São Jorge sempre termina em segundo e Santo Antônio é sempre o último.

Amata achou graça.

— Então, para que a corrida, afinal?

O eremita recomeçou a descida.

— Você precisa entender, irmã, que o ritual só existe para intensificar a devoção dos camponeses. Por serem analfabetos, não têm condição de se inspirar nas escrituras, como fazem os bispos e clérigos que estudaram. Os crentes precisam de uma imagem ou de um espetáculo que os congregue e, com essa *corsa*, a cada primavera eles revigoram a fé adormecida. A corrida anual faz pelas almas deles o mesmo que a volta da temperatura amena faz por seus campos.

No fim da trilha cumprimentaram o guarda do portão e atravessaram a cidade. Um menino de pernas finas marcadas de arranhões passou correndo por eles, guiando um rebanho de cabras. As sinetas dos cabritinhos sacudiam, barulhentas, quando eles pulavam na frente das cabras leiteiras ou brincavam de dar cabeçadas uns nos outros. Conrad olhou com desconfiança para os animais. Apesar de toda a sua simpatia pelas criaturas que vagavam pelo bosque em torno de sua cabana, entre elas as cabras selvagens, compartilhava a opinião popular dominante na região. Embora não fossem realmente demônios, havia algo satânico espreitando por trás daqueles olhos amarelos, tão pouco naturais. Seu vigor secreto parecia mais relacionado ao dos antigos sátiros, de torsos cadavéricos, chifres retorcidos, tetas ou testículos pendentes, barbas em tufos desgrenhados — assim como seu sangue quente, tão quente que os bestiários afirmavam ter o poder de derreter diamantes. Sentiu um arrepio e benzeu-se quando os animais passaram por ele.

Na extremidade mais alta da cidade, muitas casas eram feitas de pedra. À volta de Conrad e de Amata, portas e janelas abriam-se e as criadas começavam suas tarefas matinais. A trilha descia uns seiscentos metros desde o monastério até as muralhas da cidade. As ruas internas, igualmente estreitas e íngremes, sem

pavimentação, ainda estavam escorregadias devido à chuva de duas noites atrás, obrigando-os a escolher cuidadosamente onde pisar para evitar cair ou sujar os pés nos detritos lançados através de portas e janelas.

Conrad conhecia bem as ruas de Gubbio. Planejava cruzar a Piazza Grande, descer a Via Paoli até a Piazza Del Mercato, atravessar o mercado e sair rapidamente pela Porta Marmórea. Queria deixar a cidade para trás o mais depressa possível. As ruas apinhadas de casas com os andares superiores encostados uns nos outros e o vaivém do despertar da vida doméstica davam-lhe uma sensação de claustrofobia. Amata, porém, nunca havia estado lá. Queria saber tudo sobre todos os edifícios, de que tamanho fossem: desde a construção esquisita que era a catedral de Santi Mariano e Jacopo Martire, cuja parede dos fundos era encaixada na encosta de um morro, até o Palazzo Praetorio. As torres sem janelas das fortalezas das famílias nobres furavam o céu com suas silhuetas, as choupanas de madeira das classes menos favorecidas lotavam as ruelas — e tudo fascinava a menina. Quando finalmente alcançaram a Piazza del Mercato, muitos comerciantes já haviam aberto suas bancas e começavam a anunciar as mercadorias, destruindo, com a gritaria, os últimos vestígios de um amanhecer tranqüilo.

— *Buon giorno*, irmãos — cantarolou uma mulher que passava por eles, equilibrando um jarro na cabeça. Uma menina bem pequena e tímida, carregando um pão da mesma altura dela, seguia devagar logo atrás. A criança vestia ura hábito e véu de freira, sem dúvida para cumprir alguma promessa feita por seus pais. Os pés descalços tinham aquela vermelhidão produzida pelo frio, e Conrad se perguntou por que a mãe não calçara a filha com botas iguais às que ela própria usava. Talvez a menina fosse apenas uma serva.

Como era de costume, o padeiro da aldeia era o primeiro a expor seu produto, e o aroma de pão fresco recém-saído do forno deixou Conrad com água na boca. Amata mirou-o com olhos suplicantes e juntou as palmas das mãos implorando, mas Conrad apenas deu de ombros.

— Você sabe que nós não temos nem um único denário, irmã. E não precisamos mendigar, com toda essa comida que nos foi dada.

O rosto dela assumiu uma expressão brincalhona de amuo, e ele fez de tudo para ignorá-la. Estava tão frívola aquela manhã!

O eremita deu a volta pela extremidade da *piazza*, indo na direção do convento de São Francisco, no lado oposto. Se fosse o início de sua carreira,

talvez tivesse prolongado a viagem para visitar seus irmãos-irades de Gubbio; depois de tantos anos de isolamento, porém, sentia-se um estranho. Correu-lhe um frio pela espinha quando passaram junto à parede do mosteiro: uma sensação esquisita de ansiedade. Adiante, avistou a Porta Marmórea aberta e a estrada vazia que levava a Assis. Acelerou o passo, instigado pelo alarido crescente que os rodeava.

Mal tinham saído da praça quando três agudos toques de trombeta vindos do outro lado da praça sufocaram a gritaria dos comerciantes.

— Arrependam-se! Peçam perdão! — uma voz de homem retumbava. — *Penitentiam agite!* O reino do céu está para chegar, antes do que imaginam.

Os primeiros compradores, que andavam por ali regateando diante das barracas, pararam abruptamente e seguiram na direção do tumulto.

— É Jacopone! — exclamavam para as pessoas que acorriam às portas e janelas.

Um grupo de meninos bem pequenos, frustrados pelas tentativas malsucedidas de apedrejar um gato que se refugiara em cima de um telhado, rapidamente encheram outra vez as mãos de pedras e se misturaram sorrateiramente aos mais velhos. Atirar pedras num homem louco seria uma grande recompensa pelo fracasso com o gato. Além do mais, tratava-se de um alvo maior, com a cabeça e os ombros mais altos do que os das pessoas em volta.

— Vamos tomar a estrada enquanto estão distraídos — disse Conrad. Como Amata não respondeu, voltou-se e viu que a moça tinha corrido atrás dos moleques.

Distinguiu-a no meio da multidão, e não foi fácil chegar perto dela. De alguma forma, conseguira infiltrar-se até o primeiro círculo de pessoas. O homem chamado Jacopone estava de pé em cima da base da fonte de mármore no centro da praça e encarava com fúria a multidão. As janelas ao redor da praça já estavam todas abertas àquela altura, e até umas poucas *nobildonnas* pálidas deixaram seus afazeres e chegaram às sacadas — uma rara aparição pública, observou Conrad. Essas senhoras aristocráticas somente saíam às ruas para a missa de domingo, temerosas de sujarem de lama as esplêndidas caudas dos seus vestidos. O costume era que somente as servas e as mulheres do povo fossem vistas em público.

Jacopone levantou as mãos para o céu e virou-se em círculo, devagar,

dominando os espectadores com seus olhos castanhos encovados, injetados de sangue. As protuberantes maçãs do rosto destacavam-se no crânio descarnado, mal disfarçado por uma barba irregular. Vestia apenas uma espécie de tanga e um manto preto de pele de carneiro com uma imensa cruz vermelha toscamente pintada nas costas, do pescoço à bainha e de um ombro ao outro.

— Acabei de chegar de Roma — começou. — Fui ver a corte papal. Ouviram-se algumas risadinhas na platéia, que foram logo abafadas. No máximo duas ou três pessoas entre os presentes poderiam ter dito o mesmo. Jacopone não tomou conhecimento do burburinho.

— Vou lhes contar como é o dia de trabalho dos cardeais de Roma, os *cardinales carpinales*. Todas as manhãs, terminado o consistório, no qual são debatidas as demandas dos reis, os processos judiciais e outros assuntos mundanos, esses... *grabinales*... comem e bebem como porcos mimados. Depois vão andando como patas-chocas para seus leitos para tirar uma soneca. Durante o resto da tarde, vagueiam a esmo nos seus apartamentos, exaustos do ócio, ou distraem-se com seus cães ou cavalos de estimação, suas jóias e seus nobres sobrinhos e sobrinhas.

Até aí, ele discursou calmamente. Fez então uma pausa breve, em seguida apontou um dedo acusador para a Igreja de São João Batista do outro lado da praça e trovejou:

— É surpresa para alguém que os francos tenham descoberto uma carta terrível, uma carta escrita pelo próprio Lúcifer com sangue tirado das profundas do inferno e endereçada afetuosamente aos seus caros amigos, os prelados da Igreja? "Enviamos nossos profundos agradecimentos", diz a carta, "visto que todas as almas confiadas aos seus cuidados nos são transmitidas."

Conrad nunca tinha ouvido falar em tal carta. Um pavor repentino cravou-o no chão, como se um espírito maligno vindo das trevas lhe tivesse percorrido o corpo, deixando em seu rastro uma horrível rigidez cadavérica. Uma tensão quase palpável espalhou-se pela multidão.

Jacopone urrou sua condenação.

— Será apenas por acaso que as palavras *Praelatus* e *Pilatus* sejam tão parecidas, considerando-se que os abastados e nobres prelados, por suas ações, crucificam o Cristo empobrecido, exatamente como fez o perverso Pilatos doze séculos atrás?

Fez mais uma pausa, para deixar que suas palavras calassem fundo na

mente de todos; dessa vez, porém, em vez do silêncio, ouviu-se uma dama da nobreza, vestida de vermelho, gritar com voz trêmula para a praça:

— Mentiroso! Você nunca esteve em Roma; ou não falaria com tanta irreverência sobre esses santos homens.

Ela espalmou a mão sobre o peito em sinal de indignação, os dedos tocando nervosamente o broche fíligranado que trazia preso ali. Uma criada apareceu por trás da dama na sacada e cobriu-lhe os ombros nus com um *mantello* de inverno adornado com pele negra.

— Continue, Jacopone — berrou uma mulher da multidão. — O tio dela é um daqueles cardeais gordos.

Jacopone enrolou o manto um pouco mais em volta de seu torso magro, fitou por um instante a sacada e cerrou os olhos.

— Vou lhes falar a respeito de mulheres, sobre a *vanitas feminarum*.

E cantou as palavras, com as pálpebras ainda cerradas, como se buscasse na memória uma canção ou poema.

— Mulher, você tem o poder de infligir ferimentos mortais. O olhar feminino não é menos fatal que o do basilisco. Contudo, a não ser que se pise no basilisco por acaso, ele não ataca ninguém; enquanto você, mulher, movimentasse abertamente, livremente, envenenando apenas com o olhar. Você pinta o rosto para seu marido, que diz deleitar-se com você. Mas é mentira. A sua futilidade não dá prazer algum a esse homem, pois ele sabe que você se enfeita para outra pessoa. Mas você é inteligente, diabolicamente inteligente. Usando sandálias de solas altas, seu minúsculo ser transfigura-se em uma dama imponente. A tez pálida adquire um tom rosado, os cabelos escuros ficam louros com uma peruca de fios malcheirosos. Para alisar a pele do rosto, aplica-lhe uma mistura cremosa que seria mais adequada a botas velhas e gastas. E, quando você dá à luz uma menina e o nariz dela é feio, você o aperta e puxa até modificá-lo totalmente. Falta-lhe força para lutar, mas a fragilidade do seu braço é mais que compensada pelo vigor de sua língua.

Uma serenidade tomava conta da figura de Jacopone enquanto entoava essas palavras, e seus olhos permaneceram cerrados até mesmo quando a fidalga gritou:

— Ele é um louco! Expulsem-no da cidade!

Um menino ao lado de Conrad aproveitou a sugestão da mulher e berrou:

— *Pazzo! Pazzo!* Louco!

E levantou o braço para atirar uma pedra no pregador, mas Conrad o agarrou pelo pulso e a pedra foi bater no mármore na fonte, sem machucar ninguém.

— Ele não é louco. É um santo *bizzocone* — disse Conrad, usando o termo que designava penitentes públicos errantes. — Há sabedoria em suas palavras, inclusive para meninos imbecis.

Jacopone abriu os olhos e deu a impressão de que notava pela primeira vez a presença de Conrad e Amata. Lentamente, uma onda de tristeza passou pelo rosto de traços largos. Inclinou a cabeça e recomeçou a cantilena; dessa vez, contudo, sua voz expressava a profunda melancolia de um canto fúnebre.

— Irmão Rinaldo, para onde você foi? Para a bem-aventurança? Ou o lugar onde agora se encontra é mais quente? Você partiu para onde a Verdade é transparente; suas cartas estão sobre a mesa, o Bem e o Mal à vista. Tarde demais para inventar sofismas em verso ou prosa. Só a verdade se apresenta. Em Paris, você obteve seu doutorado. Foi uma grande honra e maiores foram também os custos, mas, agora que você está morto, vai começar o exame final.

Para você, só há uma pergunta a ser feita: achou de fato que a maior de todas as honras foi ser um frade pobre e menosprezado?

A cantilena deixou Conrad aturdido. Criticar publicamente a vaidade das mulheres era uma coisa; desacreditar um frade já falecido, outra bem diferente.

— Você macula a memória de um bom homem, *Sior* Jacopone — interrompeu Conrad, a voz alta o suficiente para que a multidão pudesse ouvir. — Frei Rinaldo e eu freqüentamos as mesmas aulas em Paris. Ele jamais buscou honrarias por amor a elas. Era brilhante por natureza, graças a um dom de Deus.

Jacopone não respondeu. Simplesmente fechou os olhos outra vez e juntou as mãos em posição de prece. Para assombro de Conrad, a imitação quase perfeita de sua própria voz saiu, humilde, da boca do penitente.

— Sou frade. Estudei as Escrituras. Orei, suportei doenças com paciência. Ajudei os pobres, observei votos de obediência, de pobreza também, e até de castidade... — Jacopone abriu um olho, piscou para Amata — ...tanto quanto pude, aceitei a fome e o frio com resignação, acordei cedo para rezar as vigílias e as laudes.

De repente, a voz de Conrad soou áspera e seu rosto ficou vermelho de raiva.

— Mas se alguém pronunciar palavras que me pareçam hostis, mais que

depressa cuspo fogo. Vejam agora quanto bem fez este hábito de frade. Basta ouvir uma palavra que me perturbe e dificilmente sou capaz de perdoar e esquecer.

Jacopone fitou o monge com brandura, enquanto as pessoas vaiavam. Alguém empurrou o eremita pelas costas e ele foi parar no espaço que se abria no meio do círculo, quase junto do pregador.

— Compus outro canto de louvor à humildade — sussurrou Jacopone bem perto de sua orelha. — Quer ouvi-lo?

Conrad tremia de raiva, na garganta um nó tão apertado que ele nem conseguiu responder. Alguém o segurou pelo braço e tentou arrastá-lo de volta para a multidão.

— Ele tem razão, padre — disse Amata.

— Você se irrita muito facilmente.

A menina deu um sorriso, tentando fazê-lo ceder. Ele finalmente descontraiu o braço e deixou-se levar por ela.

Mal ouviu o resto do sermão. As palavras de Jacopone e de Amata enchiam-no de remorsos. Em volta dele, as pessoas começaram a chorar e a bater no peito, implorando perdão a Deus e uns aos outros. Conrad, em silêncio, pedia perdão por seu orgulho. Os gemidos aumentaram num crescendo, e então terminaram abruptamente.

Jacopone soltou se na beirada da fonte, exausto.

— Vão embora, filhos — disse ele, com um aceno. — Estou cansado. Vão em paz e sirvam a Deus.

Com as mãos em concha, apanhou água e bebeu. Os moradores da cidade voltaram para as barracas dos vendedores mais lentamente e mais pensativos do que antes, pois o pregador lhes dera muito sobre o que refletir.

Depois que o centro da praça ficou vazio, Conrad aproximou-se do penitente.

— Perdoe-me, *Sior* Jacopone. Não sei o que aconteceu comigo. Há anos que não ficava tão zangado. Ainda tenho muito que aprender.

Uma risada ligeira interrompeu suas desculpas. Mãos na cintura, Amata postou-se diante dele.

— Frei Conrad — ralhou —, você não teve *com quem* se zangar durante anos. Virou-se para Jacopone e revirou os olhos com ar de irritação.

— Acabei de arrastá-lo das montanhas — comentou.

— Você é um eremita? — perguntou Jacopone. Conrad fez que sim.

— E resolveu voltar para a cidade?

— Por ora. Tenho uma missão. Em Assis. Não sei durante quanto tempo ficarei lá.

— Preferiria ser também um eremita, mas acho que sou prisioneiro desta vida pública. Você precisa levar em consideração, frei Conrad, que, se um homem age bem, Deus está realmente nele e com ele, *em todos os lugares*: nas ruas e entre as pessoas, da mesma forma que numa igreja, num lugar deserto — ou na cela de um anacoreta. Ele só tem a Deus e só pensa Nele, e tudo e todos nada mais são do que Deus para ele. E ninguém consegue perturbá-lo, pois nada procura além de Deus. O homem que precisa buscá-Lo por meios especiais ou em lugares diferentes ainda não O alcançou.

Conrad ficou cabisbaixo, envergonhado como um menino recebendo uma lição de moral do seu mestre.

— E esse homem sou eu — admitiu.

— E são todas as pessoas que conheci. Até mesmo eu — afirmou o penitente.

— Para onde *você* vai depois daqui? — Conrad quis saber. Jacopone deu de ombros.

— Para qualquer lugar. Para lugar nenhum.

— Então venha conosco. Tenho sentido muita falta de uma conversa espiritual.

— Se assim o deseja. Parece que os planos de Deus para este dia ainda estão sendo revelados.

Levantou-se com certa rigidez e sacudiu as dobras de seu pesado manto.

Um adolescente de cabelos amarelos vinha observando os dois homens enquanto conversavam. Agora, quando se preparavam para partir, aproximou-se timidamente. Como o jovem permaneceu calado, Conrad disse:

— A paz esteja convosco, filho. O que deseja?

— Meu nome é Enrico — disse. Hesitou, já tendo conseguido falar mais do que imaginava, engoliu em seco e forçou-se a continuar. — Disse que estão indo para Assis?

— Isso mesmo.

— Posso viajar com vocês? Estou indo para lá também, para juntar-me aos frades do Sacro Convento.

CAPÍTULO IX



ENRICO RETIROU UMA FOLHA de pergaminho do cinto.

— Tenho uma carta do bispo de Gênova pedindo ao ministro geral dos frades que me aceite como noviço.

— Adivinhei que você era de algum lugar ao norte — comentou Amata. O menino sorriu e relaxou um pouco enquanto mexia no cabelo.

— Sou do norte, sim, da freguesia de Vercelli. Não se vê muita gente de cabelos louros na Úmbria, não é?

Ela lhe devolveu o sorriso.

— Quase com a mesma freqüência com que se elege um novo papa. Embora eu tenha encontrado outro frade de cabelos louros e olhos azuis há apenas quatro dias.

Amata gostou da aparência do jovem. As botas de feltro, a túnica curta de lã e a capa com capuz que lhe chegava aos ombros identificavam-no como filho de camponeses. Com certeza sabia bem o que era trabalho pesado: tinha as mãos rachadas pelo frio e as pernas robustas. Como muitos dos que vinham do norte, tinha também uma constituição física avantajada. Quando crescesse, poderia vir a se tornar um homem tão corpulento quanto Dom Vittorio. Também achou seu sorriso simpático, se bem que muito fugaz. Contudo, o que mais a intrigava eram aqueles olhos claros e bonitos, de um azul-celeste. Parecia que lhes faltava algo, talvez uma centelha de intensidade. Sem esse brilho, o olhar denunciava a timidez do rapaz, a vontade fraca dos que nasceram para seguir os outros.

Os fracos olhos azuis de um filhinho da mamãe, pensou ela. Sempre vai precisar de uma mulher para lhe dizer o que fazer da própria vida. E se algum dia deixar a Ordem, com toda certeza será um marido nada confiável.

Amata sorriu para si. *Daqui a apenas dois dias o menino vai se juntar aos frades, e eu já o imagino enganando a esposa.*

Conrad devolveu a carta a Enrico.

— Não preciso ver isto. Você é bem-vindo, claro que pode juntar-se a nós. Podemos conversar sobre a Ordem enquanto caminhamos. Precisa saber que Assis não é, necessariamente, o melhor lugar para se viver de acordo com a Regra de São Francisco.

Amata bocejou. O mesmo Conrad de sempre. Sempre fiel à sua obsessão — pronto para subir em seu púlpito e atacar uma vez mais a cisão entre frades Conventuais e Espirituais. Jacopone acompanhava-o e parecia igualmente interessado; mas ela, não. Deixou que os homens caminhassem na frente quando saíam da cidade. Preferiu assistir ao desabrochar da manhã, ver os aldeões ocupados em suas lidas nos vinhedos nas imediações. Naquele dia, a julgar pelos mugidos insistentes dos animais, as crianças das pequenas propriedades rurais estavam demorando para alimentar os bois de chifres compridos. Pilhas de feno recém-ceifado, em forma de cones, amontoavam-se nos campos em torno de traves centrais, prensadas com galhos inclinados. Abóboras amadureciam nos telhados das casas simples e cereais pendiam das árvores para secar. Ao longe, o bater de tamancos de madeira e os gritos de vozes zangadas cortavam o ar revigorante, enquanto os fazendeiros caçavam cervos pelos campos. Logo o inverno tomaria conta de tudo. Como era mesmo que seu pai o descrevia? A estação que está entre o prazer da colheita e o comichar da primavera.

Quando se cansou da paisagem, aproveitou que vinha andando atrás para imaginar como seriam os corpos dos três homens por baixo de suas roupas. Jacopone era cadavérico, fino como uma túnica de mendigo, dentro do manto que lhe cobria o corpo todo. Até aí ela já sabia, pois aquela espécie de tanga que ele usava não deixava lugar para a fantasia — exceto imaginar se a parte escondida seria proporcional à sua altura. Valeria a pena ver! Conrad, por outro lado, tinha constituição esguia, cerca de um polegar mais alto que Enrico e provavelmente com o mesmo peso. Devia ser virgem também, apesar de sua amizade com Monna Rosanna. Seu passo apertado era desprovido de qualquer ondulação, de qualquer balanço ou frouxidão dos braços e dos ombros. Provavelmente nem tinha mais consciência de que ainda vivia em um corpo. Ah, Enrico, porém... Admirou novamente os músculos bem torneados da panturrilha do rapaz e, com os olhos da mente, inspecionou o restante das pernas até os

quadris esbeltos e as nádegas tensas — uma fantasia prazerosa.

Mais um dia e estaria de volta a São Damião. De novo *Suor Amata*. O pensamento a deprimiu. Apesar das excentricidades e da seriedade do homem, ela gostara muito desses quatro dias passados com Conrad. Agradava-lhe estar na companhia desses três homens, muito embora caminhasse atrás deles e não tivesse interesse algum na conversa que mantinham. Eles pareciam insensíveis, ou, quem sabe, apenas indiferentes, aos ferimentos insignificantes que faziam suas irmãs do convento chorar e se queixar a madre priora o dia inteiro. A não ser pela capacidade de se expressar, esses três podiam muito bem passar por fazendeiros broncos e de boa índole, iguais aos que tinham acabado de cruzar com eles na estrada.

Céus, como ela queria sair do convento! Não que a madre priora a tratasse mal. Pelo contrário, levava uma vida de regalias, se comparada com a austeridade que as freiras voluntárias praticavam. E, na realidade, não tinha mesmo para onde ir, sem família, sem dinheiro e sem condições de se proteger ou se sustentar.

Ainda assim, a santidade e o amor divino nunca a haviam atraído. O amor humano, o amor que sua mãe tivera pelo marido e para o qual ela fora preparada, isto era o que de fato ansiava por experimentar. Amor de verdade; não a fraude do tio-avô Bonifazio nem a luxúria grosseira de Simone della Rocca e seus filhos. Cruzou as mangas longas por cima do baixo-ventre e começou a acariciar-se enquanto fantasiava. Um gemido involuntário fez Conrad parar e voltar-se para ela. Envergonhada, tirou depressa as mãos da barriga, mas ele vira.

— Está com dor de estômago, frei Fabiano? — perguntou ele, com preocupação genuína.

Que inocente!

— Sim, padre — choramingou Amata. — Sinto uma dor bem forte no estômago. — Fez uma careta para justificar a dor. — Mas não precisam ir mais devagar por minha causa. Consigo acompanhá-los.

Jacopone retomou o assunto da conversa quando reiniciaram a caminhada.

— Não, Enrico — garantiu —, um poema não exprime apenas sentimentos; fala de experiência. Para criar uma única linha, o poeta precisa visitar muitas cidades, conversar com muitas pessoas. Deve reproduzir as vozes dos animais, pairar nas alturas com os pássaros e acompanhar os menores

movimentos de um botão se abrindo em flor. Tem de viajar de volta no tempo rumo a caminhos estrangeiros e encontros inesperados para sofrer as doenças da infância e, perdoe-me, padre, até para viver noites de amor, cada uma delas diferente de qualquer outra, com a pele clara das mulheres... das mulheres... adormecidas entre lençóis.

A voz saiu-lhe embargada quando falou de amor. Jacopone desviou a cabeça de Conrad, e Amata viu angústia em seus olhos fundos. A arrogância e o sentimento de superioridade moral que exibira na praça desfizeram-se e a cor fugiu-lhe do rosto, que ficou lívido como a lápide de um túmulo.

Mãe de Deus, pensou Amata. *A mulher da sacada estava certa. Ele está louco, louco de tristeza por causa do amor por uma mulher.* Ela duvidava que Conrad e Enrico tivessem notado.

Caminharam em silêncio por uns duzentos metros, até que Jacopone pigarreou. Quando finalmente conseguiu falar, foi ainda com dificuldade e muita emoção.

— O poeta deve sentar-se ao lado do moribundo, perto da janela aberta, para ouvir o choro dos que estão lá fora e a respiração agonizante dentro do quarto. E, por último, deve permitir que essas recordações se desvançam e depois esperar com grande paciência que elas retornem.

— E é dessas recordações que nascem os versos? — perguntou Enrico. — Não, filho. Ainda não. Não até que se transformem, através do próprio sangue e da carne do poeta, em pensamentos sem nome, que ele é incapaz de distinguir dentro de si mesmo. Então, no mais puro e raro dos momentos, o poeta consegue destilar deles a palavra de abertura de um verso.

— "Experimente e verá como o Senhor é bom" — citou Conrad.

Amata recordou-se das acrobacias mentais do frade na cabana. E achou graça na incompreensão estampada no semblante de Enrico. Jacopone também notou.

— Frei Conrad está dizendo que o salmista que ele *está* citando, pelo tato de ser um poeta e um místico, compreendeu que a experiência está no âmago de ambos os papéis. Ler o que está nas Escrituras sobre o Senhor ou ouvir sobre Ele da boca de pregadores não é o suficiente. Você deve saboreá-Lo, experimentá-Lo você mesmo. Um fazendeiro pode exaltar o sabor especial de suas azeitonas para você; mas as palavras dele nada significam até que você morda uma delas. A experiência é a essência de tudo.

Ocasão perfeita para dizer isso a ele quando está prestes a isolar-se num mosteiro, sabe Deus por quantos anos, refletiu Amata. Se for inteligente, vão fazer dele um teólogo e filósofo, como tentaram fazer com Conrad. E então que experiências terá? A das palavras longas, impronunciáveis! Ficaré em melhor situação se for um idiota. Pelo menos, nunca vai ter consciência do que está perdendo.

Subiram a estrada principal que liga Gubbio a Perúgia, acompanhando a crista das montanhas de Gualdo. Numa brecha da sebe espinhosa que murava uma fileira de chácaras, Amata avistou Assis lá longe, ao sul. No geral, Gubbio lhe deu a impressão de uma cidade sombria, marrom, lamacenta.

Mas a cidade de Assis... equilibrada sobre um afloramento rochoso, suspensa entre o monte Subasio e os vales dos rios Tescio e Chiagio, lembrava um pingente translúcido sobre um fundo de feltro verde. As igrejas de mármore rosado e em tons de coral, as muralhas e as torres reluziam ao sol da manhã. Seu calor acentuava o nítido contraste com a tristeza de Gubbio, da mesma maneira que o ar perfumado que soprava pelos vales de Assis chocava-se com os ventos frios que redemoinhavam em torno das fortalezas na montanha de Gubbio.

Os filósofos da poesia, ocupados em conversar sobre os méritos da experiência, não repararam na paisagem. Amata quis chamar a atenção deles para a vista, mas Conrad havia retomado seu tema predileto.

— Não tenha dúvida, Enrico, vá para o Sacro Convento. Descubra tudo que puder sobre nossas tradições, aprenda a ler e a escrever, estude em Paris se eles estiverem dispostos a mandá-lo para lá. Mas nunca se esqueça de que um dia terá de optar: ser um *verdadeiro* filho de São Francisco e viver de acordo com sua Regra e seu Testemunho ou tomar o caminho mais fácil dos frades Conventuais. Mas saiba também que, caso resolva juntar-se aos irmãos Espirituais e escolher a pobreza total, estará também preferindo o caminho da perseguição. Vários frades já morreram por causa dessa escolha.

Amata resmungou. *Frei Solene, era como deviam chamá-lo!* A vontade dela era ir sorratamente até o eremita, agarrá-lo pela cintura, levantá-lo do chão e não permitir que seus pés tocassem a terra de novo até ele prometer rir pelo menos doze vezes por dia. A multidão tinha zombado dele, e ele próprio rira de si mesmo ao contar-lhe sobre os anos passados na universidade; mas aquela cisão na Ordem abafara totalmente a alegria de seu espírito. Pior ainda, a melancolia parecia envolvê-lo cada vez mais densamente à medida que se

aproximavam de Assis.

Talvez ele estivesse só assustado. Talvez, ao conversar com Enrico, tivesse lembrado de que já fizera sua própria escolha — quaisquer que fossem as conseqüências.

Os homens às vezes eram bastante esquisitos. O que eles consideram vital, as coisas pelas quais sofreriam de boa vontade — e até morreriam — pareciam-lhe muito remotas. Como podiam sequer conversar sobre experiência quando passavam o tempo todo isolados nos seus próprios mundos? Idiotas, estúpidos! Bem, nem todos, reconheceu. Jacopone é um pensador, mas evidentemente já viveu, e sua paixão quase acabou com ele. Enrico já deveria saber de algumas coisas, se tivesse mantido os olhos abertos ao que acontecia na fazenda do pai.

Uma idéia perversa e deliciosa veio-lhe à mente enquanto observava a oscilação da túnica do rapaz. Talvez, protegidos pela escuridão daquela noite v na privacidade de um bosque...

De repente, percebeu que os três tinham parado novamente, esperando que ela os alcançasse.

— É aqui que saímos da estrada principal — explicou Conrad. — A trilha nos leva para a ponte romana na base do desfiladeiro.

Como a maioria das trilhas das montanhas, essa também era uma ladeira íngreme e estreita. Sem deixar transparecer, Amata ficou satisfeita porque dali em diante desceriam em fila indiana, o que poria fim à pregação de Conrad, pelo menos por algum tempo. Também voltariam a caminhar entre as árvores; o sol quente já ia alto, quase no centro de um céu sem nuvens. Dava para ver o Chiagio zigzagueando lá embaixo ao longe, com as águas barrentas da chuva de duas noites passadas, e, nas margens, as torres de Santa Maria di Valfabbrica e o castelo de Coccarano. Conhecía a região por causa dos passeios feitos com sua senhora.

Imaginou que o frade evitaria passar por Valfabbrica, outra abadia dos monges negros, e muito provavelmente também passaria longe do castelo. A estada em Santo Ubaldo tinha sido mais agitada do que ele era capaz de suportar. Conrad, sem nenhuma dúvida, se sentiria mais seguro dormindo na companhia das criaturas selvagens da floresta. Ela não se importaria com isso, desde que mantivessem uma boa fogueira acesa a noite toda. E também poderiam acontecer coisas bem interessantes no escuro. Resistiu à tentação de equilibrar-se apoiando as mãos nos ombros de Enrico, que ia à sua frente, e de

implicar com Conrad mais uma vez ao fazer isso. *Paciência, Amata. Vamos ver como o jogo se desenrola.*

Teria sido o medo dos animais selvagens que a fez parar e olhar fixamente, primeiro para as sombras das árvores, depois para trás, ao longo da trilha? teve um ligeiro pressentimento de que estavam sendo vigiados, mas o caminho tortuoso não lhe permitia enxergar mais do que uma pequena distância em ambas as direções. Sentiu um calafrio e apertou o passo até alcançar novamente os outros. E perdeu a vontade de ficar para trás.

Contava que Conrad fosse parar e abrir o saco de comida num alargamento da estrada; mas, como era previsível, ele também não percebia quando se estava com fome. Ao contrário, parecia ansioso para seguir adiante. Algo na abadia O abalara *de fato*. Amata esperava que não tivesse nada a ver com ela. Não que a opinião dele a seu respeito fosse ter qualquer importância depois do dia seguinte. Ela voltaria para São Damião e ele iria procurar resolver o enigma da carta de Leo.

Jesu Christe! Voltar a Assis também estava sendo um peso para ela, muito mais do que havia suspeitado. Sentiria falta de estar livre das muralhas do convento, de andar pela estrada, apesar das surpresas e riscos — talvez fosse ter saudades das surpresas e riscos mais do que tudo. Eram o tempero que faltava no cardápio diário de São Damião.

Exatamente como pressentira, Conrad os conduziu para além de Valfabbrica naquela tarde. Enrico e Jacopone conversavam sem parar sobre as leis que regulam os assuntos privados, como se soubessem do que estavam falando; o frade, porém, ficara absorto em seus próprios pensamentos.

Conrad os fez prosseguir na longa e estafante caminhada quase até o anoitecer, hora em que o estômago de Enrico também começou a roncar. Jacopone mascava a casca de um graveto que arrancara de um arbusto à margem da estrada e parecia tão imune à fome quanto Conrad. Provavelmente, conseguia muito bem viver como os profetas fanáticos que se alimentam apenas de gafanhotos e mel — ou mesmo de ar, quem sabe.

No interior de uma densa floresta de carvalhos e pinheiros, Conrad afinal cedeu.

— Podemos descansar aqui — disse. — Conheço uma gruta fora da estrada. Ainda temos tempo para juntar lenha antes que escureça.

E sorriu para eles, orgulhoso.

— Andamos bastante hoje. Estaremos em Assis antes do meio-dia de amanhã.



— VOU COMEÇAR — DECLAROU CONRAD depois da refeição. Os quatro viajantes estavam sentados em volta da fogueira. Do lado de fora da gruta, um casal de corujas piava em dueto. — Meu exemplo de virtude é um santo da pobreza...

E o que mais?— pensou Amata.

— ...não um frade menor, como vocês poderiam supor, nem um membro de uma ordem religiosa — explicou o eremita. — Donato, o banqueiro, teve atitudes que encabulam até aqueles de nós que fizeram votos formais de pobreza. Era um homem rico, mas seu amor a Deus o encheu de tamanha compaixão pelos outros que doou tudo o que tinha para os pobres. Se tivesse entrado para a nossa Ordem, com isso estaria apenas seguindo o exemplo de frei Bernardo, o primeiro filho de São Francisco. Mas o banqueiro foi além. Vendeu a si mesmo como escravo e deu o preço inteiro de sua escravidão também para os pobres. Nunca ouvi nada parecido.

— Já ouvi falar de alguém que talvez fosse assim — murmurou Jacopone —, o agiota da Toscana, Luchésio da Poggibonsi.

O penitente curvou o pescoço. A fumaça da fogueira moveu-se na direção de seu vulto encolhido, mas ele não deixou transparecer nenhum sinal de incômodo. Para Amata, ele parecia tão imóvel quanto a pedra em que estava sentado. Depois lembrou-se de que vira naquele mesmo dia uma fissura naquela pedra.

— Tenho vergonha de admitir, amigos, que na minha vida de outrora eu era um agiota — começou —, emprestando dinheiro a juros exorbitantes, indo contra as leis de Deus e da Igreja. Entre outros pecados. Como Luchésio quando jovem, dediquei-me de corpo e alma a subir de condição social, usando meu dinheiro, e o dos outros, como degraus. Avancei bastante e tornei-me um dos principais membros da sociedade local.

Levantou a cabeça dando um sorriso irônico e agitou o manto esfarrapado.

— Duro de imaginar, não é? Mas *Sior* Luchésio tinha uma vantagem

sobre mim. Enquanto ainda era um recém-chegado nessa rota de insensatez, conheceu São Francisco e foi persuadido pelo santo a fazer penitência. Vendeu tudo o que possuía e doou às viúvas, órfãos e peregrinos. Então, partiu para as terras pantanosas infestadas de doentes da peste com um burro carregado de medicamentos. Sua própria esposa zombou dele, a princípio, e o chamou ele idiota, como seria de se esperar de uma mulher rica que fica pobre da noite para o dia devido à generosidade do marido. No entanto, quando ela entendeu o propósito de tudo aquilo, juntou-se a ele em seu trabalho caridoso e mais tarde recebeu merecidamente o apelido de *Buona Donna*.

E como você acabou tão pobre?, Amata se perguntou. *Essa é a história que quero ouvir*. Mas não pôde matar sua curiosidade, pois Jacopone mergulhou mais uma vez no silêncio. Contemplou o fogo com o rosto inexpressivo, até que, pouco a pouco, a dor que Amata vira surgir na estrada transpareceu novamente nos seus olhos.

— Tenho um exemplo de Justiça para contar — disse Enrico. E agitou a mão no ar do jeito que os meninos na escola fazem para chamar atenção.

Vá em frente, gesticulou Conrad.

— Durante uma época, meu pai trabalhou como porteiro em Gênova. Ele me contou que os fundadores da cidade penduraram um sino para os queixosos do lado de fora das muralhas. Qualquer pessoa que tivesse sido tratada injustamente podia tocar o sino e os magistrados examinariam seu caso. Com o passar dos anos, a corda do sino arrebentou e alguém o amarrou a uma videira. Aconteceu que um cavaleiro não quis mais onerar-se com o sustento de seu velho cavalo de guerra e soltou-o do lado de fora da cidade, para que o animal buscasse alimento onde bem entendesse. O cavalo estava tão faminto que comeu a videira, e o sino começou a tocar. Os juízes chegaram e concluíram que o animal havia reivindicado o direito de ser ouvido. Depois de estudarem o caso, decidiram que o cavaleiro, a quem o cavalo havia servido tão lealmente por tantos anos, ficaria obrigado a alimentá-lo durante a velhice. O rei concordou com a penitência e até ameaçou torturar o cavaleiro no calabouço caso deixasse o animal passar fome novamente.

Despertado de seu devaneio, Jacopone levantou os olhos encovados e deu uma risada.

— Bem narrado, menino. E aqui vai outro conto sobre Justiça; um enigma, a bem dizer. Veja como você julgaria este caso.

Jacopone começou:

— Um cozinheiro muito famoso levou um de seus ajudantes à corte... um ajudante com um nariz enorme, devo acrescentar... por ele ter consumido, através de seu imenso nariz, o aroma da deliciosa iguaria preparada pelo cozinheiro e não ter pago nada por esse prazer. Seria merecedor de indenização ou não?

— Eles deviam ter mandado o cozinheiro para a prisão por desperdiçar o tempo de todo mundo — sugeriu Amata.

Enrico jogou as mãos para o alto, dando a entender que não sabia a resposta. Conrad também fez um gesto de negativa e acrescentou:

— Jamais ousaria fazer suposições sobre o funcionamento de um juizado cível. Jacopone olhou em volta com uma piscadela astuta.

— E é por isso que alguns homens se tornam juízes e outros não. Esse, em particular, provou ser muito sábio; muito mais sábio do que eu era quando meu mestre me apresentou a questão. O juiz sentenciou a favor do cozinheiro.

— Não é possível! — protestou Amata.

— Sim, é possível — disse Jacopone com um sorriso forçado. — Como penalidade, obrigou o empregado narigudo a pagar pelo cheiro da comida com o tilintar de suas poucas moedas. Ele teve de fazer barulho suficiente para o cozinheiro ouvir.

Enrico e Conrad aplaudiram.

— Bem julgado — disse o eremita. — O homem era um salomão.

— O senhor também foi juiz, *Sior* Jacopone? — Amata quis saber.

— Fui escrivão, irmão; nunca fui juiz. Admito que esse juiz e eu éramos membros da mesma honrosa guilda de juristas, mas não posso afirmar que eu tenha feito bom uso da honraria.

Mudou rápido de assunto:

— E quanto a você, não tem uma história para nos contar?

A moça olhou de relance para Conrad, depois decidiu que seria melhor fixar a atenção em Enrico enquanto falava: — A minha é um exemplo de tolice.

— Tolice? — a voz de Conrad tinha um quê de nervosismo, o que agradou Amata.

— Isso mesmo. A tolice de um mercador ambulante. Um relato que ouvi de frei Salimbene.

— Salimbene? — o frade repetiu. Agora Conrad parecia *realmente*

nervoso. Amata lançou-se na história antes que ele pudesse interrompê-la.

— Era uma vez um mercador ambulante que saiu numa longa viagem. Quando voltou, dois anos depois, encontrou um bebê sendo amamentado em sua casa. Ele ficou indignado: "Ó mulher, de onde veio essa criança? Com certeza não é minha." Então a mulher respondeu: "Ah, marido querido, perdoe meu descuido. Por distração, perdi-me nas montanhas geladas, sozinha, durante uma tarde. O Rei da Neve pegou-me de surpresa e tomou-me à força. Este menino, sinto muito, é a consequência disso." O comerciante não disse uma palavra, mas, quando viajou para o Egito a negócios, alguns anos mais tarde, levou a criança consigo e vendeu o menino como escravo. Quando voltou para casa, a mulher perguntou onde estava a criança. Lamentando-se, o marido respondeu: "Ah, minha fiel esposa, durante semanas, transpiramos muito naquelas regiões tropicais, a ponto de quase delirarmos. Mas seu pobre menino, por ser filho do Rei da Neve, sofreu mais do que todos com o calor e finalmente acabou derretendo."

Henrico caiu na gargalhada. Conrad murmurou:

— E o que frei Salimbene disse sobre a moral dessa história?

— Que o comerciante era um tolo por deixar a mulher desacompanhada durante dois anos.

O frade resmungou:

— Você deveria ter contado um exemplo de virtude... — e parou bruscamente no meio da frase.

Do outro lado do anel de fogo, o penitente soluçava, o rosto enterrado nas mãos. Amata tocou em seu ombro.

O que o perturba, *Sior* Jacopone? — perguntou. — Contei tão mal assim a minha história?

Ele acenou negativamente e enxugou os olhos com a ponta de seu manto.

— Perdoem-me, irmãos — disse, depois de se recompor. — Estava pensando em Umiliana de Cerchi, que era para ser meu exemplo de penitência.

Aas palavras saíam-lhe aos arrancos, com esforço.

— Ela morava em um quarto nu e despojado nos fundos de uma das mais ricas casas bancárias de Florença, onde levava uma vida secreta de penitência... jejuando e chorando... para expiar os negócios desonestos de seus irmãos abastados da casa ao lado. — Fitou o grupo de novo com aqueles olhos amargurados, quase fazendo Amata chorar. Abanou sem muita atenção a fumaça

que subia em torvelinho diante de seu rosto. — Essa mulher era minha própria esposa, uma verdadeira santa, com toda justiça. Enquanto eu juntava enormes somas por meio da usura, enquanto administrava propriedades e contas de meus clientes... sempre em proveito próprio, e enquanto perdia o que ganhava em apostas e arriscava o bom nome da família nos dados... o tempo todo forçando aquela mulher piedosa a vestir-se com trajes vistosos e afetados e a comportar-se como um adorno ridículo unicamente para manter meu prestígio... ela estava fazendo penitência, na expectativa de resgatar minha alma perdida para o Príncipe do Mal.

— E por que você não está mais com ela? — Amata perguntou. — Onde ela está agora?

— Foi-se, criança. Morta, faz quatro anos. Uma noite, mandei que ela fosse me representar no banquete de casamento de um cliente. Disse-lhe que a encontraria lá mais tarde, pois estava ocupado como sempre com meus livros de contabilidade e minhas moedas. Antes que eu chegasse, porém, uma sacada sobrecarregada de convidados da festa desmoronou em cima de minha mulher, que se abanava no andar inferior. Levaram seu corpo todo quebrado para nossa casa. Quando a criada e a ama do nosso bebê tiraram seu vestido caro para lavar o corpo para o enterro, descobriram que ela usava por baixo um cilício de crina muito áspera. Durante todo o ano em que estivemos casados, ela torturou a sua pele delicada por causa de meus pecados. Nunca tinha reparado nesse lado de seu caráter. Nem sequer imaginava que ela fizesse tais coisas.

Ele fechou os olhos, como havia feito de manhã na Piazza Del Mercato, e entoou baixinho uma cantilena:

— Lembro-me de uma mulher com pele morena cor de azeitona, cabelos negros e macios e magnificamente vestida. A lembrança dela ainda me atormenta, de tanto que desejo falar com ela.

Amata aproximou-se do penitente. Quis pôr o braço ao redor de seus ombros, um gesto de consolo feminino... mas não podia. Só Conrad sabia que ela não era Fabiano, um daqueles homens estóicos. Podia apenas transmitir-lhe em um sussurro a sua compaixão:

— Lamento muito por você, *Sior* Jacopone.

Ninguém disse mais nada, até que o eremita finalmente quebrou o penoso silêncio e a envolvente tristeza que emanava daquele homem. Suavemente e com todo respeito, disse em voz baixa:

— Devíamos ir dormir agora; mas um de nós precisa ficar acordado para vigiar e atizar o fogo. Podemos fazer a guarda em turnos.

O corpo de Amata ansiava por descansar depois da marcha forçada de Conrad; porém, como o estado de ânimo de todos ficara abalado, seu devaneio anterior... uma noite de despedida numa clareira isolada ao lado do corpo lume de Enrico... lhe voltou à cabeça.

— Não posso ir dormir ainda — explicou. — Meu estômago continua doendo. Parei o primeiro turno.

Sua fantasia teria sido duas vezes mais doce se tivesse visto pelo menos um vestígio da paixão de Jacopone no rapaz.

A uma distância segura das faíscas que saltavam da fogueira, os viajantes espalharam no chão ramos de pinheiro que recolheram para servir de esteira. Amata arrumou seu ninho, depois passou rastejando pela esteira de Enrico até a entrada da gruta.

— Tente ficar acordado — sussurrou ao cruzar com ele. — Tenho outra história para contar, mas não é própria para os ouvidos desses velhos.

CAPITULO X



ORFEO LEVANTOU-SE DO BELICHE pouco antes do amanhecer. O céu tinha um brilho cinza opaco; havia tão pouca claridade que mal dava para distinguir as características do navio. Os alojamentos para dormir no castelo de popa, que ele compartilhava com o papa eleito e o restante do séquito de Tebaldo, tinham sido abundantemente perfumados para neutralizar o fedor que subia do convés dos remadores. Ao contrário dos venezianos, que contratavam homens livres como ele para remar em suas galeras, os ingleses seguiam o costume genovês e usavam escravos turcos como força motriz das suas naus de guerra. Acorrentados aos remos de dia e ao convés de dormir durante a noite, eles chafurdavam no próprio excremento e recebiam de frente qualquer onda que ultrapassasse as grades do convés. O fato de os marinheiros do rei Edward conseguirem tolerar tanto mau cheiro só confirmava o juízo negativo que Orfeo fazia dos nortistas.

Acenou sonolento para o timoneiro, que cumpria seu turno debaixo de um toldo na popa da embarcação, depois passou nas pontas dos pés entre os escravos. Atravessou todo o comprimento do navio e subiu até a plataforma do nível mais alto do castelo de proa, onde o vento batia livre em seu rosto. A brisa marinha limpou seus pulmões e o acalmou, revigorando-lhe o ânimo. Depois de um tempo, sentou-se com as costas apoiadas na balaustrada e os joelhos dobrados contra o peito.

Nas últimas duas horas, Orfeo se agitara sem parar na cama, com os punhos cerrados, encharcando de suor o colchão e os lençóis, respirando com dificuldade. Quando caiu no sono, sonhou que tinha sido assediado por uma

horda de seres sem rosto, encapuzados, que surgiram de um véu de névoa espessa, o atacaram e retornaram depressa para dentro da bruma, frustrando seus esforços para se defender. E agora, acordado, continuava oprimido por uma sensação de perigo. Contudo, o mar não podia estar mais sereno, e não havia sequer uma única nuvem no céu. O vento era suficiente para manter cheia a Vela quadrada. O comboio permanecia intacto, três vasos de guerra e uma galé de provisões. Um marinheiro não poderia desejar um amanhecer mais tranqüilo.

Uma faixa de luz atingiu a amurada diante dele. Olhou na direção da popa, onde o sol nascente margeava o horizonte a leste. Os primeiros raios tremularam no rastro espumante do navio. Levantou a mão à altura do raio de sol, viu sua pele passar do rosado para o coral e para o alaranjado, como se os seus dedos ainda estivessem manchados com as tinturas de lã com as quais o pai trabalhava.

Orfeo esticou as pernas e apoiou-as contra a parte de ferro de um arpéu. Fechou os olhos novamente, tentando relembrar o sonho. Estaria de fato em perigo? Por acaso Deus pretendia preveni-lo contra alguém — talvez aquele assassino barrigudo que no passado ele havia chamado de pai? Será que o pai fora afinal condenado à maldição eterna? Tentou lembrar-se das feições dele, mas a imagem se recusava a surgir nitidamente. Os rostos de seus irmãos substituíam o do pai, um depois do outro. Mas não, esses rostos não eram nem a substância nem os sujeitos de seu pesadelo. Fixou a imaginação em Marco, viajando a pé através da Armênia, rumo ao desconhecido; mas de novo não obteve resultado. Apareceu a imagem de uma menina — uma criança, na verdade, e que ele nem chegara a conhecer. Essa lembrança fez seu coração disparar. *Ela*, outra vez!

Viu-a uma única vez, numa das torres que ladeavam o portão do castelo da sua família, observando-o com os olhos escuros amendoados, o cabelo caindo sobre os ombros em uma trança preta comprida amarrada com uma tira de couro. Enquanto os pais deles discutiam sobre o pedágio cobrado pelo castelão, Orfeo desatou um pano de seda amarela de seu braço e deu alguns nós, criando uma espécie de boneco. Então, pôs o dedo dentro da marionete improvisada e dobrou-o, numa elaborada medida. Quando a menina foi embora, ele próprio curvou-se, complementando a reverência do boneco.

Ali poderia estar a origem do seu pesadelo. Enquanto sua terra natal se aproximava, o motivo de sua partida ainda vinha assombrá-lo. Sempre lhe

voltava à mente a imagem daquele castelo depois da invasão: as muralhas destruídas, as construções de madeira em chamas, os moradores assassinados, ou seus derradeiros seus derradeiros espasmos implorando para morrer, e a encantadora menina entre eles. O homem contratado por seu pai, Simone della Rocca, era tão eficiente quanto cruel.

Será que terei de enfrentar tudo isso de novo? — perguntou a si mesmo. Foi por isso que Vós tirastes de mim a esperança, Senhor, por minha ambição? Sentiu um arrepio e encolheu o corpo como uma bola, pois o ar marinho de repente soprou mais frio.

No entanto, acompanharia o papa naquele navio somente até a ilha de Negroponto e dali para Veneza, lembrou a si mesmo. O santo padre não lhe pedira nada além disso. Uma vez terminada a viagem, poderia oferecer seus serviços numa galera que rumasse para o levante.

Levantou abruptamente a cabeça quando soou o gongo para acordar os escravos. As correntes rangeram e retiniram junto com um coro de queixumes. Por ser remador, Orfeo entendia a rigidez matutina dos escravos. A vida de passageiro o aborrecia, e ele chegou a invejar o trabalho daqueles homens, exceto pela desgraça da escravidão.

Pobres coitados! Odiavam os remos. Eram o símbolo de sua degradação, enquanto Orfeo via naqueles instrumentos a libertação de seu passado. Ele observava os escravos por horas seguidas quando se moviam em uníssono, impulsionando a empunhadura dos remos de quase sessenta quilos o mais à frente possível, depois puxando-os para trás em uma lentidão controlada, caindo nos bancos todos de uma vez, como se fossem um só. Ele adorava aquela dança ritmada pelo gongo do timoneiro.

Voltaria ao mar antes do ano-novo, garantiu a si próprio. Embarcado mais uma vez, dedicando-se ao trabalho duro dia após dia, passaria a dormir tão pesado que finalmente se livraria daquele sonho incontrolável.



Os DOIS HOMENS MAIS VELHOS não faziam ruído algum enquanto dormiam. A mãe e o pai de Enrico sempre o acordavam com seus roncões. A cama que dividia com os irmãos ficava ao lado da cama dos pais, no mesmo aposento em que a

família cozinhava e fazia as refeições. Às vezes os roncões eram tão altos que ele se levantava aos tropeções e passava pelo portão baixo que dividia ao meio a cabana — de um lado a família, do outro, o estábulo — para se aninhar na palha, entre os animais.

Espreitou a escuridão para além da entrada da gruta. Fabiano vagueava lá fora, sozinho. A valentia do noviço impressionava-o. Seus irmãos muitas vezes o tinham desafiado a passar a noite no bosque do lado de fora da cabana para provar que era corajoso, mas sempre preferia agüentar a zombaria deles.

Enrico estava disposto a ficar acordado o ouvir a história do outro rapaz, mas não sabia por quanto tempo ainda conseguiria resistir ao sono. Suas pálpebras estavam cada vez mais pesadas e tinham acabado de se fechar quando ele ouviu Fabiano chamando baixinho:

— Frei Conrad? *Sior* Jacopone? — Então o noviço ajoelhou-se junto dele colocou um dedo sobre seus lábios. Enrico girou para o outro lado e apoiou-se em um ombro. Fabiano fez sinal para que o seguisse.

— Espere aqui — disse, já fora da gruta. — Vou botar mais um galho na fogueira e já volto.

Era quase lua cheia, e o brilho do fogo que vinha da caverna produzia um eleito de crepúsculo entre as árvores. A folhagem farfalhou, mas bem de leve, com o sopro de uma brisa suave. Enrico estava atento ao som de passos de animais selvagens e esquadrinhava as moitas procurando algum movimento no brilho de olhos. Ficou aliviado quando Fabiano voltou. O rapaz segurou-o pela manga e puxou-o para longe da gruta.

— Não seria mais seguro ficarmos perto do fogo? — Enrico deu por si sussurrando também.

— Descobri uma clareira do outro lado da estrada. Você não tem medo do escuro, não é?

Enrico preferiu não responder.

— Você disse que ia ficar de guarda.

— Vamos estar por perto. Não é uma história muito longa.

Os passos de Enrico iam ficando cada vez mais inseguros à medida que se afastavam da claridade e se embrenhavam na escuridão dos arbustos. Em um certo ponto, um galho seco quebrou-se com um estalido sob o peso de seu pé. Fabiano parou rápido e olhou para a gruta atrás deles.

— Tome cuidado. Não devemos acordá-los. Na clareira, o noviço se virou

e encarou-o de frente. Fabiano parecia bem mais baixo do que ele sob a luz fraca do luar. Estavam tão perto um do outro que o *noviço* teve de inclinar a cabeça para trás para encará-lo.

Esta é a história de um jovem eremita chamado Rustico e de uma linda moça chamada Alibech.

— Não é o eremita *Conrad*?

— Não, não tem nada a ver com o eremita Conrad! — riu-se Fabiano.

— Mal tinha entrado na adolescência — recomeçou o noviço —, essa Alibech fugiu de casa, pois não queria ser dada em casamento. Desejava somente levar uma vida de santidade, rezando no deserto. Foi de gruta em gruta, pedindo aos eremitas que viviam nelas que lhe ensinassem os caminhos que levam a Deus. Todas as vezes, os velhos sábios, conscientes de que nem mesmo eles estavam livres de cair em tentação, entregavam à menina raízes e ervas, maçãs silvestres e tâmaras, e mandavam-na procurar a ajuda do próximo eremita. Finalmente, ela chegou à gruta de Rústico. Cheio de orgulho juvenil, o eremita decidiu colocar sua própria firmeza à prova e recebeu-a em sua cela. Todavia, não demorou muito e descobriu que não conseguiria resistir à beleza nem à inocência da menina, pois percebeu que ela não sabia absolutamente nada sobre os homens. Alguns dias depois, rendeu-se afinal ao fogo que lhe devorava as entranhas. Pediu à menina para se ajoelhar diante dele, pois iria lhe ensinar como pôr o demônio no inferno.

Fabiano puxou a túnica de Enrico na altura do peito.

— Ajoelhe-se — mandou o noviço. — Você vai representar o papel de Rustico. Enrico obedeceu e o outro ajoelhou-se diante dele, ambos esmigalhando folhas secas no chão; dessa vez, porém, Fabiano não fez nenhum comentário sobre o ruído.

— Primeiro, Rústico disse à menina: "Precisamos despir nossas túnicas e roupas de baixo."

— Tenho de fazer *isso*?— reclamou Enrico. — Está muito frio longe do fogo. Fabiano demonstrou seu desagrado:

— Olhe, se ficar choramingando por qualquer coisa, vai estragar a história.

— Desculpe. Nunca fiz esse tipo de coisa.

O noviço sorriu.

— Compreendo.

Enrico tirou o capuz e a túnica pela cabeça. Ouviu o farfalhar do tecido enquanto Fabiano fazia a mesma coisa. Sentiu um arrepio por causa da friagem noturna e hesitou antes de largar a roupa de lado. Lançou um olhar suplicante para o noviço.

O que viu o fez aspirar um grande gole de ar gelado. Já tinha visto sua irmã mais nova despida, mas os seios dela eram apenas botões de flores, nada parecidos com as frutas maduras que surgiram diante de si, quase tão volumosos quanto os da mãe quando amamentava um novo bebê. Seus olhos percorreram a silhueta esguia, desceram para a curva dos quadris, passaram pelas coxas e pararam nos abundantes pêlos escuros encaracolados, que incitavam à exploração, e no umbigo, profundo como um vórtice sob a fraca luminosidade. Estendeu a mão para aquela carne macia, mas deteve o gesto receando testar sua realidade ao tocá-la de foto. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas a menina pousou novamente o dedo em seus lábios. E retomou a história do ponto onde havia parado como se nada de especial tivesse acontecido.

— "Rustico" exclamou Alibech, "o que é essa coisa que você tem e eu não tenho, que se ergue na frente de seu corpo?" "Ai de mim, filha", explicou ele, "*il diavolo*, o mesmo diabo sobre o qual já lhe falei. Deus me atormenta com esta coisa abominável, que sempre me causou sofrimento, tanto que muitas vezes achei que a dor ainda acabaria por me matar. Mas agora, em resposta às minhas preces, Ele mandou que você viesse a mim. Pois Ele deu algo *a você* que *eu* não tenho, um inferno dentro do qual este demônio pode mergulhar, acalmando a minha dor."

A menina começou a acariciar Enrico.

— *Claro* que você está com frio — disse ela. — Eu também estou congelando, mas o efeito em mim é o oposto. — E guiou a mão dele para o seu peito, deixando a ponta do dedo tocar um de seus mamilos. — Não posso continuar a história se você não cooperar. Você tem de crescer como um obelisco.

A voz dela o encorajava:

— Está nervoso? Precisa relaxar. Lembra-se do que os velhos disseram? Você tem de experimentar a vida. Até mesmo passar noites com mulheres de pele clara.

Ele apertou o mamilo dela entre o polegar e o indicador, com curiosidade e delicadeza, para não machucá-la. Respirava rápido agora, em arfadas curtas, e

suas têmporas palpitavam com força. Piscou para espantar a sensação de vertigem.

— Assim é melhor — disse ela, enquanto continuava a acariciá-lo. — Está Mulo bem, ouviu? Você ainda não fez nenhum voto. Ah... assim é *bem* melhor. Vou lhe dar o apelido de "grande Rico". E pode me chamar de Amata, que é meu nome de verdade.

Ele riu baixinho e com as duas mãos começou a massagear-lhe os seios.

— Grande Rico. Como o *Sior* Jacopone — ele disse.

Ela pôs a mão livre em cima da dele e manteve as duas paradas por um momento.

— *Jacopone*? Por que falar dele numa hora dessas?

Ele abriu os olhos.

— Jacopone. É um apelido, não o verdadeiro nome. Ele me disse que significa grande Jacopo". Em sua cidade, as pessoas chamavam-no assim por ele ser tão alto.

Ela parou. Os dedos se retesaram e ela apertou-o com força.

— Ai! O que foi que eu disse?

Ela o soltou.

— Que pessoas? As de Gubbio?

— Não, de Gubbio, não. Ele disse que é de Todi, no canto mais remoto da Úmbria.

A menina caiu para trás sobre os calcanhares, afastando-se das mãos do rapaz. Abraçou a própria barriga e começou a gemer.

— Por que, Deus? — choramingou. — Por que tira de mim todos os que me são queridos?

Levou o punho à boca e mordeu com força os nós dos dedos. A boca se escancarou, como se ela quisesse gritar, mas seu sofrimento vinha de um lugar tão fundo que desafiava o som.

— O que aconteceu?

Mas ela já se esquecera dele. Deitou-se de lado, agitando-se sobre as folhagens, ainda apertando a barriga e gemendo. Seus punhos investiam contra um inimigo invisível.

— Oh, minha prima querida, que jeito horrível de morrer.

Está delirando, pensou ele. E começou a se preocupar com o barulho, que podia acordar os outros. Vestiu-se. Não queria ser pego despido junto com ela.

Pensou em voltar para a gruta sem ser notado, mas naquele momento ela se virou de frente.

Ah. Che bella! Che grazia di Dio! Sua pele resplandecia ao luar, perfeita e imaculada, e os olhos repletos de lágrimas brilhavam como pedras preciosas. Ela parecia uma criatura do reino das fadas, uma ninfa dos bosques estendida sobre o húmus escuro do chão. Ele começou a acariciar-lhe a barriga.

— Não. — E empurrou a mão dele. — Não posso mais fazer isso.

— O que houve?

Amata demorou para responder. Enrico receava que estivessem procurando por eles. Por fim, quando ele achou que não podia esperar mais, ela voltou a falar:

— *Signore Jacopo dei Benedetti da Todi*, o famoso notário. Pronunciou o nome devagar, em tom reverente.

— Era assim que o chamavam quando ele ainda estava mentalmente são. O homem mais alto de Todi. Na ocasião em que me levaram de minha casa, ele estava para se casar com minha prima Vanna. Jamais o encontrei pessoalmente. Até hoje. Enrico, quem morreu esmagada sob a galeria foi a minha doce prima. Ela era como uma irmã mais velha para mim — a irmã mais amada que uma menina poderia ter, a pessoa que melhor me compreendia.

Sentou-se e, apática, recolheu suas roupas. Enrico fitou a em silêncio enquanto ela se vestia, intrigado, não tanto pelas vestes, mas pelos objetos que ela guardava por baixo... algo branco e enrolado preso ao abdômen e uma faca num estojo escuro no antebraço. Ela levantou a cabeça e notou o olhar fixo do noviço.

— Esse rolo é uma crônica da história dos frades — explicou. A voz dela assumiu um ar de importância: Vou levar para São Damião, amanhã. Muitas das irmãs de lá sabem escrever. Vou pedir que façam uma cópia para depois dá-la de presente a frei Conrad; como é uma surpresa, não conte nada a ele.

Estendeu o braço para que ele o examinasse.

— E essa faca é para manter longe o perigo.

Outra vez, falou com orgulho:

O último homem que me tocou sem minha permissão não pode mais contar até dez com os dedos.

Agora, ela estava inteiramente vestida. Passou o cinto de corda pela cintura e segurou a mão do rapaz.

— Sinto muito, Enrico. Não foi esse o final que planejei. Talvez possa terminar a história num outro dia. Pelo menos, terá a lembrança de *Suor Amata* e do que viu esta noite — e conseguiu dar um sorriso melancólico.

— Amata — disse ele. — A Amada. O nome lhe cai muito bem. Sei que *eu amo*.

— Nem pense nisso. Traz má sorte me amar. É verdade.

— Lançou-lhe um olhar severo. O sorriso em seu rosto desaparecera.

— Temos de voltar — disse, afinal. Me foi atrás dela, seguindo na direção da estrada e da luz bruxuleante que fluiu da gruta. Inesperadamente, ela estacou e fez sinal para que ele ficasse em silêncio. Agachou-se atrás de uma árvore; ele fez o mesmo.

Ela praguejou baixinho e sussurrou:

— Há um bando de homens na trilha.



AMATA CONTOU CINCO VULTOS ESCUROS. Pensou no grupo de caçadores de Dom Vittorio — os criminosos contratados pelos moradores de Perúgia para aterrorizar os viajantes — e em suas vítimas. Teriam então sido seguidos desde Gubbio? Lembrou-se do pressentimento que tivera na trilha. Rezou a Deus para que não fosse a mesma quadrilha ou outra parecida; mas no fundo sabia que estava iludindo a si própria, Somente ladrões e assassinos teriam motivos estar na estrada na escuridão da noite, à procura de fogueiras de acampamentos. A mesma fogueira que protegia os viajantes adormecidos dos animais ferozes e do frio atraía bandidos como aqueles.

Os homens pararam perto da árvore em que ela e Enrico se escondiam, fazendo planos aos cochichos. Espalharam-se e ficaram distantes uns dez metros uns dos outros, do outro lado da estrada, com a intenção de se aproximarem da gruta por vários ângulos. Amata viu que carregavam pedaços de pau e lanças, e presumiu que também traziam outras armas menores escondidas.

— Não matar Conrad e Jacopone — disse, com os lábios grudados na orelha do menino. — Tenho de ir avisá-los. Você espera aqui.

Sua nuca latejava enquanto se esgueirava até a beira da estrada. Abriu bem os olhos e respirou fundo várias vezes, protelando o instante inevitável em

que tentaria correr pelo meio deles e revelar sua presença. Pensou em Conrad e em como ele havia arriscado a própria vida para ajudá-la a atravessar a face da montanha, e foi essa lembrança que finalmente a fez ficar de pé.

— Irmãos, acordem! — gritou. — *Banditi!* Acordem!

Correu o mais rápido que pôde para a floresta do outro lado da estrada, mas um dos homens agarrou-a pela manga. Forçou-a a se virar e levantou um bastão de madeira sobre sua cabeça. Numa reação instintiva, ela mergulhou a cabeça no peito do homem, o que fez com que a arma descesse no vazio atrás dela sem a atingir. O homem soltou um grunhido, depois berrou de dor e deixou cair o bastão. Com as duas mãos, agarrou-a pelo pulso, tentando empurrá-la, enquanto ela lhe enfiava a faca na barriga, esforçando-se para que a ponta atingisse o coração. Um sangue quente jorrou em sua mão. O homem finalmente a largou, com um tremor, no momento em que Enrico se atirava sobre as costas dele.

— Corra, Amata! — gritou, enquanto outros dois homens o agarravam.

O bandido amoleceu o corpo e ela o golpeou de novo, dessa vez no lugar certo. Com um olhar de tristeza infinita, ele caiu de joelhos e depois para a frente, com a cara no chão. Ela se abaixou para apanhar o pedaço de pau. Na confusão de sombras e vultos, Enrico gritou por socorro.

Amata quase não percebeu o homem que investia contra ela com uma lança. No último instante, deu um salto para trás. Ouviu sua túnica rasgar-se na frente e o pergaminho de Leo ser cortado, escapando por pouco de ser estripada. O mato estalou às suas costas quando o atacante projetou os braços para trás, dando impulso para atacar de novo. Conrad arrojou-se velozmente contra ele, derrubando-o com o próprio corpo. Logo recuperou o equilíbrio e postou-se na frente de Amata.

— Em nome de Deus, parem! — Conrad gritou para os homens.

— Não são homens tementes a Deus — berrou Amata. — Pegue esse bastão e lute, ou então encomende sua alma aos céus. — E pôs o bastão na mão dele

O lanceiro titubeou.

— Aqui, irmãos — chamou.

Os dois homens que haviam agarrado Enrico voltaram para perto do líder. *Mau sinal* — pensou Amata. *Já não se preocupam mais com o rapaz.* O último da quadrilha também se aproximou dos outros e agora os quatro encaravam

Conrad e a moça. O eremita estava imóvel. A arma que Amata lhe entregara pendia a seu lado. Seguiu-se um rápido impasse enquanto o bandido avaliava a situação.

— Esse é o nosso homem. Vamos terminar o que viemos fazer e cair fora daqui — decidiu.

Amata recuou para a floresta. Agarrou uma ponta da túnica de Conrad e puxou-a, tentando fazê-lo vir junto com ela.

Ele resistiu ao puxão e ficou firme no lugar.

— Por que sou o homem que procuram? Sabem quem eu sou? Não sou daqui da Úmbria.

O clangor estrondoso da trombeta de Jacopone vindo da gruta rompeu a tensão do confronto. Ao ver a expressão de susto nos rostos dos bandidos, Amata tentou mais uma vez arrastar Conrad dali. Enquanto isso, Jacopone vinha chegando, o andar pesado e barulhento, por entre as árvores, dando gritos estridentes e rugidos cada vez mais próximos.

— Ai! Os anjos de Deus os protegem! — gritou o líder.

— *Un drago* — exclamou um outro.

Anula virou-se e viu dois imensos olhos flamejantes lançando-se colina abaixo.

O bando ficou paralisado por um instante quando a aparição avançou contra eles, e, naquele instante de suspense, Jacopone saltou no meio do grupo. Enfiou um tição em brasa no rosto do lanceiro, ao mesmo tempo que, com a tocha que carregava, ateava-lhe fogo à roupa. O homem uivou e disparou como um raio-cego e em chamas — para a floresta. Os outros três fugiram correndo estrada acima, com o dragão vociferando em seu encalço. Jacopone conseguiu tocar fogo em outro manto antes de abandonar a perseguição.

Com os malfeitores longe da vista. Conrad ajoelhou-se ao lado do homem que tinha atacado Amata. Virou o corpo para cima e pousou a mão sobre o peito encharcado de sangue.

— Tarde demais para a absolvição final — disse. Sua alma já se foi para a morada eterna.

— Para o Hades, assim espero — reagiu Amata.

— Foi você quem o matou?

Ela apreciou o timbre de admiração na voz dele.

— Ele não tinha espírito de luta — respondeu. Virou as costas, deixando

Conrad ajoelhado ao lado do bandido, e correu uma pequena distância pela estrada na direção de Assis. Depois voltou aflita para o cenário da luta.

— Enrico — chamou. — Enrico!

Quando Jacopone ia voltando com suas tochas, Amata encontrou o volume inerte na orla do bosque. Não conseguiu tocá-lo, mas era nitidamente uma pessoa. Seu estômago se contraiu e ela começou a ter náuseas.

E caiu de joelhos ao lado do corpo.

— Não, Rico, não! — gemeu. — Você também? Não!

CAPÍTULO XI



CONRAD TOMOU A FRENTE DE AMATA. Sentiu o peito de Enrico, como tinha feito com o homem morto. Depois aproximou-se do rosto do menino. Amata esfregava as mãos, impotente, rezando, desesperada.

— Ele ainda está respirando, mas quase nada. Onde está *Sior* Jacopone?

— Está vindo, padre — disse ela. — Estamos aqui! — gritou Amata em direção à estrada. — Depressa!

O penitente ergueu as tochas bem alto para o céu e deu um urro de triunfo ao aproximar-se deles.

— Não lutava assim desde que expulsamos Benedetto Gaetani e seus guibelinos de Todi.

— Você nos salvou, irmão, com toda a certeza — disse Conrad. — Mas talvez tenhamos chegado tarde demais para ajudar Enrico. Ele está à beira da morte. I' MIOS de tirá-lo daqui antes que os *banditi* voltem. — Fez um gesto para a floresta. — Deixe uma de suas tochas com Fabiano, *Sior* Jacopone. Procure alguns troncos que possamos usar como hastes para uma maça.

Jacopone fitou o menino por um instante e em seguida embrenhou-se de novo no mato. Conrad cobriu a testa com a palma da mão, pensativo; depois começou a olhar em volta.

— Venha comigo, irmã. Detesto ter de despir um cadáver, mas precisamos da roupa do bandido para carregar Enrico. Podemos enfiar os troncos pelas mangas.

Ela o seguiu aos tropeços, em estado de completo torpor. Seu único pensamento era que, se não fosse por ela, Enrico não estaria agora caído na estrada, moribundo, embora ela mesma também pudesse estar morta, o que teria

preferido. Deus certamente lançava Seu flagelo sobre todos os que ela amava.

Conrad mandou que ela virasse de costas enquanto despia o corpo. Amata girou devagar nos calcanhares e ficou de frente para a escuridão, até que ele gritou:

— *Dio mio*, irmã! O que você fez? Foi um frade que você matou.

Conrad tirara o manto que cobria o homem. Por baixo, ele vestia uma túnica cinzenta com uma corda à cintura, igual à que eles usavam. Amarrada a uma tira de couro ao redor do pescoço pendia uma cruz tosca de madeira.

— Ele tentou *me matar*.

O corpo dela fraquejou, suas palavras mal passavam de um murmúrio rouco. Faltavam-lhe forças até para se defender. A tocha que tinha nas mãos foi baixando até as chamas iluminarem a cabeça calva e as feições rígidas e agonizantes do morto.

— Padre! Esse eu conheço! Vi-o esta manhã!

— Em Gubbio?

— Isso mesmo, na praça. Estava de pé atrás da multidão, acompanhado de muitos outros da nossa Ordem. Não usava capuz, e lembro-me de ter pensado que ele parecia gostar de sentir frio.

— Mas por que viria nos *atacar*?

A mata fez que não sabia.

— O líder disse que estavam procurando você.

Olhou para o outro lado da estrada, onde estava o corpo imóvel de Enrico, e agarrou a manga de Conrad.

— Receio por você, padre. Por favor, não vá ao Sacro Convento. Vai cair em uma cilada mortal.

— Esta decisão cabe a mim — retrucou ele —, e por enquanto não vejo alternativa.

Estudou o frade morto por um momento.

— Além do mais, será que a vida é assim tão importante? Se esses homens tivessem me matado antes, eu já estaria em regozijo ao lado de frei Leo e de São Francisco.

Sorriu, dando tapinhas no peito, e acrescentou:

— E *também* já saberia o significado dessa carta.

— Mas Leo quer você com vida para que possa divulgar o que descobrir.

Disso tenho certeza.

Jacopone voltou do mato arrastando dois troncos finos e resistentes, cujos galhos já tinha retirado. Estendeu-os ao lado de Enrico e foi ao encontro de Conrad e Amata.

— Temos de enterrar este irmão primeiro — declarou Conrad.

— Enterrá-lo? — Amata protestou. — Não tomamos tempo para isso! Temos de tirar Enrico daqui.

— O homem era um frade. Deve ser enterrado com um cristão, e não servir de carniça para os animais.

Conrad tirou a cruz do pescoço do morto e entregou-a a Amata.

— Segure isto; vai servir para marcar o local da cova. *Sior* Jacopone, ajude-me a despi-lo. Podemos enrolá-lo no manto e cobri-lo com um monte mortuário.

— Dê-me o cinto dele — pediu Amata. — Pode ser útil.

Ela esperou na estrada. Segurava a tocha numa das mãos e a cruz na outra, enquanto os dois homens arrastavam os restos mortais do frade para o meio das árvores. Mantinha os olhos nas curvas onde a trilha desaparecia, em ambas as direções, temendo que o bando retornasse. Três deles tinham fugido para o lado de Gubbio, mas o lanceiro podia estar em qualquer parte. Seus gritos há muito haviam se perdido no silêncio e na brisa fria da noite. Ela se concentrou em ouvir além dos ruídos que vinham do mato, onde Conrad e Jacopone amontoavam folhas, pinhas e terra sobre o cadáver. Amata colocou também a mão em concha na direção de Enrico, na esperança de ouvir algum gemido, grito de dor ou qualquer sinal de vida. O silêncio que a rodeava fazia crescer seu temor.

Depois de um intervalo interminável, Jacopone surgiu da escuridão e trocou o cinto pela cruz que ela segurava. Amata correu para onde estava Enrico e com a corda do cinto, amarrou uma braçada de galhos formando um feixe. Transferiu para o feixe a chama da tocha, prestes a se extinguir, e, à medida que o fogo se espalhava de graveto em graveto, observou de perto o rosto do rapaz. Arranhões e hematomas maculavam a pele clara, e o sangue ressecado misturado nos cabelos louros produzia um efeito de palha pegajosa. Tão jovem. Seu irmão Fabiano teria hoje a mesma idade. Sentou-se no chão ao lado dele e acariciou-lhe a fronte, correndo os dedos por seus cabelos para tentar desfazer o emaranhado pastoso.

As pálpebras do rapaz se agitaram; depois se abriram completamente ao

reconhecê-la.

— Amata — murmurou. — Você ainda está viva.

— Deus seja louvado, Rico, você também.

— Não tenho muita certeza. Tudo dói. E estou tão fraco.

— Você é muito valente, saltando nas costas do homem.

Ele tentou sorrir.

— O primeiro ato de bravura da minha vida, e acabou comigo.

— Quietos. Não fale assim. Estamos perto do Sacro Convento. Os frades de lá vão cuidar de você.

As pálpebras de Enrico se fecharam outra vez. Mexeu a cabeça de um lado para o outro, lutando para se manter consciente. Ela ouviu os dois homens se aproximarem.

— Lembre-se de que sou *Fabiano*, não Amata — sussurrou, mas ele já desmaiara.

Conrad e Jacopone fizeram uma maca usando as varas e a túnica do morto. O menino continuou inerte quando os homens o deitaram em cima do pano e levantaram a padiola, apoiando-a nos ombros. Amata passou na frente deles para iluminar os sulcos das carroças e os buracos da estrada.

— Agora, que a graça de Deus o proteja, e a nós também — disse Conrad.

— Vamos.

A estrada, embora irregular, continuou plana por quase uma légua, até cruzarem o caminho para Porziano. A fachada de uma pequenina capela rural apareceu em uma clareira à direita, um lugar onde talvez pudessem encontrar abrigo. Conrad parou em frente à capela, apoiando a padiola no chão, e olhou para dentro. Fez sinal para que Amata o seguisse com a tocha e entrou.

A luz provocou um zunido agitado, com alguns pequenos animais fugindo pelas paredes. No alto, o ar se encheu com o som do bater de asas, e um bando de morcegos escapou por um buraco no telhado. Amata ficou imóvel na entrada até que o barulho cessasse; depois seguiu Conrad até o altar. O lugar exalava um odor de carne queimada. Ela ouvira dizer que os judeus sacrificavam animais em seus altares e os queimavam para ofertá-los, como parte de um ritual. *Os templos deles devem ter esse mesmo cheiro*, pensou Amata.

O eremita espanou uma camada de poeira da pedra do altar e abriu a porta do tabernáculo.

— Não é seguro. Esta capela não mais é usada como igreja. Não teremos

a proteção da Eucaristia.

— Mesmo assim, devíamos parar um pouco. Todos esses solavancos podem matar Enrico.

— Podemos descansar ao nascer do dia. É perigoso demais parar durante a noite.

Um gemido se fez ouvir, vindo da escuridão atrás do altar. Conrad arrancou a tocha da mão de Amata e segurou-a bem acima de sua cabeça.

— Se for um homem e não um animal, identifique-se — disse ele.

— Maldita seja sua alma fanática, Conrad da Offida — rilhou uma voz.

— Não pretendíamos feri-lo. Nossas ordens eram somente para levá-lo como prisioneiro.

Conrad contornou o altar, pé ante pé, e por fim distinguiu o vulto caído junto à parede. O homem apontou-lhe uma lança, mas dava a impressão de estar fraco demais para ferir alguém.

— Ponha sua arma de lado, se quiser nossa ajuda.

— Ajuda? Ele quase abriu meu estômago ao meio! — reclamou Amata.

O homem se manteve na defensiva.

— Jogue isso longe, estou lhe dizendo! — Conrad fez um amplo círculo no ar com a tocha. — Quer ser queimado de novo?

— A lança fez um baque surdo ao cair no chão empoeirado. Conrad deu um passo adiante, mas Amata estendeu o braço na frente dele, impedindo-o de avançar.

— Cuidado. Ele pode ter uma faca.

— Então apanhe a arma dele e dê-me proteção. Acho que ele vai preferir ficar vivo.

Amata encontrou a lança no escuro e apertou a ponta contra o peito do homem, Conrad aproximou-se com a luz.

— Também o conhece? — indagou Conrad.

— Não consigo ver o rosto. Tire o capuz.

O homem deu uma espécie de ganido quando a mão do padre roçou-lhe o rosto. Era dele a carne fedorenta cujo cheiro ela sentira. As feições queimadas estavam irreconhecíveis, uma massa disforme e gotejante no meio da qual um olho malévolo a fitava. Conrad removeu o capuz. O cabelo do homem era cor de palha e aparado em uma tonsura de religioso.

Amata inclinou-se para vê-lo melhor, apoiando-se no altar.

— Acho que é um dos frades que me mostrou o caminho para a casa de Monna Rosanna. Pelo menos, o cabelo parece igual.

— Impossível! Não estavam a pé?

— Não, montavam jumentos. Eu lhe disse, o outro era muito velho. Podem ter chegado ontem ao convento em Gubbio. Ainda bem que não dormimos lá na noite passada.

Conrad reaproximou a chama do rosto do homem.

— Você sabe o significado da carta de frei Leo?

— Não.

O homem tossiu, e com isso caiu-lhe um muco sanguinolento no peito. Quando falou de novo, a voz estava rouca e as palavras se formavam com dificuldade.

— Meu companheiro disse apenas... que o ministro geral... ficaria satisfeito em ter essa carta... E em ter você.

Tentou erguer a mão, mas esta lhe tombou de volta sobre o peito.

— Diga o nome do seu companheiro!

Os lábios do homem se retorceram num sorriso de escárnio.

— Amanuensis.

— Isso não é um nome — disse Conrad. — É uma profissão.

— Amanuensis — o homem repetiu com insistência. Conrad franziu o cenho.

— É provável que esteja falando a verdade. Bonaventura acha que sou um encrenqueiro. Não ficaria *nada* satisfeito com a notícia do meu retorno. Mas isso está longe de ser um bom motivo para me prender.

O homem engasgou mais uma vez com o muco preso em sua garganta.

— Pelo amor de Deus, ajude-me — implorou. — Ouça minha confissão. Preciso aliviar minha alma.

— Assim farei, irmão. Espere lá fora, Fabiano, e não se preocupe. Prometo que vou manter uma distância segura entre nós.

Amata levou a lança para a porta de entrada, mantendo-se próxima o suficiente para escutar o tom velado das duas vozes. Avistou Jacopone sob o luar, agachado ao lado da maçã de Enrico, e sua ansiedade cresceu. *Jesu Domine!* Por que Conrad tinha de pôr as necessidades de todo mundo antes das deles? Viu o perfil do penitente dissipar-se nas trevas, depois reaparecer, quando uma nuvem comprida atravessou a luz da lua. O tempo todo, Conrad falava em

tom monótono com o frade ferido. Finalmente, a tocha contornou o altar outra vez.

— Descanse agora e mantenha sua mente livre de pecados — ela o ouviu dizer. — Vou mandar alguns irmãos virem ajudá-lo assim que chegarmos a Assis.

O padre entregou a tocha a Amata, e ele e Jacopone recolocaram com grande esforço os varais da padiola em cima dos ombros. Ela tentou segurar o feixe em chamas com uma das mãos somente, mas começou a sentir câimbra nos dedos e, a contragosto, precisou jogar a lança no mato.

A pequena distância da capela, o caminho subia até as colinas de Nocigliano, e aquela seria a última elevação que teriam de transpor para chegar a Assis. O barro estava firme e praticamente congelado sob as sandálias de Amata, e ela se surpreendeu que os homens, embora descalços, parecessem não sentir tanto frio nos dedos dos pés quanto ela. A força dos dois ascetas também a impressionava. Conrad, mais baixo, ia à frente, e nem a íngreme trilha de carros de boi os retardava. Lembrou-se das histórias que seu pai contava sobre os guerreiros espartanos de antigamente, os mais implacáveis e temidos lutadores de que se tinha notícia, cujas atividades, exercícios e alimentação concentravam-se em seus miseráveis refeitórios, onde a dieta constava apenas de vísceras, pudim de aveia e outras comidas igualmente desprezíveis. E, exatamente como esses dois, também eles evitavam o contato com mulheres. Amata não queria nem *pensar* nas implicações *dessa* circunstância.

A lua afundou atrás das montanhas a oeste, mas a trilha à frente, uma subida até o cume, ficou mais iluminada. Amata viu os contornos das árvores no alto e alegrou-se ao ouvir o canto esporádico dos pássaros que despertavam.

— Direto para o topo, *Sior* Jacopone — instou Conrad. — Lá poderemos descansar.

Finalmente, no ponto em que a estrada se abria para a bacia do rio Tescio, pousaram sua carga no chão. A tênue luz do dia se espalhava além das montanhas circundantes, e Amata viu a planície estendendo-se como um pequeno universo abaixo dela, com seus vilarejos distantes, aldeias solitárias e campos bem cuidados prolongando-se até as colinas ao longe. A mais próximas de todas aquelas cidades era Assis, e subiu-lhe uma onda quente de raiva ao distinguir a torre principal e as muralhas recortadas de ameias da fortaleza de Rocca Paida dominando o casario. Enterrou a tocha no barro, desejando poder

extinguir Simone della Rocca e seus filhos com igual facilidade.

Os homens esticaram os músculos e balançaram os braços. Jacopone escolheu um arbusto apropriado e meteu a mão dentro da tanga para se aliviar, e no mesmo instante Conrad agarrou-o pelo manto.

— Um pouco mais para dentro da floresta, irmão. Vou com você.

Amata sorriu. Conrad pretendia manter o segredo deles — e seu próprio dilema — até o fim. Algo se mexeu atrás dela e, ao virar-se, viu Enrico agitando-se e abanando os braços no ar.

Ela correu para a maçã.

— Estou aqui, Rico. Estamos quase em Assis — ela segurou-lhe os punhos e abaixou suas mãos, cruzando-as sobre o peito.

Conrad estava de volta antes mesmo que o menino pudesse responder.

— Estamos *todos* aqui, irmãozinho. Pousou a mão na testa de Enrico e fitou-lhe o rosto.

— Acabei de ouvir a confissão de um homem ferido e posso ouvir também a sua se desejar.

— Sim, padre. Por favor, dê-me seu perdão. Sei que estou morrendo.

— Mas não pode esperar até chegar ao convento? — perguntou Amata.

O jovem voltou seus olhos tristes para ela.

— Sinto muito. Tenho de confessar. Agora. Pode ser tarde demais, no convento.

— Enrico está certo — disse Conrad a ela. — Não convém arriscar um adiamento. Desça um pouco a estrada e espere lá com *Sior* Jacopone. Deixe o menino confessar-se com mais privacidade.

Amata deu-lhes as costas e afastou-se. Achou que seu coração amargurado não conseguiria agüentar mais nada — nem a morte de mais um ente querido, nem mesmo a de um inimigo — e rezou para que esse coração enfim se partisse. Com toda certeza, Conrad iria odiá-la depois de ouvir a confissão de Rico.

Lutou contra a vontade de chorar. Jacopone aproximou-se e segurou o ombro dela com sua imensa mão em concha.

— A respiração arquejante do moribundo. O pecado e o perdão do pecado. É tudo parte da colcha-de-retalhos da poesia, irmão. A vida não passa de um poema épico sem fim.



*SENHOR JESUS CRISTO, FILHO DE DEUS, tenha piedade de mim, um pecador.
Senhor Jesus Crist, Filho de Deus, tenha piedade de mim, um pecador.*

Os lábios de Jacopone moviam-se sem ruído, repetindo seguidamente a mesma prece. Quantos milhares de vezes já a teria repetido nos últimos quatro anos? Tornara-se tão natural para ele quanto respirar. Ele esperava sentado em cima de uma grande pedra com as pernas penduradas, as mãos juntas no regaço, olhos entreabertos. Na beira da estrada, um besouro preto e brilhante debatia-se numa poça d'água.

Com passos largos, Conrad veio até ele.

— Onde está Fabiano?

Seu rosto estava contraído de raiva. Fez a pergunta aos brados, com a mesma fúria que Jacopone testemunhara em Todi.

O penitente apontou o polegar para a trilha que descia até Assis. Os olhos cinzentos do frade então se encheram de lágrimas, e ele esfregou o braço no rosto barbado. Espalmou as mãos e olhou para o céu. Depois, deixou cair os ombros e baixou a cabeça.

— Enrico se foi.

O frade parecia morder cada palavra enquanto falava.

— For causa desse Fabiano egoísta e perverso, que não cuidou direito quando estava de vigia, esse bom menino está morto.

— As crianças atiram pedras nos sapos por diversão, mas os sapos morrem de fato.

Imitando o salto de um sapo, Jacopone desceu de seu poleiro.

— Ele me chamou de *primo*.

— Quem?

— Seu noviço. "*Adeus, primo. Compartilho sua dor*" foi o que ele disse. Não sei o que quis dizer. Minha mulher tinha um primo que também se chamava Fabiano. Mas ele não é um noviço de hábito cinzento. Vanna chorou pelos primos durante muitos, muitos meses. Chegamos a adiar nosso casamento. Talvez fosse melhor jamais termos nos casado. Ou nossos pais *nunca* terem arranjado nosso encontro. Porque então ela ainda estaria viva, pobre moça.

Ergueu a cabeça e olhou para o padre, mas sua vista enevoou-se.

— Está tudo embaralhado, tudo cheio de nós. Você é um homem inteligente, frei Conrad. Será que *você* compreende o que tudo isso significa?

CAPÍTULO XII



CONRAD COMPREENDIA, É CLARO. Sabia exatamente por que Amata chamara o penitente de primo e por que lamentava a morte de sua mulher tão profundamente quanto ele. Porém, o monge tinha acabado de tomar conhecimento da ligação entre Amata e Jacopone por meio da confissão de Enrico, e não podia profanar a inviolabilidade do Sacramento da Confissão.

O frade gostaria de poder sentir mais pena da jovem em razão da perda de sua prima, mas sua indignação com o comportamento dela o consumia tão ardentemente que sufocava qualquer compaixão. Tentou lembrar a si mesmo que Amata era pouco mais que uma criança, quase nada mais velha que Enrico; mas a racionalização não o ajudou em nada. Conrad queria gritar. Queria chorar — pelo menino morto, por Jacopone e sua falecida Vanna, por Amata — por toda a humanidade que seguia sem rumo, desenfreada e desgraçadamente, em direção ao julgamento final. E por sua própria imprudência. Nada teria acontecido nessa noite horrível se ele tivesse se recusado a entrar no labirinto dos segredos de Leo, se tivesse ficado na cabana. *Chi non fa, non falla*, o experiente pai de Rosanna costumava dizer. *Quem não faz nada não comete erros.*

Mas, por ora, ele e Jacopone tinham de lidar com a pior consequência daquela sua escolha: dar um destino ao corpo de Enrico.

Tocou de leve as costas do penitente.

— Venha, meu amigo. Vamos cuidar da nossa obrigação.

Manteve a voz num tom profissional, sem deixar transparecer o sofrimento que lhe pesava o espírito.

— O menino deve ser enterrado no Sacro Convento. Os frades podem

notificar a família.

Os dois homens levantaram a padiola e retomaram a caminhada; desta vez, Jacopone, o mais alto, ia à frente, pois agora deviam seguir ladeira abaixo. As árvores que se curvavam sobre o caminho para a cidade criavam um túnel tão sombrio que dava a Conrad a impressão de que entravam por acaso em um dos canais subterrâneos que levam ao mundo dos infernos. Em sua fantasia, os arbustos se convertiam no fabuloso asfódelo, planta contaminada pelo negro veneno que pingava do bucho do Cérbero de três cabeças — a erva que os mágicos colhiam para preparar poções mortais. Como o antigo poeta Orfeo carregando sua lira, eles estavam descendo para as entranhas do Hades, procurando algo perdido... *o que perdido?*

O lendário poeta pelo menos tinha a sua Eurídice, um motivo para enfrentar os terrores que o aguardavam; Conrad, porém, não tinha ninguém tão tangível que ansiasse encontrar — salvo, no máximo, algumas respostas nebulosas. Ainda assim, sentia que estava sendo arrastado, de forma igualmente inexorável, para sua tragédia pessoal.

O eremita se preocupava também com o esquelético pensador que descia a trilha à sua frente. Desde o sermão apaixonado na *piazza*, Jacopone entrava constantemente num estado de confusa melancolia, tendo se reanimado apenas uma vez para reagir ao ataque na gruta. O que seria do penitente quando entrassem em Assis? Se a cidade o aceitasse como pecador arrependido, ele não sofreria nada; mas se o considerassem um louco, as mesmas leis que dispunham sobre os leprosos apanhados dentro das muralhas da cidade se aplicariam a ele. As pessoas poderiam apedrejá-lo — ou coisa pior. Até os moleques de Gubbio sabiam disso.

Conrad conjecturava também o que seria *dele* próprio. Se em Gubbio os frades estavam à sua espera, com muito mais certeza também estariam seus irmãos do Sacro Convento. Mas sabia também que só do lado de dentro das portas do convento teria alguma probabilidade de encontrar as respostas para o enigma de Leo.

Repreendeu-se por sentir medo. Repetiu o trecho do *Pater Noster* que vinha ecoando em sua mente desde que deixara a cabana: *Seja feita a Vossa vontade. Amém, amém.* Ponderou que o pior que os frades poderiam fazer seria levá-lo para junto daqueles que mais amava — frei Leo e São Francisco.

Ele e Jacopone deixaram a floresta para trás e se depararam com uma

encosta árida e rochosa. Abaixo deles, o frade viu o portão que levava ao setor nordeste cidade. Aquele seria, para eles, o caminho mais direto para entrar em Assis, mas o espetáculo de um eremita esfarrapado e um penitente soturno carregando um jovem morto pelas ruas certamente atrairia uma multidão curiosa.

— Pegue a estradinha à direita — gritou.

A trilha, estreita e sinuosa como um riacho, serpenteava pela encosta, acima da fortaleza da cidade e das muralhas norte. Quando alcançaram a extremidade a oeste, onde a Basílica de São Francisco e o Sacro Convento projetavam-se a cidade em esplêndido isolamento, começaram a descida, firmando os calcanhares nos esparsos tufo de capim que brotavam em meio ao cascalho de argila xistosa. A cabeça de Jacopone se aprumou e a pressão de suas mãos na varas da padiola aumentou sensivelmente ao se aproximarem da Porta di San Giacomo di Murorupto. *Na boca do lobo*, refletiu Conrad com resignação.

— A paz do Senhor esteja convosco, irmão — gritou para o guarda-civil ao passarem pelo portão. O guarda empunhou sua lança e aproximou-se deles desconfiado, dando espetadelas na carga inerte que traziam.

— O que aconteceu aqui?

— Fomos atacados durante a noite — respondeu o frade. — Uns homens nos agrediram e feriram mortalmente nosso companheiro. Estamos levando o corpo dele para o Sacro Convento.

Os olhos amarelados do guarda se estreitaram ao avaliar Jacopone. Talvez procurasse lesões na pele áspera do penitente. Em passos lentos, andou em torno deles, coçando as costeletas, pensativo, da mesma maneira que um homem com tendências filosóficas talvez cofiasse a barba. Finalmente, fez sinal para que entrassem.

— Vou ficar de olho em vocês — disse.

Da guarita, o guarda tinha ampla visão de toda a *piazza* até a igreja superior da basílica, bem como da escadaria que descia para a igreja inferior e para o Sacro Convento. Conrad praticamente empurrou Jacopone quando atravessavam a praça. Além de deixá-lo nervoso, o silêncio prolongado do penitente não conquistara a confiança do guarda.

O rosto que apareceu atrás da grade, quando Conrad tocou o sino no convento, parecia igualmente cético. Apesar de tudo, a tensão do eremita

diminuiu. Ele não conhecia o porteiro, e também não foi reconhecido. Além do mais, a julgar pela careta que o jovem frade fez, os trajes esfarrapados dos visitantes o incomodavam mais do que o defunto apoiado no chão entre eles.

Conrad contou mais uma vez sobre o ataque dos bandidos.

— Trouxemos o rapaz para ser enterrado aqui — explicou. — Ele iria ser um dos nossos. Há uma carta presa ao cinto dele endereçada a frei Bonaventura Vem do bispo de Gênova.

O frade não deu atenção à explicação.

— Pretendo abrigar-se aqui?

As palavras vinham duras, frias como a terra sob os pés de Conrad.

— Não, eu não. Pelo menos, não hoje.

Ele não sabia como seu miserável hábito remendado seria visto, embora o desdém do porteiro já fosse uma boa indicação. Se os outros irmãos achassem que Conrad ostentava sua pobreza com o objetivo de censurá-los, ele poderia acabar na masmorra do convento mais uma vez, sem sequer vislumbrar a biblioteca. Agora que finalmente chegara à porta do Sacro Convento, percebeu que hesitava em cruzar a soleira.

— Não posso falar pelo meu companheiro — acrescentou. Voltou-se para Jacopone, mas o penitente tinha ido embora tão silenciosamente quanto o orvalho evaporando nos telhados.

Estendeu as mãos e pediu, com voz insegura:

Por favor, ajude-me a levar o menino para dentro. Meu companheiro... — não terminou de falar, pois não tinha explicação para o desaparecimento de Jacopone.

A porta se abriu com um rangido. Sem uma palavra, o frade mais jovem segurou na ponta mais próxima da padiola e arrastou corpo do Enrico para o lado de dentro, sem esperar Conrad levantar a outra extremidade. A atitude do porteiro demonstrava que aquela visita estava sendo um verdadeiro incômodo, e, quanto mais rápido terminasse aquela história, melhor seria.

Conrad lançou um último olhar para o aspirante a noviço, observando os sulcos tortuosos deixados no chão pela madeira da padiola — e a túnica que a forrava. Quase ia se esquecendo do frade morto e do lanceiro ferido, de tão perturbado!

— Há mais um irmão machucado numa capela em ruínas perto do cruzamento de Porziano. Um tal de frei Zefferino.

O porteiro olhou-o com atenção. Conhecia o nome, era evidente.

— Você largou um irmão ferido para trás e trouxe este defunto para nós?

— Os dois estavam vivos quando deixamos a capela. Prometi ao frade que mandaria ajuda. Com certeza, você deve dispor de dois irmãos fortes que possam se incumbir disso, não?

O porteiro examinou a expressão dos olhos de Conrad, tentando compreender de que modo aquele mendigo poderia estar ligado a Zefferino.

— Vou cuidar disso — disse afinal. Segurou o portão para fechá-lo, mas Conrad o deteve.

— Mais uma pergunta, irmão. Há algum frei Jacoba nesta comunidade?

— Frei Jacoba? Não conheço nenhum *frade* com esse nome. Será que não quer dizer *Sior* Jacoba? Jacoba é nome de mulher.

Isso era verdade. De repente, Conrad sentiu-se um tolo por não ter percebido um ponto tão óbvio. Talvez tivesse interpretado errado os diminutos garranchos de Leo. Teve vontade abrir a carta ali mesmo e examiná-la de novo, mas ponderou que seria mais prudente esperar um pouco. O rapaz continuava a observá-lo, assim como o guarda, que seguira os estranhos pela praça e agora vigiava tudo do alto da escadaria. Conrad perguntou a si mesmo se ele já estaria ali quando o penitente se fora. Nesse caso, com certeza devia ter achado que o frade era a figura mais suspeita daquela estranha dupla.

Cobriu a cabeça com o capuz.

— Obrigado, irmão, por sua ajuda. Seria muita gentileza de sua parte entregar a carta do bispo ao ministro geral. É digna de uma resposta.

— Frei Bonaventura é quem vai decidir — disse o porteiro, e bateu a porta.

No labirinto de ruas atrás de Conrad, uma trombeta ressoou inesperadamente. Sorriu. O penitente ficaria bem. O peixe voltara a seguir a correnteza.



ALIVIADO POR DOIS MOTIVOS — a segurança de Jacopone e, por enquanto, a própria —, Conrad apressou-se em deixar o Sacro Convento. Sabia que teria de voltar em breve, mas queria sentir pelo resto do dia o gosto de ficar sozinho

outra vez. Não tivera sequer uma hora para si desde que encontrara Amata em sua cabana. Ao deixar para trás o convento e o porteiro, diminuiu o passo e desceu despreocupado a Via Fonte Marcella.

Quando chegou à cidade propriamente dita, entretanto, Conrad percebeu que teria de se contentar em ficar a sós apenas com seus próprios pensamentos. As ruas e vielas fervilhavam de gente. Crianças pequenas demais para trabalhar como aprendizes passavam por ele em bandos, fazendo algazarra, obrigando o frade a se espremer nos muros para não esbarrar nelas. As *piazzas* vibravam com os sons e cheiros do comércio. Curtidores de couro e sapateiros, artesãos que trabalhavam com prata, produtores de lã com suas oficinas anexas de tintureiros e tecelões, pisoadores e feltreiros, fabricantes de flechas, armeiros e seleiros — todos trabalhavam febrilmente. Conrad lembrou-se então que em breve haveria a festa da colheita, e os comerciantes provavelmente queriam abastecer-se com grande sortimento de mercadorias.

Assis havia prosperado bastante naqueles seis anos em que ele estivera ausente. Passou por várias equipes de pedreiros, ocupados em trocar a madeira das casas por tijolo e pedra. As ruas principais tinham sido pavimentadas com pedras arredondadas e recebido calhas para escoamentos dos detritos. Ficou encantado com os novos canais de esgotos, que só vira uma vez antes, durante a estada em Paris. Um conceito tão lógico! Por que levava tanto tempo para Ilibar à Úmbria? E quantas torres! As torres dos nobres tinham se multiplicado como gigantescas ervas daninhas à medida que os castelões iam abandonando as propriedades rurais e se alastrando pelas cidades. Eram tão largas e altas que cobriam as ruas com sombras permanentes.

Seguiu o declive natural em direção à cidade baixa e à Porta São Antimo. Decidira passar a tarde ao ar livre, no vale ao sul, e dormir aquela noite fora das muralhas, na Porciúncula: a "pequena porção" onde a Ordem tivera seu humilde início. No modesto oratório em que os primeiros frades rezavam, algumas das celas mais antigas ainda estavam intactas; ou pelo menos assim estavam quando ele deixara Assis. Na manhã seguinte, iria procurar a pessoa que ele presumia ter dado a Leo o velino em que a carta fora escrita: a viúva Donna Giacomina.

A temperatura aumentou de forma perceptível assim que Conrad deixou para trás sombras das torres e das casas. Passou sob as muralhas e perambulou por um velho pomar de oliveiras retorcidas carregadas de frutos. Procurou até encontrar uma árvore mais jovem com a casca lisa. Lá, num ponto iluminado

pelo sol, sentou-se com as costas apoiadas no tronco. Tirou um pedaço de pão do saco de comida e, enquanto mastigava, releu lentamente a carta do velho amigo.

Nada de novo.

Estendeu o braço, segurando o velino de encontro à luz, momentaneamente encobrindo o sol. Frei Leo, com toda a sua esperteza, bem poderia ter do uma tinta que só aparecesse ao ser aquecida ou iluminada por trás. Mas nisso também seu mentor o decepcionou. A mensagem não continha nem mais nem menos do que aquilo que ele já lera.

Leia com os olhos, veja com a mente, sinta no coração a verdade das legendas. Legendas. Plural. Era provável que fosse esse o ponto de partida. Mas que legendas? A versão de Bonaventura da vida de São Francisco certamente era uma delas. Deus apontara naquela direção ao fazê-lo parar em Santo Ubaldo n dia 4 de outubro. Seria fácil encontrar um exemplar da *Legenda Major* no Sacro convento.

"A primeira de Tomás" também talvez se referisse a uma legenda específica — biografia original de São Francisco, escrita por Tomás da Celano. Mas os ministros provinciais haviam condenado esse texto cinco anos antes, assim como todas as memórias anteriores à versão de Bonaventura, tornada oficial. Mesmo que a biblioteca do Sacro Convento ainda possuísse uma cópia, ele seria proibido de vê-la. E talvez existissem ainda outras legendas que frei Leo quisesse que ele lesse, embora a carta não oferecesse mais nenhuma pista que Conrad conseguisse perceber.

A questão da freira, da mulher, também o perturbava, Leo escrevera claramente "Frei Jacoba". Mas o porteiro estava certo — Jacoba era um nome de mulher. Talvez Leo pretendesse escrever "Jacobo" ou "Jacopo" ou "Jacom" As múltiplas possibilidades encheram-no de desânimo. Tinha muito pouco com que trabalhar. A última coisa que precisava era de um erro de ortografia ou uma pista falsa.

Em determinado momento, enquanto o sol já ia alto no céu, Conrad parou de procurar um significado na carta. Repetiu as palavras mentalmente até se tornarem tão maquinais e familiares quanto uma prece da infância. Passado um tempo, levantou-se, enrolou o pergaminho e guardou-o de novo nas dobras de seu hábito.

Uma lufada de vento jogou folhas úmidas, murchas, sobre seus pés e

tornozelos. Conrad caminhou a esmo pelo pomar, parando um pouco adiante para recolher um galho cortado. Examinou a protuberância que se formara no meio do galho, depois o enfiou numa mistura malcheirosa de folhas de oliveira cinza-esverdeadas, palha e estéreo, amontoada entre duas fileiras de árvores. Usando o galho como alavanca, levantou grandes placas emaranhadas do lixo em decomposição para que o ar úmido circulasse por baixo. No devido tempo, o fazendeiro teria sua terra fértil; no devido tempo, ele próprio teria suas respostas. Por hora, aquele adubo e as pistas de Leo precisavam cozinhar em fogo brando.

Atirou para longe o galho sujo. Então, lembrou-se de um truque que seu pai lhe ensinara para dar início à fermentação de um monturo. Olhou ao redor para se certificar de que ninguém estava por perto, ergueu o hábito e urinou no monte de lixo. Recordou-se de como se sentira crescido quando ele e o pai urinaram lado a lado na horta, na manhã de seu quinto aniversário.

Mesmo que Conrad sentisse falta do conforto do amor paternal, não era de seu feitio reabrir as portas do passado. Deixou cair o hábito e repreendeu-se por não confiar no amor de seu pai *divino*. Seguramente, no tempo certo, receberia o ingrediente de que precisava para começar a fundir e fermentar as palavras incongruentes de Leo. Seus lábios se contraíram num quase sorriso ao imaginar que formas o Urinar Divino poderia assumir.

O eremita necessitava muito desse dia só para si. Passou o restante dele abençoadamente sozinho, vagando entre os santuários sagrados da irmandade. Foi ao rio Torto e às ruínas da tosca choupana onde os primeiros frades eram Submetidos a uma severa iniciação durante o inverno. Subiu o monte Subasio até as *carceri*, as cavernas que serviam de esconderijo a Francisco quando desejava jejuar e meditar sozinho. Então, quando as sombras do entardecer se esgueiravam pela encosta da colina acima, voltou para o vale ao pé da cidade. Enquanto a escuridão se adensava, Conrad comeu o resto de comida que trazia e entrou no oratório da Porciúncula.

O eremita permaneceu imóvel na nave lateral enquanto seus olhos se acomodavam à tênue claridade. Contemplou o Cristo esculpido na madeira, suspenso acima do altar, contorcido em Sua cruz sob o tremeluzir da única lamparina a óleo da capela. Conrad quase podia visualizar São Francisco em oração, quase ouvia suas palavras se confundirem com o som das correntes de ar que assobiavam pelas frestas estreitas do lugar.

Leo contara-lhe que o santo se ajoelhava e chorava horas a fio diante

daquele crucifixo. Às vezes, Francisco se prostrava no chão de terra com os braços estendidos até seus músculos latejarem, juntando sua própria dor à cerimônia do sacrifício, à solidão encharcada de sangue de seu Deus-Vítima. As pessoas conheceram Francisco como um santo jovial, que andava cantando pelas estradas principais. Ouviram também seus apelos severos à penitência e à renúncia. Mas ninguém conheceu tão bem quanto Leo as profundezas de seus sacrifícios expiatórios, o quanto passava fome e maltratava o *Irmão Asno* (que era como chamava o próprio corpo). Afligia o seu "animal" com vigílias insones, ignorando as doenças e a fadiga, privando-o mesmo do cobertor mais fino nas noites de inverno, tão geladas que deixavam seu corpo dormente. Alimentava-se de uma comida terrivelmente insossa, a que às vezes chegava a misturar cinzas, até que, como era de se esperar, o animal enfraquecido desabou, incapaz de acompanhar sua arrojada imaginação. E a alma, que em raros momentos livrara-se de sua gaiola a meio caminho dos céus, finalmente seguiu sozinha — livre afinal do laborioso *Fra Asino*.

Enquanto Conrad se concentrava no crucifixo, sentiu um calor, um formigamento a subir-lhe pelas costas. Percorreu-lhe a coluna e os ombros, depois foi para os braços, fazendo com que se erguessem e reproduzissem a pose do Cristo agonizante. A cabeça tombou para um lado, e o frade permaneceu petrificado naquela posição até que todo o medo e hesitação que sentira no portão do Sacro Convento se dissiparam por completo — então soube, com absoluta certeza, no seu íntimo mais profundo, que estava pronto e que jamais estaria sozinho.

— Sim, meu Senhor — murmurou em voz alta. — Seja o que for que desejardes de mim.

E, nesse momento, seu coração e seus lábios moveram-se em uníssono.

CAPITULO XIII



NO MOMENTO EM QUE O CÉU CLAREOU o bastante para Conrad subir a estrada que levava à cidade sem tropeçar, ele deixou a Porciúncula para trás. O breve recolhimento nos santuários de sua Ordem o revitalizara e, até certo ponto, neutralizara os efeitos dos desgastantes acontecimentos dos últimos dias. O nebuloso contorno das muralhas da cidade, pouco visível através da bruma da madrugada, acalmou ainda mais o seu estado de ânimo.

A névoa ficou mais espessa nas proximidades do pomar das oliveiras onde descansara na véspera. Diminuiu a passo, receoso de perder a trilha. Conforme ia avançando, um murmúrio de sonolentas cozes masculinas pareceu brotar de todos os lados, até aos poucos se transformar num alarido crescente. O frade ouvia também relinchos ligeiros e o bater irrequieto de cascos de cavalos, junto com um retinir de metais. Poucos passos adiante, viu-se debaixo de uma tenda aberta, devolvendo os olhares surpresos de vários guerreiros flagrados enquanto se vestiam — assim ele presumiu, por causa das armas e armaduras empilhadas perto dos sacos de dormir.

A paz de Deus esteja convosco, irmãos — disse para aliviar a estranheza da situação. — Pelo jeito, acabei me perdendo na neblina.

Era apenas um frade, afinal; não havia razão para ficarem alarmados. E os homens continuaram prendendo ao corpo o seu equipamento de batalha.

A antiga estrada romana para os estados do norte passava pelas muralhas de Assis, muito próxima daquele pomar. Conrad recordou-se da descrição feita por Leo da passagem triunfal de Otto IV por ali, no inverno de 1209, depois de ser coroado Imperador do Sacro Império Romano pelo Papa Inocêncio III. O papa, com sua ousadia habitual ordenam que Otto deixasse Roma e voltasse para

a Alemanha no dia seguinte a coroação. Pretendia, com isso, desencorajar quaisquer idéias malévolas por parte do imperador e de seus seis mil cavaleiros acampados na cidade eterna.

Mesmo dispensado abruptamente por Inocêncio, Otto foi aclamado com entusiasmo pelos cidadãos de Assis, bons guibelinos imperiais em sua grande maioria, quando passou pela cidade. Naquela época de trocas constantes de soberanos, a cidade espertamente apoiava todos os partidos, homenageando igualmente o papa e o imperador. Os moradores fizeram tanto alvoroço que perturbaram Francisco e o pequeno grupo que compartilhava com ele a choupana junto ao rio Torto. Francisco, como era de seu feitio, ignorou a fanfarras do novo César, com seu enorme séquito e suas glórias recém-adquiridas. Ao contrário: mandou um dos irmãos fazer uma preleção a Otto sobre a fragilidade das conquistas terrestres.

Mas o sucessor de Otto, Frederico II, morreu no ano de 1250, e Charles D'Anjou decapitou o último dos filhos de Frederico em 1268. A espinha dorsal do império tinha sido quebrada de uma vez por todas, pensou o frade. O governo papal saía vencedor.

Seria mesmo? A presença desses soldados acampados ao lado da estrada principal, falando e contando piadas no dialeto romano, despertou dúvidas em Conrad. Teriam os príncipes alemães resolvido suas destrutivas desavenças e se reunido sob um novo líder?

Percorreu o grupo com o olhar e indagou;

— Estamos em guerra, amigos? Um dos soldados achou graça:

— Não deste lado da Terra Prometida, irmão. Não ouviu as notícias? O novo papa está navegando de Acre para Veneza. Reunimos os filhos de todas as famílias nobres de Roma para seguir ao seu encontro e escoltá-lo na volta. Haverá grande agitação nesta sua cidade quando passarmos por aqui em nossa viagem de volta.

O homem virou-se e voltou aos seus afazeres. Depois, como se tivesse pensado melhor, deu meia-volta e ajoelhou-se diante de Conrad.

— Abençoe nossa jornada e reze para nosso retorno seguro, piedoso frade. Outros cavaleiros, ouvindo o pedido do camarada, também se ajoelharam.

— Assim o farei — disse Conrad, Tirou o breviário do bolso. Folheou-o até o fim e achou a oração para os andarilhos. Ergueu a mão direita acima das cabeças inclinadas e implorou: *Ouçã, oh Senhor, a nossa súplica, e mantenha o*

caminho de vossos servos em segurança e prosperidade...

Por medida de segurança, adicionou a oração *Pro Navigantibus*, "para aqueles que estão no mar" Os homens se benzeram ao ouvir o "amém" final.

As muralhas da cidade tinham desaparecido totalmente na neblina quando o eremita saiu da tenda. Entretanto, estava tão perto de Assis que não precisava enxergá-las. Tinha apenas de subir a colina e ficar atento aos precipícios.



MAIS UMA VEZ DENTRO DA CIDADE, Conrad não teve dificuldade alguma em localizar a casa da nobre senhora, mesmo com a bruma. O povo estava na rua desde cedo: martelando, serrando, preparando a estrutura das barracas para a Feira, montando prateleiras para os mostruários ou arrumando tábuas sobre cavaletes, e a cada cruzamento alguém lhe informava que estava mais perto de seu destino.

Como supôs, a casa ficava na cidade alta, no meio do caminho entre a Igreja de São Giorgio e a basílica. Da Via São Paulo, uma escada sinuosa subia até a viela defronte à casa de Donna Giacomina. O quadrante de pedras da área murada diante da viela era sólido como uma fortaleza, com seu telhado de ardósia inclinando-se até as calhas de chumbo, de cujas quinas gárgulas assustadoras lançavam olhares oblíquos para o eremita. Suas bocas eram tão enormes que deviam lançar uma verdadeira cascata sobre os passantes durante as tempestades. Estreitas aberturas verticais formavam as únicas fendas no andar de cima, fazendo contraste com as venezianas das janelas do térreo, que estavam abertas ao sol da manhã. Um brasão escarlate embutido no dintel de pedra acima da porta de entrada representava um bando de leões dourados prontos para atacar, águias com garras à mostra, e um emaranhado de serpentes cujas línguas se projetavam de forma ameaçadora para quem se aproximasse da porta.

Conrad arqueou as costas. Sabia um pouco da história da proprietária, contada por frei Leo: filha de príncipes normandos que haviam subjugado a Sicília décadas atrás; casada durante oito anos com Graziano, filho mais velho do sanguinário clã dos Frangipane, de Roma, que manipulava os papas como se fossem crianças à mercê da família. Herdeira de guerreiros e viúva de um dos mais poderosos barões de Roma, ela havia abandonado seu palácio e a cidade

eterna quando São Francisco morreu, mudando-se para Assis para ficar perto de seu túmulo.

Conrad nunca tinha estado na casa de uma pessoa tão importante, e ficou imaginando como ela seria — talvez curvada pelo peso da idade, mas, afora isso, imponente, com cabelos e orelhas cobertos por um véu preso com um diadema de ouro, usando vestido de cetim purpúreo bordado de pedras preciosas ou com botões discretos, que se arrastaria atrás dela quando se movimentasse de um lado para outro administrando a casa e os criados, com as mãos cruzadas na barriga para manter elevadas as mangas compridas e bufantes, a última moda entre a nobreza. Olhou mais uma vez de relance para o brasão ameaçador e, em seguida, bateu a pesada aldraba de metal contra a porta. O baque surdo ecoou ruela abaixo. Conrad esperava encontrar mais um par de olhos desconfiados atrás da grade, como acontecera no Sacro Convento, mas dessa vez a porta se escancarou. O jovem que o atendeu demonstrou-se a absoluta antítese do exterior da casa: com seus modos doces e gentis, tinha um aspecto tão agradável que Conrad imaginou que assim deveriam ser os anjos ao tomar a forma humana. O cabelo escuro cortado reto na testa e encaracolado na altura dos ombros emoldurava o rosto imaculado do menino. Vestia uma calça justa azul-claro, sapatos de feltro e uma sobreveste azul debruada de branco — as cores da Virgem Mãe de Deus. Alguém tinha bordado repetidamente o imperativo AMA, do latim, na bainha da sua túnica.

— A paz do Senhor e seja bem-vindo, irmão — disse. — Como podemos servi-lo?

— Gostaria de falar com sua senhora. Meu nome é Conrad da Offída, amigo de frei Leo.

O jovem fez uma mesura.

— *Madonna* ainda está na capela.

Enquanto o jovem falava, o estômago de Conrad roncou alto, pois chegara em jejum. Sem fazer nenhuma interrupção, o pajem acrescentou:

— Gostaria de aguardá-la na cozinha?

Conrad fez que sim, agradecido, e acompanhou o menino através do salão de entrada. A casa tinha o perfume aconchegante de pinho queimando, e ele podia ouvir as chamas das lareiras crepitando em vários aposentos que davam para o salão. As paredes eram cobertas de tapeçarias, e pequenos tapetes de junco fresco suavizavam o contato com o piso ladrilhado. Lamparinas ardiam

nos cantos não iluminados pela luz do sol. As pesadas cadeiras de madeira entalhada, dispostas ao longo das paredes, eram acolchoadas com almofadas vermelhas. No conjunto, a casa de Donna Giacoma transmitia conforto e hospitalidade.

— *Mamma*, uma visita — o guia de Conrad avisou a cozinheira quando passaram pela copa em direção aos aromas de pão fresco recém-saído do forno, de especiarias desidratadas e de um mingau borbulhante. Um monte de massa crua aguardava na masseira, ao lado de um tacho de óleo. A mulher que fatiava um queijo cor de nata na mesa levantou os olhos para Conrad. Não parecia muito mais velha do que ele próprio e tinha a mesma tez do menino, sem dúvida devido aos anos que passara curvada sobre caldeirões escaldantes, ainda que uma penugem nas faces e acima do lábio superior lhe escurecessem a pele, de resto muito clara. Seu avental branco estava respirado de sopa e de suco, e seus antebraços nus, cobertos de farinha.

— O pão já esfriou o suficiente — ela disse. — Por favor, acomode-se perto do *Maestro* Roberto, irmão.

Um homem mais velho, de libré do mesmo tom azul pálido da roupa do jovem e usando um solidéu azul redondo, apontou para o banco à sua frente, do outro lado da mesa. Demonstrou a mesma atitude aberta e a mesma curiosidade dos outros dois, mas Conrad notou também um traço de desconfiança no seu olhar.

Não creio que o tenhamos visto antes, irmão — disse ele, depois de Conrad acomodar ruidosamente seu banco.

— É minha primeira visita a esta casa.

— Ele conhecia frei Leo — interrompeu o menino.

— Ah... então é *mais* que bem-vindo. Sou mordomo da senhora Giacoma, portanto é minha obrigação ter cuidado com os estranhos. Às vezes, nossa senhora é generosa demais, com risco para seu próprio bem-estar. Deixa-se enganar por muitos charlatães em busca de comida e hospedagem fácil. E os religiosos são os piores, impressionando-a com histórias exageradas sobre visões que tiveram, sobre vozes de anjos que escutaram, tentando vender-lhe um dente canino de São João Batista ou um prato usado na Santa Ceia. Já nos ofereceram tantos que daria para servir um jantar aos doze apóstolos e mais duas dezenas de convidados. Sei que me compreende — seus olhos estreitaram-se, enfatizando a nada sutil advertência expressa em sua voz.

— Ela deve ser muito grata por ter um homem tão cauteloso cuidando de seus interesses — afirmou Conrad.

A cozinheira deu uma gargalhada.

— Nada disso, irmão. Ninguém cuida dos interesses da patroa a não ser ela própria. Ela nos diz o que deseja e nós obedecemos de bom grado.

A mulher pôs sobre a mesa uma tigela de madeira cheia de um espesso mingau de cereais, uma jarra de leite e um pedaço de pão coberto de queijo diante de cada um dos homens. O mordomo inclinou a cabeça.

— Por favor, irmão, inicie a bênção. Os frades que nos visitam fazem jus a suas refeições rezando pela salvação de nossas almas.

Faz o pedido com a mesma franqueza da advertência, e Conrad acedeu de boa vontade.

Depois de comer todo o mingau e limpar o prato com o último pedaço de pão, o eremita percebeu que havia outro aroma no ar, mais doce do que os que vinham da cozinha. Inalou profundamente e suas narinas estremeceram de prazer.

— *Frangipani*, é claro — comentou o mordomo. — O perfume da flor vermelha e amarelada.

Levantou-se enquanto falava e olhou por cima de Conrad.

— *Buon giorno*, Giacomina.

— *Buon giorno* a todos.

A mulher tinha uma voz rouca que vibrava ligeiramente. Desconcertado por não ter ouvido Donna Giacoma entrar na cozinha, o frade cambaleou ao tentar ficar de pé e quase caiu do banco.

Logo entendeu a razão. Descalça, a mulher idosa se movia sem ruído, sustentando seu peso numa bengala ao atravessar mancando a cozinha. Vestia a túnica marrom acinzentada dos frades. Conrad então se lembrou de que Leo certa vez lhe contam que ela vivia como um membro pertencente à Terceira Ordem, Donna Giacoma era grande, matronal — como era de se esperar de uma descendente de heróis e heroínas —, mas Conrad ficou admirado com a ausência de rugas no rosto cheio, redondo, marcado apenas por uma cicatriz na face, Poderia passar por uma mulher de cinqüenta anos. O cabelo branco também o surpreendeu; usava-o descoberto e cortado igual ao das escravas, mas decorosamente penteado de modo a cobrir-lhe as orelhas. Sob a franja brilhavam olhos verdes reluzentes e intensos como os dos gatos.

De imediato, Conrad considerou as maneiras da nobre senhora encantadoras e surpreendentes. Explicavam a graciosa naturalidade com que seus servos o tinham recebido, pois ela deixava transparecer um poder afável que forçosamente influenciava os outros no convívio diário. Uma palavra veio á mente dele — *gentilezza* —, uma qualidade que ia além da nobreza, herdada por nascimento ou através da riqueza material. Começou a entender por que Francisco e Leo tinham amado e venerado sua amiga.

Conrad apresentou-se mais uma vez e explicou o motivo de sua visita. Tinha dúvidas sobre uma carta que recebera depois da morte de Leo e gostaria que a *madonna* pudesse dispor de alguns momentos de seu tempo.

O rosto da mulher se animou enquanto ele falava:

— Recebeu-a, então? Estava tão preocupada que a tarefa fosse demasiado difícil para a madre prioresa.

— Ela confiou a carta ao membro mais... obstinado... de sua congregação.

Donna Giacoma dirigiu-se ao menino.

— Pio, leve frei Conrad para o pátio, para o lado que está ensolarado, A névoa está se dissipando.

Depois, disse ao frade:

— Irei ao seu encontro assim que terminar uns assuntos que tenho a tratar com o *Maestro* Roberto.

O demita seguiu o pajem uma vez mais pelo corredor e por uma arcada que formava um claustro no nível inferior do pátio. Uma *loggia* de madeira abria-se no pavimento superior e, do lado mais distante da viela, um recinto murado elevava-se muito acima do resto das construções da propriedade —, uma torre de menagem, para refúgio da família caso a cidade fosse atacada. O menino apontou para um banco de pedra, onde Conrad podia se aquecer sob uma nesga de sol e apreciar o gorgolejar da fonte de mármore no centro do pátio enquanto esperava.

Donna Giacoma não demorou muito. O frade tirou a carta da túnica assim que a viu e desenrolou o pergaminho na sua frente quando ela se sentou.

— Espero que tenha conseguido entender a minha caligrafia — ela disse. Aprendi a ler e escrever quando era criança, mas não tive muitas oportunidades para praticar. Todavia, frei Leo insistiu em ditar a carta para mim, e não para meu secretário.

— Ele tinha seus motivos, ainda que até agora eu não tenha compreendido

quais fossem.

Com o dedo, acompanhou a borda ao redor da carta.

Por acaso ele lhe disse o que isto significava? A parte que ele mesmo escreveu?

Donna Giacoma examinou a moldura com curiosidade. Não sabia que fazia parte da carta. Os dedos de Leo estavam tão deformados e ele levou tanto tempo para ornamentá-la que o deixei a sós. Seu semblante estava tão tranqüilo e inocente enquanto trabalhava... tal e qual uma criança enfeitando um bilhete carinhoso para a mãe. Imaginei que se tratasse de mera... decoração.

Apertou os olhos para onde ele apontava, porém acabou meneando a cabeça negativamente,

— Por favor, leia para mim. Meus olhos já não enxergam tão bem quanto antes.

Começa assim: "Fra Jacoba sabe muito sobre a perfeita submissão."

Ela ficou corada.

— Ele escreveu isso?

— Veja, aqui está. Fiquei confuso— Em meus quinze anos de Ordem, não conheci nenhum Fra Jacoba. Talvez a senhora o conheça, quem sabe? Sempre estive ligada à Ordem, como poucas pessoas, desde o começo.

— Oh, que homem amável, aquele. Há anos que não escutava esse nome.

— Então conhece Fra Jacoba?

Seus olhos verdes ficaram marejados.

— Fra Jacoba *sou eu*. Ou era. São Francisco me nomeou frade honorário há mais de cinquenta anos... em honra da *virilidade* da minha virtude, foi o que disse.

Ela riu.

— Ele me comparou a Abraão e Jacó e aos outros patriarcas de Israel. Sei que sua intenção era me fazer um grande elogio, mas, com dois filhos correndo pela casa, naquela época sentia-me tudo, menos *viril*.

Enxugou de leve os olhos com a barra da manga e sorriu.

— Perdoe a minha tolice... minha *falta* de virilidade, Mas sua pergunta desencadeou uma torrente de lembranças.

Por um momento, ela voltou a atenção para as pregas de seu hábito, ora forçando uma dobra, ora alisando-a, ocupando-se em recobrar a serenidade. Conrad aproveitou para também se acalmar. Leo havia jogado outro mistério em

suas mãos.

— Então, ensine-me tudo sobre a perfeita submissão — disse Conrad, mudando de assunto.

Os dedos dela, até então agitados, sossegaram sobre o regaço. Fitou-os de relance, pensativa.

— Frei Leo falou-me a respeito de submissão, e fez questão de dar *ênfase* à palavra durante sua última visita, na mesma semana em que escreveu essa carta, Eu lhe pedira, pela enésima vez, para me contar o que tinha visto no Monte LaVerna, na noite em que o serafim imprimiu as chagas de Cristo na carne do nosso abençoado pai. Durante todos os anos em que o conheci, em todas as suas cartas para mim e em nossas conversas, frei Leo sempre manteve silêncio sobre os estigmas — muito embora estivesse com São Francisco quando o tato aconteceu. Dessa última vez não foi diferente. Como antes, ele não disse nada, apenas repetiu as palavras que Francisco usava quando as pessoas o interrogavam sobre seus transes místicos: "*secretum meum mihi*", meu segredo é só meu, O que me confidenciou, entretanto, e isso pela primeira vez, foi que o tempo todo mantivera segredo *por obediência sagrada*.

Contou que frei Elias o levou a seu escritório imediatamente após a morte de nosso mestre e o proibiu de falar sobre o assunto.

Ela girou no banco, ficou de frente para Conrad e inclinou a cabeça para o Lado.

— Faz algum sentido para você? Acho muito estranho. O próprio frei Elias falava muitas vezes sobre as chagas depois que São Francisco morreu.

De novo, seus olhos encheram-se de lágrimas,

— Elias veio me buscar pessoalmente e levou-me à pequena cabana onde a alma de nosso mestre tinha acabado de abandonar seu corpo. A cabeça de Francisco descansava sobre uma almofada que eu trouxera de Roma, mas ainda não o haviam envolvido com a mortalha. Vestia apenas uma tanga, igual à que Cristo usava quando desceu da cruz, e eu vi, eu mesma, as feridas feitas pelas pontas dos cravos nas mãos e nos pés e a marca da lança no lado do seu corpo. As feridas eram mantidas sempre cobertas quando ele estava vivo, de modo que ninguém jamais as viu a não ser frei Leo, que cuidava dele e trocava-lhe as roupas. Frei Elias soergueu o corpo dele do colchão e me disse: "Aquele a quem amaste em vida, agora terás nos braços na morte" Milagrosamente, o corpo não se enrijecera nem um pouco; na verdade, parecia mais flexível do que quando

Francisco estava vivo, pois seus braços e pernas costumavam ficar contraídos e retesados de dor durante aqueles últimos anos. Eu o segurei com facilidade; depois de tantos anos de jejum, era leve como uma pluma. Naquele instante compreendi como Madalena deve ter se sentido quando recebeu o Senhor morto em seu colo. E frei Elias permaneceu o tempo lodo a meu lado, como o apóstolo João. Conrad se sobressaltou com o último comentário de Donna Giacoma.

— A imagem que faz de Elias é bem diferente da que frei Leo fazia.

— Infelizmente, Elias se transformou depois do enterro. Amava São Francisco e, enquanto nosso mestre viveu, pairou sobre ele como a mãe que cuida do filho adoentado, Mas nosso santo também tinha sido a consciência dele. Quando sua consciência morreu, tornou-se obcecado por poder e grandeza, tanto para si mesmo quanto para a Ordem como um todo,

— Diz o povo que ele até se envolveu com magia negra.

— *Invenção* do povo, assim espero. Mas você tem razão. Ouvi dizer que ele estava em busca da pedra filosofal. Quando o Protetor da Ordem, o cardeal Ugolino, foi eleito papa, construiu para si um palácio em Assis, onde ficaria quando estivesse de visita à cidade. Esse palácio tem muitas câmaras e alojamentos secretos.

— lá o vi, mas só pelo lado de fora.

— Segundo dizem, quando frei Elias descobria um irmão da Ordem que, antes de entrar para a vida religiosa, estivera envolvido com estudos sobre alquimia, mandava chamá-lo e mantinha-o quase como prisioneiro no palácio papal. Além de forçar esses irmãos a continuarem praticando alquimia, consultava também adivinhos e pessoas que interpretavam sonhos.

Conrad fez uma careta.

— O que é o mesmo que confiar em pitonisas e seus oráculos.

Um homem assim não recuaria diante de um pacto com o diabo, pensou. Donna Giacoma franziu o cenho.

— Posso lhe contar sobre um incidente verdadeiro, pois tomei parte nele. Elias me deixou tão enfurecida que dali em diante me recusei a falar com ele, e também com outros fundadores da cidade, a não ser para dar vazão à minha ira — disse ela, remexendo novamente nas dobras de seu hábito.

— O que foi que fizeram?

— Eles nos traíram. Traíram todos *nós*, que só queríamos rezar junto ao túmulo de São Francisco. Durante anos, fizemos doações e esperamos

pacientemente a igreja de baixo da basílica ficar pronta e o dia em que iríamos guardar os restos sagrados num relicário. Quando finalmente esse dia chegou, frades de todas as províncias encontraram-se em Assis, e dezenas de cardeais e de bispos também viajaram para cá. Todos nós marchamos em procissão desde São Giorgio, e tive inclusive o privilégio de caminhar ao lado dos irmãos do Sacro Convento. Havíamos acabado de entrar na *piazza*, vindos da igreja superior, quando uma legião de cavaleiros investiu contra nós. No mesmo instante, os guardas arrancaram o caixão das mãos dos irmãos que o carregavam.

Conrad assentiu.

— Leo me contou sobre esse seqüestro. Gostaria de ouvir a sua versão desse tenebroso episódio.

— O que se seguiu foi um verdadeiro caos: Giancarlo di Margherita, o prefeito na época, gritava ordens de comando para seus guardas e cavaleiros; os frades que vinham no início da procissão pediam ajuda aos brados, berravam e até amaldiçoavam os soldados. Bem atrás de nós, eu ouvia outros irmãos entoando cantos, pois não sabiam o que se passava lá na frente. Quando os frades, inclusive Leo, tentaram se defender, os guardas os derrubaram no chão. Muitos foram feridos, enquanto os cavalos pisoteavam e escoiceavam outros mais. Tentei atacar um dos guardas com minhas próprias mãos e levei uma pancada no rosto com a manopla de ferro da armadura dele.

Conrad olhou com renovada atenção a cicatriz na face dela.

— O ferimento foi sério, Giacomina? — Num impulso, havia usado a forma diminutiva do seu nome, o mesmo tratamento que lhe dera o mordomo. Encabulou-se pela falta de cerimônia.

À expressão distante de seu rosto mostrou que ela não se ofendera.

— Meu rosto sangrou, cortado até o osso; mas o que mais me doeu foi ver o caixão sendo levado embora pelos guardas. Eles se trancaram dentro da igreja e mantiveram a porta travada enquanto escondiam o corpo, que jamais foi encontrado. Senti-me muito traída, sem ao menos saber onde me ajoelhar para ficar perto do meu mestre.

— Mas os prelados com certeza reclamaram.

— É verdade, mas em vão. Até o santo padre, que fora muito amigo de Elias quando era cardeal protetor da Ordem, declarou que os ladrões eram bárbaros audaciosos. Comparou Giancarlo ao sacrílego Oza, a quem Deus feriu por se atrever a tocar a Arca da Aliança.

E Elias foi o responsável por tudo?

— Ele, Giancarlo e outros. Uma vez, muito tempo depois daquele dia, perguntei-lhes: por que fizeram isso? Giancarlo alegou que a procissão saía de controle e ele temia que o corpo fosse despedaçado por caçadores de relíquias. Elias disse que os habitantes de Perúgia queriam roubar o santo. Mas os argumentos deles eram completos disparates! Nossa procissão não poderia ter sido mais pacífica. Tão calma e reverente quanto a missa de domingo no convento das Damas Pobres. E os habitantes de Perúgia tiveram todas as oportunidades possíveis para roubar o corpo de São Francisco durante os quatro anos em que ele descansou em São Giorgio. Além do mais, se tivessem tentado, uma cruzada santa seria promovida contra eles. Teriam de matar todos os homens e mulheres e crianças de Assis antes de conseguir escapar com o caixão.

— Mas disse que outros frades estavam envolvidos?

— Não eram frades, O *signore* da Rocca e seus filhos chefiavam os cavaleiros. Também vi o irmão de São Francisco, Angelo, ao lado de um nobre, dentro da igreja.

— Era alguém que a senhora conhecesse?

— Não. Vi-o apenas unia vez, quando o bispo Guido abençoou o local da construção, antes de começarem as obras na basílica. Foi Elias quem me mostrou quem ele era, e o descreveu como um grande benfeitor. Disse que o homem era proprietário de terras na comunidade de Todi.

— Ah. — Conrad cerrou os olhos e encostou os ombros numa coluna atrás do banco. Enlaçou os dedos acima da cabeça e pressionou-os com força, tentando lembrar um comentário que Amata fizera quando ainda estavam na cabana. Algo relacionado à encosta da colina, ao Colle d'Inferno, onde a basílica e o Sacro Convento situavam-se agora. Contudo, a imagem dos olhos escuros da menina, fitando-o com ingenuidade, interpôs-se às palavras. Não conseguia se lembrar.

Bem, não importava. Encontrara frei Jacoba. Dera um passo adiante e estava mais perto de compreender o que Leo queria dizer com *secretum meum mihi*, e esse segredo estava de alguma forma relacionado com a visão do serafim que São Francisco tivera no monte LaVerna.

CAPÍTULO XIV



SENTADO SOB A FOLHAGEM OUTONAL do pátio de Donna Giacoma, Conrad apoiou o breviário aberto no colo. A senhora não lhe dera mais respostas, mas demonstrara estar mais que disposta a ajudar em outros aspectos. Assim que ele explicou que deveria seguir para o Sacro Convento, ela percebeu que sua aparência maltratada teria implicações. Imediatamente, mandou chamar a criada responsável por aparar os cabelos e fazer a barba dos homens que viviam em sua propriedade, mas Conrad não permitiu que a mulher se aproximasse dele. Compreendia o ensinamento da desgraça de Sansão, o perigo que correria caso uma mulher lhe tocasse a cabeça. Contudo, também compreendia a necessidade de refazer a tonsura; e aceitou quando a senhora se ofereceu para contratar um barbeiro da cidade.

O homem fez o serviço completo, raspando a cabeça e o pescoço do frade, dando forma à tonsura e realçando-a. Conrad comentou depois com Roberto e Donna Giacoma o quão cuidadoso o barbeiro tinha sido, até mesmo limpando do chão as aparas de cabelo, sem deixar nenhum fio à vista. O mordomo riu.

Donna Giacoma explicou:

— O homem ouviu dizer que você era amigo íntimo de frei Leo, a quem todos nós veneramos, e que Leo muitas vezes elogiava sua santidade. Ora, irmão, não fique ruborizado. Leo o admirava muitíssimo. O que fez esse barbeiro, por ser uma pessoa de poucas posses, foi simplesmente juntar alguma renda em potencial para atender às necessidades da velhice dele. Caso você morra e seja canonizado, aquelas aparas lhe servirão de sustento por muitos anos.

— E ele consideraria um grande favor se você não permanecesse no

mundo dos vivos por muito tempo — acrescentou Roberto. — A canonização é às vezes um processo bem demorado. Nosso barbeiro já raspou inúmeras cabeças de frades. Ele guarda todas as aparas de cabelo, por precaução, separando-as em pequenos potes rotulados e com marcações que só ele entende.

A brisa que atravessou o pátio interno, onde Conrad se encontrava mergulhado na leitura, soprou fria contra seu rosto e seu pescoço nu. Ele fechou o breviário, sorrindo da simplicidade da fé daquele homem — e do seu oportunismo. Das sombras, a fidalga veio mancando até ele com um rolo de tecido cinzento debaixo do braço. Aparentemente, estivera esperando que ele terminasse de rezar seu ofício do dia.

— Os moradores da cidade costumam me entregar presentes para os irmãos — explicou ela. — Sabem que os frades não têm permissão para lidar com dinheiro. Uma senhora doou dois *soldi* ontem, e com eles comprei tecido para lhe fazer um novo hábito. Em troca, pede apenas que reze pela salvação da sua alma.

Donna Giacoma esperou uma resposta— Conrad encolheu os ombros e levantou as mãos.

— Acho que vou precisar... e rezarei por ela.

E, segurando o pano do hábito que vestia na altura do peito, completou:

— Mas, por favor, Donna Giacoma, mantenha meu velho amigo em sua casa para que eu possa apanhá-lo antes de voltar para as montanhas.

Alisou o cerzido que cobria um rasgão na manga com uma ternura de mãe que trata a ferida de um filho.

— Só se eu tiver permissão para lavá-lo. Com todo o respeito às suas disciplinas espirituais, Fra Conrad, parasitos não são tão bem-vindos nesta casa quanto o são em sua pele.

Conrad assentiu e forçou um sorriso. Seria essa mesma a mulher que São Francisco elogiava pela virilidade? Suas preocupações poderiam ter saído da boca de uma dona-de-casa qualquer, igual a tantas outras. Esfregou o braço, sentindo os ferrões e as cicatrizes de centenas de picadas e feridas, os castigos constantes tão salutares para a mortificação de sua carne.

— Faça o que a senhora achar melhor.

Tentou afrouxar a tensão em sua mandíbula, que tora aumentando a cada nova sugestão de mudança proposta por ela. Seu coração se rebelava, embora a mente reconhecesse a necessidade de toda essa dissimulação.

Donna Giacoma hesitou antes de falar de novo. O tom de voz era quase tímido, o que por si só surpreendia, mas ele compreendeu o porquê quando ouviu a idiotice do que ela lhe ofereceu.

— O hábito deve ficar pronto amanhã — disse. — Se desejar, na hora posso mandar os criados encherem uma banheira com água morna para que tome um banho.

Agora ela *realmente* passara dos limites!

— *Madonna*, com certeza, durante todo o tempo em que esteve aos pés de nosso mestre, deve tê-lo ouvido falar da depravação e perversão do banho — e Conrad corou só de pensar na imagem de seu corpo nu. — Não só a pessoa é exposta à sua própria nudez, perdoe-me por dizer essa palavra, mas uma alma fraca pode se sentir tentada a deleitar-se com a água quente, entregando-se a sensualidade de sua fluidez contra a pele...

— Não precisa dizer mais nada, irmão. Respondeu da maneira como imaginei que o faria, Ficaria tão pesarosa em expô-lo à tentação quanto você ficaria aflito em expor seus amigos insetos ao perigo da extinção.

Pode ser que ela tenha sorrido encoberta pelas sombras, mas, antes que ele pudesse ver-lhe o rosto com clareza, ela já se virará e seguira arrastando os pés pelo corredor. Era uma mulher boa e caridosa, sem a menor dúvida, melhor do que todas as que conhecera desde Rosanna; mas era desalentador que se prendesse tanto a questões de vaidade e limpeza, mais condizentes com o espírito de mulheres inferiores, mais fúteis.



NA FESTA DO BISPO DIONÍSIO e do mártir Eleutério, na terceira manhã depois de Conrad ter chegado à casa de Donna Giacoma, começou a feira da colheita nas ruas de Assis. O frade decidiu testar sua nova aparência em público. Com seu hábito novo, sandálias novas, sem barba e praticamente calvo, estava inquieto como um forasteiro num país estranho. Misturando-se ao povo, poderia se acostumar à transformação antes de seguir para o Sacro Convento.

Seriam vinte e um dias de feira, mas curiosos de todas as classes sociais já corriam para cima e para baixo pelas ruas, tão numerosos quanto as estrelas num céu sem nuvens. Por todos os lados, Conrad via servos vestindo as suas

túnicas mais limpas, com seus familiares de olhos arregalados amontoando-se ao redor, esquivando-se de carroças, carrinhos de mão e jumentos carregados de artigos para vender, olhando boquiabertos as maravilhas expostas na frente das barracas dos comerciantes. Nas semanas vindouras, mordomos e capatazes teriam dificuldades para manter os servos trabalhando no campo nas tarefas pós-colheita: consertar arreios, afiar segadeiras e enxadas, transportar lenha e reparar telhados.

Os servos então já teriam inventado suas justificativas. Não precisavam de sal para conservar a carne? E as esposas não precisavam acompanhá-los para a comprar tinturas para os mantos das crianças? As mulheres também não estariam costurando nem cardando a lã, nem fazendo velas para os criados-mudos de suas senhoras durante os dias de feira. E, entre as suas pequenas compras, os camponeses teriam a oportunidade de tocar uma pena de pavão ou uma pele rosada de fênix, gritar de alegria com os acrobatas e os ursos dançantes, ou se emocionar com os trovadores, que distribuía seus versos para quem soubesse ler. Os administradores, que a tudo observavam, só podiam lamentar a perda inevitável de trabalho enquanto também perambulavam pela feira, abastecendo-se de suprimentos para as incumbências femininas: cinabre e garança para tingir os trajes dos senhores, tesouras de tosquia, pentes para lã, fusos de fiar, cardas e graxa.

Se por um lado os servos se esquivavam de suas obrigações nesse período, os guardas-civis ficavam mais ocupados do que nunca. Nas barracas e tendas grandes, com o vinho correndo dia e noite, as brigas eram inevitáveis. Uma discussão em altos brados, numa tenda aberta bem diante de Conrad, fez com que ele se lembrasse desse outro lado das feiras.

Espreitou pela abertura e viu o comerciante de vinho com a mão erguida, mostrando uma moeda:

— Ele fica sentado aqui bebendo meu vinho a manhã inteira e é com *isso* que me paga? Essa moeda foi cortada até sobrar apenas uma lasca. Ou paga com um verdadeiro *denier*, ou juro por São Niccolo que vou cortar você até as orelhas com esta jarra.

— *Vaffanculo!* — esbravejou o camponês com a voz arrastada. — Seu vinho é metade água, o mais fraco *vino di sotto* que já me desceu pela garganta. Meio vinho merece meia moeda.

O grandalhão pôs-se de pé com esforço e firmou uma das mãos na mesa

para se equilibrar. Apontou a outra para o vendedor e, para horror de Conrad, esticou o dedo indicador e o miudinho, imitado os chifres do diabo. Olhando fixo para o homem entre os chifres, entoou a maldição:

— Que aqueles que misturam água ao vinho sejam algemados nas profundezas do inferno, com fumaça de enxofre sendo soprada em seus olhos, e que sejam perseguidos por todos os cães de Satanás pelas planícies do Hades com uma bigorna de ferreiro pendurada nos bagos.

— Seguiu-se um vozerio dos outros fregueses, a maioria tomando o partido do vendedor de vinho, aborrecidos por terem sido interrompidos enquanto bebiam.

— Estourem a cabeça dele e chutem no para fora — gritou o homem mais próximo do bêbado.

Mas o camponês ainda tinha mais a dizer. Subiu o tom de voz para abafar a dos outros e agitou o dedo em riste para os que estavam defendendo o comerciante:

— E que todos aqueles que tenham qualquer elogio para os diluidores de vinho sejam acorrentados com suas caras enfiadas no rabo do diabo, e a corrente fechada com cadeados, e as chaves dos cadeados perdidas no pântano mais profundos, para serem procuradas por um homem cego sem braços nem pernas...

A maldição parou por aí, porque o comerciante de vinho saltou em cima dele e espatifou-lhe a jarra na testa. O homem caiu de costas por cima do banco, e o estrago na parte de trás de sua cabeça ao bater no chão foi tão grande quanto o que o jarro causara na parte da frente. Enquanto os demais riam satisfeitos, o vendedor agarrou o bêbado pelos tornozelos e arrastou-o para fora da tenda, com a cabeça batendo nas pedras do calçamento e deixando atrás de si um rastro de sangue.

— *Próprio uno stronzo* — resmungou o vendedor. — Um completo idiota. Largou o homem gemendo na praça aos pés de Conrad, com a túnica puxada para cima dos calções ordinários e embriagado demais até para se sentar. Conrad abaixou-se para melhor enxergar o rosto sujo e ensangüentado. O camponês tentou abrir os olhos, ainda tonto, tapando a luz do sol com a mão. De repente, seus olhos se arregalaram, e tentou fugir rastejando.

— Ai de mim! A igreja já está aqui, sou um homem morto, com certeza.

— Acho que não. Vai sentir uma dor de cabeça terrível, mas vai sobreviver. Seu crânio é tão sólido quanto o elmo de um cruzado!

O homem deixou o corpo cair e mais uma vez bateu com a parte de trás da cabeça nas pedras da rua. Estremeceu e fechou os olhos.

Conrad ajoelhou-se ao seu lado, contraindo os lábios num sorriso sardônico. Talvez tivesse sido *mesmo* um erro isolar-se por tanto tempo junto à natureza. Talvez Amata tivesse mesmo razão — qualquer pessoa podia ser santa no cume de uma montanha. Os verdadeiros santos testavam suas crenças ajudando pessoas como esse homem da feira, "servindo aos pobres de Cristo" como Leo lhe havia recomendado. Por um instante, vislumbrou a possibilidade de uma vocação diferente para si, trabalhando junto ao povo e pregando para as massas, sendo ele mesmo o mais pobre entre todos os pobres. Sentiu-se entusiasmado com a idéia. Nada o impedia de concretizá-la... assim que concluísse o que viera fazer no Sacro Convento. Poderia dizer "sim" às particularidades da chamada vida real; poderia até abraçá-las: o gibão do camponês bêbado respingado do vinho o sangue; o jeito como as espessas sobrancelhas grisalhas de Roberto se uniam como ponte sobre seu nariz, resultando numa expressão melancólica; o bico de pássaro entalhado em marfim no cabo da bengala de Donna Giacomina; Amata, com suas...

Desse ponto sua mente se recusou a prosseguir, pois tinha pensado nas "suas longas pernas", brancas, bem torneadas e fortes, que era como se lembrava delas naquela manhã na base rochosa do penhasco, e do jeito como Eurico devia tê-las visto-e até mais — em sua última noite na Terra. A partir dali, Conrad tinha que estabelecer um limite. Se ele dissesse "sim" àquelas pernas, ou mesmo à lembrança delas, estaria tão irremediavelmente condenado quanto o rapaz de Vercelli.

CAPÍTULO XV



CONRAD TEVE UM SONO AGITADO NAQUELA NOITE. Bem depois de o sol nascer, ainda evitava pensar em Amata. Caminhou de um lado para o outro no espaçoso aposento, parando de vez em quando para espiar o novo dia através das ripas entreabertas da persiana. *Maestro* Roberto passou depressa pelo paredão de casas estreitas e desapareceu num vão da escadaria.

— *Buon giorno, padre* — Donna Giacoma sussurrou atrás dele.

Mais uma vez ela o havia surpreendido, atravessando silenciosamente o corredor com os pés descalços. Na verdade era um truque que sempre usava, conforme Conrad viria a descobrir; uma espécie de brincadeira secreta. Para não ser ouvida, ela precisava apoiar a bengala com todo o cuidado. Quando não tinha a intenção de chegar na surdina até ele, o toque-toque de sua bengala era o aviso de que se aproximava.

Ela examinou as feições do frade.

— Está imaginando como será recebido hoje no Sacro Convento?

Conrad se virou, olhando-a no rosto.

— Na verdade, não, *madonna*. Acho que estava triste... lamentando a inevitável condenação de uma alma. Recentemente, conheci... uma jovem, muito inteligente. Inteligente demais para seu próprio bem.

Sentiu que a antiga onda de raiva retornava e completou:

— Uma irmã cujo hábito religioso de maneira alguma interfere com a licenciosidade corrosiva de seu íntimo. — Ele praticamente cuspiu as últimas palavras.

Os olhos de Donna Giacoma se arregalaram e ela arqueou os sobrolhos.

— Uma *amiga*, irmão? Deve sentir uma profunda consideração por ela

para falar de forma tão acalorada.

— Não disse que era uma amiga! — discordou Conrad.— O acaso uniu nossos caminhos por alguns dias. Na verdade era a irmã serva que levou a carta de Leo.

A fidalga continuou a fitá-lo com aqueles grandes olhos verdes. Aguardou para ouvir mais, e o frade se deu conta de que estava igualmente ansioso por falar. Donna Giacoma fez sinal para que ele se sentasse numa poltrona de espaldar alto. Depois que ela se acomodou em outra, Conrad contou tudo o que sabia sobre o passado de Amata.

— Não vou lhe falar sobre as iniquidades dela, pois algumas me foram contadas durante o sacramento da confissão. Nem vou falar das minhas desconfianças quando pernoitamos em Santo Ubaldo, por serem *apenas* suposições. Mas pelo que pude ver, acho que posso dizer com segurança que a irmã Amata escorregou para o perigoso caminho da perdição.

A senhora alisou as pregas do hábito na altura do colo, um gesto que Conrad reconheceu como sinal de constrangimento.

— Meu pobre irmão. Ela deve tê-lo decepcionado bastante, sobretudo depois de vocês dois terem começado tão bem.

Vocês dois? Conrad jamais havia pensado em Amata e nele próprio como um par, mas sua benfeitora tinha razão. Donna Giacoma tinha conseguido, por assim dizer, atingir os recessos mais obscuros do seu espírito, trazendo à tona o desencanto que ele mesmo não reconhecera. Era verdade. Por um período Amata literalmente o *encantara*. Lembrou-se de seus sentimentos ao segurá-la no despenhadeiro.

A nobre senhora soltou um suspiro e pousou a mão no peito.

— Aquela desafortunada criança... Como deve ter sofrido nos últimos cinco anos para estar tão atormentada hoje. Ela sente uma imensa falta da mãe.

Conrad empertigou a cabeça bruscamente. Não esperava que Donna Giacoma reagisse com simpatia pela "criança" como a chamou.

Donna Giacoma contraiu os lábios ao ver a reação dele.

— Prezado Conrad, não duvido, nem por um segundo, da excelente opinião que Leo fazia de você. Sua dedicação é impressionante, mesmo entre os membros da irmandade, e somente uma velha senhora extremamente presunçosa poderia dar conselhos a um homem espiritualmente tão sábio. Contudo, você ficou *muito* distante do mundo. Não estou bem certa de que seja capaz de

compreender como a grande maioria dos homens e mulheres precisa lutar para sobreviver até a manhã seguinte, dia após dia. Você consegue ao menos *imaginar* a brutalidade com que sua Amata deve ter sido tratada no cativo, a mercê dos caprichos daquele assassino cruel e seus filhos? Conheço homens iguais a eles. Fui casada com um e vivi mima *villa* com os irmãos do meu marido. Esses "meninos crescidos" deixavam seu leopardo de estimação vagar livremente por nossa casa e acharam muito divertido quando o animal matou e comeu pedaços de uma das criadas. A mulher tinha quatro filhos pequenos que brincavam com os meus.

Conrad fez uma careta e comentou:

— Sei que a irmã Amata esconde uma faca debaixo do hábito de freira.

— E por que acha que ela faz isso?

Ela mesmo respondeu à própria pergunta:

— Porque *precisa!* Porque não tem ninguém para protegê-la. Porque precisou aprender, desde os onze anos de idade, a defender-se sozinha.

— Nada disso justifica o outro comportamento dela.

— Cuidado com a maneira como a julga, irmão. Sua Amata teve a infância roubada de forma cruel e abrupta. Foi-lhe negada a afeição normal e tranqüila que uma criança recebe durante anos. Será que não deveria ser perdoada por ter se equivocado em sua busca por afeição agora? Se nosso Abençoado Salvador perdoou Madalena, que era mais velha e pecou plenamente consciente de suas ações, se Ele pôde perdoar a mulher adúltera e até mesmo defendê-la das pedras que lhe atiravam os homens da região, você não acha que também pode perdoar essa pobre menina tão sofrida?

Conrad se remexeu na cadeira. Sabia que estava pisando em terreno instável e poderia apenas piorar sua posição se tentasse contradizer a senhora.

— Mulheres precisam de amor — continuou Donna Giacoma. — Precisamos ser amparadas e tocadas, e ouvir que somos especiais entre todas as outras mulheres. Sim, você realmente precisa ouvir essas coisas, muito embora sua própria vida esteja mais do que afastada delas. Nós mulheres não conseguimos nos satisfazer com teorias e especulações, como os homens fazem, com seus intelectos mais fortes. Meu nobre marido, por vezes, era capaz de cometer verdadeiras monstruosidades. Deixou-me viúva esses últimos sessenta anos, e, quando ele morreu, consagrei minha vida a Deus. Ainda assim, mesmo depois de tanto tempo, às vezes lamento o vazio em minha cama. Até hoje sinto

tanta saudade do orgulhoso pai de meus filhos quanto de meus próprios filhos.

A senhora secou os olhos num lenço que tirou da manga de seu hábito de freira. Depois se apurou mais uma vez e chegou a dar uma risada quando viu a expressão no rosto de Conrad.

— Feche a boca, *padre*. Vai engolir mosquitos. Acho que não me compreendeu. Não estou falando de sensualidade. Na minha idade, já não me lembro daqueles momentos. Falo de companheirismo, do vínculo que capacita as mulheres a amarem e a perdoarem até o pior dos homens, o que, acredito eu, devemos ter aprendido com o nosso Abençoado Salvador, pois é exatamente isso que Ele faz. Não vai encontrar essa espécie de amor descrita nos livros de teologia, pois os teólogos não têm nenhuma experiência com esses sentimentos. Seria como se eu tentasse descrever um sátiro, que nunca vi nem toquei, embora tenham me contado que tais monstros existem.

Respirou fundo e abanou-se um pouco com a mão.

— Você também precisa saber que até mesmo as raras mulheres independentes que, em vez de se submeterem a um casamento forçado, possuem a liberdade e os meios para buscar o amor por si mesmas, não têm garantia de que escolherão com sabedoria; especialmente se não receberam, quando jovens, a orientação de uma mãe virtuosa, carinhosa e rigorosa. Quase morri de medo com a expectativa de ficar sozinha depois que Graziano Frangipane morreu; acho que escolhi nosso Pai celeste para ser o próximo grande amor da minha vida, tanto por medo quanto por devoção.

O queixo de Conrad despencou até o peito. Donna Giacoma, assim como Amata, o impressionara. Provavelmente, *todas* as mulheres *sempre* deixariam impressionado um homem tão inexperiente como ele.

E novamente fora humilhado por não ser capaz de levar em consideração a fraqueza, quer a chamassem de "sensualidade" ou de "amor" que tornava as mulheres (sobretudo as mais jovens) tão vulneráveis à sedução do demônio. Do seu ponto de vista, o pecado mortal da luxúria dominara Amata, assim como havia enfeitiçado Francesca Polenta. O que Amata dissera durante a viagem quando conversaram sobre Francesca e Paolo? "*Será que o amor é um pecado tão grave?*" Santo Deus, talvez ela não soubesse realmente a diferença entre luxúria e um relacionamento amoroso como o que Donna Giacoma descrevera. Mas ele *também não deveria* julgar A senhora estava certa a esse respeito. Ao contrário, devia ter em mente que Satanás fazia uso do pecado mortal do orgulho

como a pedra no caminho em que tropeçam aqueles que presumem saber ler a consciência dos outros.

Conrad percebeu que a desesperança transparecia em seu rosto ao encontrar o olhar intenso de Donna Giacomina. E pensar que dez dias antes sua vida era só simplicidade...

— A senhora me deu muito sobre o que refletir — respondeu com voz fraca. — Que Deus a recompense por ter aberto sua casa e suas recordações para mim.

Depois de alguma hesitação, ele perguntou, com a voz ligeiramente trêmula:

— Se não tiver notícias minhas em duas semanas, poderia, por favor, perguntar por mim no ministro geral?

Donna Giacomina sorriu.

*

— Coragem, irmão. A esta altura, frei Bonaventura já sabe que está hospedado em minha casa, pois os frades não deixam escapar nada, ou quase nada, do que se passa nesta cidade. Ele me respeita e jamais permitiria que algum mal se abatesse sobre um amigo meu por trás dos seus muros.



CONRAD QUASE NÃO RECONHECEU a Praça de São Francisco. Assim como em todas as outras praças da cidade, tendas e mercadorias cobriam cada centímetro de espaço disponível. Bem acima da aglomeração da *piazza*, ele distinguia o campanário da igreja de cima e o delicado trabalho de cantaria que tracejava as pétalas da rosácea — os únicos pontos de referência perceptíveis. Desviou-se da multidão pelo canto mais ao norte, passando perto do portão que ele e Jacopone tinham cruzado carregando o corpo do menino, na semana anterior. O guarda acenou para ele.

— Um bom dia para você, irmão — gritou. — Inclua-nos em suas preces de hoje.

Conrad devolveu o cumprimento. O homem obviamente não o reconheceu. Seguiu adiante, passando pela igreja de cima, e desceu as escadas para o Sacro Convento. Embora uma camada grossa de nuvens encobrisse o sol, sentia calor debaixo do seu novo hábito. Começou a transpirar e observou um

cansaço incomum nos músculos das panturrilhas e das coxas, como se estivesse fazendo de novo a árdua caminhada ao lado da carroça do lavrador pelo atoleiro que levava a Santo Ubaldo. Sentou-se no degrau, contemplando a arcada do mosteiro logo abaixo.

À saudação respeitosa do sentinela o deixara melancólico, em vez de satisfeito com sua aparência respeitável. Não era *a felicidade perfeita*; nada disso, era a sua antítese.

Leo devia ter repetido dezenas de vezes a história da noite em que ele e São Francisco percorreram penosamente a estrada que liga Perúgia a Porciúncula na escuridão do inverno. Seus hábitos estavam molhados, enlameados, e tão frios que uma crosta de gelo se formara em todo o contorno das bainhas, e estas lhes batiam contra os pés descalços, machucando-os.

— Irmão Cordeirinho, sabe o que é a felicidade perfeita? — Francisco perguntou subitamente.

Como o seu mentor confidenciou mais tarde a Conrad, eles não haviam comido nada o dia inteiro, e Leo, que não tinha a mesma capacidade de jejuar de Francisco, imaginou que um ensopado bem quente podia chegar perto da definição de felicidade, pelo menos naquele momento. Todavia, foi sensato o bastante para não admitir sua fraqueza para o santo.

— Diga-me, pai — pediu ele.

— Suponha, irmão, que um mensageiro venha em nossa direção aqui na estrada e afirme que todos os mestres em teologia de Paris entraram para a Ordem. Isso não seria a felicidade perfeita. Ou que todos os prelados que apóiam o ultramontanismo se juntaram a nós, e mais os bispos e os arcebispos, e mais os reis dos francos e dos ingleses. Isso também não seria a felicidade perfeita. Ou que meus irmãos foram ter com os incrédulos e os converteram iodos à fé, ou que eu recebi a graça divina de curar os doentes e fazer muitos milagres. Ouça o que lhe digo, Irmão Cordeirinho, a felicidade perfeita não estaria em nenhuma dessas coisas.

— Mas, então, o que é a felicidade perfeita?

Francisco respondeu:

— Quando chegarmos a Porciúncula, encharcados de chuva e morrendo de frio batermos no portão, e o porteiro aparecer e perguntar zangado: "Quem são vocês?" e nós respondermos: "Somos dois de seus irmãos" e ele não acreditar e disser: "Nada disso, vocês são dois trapaceiros vagabundos que

andam por aí enganando e roubando as pessoas. Vão embora!" e não abrir para nós, deixando-nos do lado de fora, sob neve e chuva, com frio e fome... então, se agüentarmos todos esses insultos e cruéis rejeições com paciência, sem nos perturbarmos e sem reclamar, e se ponderarmos que o porteiro realmente nos conhece e que Deus o faz falar contra nós, aí está, *Frate Pecorello*, a felicidade perfeita. ;

São Francisco continuou:

— E se continuarmos a bater no portão, e o porteiro aparecer, muito zangado, mas eu insistir: "Sou frei Francisco", e ele responder: "Vá embora, sujeito simplório e inculto. Desapareça de uma vez daqui, porque somos tantos e tão importantes que não precisamos mais de você. Vá para o asilo de Crosiers e bata na porta deles." E se ele pegar um bastão de madeira e, agarrando-nos pelos capuzes, nos atirar na lama e nos atacar até cobrir nossos corpos de feridas e machucaduras... e nós agüentarmos todas essas maldades e aceitarmos os insultos com alegria e amor em nossos corações, refletindo que devemos compartilhar dos sofrimentos do Cristo Abençoado com paciência, por amor a Ele... isso, Irmão Cordeirinho, seria a felicidade perfeita e a salvação da alma!



CONRAD ESFREGOU O REQUINTADO tecido de seu hábito entre o polegar e o indicador. Ele chegara muito mais perto da felicidade perfeita na semana anterior, quando o porteiro do Sacro Convento o tratara como um cão vira-lata raivoso. Se Leo fora fraco de espírito, *ele*, Conrad, estava se comportando como um verdadeiro covarde. Não seria melhor voltar à casa de Donna Giacomina e chegar de novo a porta do Sacro Convento usando o hábito antigo, entregando o resto nas mãos de Deus? Ao escolher o caminho *mais prático* para conseguir acesso à biblioteca do convento, será que não estaria se comportando como aqueles frades oportunistas que tanto desprezava? Aqueles que trocavam pobreza por segurança, simplicidade por erudição, submissão por regalias? Não fora Elias quem invocara a *praticidade* como sua argumentação para enfraquecer a Regra de Francisco?

Conrad apoiou-se na mureta que sustentava a escadaria e continuou descendo até o último degrau. Lá estava ele diante das portas duplas de madeira entalhada da igreja inferior, encaixadas bem fundo sob seus arcos. De cada lado havia uma série de colunas decoradas com caneluras, formando um convidativo ângulo em direção às portas. Conrad não resistiu. Haveria de encontrar a tumba de Leo; seu mentor lhe diria o que fazer.

A igreja inferior, para uso dos frades, era mais escura e mais austera do que a basílica pública que ficava acima. As janelas pequenas e em arco arredondado tinham sido projetadas segundo um modelo antigo, enquanto que o arquiteto da igreja superior, um franco, preferira seguir o novo estilo de arcos pontiagudos. Não que a igreja dos frades fosse desprovida de ornamentos. Os olhos de Conrad voltaram-se imediatamente para o altar-mor, no fundo da nave, construído para se assemelhar a uma arcada em miniatura, com a pedra sagrada repousando sobre uma série de arcos guarnecidos de colunas decoradas. Ali começaria sua busca por Leo.

Lentamente, caminhou ao redor do altar, examinando o piso de ladrilhos à procura de sinais recentes de argamassa. Sua mão deslizava pela superfície lisa da pedra do altar, circundando-o, quando esbarrou em algo estranho. Seus dedos acompanharam um ponto áspero, um desenho entalhado na pedra sagrada. Conrad achou que algum moleque a tivesse profanado. O desenho tosco lembrava uma figura de homem esboçada por uma criança, com braços e pernas estendidos, rígidos, e um círculo simples para representar a cabeça — um anel duplo do círculos concêntricos, na verdade. Um círculo maior contornava toda a figura. Acima do círculo externo, o vândalo tinha arranhado dois arcos. Que desgraça as crianças já não respeitara o mais importante santo da cidade, nem temiam a ira do próprio Deus!

O frade contemplou a nave em toda a sua extensão. O artista Giunta da Pisa havia reproduzido nas paredes laterais da nave acontecimentos da vida de Francisco frente a frente com afrescos da vida de Jesus, a quem o santo imitou mais plenamente do que qualquer outro homem. Desde a última visita de Conrad, anos antes, grandes porções das partes inferiores das pinturas tinham desaparecido por completo. A intervalos regulares, operários haviam derrubado paredes para dar espaço a capelas laterais com altares individuais. A ênfase crescente no estudo e na erudição dentro da Ordem criara um grande número de sacerdotes, e sacerdotes precisam de altares para rezar suas missas diárias.

Conrad nunca se sentira compelido a rezar missas, pois acreditava que podia aproximar-se de Deus sem a mediação do ritual; mas seus irmãos Conventuais, como era de se esperar, mantinham a prática.

Percorreu capela por capela até fazer o círculo completo e voltar para o transepto sul e à Capela de São João Evangelista. Incrições entalhadas em blocos fixados à parede identificavam diversos túmulos. Ali jazia frei Angelo Tancredi — primo de Santa Clara — e, ao lado dele, frei Rufino. Este último foi uma surpresa. Conrad não soubera da morte de Rufino. A data do obituário dizia que havia falecido naquele ano. Na última visita que o frade fizera a Leo, seu mentor e Rufino dividiam uma pequenina cela em Porciúncula.

— Descanse em paz e em júbilo, meu amigo — disse em voz alta. Em seguida, viu a lápide que procurava:

Frater Leon

Qui Omnia Viderat

Obitus

Anno Domini 1271

O registro estava perfeito, até irônico: "Irmão Leo, que a tudo presenciou." Ou, como Conrad preferia ler as palavras: "Irmão Leo, a quem nada escapava."

Ajoelhou-se diante da lápide e encostou a testa na pedra fria. Não disse nada nem pensou em nenhuma pergunta específica, pois seguramente Leo compreendia seu dilema sem a interferência das palavras. Permaneceu nessa posição enquanto a manhã avançava, mas não houve resposta. Em determinado momento, lembrou-se de que Leo lhe havia garantido que Amata seria uma ajuda para ele. Talvez o instante de dúvida que acompanhara essa lembrança estivesse provocando agora o silêncio de Leo.

Sua mente se desviou para os apóstolos a caminho de Jerusalém com seu Mestre Jesus. Seguiam perplexos, pois Jesus, acabara de lhes dizer que Ele iria sofrer e morrer quando chegassem a cidade. Os apóstolos tinham perdido de vista a sua missão, perturbados pela incerteza e pela aparente falta de sentido de tudo o que tinha acontecido até aquele momento. E, justamente quando se sentiam mais fatigados e desalentados, Jesus apareceu diante deles, transfigurado, na companhia de dois profetas dos tempos idos, e eles lembraram outra vez quem era Aquele que os guiava.

Talvez, ponderou Conrad, ele tivesse expectativas grandes demais. Será

que imaginara que Leo iria aparecer para ele na bem-aventurança, acompanhado de São Francisco, duas vezes em duas semanas? Até mesmo os apóstolos tinham presenciado a transfiguração apenas uma vez.

Ficou de pé com dificuldade e esticou os músculos. Já adiarda demais. Precisava deixar que esses "três companheiros" — como Angelo, Rufino e Leo eram carinhosamente conhecidos pelos outros frades — aproveitassem juntos seu repouso eterno, da mesma forma como tinham passado juntos por tantos sofrimentos nos primeiros tempos da Ordem. A expressão se tornara tão amplamente aceita que os irmãos chamavam as crônicas dos dias que passaram com São Francisco, agora proibidas, simplesmente de *Legenda Trium Sociorum*, "Legenda dos Três Companheiros".

O frade girou bruscamente nos calcanhares e voltou a passos largos para o túmulo de Leo. Seria possível que Bonaventura, ou algum ministro geral antes dele, tivesse torturado Leo ou um de seus amigos? *Por que o companheiro fora mutilado?* Leo perguntava na sua carta.

— Por favor, paizinho — implorou —, diga-me: a qual de seus companheiros você se referia? — perguntou. — Como posso descobrir *por que*, se nem ao menos sei *qual* de vocês foi?

Novamente houve apenas silêncio.



ESSE É UM DOS BONS FRADES, refletiu Donna Giacomina enquanto observava Conrad percorrer a viela. Lamentou que o tivesse perturbado, embora também acreditasse que era chegada a hora de ele sair do isolamento. Era tão jovem — uma criança, na verdade, se comparado aos seus oitenta e dois anos — e tão ingênuo. Ela vira a mesma ingenuidade e a mesma teimosia em São Francisco. Talvez fossem essas as qualidades que faziam homens assim serem santos: uma obstinação inspirada no divino que não admitia os tons de cinza no seu mundo preto-e-branco do certo e errado.

Também refletiu a respeito da história que ele contara sobre aquela jovem que fora tão ultrajada. A visão da velha senhora, se embaçou com o pensamento; queria gritar de angústia por tudo o que acontecera à menina, a todas as mulheres; gritar de pura raiva e desfazer o nó antiquíssimo que lhe apertava o

estômago. Os homens possuíam tanto poder para a crueldade e a destruição, enquanto suas esposas, filhos e servos eram deixados à própria sorte para suportar as conseqüências da melhor maneira possível.

Quando o mordomo voltou de suas incumbências, Donna Giacomina decidira o que devia fazer.

— *Maestro* Roberto, peça a Gabriella para preparar meu manto azul e meu véu. Você e eu vamos a São Damião. Tenho assuntos para tratar com a madre priora.

O homem franziu o sobrolho, tomado de surpresa. Ela raramente saía de casa.

— Vou pedir para providenciarem uma liteira — ele ofereceu.

— Não vai ser necessário — respondeu ela. — De repente, sinto-me muito forte.

CAPITULO XVI



AO FINAL DA MANHÃ, CONRAD JÁ TINHA uma cela reservada no dormitório dos padres e fizera a primeira refeição junto com a maioria dos outros frades no refeitório. A maioria, mas não todos — Frei Bonaventura e os funcionários mais graduados do Sacro Convento aparentemente comiam em outro lugar — mais provavelmente numa mesa não tão austera, instalada na enfermaria —, o que convinha perfeitamente ao interesse de Conrad. Pretendia ficar tão imperceptível quanto o tamanho da comunidade permitisse, e isso significava evitar confrontação direta com o ministro geral. Os frades se dispersaram depois da refeição do meio-dia, e ele se dirigiu à biblioteca.

— Frei Conrad! Que agradável surpresa.

Um frade alto agarrou-o pelos ombros e encostou a face seca contra a sua, dizendo:

— A paz esteja convosco, irmão.

— E convosco também, Lodovico. Fico feliz por saber que ainda é o bibliotecário daqui. Vi tantos rostos novos desde que cheguei que pensei ter me perdido pelo caminho e ido parar em outro mosteiro.

— Vai encontrar também novos acréscimos no meu acervo — disse o bibliotecário.

Conrad correu o olhar pelas estantes dispostas ao redor da sala; cobriam uma área duas vezes maior do que tinha lembrança. Também notara o uso do "meu" por Lodovico, uma possessividade que parecia predominante naquele lugar.

Apesar da recepção cordial, o rosto do bibliotecário permaneceu impassível como uma estátua de pedra. Conrad havia se esquecido do seu nariz

achatado, das pálpebras caídas e da testa excepcionalmente alta, que faziam pensar que a mãe de Lodovico devia ter espremido a cabeça filho antes mesmo de seu nascimento. Tinha as feições mais parecidas com máscara — como se um artista as tivesse concebido para parecer um homem — do que uma figura verdadeiramente humana. *Fra Brutto-Come-la-Fame*, os noviços o chamavam pelas costas, Irmão Feio-Como-a-Fome. Lodovico também era um dos que não estavam no refeitório, o que poderia explicar os quilos a mais que havia ganhado durante os seis anos de ausência de Conrad.

Comparada às bibliotecas de mosteiros maiores, como as dos monges negros ou das universidades, a sala acima da arcada norte, no Sacro Convento, parecia mais um anexo que não fora incluído no plano original — o que provavelmente era verdade. Tinha a dupla função de biblioteca e *scriptorium*, com uma escrivaninha alta e um conjunto de instrumentos junto de cada abertura. Mas essas janelas minúsculas, que ficavam ainda menores devido aos caixilhos de chumbo que se cruzavam em ziguezague sobre o vidro, ofereciam uma luz inadequada para a leitura ou para a cópia dos manuscritos. As escrivaninhas estavam desocupadas naquele momento, e Conrad presumiu que os copistas realizavam a maior parte de seu trabalho antes da hora sexta, ao meio-dia, pois depois desse horário o sol matutino não alcançava mais a parede da biblioteca, voltada para leste.

São Francisco não desaprovava o conhecimento em si, mas desaconselhava o aprendizado para seus filhos espirituais, acreditando que fosse não apenas desnecessário como também perigoso: desnecessário porque um frade não carecia dele para salvar sua alma; perigoso porque poderia resultar em orgulho intelectual. Elias construíra o Sacro Convento logo depois da morte do fundador, de modo que os desejos do santo chegaram a exercer alguma influência sobre a construção. Nem mesmo esse frade mundano poderia prever que, em vinte e cinco anos, a Ordem se tornaria uma das instituições mais eruditas da cristandade.

O próprio Conrad não conseguiu resistir à tentação de estufar o peito ao lembrar que alguns membros da Ordem em Paris, Oxford e Cambridge, Bolonha e Pádua estavam entre as mentes mais cultas da Igreja: homens como Odo Rigaldi, Duns Scotus e Roger Bacon, que podiam competir até com aqueles brilhantes frades pregadores, Albertus Magnus e Tomás de Aquino. Não que frades menores e frades pregadores fossem rivais, apesar das tentativas

ciumentas dos teólogos seculares de pôr uma Ordem mendicante contra a outra.

Perdido em seus devaneios, Conrad deixou escapar algo que Lodovico disse. O bibliotecário tomou-o pelo braço e conduziu-o a uma parede coberta de caixas com tampas de vidro, trancadas, provavelmente relicários de preciosos manuscritos. Além das caixas, no canto mais afastado da sala havia vários armários altos de madeira, também trancados com cadeados de ferro.

— Considerando que você era amigo íntimo dele, estou certo de que o bilhete vai fasciná-lo — continuou o bibliotecário. — Achamos isso escondido debaixo do hábito de frei Leo depois que ele morreu. Foi redigido, aparentemente, logo depois que as chagas de Cristo foram marcadas no corpo do nosso santo mestre.

Vários pares de luvas brancas pendiam de cavilhas acima das vitrinas. Lodovico apanhou um par e gesticulou para Conrad fazer o mesmo. Destrancou uma das caixas, tirou de dentro dela uma folha gasta e pousou-a nas mãos com todo cuidado. Décadas de contato com a oleosidade do corpo de Leo tinham escurecido o tosco pergaminho. Seu mentor aparentemente o havia dobrado duas vezes antes de colocá-lo debaixo do hábito, pois mostrava sinais de desgaste nas dobras e extremidades.

O bibliotecário abriu o bilhete com todo o cuidado. Era um pouco maior que um fragmento, tão largo quanto uma *chartula*, e só um pouco mais comprido que a mão de um homem. Várias caligrafias diferentes cobriam os dois lados em tinta preta e vermelha. Quando reparou que Conrad estava custando para decifrá-las, o bibliotecário leu em voz alta os garranchos maiores no primeiro lado:

"O Senhor te abençoe e te guarde.

O Senhor te mostre a Sua face e conceda-te a Sua graça.

O Senhor volte Seu rosto para ti e te dê a paz."

Conrad reconheceu a bênção do Livro dos Números; o bispo de Assis repetira as mesmas palavras acima de sua cabeça no momento de sua ordenação. Abaixo das palavras rituais do mosaísmo, o autor adicionara um pós-escrito: "O Senhor te abençoe, frei Leo" e assinara a bênção com a letra grega *tau*, uma cruz cuja linha vertical alongava-se bastante para cima entre as letras do nome de Leo.

Conrad estendeu as mãos enluvadas para o velino,
— Posso? — perguntou.

O bibliotecário passou-lhe o fragmento tão delicadamente quanto alguém poria um ovo de pássaro de volta no ninho. Conrad levou-o para a janela mais próxima. Reconheceu a diminuta caligrafia de Leo no verso. A mensagem parecia ser um hino de louvor, provavelmente ditado por San Francisco ao secretário:

"Vos sois santo, Senhor, o único Deus. Vós fazeis maravilhas... Vós sois Três e Um... Vós sois bom, desde sempre bom, boníssimo... Vós sois amor, Vós sois sabedoria, Vós sois humildade, Vós sois paciência, Vós sois beleza, Vós sois paz interior, Vós sois felicidade, Vós sois justiça... Vós sois vida eterna, grandiosa e admirável... Salvador Misericordioso."

Embora as laudes fossem magníficas e inspiradoras, decepcionaram Conrad. Nenhuma das mensagens fazia referência à visão do serafim, fonte de inspiração dessa efusão de louvores. Virou o pergaminho de novo e Lodovico apontou para a série de anotações escritas numa caligrafia menor ainda, com tinta vermelha. Duas frases curtas acima e abaixo do *tau* comprovavam que Francisco havia escrito a bênção e desenhado o símbolo de próprio punho.

— Frei Leo deve ter acrescentado esses comentários posteriormente — explicou o bibliotecário.

A caligrafia devia realmente ser de Leo — no mínimo, por ser menor que a do seu mentor. Lodovico então deslizou a ponta do dedo sobre o fragmento de pergaminho, chamando a atenção de Conrad para o parágrafo mais longo, escrito com a mesma tinta vermelha e a mesma caligrafia que estava acima da bênção. Sem esperar por uma reação, o bibliotecário começou a ler novamente em voz alta, por cima do ombro de Conrad.

"Abençoado Francisco, dois anos antes de sua morte passou quarenta dias sozinho no monte LaVerna, em honra da Santa Virgem Maria, Mãe de Deus, e do abençoado Arcanjo Miguel. E a mão do Senhor estendeu-se sobre ele. Depois da visão e das palavras do serafim e da impressão dos estigmas de Cristo em seu corpo, ele compôs os louvores escritos no outro lado desta folha e os escreveu de próprio punho, dando graças a Deus pela bondade a ele concedida."

Lodovico tirou o pergaminho das mãos do Conrad e o colocou de volta em seu relicário. Conrad seguiu-o devagar, meditando tanto sobre o parágrafo que Lodovico acabara de ler quanto sobre a pressa do bibliotecário em mostrá-lo a ele.

— Muito estranho, não acha, irmão? — comentou.

— Como assim, Conrad?

— Os louvores. Estão numa caligrafia diferente daquela da bênção de Leo. Sem dúvida foram ditados, mas a pessoa que acrescentou essa nota disse que foram escritos pelas mãos do próprio São Francisco. Fico me perguntando se O frade que tomou o ditado, que presumo tenha sido frei Leo, e o frade que escreveu em tinta vermelha não seriam duas pessoas diferentes.

Lodovico retesou os músculos e curvou-se sobre o relicário, os olhos fixos no pergaminho. Pela primeira vez, Conrad achou que havia detectado um frêmito na máscara, um esgar que puxava para baixo os cantos dos lábios grossos em uma ligeira carranca; uma fissura minúscula na armadura do bibliotecário.

Antes que frei Lodovico pudesse responder, Conrad acrescentou:

— Pode mostrar-me os livros das crônicas da nossa Ordem?



O RETORNO DELE AO SACRO CONVENTO transcorrera serenamente — quase serenamente demais, segundo comentou Conrad com Donna Giacoma dois dias depois. Tomavam uma sopa na cozinha daquela senhora enquanto ele relatava os acontecimentos referentes a seu retorno. Estava agradecido, tanto pelo caldo quente quanto pela espaçosa lareira. Os dias de outono haviam se tornado tão frios quanto as noites, e os oleados que protegiam as janelas da casa de Donna Giacoma eram uma barreira insuficiente contra os rigores do tempo. *Maestro* Roberto tinha prendido os encaixes emoldurados nas aberturas das janelas havia poucos instantes, mas Conrad imaginou que o inverno seria difícil para a anciã, mesmo com os tecidos oleados, as paredes cobertas de tapeçarias e as numerosas lareiras.

— O porteiro, tão arrogante com o *Sior* Jacopone e comigo na semana

passada, não poderia ter sido mais amável dessa vez — disse Conrad, entre goles do caldo. — A não ser que não tenha me reconhecido. Mas nenhum dos frades me incomodou ou me pediu coisa alguma. Sinto-me... acho que posso dizer... como se fosse invisível. Há algo de falso na maneira como estão me tratando, ou melhor, como *não* estão me tratando.

— Tolice — retorquiu Donna Giacomina. — Já lhe disse, você se preocupa demais, irmão. Bonaventura não vai lhe trazer problemas. Mas tomou conhecimento de mais alguma coisa que elucide o significado da carta de frei Leo? Venho quebrando a cabeça para entendê-la desde que a vi.

— Nada, por enquanto.

E contou-lhe sobre o bilhete de São Francisco para Leo, acrescentando:

— Também descobri uma cópia da carta que Elias enviou a todos os ministros das províncias depois da morte de nosso mestre. Copiei alguns trechos.

Retirou um rolo de anotações de dentro do hábito e continuou:

— Tenho de admitir que é uma bela mensagem. Kia longa demais para transcrevê-la na íntegra, mas achei esta parte especialmente emocionante, pois descreve os efeitos da visão em LaVerna.

— "Aproveito a ocasião para dar-lhes notícias bastante alegres... um novo milagre. Nunca, em tempo algum, alguém ouviu falar de tão assombrosos sinais, exceto no caso do Filho de Deus, que é o Cristo Senhor. Por um longo período antes de sua morte, nosso Irmão e Pai Francisco foi visivelmente crucificado; carregava em seu corpo as cinco chagas, os genuínos estigmas de Cristo. Suas mãos e pés eram perfurados, como se cravos os tivessem atravessado de um lado a outro; as feridas permaneciam abertas e exibiam a cor preta dos cravos. Seu lado do corpo estava aberto, como se atingido por uma lança, e sangrava o tempo todo. Enquanto sua alma permaneceu no corpo, não havia beleza alguma em sua aparência; seu semblante não era atraente e os membros eram acometidos de terríveis dores... Mas agora que morreu é belo de se contemplar, resplandece com um brilho magnífico, e todos os que olham para ele se regozijam..."

Conrad sentiu um nó na garganta e parou de ler. Levantou a vista ao limpar a garganta e viu que a senhora esfregava os olhos com a ponta do dedo.

— Foi exatamente assim que o vi na noite em que o segurei em meus braços — disse ela —, com a pele clara como marfim.

E acrescentou:

— Consegue sentir o amor nessas palavras, irmão? Elias nem sempre foi um monstro.

Levantou-se, acenando para que o frade permanecesse onde estava.

— Também tenho uma carta que gostaria de mostrar-lhe. Espere aqui, num ambiente aquecido, enquanto vou apanhá-la.

Voltou logo depois carregando uma única folha na mão livre, enquanto a outra manejava a bengala.

— Esta também foi dada a frei Leo por São Francisco. Ele quis que eu a guardasse, em agradecimento por pequenos favores que lhe prestei. Como poderá comprovar, o presente de Leo é muito mais significativo do que qualquer coisa que eu possa ter feito em seu benefício.

Colocou o pergaminho sobre a mesa, diante de Conrad. Parecia em melhor estado que o bilhete da biblioteca, embora também tivesse marcas escuras de manuseio. No mínimo, a carta confirmava — até mais do que a bênção — o afeto especial do santo por seu companheiro mais íntimo.

"Frater Leo, deseje ao seu irmão Francisco saúde e paz.

Dirijo-me a você, meu filho, como mãe. Coloco neste aspecto todas as palavras que falamos na estrada, resumidamente e como recomendação. E, mais tarde, se for preciso que você venha até mim para aconselhamento, eis o que tenho a lhe dizer: quaisquer que sejam os caminhos que lhe pareçam os melhores para agradar ao Senhor Deus e para seguir Suas pegadas e Sua pobreza, siga-os com a bênção de Deus e minha obediência. E se achar que é necessário para o bem-estar de sua alma, ou para encontrar consolo, e quiser vir até a mim, Leo, venha!"

Ali estava uma verdadeira carta de amor, Conrad bem podia imaginar a agonia de Leo durante algum período longe de seu mestre, e como essa mensagem de São Francisco deve ter acalmado seu sofrido espírito.

— Frei Lodovico ficaria extasiado se tivesse esta carta em seu acervo — comentou.

— Pensei muito nisso. Sei que meu tempo é curto e quero esta jóia encastada em algum lugar onde possa receber a devida reverência. Entretanto, estou pensando em doá-la para as Damas Pobres de São Damião... em

retribuição a um obséquo especial.

Conrad bateu palmas.

— Ah! Perfeito, *madonna*. Com toda a certeza, teria sido essa a escolha de Leo, se alguém além da senhora a possuísse. As Damas Pobres sobrepujam os frades de hoje em termos de obediência à Regra.

— Fico feliz por concordar comigo, irmão.

Sorriu enquanto enrolava a carta e encarou-o com um alheamento em seus calmos olhos verdes que deixou Conrad desconcertado.



O MOFO DA BIBLIOTECA FEZ COM QUE Conrad tivesse vontade de espirrar. Que diferença dos cheiros do mar que subiam flutuando a encosta da colina até sou eremitério, vindos de Ancona. Ainda assim, os odores de tinta e da cola do encadernador, o toque macio dos manuscritos e das capas de couro nas suas mãos e os corredores de títulos em latim divididos impecavelmente por categoria trouxeram-lhe saudades dos seus tempos de estudante. Também apreciava o silêncio absoluto da biblioteca, onde folheava os textos sem ser perturbado, praticamente sozinho entre os livros.

Por estranho que pareça, foi enquanto remexia numa estante repleta de guias de viagem agrupados desordenadamente que Conrad encontrou a primeira referência, embora vaga, à carta de Leo. Apinhada de anotações sobre chegar à vitória nas cruzadas, havia obras como *De inquisitione*, de David von Augsburg, e *Summa contra haereticos*, de Jacopo dei Capelli, descrevendo os deveres e o comportamento adequados aos frades inquisidores, que agora se contavam às centenas. Conrad passou rápido por guias ilustrados com iluminuras para pregadores: *Liber de Virtutibus et Vitiis*, *Dormi Secure*, de Servasanto da Faenza, e inúmeros livros de exemplos, todos aparentemente extraídos de fábulas, bestiários e romances — em geral muito vividos, mas, para Conrad, longe de serem edificantes. Como podiam os pregadores acreditar que suas parábolas sobre unicórnios, dragões e antílopes elevariam as mentes dos ouvintes até Deus? São Francisco, assim como o próprio Jesus, pregava com exemplos conhecidos de todos. "Um semeador saiu para semear suas sementes"... Imagens que as pessoas do povo pudessem entender.

A prateleira que mais agradou a Conrad, porém, foi aquela em que estavam os guias espirituais, pois lá descobriu dois livros escritos por Gilbert de Tournai, que fora seu professor na universidade. A maioria dos manuscritos nessa parte tratava da crucificação e tinha apelo emocional, mas alguns apresentavam o pensamento racional de autores germânicos, como o livro *De Exterioris et Interioris Hominis Compositione*, de Von Augsburg. Lodovico tinha reservado duas prateleiras inteiras para guias escritos de próprio punho pelo prolífico Bonaventura, e finalmente, entre esses, Conrad apanhou o curto tratado *De Sex Alis Seraphim* (Sobre as seis asas do serafim).

Fiel ao seu raciocínio lógico e seu treino como estudante, Bonaventura explicava como cada uma das seis asas representava um estágio do desenvolvimento espiritual. Conrad admirou o uso inteligente que fazia de um símbolo cujo significado era tão importante para a irmandade. O que deixou Conrad surpreso foi encontrar a mesma imagem sendo usada novamente, e repetidas vezes, no livro de Bonaventura que pegou em seguida.

"Enquanto eu estava no monte LaVerna... veio à minha mente o milagre ocorrido com o abençoado Francisco nesse mesmíssimo lugar: a visão de um serafim alado na forma do Crucificado... Percebi de imediato que essa visão representava o estado de arrebatamento de nosso pai em contemplação e o caminho pelo qual esse arrebatamento é alcançado"

À imagem do serafim sem dúvida possuía um fascínio especial para Bonaventura. Mas o que ele pretendia dizer ao usar o verbo *effingere* quando escreveu "essa visão *representava* o estado de arrebatamento de nosso pai em contemplação"? São Francisco não tivera então a experiência de uma visão real? Seria toda a história apenas uma representação simbólica? Certamente não, mas...

Vinda de outro autor, Conrad poderia desconsiderar essa aparentemente trivial falta de clareza, mas Bonaventura possuía um raciocínio extremamente legalista. Ele também servira durante um período como leitor numa das escolas dos frades em Paris, e fora contemporâneo e amigo de Tomás de Aquino. Não costumava escolher as palavras descuidadamente. Conrad carregou o livro para uma escrivaninha e fez suas anotações. Perguntou a si mesmo quantas ave-marias rezaria desta vez antes de Lodovico aproximar-se dele. Em seu primeiro dia na biblioteca, descobrira que escrever em pedaços de pergaminho atraía Lodovico com a mesma ligeireza e força com que um ferro é atraído por um

ímã.

E lá vem ele, pensou Conrad. As sandálias do bibliotecário deslizavam sobre os ladrilhos atrás dele.

— Ah, o *Itinerarium Menus in Deum* — disse Lodovico ao esquadrinhar a escrivadinha com aparente desinteresse. — Uma obra excelente. Frei Bonaventura ficaria feliz em saber que você se tornou um estudioso de seus escritos.

O *que, tenho certeza, você vai contar a ele durante o jantar*, deduziu Conrad. Sentiu uma súbita necessidade de reler a biografia de São Francisco escrita pelo ministro geral. Queria examinar mais uma vez aquele serafim. Se, durante o processo, esbarrasse com o cego mencionado na carta de Leo, tanto melhor.

CAPITULO XVII



ÀS PRIMEIRAS LUZES DO AMANHECER, Conrad correu para a biblioteca junto com os copistas. As horas de claridade eram cada vez mais curtas com o passar dos dias, à medida que se aproximava no calendário a Noite de Santa Lúcia, a mais longa do ano.

O frade rumou direto para as estantes que guardavam as crônicas sobre os primórdios da Ordem. Para sua decepção, continham apenas algumas curtas biografias de santos da Ordem ainda não canonizados, a história de Thomas de Eccleston sobre os primeiros frades na Inglaterra e uma crônica similar a essa, de Giordano di Giano, descrevendo a expansão da Ordem na Alemanha. Nada a respeito da Úmbria, o berço de todo o movimento, uma lacuna que o manuscrito escondido de Leo supriria com perfeição.

Cópias da *Legenda Major de Bonaventura* ocupavam o restante das prateleiras. Os escribas que trabalhavam nas escrivatinhas altas duplicavam o mesmo texto — um efeito colateral do execrável edito de 1266. Além de proibirem as lendas antigas, os ministros das províncias decretaram que cada casa da Ordem devia ter pelo menos uma cópia da história de Bonaventura. Periodicamente, a casa principal enviava Irmãos Visitantes para os conventos nas províncias, e cada um deles levava uma mula carregada dessas cópias. Segundo o que frei Leo dissera a Conrad, esses Irmãos Visitantes deveriam ser chamados de "Irmãos Extratores" na época de Elias, pois voltavam para Assis com suas azêmolas carregadas de tesouros extorquidos daqueles ministros das províncias, ansiosos por manterem suas posições. Levavam de tudo: desde taças de ouro até o valioso peixe salgado envolto em pano grosso.

Lodovico havia colado uma cópia do edito na estante das Crônicas. Cada

vez que passava por ela, Conrad fervia de indignação por toda aquela primeira geração de frades, que na realidade, tinham sido repreendidos por serem honestos.

"O Capítulo Geral ordena, dentro de sua esfera de autoridade, que todas as Legendas do Abençoado Francisco já escritas devam ser suprimidas, posto que a Legenda do Ministro Geral foi compilada conforme recebida da boca daqueles que sempre estavam com o abençoado Francisco e tinham incontestável conhecimento de tudo o que se passava."

Da boca dos que sempre estavam com Francisco? Seguramente não da boca de Leo — nem de Rufino, nem de Angelo Tancredi, nem da boca de nenhum daqueles que pertenciam ao grupo fechado dos íntimos.

Conrad só tomara conhecimento do Edito quatro anos depois de sua publicação, ao visitar Leo em 1270, um ano antes da morte de seu mentor. Leo considerava um desastre a biografia oficial escrita por Bonaventura, o retrato de um santo de gesso distante do mundo real, encarapitado no alto de um nicho inacessível onde as pessoas não podiam tocá-lo — uma distorção da imagem daquele Francisco que ele havia seguido. Aquele não era o ser humano cheio de vida que em sua mocidade liderava as folias da primavera pelas ruas de Assis como rei do Tripudianti, e que esbanjava o dinheiro de seu pai indulgente para se manter atualizado com as últimas novidades e modismos. O gastador, o trovador, o bufão, esse tinha sido "apagado"; só permanecera o milagreiro.

— Sugaram seu sangue e seu espírito — Leo esbravejara. — Sangraram-no como médicos, como se a humanidade dele fosse um veneno mortal que devesse ser drenado para preservar-lhe a santidade. Todos os irmãos Espirituais estão de luto.

Mas eles não estavam *apenas* de luto. Leo confidenciou que muitos dos exilados tinham escondido os manuscritos que possuíam; as Damas Pobres de São Damião agiram da mesma forma. Foi quando ele pediu a Conrad para preservar e copiar a sua própria crônica da Ordem. Embora o manuscrito de Leo não contivesse as respostas que Conrad agora buscava, era sem dúvida um vínculo importante com o passado da Ordem. Conrad tremeu ao pensar que só ele e Amata sabiam da existência do pergaminho. Precisava informar DOM na Giacoma a respeito assim que tivesse oportunidade, no caso de algum mal se abater sobre ele e impedi-lo de voltar ao eremitério. A menina não era digna de

confiança e, de qualquer forma, estava de novo confinada (graças a Deus) no convento.

Com todos esses conflitos girando em sua cabeça, Conrad abriu a *Legenda Major*. Orou para que o Espírito Santo lhe concedesse a graça da sabedoria e da compreensão e foi direto para o capítulo décimo terceiro, o capítulo do serafim.

CAPUT XIII DOS SEUS ESTIGMAS SAGRADOS

Dois anos antes de ele entregar seu espírito de volta para o céu, Francisco foi conduzido pela divina providência para uma alta montanha chamada LaVerna. Lá, começou um jejum de quarenta dias em honra de São Miguel Arcanjo.

Por inspiração divina ficou sabendo que, se abrisse os Evangelhos, Cristo lhe revelaria os desígnios de Deus. Depois de rezar com muita fé, apanhou o livro do Evangelho que se encontrava no altar e pediu ao seu companheiro, um frade devoto e santo, que o abrisse três vezes, invocando o nome da Santíssima Trindade. Todas as vezes, o livro se abriu na Paixão do Senhor, e então Francisco entendeu que deveria imitar Cristo na atribulação e sofrimento de sua paixão. (...) O corpo dele já estava enfraquecido pela grande austeridade de sua vida passada e por carregar constantemente a cruz do Senhor; mas sentiu-se inspirado, mais do que nunca, a suportar qualquer martírio. (...)

Próximo à festa da Exaltação à Santa Cruz, enquanto rezava na encosta da montanha, Francisco viu um serafim com seis asas flamejantes e resplandecentes descendo dos céus. A visão aproximou-se rapidamente e veio pairar perto dele. Então ele viu entre as asas a imagem de um homem crucificado, mãos e pés pregados numa cruz (...) Francisco ficou atônito (...) exultante pelo modo como Cristo manifestava-lhe tamanha consideração sob a forma exterior de um serafim, mas o fato de Ele estar pregado a uma cruz trespassou-lhe a alma com uma espada de compassiva tristeza.

Ao desaparecer, a visão deixou no coração de Francisco um ardor maravilhoso e imprimiu marcas miraculosas em seu corpo. (...)

As mãos e pés pareciam ter sido perfurados no centro por cravos, cujas cabeças estavam nas palmas das mãos e no peito de cada pé, enquanto as pontas eram visíveis no outro lado. (...) Seu lado direito parecia ter sido atravessado por uma lança e estava marcado por uma ferida avermelhada que quase sempre sangrava, manchando-lhe a túnica e as roupas de baixo.

Quando o servo de Cristo percebeu que não podia esconder os estigmas marcados de forma tão visível em seu corpo, foi tomado por uma dúvida aflitiva. (...) Chamou alguns dos frades e perguntou-lhes, em termos gerais, o que deveria fazer. Um deles, chamado de *Illuminato*, foi tocado pela graça e percebeu que algum milagre havia acontecido, porque o santo estava ainda aturdido. Ele disse: "Irmão, lembre-se de que quando Deus lhe revela segredos divinos, não o faz somente para você, mas também aos outros." São Francisco freqüentemente dizia: "*Secretum meum mihi, meu segredo é só meu*", mas quando ouviu palavras de *Illuminato*, descreveu a visão em detalhes, acrescentando que a criatura contara-lhe vários segredos que ele jamais revelaria a ninguém enquanto vivesse.

Conrad levantou os olhos de suas anotações e viu frei Lodovico zanzando na estante ao lado da escrivaninha.

— Pode me dizer, irmão — perguntou —, por que o nome *Illuminato* soa familiar? Será que ele teve um papel importante nos primeiros tempos da história da nossa Ordem?

— Acho que vai encontrar a resposta no capítulo nono — respondeu o bibliotecário. — Frei *Illuminato* acompanhou São Francisco numa viagem marítima para o Egito. Viajou com nosso mestre quando ele tentou converter o sultão e fez com ele a viagem de volta para casa através da Terra Prometida.

— Foi lá que São Francisco contraiu a doença nos olhos que lhe causou a cegueira?

— Assim me contaram. O sol forte da Terra Santa deve ter batido em seus olhos de forma bem direta.

Lodovico voltou para sua estante. Conrad acrescentou às suas anotações uma frase da carta de Leo. "O *primeiro de Tomás* marca o início da cegueira" escreveu, e sublinhou três vezes. Roeu a unha do polegar e tamborilou com a

pena de escrever na escrivania. Seria possível que o próprio Francisco fosse o "homem cego" a que Leo se referia? Mas onde teria começado sua cegueira, se não fora no Oriente?

Enquanto mantinha o olhar fixo naquela única frase, um escriba que trabalhava a sua frente, um frade que regulava em idade com ele, girou seus imensos quadris no banco onde estava sentado e piscou os olhos lacrimejantes e avermelhados para Conrad.

— Ouvi você indagando sobre frei Illuminato — disse ele.

O homem secou os olhos, que pareciam estar sempre irritados, enquanto falava:

— Ouvi você indagando sobre frei Illuminato — disse ele. O homem secou os olhos, que pareciam estar sempre irritados, enquanto falava:

— Justo na semana passada, ouvi sem querer alguns irmãos mais velhos conversando sobre esse Illuminato. Um deles mencionou que ele serviu como secretário de frei Elias depois que este foi eleito ministro geral. A respiração de Conrad quase parou. No tempo de Elias, aqueles que desempenhavam o papel de secretários, como Illuminato — e Leo, antes dele —, ainda eram chamados pelo termo antiquado de "amanuensis". A idade do companheiro de estrada de Zefferino, segundo a descrição de Amata, e o nome pelo qual o lanceiro identificara o homem, pareciam estar ligados.

Lodovico, que não se afastara mais do que alguns passos da escrivania de Conrad, correu para participar da conversa.

— O irmão está certo. Havia me esquecido desse fato a respeito de Frei Illuminato.

Talvez Illuminato também fosse o frade que Bonaventura consultara para escrever sua Legenda, refletiu Conrad, um *"daqueles que sempre estavam com o abençoado Francisco e tinham incontestável conhecimento de tudo o que se passava"*. Que estranho Bonaventura mencioná-lo pelo nome nesse capítulo e não citar o nome do frade que abrira os livros sagrados para Francisco, que certamente havia sido Leo.

— Frei Illuminato ainda está vivo? — Conrad quis saber.

— Sim, embora naturalmente esteja bastante idoso — disse o bibliotecário.

— Tão idoso que precise viajar montado em um jumento? Frei Lodovico respondeu com uma expressão risonha.

— Duvido que ele ainda vá a qualquer lugar.

— Não é bem assim, irmão — interrompeu o frade mais jovem. — Ele passou por Assis há uma semana e parou para confabular com frei Bonaventura. Por isso é que o nome dele foi mencionado na conversa entre os irmãos, Uma pena que não o tenha encontrado, frei Conrad.

— É mesmo. Uma lástima — disse Conrad. — Mas, ainda assim, obrigado aos dois irmãos pela ajuda.

— Agora chega de conversa fiada, irmão— acrescentou o bibliotecário— Não deixa frei Conrad trabalhar e abandona o seu trabalho com toda essa tagarelice. O frade repreendido baixou os olhos.

— Sim, irmão — disse, girando de volta no banco e debruçando-se sobre sua escrivaninha.

Então esse Illuminato ainda viaja, apesar de Lodovico duvidar disso. E se ele for o ancião que Amata encontrou, o que agora parece mais do que provável, Bonaventura já sabe da carta de Leo, tanto quanto um secretário treinado seria capaz de lembrar.

Com a interrupção da conversa, o bibliotecário retornou aos seus afazeres, ainda com um olho na escriba tagarela. Conrad voltou para suas anotações sobre a visão do serafim. Sublinhou uma única palavra no extenso trecho de Bonaventura: *Illuminato*.

CAPÍTULO XVIII



— **A** VANTI! AVANTI, CIUCO TEIMOSO!
Illuminato cutucou o jumento com as sandálias e mudou de lado na garupa. Quanto mais subiam, deixando para trás o lago Trasimeno e o plácido vale de Chiana, mais recalcitrante ficava o animal. Adiante, no alto, Illuminato avistava a soberba cidadela etrusca de Cortona. Assustadora em sua arrogância, isolada e ameaçadora no meio de suas montanhas glaciais, Cortona fora o cenário apropriado para os últimos anos de frei Elias como proscrito. Apesar das advertências de Illuminato para que cuidasse de não ultrapassar os limites, Elias enaltecera a si mesmo como um príncipe mundano, montando seu gordo pai a palafrém, fazendo-se acompanhar de um jovem trajado de libré multicolorida que o servia como os pajens dos bispos, e com sua comida refinada sendo preparada por cozinheiro particular. Auxiliado em sua ambição pelo seu chefe de calabouço, um exímio torturador, alcançou poder absoluto sobre a irmandade. Uma década depois, com a ajuda do papa, os irmãos o derrubaram.

Enquanto Illuminato oscilava ao sabor dos solavancos do asno, ponderou que Bonaventura poderia ter ensinado Elias a moderar a ambição com a virtude da paciência. O atual ministro geral iria subir na hierarquia da Igreja muito mais do que qualquer outro frade o fizera antes; porém, quando isso acontecesse, e talvez ele chegasse até ao papado, seria por insistência dos príncipes da Igreja.

Illuminato também tinha esperado, enquanto a roda do tempo ia girando devagar e cada vez mais delicadamente. *Minha recompensa estará igualmente garantida.* Assim prometera Bonaventura, quando o velho padre lhe contara sobre a mensagem de Leo para Conrad.

Na praça central da cidade, Illuminato apeou e acenou para dois meninos

que brincavam por ali sem fazerem caso do vento que agitava suas túnicas andrajosas.

— *Fratellini*, preciso de ajuda para subir a ladeira — chamou o padre. — Deus vai recompensá-los se me levarem junto com o jumento até a igreja.

Os maltrapilhos o miraram com curiosidade e um deles falou-lhe alguma coisa numa linguagem inarticulada. Illuminato respondeu ao dialeto local com uma seqüência de gestos: pôs as mãos nas costas e apontou o dedo para a ladeira em frente, repetindo "Chiesa, chiesa". Finalmente os meninos entenderam e se aproximaram, timidamente.

No alto da cidade, Elias construía uma versão reduzida da basílica que erigira em Assis. Mesmo depois de ser expulso da Ordem pelo papa, mesmo depois de se bandear para o lado do Império e tomar parte na excomunhão de Frederick, Elias continuara usando o hábito cinzento dos frades, assim como o pequeno grupo de irmãos, pouco mais de uma dezena, que havia permanecido fiel a ele. Quando afinal se isolou em Cortona, tentou reproduzir uma partícula de suas glórias passadas construindo um convento e uma igreja com o mesmo nome e até com a mesma fachada da famosa basílica. Também construiu um eremitério de pedra para si mesmo. De alguma forma, conseguiu fazer um ato de contrição no leito de morte, recebendo a absolvição de um padre local e sendo enterrado nessa igreja. Illuminato pensou consigo: *É possível que eu seja o primeiro romeiro a procurar o túmulo de um ministro geral proscrito.*

A viagem a Cortona não tinha sido idéia sua. Concordara, embora a contragosto, com a sugestão de Bonaventura de que esse posto avançado apresentava as condições ideais para ele esperar por sua nomeação. Não seria conveniente que Conrad lhe fizesse perguntas. A roda teria de girar mais uma vez, rangendo com dificuldade, antes que sua ambição pudesse ser realizada.

Mas, depois disso, que grande prêmio receberia: *bispo de Assis*, Instalado no palácio do bispo, perto do Sacro Convento, ainda poderia satisfazer sua ânsia de se envolver nas ações políticas da Ordem, com as informações privilegiadas que as acompanhavam. Por um tempo acreditara seriamente que estava fadado a morrer de tédio no cargo anterior: padre confessor num convento das Damas Pobres, sacudindo gravemente a cabeça (ou cabeceando de sono) enquanto aquelas almas inocentes recitavam suas litânias de pecadilhos. Mas, por um golpe de sorte — esbarrara por acaso com o garoto na estrada fora de Ancona — , metera-se no centro de um possível turbilhão. Sentia o sangue pulsando com

vigor renovado nas veias envelhecidas. Bonaventura percebera de imediato a importância da carta de Leo, o perigo que representava para a credibilidade da Ordem. Inicialmente, o ministro geral reagiu à notícia com o sangue-frio que lhe era peculiar.

— Deixemos Conrad vir — decidiu ele, impassível, enquanto girava bem devagar o anel no dedo. — Irá embora sabendo tão pouco quando sabia ao chegar.

— E se, por acaso, tropeçar na verdade?

— Nesse caso, não partirá.

Então, Illuminato teve de contar a Bonaventura o restante de sua história: de como ele tomara a liberdade de ordenar que Conrad fosse detido caso passasse por Gubbio. Ficou momentaneamente apreensivo quando viu a testa de Boaventura se franzir. Mas depois o rosto do ministro geral se descontraiu outra vez. Ele tamborilou os dedos e tocou a sineta que tinha sobre a escrivaninha. Seu secretário, Bernardo da Bessa, devia estar à espera do outro lado da porta, pois entrou em seguida, carregando sua tabuleta de cera e um estilete.

Frei Illuminato, repita o que acabou de me contar. Dê também a frei Bernardo as anotações que fez em Fossato di Vico, suas recordações da carta de Leo.

Depois que o secretário terminou, o ministro geral reiterou seus agradecimentos e declarou que a pronta reação de Illuminato não ficaria sem uma recompensa. O bispo de Assis partira recentemente para receber seu prêmio celeste e o cargo continuava desocupado, na dependência da coroação do novo papa. Bonaventura já tinha em cima de sua mesa uma carta dirigida ao pontífice solicitando que um de seus próprios frades fosse nomeado para esse posto secular.

Tebaldo Visconti da Piacenza é um amigo particular. Compartilhamos a mesma opinião sobre as deficiências e a corrupção do clero secular. Ele gostaria de ver mais frades nessas posições de poder.

O coração de Illuminato voou alto quando o ministro geral deixou implícito que ele, com sua idade cheia de sabedoria, sem falar em sua evidente compreensão da necessidade de reprimir discordâncias dentro da Ordem, seria o frade perfeito para preencher o cargo vago. Na qualidade de ministro geral, ele teria a maior satisfação em declarar tudo isso em um pós-escrito na sua carta.

Mas Bonaventura tinha feito essa promessa antes de o menino morto

aparecer no portão de entrada do Sacro Convento. O incidente talvez fosse esquecido sem maiores explicações se, naquele mesmo dia, um grupo de frades não tivesse carregado frei Zefferino para dentro do convento, morrendo de sede, parcialmente cego e dizendo desatinos sobre um anjo vingativo com olhos de fogo. O menino tinha alguma ligação com o tal espírito irado. O frade ferido também confusamente que Conrad, graças a uma miraculosa intervenção, não fora capturado. Depois para piorar ainda mais as coisas, outros dois irmãos chegaram da casa da Ordem em Gubbio à procura de um irmão que desaparecera.

— Ele está morto — disse Zefferino sem rodeios, quando Illuminato acompanhou os dois frades à enfermaria. Fulminou Illuminato com o olho que lhe restara. — Assassinado por aquele jovem e inofensivo emissário que levava a carta para Conrad. Então é assim que somos recompensados por nossos esforços desta semana, não é, irmão?

Illuminato preferiu não dizer nada sobre a promessa de Bonaventura.

Durante toda a semana seguinte, o velho padre evitou encontrar-se com o ministro geral. Bonaventura detestava qualquer alteração no tranqüilo funcionamento do Sacro Convento, e isso incluía a morte e a mutilação de postulantes e frades. Chegou um momento, porém, em que Illuminato não pôde furtar-se ao contato com o superior. Bonaventura o chamara.

— Conrad está em Assis — disse. — Está na casa da viúva Frangipane, e estamos na expectativa de que apareça aqui a qualquer hora. O seu jumento está descansado. Recomendo que você vá fazer uma visita ao túmulo de seu antigo mestre. Ele certamente precisa de suas preces.

— Mas, e quanto ao bispado?

— Mandarei um emissário a Cortona quando chegar o momento certo. Illuminato não teve alternativa a não ser ajoelhar-se, beijar o anel trabalhado de Bonaventura e retirar-se. Ao se levantar, entretanto, deu um toque na pedra de lápis-lazúli que brilhava na cravação de ouro.

— Tenho certeza de que compreende que Conrad é, no mínimo, uma ameaça indireta à Fraternidade da Tumba, não?

— Já levei isso em conta — respondeu Bonaventura —, embora a carta, conforme você mesmo me relatou, não aponte nessa direção.

Agora, perto do fim de sua viagem, Illuminato sentia-se mais como um exilado do que como um futuro bispo. Amparando-se num dos meninos para

poder caminhar, enquanto o outro puxava o asno e mantinha um falatório sem sentido no tosco dialeto da região, o padre subiu as ruas tortuosas até a igreja. Repetiu as bênçãos aos meninos que o ajudaram enquanto amarrava o animal e entrou para procurar alguém que pudesse guiá-lo até o túmulo de Elias.

A nave da igreja erguia-se fria e escura, vazia como uma caverna. Ele foi arrastando os pés pelo interior úmido na direção da única lamparina que queimava no transepto e bateu na porta de comunicação com o convento. O irmão de olhos escuros que atendeu, parecia tão abatido e bolorento quanto a própria igreja.

— *Per favore*, irmão, mostre-me a tumba de frei Elias — pediu Illuminato. O frade deu de ombros.

— *Un momento*.

E desapareceu no interior do convento. Depois voltou com uma lanterna e disse:

— Siga-me.

O homem conduziu Illuminato para trás do altar principal e de lá para um aposento nos fundos, que parecia ser usado como depósito. Assentos reservados ao coro da igreja tinham sido empurrados de qualquer maneira contra a parede. Pilhas de manuscritos mofados cobriam e transbordavam da mesa que ocupava o centro da sala. O frade chutou para o lado um monte de folhas manuscritas que estavam debaixo da mesa, levantando uma nuvem grossa de poeira. Finalmente, ficou de quatro e limpou com a mão o pó de uma das grandes placas de pedra. Naquele quadrado estava escrito o nome de Elias.

— Aqui — apontou o frade.

Aqui? Aquele frade decrépito e idiota não tinha mais nada a dizer além de *aqui?* Como era possível que o magistral dirigente de homens a quem Illuminato servira por tantos anos, cuja habilidade política e gênio arquitetônico todo o inundo civilizado havia admirado, estivesse sob camadas de poeira acumuladas debaixo de uma mesa? O estômago do padre revoltou-se com a indignidade do fim de Elias.

— Ninguém ao menos vigia os ossos dele?

— Ah! Isso agradaria à sua alma arrogante: pensar que seus ossos fossem objetos de cobiça. Nada disso, e nem mesmo estão aqui. Depois que ele morreu, um irmão *custode*, o zelador, arrastou-os para fora da igreja e atirou-os morro abaixo, lá atrás. Foram levados pelos lobos — o frade deu um risinho cruel. —

Se quiser encontrar seus ímpios restos mortais, procure um pó branco no monte mais próximo de excremento podre de lobos.

O homem encarou Illuminato. Nem sua face nem sua voz denunciavam a mais leve emoção quando acrescentou:

Sie transit gloria mundi. As glórias deste mundo são efêmeras, irmão.



NÃO POSSO DIZER QUE REALMENTE tenha conhecido frei Illuminato — Donna Giacoma respondeu a Conrad. — Eram tantos os frades, mesmo naqueles primeiros dias. Não me recordo de ouvir o nome dele entre aqueles que foram com São Francisco para Roma.

Estava sentada diante da lareira no salão principal de sua casa, com um manto de pele de lobo cobrindo-lhe os joelhos, o rosto satisfeito à luz das chamas dançantes da lareira.

— E mais tarde? — o frade insistiu — Quando ele servia a Elias?

— Como lhe disse, praticamente nunca mais dirigi a palavra a frei Elias depois que ele escondeu os restos mortais de São Francisco.

Conrad aproximou suas anotações da claridade e continuou a remexer nas folhas. Levantou rapidamente os olhos quando Pio entrou no salão carregando uma bandeja de doces.

— *Mamma* insistiu que eu os servisse enquanto estivessem quentes, *madonna*.

A senhora sorriu e fez sinal em direção ao convidado.

— O doce preferido do nosso mestre — comentou, enquanto o criado apresentava a travessa a Conrad. — Marzipã. Levei comigo um pequeno baú desses doces para Assis quando soube do estado físico de São Francisco, junto com o tecido para sua mortalha. Ele gostava do sabor das amêndoas, e eu assava os doces em forma de cruz para ele — seus olhos brilharam de alegria com a lembrança. — Hoje, a cozinheira preparou o marzipã no formato de auréolas em honra da próxima Festa de Todos os Santos.

Conrad pegou uma das iguarias e deixou que o açúcar se derretesse um momento na sua língua antes de mastigá-la. Ainda teria muito a aprender sobre o verdadeiro ascetismo, se um santo como Francisco achava que o prazer de

mastigar doces não significava uma diminuição de seu fervor. No que lhe dizia respeito, precisava reconhecer que a interminável variedade de quitutes preparados pela cozinheira talvez tivesse tanto a ver com a frequência de suas visitas à casa de Donna Giacoma quanto com o tesouro de lembranças da nobre senhora. Gostava da idéia de que seus desejos de alguma forma o ligassem mais intimamente a São Francisco. Sacudiu sobre o fogo as migalhas que tinham caído em cima de suas anotações e continuou sua busca, até chegar a uma outra parte da Legenda de Bonaventura.

— Aqui há uma segunda descrição dos estigmas, da época da morte de Francisco. Bonaventura escreve sobre um cavaleiro chamado Giancarlo. Poderia ser o prefeito que a senhora mencionou? Um dos que ajudaram no desaparecimento do corpo do santo?

E traduziu do latim:

"Em seus abençoados pés e mãos eram visíveis os cravos miraculosamente formados de sua carne por obra de Deus (...) tão entranhados na carne que, ao pressioná-los de um lado, imediatamente projetavam-se para fora do outro. (...) A ferida na lateral do tronco, que não fora infligida em seu corpo nem fora resultado de nenhuma ação humana (...) era avermelhada, e a carne em volta contraía-se numa espécie de círculo, de tal modo que parecia a mais bela das rosas. O restante de sua pele, que antes tendia a ser escura, tanto por sua própria natureza quanto por sua doença, agora era branca, resplandecente, deixando antever a glória dos corpos dos santos no céu. (...) Entre os que tiveram permissão de ver o corpo de São Francisco estava um cavaleiro culto e sensato chamado Giancarlo. Descrente, assim como o apóstolo Tomás, ele fervorosa e corajosamente, diante dos frades e de muitos habitantes da cidade, não vacilou em remover os cravos e tocar as mãos, os pés e o lado do santo. Quando sentiu as marcas, a angústia da dúvida desapareceu imediatamente de seu coração e do coração dos outros" Donna Giacoma assentiu.

— Esse devia ser Giancarlo di Margherit. Um descarado, mesmo antes de ser nomeado prefeito. Lembro-me muito bem da cena: ele de pé, com sua toga escarlata e sua capa de arminho.

Ela fechou os olhos e prosseguiu:

— Isso mesmo, e ele usava um gorro de pele de esquilo. Parecia um galo emplumado no meio de um bando de tordos, todo enfeitado e inchado de

soberba entre os frades com seus hábitos cinzentos. Durante os anos que se seguiram, ele falou muito sobre essa experiência. Tornou-se um defensor incansável dos estigmas contra todos os cétricos.

— *Cétricos?* Alguém duvidava?

— Muitos. Dúvidas sempre misturadas à inveja, sobretudo entre os membros das outras Ordens. Mas é claro que eles não tinham visto o que nós vimos. Conrad afagou o queixo. Perdi minha oportunidade de conversar com Illuminato. Acha que esse Giancarlo ainda está vivo?

— Não saberia dizer. Ele se recolheu à sua propriedade rural em Fossato di Vico duas décadas atrás. Desde então, nunca mais o vi em Assis nem ouvi mais nada a respeito dele.

Conrad reuniu suas anotações e apertou-as com as duas mãos contra o peito. Cerrou os olhos e esperou por inspiração, enquanto as chamas cintilantes continuavam a dançar através de suas pálpebras. Nada. Nada além de perguntas, mais enigmáticas do que nunca.

Peço que guarde essas anotações para mim — disse, enfim. — algum dia, esses fragmentos vão falar comigo numa única voz e tudo ficará claro, mas ainda não chegou a hora. Amanhã, estou planejando pedir a frei Lodovico o "primeiro de Tomás", e não faço a menor idéia de como ele vai reagir. Pode ser que eu esteja pisando em areia movediça ou no meio de um terremoto. Ou, se Deus quiser, pode ser que de alguma forma eu preencha as lacunas que restam.

Maestro Roberto atravessou o salão nas pontas dos pés enquanto Conrad falava.

— *Scusami*, Giacomina. O quarto está pronto para ser inspecionado assim que a senhora estiver disponível.

— Ótimo, *Grazie*, Roberto.

Virou seu olhar sereno para Conrad.

— Não sei se já lhe contei que meus dois filhos morreram sem ter filhos. Nunca tive um neto. É um destino cruel morrer depois de sua descendência. Durante todo esse tempo, deixei o antigo quarto deles fechado e intocado. Para mim, tornara-se uma espécie de redemoinho, que sugava a alegria de meu coração toda vez que entrava lá. Isso está prestes a mudar, entretanto. Mandei que fosse limpo e caiado de branco.

Conrad esperou pela explicação, mas a senhora estava evidentemente em um estado de espírito enigmático. Ela apenas disse:

— Todos nós temos nossas lacunas a preencher.



— O PRIMEIRO DE TOMÁS? Claro, irmão.

Conrad afundou no banco, pasmo, enquanto Lodovico ia pegar o texto. Fora fácil demais. O bibliotecário reagira como se recebesse pedido igual todos os dias.

Lodovico voltou carregando um tomo gigantesco. Ao pousá-lo diante de Conrad, a escrivadinha estalou e balançou sobre as pernas altas e finas.

— Não posso imaginar como sabia que eu tinha esse, mas pode vê-lo à vontade. É minha mais recente aquisição. Recebemos uma das primeiras cópias somente por causa da amizade pessoal de frei Bonaventura com Tomás quando ambos lecionavam em Paris.

Conrad ficou perplexo com a explicação. Será que o ministro geral era tão velho assim para ter conhecido Tomás da Celano? *Possivelmente*. Contudo, Conrad jamais ouvira dizer que Tomás alguma vez lecionara, ou mesmo que tivesse passado alguma temporada em Paris. Sorriu vagamente quando o bibliotecário se virou, depois levantou a capa de couro e examinou a folha de rosto:

SUMMA THEOLOGICA

auctore Tomas de Aquino

e sob o título, em letras ainda menores: *Liber Primus*.

O *primeiro livro* da *Summa* de Tomás de Aquino. Conrad gemeu baixinho. Velha raposa, o Lodovico. Não era de estranhar que tivesse sido tão obsequioso. Estava preparado para o pedido de Conrad. Certamente, frei Illuminato tinha boa memória e passara adiante essa parte da mensagem de Leo.

O frade abriu os dedos para com eles medir a espessura da obra. Ler o livro inteiro lhe tomaria o que restava do outono. *Mas posso entrar no seu jogo*, refletiu. *Tempo é o que não me falta. Nem paciência*. E quem poderia dizer que *não era* esse o Tomás que Leo quisera que ele lesse? Leo certamente teria ouvido falar da obra de Aquino antes de morrer Talvez se referisse à cegueira espiritual ou teológica, não a um *homem* cego. Com um suspiro prolongado,

abriu a página do texto e começou:

PRIMEIRA PARTE

TRATADO SOBRE DEUS

Questão I

A Natureza e a Extensão da Sagrada Doutrina

(Em dez artigos)

Conrad olhou através dos vidros emoldurados em caixilhos de chumbo da janela, Apesar da cerração que encobria os campos coloridos de ocre lá embaixo, conseguiu ver a bifurcação onde o rio Chiagio se juntava ao Tibre, que ia serpenteando para Roma. Sua boca se abriu num enorme bocejo. Em dois meses, não haveria dúvidas sobre a identidade do homem *cego*. Ele próprio!

CAPÍTULO XIX



— *H*IC VOBIS, AQUATILIUM AVIUM MORE, DOMUS EST.
— Vossa Santidade? — Orfeo virou-se para o papa, que estava ao lado do capitão da embarcação, sob um dossel de seda branca. Tebaldo Visconti abaixou o incensório que escondia parcialmente seu rosto.

— Conhece os poetas, Orfeo? — indagou Tebaldo.

— Só aqueles que aprendi na infância.

— Cassiodorus assim escreveu sobre esta cidade; "Flutuando sobre as ondas como ave marítima."

O marinheiro protegeu os olhos da luz e fitou além das vagas que passavam chiando pela proa, para a cidade no horizonte. Não percebera a semelhança. Se Veneza devia ser comparada a qualquer coisa! que fosse a uma arca de tesouro ancorada, que se recusava a afundar apesar dos insistentes esforços de imperadores e poderosos para destruí-la. Na ocasião em que Pepino, filho de Carlos Magno, ameaçou cortar o fornecimento de comida dos venezianos, os insolentes cidadãos reagiram à ameaça atirando pães nas suas tropas.

— O começo da vossa recepção — disse o capitão, apontando para adiante, na água.

Uma flotilha de galeras correndo com o vento, com vergôntes quadradas e velas enfunadas, apressava-se para cobrir as léguas que faltavam entre o comboio do papa e o porto atrás dela. Numerosas como anchovas, cortavam o mar encapelado e, ao se aproximarem, Orfeo já escutava as tripulações saudarem em um crescendo: "*Vi-va pa-pa! Vi-va pa-pa!*" Os vasos de guerra de mastros altos, com fileiras de conveses e castelos, moveram-se como pesadas montanhas

entre as galeras venezianas quando a fofilha dividiu-se, abrindo caminho para eles. Ainda segurando o incensório, o papa saiu de baixo do toldo e levantou os braços, respondendo aos vivas dos marujos.

— Então, começou — sussurrou ele.

E para mim terminou, pensou Orfeo. Depois de semanas juntos, acabara por admirar Tebaldo, mas também estava impaciente para ser dispensado daquela obrigação e voltar à sua independência.

Ao entrarem no porto, as galeras deram vez a embarcações menores: as pequenas *grippi*, que traziam vinho de Chipre e Creta para Veneza; os *sandoli* de fundo chato; as barcas de pesca e os *braggozzi* a vela usados pelos pescadores de Chioggia. Até as balsas usadas pelos estivadores para descarregar os grandes navios mercantes quase sumiam na água sob o peso de uma multidão de trabalhadores fazendo alarido.

Orfeo olhou por cima da balaustrada, sorrindo de toda aquela fanática agitação ao redor deles. Veneza gabava-se de ter cem mil habitantes, e todos pareciam estar dentro d'água ou ao longo do quebra-mar. O navio do papa deslizava rumo ao cais de São Marcos, onde uma fanfarra de trombetas, címbalos e tambores atroava os ares, concorrendo em volume de ruído com a ovação. Um estalar rítmico juntou-se ao clamor quando as *gundule* foram surgindo dos canais e os gondoleiros começaram a bater os remos na água. Esses estreitos barcos de transporte ostentavam proas douradas, ricamente entalhadas e decoradas com pinturas; tecidos luxuosos guarneciam os *felzi*, as cabines que protegiam os bancos dos passageiros do mau tempo. As gôndolas, agora Orfeo podia ver, vinham escoltando o *bucintoro* do doge de Veneza, e lá, no centro da barcaça do governo, estava o doge em pessoa. Ele se pôs de joelhos quando o navio de guerra se aproximou. Os dois barcos navegaram bem juntos e Orfeo pôde distinguir as feições de Lorenzo Tiepolo. O dogado não havia mudado de mãos durante o tempo que ele passara em Acre.

A fanfarra rendeu-se ao repique dos sinos da Basílica de São Marcos quando o papa e o doge desceram de suas respectivas embarcações — A multidão se abriu, como ocorrera com o mar Vermelho na fuga do Egito, para deixar passar pelo cais as autoridades eclesiásticas e os arcebispos, Tebaldo sussurrou para Orfeo enquanto os clérigos se aproximavam:

— Fique junto comigo. Preciso do conforto dos meus conhecidos para enfrentar esse alvoroço.

Orfeo baixou a cabeça e entrou na fila logo atrás do pontífice. Os milhares de olhos que se concentravam neles fizeram com que se sentisse repentinamente o centro das atenções, e desejou poder misturar-se à multidão. Tebaldo virou-se.

— Não. Atrás de mim, não. Ao meu lado — ordenou.

Os prelados conduziram o papa, o doge e suas comitivas por entre dois estandartes colossais pintados com a imagem de São Marcos e presos a postes feitos de troncos de pinheiro, tão altos quanto o mastro do navio de guerra. Atrás dos estandartes, Orfeo divisou as cinco cúpulas de chumbo da basílica, arrematadas por lanternins em forma de bulbo. Mosaicos incrustavam o exterior da igreja; santos, anjos e heróis míticos de mármore em alto-relevo coroavam cada uma das cinco entradas em arco e preenchiam os espaços entre os arcos. Uma floresta de estátuas esculpidas por mestres pedreiros de outras eras brotava de cada nível da superfície da fachada.

O papa tocou Orfeo discretamente com o cotovelo e indicou com a cabeça os quatro cavalos colocados acima do pórtico principal, cuja tensa musculatura de bronze parecia prestes a saltar a qualquer momento de seu terraço, como o Pégaso da mitologia. Em voz baixa, Tebaldo comentou:

— Espero devolvê-los um dia. O preço será ínfimo se isso servir para unificar as Igrejas.

Orfeo conhecia muito bem a opinião do papa a esse respeito. No mar, durante noites e noites iluminadas pelas estrelas, Tebaldo Visconti expusera suas idéias para o jovem remador da maneira como os mais velhos de um clã passam para as gerações seguintes suas antigas tradições — talvez por respeito ao falecido tio de Orfeo, São Francisco.

— Espero realizar duas coisas — disse certa vez, quando estavam recostados no convés do navio contemplando o céu. — Quero reunificar as Igrejas do Ocidente e Oriente e acabar com os abusos do clero secular. Tenho planos de usar os frades de seu tio para realizar ambos os intentos, se Deus me der tempo e forças. O atual ministro geral, Bonaventura, compartilha os meus pontos de vista a respeito. Acredita que as novas Ordens, unidas às universidades, podem corrigir nossa Santa Madre Igreja, extirpar a heresia e dar um passo gigantesco rumo à realização do reino de Deus na Terra. Esse é o tipo de homem de que preciso ao meu lado para essa tarefa.

Ele falou sobre o saque de Bizâncio. Embora o ataque-surpresa tivesse ocorrido antes do nascimento de Tebaldo, o papa conhecia a história com

detalhes. Havia lido o horripilante relatório da testemunha ocular Niceta Choniates, e contou para Orfeo como Enrico Dandolo, o doge de Veneza em 1202, que era cego, subverteu a quarta cruzada em benefício de sua cidade.

— Quando esses supostos cruzados *crístãos* invadiram Bizâncio, queimaram mais casas que todas as que existem nas três maiores cidades da Lombardia — disse. — Atiraram os restos mortais dos santos mártires em latrinas e até espalharam ao acaso o corpo e sangue consagrado do Nosso Salvador. Arrancaram as pedras preciosas dos cálices da Basílica de Santa Sofia e os usaram como taças de bebida. Depois de destruírem o altar-mor, levaram para dentro da igreja seus cavalos e mulas para os carregarem com os despojos. Segundo Niceta, se alguns dos animais escorregavam e caíam, os cruzados os atravessavam com suas espadas, conspurcando a igreja com sangue e excrementos. Depois, esses cavaleiros colocaram uma prostituta no trono do Patriarca e obrigaram-na a dançar despudoradamente no lugar sagrado. Em sua lascívia, não tiveram qualquer piedade das criadas inocentes e nem mesmo das virgens consagradas a Deus.

Seguiu-se um pesado silêncio, enquanto o olhar do papa se perdia no oriente.

— Grande parte da decoração da Basílica de São Marcos é fruto dessa pilhagem, inclusive aqueles maravilhosos cavalos que ficam de frente para a praça. Esses arautos do Anticristo chegaram a roubar o braço de Santo Estefano, a cabeça de São Filipo e pedaços de carne do corpo de São Paulo. O mais importante para o doge, porém, foi poder confiscar concessões comerciais em todo o Império Bizantino e impedir a entrada de comerciantes de Gênova e de Pisa na região. Acho que se pode dizer que seus amigos venezianos venderiam a alma em troca de rotas de comércio lucrativas.

À medida que o cortejo avançava para o pórtico principal da basílica, a atenção de Orfeo desviou-se dos cavalos para o doge e seus homens. O marinheiro sabia que o sucessor de Enrico Dandolo, sem falar nos comerciantes que passeavam por Rialto, não vacilaria em envenenar um certo papa eleito se tivesse ouvido seu comentário sobre as estátuas. A julgar por seus rostos radiantes, entretanto, não o tinham escutado naquele momento, tendo abafado as palavras do papa com o próprio entusiasmo. Por ora, os venezianos estavam contentes em homenagear o visitante com uma missa solene na basílica, antes de Tebaldo se retirar para um descanso no palácio do doge.



ORFEO FINALMENTE CONSEGUIU se livrar da comitiva papal quando a noite caía sobre a Praça de São Marcos. Deixando para trás as velas resplandecentes, os cortesãos venezianos ricamente trajados e um cardápio mais rico e abundante que seu estômago poderia normalmente digerir durante um ano, escapou para a praça então quase vazia. O brilho de um leve chuvisco nas pedras do chão refletia a claridade ofuscante que vinha das janelas do palácio do doge. Orfeo seguiu o caminho ao longo do cais até nina rua que lhe era familiar, com uma sucessão de lojas e intercalada per vielas. No final de uma dessas ruazinhas, um pequeno estandarte indicava seu *ridotto* favorito. Nessa noite, não fora a vontade de jogar cartas nem dados, mas a possibilidade de tomar uma bebida na companhia de um velho companheiro de bordo, que o atraíra para a taberna. Queria voltar ao trabalho, e naquele lugar conseguiria informações sobre vagas para remador tão depressa quanto se estivesse no porto.

Curvou a cabeça para passar pela porta baixa e espiou através da fumaça e da escuridão. Ali não havia tendeiros, nem artesãos, nem membros da guilda. Marinheiros como ele, carroceiros ambulantes que compravam e vendiam coisas usadas, limpadores de chaminé, catadores de caranguejos que, por uma gorjeta, ajudavam as pessoas a saltar das gôndolas — esses eram os clientes do *Il Gransiero*. Ainda estavam conversando em voz baixa, mas ficariam mais barulhentos conforme a noite avançasse, até que o toque do sino dos beberrões fechasse as tabernas e os mandasse embora, aos tropeços, para suas casas ou colchões improvisados. Os homens usavam mantos simples, com faixas de pano enroladas nas pernas para protegê-las do frio. As mulheres que bebiam com eles usavam xales cinzentos simples; no pescoço, traziam correntes de pequeninos elos, o enfeite reservado pelos costumes venezianos para as mulheres das classes mais pobres. Através do teto baixo, vinham do andar de cima risadas e gemidos de vozes masculinas e femininas. Orfeo sorriu: era bom estar de volta, bom estar livre por um momento da grandiosidade que engolfara o papa,

No canto mais afastado da porta de entrada, descobriu o que viera procurar. Dois homens que conhecia estavam bebendo com um terceiro que lhe era estranho, mas que julgou ser também um marinheiro por causa dos trajés. Um dos amigos levantou os olhos, assustado, quando Orfeo pegou um banco e

aproximou-se da mesa deles.

— Orfeo, valha-me Deus! O que está fazendo aqui? Os Polo já estão de volta?

— Ainda não. Estão a caminho da China, como planejado. Atraquei hoje de manhã com o papa.

— *Il papa?* — O homem fez um movimento rápido com a mão no ar e assobiou baixinho — Cada vez melhor para você, não é?

— Estou morrendo de tédio, Giuliano. Faz dois meses que não ponho a mão num remo. Estou ficando tão mole quanto a nossa Cecília aqui — e estendeu a mão para a jovem roliça que passava pela mesa deles, equilibrando uma pequena barrica de vinho no ombro.

— Você bem que aproveitou essa moleza quando estava com vontade — revidou ela na hora. Os lábios grossos, fingiram amuo enquanto ele passava os braços ao redor da sua cintura — Vai ficar desembarcado por um tempo?

— Ainda não sei. É o que pretendo descobrir hoje a noite.

— Bem, se ficar...

Despenteou o cabelo dele com a mão livre e soltou-se do abraço com um sorriso. Ele gostava de Cecília. *Uma alma bondosa e alegre*, pensou, enquanto ela se afastava rebolando. Teria um monte de histórias para lhe contar quando os dois compartilhassem o travesseiro dela mais tarde.

— Sabia que o doge está preparando uma guerra contra Ancona? — indagou Giuliano, — Nada melhor do que uma batalha naval, e pôr a pique uns navios mercantes, para acabar com o tédio. Vamos partir um dia depois de Todos os Santos e da principal festa com o papa. As guildas vão marchar durante uma semana, mas nós já estaremos longe. Duzentos navios. Estão contratando os serviços de todos os tripulantes e arqueiros que encontrarem.

— Qual é a paga?

— Doze *libbre* de biscoitos, doze *oncie* de porco salgado, vinte e quatro de feijão, nove de queijo e uma barrica de vinho. Teremos comida e bebida à vontade — e deu uma gargalhada.

— Perguntei por ducados, algo que eu possa fazer tinir nos bolsos quando voltar.

— Moedas? Ele quer moedas. Continua a ser prático, hein, Orfeo? — Giuliano piscou para os outros homens. — Nilo reconhecem a voz de um filho de comerciante de lã quando ele fala? Estão vendo a ambição nua e crua

reluzindo nesses olhos de judeu? — Passou a mão por baixo da mesa escalavrada. Quando a abriu, havia nela uma peça de ouro. — Dois desses lindos retratos de Lorenzo Tiepolo, *amigo*. E melhor ainda: todos os despojos que conseguir carregar para o navio. Não é coisa para se desprezar. Os habitantes de Ancona têm progredido muito ultimamente.

— Muita abastança para pouca segurança — rimou o desconhecido com um desagradável sorriso afetado.

Orfeo olhou ao redor da mesa para os rostos cheios de expectativa. Aquela poderia ser uma boa oportunidade, e estariam de volta em um mês. Estranhamente, entretanto, percebeu que hesitava.

Devolveu os olhares deles com um leve franzir da testa.

— Vou pensar melhor esta noite e encontro vocês aqui amanhã — disse.

— Preciso pedir permissão ao papa. Ele quer que eu o acompanhe até Veneza. Ainda não me dispensou completamente. E deu um sorriso encabulado:

— Sou o talismã da sorte dele.

— Ah. Não é a toa que está ficando mole — brincou Giuliano. — tragam mais vinho — gritou. Seus dois camaradas bateram os copos na mesa até Cecília reaparecer com a barriu. cabelos ruivos roçaram o rosto de Orfeo ao curvar-se sobre a mesa. Os longos cachos tinham sido perfumados recentemente e, se ele ainda tivesse alguma dúvida de que ela os perfumara para ele, a pressão que ela fazia com o joelho em sua coxa enquanto enchia os copos dissipava qualquer incerteza. Acariciou a perna dela e deu-lhe um apertão quando ela se afastou para servir outra mesa. Aquele seria o último copo da noite com seus companheiros.

A maioria das mulheres venezianas tinha cabelos ruivos; todavia, eram poucas as que os deixavam soltos, como Cecília. Algum padre, com certeza, havia decidido que exibir cabelos e orelhas era indecente, mas Cecília tinha poucos assuntos a tratar com padres — ou, se tinha, eles não a criticavam pela falta de um toucado. Orfeo imaginava as nobres senhoras da cidade que desfilavam todos os dias pelos degraus de mármore de seus palácios calçando seus altos *zoccoli*, usando vestidos de brocado e carregadas de tantas jóias que cada mulher sozinha poderia comprar com elas a cidade inteira de Assis. Suas tranças compridas e a pele branca de pó-de-arroz eram tão falsas quanto seus corações, e sob nenhum aspecto se igualavam à simples Cecília. Levantou a cabeça para ver aonde ela teria ido. Seus olhares se cruzaram através do salão, e

o desejo que enxergou nos olhos dela provocou-lhe uma pontada aguda na virilha.



— JÁ SEI ESCREVER MEU NOME — disse Cecília. — Um amigo me ensinou.

Ela se apoiou num cotovelo para melhor ver o rosto dele. Orfeo devolveu-lhe o sorriso sonolento e acariciou-lhe os cabelos enquanto ela desenhava a letra "C" sobre o mamilo direito de Orfeo e continuava sobre seu peito. E-C-I...

Estava tão exausto que até a claridade fraca que penetrava pelos buracos da cobertura da janela incomodava-o tanto quanto um insistente zumbido de mosquito. Queria apoiar a cabeça da mulher em seu ombro e fechar os olhos de novo, mas sabia que não podia demorar a voltar para o palácio. Uma onda de depressão tomou conta dele. Cecília parou de desenhar e surgiram rugas de preocupação em sua testa.

— Ficou triste de novo, Orfeo,

— E nem sei por quê.

— Não sabe? Pois posso lhe dizer num segundo.

Ele segurou o queixo della entre o polegar e o indicador e puxou seu rosto para beijá-la.

— Então me diga, ó mulher sábia, a fim de também me esclarecer.

— Não zombe de mim.

Fez uma cara amuada e depois ficou pensativa.

— As mulheres compreendem as coisas — disse.

Estendeu-se ao lado dele outra vez, apoiando a cabeça na curva do seu braço, e prosseguiu:

— Não se lembra de como me contou que fugiu de casa? Tinha entrado numa briga e limpei você depois. "Brigo com qualquer um pelo prazer da briga", foi o que me disse, "mas que o diabo me carregue se eu matar por dinheiro." Se for com os outros lutar contra Ancona e destruir navios, não vai ser um homem muito melhor que o seu pai, que incendiou aquele castelo. Se eu fosse você, continuaria com o seu papa ainda um pouco mais. E com sua Cecília.

Orfeo cobriu-lhe o rosto de beijos e depois deixou a cabeça afundar de volta no travesseiro.

— Minha Cecília — repetiu. — A mais sábia das mulheres em todo o mundo cristão. Diabos me levem se você não é mesmo o último dos oráculos.

— E isso é bom, é?

— Muito bom. Na antigüidade, os homens viajavam durante meses pelo mundo todo à procura de sacerdotisas e oráculos. Ajoelhavam-se diante delas e as inundavam de presentes.

— Hum, eu bem que gostaria de *alguns*. E por que elas não fazem mais isso?

Orfeo caiu na gargalhada e envolveu-a num abraço apertado.

— Porque, mulher que não sabe *tudo*, vocês não podem mais ser sacerdotisas. Esse tempo se acabou para sempre, é uma pena — e beijou-a de novo, com doçura, no pescoço, fazendo um carinho com os dentes. — E quando eu precisar de sabedoria, sempre virei procurar você.

Numa outra época, em outras circunstâncias, até *poderia* ficar com a sua Cecília, como ela própria dissera. Sabia que ela sempre estaria esperando por ele, de qualquer forma; mas era ele quem tinha a vida movimentada. E para Cecília, com aquele coração bondoso e generoso, jamais faltaria o conforto de um homem.



AINDA NENHUMA RESPOSTA, disse Conrad em seu íntimo, irritado. *Aqui não há respostas. Estou perdendo meu tempo com esse Tomás de Aquino.* Sua paciência não havia durado tanto quanto desejara. Após uma semana de leitura, sua nova pilha de pergaminhos estava praticamente sem anotações. Tinha apenas garantido um único artigo que descrevia a natureza imperfeita das mulheres, e somente porque esperava um dia poder lê-lo para aquela tagarela da irmã Amata, que não compreendia de modo algum a posição da fêmea na Grande Cadeia de Seres. Tirou algum conforto, embora amargo, daquele texto, ao se dar conta de que o brilhante teólogo e até mesmo Aristóteles, o Grego, confirmavam seus próprios instintos.

Questão XCII, Artigo I, Resposta à Objeção I

Pois o filósofo diz: "a fêmea é um homem deformado". Pois a força ativa

da semente do homem tende à produção de uma similitude perfeita no sexo masculino; por outro lado, a produção da mulher decorre de um defeito na força ativa ou de alguma indisposição material, ou até de alguma mudança externa, tal como um sopro de vento sul, que é úmido, conforme observa o filósofo em sua obra *Geração de animais*.

Apesar de sua aversão por teologia dialética e sistemática, Conrad tinha de admitir que invejava a profundidade dos conhecimentos de Tomás a respeito de questões da natureza. Também gostaria de ter prestado mais atenção em Aristóteles quando era estudante. Embora tivesse oportunidades ilimitadas de observar as criaturas selvagens que vagavam perto de seu eremitério, nunca chegara a avançar para o nível seguinte de compreensão, o do discernimento mais profundo que vinha através de simples percepções externas. Quem haveria de imaginar, por exemplo, que a umidade do vento pudesse interferir na reprodução?

Conrad deslizou para fora de seu banco e lançou um olhar de cobiça para as estantes trancadas que se alinhavam como sentinelas ao longo dos relicários de Lodovico. Caso o Sacro Convento ainda possuísse cópias das biografias proibidas, e especialmente da primeira história da vida de Francisco escrita por Tomás da Celano, com toda a certeza estariam naqueles armários. Aprumou as costas e dobrou os joelhos inúmeras vezes. O bibliotecário parecia preocupado, no outro lado do salão.

Conrad passeou por entre as estantes folheando e, de vez em quando, tirando um livro das prateleiras. Ao devolver cada livro para seu lugar, dava uma espiada para o fundo do corredor. Encontrava-se fora do alcance da visão de Lodovico e dos copistas quando afinal chegou perto dos armários. Os cadeados de ferro eram grandes e intimidantes, mas assim de perto viu que os armários propriamente ditos eram feitos de madeira macia de pinho. Parou e apertou as tábuas laterais com as pontas dos dedos. A madeira cedeu um pouco. *Com uma ferramenta apropriada...*

Bruscamente, tirou a mão. Santo Deus! Será que estou *tão* desesperado assim? Sim, *quase*. A pergunta mais pertinente era se teria sangue-frio para agir em função desse desespero. Conseguir entrar na biblioteca durante a noite não seria problema. Lodovico jamais trancava a porta. Mas, assim que tivesse em mãos os manuscritos que desejava! teria de fugir do convento, passando pelo porteiro e pelo portão trancado. E ainda teria de evitar os cães de caça de duas

pernas que Bonaventura com certeza mandaria atrás dele. Poderia se safar, contudo, se não fosse capturado antes de chegar às montanhas. A floresta seria sua aliada. Por outro lado, se não conseguisse escapar, sua vida estaria nas mãos do ministro geral.

O ruído de sandálias no corredor contíguo encerrou temporariamente suas conjeturas. Agachou-se e viu-se encarando os joelhos de Lodovico entre as estantes. Enquanto o bibliotecário seguia até o final da fileira, Conrad voltou depressa e em silêncio para sua escrivaninha. Quando Lodovico terminou o percurso, o nariz de Conrad estava tão enfiado na *Summa* que daria para usá-lo como mata-borrão se a tinta ainda estivesse fresca— Quando afinal levantou a cabeça, viu de relance os cantos caídos da boca do bibliotecário, antes que ele girasse nos calcanhares para voltar.

Dentro de dois dias, em primeiro de novembro, o convento celebraria a festa de Todos os Santos. Ao fim do longo dia de preces e liturgia, os irmãos estariam exaustos e ansiosos pelo calor de seus colchões. Caso reunisse coragem bastante para se decidir a arrombar o armário, esta seria a noite para agir. Era também noite de lua nova. Com a benevolência de um céu nublado para cobrir até mesmo aquele filete de claridade, ele poderia transitar pelo convento sem ser notado.

CAPÍTULO XX



NA MANHÃ DA RECEPÇÃO OFICIAL para o papa, Orfeo chegou à basílica antes de Tebaldo a fim de ajudar nos preparativos. Enquanto um pequeno exército de venezianos cuidava das flores e dos tapetes, ele se juntou a uma equipe que transportava um trono gigantesco para a Praça de São Marcos, onde o pontífice receberia o doge e outros dignitários. Os carregadores trouxeram um trono menor para o doge, e depois Orfeo ajudou a levantar um cercado para o asno albino do papa. Por precaução, os homens também montaram uma tenda sobre os dois tronos, já que algumas nuvens de tempestade se formavam no sul e no oeste.

De todas as direções, a população da cidade se acotovelava, abrindo caminho até um lugar de onde pudessem ter uma boa visão. Uma tropa de cavaleiros viera de Roma e agora formava um anel de proteção ao redor da praça para manter a multidão a uma distância segura. Na hora terça, os sinos de São Marcos badalaram e, de dentro da basílica, um coro formado por vozes masculinas respondeu com o *Te Deum Laudamus*. As vozes vieram em um crescendo, à medida que os dignitários da Igreja apareciam e atravessavam a pequena distância pela praça até o palácio do doge.

Orfeo impacientou-se enquanto esperava por Tebaldo. Os venezianos adoravam a ostentação. Como seria a entrada do papa? Ele só o vira a vontade, tanto a bordo quanto no palácio. Teria trazido vestimentas compatíveis com a suntuosidade dos trajes de Lorenzo Tiepolo e de sua dogesa? A aparência era tudo o que importava para os ricos daquela cidade.

Um murmúrio excitado correu pela multidão que se encontrava mais perto do palácio, Orfeo esticou o pescoço e sorriu ao ver Tebaldo aproximando-se de

seu trono com a cabeça curvada descoberta, descalço, vestindo apenas o singelo hábito negro dos padres do interior. Parecia alheio aos espectadores, os lábios se movendo numa prece silenciosa. Quando afinal levantou a cabeça e viu Orfeo em pé atrás do trono, sua expressão queria dizer: "A reforma começa aqui"

Por sua vez, o doge chegara ao cais de São Marcos, depois de ter passado a noite no *palazzo* de sua família. A barcaça do governo atracou na praça e o burburinho, entremeado de gritos de admiração e aprovação, recomeçou assim que Lorenzo pisou em terra. Ele havia substituído o chapéu redondo por um diadema de ouro cravejado de pedras preciosas. Também usava uma espécie de sotaina, mais curta que a do papa, porém branca e orlada de arminho. Por baixo, vestia uma calça estreita roxa e um manto de tecido dourado sobre a sotaina. A dogesa e suas criadas desembarcaram de uma barcaça que aportou em seguida. Ela deslizou pela praça na esteira dos passos do marido usando um vestido vermelho de samito, um rico brocado de seda, com os punhos debruados de arminho. O véu longo, preso por uma pequena coroa ducal, cobria-lhe o rosto e a cabeça. Atrás dela vinham suas damas de companhia em vestidos cor de anil e mantos vermelhos; na cabeça, chapéus e turbantes de veludo bordado com pedrarias e véus de tecido transparente.

Ao se aproximar do papa, Lorenzo tirou o manto dourado e prostrou-se, deitando-se de bruços sobre o pavimento. Aos poucos foi se erguendo: primeiro beijou os pés do pontífice, depois, os joelhos. Então, ficou de pé. Tebaldo ergueu-se e, segurando a cabeça do doge com as duas mãos, beijou seu rosto e abraçou-o.

— Bem-vindo, amado filho da Igreja! — exclamou. — Sente-se á minha direita.

O doge acomodou-se no trono a ele reservado, sendo aclamado pela multidão.

Os sinos soaram mais uma vez e o cântico do *Te Deum* recomeçou. Tebaldo tomou o doge pela mão e levou-o para dentro da basílica, onde o papa iria celebrar a missa solene em honra a todos os santos. Para Orfeo, todos os movimentos do pontífice eleito denotavam humildade e também a solenidade com que assumia as responsabilidades inerentes às novas obrigações. Suas roupas, assim como suas atitudes, combinavam com as idéias que havia anunciado durante a viagem. Orfeo sentiu um repentino orgulho por fazer parte da comitiva de um homem como aquele.

Quando a missa terminou, era quase meio-dia. Tebaldo montou no jumento, enquanto Lorenzo segurava as rédeas. O doge acompanhou-o até o tais. Os marinheiros que iam para Ancona já estavam a bordo de seus navios, que agora passavam, um a um, ao longo da orla marítima.

— Uma bênção pelo sucesso de nossa frota, Vossa Alteza? — pediu Lorenzo.

O papa respondeu em voz baixa, embora alta o bastante — para que Orfeo escutasse. Infelizmente, alguns outros que estavam mais perto dos dois também escutaram:

— Vou rezar pelo retorno a salvo dos seus homens e navios — respondeu. — Não posso rezar pelo sucesso de uma iniciativa que considero um ato de pirataria. Os habitantes de Ancona também são meus filhos.

O rosto de Lorenzo enrubescou intensamente, enquanto Tebaldo se virava, abria os braços na direção dos navios e fazia um amplo sinal-da-cruz na direção do comboio.

De repente, Orfeo se sentiu pouco à vontade, apesar dos vivas que vinham da frota de guerra. Desejou que a cerimônia já tivesse terminado e que estivessem na estrada, na companhia dos cavaleiros romanos. Foi quando lhe ocorreu que o organizador da escolta armada poderia ter tido outros interesses, além da participação no cerimonial, para trazer esses guerreiros de tão longe até Veneza.

Depois que o último navio saiu do porto, o doge puxou o jumento de volta pelo meio da praça para onde o trono do papa tinha sido reposicionado a fim de permitir um panorama melhor. Logo teriam início o desfile das guildas e a apresentação das oferendas, que provavelmente se prolongariam por muitos dias, conforme a previsão de Giuliano. Depois de Tebaldo ter-se acomodado, o doge disse algo em segredo para um de seus homens. Com certeza, a mensagem nada tinha a ver com a atitude de rejeição do pontífice no cais. Mesmo assim, enquanto a associação dos sopradores de vidro, com suas túnicas vermelhas, entrava na praça levantando seus estandartes, seus frascos e suas taças sob triunfal ovação, Orfeo escapuliu e, abrindo caminho entre a multidão, conseguiu chegar aonde estava o capitão da guarda romana.



A NOITE FICARA ESCURA COMO BREU — ideal para a rapinagem. Nuvens negras e baixas pairaram sobre Assis durante o dia inteiro, um prenúncio das tempestades de inverno que cobririam de neve as montanhas nos meses seguintes. Um tom levemente mais claro no contorno de uma nuvem indicava a localização da lua nova.

O piso de pedra do dormitório gelou a sola dos pés descalços de Conrad, mas ele recebeu com prazer o desconforto. Um piso de madeira poderia ranger e denunciar sua presença, apesar do rouco vociferante dos frades. O tecido de seu bolso arriava com o peso da pequena barra de ferro que encontrara perto da oficina do ferreiro. Planejava forçar uma ou duas tábuas dos armários e prendê-las de volta sem deixar qualquer vestígio de dano. Ainda assim, teria de fugir do Sacro Convento. O roubo poderia até passar despercebido, mas ele não dispunha de nenhum lugar para ler, ou mesmo onde esconder, o manuscrito de Celano, quando o encontrasse. Se conseguisse camuflar o roubo, talvez tivesse tempo para sair como se nada tivesse acontecido, à luz do sol, com o manuscrito roubado debaixo do hábito.

Ainda não conseguia acreditar que estivesse tentando fazer isso, mesmo já lendo escapado do dormitório e percorrido pé ante pé a galeria principal. Será que Leo e Francisco aprovariam o uso desse método, mesmo que entendessem e encorajassem o motivo? Encostou-se à parede num ponto em que a escuridão era mais densa, sentindo com as pontas dos dedos as marcas lisas do formão que os operários haviam deixado nos blocos de granito. Uma sensação estranha o invadiu, como se reconstituísse a história da Ordem com Mias mãos. Podia visualizar os pedreiros suando sob as ordens de Elias enquanto cavavam as fundações, davam forma aos grandes blocos que checavam diariamente das pedreiras, içavam as pedras e madeiras bem alto com sua colossal roldana. Não seria também por esse motivo que ele se dispunha naquele momento a arrombar os armários para recapturar as origens da ordem, que tanto Bonaventura quanto os ministros provinciais praticamente desejavam apagar?

Quando Giovanni da Parma era ministro geral, fez um esforço sincero para acomodar os irmãos Espirituais. Aqueles que queriam manter-se fiéis à regra original de pobreza ainda se sentiam pertencentes à Ordem. Bonaventura, porém, tinha uma visão diferente de seus frades. Daí em diante não seriam mais evangelistas errantes que mendigavam ou limpavam os estábulos em troca de comida, cuidavam dos doentes e leprosos, dormiam em currais, humilhavam-se

e deixavam-se dominar por qualquer um.

Sete anos antes, quando expulsara Conrad de Assis, o ministro geral tentara justificar a crescente riqueza da Ordem:

— No começo, os frades eram simples e iletrados — dissera. — Foi o que me fez amar a vida do abençoado Francisco e os primórdios da história da Ordem: o fato de que se assemelhavam ao início e crescimento da Igreja. Assim como a Igreja nasceu de um simples pescador, e ao crescer incluiu filósofos renomados e competentes, o mesmo precisa acontecer com nossa Ordem. Dessa forma, Deus reconhece que a Ordem dos Freis Menores foi fundada não pela ponderação dos homens, mas pelo próprio Cristo.

Os frades de Bonaventura seriam pregadores instruídos, formados em universidades, homens que o público em geral pudesse valorizar e respeitar. Isso deveria silenciar as reclamações de que a Ordem havia se distanciado dos antigos ideais. E, no afã de gerar seus novos frades, ele também silenciou os inflexíveis. Uma Ordem formada com base em ideais precisava de frades com ideais e de uma imagem idealizada de seu fundador. Conrad, por sua vez, achava que essas paredes de granito sem nenhum ornamento eram mais representativas da verdadeira história da Ordem do que todo o falatório grandiloquente de Bonaventura.

Tateando as paredes, Conrad virava a esquina que dava para a última galeria onde ficava a biblioteca quando um clarão de luz lhe feriu os olhos. Naquela fração de segundo, avistou a porta da biblioteca à sua frente tão nítida como fosse dia, o que significava que qualquer um que estivesse de vigia poderia vê-lo com a mesma facilidade. O ronco baixo de um trovão ribombou pelo vale e subiu na direção do convento.

Engoliu o ar gelado e esperou que seu coração parasse de martelar dentro do peito. Desceu correndo os degraus até a biblioteca antes que outro relâmpago rompesse a escuridão mais uma vez. Relâmpagos seriam perigosos para o sucesso da missão; mas as trovoadas estariam a seu favor. Ajoelhou-se ao lado de um dos armários. Poderia esperar pelo clarão do raio, posicionar a barra e forçar as tábuas, e o barulho do trovão abafaria o ruído.

Conrad aproveitou os clarões intermitentes para chegar até a sua escrivaninha, sobre a qual havia deixado na véspera uma lamparina, que usava» à frente de todos, para ler até bem tarde, quando a claridade da biblioteca diminuía. Uma idéia astuciosa, pensou, até passar a mão pelo tampo e por baixo

da escrivantina. Alguém a havia levado embora. Claro que não dera a Lodovico nenhuma razão para suspeitar de seus planos. Provavelmente, o bibliotecário fizera uma arrumação e não quisera correr o risco de algum óleo se derramar e estragar seus preciosos manuscritos. Por sorte do destino, Deus, com Sua providência, lhe proporcionara outro meio de enxergar.

A cada relâmpago, Conrad dava mais alguns passos na direção de um dos armários, e finalmente se ajoelhou para trabalhar. Não demorou muito e desenvolveu um sistema: forçava a abertura durante os trovões e inspecionava o ambiente em torno de si durante as explosões de luz. Os feitiços estranhos das prateleiras da biblioteca, das pilhas de livros, escrivantinas e banquetas lançavam sombras inesperadas, diferentes do que suas formas à luz do dia fariam supor. Algumas coisas pareciam mudar de posição a cada raio.

A trovoada ressoou de novo, cada vez mais alto e mais perto à medida que a tempestade se acercava da cidade. Com um forte empurrão em sua alavanca, ele conseguiu soltar a base de uma tábua. Levantou-a com uma das mãos e com a outra tateou no interior. Um grande número de manuscritos enchia o armário. Puxou um pela abertura e colocou-o sobre os joelhos, esperando o próximo relâmpago para ler seu título. A oportunidade foi breve, dando-lhe tempo para ler uma única palavra, *Sociorum*, e ver que duas das sombras agigantavam-se diretamente acima dele.



O FRADE QUE O LEVOU DA BIBLIOTECA permanecia em silêncio e encapuzado, embora Conrad presumisse que o vulto alto que ficara para trás a fim de colocar o manuscrito no lugar e consertar o armário fosse o de Lodovico. Do lado de fora da biblioteca, um menino esperava, segurando uma lanterna, A luz que oscilava sobre seu rosto mostrou que se tratava do mais recente noviço do Sacro Convento, um menino que se apresentara na semana anterior como Ubertino da Casale. Conrad e o garoto haviam se cruzado várias vezes, e Ubertino sempre se mostrava ansioso por conversar, os olhos fixos no frade mais velho, com o ar de quem venera um herói. Conrad achava graça, lembrando-se de sua própria paixão por frei Leo quando ele próprio tinha mais ou menos a idade do garoto. Consternava-o o fato de Bonaventura envolver alguém tão jovem nesses

negócios sujos; talvez o ministro geral quisesse que o menino testemunhasse a forma como ele lidava com frades desobedientes.

A silhueta do velho frei Taddeo também era inconfundível, com os ombros curvados e a corcunda saliente. Outro raio iluminou os recessos do capuz do frade, os olhos tristes e úmidos, o queixo duplo do velho "cão de caça" do ministro geral. Bonaventura devia saber que Conrad não oporia resistência, ou não teria mandado um velho e um garoto para buscá-lo. Nem ele se *sentia* belicoso. Fora pego num ato ofensivo, roubando a biblioteca, tentando burlar a interdição às antigas lendas. Restava-lhe resignar-se à vontade de Deus e aceitar qualquer castigo que recebesse.

Os círios no escritório do ministro geral quase se apagaram com a lufada de ar que entrou quando a porta foi aberta. Um Bonaventura mal-humorado eslava sentado à escrivaninha, uma camada de sonolência anuviando a serenidade habitual de suas feições. Conrad notou que a tonsura e as sobrancelhas finas tinham ficado grisalhas durante os anos transcorridos desde o seu último encontro e que rugas de tensão irradiavam se em torno de seus olhos castanhos. Tinha engordado também. Quatorze anos antes, com apenas trinta e sete anos de idade, Bonaventura fora eleito ministro-geral, O tempo não o tratara bem, e Conrad sabia que frades rebeldes como ele próprio eram parte considerável das preocupações do ministro. Um estranho brilho que pairava como uma espécie de halo sobre a cabeça de Bonaventura também chamou a atenção de Conrad, até ele se dar conta de que tal visão não era nada mais que a luz de uma tocha refletindo-se no crânio polido.

Bonaventura recostou-se na cadeira e tamborilou na mesa com as pontas dos dedos enquanto examinava os frades em pé, diante dele. Finalmente, seu olhar tomou vida.

— Deixem-nos a sós, irmãos — disse. — Esperem na galeria.

O ministro geral apoiou os dedos indicadores esticados sobre os lábios enquanto os outros saíam da sala. Depois, pousou os olhos em Conrad.

— Então é isso — disse ele, com um ar de sereno autodomínio. — O que faço com você *agora*?

O frade baixou a cabeça como uma criança ciente de sua culpa e não disse nada.

— Conrad, Conrad, você continua me decepcionando. Seu comportamento não é de todo uma surpresa, pois sei como frei Leo o

corrompeu; mas fico decepcionado, apesar disso.

— Você está escondendo alguma coisa — disse Conrad de repente.

— Estou? — Agora Bonaventura estava totalmente seguro de si, protegido por sua calma habitual. — Mesmo que isso fosse verdade, não seria assunto que lhe dissesse respeito. Como um frade zeloso de suas obrigações, você somente precisa saber que não permitirei que nada perturbe a sagrada reputação e credibilidade da nossa Ordem.

Conrad foi tomado por um desejo irresistível: disparar às cegas sobre o outro todos os fragmentos de informações de que dispunha.

— Por que você proibiu o Primeiro de Tomás? — perguntou ele abruptamente. — Por que o companheiro foi mutilado? De onde veio o serafim? — sentia todas as fibras de seu corpo estremecerem enquanto falava.

— "Para servir aos pobres de Cristo" — Bonaventura respondeu com um sorriso zombeteiro. — "Procure frei Jacoba" — ele revirava o anel no dedo enquanto falava. — Conheço muito bem o teor da mensagem de Leo.

— Só porque Illuminato encontrou o mensageiro no caminho.

O sorriso continuou brincando nos lábios de Bonaventura e as sobrancelhas arquearam-se ligeiramente.

— É verdade. Mas vou repetir, essa carta não tem a menor importância aqui. O que você precisa entender é que o Conselho de Paris, os ministros provinciais, e não eu, com toda a sabedoria e várias razões que eles compreendem melhor, proibiram as lendas de Tomás da Celano assim como a *Legenda dos Três Companheiros*. A decisão foi deles, e é nosso dever, como filhos obedientes de São Francisco, acatar a decisão que tomaram. Os que não o fizeram devem ser punidos para servir de exemplo aos demais.

Bonaventura o aturdira, e Conrad caiu em silêncio; não pela ameaça da punição, mas por algo que ele dissera. Conrad reagiu como um padeiro que de repente se lembra de um pão esquecido no forno. *Idiota!* Estava bem à sua frente, debaixo de seu nariz. O companheiro mutilado nunca significara uma pessoa — não era Angelo, nem Rufino, nem Masseo, muito menos qualquer um dos frades sepultados na basílica. Leo se referia à *história* que tinham compilado juntos, suas lembranças e os acontecimentos da vida de Francisco, que aparentemente fora mutilada. Estivera com o manuscrito nas mãos poucos momentos antes na biblioteca — a *Legenda Trium Sociorum*. Tão perto de mais uma peça do quebra-cabeça de Leo!

Bonaventura continuava a falar naquele seu tom monocórdio impassível.

— Mas, irmão — disse —, considerando que Donna Giacomina, com a bondade de seu coração, achou por bem favorecê-lo com sua amizade, vou poupá-lo dessa vez, mas só dessa vez. Deve deixar o Sacro Convento imediatamente. Nunca mais quero vê-lo neste mosteiro nem na basílica, nem saber que andou conversando com qualquer dos irmãos deste lugar. Deveria agir com sensatez e voltar para sua cela na montanha, esquecendo essa busca inútil. Se eu souber que me desobedeceu, e se cair nas minhas mãos mais uma vez, vai sentir o peso da minha autoridade. Cuide para nunca mais me desafiar.

Bonaventura tocou o rosto com o indicador, bem abaixo do olho, puxando de leve a pálpebra inferior.

— *Ci capiamo, eh?* Estamos entendidos?

Enquanto o ministro geral se levantava devagar e contornava a mesa, Conrad lembrava-se do que dissera a Amata a respeito das cruéis garras do grifo. A imagem mal se fixara em sua mente quando a besta abriu seu manto como as asas de um morcego e estendeu-lhe a mão adornada com um anel para beijar.

O pescoço de Conrad retesou-se. Ele recuou diante do punho estendido. Beije o anel, irmão — disse Bonaventura uma voz pomposa. — Em agradecimento à sua liberdade, o que ainda pode ser revisto, e como sinal da humildade de que você carece tanto. Beije o anel.

Uma horrível trovoadas ecoou pelas paredes do aposento. As chamas dos círios contorceram-se, tentando ficar acesas, sussurrando e tremulando como flâmulas agitadas pelo vento. Conrad inclinou a cabeça. Dobrou um joelho, segurou a mão do ministro geral e trouxe o anel de lápis-lazúli até os lábios. Seus olhos arregalaram-se de repente ao ver o desenho gravado na pedra do anel — uma figura rígida rodeada por um círculo sob dois arcos.

CAPITULO XXI



ENTÃO, *ISSO É A FELICIDADE PERFEITA*, refletiu Conrad. Teve de rir, apesar dos pingos de chuva que lhe escorriam pelo rosto. Encolheu-se num nicho do muro perto da porta principal de Donna Giacoma, esperando o raiar do dia, enquanto o vento assobiava e subia rodopiando* glacial, pelo vão da escada que ia dar na viela. Escolhera um desvio em seu caminho pelas ruas da cidade, evitando a Praça de São Francisco e a sentinela da noite. Por sorte, o aguaceiro tinha deixado os guardas menos dispostos para fazer a ronda.

Estava consciente de que tivera sorte por escapar ileso de Bonaventura. Mas também sabia que não poderia voltar para seu eremitério agora, não quando tinha acabado de receber outra pista do próprio ministro geral. Teria de arranjar uma maneira de colocar as mãos naquelas antigas biografias.

Suas pálpebras se fecharam de cansaço. Arriscou-se a sentar, embora assim os pés ficassem quase fora do nicho. Cruzou os braços sobre os joelhos, apoiou a cabeça neles e dormiu nessa posição. E continuou dormindo até que uma mulher o puxou pela manga.

— Vamos entrar, irmão — disse. — A lareira está acesa. O vizinho do outro lado da rua o viu aqui e fez sinal para mim, avisando.

Por quanto tempo teria cochilado? Com os olhos injetados, distinguia o amanhecer, embora nuvens negras de tempestade ainda escurecessem o céu. Apesar do barulho da chuva caindo, conseguia ouvir os sinos do ângelus na Basílica de São Francisco— A mulher o conduziu à porta de Donna Giacoma. Aquela não era a criada que ele vira antes. Depois de entrar, ela tirou seu manto e sacudiu dele os pingos de chuva. Por baixo, usava um vestido azul que lhe chegava aos tornozelos e um toucado branco de freira — as cores da libré da

fidalga. Também estava descalça, como sua senhora.

— Por aqui, irmão — disse, ao conduzi-lo para a cozinha. — já estive aqui antes?

Ou a mulher era mesmo nova na casa, ou então passavam tantos frades por ali que ela simplesmente não o tinha notado. Nem ele se lembrava dela. Embora ela estivesse de costas, aquela voz jovem soou-lhe familiar.

— Já, sim — ele respondeu, enquanto ela fazia um gesto para que se sentasse à mesa. *Maestro* Roberto já estava lá, sem dúvida esperando por sua tigela de mingau quente.

— Frei Conrad — chamou Roberto. — Mais parece um gato afogado. Chegamos a pensar que tinha se esquecido de nós.

A mulher deu meia-volta ao ouvir o nome dele, e o coração de Conrad quase foi parar na garganta. *Amata!* Seu rosto, emoldurado pela touca, parecia um pouco mudado, lavado e bonito, ainda que pálido. Mas os olhos negros e amendoados eram inconfundíveis, apesar da expressão temerosa que nunca vira antes neles. As maçãs do rosto ruborizaram-se quando ele lhe devolveu o olhar.

— O que *você* está fazendo aqui? — perguntou o frade. — E onde está seu hábito de freira?

Roberto deu uma risada e perguntou:

— Não o reconheceu sem todo aquele cabelo no rosto, menina?

— *Seu... scusami* — gaguejou Amata.

E saiu correndo da sala, cobrindo o rosto com as mãos. Roberto riu de novo:

— Mocinha arisca. Mas isso provavelmente você já sabe. Madonna contou que vocês dois são bons amigos.

— Ela disse *o quê?*

— Não foi você quem disse à senhora para dar a carta de São Francisco para a priora e trazer a menina para uma casa decente?

Conrad afundou no assento diante do mordomo, tentando se lembrar da última conversa que tivera com Donna Giacoma.

— Foi *isso* o que eu disse?

— Que manhã de chuva abençoada, padre — soou a voz da cozinheira. — Tenho uma guloseima especial que venho guardando para a sua volta — e pôs um prato de figos secos diante dele. — Foram recheados com amêndoas e cobertos com açúcar, mas só poderá tocá-los depois de botar para dentro alguma

coisa bem quente.

Conrad tentou disfarçar toda a confusão e perplexidade que sentia em seu íntimo. A falta de sono, o temporal violento e os acontecimentos das últimas seis horas, tudo contribuía para sensação de ter sido atirado num mundo instável. No entanto, o fogão da cozinha o aquecia, o mingau da cozinheira dava-lhe forças, como sempre e os deliciosos figos que ela finalmente permitira que comesse diminuíram parte dos traumas daquela manhã. Tinha acabado de lamber o açúcar dos dedos quando Donna Giacoma entrou mancando.

— Frei Conrad, soube que havia voltado. Mas, o que é isso?, olhe como você está! Vou mandar desencavar seu antigo hábito agora mesmo antes que fique tomado de frieiras. Espere por mim em seu quarto quando acabar de comer.

E antes que ele pudesse dar qualquer explicação ou perguntar-lhe sobre as mudanças ocorridas na casa, ela saiu da cozinha.

Conrad virou-se para Roberto, que apenas deu de ombros e lançou as mãos para o alto.

— Tenho trabalho para fazer, padre. Fique à vontade — disse ele, com um sorriso largo. E foi-se embora também. A cozinheira retirou-se para a despensa. Conrad cocou a cabeça, enfiou o último figo na boca e foi se encontrar com seu velho hábito, um companheiro acolhedor.

Não viu Amata em lugar nenhum enquanto andava pela casa. Entretanto, assim que trocou o hábito molhado pelo seco, Donna Giacoma levou-o para o salão. Na extremidade oposta, junto a uma lareira, meio escondida atrás de um biombo decorado, a jovem estava sentada.

— Vocês dois precisam conversar — disse a senhora. — E, Conrad... — fez uma pausa e depois acrescentou com voz grave: — Seja gentil. A Madre Priora me avisou que ela está muito estranha desde que voltou de Ancona.

Os ombros e o peito de Conrad se retesaram quando Donna Giacoma saiu da sala. Como essas mulheres se protegiam mutuamente! Toda a raiva que ele sentira na ocasião da morte de Enrico, ao imaginar Amata deitada nua diante do menino, ou na suntuosa cama de Dom Vittorio com os monges libertinos de Santo Ubaldo, veio à tona outra vez. Lá fora, a tempestade rugia, com uma chuva de granizo repercutindo nos telhados. No seu eremitério nas montanhas, toda essa fúria das águas estaria apenas cobrindo os ásperos pinheiros com tranqüilos flocos de neve, imaginou ele. Só Deus sabia por que motivo trocara

aquela abençoada quietude por esse temporal que lhe afligia e apertava o estômago.

Amata baixou a cabeça e fixou o olhar no colo, onde uma das mãos massageava a outra sem parar. Empertigado, Conrad caminhou para a lareira, ignorando a cadeira colocada diante da moça. Pelo menos uma vez ela o olharia de baixo para cima, submetendo-se à sua posição de sacerdote, em vez de encará-lo olho no olho, no mesmo nível, como se fosse uma igual.

— O rapaz morreu, já deve saber — ele se dirigia ao topo da cabeça dela, que se mantinha curvada.

— Sei.

— Isso é tudo que tem a dizer? "Sei"?

— O que quer que eu diga? — E continuou, com voz trêmula: — Será que preciso lhe explicar como a morte dele feriu meu coração logo depois que os deixei, e que percebi o exato momento em que alma dele deixou o corpo, e que até hoje choro dia e noite sem parar?

— O remorso não o trará de volta. Se, antes de mais nada, não o tivesse levado para fora da gruta...

Ela empinou a cabeça. Suas feições contraíram-se de dor, e o brilho de lágrimas nos círculos escuros de seus olhos o surpreendeu. A voz dela revelava apenas um leve traço do antigo sarcasmo quando respondeu:

— Está falando de algo que ouviu em segredo de confissão, padre? — A raiva sombreava-lhe os olhos negros. — Você não sabe de nada, frei Conrad. De nada!

A intenção dela era ofendê-lo — e, de certa forma, conseguiu — mas, ao mesmo tempo, e por estranho que pareça, foi um alívio para ele ouvir o velho tom inflamado em sua voz. Estava certa quanto à confissão de Enrico, mas Conrad também achava que ele próprio compreendia mais do que ela imaginava. Ela crescera no interior, numa *castella*, decerto rodeada por um vilarejo sem cultura. Ele, no porto comercial de Ancona e na atmosfera refinada de Paris. Mas ele também conhecia os vilarejos. Certa vez, viajara pela região atrasada ao sul de Úmbria ao desembarcar em Nápoles, voltando de Paris.

Por dois meses, tinha perambulado por vales calorentos e estreitos até chegar a Assis, mais ao norte. Quando passava pelos vilarejos minúsculos, os olhares sombrios das mulheres o seguiam por trás das portas abertas e observavam a parte de baixo do corpo dele, como se medissem sua

masculinidade. Caso ele se voltasse com um olhar zangado, elas escondiam o rosto nas mãos e espreitavam-no entre os dedos. "Não aceite nada para beber dessas mulheres", diziam os anciãos dos vilarejos, em tom de advertência, "nem vinho, nem um copo d'água. São bruxas, todas elas, e misturam poções do amor na bebida sem que você perceba." Os homens então aproximavam seus rostos enfermos e amarelados do dele e falavam, cuspiendo em sua orelha: "Uma mistura de sangue menstrual com ervas." Eles também o preveniam para não dormir nas grutas fora dos vilarejos, pois eram habitadas por gnomos, as almas penadas das crianças que tinham morrido antes do batismo. Todos os homens sonhavam em capturar uma dessas criaturas pelo capuz vermelho, é claro, para forçá-la a mostrar-lhes os tesouros escondidos. O jovem frei Conrad, porém, ficaria mais seguro dormindo na igreja local. Ele havia parado em muitas cidades assim, e as mulheres sempre corriam até a igreja para confessar os pecados em seus vários dialetos, argumentando que não podiam confiar ao padre local as intimidades que lhes pesavam na alma.

Tanto quanto as podia compreender, essas mulheres consideravam o amor carnal uma propensão natural, a que nenhuma força de vontade, boa intenção ou castidade podiam resistir. Se um homem e uma mulher se encontrassem sozinhos em um local afastado da vista dos outros, nenhuma força dos céus ou da terra conseguiria evitar que copulassem rápido e sem dizer palavra, como acontece quando um animal macho encontra uma fêmea no cio — e aquelas mulheres pareciam estar eternamente no cio. Ele percebia o desejo mal reprimido nas palavras delas, mesmo durante a confissão; no exalar lento ao respirar, terminando com um suspiro prolongado. Desconfiava que elas na realidade se *confessavam* com o padre do vilarejo — e com assiduidade —, mas que procuravam o padre, como agora vinham até ele, para algo além do perdão dos seus insaciáveis desejos. E se Amata tivesse crescido num ambiente assim, de paixões descontroladas, com as mesmas necessidades primitivas, num mundo em que até o mais básico dos códigos de conduta moral não vigorava?

Não parecia muito provável, Conrad concluiu. Ela pertencia à pequena nobreza e já mencionara a religiosidade do pai. Não obstante, alguma coisa devia ter acontecido para destruir a inocência de sua infância.

Finalmente, sentou-se na cadeira diante dela. Encostou-se no espaldar duro e ficou em posição de alerta, rígido e ereto. A menina enroscou-se sobre si mesma, ainda sentada, tornozelos e braços cruzados, o rosto voltado para a

lareira.

— gostaria de entender — ele disse afinal. — Vai me contar?



AMATA PUXOU PARA OS OMBROS O seu xale azul-escuro. Ficou com o mesmo olhar distante que ele tinha visto no alto da montanha, no dia em que ela lhe descrevera a chacina de sua família.

— Numa tarde, eu estava brincando sozinha, no estábulo, com uma ninhada de gatos recém-nascidos. Uns dois meses antes da matança. Meu corpo tinha começado a mudar naquele verão, e presumo que eu já estivesse pensando em bebês. Na véspera, da torre da entrada, avistara o mais lindo dos rapazes, no mesmo dia em que o comerciante de lã discutira com meu pai. Com o pensamento no rapaz e nos gatinhos, passei a manha devaneando que era casada e tinha bebês que mamavam nos meus seios... bem, os seios que eu teria um dia... da mesma forma que os gatinhos mamavam na mãe — ouvi o trote de um cavalo passando pelo nosso pátio na direção do estábulo. O do de meu pai, do Bonifazio, chegava de Todi para uma visita. Fazia quase dois anos que ele não vinha a Coldimezzo, e quando apeou da montaria lançou-me um olhar estranho, como se nunca antes tivesse me visto de verdade. Indagou o que eu estava fazendo, e contei tudo para ele, inclusive minha fantasia idiota. Muito sério, olhou-me da cabeça aos pés e perguntou se eu já tinha sangrado. Ainda não, foi minha resposta. Então quis saber se eu tinha minha virgindade. "Sim" respondi. Sei que eu devia estar com o rosto vermelho, porque as perguntas dele me deixavam envergonhada. "É uma sorte", disse ele. Então me explicou que se uma menina desse sua virgindade para um homem da Igreja, como ele, garantiria um casamento feliz e muitos filhos saudáveis. Conrad sentiu a pele comichar ao perceber aonde aquela história ia acabar:

— O tio de seu pai era padre?

— Era e ainda é o bispo de Todi.

— O bispo! — Conrad sacudiu a cabeça, tentando assimilar a repulsa que crescia dentro de si com aquela informação. — E você acreditou nesse absurdo? — perguntou.

— Eu tinha onze anos, Conrad! O que sabia eu sobre qualquer assunto?

Você também não acreditaria em qualquer coisa que um bispo lhe dissesse quando tinha essa idade?

O frade assentiu.

— Sim, claro que sim. For favor, prossiga.

— E ele continuou falando dessas coisas, e que menina bonita eu era, enquanto amarrava o cavalo e retirava a sela. E os olhos dele... lembro-me de que tinham uma expressão selvagem. Quando terminou de cuidar do cavalo, suas faces estavam rubras, e ele disse "Venha comigo" com uma tal firmeza na voz que nenhuma criança jamais poderia desobedecer. Tomou-me pela mão e levou-me para trás do estábulo, onde havia um monte de feno. Disse que não iria me machucar, Conrad. Mas me machucou como o diabo, e tanto que gritei de dor. Meu pai devia estar vindo para o estábulo para receber o tio. Quando ele correu para ver o que acontecera, Bonifazio pulou fora de mim, o pênis gordo, feio como um verme, ainda apontando entre os botões de sua batina, ele sacudiu o dedo em riste para mim e disse: "Essa criança está possuída pelo demônio. Veja como ela me seduziu, mesmo com minhas vestes de bispo." Puxou a batina com violência até que rasgasse, jogou o solidéu sobre a palha e o pisoteou arranhando o próprio rosto até o sangue começar a escorrer.

Com os olhos cheios de lágrimas, Amata prosseguiu:

— Eu chorava e estava assustada porque sentia muita dor e meu vestido estava sujo e ensanguentado, e o tio-avô Bonifazio agia cada vez mais como um louco. Tentei olhar para meu *papa*, mas ele desviava o olhar do meu. Ele dizia: "Acalme-se, tio, ela não vai mais fazer isso se eu tirar o diabo do corpo dela." Tirou o cinto e, sem dizer uma palavra, agarrou meu braço e virou-me de bruços sobre o feno. Começou a me chicotear, e foram tantos os golpes nas costas e pernas que durante dias não consegui me sentar; enquanto isso, o tio o incitava e gritava para o demônio sair de mim.

Apoiou a testa numa das mãos. As lágrimas corriam livres por seu rosto, mas ela não fez nenhum esforço para contê-las. No profundo silêncio, Conrad notou pela primeira vez os pingos da chuva que, como lágrimas de anjos, sibilavam na lareira acesa ao escorrerem pela chaminé.

A voz dela tremia quando voltou a falar:

— O pior de tudo foi meu *papa* não falar comigo nem me olhar depois disso, e *mamma* temia vir me consolar por causa dele. Essa tortura silenciosa durou até o dia em que ele morreu. Os invasores o mataram com a barreira do

ódio ainda erguida entre nós. Nunca ouvi o perdão do homem que mais amei no mundo.

— Foi por vergonha, Amata, que ele não conseguiu encará-la. Sabia que tinha sido injusto, bateu em você porque não podia bater no hipócrita do tio. Tácito observou que é da natureza humana magoar aqueles a quem amamos.

As palavras saíram-lhe numa voz densa e rouca, que mal reconhecia como sua.

— Ninguém ficou do seu lado?

— Só minha prima Vanna, mas ela foi embora de Todi logo depois — Ia casar-se com o *Sior* JACOPO. E o oficiante da cerimônia seria ninguém menos do que o bispo Bonifazio. Foi minha única amiga durante aquelas semanas, além de meu irmão. Fabiano sabia que eu havia sido punida por fazer algo errado. Exatamente o que, ele não sabia, mas sofria por eu estar tão triste.

— E quando você foi levada pelos assassinos? Qual o tratamento que recebeu na Rocca?

Amata enxugou os olhos com a manga:

— O tempo todo, procurava não ficar sozinha com os homens daquele lugar, mas nem sempre era possível. Um dia, afinal, consegui roubar uma faca da cozinha, aquela mesma que usava por baixo da manga na nossa viagem. Jurei que um dia iria matar Simone della Rocca e seus filhos. Ou a mim mesma.

— Simone della Rocca Paida, o guardião desta cidade?

— Sim, e foi naquela fortaleza abominável que me mantiveram presa. — Simone brandiu a espada que abateu meu pai; seu filho Calisto matou minha *mamma*.

Esfaqueei Calisto certa vez. Ele me encurralou na véspera de minha senhora e eu irmos para São Damião: seria a última oportunidade para ele abusar de mim, acredito. A única coisa que consegui foi cortar a mão dele, mas foi um corte tão fundo que ele precisou ser socorrido. Escapamos antes de ele se recuperar; caso contrário, teria me matado.

Mais uma vez, ela mergulhou no silêncio. A voz estava mais firme quando voltou a falar.

— Jurei que nenhum homem me possuiria de novo, a não ser sob minhas condições. Acho que a minha fantasia sobre a maternidade não está totalmente morta, embora esteja chegando aos dezessete anos e quase passando da idade de casar.

Fitou a lareira e o movimento incerto das chamas antes de prosseguir:

— Fiquei meio louca lá na estrada, Conrad. Meu coração ainda dói quando lembro que Enrico pagou um preço tão alto por aquela loucura. Meu desejo era experimentar a verdadeira alegria de fazer amor, pelo menos uma vez.

Levantou o olhar para o rosto do frade.

— Se isso o ajudar a me escutar, seja como padre ou, assim espero, como meu amigo, saiba que jurei a Nosso Senhor e á Sua Abençoada Mãe que nunca mais vou agir de forma inconseqüente em se tratando de amor.

Mesmo sem nenhuma alegria nos olhos, ela forçou algo parecido com um sorriso, finalmente, perguntou:

— Será que o ajudei a compreender?

Pela primeira vez desde que soubera do noivado de Rosanna, Conrad lamentou seu hábito" de religioso. Naquele instante, o que mais queria era ser um homem comum, livre do jugo do celibato, para abraçar aquela encantadora mulher-criança e pedir-lhe o perdão e as desculpas que ela nunca ouvira do pai, para lhe dizer as palavras de amor eterno que nunca ouvira de Enrico — e para ajoelhar-se diante dela, implorando-lhe que em troca ela o perdoasse e aceitasse.

Mas ele sabia que essa era uma fantasia impossível. Os votos que havia feito eram sua realidade, tão reais quanto o hábito surrado. Levantou-se de sua cadeira e afagou-lhe de leve o ombro:

— Sinto muito, Amata — disse. — E meu juramento será rezar diariamente para que Deus cure as feridas de seu corpo e de sua alma. Vou agora para a capela da *madonna* para começar a cumprir essa promessa. Será muito bem-vinda se vier rezar comigo, caso queira.

Com o fosso das orações interposto entre ambos, ele esperava que nunca mais tivesse de enfrentar os abalos dessa fantasia.

CAPÍTULO XXII



A ÁGUA DA CHUVA DESCIA como uma cachoeira dos telhados, alagando sarjetas e praças de Veneza e desaguando nos canais — um raro e prolongado dilúvio no delta do rio Pó. Por dois dias, o desfile das guildas tivera de ser adiado.

Um inquieto Orfeo vagava pela cidade, percorrendo-a desde Rialto, onde comerciantes preocupados rezavam para seus carregamentos chegarem em segurança, até o mercado, onde soturnos vendedores mantinham quase todas as mercadorias embrulhadas e compradores eram o único bem em escassez. Até as barganhas ficavam mais morosas no mercado dos escravos pagãos e das "pequenas almas", como eram chamadas as crianças cristãs chegadas do Levante, vendidas pelos pais para trabalharem como aprendizes.

Somente no bairro judeu e nas oficinas cobertas dos artesãos havia alguma atividade. Nesses locais, o trabalho nunca cessava. Os lojistas continuavam a fabricar todo tipo de coisa, de cartas de baralho até mosaicos, porcelanas, armaduras e artigos de vidro. Escultores e gravadores de matrizes decoravam arcas de madeira, trompas de caça em marfim, punhos de espadas, cintos de couro e jóias de ouro e prata.

— *Cavalo!* — resmungou um Orfeo entediado, enquanto observava os diligentes trabalhadores. Quase se arrependeu de não ter ido com Giuliano e os outros. Ao menos teria *algo* para fazer.

Na terceira manhã depois do Dia de Todos os Santos, com a chuva ainda a molhar seus ombros, voltava para o palácio do doge, depois de uma noite com Cecília, imaginando o que poderia distraí-lo naquele momento. Puxou o capuz para a frente como se fosse uma tenda, lembrando-se de como, às primeiras luzes da aurora, a mulher enrolara os cabelos em torno do rosto dele ao montá-

lo, formando com seus longos cachos uma tenda vermelha e ondulante, sob a qual ambos se fitavam despreocupados e isolados do restante do universo. Que profunda compreensão brilhava naqueles imutáveis olhos cinzentos, naquele sorriso ambíguo que não refletia nenhum julgamento, culpa ou compaixão, e que o aceitava exatamente pelo que ele era: seu amigo Orfeo, o remador.

Cecília sabia de tudo o que se passava naquele seu canto de Veneza: a conduta íntima de todos os homens, mulheres e crianças, e as fontes secretas que motivavam seus atos. Às vezes, sua sabedoria singela fazia com que parecesse ter milhares de anos de idade — um espírito da terra, como os animais oniscientes, ou um espírito do submundo, como algumas feiticeiras de outrora. Ela não temia nem o tempo nem os acontecimentos. Podia fazer o trabalho de qualquer homem, carregar nos ombros o mais pesado dos barris de vinho, com o passo firme e seguro de um boi vigoroso. Para espanto de Orfeo, ela o via com uma admiração ainda maior, possivelmente por causa dos sonhos dele de viajar e ser uma pessoa bem-sucedida numa escala grandiosa, ou pelas histórias de segunda mão que contava sobre o Oriente. Tratava-o como se ele tivesse algum poder fora do normal e aceitava com paciência e sem restrições as suas idas e vindas, ainda que ambos soubessem que algum dia ele partiria para não mais voltar.

Ocorreu-lhe uma idéia extravagante quando chegou ao palácio. Podia recomendar Cecília ao papa como conselheira particular, unindo sua sabedoria não cultivada à profunda espiritualidade de Tebaldo. Ora, nunca funcionaria! Colocar uma fruta tão saborosa diante do futuro reformador do clero com certeza acabaria em desastre. O sal poderia perder algo mais além do seu sabor. Sorrindo, ainda achando graça da possibilidade, saudou o cavaleiro romano que matava o tempo junto de uma coluna próxima à entrada principal. Por sugestão de Orfeo, o corpo de cavaleiros agora se mantinha perto do papa eleito o tempo todo.

— Como vai o santo padre? — perguntou. — Dormiu bem na cama do doge?

— Não. Teve um sono intermitente, *signore, una notte Bianca*, pelo que fui informado. Acordou diversas vezes com pesadelos. Ainda está na cama, tomando o desjejum. Deixou uma ordem para que o senhor se dirigisse ao quarto dele assim que chegasse da cidade.

— Alguma coisa urgente?

O guarda deu de ombros.

— Apenas repasso a mensagem como me foi transmitida. Agora, sabe tanto quanto eu.

— Esperemos que ele queira seguir caminho. Não gosto do jeito como as coisas vão se arrastando por aqui.

Orfeo avançou a passos largos pela vasta entrada e subiu a escadaria de mármore de dois em dois degraus. Os homens postados de cada lado da porta do quarto se afastaram quando o reconheceram.

— Vossa Santidade — disse ele ao atravessar o aposento. Ajoelhou-se ao lado da cama e esperou que Tebaldo estendesse a mão para abençoá-lo.

— *Buon giorno*, Orfeo — do meio das muitas almofadas que o rodeavam, o papa acenou para ele com um pedaço de enguia defumada na mão. — Não faça cerimônia. Pode ficar de pé.

Orfeo se levantou e esperou em silêncio.

— Já comeu?

— Estou bem, Vossa Santidade.

Se fosse Giuliano, seu amigo marinheiro, a perguntar, a resposta de Orfeo teria sido mais detalhada, mas não se podia ficar falando de *belli fichi* e outros sabores tão terrenos com um pontífice.

— De qualquer forma, coma um pedaço desta enguia. É deliciosa demais para não ser compartilhada.

Orfeo mergulhou os dedos na tigela do papa. Imitando Tebaldo, mordiscou com prazer a carne gordurosa usando os dentes da frente.

— Tive um sonho horrível na noite passada. Minha carruagem atolava em enormes montes de neve. Você ia à frente, montado no lombo de um boi, suplicando a seu tio que ele nos salvasse. De repente, o animal começou a mugir e a urrar, e uma matilha de lobos grandes como cavalos apareceu no topo da montanha atrás de nós. Os bois fizeram muita força para soltar a carruagem, mas, tomados de pânico, saíram da estrada e caíram num desfiladeiro. Pude sentir a carruagem voando.

— E depois?

— Acordei. Um dos guardas disse que gritei enquanto dormia.

De novo, estendeu a tigela para Orfeo.

— Sou de Piacenza — prosseguiu. — Sei interpretar os sinais e prever o tempo no vale do rio Pó. Mas você cresceu nos Apeninos. Será que meu sonho é

profético? O que significa esse temporal nos desfiladeiros das montanhas?

— Pode nevar, Santidade, embora esta seja a primeira tempestade forte do inverno. Na melhor das hipóteses, a chuva vai transformar num atoleiro os trechos da estrada que são de terra. Mas a maioria das antigas estradas romanas é pavimentada com pedras.

Fez uma pausa e perguntou:

— Sente-se na obrigação de agüentar a hospitalidade completa do doge? — ele sabia que a escolha das palavras não era das mais prudentes, mas sua própria paciência já linha ultrapassado os limite.

O papa não respondeu de imediato. Talvez a novidade do cargo deixasse inseguro para decidir até onde iam seu dever e obrigações para com o protocolo. Orfeo encaminhou-se para a janela e abriu as venezianas. O vento soprou úmido e gelado em seu rosto, revigorante e refrescante, enquanto ele apertava os olhos para enxergar além do porto. Pôs as mãos em concha em volta dos olhos, protegendo-os dos respingos.

— *Sangue di Cristo!* — praguejou em voz alta.

Um solitário navio de guerra, sem o mastro e sem o castelo de proa, avançava com dificuldade, a remo, para o cais. Dois pontos distantes moviam-se de forma idêntica atrás dele.

Orfeo correu para a cama e tirou depressa a bandeja do colo de Tebaldo.

— Levante-se, Vossa Santidade — gritou. — Vista-se para viagem o mais rápido que puder. Vou avisar a seus homens para arrumar sua bagagem e aprontar os cavalos de imediato.

A orgulhosa frota de venezianos que saíra com tanto alarde para atacar Ancona, a mesma frota que Tebaldo, diante de todos, recusara-se a abençoar, fora a pique no revolto mar Adriático.



DONNA GIACOMA ENTUSIASMOU-SE com a mudança que se operou em Amata depois da conversa com frei Conrad. A moça aprumou a postura, ergueu a cabeça e endireitou os ombros, como se os liberasse de um imenso peso. A senhora agradeceu ao frade por ter escutado Amata até o fim, mas ele se recusou a admitir qualquer mérito pela transformação. O prazer que a menina sentia em

ter seu velho companheiro pela casa era visível, e Donna Giacomina achava que Conrad sentia o mesmo, embora passasse longas horas na capela e não demonstrasse nenhum empenho em procurar pela menina. Como sempre, ocultava suas emoções sob um estoicismo viril, bem diferente de Pio, que andava atrás de Amata sempre que podia e penava com as angústias mais flagrantes do amor dos adolescentes. O pajem fazia Amata rir e, uma vez, enquanto brincavam de jogo-da-velha, ela o chamou sem querer de "Fabiano" o nome de seu irmão mais novo. A infância da menina devia ter sido bem alegre, refletiu a nobre senhora. Donna Giacomina pedia a Deus que, tendo a si própria como instrumento, a menina pudesse desfrutar outra vez da felicidade de um lar.

Um dos maiores divertimentos de Donna Giacomina era observar o que chamava de "a afeição secreta de frei Conrad" e as tentativas que ele fazia para negá-la. Por causa daquela difícil situação, eslava certa de que o frade não iria aceitar a tarefa seguinte que planejam para ele. Deu-lhe alguns dias para se sentir à vontade com a rotina da casa, enquanto ela ia reunindo seus pretextos e argumentos — a começar por uma coletânea encadernada de vidas de santos que seu marido lhe dera nos primeiros anos de casamento. Sabia exatamente onde encontrá-la, embora não tivesse aberto o livro nos últimos sessenta anos. Ainda estava embrulhado em seu véu rendado de casamento, num canto do baú que trouxera consigo da casa de seus pais. Quatro dias depois da volta de Conrad, enquanto os criados retornavam a seus afazeres após a ceia e as criadas sentavam para comer, ela encurralou o frade no vestíbulo. Surgiu coxeando de trás de uma pilastra e o impediu de se refugiar na capela.

— Amatina quer aprender a ler e escrever — disse. — Ela começou a chamar a menina pelo diminutivo.

Ele riu para si mesmo.

— Será mesmo? Espero que lhe tenha avisado que esses são desejos inadequados para uma mulher.

— Não fiz nada disso — ela lançou-lhe um olhar determinado. — Você é o único desta casa qualificado para ensiná-la.

Conrad fez que não com a cabeça.

— Embora possa lhe garantir que a menina é esperta, não gostaria de ser o responsável por levá-la a ser orgulhosa de espírito. É o que costuma acontecer quando as mulheres vão além de seus limites. Conforme diz o ditado, *non fare il passo piu lungo della gamba*. Não se dá um passo maior que as pernas.

Ela não fez caso da troça.

— Venha comigo, irmão — disse.

Atravessou com o frade o pátio encharcado. A chuva finalmente havia parado, embora a água ainda gotejasse da *loggia*. Num minúsculo aposento, a que só se chegava pelo exterior da casa, havia uma mesa, duas cadeiras simples e inúmeros livros.

— Leia isso — ordenou ela, abrindo um dos livros numa parte marcada com uma fita roxa. — É a vida do santo anacoreta São Girolamo.

A presunção de Conrad a irritava. Ele se sentou à mesa, examinou a biografia, levantou os olhos com altivez e disse:

— Se o santo quis ensinar as mulheres nobres de Roma a escrever quando era secretário do Papa Damasus, muito bem. Amata, porém, não é uma *nobildonna*.

— O pai dela era conde.

— Da pequena nobreza rural, *madonna*. Duvido que seu pai ou sua mãe soubessem ler. Ela mesma me contou que só começou a aprender a ler quando foi para São Damião.

— E o que dizer de Santa Clara, que *fundou* São Damião? Imagine como a Igreja seria mais pobre se não fosse pelas cartas que ela escreveu à abençoada Inês de Praga... que sabia ler e respondê-las de próprio punho, aliás. O que dizer de Hildegarda de Bingen e da abadessa Jutta de Disibodenberg? Homem nenhum jamais descreveu tais visões e luzes cintilantes como fez Hildegarda.

— Ah, sim, visões. Tenho certeza de que sua Amata tem muitas experiências assim para compartilhar com os devotos *literati*.

Donna Giacoma rangeu os dentes de raiva. O rosto ficou quente e ela sabia que as faces deviam estar em fogo.

— E o que dizer de Hroswitha de Gandersheim, que trezentos anos atrás escreveu peças de teatro e histórias que se igualam às escritas por qualquer cronista homem?

— Digo-lhe que não posso fazer isto. E *não vou* fazer.

Conrad repôs o livro sobre a mesa, como se desse por encerrada a discussão. Donna Giacoma bateu com sua bengala na mesa, fazendo saltar tanto os livros quanto o frade.

— Conrad, seu tolo! Ela quer aprender a escrever para poder copiar a crônica de Leo que lhe foi confiada, o manuscrito que você teve medo de trazer

consigo para Assis.

— O que sabe a respeito disso? — Os olhos dele quase saíram das órbitas.

— Sei que o manuscrito está a salvo em São Damião, e não graças a você. Sei que Amatina arriscou a própria vida à beira de um precipício para trazê-lo até aqui, quando o rolo amarrado à sua cintura ficou preso numa pedra e a fez perder o equilíbrio. Sei que, pela abençoada intervenção de frei Leo, o manuscrito também salvou a vida dela, pois desviou o golpe da lança que atingiria seu coração.

A nobre senhora empertigou-se toda e apoiou as duas mãos no castão entalhado da bengala.

De repente, Conrad se levantou num salto e agarrou a mesa com as duas mãos.

— A senhora respondeu às minhas súplicas, Giacomina! — exclamou. Desde o dia que voltei para cá, ajoelhei-me em sua capela e fiz apenas uma pergunta a São Francisco e frei Leo. Como entrar no Sacro Convento outra vez e apanhar os manuscritos de que preciso? Nem pensei em São Damião e nas cópias que estão escondidas lá.

Mordeu por um instante a articulação dos dedos, meditando sobre essa nova opção.

— Será que Amata mantém boas relações com as Damas Pobres, mesmo depois de ter saído de lá?

— Naturalmente. Ela nada fez para que perderem a estima que têm por ela.

— E pelo amor que lhe devota, e pelo profundo respeito que ela tem por frei Leo, acha que a madre priora poderia confiar a menina...

— Não se atreva a pedir o que lhe vai pela cabeça, irmão. Não vou permitir que Amatina corra mais nenhum perigo. *Maestro* Roberto diz que toda manhã dois frades postam-se um em cada ponta da nossa viela e ficam observando todos os que entram e saem desta casa.

— São os *meus* movimentos que eles observam, *madonna*. Os votos que fizeram exigem que se mantenham a uma casta distância de mulheres seculares. Amata poderia levar um presente... roupa de cama, por exemplo... para as Damas Pobres. Numa cesta. E voltaria com os manuscritos, especialmente dois que preciso ler. Se ela conseguiu esconder tão bem o rolo de pergaminho de Leo que nem eu reparei, enganaria facilmente os olheiros de Bonaventura.

Donna Giacomina sentiu-se tentada a salientar que poucos frades conseguiriam se igualar a Conrad em termos de ingenuidade e falta de senso de observação, mas segurou a língua. Além do mais, os planos dele não soavam totalmente desprovidos de sentido. Estava quase concordando em pensar a respeito quando se deu conta de que se afastara de seus propósitos.

— E as aulas dela?

Conrad sorriu como um negociante de gado satisfeito.

— Vamos fazer um acordo. Se Amata me trazer a primeira biografia de São Francisco por Tomás da Celano e a *Legenda dos Três Companheiros*, vou ensiná-la a ler e escrever. Usando fontes apropriadas, obviamente.

Donna Giacomina apontou para os dois livros que permaneciam sobre a mesa.

— Eu estudei esses quando era menina. Um é de boas maneiras; o outro orienta jovens esposas a cuidarem da casa. Não ensiná-la a portar-se como uma dama e, ao mesmo tempo, a ler e escrever.

O frade bufou, dando um resmungo irritado e arrogante.

— Será mais difícil do que fazer uma trombeta com o rabo de um javali. Ela apertou com força o castão da bengala.

— Sábias palavras ditas por um homem que veio para cá com a aparência de um bárbaro há apenas algumas semanas. Se consegui dar um jeito em *você*, frei Conrad, ensinar à menina dará muito menos trabalho. Um dia, ela será a dona desta casa e deverá ser capaz de cuidar de si própria e de seus afazeres da maneira correta.

Donna Giacomina conseguiu surpreendê-lo de novo.

— Não tenho herdeiros — continuou —, salvo por alguns homens da família de meu falecido marido, pessoas que não vejo há décadas. Simone della Rocca despojou Amatina de seu direito de primogenitura e de uma educação apropriada, assim como da oportunidade de um casamento com uma pessoa de valor. Quando chegar a minha hora, ela herdará a casa e minhas fontes de renda, se assim desejar. Uma mulher tão espirituosa, encantadora e rica como ela seria um par perfeito para qualquer homem do mundo cristão. Qualquer homem que não estivesse preso ao voto de castidade, quero dizer.

Embora raramente falasse com segundas intenções, Donna Giacomina não conseguiu resistir à espetadela. Conrad insistia em rebaixar a menina e por isso merecia sofrer um pouco. Percebeu que aquela notícia o perturbara e sabia que

havia reacendido o conflito na mente do frade. Tinha um sonho, no qual esses dois jovens poderiam se unir, ou pelo menos admitir às claras o quanto gostavam um do outro. Conrad poderia fazer essa concessão e ainda assim manter-se fiel a seus votos. E ela sabia que ele sempre seria sincero, por mais que a Ordem o espezinhasse. Se Conrad tinha algumas qualidades heróicas, essas eram sem dúvida a persistência e a perseverança. Ela pensou em frei Leo, e em como as vidas de ambos tinham se cruzado nos últimos cinqüenta e cinco anos. Talvez Conrad e Amatina pudessem, ao menos, recriar aquele padrão, que tanta satisfação lhe trouxera ao longo dos anos.

Para mudar de assunto, Donna Giacomina empurrou com a bengala os livros na direção do frade.

— Enquanto você passa os olhos por esses aqui, vou falar com Amatina. Depois de uma pausa, acrescentou:

— Ela correria qualquer risco para agradá-lo, sabe disso, não é? — agora que tinha resolvido a questão, permitiu-se dar um sorriso. — E irmão, não diga nada a ela sobre esta última conversa. Ela acha que apenas comprei o vínculo de servidão que a ligava às Damas Pobres. Ainda não sabe a respeito de meus planos para o seu futuro.



AMATA SAIU FURTIVAMENTE PELA porta da frente de Donna Giacomina sob as estrelas frias e brilhantes de Escorpião, a mesma constelação que marcara a hora de seu nascimento — quantos séculos antes? A tempestade finalmente fora para as montanhas, deixando apenas um fino manto de altas nuvens no leste. O vento rugia furioso no vão da escada junto da casa da senhora e soprava em todas as direções na viela estreita. O frio chegava a deixar Amata dormente, apesar da pesada capa que a cobria.

Na viela, olhou para ambas as direções, Como previa, distinguiu um vulto encapuzado, encolhido numa das extremidades. O frade que vigiava a outra ponta tinha logrado esconder-se melhor nas sombras, protegendo-se do vento, mas Amata apostava que ele estaria esperando lá embaixo em algum lugar. Apanhou a cesta e equilibrou-a em cima da cabeça, arqueando as costas e assumindo a postura graciosa e aprumada das criadas. Começou a descer os

degraus, planejando alcançar o portão da extremidade sudoeste da cidade na hora em que os guardas o abrissem para começar o dia.

O vento talvez se tornasse um problema. Não adiantaria parar numa das curvas das escadas para ouvir se estava sendo seguida. Bem, eles que tentassem acompanhá-la. Gostou do desafio de enganá-los, da mesma forma como acabara aprendendo a se esquivar de seus captores nos labirintos da Rocca.

Quando Giacomina lhe contou que Conrad barganhara por sua ajuda, ficou decepcionada. Então ele não sabia que ela teria ido buscar os manuscritos com o maior prazer, sem pedir nenhum favor em troca? Não fora ele mesmo quem dissera que estavam juntos nessa tarefa, naquele dia em que ficaram enlaçados pelos cintos na saliência da montanha? Conrad a desorientava. Certos dias, ele parecia ser seu amigo mais próximo; noutros, era completamente distante e frio. Quando lhe contou como Bonifazio a violentara ainda criança, sentiu como se tivesse ficado nua diante dele. Embora ele desse a impressão de compreender sua mágoa, desde esse dia a vinha evitando. Talvez tivesse sabido de coisas demais. Talvez essa história dos manuscritos o preocupasse. Esperava que, como dissera Giacomina, ele simplesmente estivesse tão desorientado quanto ela com relação aos sentimentos que nutriu por ela e á forma de demonstrá-los.

Quando chegou ao final da Via San Paolo, Amata virou na direção nordeste e apertou o passo até chegar à Catedral de São Rufino. Escondeu-se atrás de uma das colunas do pórtico da catedral, de onde podia avistar bem a rua atrás de si, e colocou a cesta no chão.

Uma claridade irregular espalhou-se pela praça. O sol pálido ergueu-se com dificuldade atrás do monte Subasio, filtrando-se através de uma película de nuvens. Amata viu um frade atravessar a praça vindo da mesma direção que ela. Ele passou diante da catedral e seguiu caminho, ainda para nordeste. Uma mulher deu um sorriso largo e apanhou a cesta. Isso era fácil demais. Amata entrou na igreja, correu toda a extensão da nave e saiu por uma porta no transepto. Foi parar numa viela tortuosa que voltava para o portão sul da cidade e dava na estrada para São Damião.

CAPÍTULO XXIII



CONRAD FICOU VIGIANDO A VIELA a tarde inteira. Postou-se diante das venezianas, enquanto Donna Giacomina ia e voltava do vestíbulo para a cozinha. Toda vez que completava o circuito, lançava-lhe um olhar de relance, franzindo a testa, preocupada. A mata já deveria ter voltado. Compartilhavam a mesma impressão, embora nenhum dos dois a exprimisse com palavras.

As sombras das últimas casas de dois andares já se alongavam e escureciam a viela quando Conrad finalmente viu a mulher surgir no vão da escada. Foi aparecendo aos poucos: primeiro a cesta, depois o capuz da capa e, por fim, o rosto sério, parcialmente oculto. Mantinha os olhos lixos nos degraus, os ombros e as costas eretos para equilibrar a carga. Ele correu para abrir a porta antes que o pé dela locasse o último degrau. Ouviu-se a batida rápida da bengala de Donna Giacomina no chão quando as dobradiças da porta rangeram. Amata entrou depressa e abriu um sorriso. Apoiou um joelho no chão para ali colocar a cesta e jogou o capuz para trás. Depois se empertigou,

— Você está bem? Correu tudo bem? — indagou a senhora.

Conrad ajoelhou-se e suspendeu o pano que cobria o conteúdo cheio de protuberâncias da cesta. Pão. Só pão fresco, assado pelas Damas Pobres. Olhou fixo para a menina, sem esconder seu desapontamento.

Amata ignorou a irritação dele.

— Não tem nada aí — disse. — Bata nas minhas costas.

Donna Giacomina tocou na coluna da menina e deu uma risada quando um ruído sólido ecoou.

— Os manuscritos estão presos aí — explicou Amata. — Não consegui amarrá-los em torno da cintura, como fiz com o rolo de frei Leo, e achei que não

estaria em segurança dentro da cesta. Imaginei que os guardas-civis deviam estar mancomunados com Bonaventura. Impossível que eles não soubessem que aqueles frades continuavam na viela, mesmo depois do toque de recolher.

E, justamente como eu esperava, os guardas do portão revistaram a cesta. Ah, frei Conrad, a cesta foi uma idéia brilhante. Como tinha de equilibrá-la sobre a cabeça, ninguém desconfiou que eu não poderia curvar minhas costas, mesmo que quisesse.

— Estávamos tão preocupados com você, Amatina — disse Donna Giacoma. — Demorou tanto...

Amata sorriu.

— Tive de esperar os pães assarem. Ainda devem estar quentes, embora o vento lá fora esteja muito frio. Como tive de esperar, aproveitei para visitar a irmã Agnese. Era a minha melhor amiga na época do nosso noviciado — baixou os olhos para frei Conrad, que ainda estava de joelhos ao lado da cesta. — Você a conhece? É sobrinha de frei Salimbene. Contou que o tio já voltou para Romagna e deve chegar à Úmbria dentro de pouco tempo.

Ela riu, excitada demais para esperar pela resposta dele.

— Não pode imaginar as histórias que ele nos contou quando veio visitar Agnese, na sua última viagem! Que bom que ela me levou como sua acompanhante ao portão dos visitantes. Eu não podia perder uma ocasião daquelas. Tomara que a senhora o convide para ficar aqui, *madonna*, em vez de no Sacro Convento. Ele vai fazer a casa toda vibrar de alegria.

Amata foi andando de lado pelo corredor, como um caranguejo, enquanto continuava tagarelado:

— Vou lhe contar o restante durante o jantar. Preciso tirar esses livros das minhas costas.

Conrad fechou o semblante ao ficar de pé, apesar das boas notícias sobre os manuscritos. E deu por si pensando: *Não é minha culpa não saber como contar histórias. Não combina com a minha índole. Sempre fui melancólico; Salimbene tem uma disposição de espírito mais animada. Além do mais, que desperdício de energia isso de ficar provocando meninhas com cérebro de ganso.*

Donna Giacoma achou graça da atitude do frade quando Amata desapareceu.

— Vou mandar prontarem tabuinhas de cera e livros para ela no salão,

amanhã bem cedo. *Maestro* Roberto comprará pergaminho e utensílios de escrita quando você me avisar que ela está pronta para usar tinta.

— E o meu próprio trabalho? Leo disse que essas legendas eram urgentes.

— E são. Dê aulas a Amata até *mezzagiorno*, quando o sol atinge o ápice. Use o resto do dia para seus afazeres.

Ele admitiu que o acordo era justo, mas também estava ansioso para botar as mãos nos manuscritos. Poderia começar depois da ceia naquela noite mesmo. Todavia, no passado, a leitura de caligrafia pequena à luz de vela ou tocha forçara-lhe a vista e fazia a sua pálpebra esquerda começar a latejar — um sintoma que seu professor em Paris atribuiu à cor cinza-claro de suas íris. Por ter a visão fraca, o melhor mesmo seria esperar pela próxima passagem do sol. Apanhou a cesta de pão e seguiu a senhora até a cozinha.



FINDA A TEMPESTADE, UMA NEVOA estagnada estendeu-se sobre os vales dos Apeninos. Os cumes das montanhas forçavam uma saída acima de toda aquela brancura, como ilhas flutuantes num mar em desalinho. A carruagem do papa, puxada por bois, rangia através do nevoeiro como se fosse um baú fantástico, fantasmagórico, enquanto por todo lado, em torno da estrada real, lama e barro escorriam pelas vertentes, um fluxo marrom e cinzento num mundo liquefeito.

Muitos dias haviam se passado desde que o destacamento do papa saíra às pressas de Veneza. Os últimos cavaleiros romanos ainda estavam tentando alcançar o grupo principal da comitiva. Tebaldo escapulira tão repentinamente que muitos soldados haviam sido deixados para Irás, espalhados pelos bordéis da cidade. O capitão havia posicionado um destacamento de retaguarda no palácio do doge não só para indicar o caminho aos soldados dispersos como para se desculpar, da melhor maneira possível, perante o doge e a dogesa. Os retardatários descreveram cenas de caos e violência crescentes na cidade à medida que a notícia do desastre foi se espalhando.

— De início, as pessoas ficaram em estado de choque — gritou pela janela da carruagem do papa um dos cavaleiros atrasados. — Muita gente passou a manhã toda no cais contando os navios e procurando amigos e parentes entre os marinheiros sobreviventes. A cidade perdeu a maioria das suas duzentas

galeras.

Orfeo, que cavalgava ao lado do papa, fez uma prece silenciosa a Deus para que abençoasse Cecília. Ela lhe salvara a vida quando o convencera a não se juntar à expedição. Pediu também que Deus tivesse poupado Giuliano, embora uma intuição qualquer lhe dissesse que seu amigo já repousava no fundo do mar.

— A barcaça do doge chegou no meio da manhã, logo depois da hora terça — continuou o cavaleiro. Ele ficou um pouco no cais com o povo, e em seguida foi para o palácio procurar por Vossa Santidade. O rosto dele estava branco como o de um leproso. E tomar conhecimento de que Vossa Santidade já partira não serviu para lhe aplacar o nervosismo. Ouvi quando ordenou a um de seus homens que fosse avisar a doge para permanecer dentro de casa. Depois entrou no palácio e não o vi mais.

— Foi isso mesmo. E por volta do meio dia, a multidão perdeu, as esperanças de ver chegar mais algum navio de sua esquadra — acrescentou outro soldado. — Passei pelas pessoas na praça, ao voltar para o meu posto, e foi quando começaram a reclamar. E muitas queixas eram contra Vossa Santidade, sinto dizer. Foi então que nós dois percebemos que nossa tarefa em Veneza estava terminada.

Orfeo não podia divisar o rosto do pontífice através das fendas estreitas das janelas da carruagem. Mas conseguiu ouvir sua voz pesarosa:

— Rezei pela *segurança* deles, ainda que não pelo sucesso. Deus queria a tempestade. Nenhuma bênção que eu desse mudaria isso.

Outros soldados que chegaram ainda mais tarde contaram o restante da catástrofe nos dias que se seguiram. Quando os venezianos descobriram que o papa fugira, descarregaram toda a sua raiva no doge: "Deus continua a punir Veneza" lamentavam alguns, "pelos pecados de Enrico Dandolo e pelo saque da Basílica de Santa Sophia" diziam outros. Inevitavelmente, a culpa de tudo acabou recaindo sobre o sucessor de Dandolo, o desafortunado Lorenzo Tiepolo (que, é preciso lembrar, ordenara o ataque-surpresa) e sua dogesa nascida na Grécia.

O bispo de Veneza esbravejava e incitava as pessoas diante da Igreja de São Marcos. "Deus não suporta mais os hábitos luxuosos dessa mulher. O ar de seus aposentos está pesado de tanto incenso. Será que o ar veneziano não é bom o bastante para ela? 'também se recusa a banhar-se em nossa água, obrigando as

criadas a coletar o orvalho que cai do céu. Nem mesmo se digna a comer carne com as mãos, da maneira costumeira, mas manda os eu micos picarem a carne em pedaços pequenos, que ela espeta com um instrumento de ouro com dois dentes e os leva a boca. Presenciei com meus próprios olhos essas ostentações, pois jantei à mesa com eles. Alguém então se surpreenderia se até mesmo Deus, em sua infinita paciência, acabasse por bradar '*Basta*' a tamanha insolência?"

Grande parte da multidão direcionou sua fúria para o próprio doge. Tinha sido visto entrando no palácio vizinho à Basílica de São Marcos e, portanto, estava mais acessível do que a esposa. O povaréu gritou insultos pelas janelas e exigiu a vida dele em troca da vida daqueles marinheiros que tinham morrido afogados. Todavia, o doge teria evitado maiores danos se tivesse esperado que o desespero e a raiva da multidão passassem. Rodeado pelos guardas

Do palácio, encontrava-se em segurança apesar das terríveis ameaças da multidão. Mas o desfecho da tragédia veneziana ainda estava por vir.

Ao cabo da terceira tarde de viagem do exército romano, o último componente da retaguarda no acampamento. Desacostumado a cavalgar o dia inteiro, Orfeo massageava as próprias costas atrás do grupo de soldados que comiam com Tebaldo ao redor da fogueira do acampamento.

— Dê a esse homem algo para comer — ordenou o capitão a um criado quando o cavaleiro apeou.

Tebaldo fez sinal para que o soldado se sentasse num pedaço de tronco ao seu lado. Outros guerreiros, acompanhados de seus escudeiros, saíram das lendas e juntaram-se aos demais, alguns ainda meio vestidos com as armaduras. O guarda retirou o elmo e as manoplas. Quando o criado lhe estendeu um trincho e um copo, tomou fôlego e começou a narrar a história da vingança da população.

— Só posso imaginar que Lorenzo tenha entrado em pânico. Ele esperava alegar que São Marcos era solo sagrado, mas sabia que a multidão contava que o fizesse. Portanto, em vez disso, fugiu por uma porta dos fundos do palácio e foi se esconder na Igreja de São Zacarias, do outro lado da Ponte della Paglia.

O guerreiro intercalava a narrativa com goles de vinho e muita comida. Mastigava devagar, saboreando o fato ser o centro das atenções, além do pedaço grande e gorduroso de assado que segurava.

— Assisti a tudo de um dos andares de cima do palácio. Deus é testemunha de que os guardas que fugiram do palácio com o doge fizeram tudo

o que puderam para protegê-lo. Desferiam golpes a torto e a direito com suas espadas. Escorria sangue pelas duas rampas da ponte, mas as pessoas continuavam invadindo.

Esvaziou o copo e estendeu-o pedindo mais. Ninguém abriu a boca enquanto o criado enchia o copo.

— Finalmente — concluiu após outro gole demorado —, na Calle delle Rasse, um homem furou o círculo de soldados e esfaqueou Lorenzo, matando-o.

O cavaleiro deu uma pancada com o copo em seu peito para mostrar onde o golpe fatal fora desferido e, como se o efeito tivesse sido planejado, formou-se uma nódoa de vinho tinto sobre seu peitoral.

Um burburinho propagou-se em ondas pelo círculo de ouvintes. Em seguida restabeleceu-se o silêncio no acampamento, até que a voz firme de Tebaldo se fez ouvir:

— Ele era um homem decente. Que descanse em paz.

— Amém — responderam os soldados.

Depois de um silêncio respeitoso, o papa acrescentou:

— Devemos um agradecimento especial ao nosso jovem amigo de Assis. Não fosse por sua pronta iniciativa, poderia ter sido a nossa própria pessoa que ficaria a sangrar na Calle delle Rasse.

De repente, Orfeo viu-se sob uma chuva de vivas e recebeu um tapa nas costas dado por uma mão tão forte que um choque de dor percorreu-lhe a coluna e as costelas. Até aquele momento, os altivos romanos o haviam tratado como um camponês da Úmbria; de sua parte, pouco se importava com a opinião que faziam dele para tentar convencê-los do contrário. Constrangido, tentou se esquivar da situação:

— *Viva o papa!* — gritou, a fim de desviar novamente a atenção de todos para o personagem principal. Os outros prosseguiram com os vivas enquanto ele saía da roda de soldados.

Na escuridão, nos limites do acampamento, um cavalo relinhou. Orfeo vislumbrou vários pares de olhos alaranjados brilhando entre os arbustos. Pegou duas pedras e bateu-as uma contra a outra, caminhando naquela direção. As criaturas magras, semelhantes a cães, dispersaram-se silenciosas, desaparecendo nas trevas. Orfeo lembrou-se dos lobos imensos do pesadelo de Tebaldo. O marinheiro sentiu um arrepio e se benzeu.



AMATA CORREU PARA TERMINAR todas as tarefas matutinas, ansiosa para ter todo o tempo possível dedicado às aulas. A cada dia, Conrad escrevia uma nova letra na sua tabuinha de cera, primeiro em minúscula, depois em maiúscula, explicando-lhe o som que fazia. Em seguida, Amata retraçava as linhas. Em uma semana, já sabia escrever palavras completas. Durante a última hora de cada aula, ele lia alguns trechos do livro de boas maneiras de Donna Giacomina, ou então do outro sobre a vida dos santos, apontando para cada palavra enquanto lia, de forma que ela pudesse seguir a leitura sentada ao lado dele. Em seguida, mandava que ela repetisse para ele de memória, até que começasse a reconhecer as palavras.

"Saiba que é indelicado coçar a cabeça à mesa, catar pulgas e outros insetos de seu pescoço e matá-los diante dos outros, ou coçar ou arrancar crostas de feridas de qualquer parte do corpo."

"Quando assoar o nariz, não deve tirar o excremento com os dedos; use um lenço. Tome cuidado para que nada que escorra de seu nariz fique à mostra ali, tal e qual os pingentes de gelo que se vêem pendurados nos beirais das casas durante o inverno."

"Cuide para manter o cabelo bem penteado e para que seu toucado não esteja sujo de penas e outras porcarias."

Conrad terminava a lição com a leitura de algumas linhas de seu breviário, normalmente um ou dois versos dos salmos e uma homilia curta, ressaltando que a formação espiritual da alma ainda tinha precedência sobre os conhecimentos terrenos.

— A mulher que tem pouco entendimento das coisas e é temente a Deus — explicava — está numa situação melhor do que aquela repleta de sabedoria que transgride as leis do Altíssimo.

Amata achava essa obstinação de Conrad ao mesmo tempo divertida e reconfortante.

A rotina contribuiu para que o mês de novembro passasse correndo para ela. Durante a tarde, enquanto Conrad se aprofundava nas legendas, ela procurava outras pessoas para ajudá-la a reforçar o que aprendera naquele dia. Frades itinerantes e clérigos esfarrapados às vezes ficavam dias na casa, e

aqueles que não a desaprovavam inteiramente pareciam fascinados com a novidade da experiência de Donna Giacomina. Imaginem, ensinar uma mulher leiga a ler e escrever! A próxima façanha da viúva seria ensinar seu pardo caçador de ratos a recitar uma prece antes de lamber o leite da tigela!

Amata desconfiava que alguns dos mais jovens estavam encantados por outros motivos, embora ela não fizesse absolutamente nada para encorajá-los. Conrad devia ter a mesma opinião, a julgar pela expressão de seu rosto cada vez que ele passava pelo salão e a via lendo em companhia de um desses viajantes.

Com sua pouca sutileza, Conrad lembrava-lhe os votos pessoais que ela recentemente fizera. Quando o frade estava com esse tipo de humor, as leituras que encerravam as aulas não eram dos salmos, mas do Eclesiastes:

"Não contemple a beleza de todo corpo e não se deixe ficar junto às mulheres. Pois das roupas sai a traça e da mulher a iniquidade do homem. Mais amarga que a morte é a mulher, aquela que é uma armadilha, cujo coração é como uma rede, e suas mãos são algemas. Quem agrada a Deus livra-se dela; o pecador, porém, será preso por ela."

Houve um dia que ele interrompeu a aula para lhe dizer sem rodeios que um dos frades, um certo frei Federico, prolongava a sua estada exclusivamente por causa da companhia dela. Naquele dia ele citou um poeta de nome impronunciável: "Pode-se definir ou saber o que é uma mulher? Ela é lama que brilha, rosa de mau cheiro, veneno adocicado, eternamente inclinada para o que lhe é proibido."

Se ela realmente tivesse algum interesse em Federico, teria ficado ofendida pelas palavras de Conrad. Mas, nas circunstâncias, fazia o maior esforço para não rir diante da sisuda indignação que ele demonstrava. Quanto mais ele ficava zangado, mais ela percebia, por trás das suas palavras duras, a consideração que lhe dedicava. Era muito mais fácil para ele compará-la à "lama que brilha" e xingar Federico e outros frades de *un cane in chiesa*, um cão de igreja, do que dizer: "Gosto de você e me preocupo com você." Apesar de tudo, ela nunca deixou de notar a afeição em suas censuras.

— Tenho um plano para protegê-la desses irmãos sem princípios — declarou ele certo dia. E mandou um criado ir buscar Donna Giacomina.

Quando a senhora chegou, Conrad sugeriu que Amata passasse as tardes repetindo as lições do dia para o menino Pio.

— Não só Pio vai aprender com Amata — explicou —, como a repetição

vai ajudá-la a memorizar o que lhe ensinei.

Pio ficou encantado quando Donna Giacomina concordou, pois o arranjo lhe dava mais uma desculpa para ficar por perto de Amata. Contrariado, frei Federico foi embora da casa. Conrad parecia satisfeito, e a menina também não se incomodou. As aulas com Pio eram quase uma brincadeira, porque ele achava o livro de regras de boas maneiras uma grande bobagem. Ela lia: "Se tiver de arrotar, faça-o bem baixo, sempre desviando o rosto. Se cuspir ou tossir, não há necessidade de engolir o que acabou de lhe sair da garganta, mas cuspa-o no chão, no seu lenço ou guardanapo."

Pio respondia forçando um arroto exagerado, tomando o cuidado de virar a cabeça, ou expectorava uma bola de catarro e pedia, entre os lábios entreabertos, para ela lhe emprestar o lenço. As lições de escrever na tabuinha de cera normalmente degeneravam em jogo-da-velha ou no jogo-do-moinho, com os quadrados desenhados sobre a tabuinha e pedaços de carvão da lareira usados como peças.

Conrad pouco falava a respeito dos próprios avanços. Amata sabia apenas que ele estava lendo a legenda de Tomás da Celano. No começo, pareceu desanimado com a descrição que o biógrafo fizera da juventude de São Francisco. O frade dizia que a versão de Bonaventura apenas sugeria eufemisticamente que o fundador "sentira-se atraído por coisas da esfera terrena" quando jovem.

— Quão potente é a graça Divina — Conrad acrescentara. — Somente Sua força poderia ter transformado em santo alguém com um começo de vida assim. Bonaventura diminui a misericórdia e o poder de Deus, subestimando a completa magnitude da conversão de Francisco.

Amata lembrava se bem e ouvira muitas vezes que o verdadeiro propósito da pesquisa de Conrad nos escritos de Tomás estava relacionado à cegueira ou a um homem cego e, por um longo tempo, parecia que ele ainda não encontrara o que procurava. Mas essa situação mudou numa certa tarde, em meados de dezembro.

Conrad atravessou a passos lentos o salão onde ela estava sentada costurando e conversando com Donna Giacomina.

— *In illo tempore* — resmungou ele para si. — Naquela época.

Conrad relanceou um olhar na direção delas, mas seus olhos pareciam fixos num ponto mais distante.

— Por que isso seria importante, porém? *In illo tempore* — repetiu.

Caminhou até o final do salão com as mãos entrelaçadas nas costas, contornou a parede dos fundos e passou por elas e pela porta outra vez como se não as visse. As duas se entreolharam e deram uma risada.

CAPITULO XXIV



NA PRIMEIRA SEMANA DE DEZEMBRO, o inverno se instalara em Assis com toda a intensidade. O vento que assobiava através das janelas cobertas do aposento onde Conrad costumava ler transformou-se em um uivo incessante, com todos os espíritos do céu e da terra tomando parte do coro lamentoso. O monte Subasio e as colinas que o rodeavam descansavam num sono intranquilo.

Apenas uma claridade sombria se infiltrava através do pano translúcido nos caixilhos da janela, mesmo ao meio-dia. Forçado a ler à luz bruxuleante que a vela e a lareira produziam, Conrad avançava devagar. Violentas rajadas de vento empurravam ondas de fumaça chaminé abaixo, sufocando-o com o aroma agri-doce dos galhos de zimbro que uma camponesa vinha, com seu jumento, entregar todos os dias.

Ele poderia ter levado o manuscrito a qualquer hora para o salão mais iluminado onde Amata e Pio estudavam, com suas janelas amplas e sua lareira desimpedida; mas os muitos forasteiros que passavam pela casa e a necessidade de sigilo o deixavam temeroso. Certa ocasião, antes de ir embora da casa, frei Federico entrou sem querer no quarto de Conrad enquanto este lia. Conrad fez o que pôde para desviar a atenção do frade, falando-lhe a respeito da nova obra de Tomás de Aquino, a *Summa Theologica* que acabara de ler no Sacro Convento, ao mesmo tempo em que, da forma mais natural possível, fechava o manuscrito de Celano que estava atrás de si. Qualquer viajante com mais estudo ficaria intrigado — e com toda razão — por encontrar nada menos que quatro livros na casa de uma mulher não-religiosa, fosse ela nobre ou não. Quaisquer que fossem esses livros. Manuscritos proibidos, então, seriam *extremamente* interessantes. Por isso, Conrad isolava-se dos outros, lutando com a fumaça e a luz escassa e

esfregando os olhos irritados, na privacidade de seu quarto.

Conhecia a história das legendas de Celano pelas conversas que tivera com Leo. Depois da morte de São Francisco, a irmandade que o sacerdote do santo seria chamado para escrever a hagiografia. Ninguém estivera tão perto de Francisco, e o estilo simples e nada rebuscado de Leo combinava com a vida austera de seu mestre. Mas Elias e o cardeal Ugolino, em vez disso, escolheram frei Tomás da Celano para a tarefa, embora este frade nunca houvesse conhecido Francisco e tivesse vivido a maior parte de sua carreira religiosa na Alemanha. Tomás já havia de fato composto um majestoso hino de morte e julgamento, o *Dies Irae*, comprovando sua capacidade de escrever de forma eloqüente. Contudo, por não ter conhecido Francisco pessoalmente, teve de valer-se das informações do líder da Ordem que o encarregara da tarefa: frei Elias. Como era de se esperar, Elias teve um papel proeminente na obra de Tomás — e foi tamanha sua participação que, após o ministro geral ter caído em desgraça e sido excomungado, frei Crescentius, que assumiu o cargo mais tarde, pediu a Tomás para escrever uma segunda legenda, na qual Elias não era mencionado sequer uma vez. Para ajudar Tomás a escrever a segunda obra, Crescentius pediu a todos os frades que haviam conhecido Francisco que anotassem as lembranças que tinham dele. Daí nasceu a *Legenda dos Três Companheiros*.

Conrad iniciou a pesquisa da obra de Tomás na primeira linha do primeiro capítulo. Não queria se arriscar a perder a pista, as palavras que indicassem "o início da cegueira". Leu a história da mulher cega a quem Francisco havia curado, mas nada naquela narrativa fazia lembrar a mensagem de Leo. Ainda pesquisava quando a neve chegou. As mãos da camponesa que entregava a lenha estavam vermelhas das queimaduras causadas pelo frio e ela enrolava um pesado xale preto de lã por cima do capuz de seu manto. Conrad tossia enquanto lia, capítulo após capítulo, a obra de Tomás sobre a vida de Francisco. Leu o relato do recebimento dos estigmas por Francisco e da aparição do serafim no monte LaVerna da forma como o episódio deve ter sido contado a Tomás por Elias. E então, no capítulo imediatamente *seguinte* ao da visão, deparou-se com as simples palavras de abertura *in illo tempore*, naquela época".

"Naquela época, o corpo de Francisco começou a padecer de várias doenças, e mais sérias do que as anteriores. Pois sofria de constante debilidade, visto que havia castigado o corpo e o mantido sob sujeição

durante os muitos anos que antecederam à sua morte."

O fato de Tomás estar falando do ano 1224 de Nosso Senhor, o ano dos estigmas, foi reforçado pela frase seguinte. A conversão de Francisco acontecera em 1206.

"Pois durante um período de dezoito anos, *agora completos*, seu corpo recebeu pouco, quiçá nenhum descanso (...) Mas como, de acordo com as leis da natureza e da constituição do ser humano, é necessário que o nosso exterior se deteriore dia após dia, ainda que o interior esteja sendo renovado, aquele vaso mais precioso no qual os tesouros divinos haviam sido escondidos começou a se quebrar (...) Na verdade, por ainda não ter concluído em sua carne tudo o que Cristo havia sofrido, embora ele carregasse as marcas do Senhor Jesus em seu corpo, *ele incorreu em uma grave fraqueza nos olhos.*"

Lá estava, em uma única frase. Ele já *tinha* as marcas dos estigmas quando sua cegueira começou. A enfermidade da vista não fora consequência de sua viagem ao Egito, em 1219, como Conrad sempre ouvira dizer. O frade continuou a ler:

"Quando a enfermidade foi se intensificando, dia após dia, e parecia agravar-se em virtude da falta de tratamento, frei Elias, a quem Francisco escolhera para tomar o lugar de uma mãe para si, e para tomar o lugar de um pai para o restante dos irmãos, finalmente o persuadiu a não abominar os medicamentos."

Ao ditar essas palavras, Elias obviamente não tinha nenhuma razão para ocultar a época da cegueira nem a sua participação no tratamento. Então, quem mais a não ser Elias teria introduzido, em data posterior, a fábula do forte sol do Oriente que queimara os olhos do santo — e por quê? A biografia de Tomás não mencionava o nome do companheiro de São Francisco na viagem para a corte do sultão Melek-el-Kamel. Mas a de Bonaventura, sim!

Conrad lembrou-se da resposta do bibliotecário Lodovico quando lhe perguntara por que o nome de Illuminato lhe parecia familiar. "Ele estava com

nosso mestre quando este tentou converter o sultão." *Illuminato, de novo!* Sem dúvida fora ele quem fornecera a Bonaventura os detalhes da viagem de Francisco para o Oriente, da mesma forma que Elias fornecera sua própria versão a Tomás. Ainda assim, isso não explicava a Conrad por que *Illuminato* sentira a necessidade de criar uma explicação diferente para a cegueira de Francisco anos depois de Tomás ter concluído sua biografia.

O frade foi buscar as anotações que trouxera do Sacro Convento e copiou o capítulo inteiro intitulado "*Do fervor do Abençoado Francisco e da enfermidade de seus olhos*". Um dia, se Deus assim quisesse, ele iria reler essas passagens e compreenderia exatamente por que o seu mentor considerava essa indicação da data tão importante para tê-la mencionado em sua carta.

Estava cada vez mais convencido de que o mistério de Leo estava centralizado nos eventos que tinham antecedido ou imediatamente se seguido à impressão dos estigmas. Portanto, quando pegou o outro livro que Amata trouxera de São Damião, o exemplar que as Damas Pobres possuíam da *Legenda Trium Sociorum*, foi direto para aquele incidente na vida do santo. O que encontrou levou-o às pressas de volta para as suas anotações.



— HÁ UMA NÍTIDA LACUNA, *MADONNA* — explicou para Donna Giacomina mais tarde, naquela mesma noite. — Uma lacuna tão grande que se poderia passar por ela com uma carroça carregada de feno. Agora sei *como* a obra *Três Companheiros* foi mutilada, embora ainda não consiga responder ao *porquê* de Leo. Nem ao *por quem*.

Duvidava que a nobre senhora fosse capaz de compreender os pormenores de sua última descoberta, mas chamou-a ao seu quarto porque tinha de compartilhá-la com alguém, pois estava a ponto de explodir.

— Veja aqui — exclamou, correndo o dedo ao longo de uma página. — O capítulo dezesseis da *Legenda dos Três Companheiros* termina com acontecimentos ocorridos em 1221. Em seguida, vem um breve resumo do episódio dos estigmas — no Ano 1224 de Nosso Senhor —, e depois disso o livro pula para a morte de São Francisco em 1226. Onde estão os cinco anos seguintes a 1221? Aconteceram tantas e tão importantes mudanças naqueles

anos, tanto na vida de Francisco como no seio da própria Ordem! Leo e os outros companheiros jamais teriam suprimido todos os acontecimentos de um período tão significativo.

— Exceto a impressão dos estigmas.

— Ah! Essa é outra coisa que quero lhe mostrar. Veja esta descrição de São Francisco um pouco antes do aparecimento do serafim. Leo escrevia de forma bem clara, mas seu estilo era simples, despretensioso. *Cum enim seraphicis desideriorum ardaribus*. Ou seja, *absorto no amor e desejo seráficos*. Isso é latim elegante, *madonna*. *Elegante!* E o autor também usa expressões filosóficas altamente técnicas, como essa *sursum agere*. Nenhum de nossos três companheiros escreveu isso. Esse tipo de frase somente poderia ter brotado do cérebro de um teólogo treinado em Paris.

Conrad deu-se conta de que estava falando cada vez mais depressa, de tão entusiasmado. Respirou fundo e expirou lentamente antes de se voltar para suas anotações. Enquanto isso, o olhar de Donna Giacoma denotava que toda essa preocupação com a latinidade estava acima de sua compreensão, embora se esforçasse para acompanhá-lo.

— Tenha paciência comigo por mais um momento, *madonna* — desculpou-se Conrad.

Espalhou algumas anotações suas ao lado do manuscrito.

— Aqui está a descrição da mesma cena por Bonaventura — ele apontava para a passagem específica enquanto falava. — O mesmo fraseado ocorre nas duas obras, aqui, e aqui, e aqui, salvo que, nesta parte, *quando a visão desaparece*, Bonaventura escreve *disparem igitur visto*, e a *Legenda dos Três Companheiros* diz *qua visione disparente*, usando o ablativo absoluto — que seria a escolha de uma mente menos madura, na minha opinião. A semelhança é impressionante, se levarmos em conta que Bonaventura compilou sua *Legenda Major* dezessete anos depois que Leo e os outros terminaram a *Legenda dos Três Companheiros*.

— E a que conclusão chegou?

Conrad cruzou os braços sobre o peito.

— Acho que conseguimos responder à pergunta de Leo: *De onde vem o serafim?* Deduzo que esse serafim, em os *Companheiros*, veio de Bonaventura, que eu sei ser fascinado por essa imagem em especial, uma fascinação sem dúvida estimulada pela história que Elias narrou a Celano. Acredito que o

homem que serviu como ministro geral em 1246, o ano em que Leo submeteu os *Companheiros* à sua aprovação, pediu ao então jovem Bonaventura para escrever essa parte que foi inserida. Esse homem, que também apagou os cinco anos do manuscrito, foi Crescentius de Iesi. Giovanni da Parma, que o sucedeu, jamais iria tolerar que adulterassem e mutilassem o texto de tal forma. Quando afinal Bonaventura veio a escrever sua própria legenda, anos mais tarde, apenas precisou copiar o estudo da cena que fizera anteriormente e introduzir alguns preciosismos gramaticais.

À medida que ia desenvolvendo sua teoria, Conrad teve a impressão fugaz de que o encarceramento de Giovanni talvez tivesse tanto a ver com a mutilação quanto com seu joaquinismo "herético" Donna Giacoma interrompeu o fio de seu pensamento.

— Mas por quê?

— Por quê? — enquanto reorganizava suas anotações, Conrad repetiu a pergunta que ela lhe fizera, num sussurro perplexo. — Essa é a pergunta que me faço sem parar. *Porquê?*

Juntou as folhas das anotações numa pilha sobre o *Companheiros* e inclinou-se para guardar os dois livros. O ruído de sandálias na galeria fez com que agisse rápido. Ainda estava inclinado quando Pio apareceu à porta.

— Tem alguém aqui do Sacro Convento; veio vê-lo, irmão.

— Um dos frades? Eles não podem sair de lá a essa hora.

— Ele está usando um hábito de frade, mas tem a minha idade. Acho que veio correndo. Estava tão esbaforido que mal conseguia falar.

— Disse seu nome?

— Disse. Ubertino da Casale.



AS FACES, O NARIZ E AS ORELHAS do menino reluziam com um rosado vivo, combinação de frio com exaustão. Irrequieto, alternava o peso do corpo de um pé para outro enquanto aguardava do lado de dentro da porta principal; os olhos, normalmente claros, estavam quase pretos de tanto que suas pupilas estavam dilatadas.

— *Buona notte*, irmão — Conrad cumprimentou-o. — O que houve? Por

que ainda está acordado depois das completas?

— Saí às escondidas depois de todos irem para a cama. Precisava falar com você.

— *Como* conseguiu? — indagou Conrad. Estranhamente, viu-se mais curioso quanto ao "como" do que ao "porquê" da visita de Ubertino. Havia passado por aquele dilema um mês antes. Até onde sabia, os frades trancavam por completo o Sacro Convento assim que a noite caía.

O rosto do menino enrubesceu mais ainda quando Donna Giacoma veio ter com eles. Parecia mais tímido ao dar explicações diante da senhora:

— Há uma porta baixa, pela qual se passa agachado, e que vai do mosteiro para a cripta que fica sob a igreja inferior. Nunca é usada e o cadeado está todo enferrujado. Um dos noviços mostrou-a para mim outro dia.

— Bem, você é um tolo. Bonaventura vai lhe dar um castigo severo se descobrir que veio até aqui. Ele tem espiões de olho nesta casa o tempo todo.

Um pouco de vermelhidão se esvaiu do rosto do menino.

— Não vi ninguém nas ruas respondeu, olhando de lado para a porta, tenso. Obviamente, não havia pensado na possibilidade de haver sentinelas. — Tinha de vir preveni-lo.

Donna Giacoma tocou de leve o braço de Conrad.

— Segure a língua por um momento, irmão. Não há necessidade de assustá-lo ainda mais. Deixe-o falar.

Ubertino sorriu, agradecido.

— Hoje fui eu quem serviu o jantar na enfermaria — disse para Conrad.

— O ministro geral tinha um convidado: frei Federico. Eles falaram de você.

Federico! Seria ele mais um dos espiões de Bonaventura? Teria procurado arrancar informações de Amata durante aquelas tardes, enquanto Conrad estudava?

— Federico contou que você tinha livros que frei Bonaventura deveria ver. O ministro geral ficou furioso! Ele disse que viria pegá-los... e pegar você também! Está planejando mandar Federico voltar para cá com outro frade para roubá-los. Disse que você provavelmente vai deixar a casa depois de amanhã. Um arauto veio ao mosteiro esta tarde anunciar que o papa está a apenas dois dias de viagem daqui. Vai ficar na cidade por muitos dias e frei Bonaventura disse que a cidade inteira irá para as ruas recebê-lo. Disse a Federico que vai

mandar capturá-lo assim que você se aventurar a sair.

Conrad ficou mudo como uma porta, e Donna Giacoma bateu com a bengala no piso de azulejo para tirá-lo do transe em que se encontrava.

— Bonaventura tornou-se tão perverso quanto os outros — disse ela. — O poder fez todos eles apodrecerem. Esperava coisa melhor dele.

Pio aguardava a uma curta distância no salão. A senhora fez sinal para ele.

— Amata deve estar na capela rezando as orações da noite. Espere do lado de fora ate que termine e traga-a aqui.

Enquanto Pio saía às pressas, a senhora tocou de leve o ombro de Ubertino.

— Você é um menino corajoso. São jovens como você e o nosso frei Conrad aqui que me dão alguma esperança quanto ao futuro da Ordem. Gostaria de tomar alguma coisa quente antes de voltar?

O menino fez que não.

Finalmente, Conrad conseguiu falar.

— Por que você se arriscou tanto por mim?

Ubertino ruborizou-se. Parecia alvoroçado, agora que cumprira a parte mais audaciosa de sua tarefa.

— Muitos frades dizem que você é um homem santo. Dizem que um dia desses o ministro geral vai trancafiá-lo para sempre. Isso não me parece correto, se você não fez nada de errado.

Conrad deu um sorriso mordaz diante da inocência do menino. Se você conhece as escrituras, sabe que foi assim que a Igreja começou: com a perseguição de um homem inocente.

Segurou a mão direita do menino entre as suas.

— *Mille grazie*, Ubertino. Espero que um dia possa retribuir-lhe o favor. Por ora, tome cuidado ao sair da casa. Não queremos que *você* seja preso e muito menos açoitado.

A porta fechou-se com um estalido atrás do noviço, ao mesmo tempo em que Pio voltava trazendo Amata. A moça lançou um olhar inquisitivo para o rosto de Donna Giacoma.

— Acabamos de receber notícias perturbadoras, Amatina — disse a anciã.

O sarcasmo, como um vento árido, conferia uma secura intensa às suas palavras.

— Nosso ministro geral está jogando pesado para obter sua promoção,

talvez até a sua canonização. Está disposto a sacrificar nosso piedoso amigo frei Conrad a fim de manter o mito da harmonia da Ordem, exatamente como fez com frei Giovanni da Parma.

As palavras dela causaram um choque em Conrad. Poderiam ter saído da sua própria boca! A senhora virou-se para ele, o rosto tenso de preocupação:

— Você precisa fugir, voltar para as montanhas.

O plano dela pegou-o desprevenido, e a Amata também. Deixou cair os ombros, desapontado, e notar a mesma sensação nos olhos da menina não facilitou as coisas para ele.

— Não é hora para a nossa pequena família ficar junta — continuou a senhora. — O idílio que vivemos no último mês foi apenas isso: um interlúdio.

Ela estendeu os braços e segurou cada um pela mão. Conrad hesitou, mas não retirou a sua.

— Se Deus permitir, estaremos juntos outra vez um dia, e isso enquanto eu estiver viva.

Soltou as mãos deles e perguntou a Amata:

— Pode levar os livros de volta para São Damião? Precisamos agir antes do nascer do sol.

A jovem fez que sim.

— Acho que vocês deveriam sair juntos da cidade, e pelo portão mais próximo, a Porta di Murorupto, na muralha norte. E esperar lá perto para poderem sair assim que soarem os sinos do ângelus e o portão for aberto — Donna Giacoma falava com a precisão de um capitão de exército distribuindo suas tropas e apertava irrequieta o castão da bengala enquanto sua mente organizava os pormenores.

— Seu cabelo está muito comprido, minha filha? — perguntou.

Amata levantou uma ponta da touca.

— Ótimo. Ainda não está muito grande. Está na hora de voltar a ser um noviço. Os guardas-civis vão ficar menos desconfiados de dois irmãos deixando a cidade do que de um de vocês viajando sozinho.

O olhos verdes da anciã faiscaram.

— Bonaventura não sabe que temos conhecimento dos planos dele, portanto temos o fator surpresa a nosso favor. Podemos agir enquanto os irmãos estão dormindo. Duvido que o ministro geral já tenha avisado os guardas da cidade, mas os frades que estão espionando na viela podem estar mais alertas do

que o habitual. Amata, fique em São Damião um ou dois dias antes de voltar para cá. Assim que Bonaventura descobrir que frei Conrad escapou, ele poderá convocar suas sentinelas.

Seus olhos iam de um para o outro, o rosto refletindo o orgulho e o medo, a raiva e também a tristeza que sentia por essa súbita ruptura de seu ambiente doméstico. Parecia esgotada, mas decidida. Novamente, estendeu as mãos para os dois e cerrou os olhos. Levantou o rosto para o alto e rezou.

— Meu Deus, que eu não precise renunciar aos meus filhos mais uma vez.

CAPÍTULO XXV



AMATA ESCONDEU-SE ATRÁS DE CONRAD no pórtico de uma casa junto à Praça de São Francisco. A noite exalava um cheiro de neve, gelo e lama. No ar cortante, o mais leve ruído — de ratos andando sorrateiros nos esgotos abertos, do vento fazendo ranger as correntes de onde pendia uma tabuleta — ecoava de forma assustadora pelas ruas desertas. Ela desejava poder encostar-se no frade para receber o calor do corpo dele, mas sabia que Conrad iria preferir que os dois morressem de frio a isso.

À sua esquerda, tinha uma ampla visão de toda a praça até a basílica; à direita, o portão trancado a barras de ferro da Porta di Murorupto bloqueava lhes o caminho. Ela e Conrad tinham se levantado de madrugada, ainda no escuro, quando os sinos da basílica convocaram os frades para as preces da manhã. Saíram discretamente da casa de Donna Giacoma com os manuscritos mais uma vez presos ao corpo de Amata. Até então, não tinham visto nenhum sinal das sentinelas de Bonaventura, mas a cada instante que passava e o portão permanecia fechado Amata ia ficando mais nervosa. Tremia de ansiedade e de frio, pois o vento atormentava seus pés, seus tornozelos e suas canelas. Uma gota de suor gelado traçou um caminho sinuoso pelas saliências de sua coluna. Apesar dos maxilares tensos, os dentes batiam uns contra os outros, e tão ruidosos que o frade se virou e franziu o cenho.

— O Ângelus já deveria ter soado — sussurrou ele.

O tempo parecia estar custando a passar também para Conrad, pensou Amata. O céu ainda continuaria escuro por algum tempo, mas, apesar disso, cada batida do coração media a passagem de uma eternidade.

De repente, Conrad murmurou algo inaudível. Ela esticou o pescoço para

enxergar por cima dos ombros dele. Duas lanternas vinham balançando da Via San Paolo, o caminho pelo qual tinham acabado de passar, e diretamente para onde eles se encontravam. Mais alguns passos e ela poderia ver os frades que as carregavam. Sentiu uma necessidade urgente de urinar; o medo apertava a parte inferior de seu abdômen e dava-lhe a sensação de estar desmanchando seus órgãos.

— Espere aqui — ordenou Conrad.

Colocou no chão a comida que a cozinheira de Donna Giacomina tinha embrulhado para a viagem.

— Esteja pronta, vá assim que o portão abrir. Alcanço você na estrada.

Antes que ela pudesse responder, ele já ficara de pé e caminhava abertamente pela praça, num passo cada vez mais rápido, até que praticamente corria quando chegou à basílica. *O que ele está fazendo?* As lanternas mudaram de direção e foram também para a igreja. Ela manteve os olhos fixos na parede lateral da basílica, que permanecia envolta na escuridão, esperando vê-lo reaparecer por uma porta diferente, como ela fizera no dia em que trouxera os manuscritos de São Damião.

Conrad saíra antes de ela poder lhe contar a idéia que vinha acalentando. Desejara falar-lhe antes, mas teve medo de abrir a boca, até de sussurrar, de emitir o menor ruído que pudesse revelar o local onde se escondiam. Preferiu esperar até que estivessem fora da cidade. E agora ele se fora.

Ela já havia ensaiado (e reensaiado) mentalmente o que diria. Em resumo, era o seguinte: será que ele permitiria que ela fosse também para as montanhas depois de devolver os manuscritos para as Damas Pobres? Sua vida na casa de Donna Giacomina fora a melhor que tivera desde que Simone della Rocca a arrastara para fora de Coldimezzo; entretanto, ela ainda precisava ser inteiramente livre. E, embora soubesse que não teria coragem de dizer exatamente essas palavras, seus sentimentos por Conrad também haviam ficado mais fortes. Jamais conhecera um homem tão interessado no seu bem-estar, ainda que não usasse as palavras mais amáveis para expressar isso, e que não lhe pedisse nada em troca. Lembrava-se da suavidade dos lábios dele roçando em sua testa quando se encontravam na saliência da montanha. "Um beijo de despedida, se viermos a morrer." Amata precisava daquele beijo naquele momento. Sabia que nunca poderia esperar nada mais além de amizade da parte dele. Mas ela possuía um desembaraço, uma engenhosidade que faltava nele. Ela

seria de grande ajuda para ele assim que aprendesse como viver nas montanhas. Poderia inclusive livrá-lo das tarefas cotidianas para que ele pudesse passar mais tempo em contemplação. Construiria uma outra cabana para si e viveriam juntos, mas separados, como dois eremitas santos, e ele poderia ser seu conselheiro espiritual.

Os frades com as lanternas entraram na basílica e o medo dispersou as fantasias dela. *Conrad! Onde você se meteu?*

O sino do campanário da basílica tocou três vezes, o ângelus, finalmente! Amata murmurou a prece, nunca antes de forma tão sincera, ao pôr-se de pé, acompanhando com o olhos o porteiro que saía em passos cambaleantes da casa do portão:

— "O anjo do Senhor anunciou-se a Maria,
E ela concebeu do Espírito Santo.

Ave Maria, gratia plena, Dominas tecum..."

O sino tocou mais três vezes e o porteiro suspendeu a barra de madeira que trancava o portão. Ainda não havia nenhum sinal de Conrad do lado de fora da igreja.

— "Eis a escrava do Senhor.

Que seja feita a Vossa vontade

Ave Maria, grafia plena..."

Ela tinha que ir. O sino iria tocar mais três vezes, quando o Verbo se fizesse Carne e habitasse entre nós, seguido de um terceiro momento de silêncio para a última ave-maria e a antífona, seguidos de um repicar prolongado enquanto os devotos, por toda a cidade, com os olhos vermelhos de sono, se levantariam de seus colchões.

Amata saiu das sombras e encaminhou-se para o portão; mas o terceiro badalar não veio. Já estava no meio da praça quando viu o porteiro parar e olhar para o campanário com ar de surpresa. Agora percebia por que Conrad a tinha deixado. Fora ele quem puxara a corda do sino, e os frades com as lanternas o haviam tirado de lá — ou pior, haviam-no capturado.

O guarda desviou os olhos da basílica para ela. Ainda segurava a barra do portão. Deu-lhe as costas apenas por um instante para repô-la no lugar. Uma lanterna apareceu na porta principal da basílica e dirigiu-se para o portão. Amata estava presa dentro da cidade!

Acima do limite das casas no extremo norte, uma colina coberta de

arbustos raquíticos subia até a Rocca. Os baluartes da cidade serpenteavam montanha acima, abrangendo a cidadela, de forma que a muralha norte da Rocca também constituía uma parte das muralhas da cidade. Amata escondeu-se entre os arbustos. Esperava poder ir caminhando entre as casas e a fortaleza c, depois, contornar o morro até chegar à parte baixa da cidade antes que os frades tivessem tempo de avisar os porteiros do outro lado. Também esperava que nem o frade nem o guarda fossem em seu encalço, Sabia que não dava para se esconder nos arbustos. Com a lanterna, seria fácil seguir suas pegadas pela fina camada de neve que cobria a encosta da montanha.

Ainda estava perto da praça quando ouviu alguém chamando com voz autoritária:

— Você aí, frade! Pare!

Sem olhar para trás, começou a correr, mas as sandálias deslizaram na superfície irregular e na camada de gelo que se formara sob a neve. Perdeu o equilíbrio e deu um grito ao deslizar um pouco montanha abaixo. Suas têmporas latejavam, mas recuperou o equilíbrio e recomeçou a subida.

— Vou atrás dele — Amata ouviu alguém gritar. — Você corta caminho pela cidade e fica vigiando lá embaixo.

Ela continuou avançando pelos arbustos, na esperança de poder deixar para trás o homem mais velho que a perseguia ou, no mínimo, de que a subida fosse igualmente difícil para ele. Agarrava-se nos arbustos conforme passava, sentindo os galhos lhe dilacerarem a pele das mãos e braços, mas, ao mesmo tempo, ajudavam-na a se manter em pé, pois os usava para se segurar. Os ruídos atrás de si ficaram mais distantes, o suficiente para ela perceber que ganhara distância do guarda. No entanto, ele ainda a perseguia, pois ela escutava umas imprecações ou o tilintar de metal, que indicavam a localização do guarda quando ele escorregava. Adiante, as primeiras luzes acinzentadas do dia desenhavam o perfil do monte Subasio.

Na metade da subida, Amata chegou a uma picada aberta que ziguezagueava montanha acima através dos arbustos. Mesmo coberta por neve, como era o caso, ela reconheceu o caminho para a Rocca. Parou e calculou que talvez conseguisse se livrar do guarda se primeiro fosse direto para o cume e depois atravessasse para o outro lado. Pelo ruído de sua respiração, ele parecia estar cansado, e a subida íngreme talvez fizesse com que desistisse de persegui-la. Subiu uns poucos passos mas teve de parar, assustada com uma passada

irregular vinda do caminho acima. Tarde demais, reconheceu o som cauteloso de cascos, já que o cavaleiro emergiu da escuridão quase em cima dela. Se estivesse galopando em ritmo normal, o enorme cavalo de guerra a teria atropelado.

Correu para se esconder no ponto mais afastado da trilha, mas o cavaleiro bloqueou seu caminho.

— Pare, frade — disse ele. — Deus colocou-o em meu caminho.

Amata reconheceu a voz gutural de Calisto di Simone e ficou paralisada. Em um delirante segundo, imaginou que o vigia noturno o tivesse avisado, mas logo se deu conta de que não haveria como ele saber da situação em que ela se encontrava. Enfiou cabeça no capuz e procurou se manter imóvel, embora pudesse ouvir estalidos na vegetação se aproximando.

— Você é padre? — indagou Calisto. — Meu pai está morrendo e precisa se confessar.

Ela precisava decidir rápido, encurralada como estava, num dilema sem saída. O guarda surgiria a qualquer momento de dentro da mata.

— Sou, *signore* — respondeu com a voz mais grave possível.

Não dissera uma palavra sequer desde que saíra da casa de Donna Giacoma, e a rouquidão natural dos primeiros momentos do dia colaborou para a sua farsa.

— Ajude-me a subir. Não temos tempo a perder.

Calisto soltou o pé esquerdo do estribo. Estendeu a mão para Amata, enquanto ela apoiava ali o pé calçado com a sandália. Embora quase todos os seus dedos se dobrassem ao redor da mão dela, o dedo indicador permanecia esticado, incapaz de vergar-se. Ela sorriu um sorriso desagradável por baixo do capuz ao dar impulso ao corpo para montar na garupa. Era uma pequena vingança, mas sabia que aquele homem jamais se esqueceria de uma menina que tentara violentar. Por um instante, passou-lhe pela cabeça terminar o serviço ali mesmo — enfiar sua faca entre as costelas de Calisto e lhe roubar o cavalo. Entretanto, assim continuaria aprisionada dentro das muralhas, e, sem dúvida, um frade galopando em um cavalo de guerra definitivamente chamaria a atenção.

— Segure-se no meu cinto — ordenou ele, enquanto esporeava o cavalo. Ela se segurou com todo o cuidado, desejando, em vez disso, agarrá-lo pela garganta. Golpeou o animal no traseiro para que ele fosse mais rápido. Naquele momento, agradeceu a Donna Giacoma por sugerir que ela amarrasse os livros

na cintura, um na frente e o outro nas costas. Isso não só lhe dava maior flexibilidade, como o livro que estava na frente agora lhe servia de escudo entre seu corpo e o de Calisto. Provavelmente, ela assim também aparentava mais idade, com uma circunferência maior na cintura.

Avistou a entrada do castelo à sua frente, escura como breu e contornada por tochas, abrindo-se como uma goela voraz. Prepare-se para voltar ao inferno, caçou uma voz dentro de sua cabeça. Estava ciente de que agora seu corpo tremia inteiro de medo, não mais de frio, pois o suor lhe escorria pelos lados e sob os seios apesar do ar gelado.

E se Calisto descobrisse quem era ela? Caso não a decapitasse com a espada larga ou a acha-de-armas, ela seria presa e seviciada para sempre. Sentiu-se tentada a pular da garupa e correr para se esconder outra vez, mas aí teria de se haver com um guarda decidido a agarrá-la, e isso ela também não queria. Restava-lhe, então, fazer o papel da pessoa que dizia ser. Presenciara a Extrema Unção ser ministrada somente uma vez, quando seu avô morrera, o *nonno* Capitano. Sabia que envolvia a santíssima crisma, mas não trazia nenhum tipo de óleo consigo. Será que poderia usar o óleo de oliva da casa e murmurar algo semelhante a uma bênção sobre ele? Talvez pudesse alegar a urgência da situação para justificar a supressão de parte do ritual. Decidiu que se ofereceria para ouvir a confissão de Simone e pediu a Deus para inspirar seus atos daí para a frente.

— Abaixem a cabeça! — gritou Calisto, enquanto atravessavam o pátio num tropel.

A porta da frente da Rocca se abriu e ele entrou no castelo sem desmontar. Transpôs vários corredores até chegar ao salão principal. Amata saltou do cavalo, ele apeou e entregou as rédeas a um criado. Diversas pessoas segurando velas acesas estavam reunidas ao redor de uma cama, no centro do aposento.

Amata mal podia acreditar que aquela figura mirrada, afundada nos travesseiros, fosse seu antigo torturador — aquela mariposa murcha, branca como pó, de asas e antenas arrancadas, com pequenas cavernas pretas no lugar dos olhos. A exceção de um dos braços que repousava fora das cobertas, a roupa de cama envolvia o resto do corpo, do pescoço aos pés, como uma mortalha em forma de casulo. Ela caminhou direto para ele e postou-se ao lado da cama, mantendo o capuz na cabeça.

— Por favor, saiam da sala e fechem as portas para que eu possa ouvir sua

última confissão — disse ela.

— Ele não fala — explicou Calisto. — Apenas balbucia alguns sons quase ininteligíveis.

Amata não tinha considerado essa possibilidade. Olhou para o vulto imóvel.

— Está parálítico? Consegue mexer a mão, um dedo, pelo menos?

— Está parálítico, mas apenas de um lado.

— Então vou recitar a ladainha do pecado para ele, e poderá responder "sim" ou "não" movendo o dedo para cima e para baixo ou para os lados.

Calisto assentiu e retirou todos da sala. Quando a porta se fechou atrás deles e ela se viu a sós com Simone, dirigiu-se ao inseto nos travesseiros:

— Consegue me escutar, pecador miserável? — começou.

Uma expressão de terror acendeu-se nos olhos fundos de Simone ao se voltarem para ela.

— É isso mesmo, você está morrendo. Pediram me para vir salvar sua alma do fogo do inferno. Alguma vez deu falsos testemunhos ou proferiu o nome de Deus em vão? — a mão dele fez um leve movimento. — Claro que sim. Milhares de vezes, pois foram muitas as que ouvi com meus próprios ouvidos. E também não é verdade que desonrou a Santa Mãe de Deus e a senhora sua esposa com seus atos de adultério, abusando das criadas e dos criados e até mesmo de sua filha, entregando-se à luxúria de seu coração? Concorda que merece queimar no fogo do inferno por milhões de eternidades por causa de seus crimes?

Agora, o terror se misturava à súplica nos olhos encovados, mas ela não abrandou o tom.

— Não é verdade que matou Buonconte di Capitanio quando ele rezava na capela de Coldimezzo, com o filho e a esposa Cristiana? Não é verdade que escravizou a filha dele e submeteu-a às mais cruéis violências? Não tente negar seus pecados, Simone, pois Deus enxerga dentro dos mais profundos recessos de sua alma perversa.

O velho cavaleiro tentou soltar-se, mas ela o agarrou pelo ombro e o imobilizou. Amata tirou o capuz da cabeça.

— Olhe para mim com atenção — ela ordenou. — Pode ver que sou aquela mesma Amata, Amata di Buonconte, a quem você destruiu, e não um padre? Não tenho o poder de aliviar sua alma, ainda que quisesse. Nesta mesma

noite, você vai dançar com o demônio no inferno, e em todas as noites daqui em diante por toda a eternidade. Você está condenado ao inferno, Simone! *Condenado, perdido!*

Reunindo suas últimas forças, Simone estendeu o braço ainda são para pegar uma sineta na mesa-de-cabeceira, mas Amata segurou-lhe o punho com firmeza e manteve a mão dele suspensa no ar. Ela sentia todo o poder dele se esvaindo.

— Quando vivi aqui como prisioneira — ela disse —, você era como uma sanguessuga grudada no meu coração, que chupava o sangue da minha vida. Agora, finalmente, a criatura nojenta despregou-se e voltou para o *seu* coração, onde, assim espero, vai se empanturrar até você estar podre demais para alimentá-la.

O cavaleiro começou a tossir, e a saliva lhe escorria pelo queixo. Foi sufocando mais à medida que fazia força para libertar a mão, e a palidez do rosto primeiro adquiriu uma tonalidade róseo-azulada, passando em seguida para um roxo intenso. Conforme o rosto escurecia, fios curtos e espetados da barba branca iam surgindo em sua face. Para Amata, pareciam estrelas emergindo num céu que anoitece. A novidade da imagem captou sua atenção, embora parte de sua mente também registrasse que Simone não estava conseguindo respirar. Nesse estado de fascinação que se assemelhava a um sonho, segurou firme o punho do homem até ele parar de fazer força. Então, cruzou-o sobre seu peito. Tirou o outro braço de debaixo das cobertas e colocou-o sobre o primeiro.

— Canalha — disse ao deixar a mão cair.

Secou os olhos com as costas da mão para deter as lágrimas quentes que inesperadamente brotaram.

— Você chegou até a roubar o anel que *nonno* Capitano deu a meu pai.

Tentou tirar-lhe do dedo o anel de lápis-lazúli, mas a mão estava muito rígida.

— Covarde, ladrão, canalha — disse entre dentes.

Tentou apanhar a faca que trazia presa à cintura, com a intenção de decepar-lhe o dedo do anel, mas naquele exato momento a porta se abriu com estrépito. Cobriu outra vez a cabeça com o capuz e disse numa voz soturna:

— Foi-se. Que a sua alma receba agora sua justa recompensa. Gesticulou com a mão sobre o cadáver, tomando cuidado para não fazer o sinal-da-cruz e abençoá-lo sem querer, depois se dirigiu para a porta. No corredor, Calisto se

empertigou, numa pose condizente com o novo *signore* de Rocca Paida.

— Pare na cozinha antes de partir, padre.

Fez sinal para uma criada, e Amata seguiu a mulher.

Ela conhecia muito bem o caminho para a cozinha, assim como sabia onde todos os outros corredores daquele labirinto iam dar. Quantas vezes ela e sua ama tinham brincado de esconde-esconde naqueles corredores? Quantas vezes os utilizara para escapar de Simone e de seu filho? A certa altura, onde dois corredores se cruzavam, deixou que a criada fosse em frente enquanto tirava as sandálias e saía depressa, nas pontas dos pés, para a direita. Precisava alcançar a próxima esquina antes que a mulher se desse conta de que ninguém mais vinha atrás dela. Foi para a esquerda, depois para a direita, desceu um lance de escadas e chegou ao portão norte do castelo. Levantou a barra que o trancava e empurrou-o para abrir.

Estava livre, fora das muralhas do castelo e do lado de fora da cidade! Agora podia contornar Assis sem dificuldade, mantendo-se a uma distância segura das fortificações e usando a proteção dos bosques dos arredores enquanto seguia para São Damião. Devolveria os manuscritos e, então, se a boa sorte não a abandonasse, encontraria Conrad. Se ele tivesse conseguido escapar, fugiria para o eremitério; ela o seguiria até lá e lhe contaria seus planos.

O céu clareara, branco e límpido, salvo por uma nuvem de chuva solitária, tão escura quanto cinza de carvão, que pairava exatamente em cima da Rocca. Enquanto a observava, a nuvem começou a deslocar-se, devagar no começo, logo mais rápido, na direção do sul. Amata pensou: lá vai aquela alma tenebrosa e irredimível, acompanhada dos milhões de imagens sórdidas que a alimentavam. Visualizou Simone se contorcendo num mar de chamas, gritando de dor, sendo espetado por uma legião de demônios armados de lanças e forçados em brasa. *Obrigada, Senhor, rezou, por permitir que eu tomasse parte na perdição da alma de Simone.*

Vingara a morte dos pais — ainda que só parcialmente. Algum dia, de alguma forma, iria infligir vingança igual a Angelo Bernardone, o comerciante de lã que contratara Simone e seu filho sanguinário.

Capitulo XXVI



NO PRIMEIRO DIA, CONRAD FICOU numa cela isolada, esperando Bonaventura decidir seu destino. Dois frades o revistaram e levaram seu breviário, a carta de Leo, seu sílex e a faca que usava para comer. As anotações, ele as havia deixado para trás, na casa de Donna Giacoma. Quanto à carta, havia muito que a conhecia de cor e, de certa forma, teve uma sensação de alívio por se livrar de suas outras posses. Agora não tinha absolutamente nada, salvo a roupa do corpo que o recato exigia. Os frades deixaram-lhe os dois hábitos — a velha e esfarrapada túnica que *ele* insistira em vestir ao sair da casa de Donna Giacoma, e a nova que *ela* insistira que ele vestisse por cima. A senhora achava que o guarda do portão ficaria mais propenso a deixá-lo passar se estivesse vestido como um irmão Conventual. Entretanto, os frades levaram embora a capa de lã e arrancaram o capuz dos seus dois hábitos, para indicar o estado de desonra em que encontrava.

A cela úmida do subterrâneo tinha o aroma de terra recentemente remexida. Ficou grato pelo hábito extra, já que não podia movimentar-se para se manter aquecido. Um grilhão de ferro lixado na parede prendia-lhe um dos tornozelos e uma coleira de couro restringia os movimentos da parte superior de seu corpo. Passadas algumas horas no aposento sem janelas, ele perdeu toda a noção de tempo. Não soube em que ponto do dia ou da noite os frades voltaram. Um soltou-lhe o tornozelo e o outro puxou-o para fora por uma corrente presa à coleira. Lembrou-se de ter visto, em um festival da colheita, um urso ser puxado pela coleira e acorrentado a uma estaca, onde tivera que lutar contra uma matilha de cães ferozes e afinal sangrar até morrer devido às inúmeras feridas causadas pelas dentadas. Talvez tenha sido essa lembrança que provocou um mau

pressentimento em seu coração.

A claridade do aposento em que finalmente entraram obrigou Conrad a fechar os olhos e apertá-los por um instante. Ao reabri-los pouco a pouco, viu um fogo crepitante num canto e, em uma pilha ao lado, uma ameaçadora coleção de tenazes, atizadores de chamas e ferramentas de metal de formatos estranhos. Um terceiro frade estava inclinado sobre o fogo. Seus captores o haviam levado para uma sala de tortura!

Teve o súbito pressentimento de que Bonaventura pretendia marcar sua testa antes de deixá-lo partir — uma advertência para outros irmãos desobedientes. A entrada de Conrad, o irmão torturador extraiu das chamas um atizador e soprou-lhe a ponta em brasa. Pequenas fagulhas se espalharam, e a ponta pulsou com um alaranjado vibrante. *E agora vem a garra do grifo*, pensou Conrad.

Os dois frades o levaram para uma parede, onde o acorrentaram pelos tornozelos e punhos. Um dos grillhões beliscou a pele de sua perna quando se fechou com um estalido e ele gritou sem querer. Sem virar o rosto, o homem que estava junto ao fogo disse:

— Como disse o gavião para a galinha ao agarrá-la: "Pode gritar agora, mas o pior ainda está por vir."

Conrad conhecia aquela voz, porém quando a escutara da última vez ela vinha de alguém tão aflito como ele estava agora. O homem se virou devagar e, na claridade incerta do fogo, o frade viu o cabelo cor de palha e a cicatriz que lhe cobria metade do rosto. A boca se contorceu num sorriso perverso, enquanto o olho bom de Zefferino o fitava.

— Uma aparência nada agradável, não é, irmão? Dá para entender por que pedi para ser o carcereiro aqui. Lá em cima, este rosto só causa repugnância e zombaria.

Fez sinal para os outros dois saírem na sala.

— Torturar é um trabalho novo para mim. Não quero que eles passem mal caso eu estrague o serviço — explicou a Conrad.

— O que você pretende fazer?

Zefferino virou-se de novo e falou para as chamas:

— Pretendo observar uma antiga lei: olho por olho.

Girou a cabeça e lançou um olhar de pura maldade para Conrad.

— *Mas por quê?*

— Por se meter onde não é chamado. Achou que podia desconsiderar a advertência do ministro geral sem ser punido? *Quando si è in ballo, bisogna ballare*. Quem vai para o baile tem de dançar.

— Zefferino, pelo amor de Deus! — implorou Conrad. — Eu lhe dei a absolvição quando você pensou que estava morrendo. Mandei que fossem socorrê-lo na capela.

O frade não respondeu, e Conrad continuou:

— Cristo aboliu a lei do Velho Testamento. Ele a substituiu pela nova lei do amor e do perdão. Perdoe seu inimigo setenta vezes sete.

Zefferino endireitou o corpo e soprou o atizador pela ultima vez.

— Ele também disse "Se teu olho te ofende, arranca-o". E o teu olho, a tua visão sem obstáculos ofende-me muitíssimo, frei Conrad. É por tua causa que sou o que sou e estou hoje onde estou.

Enquanto o frade atravessava a sala, passou rapidamente pela mente de Conrad um episódio da vida de São Francisco, da época em que os doutores tentaram lhe curar a cegueira cauterizando as veias desde a mandíbula até a sobrancelha. Embora amedrontado, Francisco implorou ao Irmão Fogo: "Seja bondoso comigo nesta hora. Seja delicado. Modere seu calor para que eu possa suportá-lo quando me queimar." Conrad repetiu o apelo, dirigindo-se ao atizador inanimado.

O cheiro do ferro em brasa perto de seu rosto ressecou-lhe as narinas, e ele cerrou os olhos. A explosão de uma dor cruel atravessou sua pálpebra quando a garra incandescente queimou-lhe a carne. Conrad gritou, a despeito da estóica imagem de São Francisco em sua mente.

— Alegre-se por eu ter perdido apenas metade da minha visão, irmão! — Zefferino gritou mais alto que os seus guinchos de dor, pouco antes de Conrad tombar, inconsciente.



ORFEO NUNCA IMAGINOU QUE as muralhas de Assis pudessem lhe parecer tão acolhedoras. A última semana da viagem tinha sido terrível, com a neve cada vez mais alta e os lobos se tornando mais audazes a cada dia, em busca dos restos de comida deixados pelo comboio. Os romanos perderam dois cavalos,

numa noite em que, assustados, os animais conseguiram se soltar e fugiram do acampamento, levando atrás de si a matilha de lobos. Só dois dias mais tarde os lobos voltaram.

As muitas horas de montaria o abateram. Se aprendera pelo menos uma lição nesta viagem, era saber que preferia mil vezes o banco duro de madeira de uma galera a uma sela de couro. Pelo menos o banco não saía do lugar. O papa, por ser mais velho, estava ainda mais esgotado que ele, pois sua carruagem ia aos solavancos pelo calçamento de pedra da estrada, adernando de um lado para o outro num sacolejar interminável. Tebaldo apreciava os pernoites nas vilas maiores e nas cidades, onde podia sair para esticar as pernas, enquanto agradecia os aplausos e a boa acolhida de seus moradores, e também dormir mima cama de verdade.

A comitiva papal entrou em Assis pelo portão sudoeste. A população se enfileirou ao longo da muralha sul, debruçando-se e acenando entre as ameias, e centenas de pessoas se espalhavam do lado de fora da cidade. Como em todos os outros lugares por onde passavam, as montanhas ao redor ressoavam com gritos de "*Viva o papa!*".

No sopé do morro, à esquerda, Orfeo avistou o convento onde as freiras de seu tio Francisco viviam. Uma mulher desacompanhada, vestida com um manto negro sobre um hábito cinzento, subia o caminho que vinha de São Damião. Dirigia-se para a estrada principal a passos rápidos, apressando-se para participar do espetáculo.

Orfeo apeou quando a carruagem do papa se deteve diante do portão. A multidão se afastou para dar passagem a um cidadão ricamente vestido e a um frade. O pontífice foi ao encontro deles.

Orfeo supôs serem o prefeito da cidade, que não reconhecia, e frei Bonaventura, o ministro geral que Tebaldo elogiava tanto. Faltava apenas o bispo de Assis para completar o quadro.

O jovem aproximou-se puxando seu cavalo, enquanto o líder secular e o religioso caíam de joelhos diante do papa e beijavam-lhe o anel. Ao se levantarem, Tebaldo conversou quase que somente com Bonaventura sobre a reforma da Igreja e o Concílio Geral, que pretendia convocar assim que estivesse acomodado à sua nova função. O ministro geral respondeu que o palácio do bispo, ora desocupado, fora preparado para a visita de Sua Santidade, e que desejava discutir com o papa sobre a vacância do bispado. Adiantou que

tinha um excelente candidato em mente, um de seus frades. Os dois homens então recuaram quando Tebaldo fez sinal para que Orfeo se aproximasse.

— Queremos abençoá-lo, meu filho, antes que siga seu caminho. Saiba que seremos eternamente gratos por sua ajuda e que, se algum dia necessitar de um favor do papa, basta pedir.

Orfeo ajoelhou-se na neve derretida diante de Tebaldo, que colocou as duas mãos sobre sua cabeça e rezou em silêncio. Depois, segurou Orfeo pelos ombros e o ajudou a levantar-se.

— Lembre-se do que lhe falei. A animosidade entre pai e filho quebra a ordem natural das coisas. Vá e faça as pazes com os seus. Que muitos sejam os seus dias, e que sejam repletos de graças e alegrias, e que Nosso Pai o receba em Seu seio quando chegar a sua hora. Jamais o esqueceremos.

A multidão calara-se durante a bênção do papa. Ao olhar em volta, Orfeo viu um respeito próximo da reverência nos olhos dos espectadores. Sem dúvida, eles não o reconheciam como um dos seus, mas apenas sabiam que em alguém da predileção especial do santo padre.

Na frente da multidão, encontrava-se a mulher do manto negro. Era jovem, bela e parecia-lhe vagamente familiar, embora a maioria das mulheres da região tivesse aqueles olhos escuros amendoados. Ela também o fitava com curiosidade. Tentou imaginar que aparência ela teria seis anos antes, mas desistiu quando se deu conta de que seria pouco mais do que uma criança — como ele próprio, naquela época.

Outras autoridades se aproximaram para receber a bênção do pontífice. Orfeo puxou seu cavalo pela rédea e foi passando pelo meio do povo reunido rumo ao portão. Observou que a mulher o seguia a uma curta distância, talvez querendo ouvir o que ele diria ao guarda. Parecia interessada. Ele aproveitaria a oportunidade para se apresentar.

O porteiro o cumprimentou:

— Está pretendendo ficar uns tempos conosco, *signore*?

— Estou de volta. Ainda não sei por quanto tempo — e riu do olhar de espanto do guarda. — Não me reconhece, Adamo? Sou Orfeo di Angelo Bernardone.

— Meu Deus, como você cresceu — disse o guarda. — Era um molecote quando foi embora. Olhe só agora! Um homem feito.

Orfeo sorriu e relanceou os olhos com ar displicente para a mulher. A

ferocidade do olhar dela ao passar apressadamente por ele e entrar da cidade o deixou perplexo.



ENQUANTO IA SUBINDO PELAS RUAS DA CIDADE, Amata visualizou o filho de Bernardone outra vez, o homem vagamente familiar que encontrara no portão e que se chamava Orfeo. Sua imaginação se agitou. O velho Angelo provavelmente sofreria muito mais com a morte do filho do que se ela o atacasse diretamente. Teria de perguntar ao *Maestro* Roberto onde vivia o clã. Inventaria um pretexto para ir até lá, num dia de feira, talvez, em que os Bernardones estivessem em grupo exibindo suas mercadorias. Para sua própria segurança, deveria exterminar toda a família, galho, tronco e raiz, mas, caso conseguisse se vingar apenas nesse Orfeo antes que alguém lhe tirasse a faca da mão, morreria satisfeita.

A euforia que tomara conta de Amata nos últimos dois dias, desde que despachara Simone della Rocca para o inferno, acabou se momentos depois de chegar à casa de Donna Giacomina.

— Bonaventura o pegou disse a senhora assim que Amata entrou em casa. O vazio daqueles olhos verdes refletia sua aflição. Pela primeira vez desde que Amata viera a conhecê-la, a senhora parecia ter perdido as esperanças e aparentar toda a idade que tinha.

— O menino Ubertino voltou ontem à noite. Contou que os frades capturaram Conrad na basílica e o levaram para a masmorra.

Amata precisou de uns instantes para absorver o choque daquela notícia. Sua mente ainda estava imersa em imagens da vingança contra Angelo Bernardone e seu filho. Quando finalmente falou, a voz estava tão desanimada quanto a disposição da nobre senhora.

— Voltei para avisar à senhora que queria ir com ele.

Donna Giacomina inclinou a cabeça e suspirou, recitando:

— *Amor regge senza legge*. O amor rege sem regras.

Pegou o braço de Amata.

— Nunca daria certo, filha. Onde quer que ele viva, livre ou encarcerado, Conrad será somente de Deus.

E acrescentou:

— Mas fique aqui conosco e seja paciente. Pode ser que ele ainda seja libertado. Amata assentiu, embora mal tenha escutado as palavras. Retirou o braço e foi para o quarto atordoada. Estirou-se na cama e escondeu o rosto com as mãos. Tocou a faca escondida sob a manga, resistindo à tristeza e à vontade de chorar. *Realmente não me resta nada a não ser a vingança*, pensou.

Sua mente levou-a de volta a Coldimezzo e, da balaustrada de sua torre, escutou novamente a discussão entre o pai e o comerciante de lã. Lembrava-se que os filhos de Angelo Bernardone tinham-se agrupado em torno do pai enquanto ele bradava e ameaçava. Todos, exceto um deles, o rapaz bonito que desencadeara nela o devaneio sobre bebês. O menino não dera qualquer atenção ao tumulto. Em vez disso, improvisara um fantoche com um lenço amarelo e virara-se na montaria para sorrir para ela — *o mesmo sorriso complacente que acabara de ver em seu rosto quando se virará para ela no portão*.

Não conseguiu mais abafar as lágrimas, que caíram livremente sobre o travesseiro.

— *Ele não!* — murmurou. — Oh, *papa, mamma*, Fabiano... Será que tem de ser ele a pagar?

Chorou até esgotar toda a tristeza de seu coração. Então, sentou-se na beirada da cama e enxugou o rosto com a manga. Enquanto o coração vazio se petrificava em seu peito, Amata sussurrou a promessa:

— Que seja. Ale mesmo *ele*.



CONRAD TENTOU SUPORTAR SEU SOFRIMENTO um instante de cada vez. *Posso lidar com a dor por este instante, se não mais*, repetia para si. *Por este instante, se não mais. Por este instante...*

Andava cambaleante atrás da luz da tocha de Zefferino, protegendo o olho mutilado com a palma da mão. Ouviu o clique de uma chave num cadeado e o carcereiro levantou a grade de uma cela. Ainda tremendo por causa do choque, Conrad o seguiu escada abaixo, pelos degraus gelados. Na câmara de tortura, Zefferino amarrara tiras parecidas com peias de falcoeiro em seus tornozelos e agora passava uma corrente através das alças e a prendia aos grilhões. Uma

escuridão negra como o pecado mortal envolveu-o assim que o guarda fechou a grade e a luz da tocha desapareceu aos poucos na passagem que servia de corredor para aquele submundo. Lutou para não perder a consciência, mas acabou sucumbindo e mergulhou novamente num vácuo.

Mais tarde — minutos, horas ou dias, não saberia avaliar — fez força para se levantar. A tremedeira havia passado, mas a dor aguda no olho era excruciante.

Não era a mesma cela em que estivera antes. Nesta havia um declive que começava junto aos degraus e terminava na extremidade oposta. O silêncio também não era total. Escorria água pela parede à sua direita. Tateando as pedras da parede com uma das mãos, andou até encontrar uma área úmida e inclinou-se para receber no olho, agradecido, o fio de água gelada. Enquanto molhava a ferida, refletia sobre a ironia da situação: como, através dos intrincados propósitos da mente de Deus, ele e Zefferino haviam perdido um olho, e nenhum dos dois aprendera nada com isso. Ambos tinham sido igualmente impedidos de cumprir suas missões. Ele se tornara um prisioneiro de verdade; Zefferino estava praticamente encarcerado ali dentro. E, no entanto, apesar dessas características em comum, Zefferino insistia que eram inimigos.

Sentiu um fedor vindo do canto. *A água deve empoçar ali e formar uma latrina ao escoar por um buraco na parede. Mas, se a latrina fedia, devia estar sendo usada.* Virou-se e percorreu o ar pesado com a vista que lhe restava.

— Há mais algum prisioneiro aqui? — perguntou.

Um estalido de metal ecoou do outro lado. Uma voz fraca crepitou como o estertor de um moribundo.

— Por que estamos aqui, *mamma*? Por que não pudemos ir embora?

— Qual o seu nome, irmão? — perguntou Conrad.

A voz prosseguiu numa toada monótona:

— "Uma cerca de árvores me rodeia, a melodia do cuco soa para mim."

Conrad encostou de novo o rosto na parede molhada. A água escorreu-lhe pelo queixo e pelo hábito como uma fonte de desespero. Ele sabia que, ao longo dos anos, muitos frades haviam sido presos sob a acusação de serem cismáticos ou hereges e condenados à prisão perpétua, privados de livros e de sacramentos. Os ministros temiam tanto a influência desses homens que até os frades que lhes levavam comida eram proibidos de falar com eles. Todas as semanas, o hebdomadário relia suas sentenças nos capítulos dos vários mosteiros, com a

clara implicação de que qualquer irmão que refletisse em voz alta sobre a injustiça dessas sentenças compartilharia igual destino. Conrad tinha consciência de que não era herege; contudo, Bonaventura poderia considerá-lo cismático e usar este pretexto para sentenciar-lhe prisão perpétua também. *Quantos meses ou anos levaria, ponderou, para ficar igual ao pobre coitado do outro lado da cela?*

O homem cantou novamente, dessa vez um poema que Conrad lembrava de seus tempos de menino:

— "O navio parte esta noite
Sob o brilho claro do luar,
Com velas brancas a ondular.
O navio parte esta noite."

Conrad teve um repentino e perturbador vislumbre da identidade do companheiro de cela. Aumentou o tom de voz como se tivesse chamando por alguém:

— Giovanni. Giovanni. Está na hora de entrar.

— *Vengo, mamma* — o homem respondeu com voz de criança. — Estou indo.

Os ruídos de passos arrastados e de metal tilintando ficaram mais próximos à medida que diminuía a distância entre eles. O homem parou a apenas alguns passos e Conrad afinal distinguiu uma criatura quase despida, cadavérica, cambaleante, pálida e espectral na escuridão. O prisioneiro bem poderia ser um esqueleto trazido pela maré se não fossem os cabelos brancos que lhe chegavam aos ombros e a barba desgrenhada, que lhe vinha quase até a cintura. Conrad estendeu a mão e tocou as costelas expostas do homem.

— Pobre menino — disse ele. — Perdeu seu manto.

Lágrimas salgadas fizeram arder fortemente o olho mutilado enquanto ele tirava o hábito de cima e ajudava a criatura a enfiá-lo pelos braços e cabeça. Depois, envolveu o atrofiado homem-criança um grande abraço e o embalou do mesmo modo que havia embalado a assustada Amata na saliência da montanha, oscilando ao som do retinir tios grilhões que os prendiam.

— *Mettisi il cuore in pace*, Giovanni. Pode ficar tranqüilo. *Mamma* vai cuidar de você.

— Por que não podemos ir embora daqui, *mamma*? — o homem perguntou de novo. — Não gosto deste lugar.

— Um dia — Conrad confortou-o —, um dia.

Propenso, como sempre, a ver a mão de Deus em todas as circunstâncias, a criatura que compartilhava a sua cela fez com que o frade voltasse a tremer, tamanho foi o desalento causado por seu lamentável reencontro com um herói que ele idolatrara tanto quanto frei Leo: o universalmente reverenciado ministro geral deposto Giovanni da Parma.

CA P Í T U LO XXVII



UMA FARTURA DE CENÁRIOS CONHECIDOS abriu-se diante de Orfeo ao entrar a cavalo no mercado: o Templo Romano de Minerva e a Chiesa di San Niccolo, que ficava diante da casa de sua família. Durante sua ausência, a praça do mercado tinha sido pavimentada com tijolos, o que quase encobria os degraus que levavam ao templo e fazia com que os cascos do cavalo ressoassem de forma diferente. À esquerda da igreja viu a tenda permanente do mercado reservada para a sua família. Tanto a casa quanto os negócios não podiam estar melhor localizados, no coração da cidade; a praça se abria a apenas alguns passos do armazém onde os empregados de seu pai trabalhavam com os tosões que chegavam de toda a Úmbria.

A cavalo, Orfeo contornou a igreja até a casa de pedras onde vivera os primeiros quinze anos de vida. Tudo estava estranhamente calmo. O mais provável era que os criados da casa e os trabalhadores tivessem saído, como o restante dos moradores, para ver o papa.

Entrou no pátio, apeou, amarrou o animal e respirou fundo. Até o som de sua batida na porta ressoou misteriosamente oco na cidade silenciosa. Um criado que não conhecia abriu a porta — um homem alto e espadaúdo, que precisava se abaixar para olhar pela abertura. Parecia mais apto para ser um soldado do que um criado doméstico. Confirmou que os irmãos de Orfeo haviam saído.

— Então vou esperar aí dentro até que voltem — disse Orfeo. — Sou o filho mais novo do *Sior Angelo*.

Uma sombra de desconfiança passou pelo rosto do criado.

— Achava que conhecia todos os filhos do *signore*. Se é com seu pai que deseja falar, vai encontrá-lo no escritório de contabilidade. Vou mostrar-lhe o

caminho.

— Não precisa. Sei onde fica.

Bem característico de seu pai, deixar escapar sua única chance na vida de ver um papa pessoalmente para ficar contando dinheiro. Na realidade, isso agradou Orfeo, pois assim teria a chance de conversar com o pai a sós, antes de seus irmãos voltarem. O reencontro já seria bastante difícil sem uma platéia.

— Vou assim mesmo — o homem replicou com voz firme. — Cruzou os braços, quase bloqueando a entrada de Orfeo na casa.

Orfeo deu de ombros e abriu as mãos.

— Claro. Ele não iria gostar de ver uma pessoa estranha chegando sorrateira pelas suas costas.

Tentou sorrir, mas o outro não esboçou nenhuma reação.

O homem afastou-se e, lado a lado, atravessaram a casa até o escritório. O coração de Orfeo se acelerou quando o criado abriu a porta para deixá-lo passar. Enxugou na túnica as mãos úmidas.

O pai estava sentado à mesa iluminada pela luz que entrava por uma janela, de costas para a porta, com folhas de pergaminho espalhadas diante dele. Absorto no trabalho, lançou apenas uma olhadela superficial a Orfeo e ao criado.

Antes, Ângelo Bernardone fora sólido e robusto, como seu filho mais novo; todavia, muitas décadas sentado à escrivaninha o haviam transformado num ancião obeso. Na mão gorda que segurava a pena suspensa sobre a pele de carneiro reluziam pedras preciosas que enfeitavam cada um dos dedos roliços — com a finalidade, sem dúvida, de repelir as dores nas juntas. Usava uma braçadeira preta na manga.

— Trabalhando nos livros, pai, mesmo com o papa ali no portão da cidade? — Orfeo esperava que sua cordialidade não soasse muito afetada.

O pai resmungou, com o nariz ainda mergulhado nos seus afazeres:

— É esse maldito sistema de registro contábil por partidas dobradas que os florentinos inventaram.

Parecia que estava prestes a dar uma explicação, mas fez uma pausa e virou-se pesadamente no tamborete.

— Quem diabos é você?

— Será que mudei tanto assim? Sou eu, Orfeo.

De novo, o rapaz forçou os lábios a se abrirem num sorriso, apesar do desânimo que o acometia. Já pressentia que a tentativa de reconciliação estava

fadada a um completo fracasso.

— Não conheço ninguém com esse nome. Saia da minha casa.

O criado tentou pegar a espada, mas Orfeo o fez parar, erguendo a mão.

— *Papa*, isso também não é fácil para mim. Viajei desde Acre com o novo papa e estou aqui porque foi ele quem insistiu pessoalmente para que eu viesse fazer as pazes com você.

As dobras do queixo de Angelo Bernardone ficaram rosadas como a pele de um porco depois de um banho de esfrega.

— O papa em pessoa, foi o que disse? E acha que isso deveria me convencer a perdoar um filho ingrato, que deu as costas ao próprio pai e aos irmãos? Não se esqueça de que cresci tendo de conviver na mesma casa com um lunático que todos em Assis proclamam ser um segundo Cristo. É evidente que me impressiono menos com homens santos do que você. Aqui estão as pazes que lhe ofereço, Orfeo último-dos-Bernardone, e ouça bem o que vou dizer: nunca mais você será parte de mim ou dos meus. Se você se casar, declaro viúva a sua mulher e órfãos os seus filhos. A sua herança, dêo a seus irmãos. E o único abrigo que lhe ofereço são os ventos que sopram dos quatro cantos do mundo. Eu o entrego aos animais da floresta, às aves do céu e aos peixes do mar.

E virou-se outra vez para suas tarefas.

— Essas são as pazes que tenho para você. Agora, saia da minha vista.

Orfeo já escutara o bastante calado, sem reagir.

— Não teme o inferno, velho assassino? Primeiro, você e Simone della Rocca mataram cruelmente aquelas pessoas em Coldimezzo; agora, declara seu próprio filho oficialmente morto? Até o pai do filho pródigo matou um bezerro gordo, não o filho.

As feições avermelhadas do pai de repente ficaram lívidas.

— Nem todos foram mortos. Simone poupou a filha — por um momento a arrogância de sua voz diminuiu.

— A criança ainda está viva?

— Não sei. Teria de perguntar a Simone, porque ele a levou para trabalhar como escrava em sua casa, mas ele morreu dois dias atrás — disse, apontando para a braçadeira preta no braço.

— Ah! Não é à toa que parece tão aterrorizado. Sente o peso dos pecados.

E, realmente, a ossatura do pai dava a impressão de sucumbir dentro da carapaça de sua pesada massa de carne. A mão do velho tremia ao recolocar a

pena sobre a escrivaninha. Orfeo teve esperanças de que o medo do julgamento divino, se não outro motivo qualquer, ainda pudesse levá-los a alguma forma de reconciliação.

Então o pai falou novamente, na mesma voz baixa.

— Já ouviu meus votos para você.

A cabeça pesada do ancião caiu por um momento sobre o peito, erguendo-se, contudo, em seguida, como se tivesse se lembrado de algo, e, fixando o olhar em Orfeo por entre as pálpebras pesadas, disse:

— Mas tenho a intenção de lhe deixar uma lembrança. Vou dá-la a você agora, pois espero nunca mais ver esse seu rosto traiçoeiro neste lado do inferno.

Angelo mexeu em um dos seus anéis. Torceu o, tirando-o do dedo, e arremessou o para Orfeo. O anel caiu no piso do escritório, retinindo.

— Entregue isso a ele e depois o ponha para fora — o patriarca dos Bernardone ordenou ao criado.

O homem apanhou o anel e entregou-o a Orfeo, que girou o aro de ouro e passou, curioso, o dedo sobre a pedra azul. Enfiou-o num dedo, mas estava muito grande. Curvou-se ligeiramente cumprimentando seu pai e, em silêncio, acompanhou o criado pela casa até o pátio.

O jovem movia a cabeça enquanto puxava o cavalo pelo mercado. Fitava o pavimento de tijolos, ponderando como seu dia transcorrera tão mal depois da bênção de Tebaldo. Primeiro, a mulher perto do portão da cidade; agora, o pai, que o expulsava para sempre de sua casa e até mesmo se recusava a reconhecê-lo como um ser vivo. Pela primeira vez sentiu por inteiro o impacto da decisão, fruto apressado de sua imaturidade, que tomara seis anos antes. Não sabia que, ao bater a porta de casa atrás de si, seu pai iria trancá-la à chave.

A única notícia boa que ouvira desde que deixara a comitiva do papa fora a possibilidade de a menina de Coldimezzo ter sobrevivido. Se o novo *signore* da Rocca ainda a mantivesse como escrava, ele poderia, pelo menos em parte, expiar o crime do pai comprando a liberdade dela.

Fez uma careta diante da melancólica idéia. Mal tinha dinheiro para se sustentar por duas semanas, que diria para resgatar uma criança escrava! O saco de marujo tinha mais roupa do que qualquer outra coisa, e a bolsa de moedas, pouco dinheiro. Se não arranjasse trabalho bem depressa, teria de mendigar comida como os frades pedintes.

A população já estava voltando para a cidade. Tebaldo devia ter seguido

para o palácio do bispo. Orfeo agora desejava ter ficado com o papa. Teria comida e, quem sabe, algum dia acabaria num porto. Talvez o melhor a fazer fosse juntar-se novamente a ele e à caravana de cavaleiros. Fizera amizade com alguns dos guarda-costas, que poderiam ajudá-lo também quando chegassem a Roma.

Piccardo, o irmão mais próximo de Orfeo em idade, foi quem o avistou primeiro. Orfeo até se surpreendeu por ele o ter reconhecido assim de imediato, chamando-o pelo nome, do outro lado do mercado. E depois correu para cumprimentá-lo, enquanto o resto do clã vinha atrás a passos lentos. Quando se aproximaram, Orfeo notou que quase nada havia mudado em seis anos: Dante ainda controlava os mais jovens.

— Orfeo — o irmão mais velho mostrou tê-lo reconhecido com um movimento seco da cabeça ao se verem frente a frente, sem fazer o menor esforço para disfarçar o desdém. — Adamo nos contou que viu você passar pelo portão hoje. Não pense que vamos recebê-lo com abraços felizes, apesar da demonstração de infantilidade de Piccardo.

— Já estive conversando com *seu* pai, Dante — disse Orfeo. — Tenho certeza de que você reflete os sentimentos dele. Como sempre.

Encarou o irmão com firmeza. Odiava o que ia dizer, mas iria tentar, sem implorar nem vacilar:

— Esperava arranjar algum dinheiro, o suficiente para voltar a Veneza, ou um cargo na loja, até economizar o necessário.

— Então é melhor arranjar trabalho. *Em outro lugar.*

Dante inclinou a cabeça mais uma vez e retomou seu caminho, levando em seu rastro os outros homens da família. Só Piccardo ficou para trás, indeciso sobre para que lado seguir.

Orfeo abriu os dedos para que o irmão olhasse.

— *Papa* me deu isso. Uma lástima que a pedra esteja tão arranhada. Algum rico *padrone* poderia ter me dado algum dinheiro por ela. Está vendo, Piccardo? Só restam ossos para quem se levanta da mesa para urinar no meio do banquete.

O irmão meneou a cabeça, discordando. Seus olhos castanhos seguiram Dante até a figura corpulenta desaparecer atrás da igreja.

— O que está acontecendo? — perguntou Orfeo.

— Não use o anel — recomendou Piccardo. — Vai marcá-lo para a morte.

— Pela mão de quem?

— Não sei. Essa coisa tem uma história. Somente os membros da confraria da qual nosso pai faz parte podem usá-lo. Foi o que ouvi dizer. Se alguma pessoa de fora for apanhada com o anel, a confraria jurou matá-la na mesma hora. Mas não sei quem são os outros.

Orfeo mal disfarçou o riso, diante do ar solene de Piccardo.

— É, pode ser coisa séria — seus lábios se entortaram num sorriso cínico.
— Um excelente presente do velho, é? Fico me perguntando se ele não o envenenou.

— Não ria, Orfeo. Isso é sério.

Orfeo enfiou o anel na bolsa de moedas.

— Obrigado, irmão, por sua preocupação. Agora estou seguro, com o anel fora da vista. Estava mesmo muito largo no meu dedo.

Pulou na garupa e o seu queixo se endureceu.

— Vejo-o no *mercato*, se não morrer de fome antes.

Piccardo segurou as rédeas. Parecia não quereí que Orfeo se fosse.

— O comerciante de tecidos, Domenico, precisa de alguém para conduzir uma expedição de compras a Flandres. Você gasta de viajar e sabe a diferença entre samito e damasco.

— O antigo concorrente do pai? Seria perfeito.

Inclinou-se e bateu no ombro do irmão.

— Não se preocupe, Piccardo. Não vou ficar por aqui para constrangê-lo ou irritar seu pai.

Estendeu o braço, despedindo-se:

— A paz do Senhor esteja com você, como o tio Francisco costumava dizer.

Piccardo soltou a rédea e segurou o braço do irmão.

— E com você também, Orfeo. Sinceramente.



EM QUESTÃO DE SEMANAS, o mundo da superfície pareceu perder a cor, como se Tosse sugado para o passado, para o pântano distante da memória de Conrad. Como o moribundo que vê a vida inteira passar diante dos próprios olhos, seus

primeiros dias foram inundados pelas lembranças de Leo, de Giacomina e de Amatina. Sorriu amargamente quando os nomes tão familiares das duas últimas invadiram seus pensamentos. Ele mantivera uma distância tão cautelosa delas no mundo lá de cima; agora pareciam mais próximas do que nunca. E todos os dias ele recitava a mensagem de Leo para si próprio, a fim de não a esquecer, embora sua relevância começasse a lhe escapar.

Na maior parte do tempo, entretanto, pensava em Rosanna. Uma profusão de lembranças da infância enchia sua mente; mas logo já não conseguia distinguir as verdadeiras das que eram meramente fruto de sua imaginação. Conjeturava se ela saberia que ele fora preso, se finalmente estariam separados para sempre. Donna Giacomina não sabia que Rosanna existia, e Amatina não tinha como entrar em contato com ela, mesmo que tivesse conseguido escapar de Assis. Para Rosanna, pareceria que ele caíra da beira do mundo.

Contava os dias pelas refeições. A comida aparentemente era o que sobrava do almoço dos frades, e ele presumia que o guarda a empurrasse por baixo da porta, a cada tarde, após a hora nona, embora a cela estivesse sempre escura. O cardápio diário dos dois prisioneiros consistia em dez pedaços de pão, uma cebola, duas tigelas de um caldo ralo que às vezes continha um ou outro legume e uma maçã ou um punhado de azeitonas para cada um. Conrad guardava e separava a cebola e um pouco de pão para mais tarde, pondo a comida numa cesta pendurada na parede, fora do alcance dos ratos que entravam nadando no calabouço pela latrina. Em seguida, ele e Giovanni tomavam o caldo. Conrad dava algumas pequenas mordidas na maçã e cedia o resto para seu companheiro de cela. O frade mais jovem emagreceu, na esperança de que, em compensação, Giovanni ganhasse peso.

Uma tarde, pouco depois de sua prisão, Conrad surpreendeu-se com um pedaço de carne de porco em cada tigela.

— O que significa tanta generosidade? — gritou ele pela grade.

Conrad não esperava nenhuma resposta. O carcereiro nunca dizia nada. Mas nesse dia Zefferino murmurou: *Buon Natale*, e seguiu para distribuir a comida aos outros prisioneiros.

Natal? Tão rápido? Ele contara mais ou menos seus dias na prisão, mas perdera a noção das datas. Os frades em Greccio estariam em sua caverna hoje, ajoelhados diante da cena da Natividade. Ficou imaginando o pessoal do vilarejo subindo o caminho acidentado com as velas acesas nas mãos para ver o jumento,

o boi e o *bambino* de verdade deitado na palha. Os frades e o povo uniam-se aos Três Magos, apresentando pequenas oferendas como prova de sua devoção ao Menino Jesus.

Conrad suspirou, desapontado por não ter nada para oferecer naquele ano. Olhou para Giovanni, encolhido como uma bola escura sobre o chão frio de terra. Lembrou-se das palavras de Cristo: *Eu estava com fome e tu Me deste de comer*. Ele tinha algo a oferecer. Pegou seu pedaço de carne e deu-o para o companheiro.

— *Buon Natale*, Giovanni — disse, ao apoiar a tigela no chão, ao lado do outro. Desse dia em diante, começou a fazer furos na parede para marcar a passagem dos dias.

A cada manhã, ou o que supunha ser a manhã por ouvir Zefferino arrastando os pés acima de sua cabeça, Conrad recitava em voz alta tanto quanto se lembrava do ofício da missa. Aos poucos, Giovanni começou a repetir com ele fragmentos dos salmos e orações, à medida que as repetições lhe chegavam a recantos da memória que havia muito não eram usados. Conrad se sentiu encorajado. Depois de cada refeição, ele dizia:

— Agora precisamos pagar ao nosso Divino Estalajadeiro na única moeda que possuímos.

Juntos, rezavam cinco *Pater Nosters*, ou dez *Ave-Marias*, ou *Gloria Patris*, ou outra oração conhecida que Conrad presumia estar alojada em algum lugar da cabeça do ex-ministro geral.

Às vezes, para espantar o frio, terminavam as refeições e a ação de graças com uma dança. Mexiam-se em passinhos miúdos como cavalos coxos, batiam palmas e faziam retinir as correntes, e Conrad puxava a cantoria. De propósito, evitava cantigas infantis, do tipo que Giovanni cantara no primeiro dia. Cantava uma paródia latina popular dos seus tempos de universidade ou um dos cânticos mais vivazes da liturgia da Igreja. Tinha esperança de reconduzir Giovanni, aos pouquinhos, através das lembranças de sua jovem idade adulta. Com a ajuda de Deus, um dia o ancião poderia realmente voltar a ser ele mesmo ou, no mínimo, recuperar-se até um ponto em que a memória deixasse de ter importância para ele.

Cerca de duas semanas depois do Natal, Zefferino voltou a falar. Não foi muito, mas o bastante para surpreender e animar o frade. Ele e Giovanni estavam dançando e cantando o *Cântico do Irmão Sol*, de São Francisco, quando

escutaram uma terceira voz juntar-se às deles, baixa, vindo de cima. Quando o cântico terminou, ouviram-se os passos de Zefferino se afastando. Conrad encolheu os ombros e Giovanni respondeu com um sorriso travesso, depois cobriu os lábios com as pontas dos dedos e revirou os olhos. O ex-ministro geral não mais perguntava quando iriam sair dali.

O olho de Conrad tinha praticamente parado de doer, embora, em certas ocasiões, ficasse muito quente e latejante. Tanto quando podia supor, não havia infeccionado, e por isso ele agradecia em orações. Nas noites em que a dor voltava, Conrad se contorcia no chão. Os sonhos, caso dormisse, eram pesadelos povoados de monstros, torturadores, infernos em chamas e violentas tempestades no mar.

Numa dessas noites, perto do final de janeiro, o ruído da água escorrendo pela latrina reverberou em seus ouvidos como uma forte cachoeira. A chuva provavelmente estava caindo aos borbotões no mundo lá em cima, ou talvez a neve tivesse começado a derreter, aumentando o manancial de água, possivelmente a distorcida capacidade de avaliação dele, naquele estágio entre o sono e a vigília, estivesse exagerando sua força. A cela parecia estar balançando, e ele sonhou que se agarrava ao mastro de um navio sacudido por ondas monumentais. Gritos de pavor saíam da boca dos tripulantes indefesos. Ao redor de todo o navio, leviatãs e outras colossais criaturas marinhas arrojavam-se no ar, olhando os minúsculos seres humanos com ar faminto antes de desaparecerem de volta nas águas. De repente, um bando de espectros sinuosos com órbitas flamejando, dentes rangendo e bocas espumando se reuniu e voou em direção a Conrad. E quando ele caiu no convés do navio, todos se amontoaram em cima, mordendo-lhe os tornozelos e o rosto. Enquanto tentava rechaçar seus ataques, não era mais ele quem se defendia, mas o pai que havia morrido afogado. Num pulo, sentou-se e gritou de pavor. Dois ratos fugiram correndo para a latrina.

Giovanni também acordou sobressaltado e começou a chorar baixinho.

— Estou bem — Conrad conseguiu balbuciar, assim que seu coração se acalmou um pouco e ele tomou fôlego. — Os demônios bateram muito em mim esta noite; mas já se foram. Volte a dormir, pequenino.

Nos dias tranquilos, o olho não doía tanto e o frio era suportável. Giovanni dormia grande parte do tempo, e Conrad passava esses momentos de sossego em contemplação. Como não precisava mais se preocupar com a

necessidade de se alimentar, de resolver o enigma de Leo e de enfrentar emoções que o levavam de um lado para o outro, suas preces se tornaram mais profundas do que antes, mais até do que quando rezava em seu eremitério. Nenhum som, nenhuma visão o distraía; a escuridão de dentro e a de fora pareciam fundir-se, e seu corpo era pouco mais que uma cortina diáfana que esvoaçava entre uma e outra a cada inalar e expirar. Às vezes, até esse leve impulso cessava quando sua respiração se interrompia por longos períodos.

No primeiro dia de fevereiro, a Igreja comemorava o ritual de purificação da mãe de Jesus, obrigatório para todas as mulheres judias depois do parto. Conrad meditava sobre o velho Simeão, que esperou durante anos na porta da sinagoga pela chegada do Messias. Depois de segurar o Menino Jesus em seus braços por um momento, Simeão glorificou a Deus, dizendo: *"Agora, Senhor, deixe este Seu servo partir em paz, pois meus olhos já viram a Sua salvação"*

Quanta doçura deve ter sentido o antigo profeta em seu coração. Comovido pela imagem, Conrad começou a rezar à Virgem com um propósito, pedindo-lhe para obter uma graça junto a seu Filho: que ele próprio pudesse experimentar, só por um breve instante, o mesmo regozijo que Simeão havia sentido ao segurar o Messias recém-nascido.

Enquanto rezava, a escuridão foi gradativamente dando lugar a uma suave luz azulada. Seu brilho foi ficando cada vez mais forte até cintilar com mais esplendor que a luz do sol. Conrad parecia estar de volta a sua montanha, pois deu por si num pequeno bosque de árvores de casca branca, ouvindo a música dos pássaros ao redor. Por entre as árvores vinha uma camponesa descalça carregando um bebê. Encaminhou-se com passos cuidadosos para Conrad e, sem dizer uma palavra, ofereceu-lhe a criança. Seus braços estendidos tremeram, mas o sorriso tranqüilizador da mulher devolveu-lhe a firmeza. Ele pegou a criança envolvida em faixas e aconchegou-a contra o peito. Muito levemente, encostou os lábios na face da criança, sentindo seu calor. Parecia que sua alma estava prestes a se dissolver, tão ardente ora o êxtase que fluía por seu corpo. Como em Porciúncula, uma vibração abrasadora subiu-lhe pela espinha, mas desta vez chegou sem obstáculos à base do seu crânio e lá irrompeu numa explosão de luz dourada que se espalhou de sua cabeça para fora. A energia pulsava atrás de suas órbitas e, embora tentasse abrir as pálpebras, não conseguia. A luz dourada continuou a se espalhar para além dos limites de seu corpo e misturou-se à luz azul em torno dele. A cortina da sua carne, as árvores, o canto dos pássaros, tudo

se fundia no seu brilho. Nada além de luz, dentro, fora, e então finalmente não havia mais nenhum dentro e nenhum fora. Suas forças se esvaíram e ele caiu para trás apoiando-se nos calcanhares, certo de que iria desmaiar de felicidade.

Quando por fim recuperou os sentidos, permanecia ajoelhado. A menina e a criança tinham ido embora. A escuridão tomava conta do lugar como antes, mas uma lanterna tremeluziu acima de sua cabeça. A grade se abriu e passos lentos desceram os degraus de pedra. Então, o carcereiro aproximou-se do frade e ajoelhou-se diante dele.

— Perdoe-me, frei Conrad — disse Zefferino —, não sabia que você era um deles. A luz que se derramou de sua cela e invadiu o corredor...

Calou-se, incapaz de expressar o quanto estava arrependido.

Correntes arranharam o chão atrás dele. Atraído pela lanterna e pelas vozes, Giovanni veio rastejando até os outros dois.

Zefferino pousou a lanterna no piso e estendeu as mãos, palmas para cima. À luz crepitante, eles uniram as mãos, formando um círculo. Durante muitos minutos, ficaram ajoelhados em silêncio, três cartas surradas tiradas do baralho turbulento do *Duecento*: o enrugado e gasto rei mendigo de Parma, ladeado por seus dois valetes maltrapilhos e caolhos.

— Vamos agradecer — propôs Conrad, enfim — pelos acontecimentos que ligaram nossos destinos.

Juntos, ele sabia que poderiam resistir.

SEGUNDA PARTE

IL POVERELLO DI CRISTO



CAPÍTULO XXVIII



Festa di San Polycarpo
4 de fevereiro de 1274

NENO MAL SE MEXIA, sentado no surrado banco da carroça. Seguia silencioso e firme como um bloco de gelo, acorado sobre os tirantes da carroça e com as costas voltadas para os ferozes ventos vindos dos Alpes, que o empurravam para a Úmbria e para casa. Como carroceiro-chefe, ia abrindo caminho para a caravana, tarefa que ficava menos árdua à medida que o dia avançava, pois as marcas deixadas no solo por outras carroças indicavam claramente o rumo da estrada. De manhã, porem, a história era bem diferente, sobretudo depois de ter nevado durante a noite, quando os sulcos do solo argiloso ficavam escondidos sob a neve fresca. Nesses dias, o mercador tomava a dianteira e cavalgava cuidadosamente de um lado para o outro da branca extensão, delineando as margens da estrada, com os cascos do seu cavalo.

O comerciante de tecido fizera bem em contratar aquele Orfeo, pensou Neno — um homem que sabia o que era trabalhar duro e bebia como um turco com os carroceiros, destemido na estrada, sem contudo se descuidar dos homens e animais confiados a ele. E uma perfeita raposa para pechinchar! Em dois meses, na feira de San Remi, em Troyes, ele não só vendera todas as mercadorias de *Sior* Domenico como recarregara, as mulas que haviam levado e acrescentara-lhes mais duas carroças cheias de mercadorias. Não foram poucos os negociantes flamengos que sucumbiram à sua lábia ao tentarem barganhar com ele.

No início da tarde, quando a caravana passou no sopé do morro onde ficava a cidade fortificada de Cortona, o mercador veio cavalgar ao lado de Neno e, apontando para a cidadela no cume da montanha, comentou:

— Aquele é outro lugar famoso da história do meu tio. Foi para lá que o ministro exilado, frei Elias, se recolheu para morrer. E também onde o bispo Illuminato, de Assis, viveu antes de ser promovido.

Neno concordou sem qualquer comentário, Assuntos relacionados à Igreja lhe interessavam bem menos do que a terra sobre a qual sua carroça agora rolava, a caminho do minúsculo vilarejo de Terontola, onde planejavam encontrar abrigo para pernoitar. Sentiu um calafrio ao forçar a vista para divisar, em meio às rajadas de neve, as pequenas propriedades rurais em ruínas. O rigoroso inverno matara de frio muitos animais dos arrendatários, e a combinação de vento, neve e forte geada também deixara as parreiras queimadas e quebrara os galhos das árvores frutíferas. Em alguns lugares, a força do gelo e da geada rachou troncos de árvores de cima a baixo; com isso, a seiva escorreu das feridas e muitas árvores estavam totalmente secas.

— *Porco mondo!* — murmurou Neno. A umidade de sua respiração espalhou-se ao vento como farrapos brancos. Graças a Deus, faltavam apenas alguns dias para chegarem a Assis.

Quando mais tarde, naquele mesmo dia, as rodas da carroça passaram ruidosamente pela praça da cidade de Terontola, Neno viu mais de dez carcaças rijas suspensas pelo pescoço, balançando ao vento como flâmulas cinzentas. Era uma cena comum em toda a Toscana. Levados pela fome, os lobos se aventuravam à noite pelas pequenas cidades desguarnecidas de muros em busca de animais domésticos e crianças. Os moradores preparavam armadilhas para os lobos e penduravam os carnicheiros nas praças públicas, do mesmo jeito que faziam com ladrões humanos, como um alerta ao restante da alcatéia.

A caravana finalmente se deteve, e os escudeiros espalharam-se por seus flancos.

— Mais um dia ficou para trás, Neno — souou uma voz atrás dele. — Prometo que, quando chegarmos em casa, vamos molhar nossas gargantas até nos afogarmos.

Pelo canto do olho, Neno reconheceu a barba escura do mercador. Com um tapinha, removeu os pedaços de gelo da própria barba.

— Isso mesmo, *Maestro* Orfeo — concordou. — Os guardas-civis vão ter

de nos tirar da sarjeta quando o dia clarear, pois não vamos conseguir achar o i aminho de casa.



AMATA CHEGOU SUA CADEIRA para perto do fogo. Para se proteger do frio intenso da madrugada, vestia toda a roupa que usara durante o dia, e por cima, enrolara seu pesado manto de inverno. Dobrou as pernas, sentou-se sobre os pés calçados por chinelos e, pelo que lhe parecia a milésima vez, deixou sua mente voltar àquela manhã em que Conrad sentara-se à sua frente, diante daquela mesma lareira, ouvindo os pingos da chuva sibilarem ao cair nas chamas, o mesmo som que a neve derretida produzia naquele momento. Seu amigo estava preso havia mais de dois anos, a despeito dos insistentes pedidos feitos por Donna Giacomina a frei Bonaventura. Consumida pelo esforço de ver suas súplicas negadas, a exaurida senhora por fim teve que desistir, quando o ministro geral deixou Assis para cuidar de suas novas obrigações como cardeal-bispo de Albano e conselheiro do consistório papal que estudava a reforma eclesiástica. Os frades informaram que o Papa Gregório X também havia pedido a Bonaventura para ajudar no Concílio Geral a ser realizado no verão seguinte em Lyons.

Que prazer seria a chegada do verão. Em seus dezenove anos de vida, Amata não se lembrava de inverno tão cruel e inclemente como esse. Os romeiros que vinham a Assis, hóspedes frequentes da casa, narravam com pormenores assustadores as peripécias daqueles viajantes que se atreviam a enfrentar as nevascas, sob o risco de perderem os dedos das mãos e pés ou até a própria vida, caso não conseguissem encontrar um abrigo. Os romeiros haviam tocado os corpos congelados de cavalos e até de cavaleiros mortos. Um grupo empilhou corpos em sua carroça como se fossem pedaços de lenha e os entregou, cobertos de neve, no mosteiro mais próximo. O solo duro como pedra impedia que os peregrinos os enterrassem no local onde os haviam encontrado. Além do mais, nenhum bom cristão iria querer ser sepultado em terreno não consagrado.

Numa noite particularmente gélida do mês de janeiro, com todas as pessoas da casa reunidas ao redor de sua cama, Donna Giacomina morreu. Ao

aproximar-se do fim, o som abafado de suas preces por um descanso eterno transformaram-se num estertor; a ronqueira foi ficando mais e mais fraca nos últimos instantes em que seu corpo ainda opôs alguma resistência, até que finalmente cessou por completo. Amata desejou de todo o coração que frei Conrad estivesse ali para fechar as pálpebras daqueles olhos verdes sem vida; entretanto, coube a ela própria essa triste missão.

Os homens da casa retiraram-se em silêncio do quarto para que Amata e as servas começassem suas lamentações fúnebres. Aquelas meigas mulheres rasgaram e tiraram suas toucas azul-celestes e arrancaram os cabelos. Abriram à força as costuras das túnicas de lã preta e arranharam rostos e braços com as próprias unhas. Fecharam-se num círculo e giraram apáticas pelo quarto, batendo com os punhos na cabeça e pranteando a morte de Donna Giacoma num queixume baixo e prolongado. O gemido angustiante acabrunhou Amata; um nó sufocante apertou seu coração e sua garganta, e a dor remexeu-lhe as entranhas. Às mulheres desprenderam a proteção da janela e, a cada volta do círculo, uma delas botava a cabeça para fora, para a noite frígida, anunciando a morte para toda a cidade e para os céus. O canto fúnebre continuou por dois dias, até a manhã do funeral de Donna Giacoma.

Os frades do Sacro Convento homenagearam a nobre senhora enterrando-a sob o púlpito da igreja inferior. Amata pediu que Donna Giacoma, na morte, pudesse repousar ao lado de seu amigo mais querido em vida, frei Leo. Ela também encomendou uma placa de mármore vermelho para ser colocada acima do túmulo. Por sugestão de frei Bernardo da Bessa, que atuava como porta-voz de Bonaventura na ausência deste, as inscrições na placa foram simples: *Hic jacet Jacoba, sancta nobilisque romana*. "Aqui jaz Jacoba, santa e nobre senhora romana." Como última homenagem, ela doou fundos para um afresco que retrataria a fidalga em seu hábito da Ordem Terceira. Frei Bernardo informou-a de que um famoso artista, o florentino Giovanni Cimabue, já fora contratado para decorar a abside da igreja inferior.

Além dessas, Amata tinha de tomar outras decisões que lhe tiravam o sono e a faziam passar a noite com os olhos fixos nas chamas da lareira enquanto o resto da casa descansava. Escorregava da cadeira para o chão, bem perto das labaredas que a custo aqueciam o quarto. Seu quarto, na sua casa.

A leitura, pelo notário, da carta de alforria assinada por Donna Giacoma, libertando os servos das obrigações de seus vínculos e deixando para Amata

uma herança de tamanho considerável ("para bem da minha alma e para um fim piedoso, e porque pareceria meritório perante Deus"), não pegou ninguém de surpresa. O choque viera muitas semanas antes, quando a senhora chamou Amata a seu quarto e explicou suas intenções. Mesmo agora, ao lembrar-se daquele gesto de generosidade, quase chorava outra vez, enquanto a claridade da lareira tremeluzia com reflexos alaranjados. Era como se tivesse perdido a mãe duas vezes: a primeira, para os assassinos; a segunda, para a velhice.

Muito enfraquecida, Donna Giacomina sussurrara a Amata uma recomendação:

— Mulheres nobres solteiras têm pouco controle sobre seus destinos — disse. — Fosse você uma rainha poderosa e viúva, como Blanche de Castela, ou a esposa de um artesão que herdasse loja, ferramentas e aprendizes, ou até uma camponesa que assumisse a lavoura do falecido marido, é provável que lhe permitissem viver e trabalhar em paz. Mas os homens da família do meu marido não vão lhe conceder tais regalias. Assim que a notícia da minha morte chegar a Roma, vão tentar confiscar tudo o que lhe doei. Eles só me deixaram em paz porque eu tinha herdeiros homens; depois que os meus filhos morreram, não o fizeram por causa da minha idade avançada. Deu um risinho fraco.

— Tinham esperanças de que eu morresse logo.

A anciã segurou então a manga de Amata, os dedos cheios de sardas agarrando o tecido com uma força surpreendente.

— Em questão de semanas, todos na região vão tomar conhecimento da sua boa sorte. Os pretendentes vão enxamear em torno de você como abelhas na colméia. Você precisa se casar logo, Amatina, se quiser proteger sua herança das mãos dos Frangipani.



LISTAS! POR ESTRANHO QUE PAREÇA, uma prática tão simples como listar coisas — coisas de toda e qualquer espécie — tornou-se a última esperança para a mente de Giovanni da Parma. Desde a Festa da Apresentação, dois anos antes, quando aquela extraordinária luz invadira a cela em que se encontravam, frei Giovanni aos poucos retornara ao mundo dos vivos. Isso era inegável. Com o mesmo assombro e prazer de uma criancinha que aprende o nome dos objetos e

dos movimentos, das cores e odores, ele tinha começado a recobrar a memória. Para alegria de Conrad, tornou-se também bastante loquaz, com incursões freqüentes por cavernas cheias de lembranças, abandonadas havia muito tempo.

A primeira vez que frei Giovanni surpreendeu seu companheiro de cela com uma de suas litanias foi logo depois de tomarem a sopa diária.

— Acabei de me lembrar de um jantar, frei Conrad, e tão claramente como se tivesse sido o de ontem. Éramos muitos irmãos e jantávamos em companhia do rei de França. Tínhamos viajado para nosso mosteiro em Sens a fim de participar de um Cabido Provincial. Mas esse jantar... constava de pelo menos uma dúzia de pratos: primeiro, cerejas; depois, o mais delicioso dos pães de farinha branca; várias opções de vinho dignas do paladar real; favas frescas cozidas no leite; peixe, caranguejo; torta de enguia, arroz com leite de amêndoas e canela em pó; mais enguias assadas no molho; e, finalmente, travessas repletas de tortas e coalhada doce e frutas da estação.

O velho Frade lançou um olhar de soslaio para a tigela de caldo e deu de ombros. Depois tamborilou os dedos na testa, como se tentasse despertar à força outros detalhes da visita a Sens.

— O dia seguinte era um domingo continuou Giovanni. — Ao amanhecer, o rei Luís veio até a igreja pedir nossas orações, deixando sua comitiva perto da aldeia, à exceção apenas de seus três irmãos e de alguns cavaleiros encarregados das montarias. Depois de se ajoelharem e prestarem suas homenagens diante do altar, seus irmãos olharam em volta procurando cadeiras ou bancos; o rei, porém, sentou-se no chão de terra, pois a igreja não tinha assoalho. E, depois de se encomendar às nossas orações, saiu da igreja para seguir caminho. Contudo, quando um servo lhe disse que seu irmão Carlos ainda rezava fervorosamente, o rei ficou feliz em esperar, paciente, sem montar em seu cavalo. Quando reparei no ardor com que Carlos rezava e na boa vontade com que o rei o aguardava, senti-me edificado, pois me dei conta da verdade contida nas Escrituras: "Irmão que ajuda irmão é como uma cidade poderosa."

Os números sete e doze tornaram-se os favoritos das reflexões de Giovanni, por causa dos seus significados bíblicos. De vez em quando, divergia do padrão e lançava uma lista de seis itens, enumerando, por exemplo, os seis pecados cometidos contra o Espírito Santo ou os seis estados de espírito que controlam as ações humanas.

Conrad estimulava esses exercícios mentais. Com um caco pontiagudo de

louça, ele gravava as listas na parede da cela — não que conseguissem ler naquela escuridão, mas em razão do próprio exercício. Assim, gravou nas paredes os sete pecados capitais, as sete virtudes curativas, os sete carismas de Deus, as sete obras espirituais de misericórdia, os nomes dos doze apóstolos, as doze beatitudes. Dia após dia, as ranhuras ilegíveis espalhavam-se por toda a superfície musgosa, como se fossem declinações de verbos escritas por um aluno de latim.

Numa cena que normalmente tinha início enquanto comiam, frei Giovanni ficava calado e de vez em quando emitia um resmungo, um maneirismo que Conrad veio a reconhecer como uma espécie de meditação. Então, quando o frade mais jovem juntava as tigelas, o ex-ministro geral sugeria uma nova lista:

— Vamos nos concentrar nas sétimas últimas palavras de Cristo. Vendo como o Nosso Senhor enfrentou a morte, podemos aprender como receber bem nosso próprio fim.

Conrad pegou a lasca de cerâmica e postou-se diante da parede enquanto Giovanni ditava:

— *Eli, Eli, lamma sabacthani*. "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"

Conrad fez uma pausa quando Giovanni acrescentou:

— Até Cristo conheceu o abandono, a solidão e a incerteza quando sua hora se aproximou. Ele vai nos compreender e nos confortar quando chegar a nossa hora.

Uma após outra, Giovanni proferia as frases, e a cada uma delas acrescentava uma curta explicação no final:

— *Consummatum est*. "Está terminado, Pai. Em tuas mãos, entrego meu espírito."

E o velho frade concluía:

— A morte põe um fim no nosso tempo na Terra, mas também dá significado às nossas ações terrenas. A morte é a hora de nos entregarmos como um presente a Deus.

— O que acha, irmão — indagou Conrad —, será que vamos terminar nossas vidas neste buraco? Será que nossas ações terrenas já terminaram?

Seu companheiro de cela assentiu. Conrad deixou cair o braço.

— Perdoe-me por vacilar na fé nos desígnios de Deus, frei Giovanni, mas por que deveria, ser negada à Santa Igreja a existência de alguém com o seu

talento? Mesmo que trabalhasse fora da Ordem, muitos soberanos leigos e prelados se beneficiariam de seus conselhos espirituais. E se promettesse a Bonaventura nunca mais talar sobre o abade Joaquim e sua heresia? Assim, ele certamente não teria mais nenhuma justificativa para mantê-lo preso.

Conrad arrastou-se para perto de Giovanni e sentou-se desajeitadamente. À medida que os meses se passavam, os movimentos de Giovanni iam ficando cada vez mais difíceis; praticamente não se levantava, a não ser para ir cambaleando até a latrina. E, nessas ocasiões, era preciso que Conrad fosse ajudá-lo a subir a inclinação do piso da cela, para que não escorregasse.

Toda a escassa claridade que existia na cela refletiu-se nos olhos de Giovanni quando ele encarou Conrad.

— Você realmente acredita que sou mantido aqui por causa da minha fidelidade aos ensinamentos de Joaquim? A Igreja nunca condenou Joaquim, como você sabe, mas apenas a interpretação de suas profecias por Gerardino di Borgo San Donnino. Gerardino veio para esta prisão, por causa dessa mesma interpretação, um pouco antes de me prenderem. Estou aqui, e acho que você também, porque procurei imitar nosso fundador. Eu queria conduzir a Ordem como o próprio São Francisco o fez. Viajei de país em país, visitando pessoalmente todos os mosteiros, tentando liderar pelo exemplo, em vez de me basear em conselhos escritos. Contudo, aqueles que não faziam caso da *Regra*, nem do *Testamento Final* redigido por São Francisco para seus frades, achavam que eu era uma ameaça à vida confortável que levavam. E, assim, aqui estou, aqui *estamos*, nesse desconforto.

De repente, Conrad ficou alerta. Quase se esquecera do *Testamento* de Francisco! Começou a balançar o corpo de um lado para o outro, puxando pela memória. Em algum ponto de sua mensagem, Leo havia escrito que o início do *Testamento* iria lançar luz — *fragmentos de luz*, haviam sido as suas palavras exatas — sobre sua enigmática carta. Estranhamente, Conrad quase não pensava mais na busca que o levava à prisão.

Virou-se de novo para o antigo ministro geral:

— Padre, mesmo que jamais saíamos daqui, acho que Deus recuperou sua mente com algum propósito benéfico. Lembra-se *exatamente* como o *Testamento* começa?

Giovanni abaixou a cabeça por um momento, refletindo sobre a pergunta.

— Ora, começa com o relato de São Francisco sobre a própria conversão.

Ele escreveu: "O Senhor concedeu-me começar a cumprir penitencia da seguinte maneira: Enquanto estava em pecado, era muito triste para mim ver os leprosos. Mas o Senhor, Ele mesmo, conduziu-me para perto deles e deles me apiedei. E quando me afastei deles, o que a mim parecia amargo transformou-se em doçura, e desse dia em diante abandonei minha vinda mundana." Nosso santo fundador tinha um carinho especial pelos leprosos. Não só trabalhou no meio deles, alimentando-os e vestindo-os, banhando-os e beijando-lhes as feridas, como exigia a mesma atitude de muitos dos primeiros frades. Ele os chamava de *pauperes Christi*, os pobrezinhos de Cristo.

Os dedos de Conrad fecharam-se em um punho cerrado sobre o colo.

— Frei Leo também trabalhava entre os leprosos?

— É mais do que provável.

Giovanni deu uma risadinha.

— Pensando novamente em minhas visitas aos mosteiros... Esgotei a paciência de doze secretários durante essa fase. Sempre fiz de meu secretário meu companheiro de viagem, como São Francisco fazia com frei Leo. Meu primeiro secretário, frei Andreo da Bologna, mais tarde veio a ser ministro provincial da Terra Santa e presidiu a penitenciaria pontifícia. Depois veio frei Walter, *anglo* de nascimento, um *anjo* de temperamento; e um terceiro, Corrado Rabuino, grande, corpulento e negro, um homem honesto. Jamais conheci um frade que devorasse *lagano* e queijo com tanto prazer...

Conrad permanecia imóvel, apenas em parte escutando os devaneios de Giovanni. Durante todo esse tempo, *Leo queria que ele trabalhasse num leprosário, como ele próprio provavelmente fizera*. Também se lembrou de que Leo se referira às unhas do leproso morto. Conrad refletiu: Se eu tivesse praticado antes essa parte da mensagem — *servite pauperes Christi* — em vez de retornar ao Sacro Convento, hoje não estaria apodrecendo nesta cela. Estremeceu quando surgiu em sua mente a outra terrível possibilidade: seus membros poderiam estar sofrendo o processo de putrefação da lepra caso ele tivesse entrado no leprosário. E como iria amealhar sabedoria nessa situação?

— O último frade veio para mim de Iseo, um velho, tanto em idade como em tempo dentro da Ordem, rico em sabedoria; entretanto, eu achava que ele posava de importante além das medidas, levando-se em conta que todos sabiam que sua mãe tinha trabalhado numa estalagem...

Senhor, se algum dia me concederes a graça de sair deste lugar, vou me

oferecer para trabalhar no Ospedale di San Lazzaro, do lado de fora de Assis, aprender o que os leprosos de lá têm a me ensinar, seguir os passos de Leo (se for o caso) até o pior final possível. Do fundo de seu coração, Conrad procurava acreditar que Deus estivera só esperando que ele fizesse essa promessa para deixá-lo sair daquela gaiola.



— AMATINA, ACORDE. Há uma visita para você.

Amata rolou na cama com um gemido. Passara outra noite em claro, preocupada com as novas responsabilidades domésticas e com a intimidante necessidade de escolher um marido, situação que se agigantava sobre sua cabeça como um machado na mão de um carrasco. Justamente como Donna Giacoma havia previsto, nas semanas que se seguiram à sua morte houve um desfile de homens ansiosos para se casar ou, no mínimo, querendo tomar posse da casa e das rendas das terras que a senhora deixara para o sustento de Amata. Os pretendentes iam desde aristocratas rurais, com a fortuna em frangalhos ou buscando aumentar suas terras, a comerciantes mais velhos e viúvos; entre estes, porém, ela não viu nenhum peixe que quisesse fregar, nenhum com quem se deitaria com prazer naquelas noites frias de inverno. Pio, agora com dezesseis anos e achando se mais adulto a cada dia, estava mais apaixonado do que nunca por Amata e sempre ficava carrancudo no fazer entrar um visitante atrás do outro.

Amata piscou para o rosto que olhava para ela. A maioria dos antigos servos e servas de Donna Giacoma, inclusive (ainda bem!) *Maestro* Roberto, tinham continuado a trabalhar como criados contratados, circunstância que lhes permitia aproveitar a nova liberdade e a segurança no cargo. A criada que estava ao lado da cama, uma menina de rosto meigo, robusta, alguns anos mais moça que ela, havia crescido na casa e jamais conhecera outro lar. Amata oferecera de brincadeira a menina em seu lugar a um dos pretendentes e, quando ele objetou que a menina não tinha dote, ela citou Plauto: *Dummodo morata recte veniat, dotata est satis*, "Desde que tenha um comportamento digno, uma mulher tem um dote suficiente". O homem olhou-a com ar inexpressivo, pois não sabia latim. Se tivesse mostrado o menor indício de compreensão, quer da citação em

si, quer do seu significado depois de Amata tê-la traduzido, é possível que ela mesma tivesse providenciado o dote. Talvez Donna Giacomina a tivesse instruído *em excesso*, tantos foram os professores que contratou depois da prisão de Conrad.

— Há um *signore* à sua espera no vestíbulo — a criada repetiu enquanto Amata limpava os olhos com as pontas dos dedos.

— Que horas são, Gabriella?

O sino da manhã tocou não faz muito tempo. Ele devia estar empoleirado no portão da cidade, esperando que se abrisse.

— No portão?

A dedução da menina veio rápido demais para que a cabeça sonolenta de Amata pudesse acompanhar.

É o pretendente de Todi, irmão do cardeal. Diz que precisa falar-lhe. Com urgência.

CAPÍTULO XXIX



AMATA VESTIU UM ROBE AZUL-CINZENTO sobre a camisola de linho. Enrolou as trancas na nuca e prendeu o coque com uma rede. O que poderia querer o conde Roffredo tão cedo? Até mesmo um nobre do poderoso clã dos Gaetani deveria aguardar para se apresentar numa hora mais apropriada. Bem, ele não a veria na sua melhor forma; talvez encontrá-la ainda sem estar arrumada, na imperdoável luz da aurora, o fizesse desistir. Pelo menos, estariam quites: afinal, ele interrompera seu sono.

Roffredo Gaetani deixara em Amata a impressão de ser o mais repulsivo de todos os pretendentes que tinham vindo até ela. Pôde então entender o motivo do bom humor de Jacopone depois da luta na floresta, quando ele havia comparado aquela briga às antigas vitórias sobre os Gaetani nas ruas de Todi. Bastou-lhe um rápido contato com Roffredo para ela aceitar que seu primo meio maluco, que conhecia a família Gaetani desde a infância, os considerasse detestáveis. Isso, sem levar em conta a politicagem partidária — Guelfos ou Guibelinos — que dividia todas as cidades da Úmbria.

Embora tivesse apenas quarenta e poucos anos, Roffredo já enviuvara três vezes. Recusava-se, porém, a satisfazer a curiosidade de Amata sobre as esposas anteriores, afastando o assunto das suas mortes com um gesto da mão:

— Foram as pestes. Sempre as pestes. E a malária.

O amarelado de sua pele sugeria a possibilidade de ele próprio ter sido infectado pela malária e dava credibilidade à sua lacônica explicação.

Ainda assim, a maquinação por trás daqueles pequenos olhos escuros, que se recusavam a sustentar uma troca de olhares, além da aura fria, intensificada pela cor de sua tez, marcada de varíola, e pela calvície, levou-a a temer estar

diante de um homem capaz de crueldades extraordinárias, um homem doentio por dentro e por fora. A pele dela se arrepiara só de olhá-lo. A conversa deles, ou melhor, os monólogos dele, giravam em torno das poderosas conexões da sua família com a comuna de Todi e com Roma, em especial sobre o elevado cargo do irmão, a cardeal Benedetto Gaetani, de quem Roffredo se gabava afirmando que um dia seria papa. Enrolava e desenrolava a corrente de ouro que lhe enfeitava o peito, com um leve sorriso pairando-lhe nos lábios, enquanto falava de dinheiro e propriedades, da fortuna que havia acumulado por meio dos casamentos anteriores, à qual a de Amata viria a se juntar formando uma aliança de peso. Pelo menos fora sincero, sem camuflar seus interesses com quaisquer estratagemas, e dera por encerrado o discurso dizendo que ela podia esquecer os outros pretendentes, pois ele estava determinado a tê-la, *per amore o per forza* — por amor ou à força. Sorriu de sua brincadeira, mas ao mesmo tempo deu um puxão que fez a corrente de ouro esticar-se completamente.

Amata foi direto para o banho depois que ele saiu; sentiu necessidade de se livrar do mal-estar que perdurara no ambiente com seus galanteios. Esse decerto nunca me "terá", jurou a si mesma. *Prefiro morrer*.

E agora lá estava ele, numa hora imprópria, para aborrecê-la mais uma vez. Ainda meio apática, Amata entrou no longo corredor onde Roffredo aguardava com *seu* escudeiro um pouco mais atrás, na porta principal. Postado em um dos lados, Pio não fez qualquer esforço para disfarçar seu desprazer quando os dois homens fizeram uma reverência.

— Passei a noite em claro, *signore*, e mal tinha conseguido dormir quando o senhor chegou. — Esperava que sua voz denunciasse um pouco da irritação que sentia. — O que o traz aqui tão cedo?

Os lábios dele se retorceram com o mesmo ar sonso e zombeteiro que tanto a irritara no primeiro encontro.

— Aquele que dorme negligencia os próprios interesses — ele declarou. — Vim para obter a sua resposta.

Ela o encarou, incrédula. Suas boas maneiras exigiam que se esforçasse para moderar a raiva que crescia dentro dela, mas Roffredo não ajudava.

— Nem mesmo um tolo iria expor-se a um revés antes do desjejum, *signore*. Mas, como foi direto, vou ser igualmente franca consigo. Não o amo, conde Gaetani.

Roffredo não pareceu nem um pouco contrariado com aquela resposta,

provavelmente porque o amor nunca tivesse sido importante para ele.

— Assim fico desapontado, *signorina*. Meu irmão também vai ficar decepcionado. Está esperando em Todi para nos casar esta noite mesmo — ele simulou uma expressão de medo. — Sua resposta me *preocupa*, também. Pode ser muito perigoso deixar um cardeal esperando.

Amata concluiu que já tinha tratado aquele galo pedante da forma mais educada possível. Seu único desejo era vê-lo sair porta afora para que pudesse voltar a dormir.

— Com certeza ainda não me viu zangada, *signore*, ou não falaria de modo tão displicente sobre perigo. Já tem a minha resposta definitiva. Agora, insisto para que saia da minha casa.

Roffredo fez uma reverência, mas dessa vez o escudeiro não o imitou. Em vez disso, o homem escancarou a porta e dois cavaleiros que esperavam do lado de fora entraram correndo na casa. Pio precipitou-se na direção dos homens, mas um deles segurou-lhe o braço ainda no ar. O outro sacou o punhal do cinto e levou-o à garganta do menino. Antes que Amata tivesse tempo de reagir, Roffredo e o escudeiro agarraram seus punhos. Com a mão cultivada, o conde cobriu a boca de Amata. Ela tentou desvencilhar-se, mas eles a seguraram com mais força e Roffredo torceu-lhe o braço num tranco doloroso. Os lábios dele curvaram-se numa careta triunfal.

— Venha quieta conosco, *signorina* — disse —, ou a boca de seu pajem vai rir até debaixo do queixo.

Amata tentou gritar, mas a luva de couro abafou sua voz. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Seria possível que aqueles nobres degenerados chegassem ao ponto de arrancar as mulheres de suas casas e as forçarem a se casar? Seus olhos encontraram os de Pio, e o pânico que enxergou neles espelhava sua própria sensação de impotência.

Novamente tentou se desvencilhar, odiando tanto a sua vulnerabilidade quanto o conde, mas Roffredo segurou-a com firmeza pelo queixo, forçando-a a ver o filete de sangue que começava a escorrer pela lâmina encostada no pescoço de Pio. Ela parou de se debater e gritou por baixo da luva. Roffredo afrouxou um pouco a mão.

— O que disse?

— Solte-o. Eu vou com vocês.



A ESTRADA PARA TODI SAÍA DA CIDADE pela Porta San Antimo, na muralha sul de Assis. Roffredo e seus comparsas apressaram a descida da mulher pela escadaria de pedra deserta que ia de sua casa até a cidade de baixo; ia envolta numa capa de inverno, e o capuz cobria-lhe toda a cabeça. Olhou ansiosa de um lado para o outro na luz fraca da manhã quando passaram pelas casas ainda fechadas, procurando por onde escapar. O cavaleiro que ameaçara Pio agora mantinha o punhal num lado do corpo dela. Ela presumiu que não teria nenhum valor para Roffredo se estivesse morta; mesmo assim, o conde com certeza não se incomodaria em casar com *ela Morrendo*. O cavaleiro já tinha provado que conseguia controlar a ponta da lâmina com meticulosa habilidade, e o cardeal faria o casamento dela com Roffredo, viva ou morta.

Bem depressa chegaram ao último lance de escadas. À sua frente, Amata viu as Ires igrejas: de Santo Antimo, São Leonardo e São Tomaso, e, mais adiante, o portão da cidade. Uma carruagem aguardava num ponto sombrio de uma vicia entre duas das igrejas. As pernas de Amata se dobraram ao perceber aquela imagem como algo irreversível, e ela caiu sobre as pedras do calçamento. Se ultrapassasse as muralhas, estaria totalmente à mercê de Roffredo.

Amata sentiu a pressão da mão forte do cavaleiro em seu braço quando ele tentou levantá-la, mas as pedras estavam escorregadias por causa da camada de gelo que as cobria e ela caiu de novo, dessa vez com o rosto no chão. Quando tentava levantar-se apoiando-se nas mãos e joelhos, viu uma outra pessoa também de quatro junto à esquina da Igreja de São Tomaso rodeada por um bando de madrugadores fazendo zombarias — mais um toque de anormalidade nessa manhã irreal. O homem estava de quatro no chão, carregava uma sela nas costas e gritava bem alto:

— Ninguém quer cavalgar neste humilde animal de carga? — Ele levantou sua cabeleira cor de areia e olhou para o céu com ar tristonho.

Uma mulher gritou:

— Eu cavalgo em você, Jacopone, se você montar na minha sela e cavalgar em mim.

— Jacopone! *Aiuto!* Ajude-me! — gritou Amata. — Salve-me de Gaetani! Antes que ela pudesse falar mais, o cavaleiro suspendeu-a do chão e bateu-lhe

na boca com a palma da manopla. Roffredo e seus lacaios apertaram o passo na direção dos cavalos. Enquanto a arrastavam para a viela, ela viu o penitente levantar-se devagar com uma expressão intrigada no rosto. Então o cavaleiro a empurrou para dentro da carruagem e bateu a porta, acabando com a última esperança de Amata.

Oh, Deus, por favor, por favor! As rodas da carruagem começaram a se mover e aos poucos foram ganhando velocidade. A súbita inclinação do assento lhe indicava que a parelha de cavalos tinha dobrado a curva que dava no portão da cidade quando, vindo bem da frente deles, ela escutou o som agudo de uma trombeta. A carruagem começou a sacudir loucamente quando os cavalos dispararam por causa do barulho. Sentiu uma pancada, ouviu um grito de dor e então tudo se transformou num pandemônio. Algo pesado e duro bateu contra a cabine, jogando-a para um lado e despedaçando a estrutura de madeira. Ao redor dela, os relinchos dos cavalos assustados se misturavam a vozes humanas praguejando e ao mugido zangado de um boi.

Amata levantou-se em meio aos destroços. Mesmo com as pernas ainda bambas de susto, o rosto e os braços doendo, conseguiu escapular daquela confusão e saiu correndo pela viela. Quando percebeu que não vinha ninguém no seu encalço, diminuiu o passo e escondeu-se depressa em uma esquina, e dali espiou o que havia acontecido. Jacopone estava deitado de lado na rua, imóvel, com a trombeta ainda pendurada nos dedos. Uma carreta de mercadorias estava presa aos escombros da carruagem, e rolos de tecido espalhavam-se por todos os lados no meio da rua. Os cavalos continuavam a corcovar e empinar, dando coices ora com as patas dianteiras ora com as traseiras, enquanto o boi, emaranhado nos arreios dos cavalos, balançava os chifres perigosamente perto da barriga deles.

Furioso, Roffredo Gaetani gritava a plenos pulmões, xingando o mercador, um homem truncado e barbudo que revidava cada insulto. O conde e seus criados apearam, mas o mercador apenas arremessou sua capa sobre o ombro direito e sacou o espadim. Também não iria recuar se fosse preciso lutar. Os escudeiros do comerciante esporearam seus cavalos, adiantando-se, e até seu carroceiro apanhou um machado no meio da mercadoria amontoada.

— Nem tente levantar sua espada — o mercador advertiu um dos acompanhantes de Roffredo. — Neno vai arrancar seu braço antes mesmo que acabe de estendê-lo.

Um grupo de moradores caçoava de todos a uma distância segura, e algumas pedras caíram no local do conflito. Os dois lados colocaram-se em posição defensiva, hesitantes, avaliando um ao outro e pensando no que fazer em seguida. Os olhos de Amata iam e voltavam da briga para Jacopone, e depois para uma dupla de guardas-civis que afinal acorreram do portão, cada qual com a sua alabarda.

— Que confusão é essa? — um deles gritou.

E os dois lados recomeçaram a gritar e gesticular, e o mesmo fizeram os espectadores que a essa altura já tinham se aproximado. O guarda ergueu os braços pedindo silêncio. Amata saiu de seu esconderijo e empurrou o capuz para trás.

— Esses homens de Todi tentaram me raptar — disse —, embora eu seja uma cidadã de Assis. — Suas palavras saíram mal articuladas e sentia dor quando falava. O cavaleiro devia ter cortado seu lábio ao cobrir sua boca com a mão.

— É Donna Amata — disse uma voz feminina, do meio da multidão.

— Os cavalos atropelaram esse homem bom e pacífico continuou ela, apontando para o corpo de Jacopone. — Se não fosse por ele, o plano teria dado certo.

— Também bateram na minha carroça e destruíram metade da mercadoria queixou-se o mercador com voz irritada. — E também sou cidadão desta cidade.

Nesse ponto, o tumulto recomeçou. Amata encaminhou-se para o penitente e ajoelhou-se a seu lado. Ouvia a fúria contra Roffredo por parte das pessoas que a rodeavam.

— Fora daqui — disse o guarda. — Você mentiu sobre suas intenções ao entrar na cidade.

— E o que vai acontecer com a minha carruagem e a parelha?

— A carruagem virou lenha. Volte outro dia para buscar seus animais, mas não conte que vá recebê-los — disse o guarda. — Há cidadãos de Assis cujos prejuízos devem ser ressarcidos e pode haver uma acusação de assassinato à sua espera.

Amata ergueu a cabeça a tempo de ver o olhar feroz de Roffredo fulminá-la. Se Deus quisesse, ela jamais iria voltar a ver aquele rosto odioso. O conde e seus acompanhantes montaram em seus cavalos e saíram trotando rumo ao portão. A turba foi atrás deles, vaiando e atirando outra saraivada de pedras,

enquanto os cavaleiros agora galopavam para fora da cidade.

Amata acariciou o rosto e a barba desgrenhada de Jacopone com os dedos.

— Primo, pobre primo — sussurrou. — Está me ouvindo? Um dos guardas aproximou-se por trás dela.

— Eles o mataram?

— Ainda está vivo, mas muito ferido.

Alguém se ajoelhou a seu lado, sobre as pedras do calçamento.

— Meu carroceiro e os homens armados vão tomar conta das mercadorias. Posso ajudá-la a levar esse homem para um abrigo?

Ela olhou direto nos olhos castanhos do mercador. Eles não vacilaram.

— Ficaria agradecida — respondeu. — Vou providenciar ventosas e um farmacêutico.

Correu os dedos pelos cabelos sujos e emaranhados e acrescentou:

— Ou, se for necessário, um enterro adequado.

O homem dobrou novamente a capa sobre os ombros e suspendeu o esquelético Jacopone em seus braços musculosos.

— Vá na frente. Estou à sua disposição, *madonna*.

A voz dele vibrava com tanta ternura, que ela se virou para vê-lo de relance mais uma vez. Estaria flertando com ela num momento como aquele? Um sorriso caloroso brilhou atrás de sua barba negra como tinta. Amata teve a impressão de que os olhos dele se fixavam na metade inferior do rosto dela.

Tocou os lábios doloridos com as pontas dos dedos e enrubescou ao perceber que estavam inchados e sangravam. Devia estar com uma aparência horrível, pensou; e, pior ainda, toda despenteada, que era como se encontrava antes mesmo de o laçao de Roffredo bater nela.

O mercador deu um sorriso simpático, mas não fez nenhum comentário sobre sua aparência — disse apenas uma palavra:

— A-ma-ta. — Ele prolongou cada breve sílaba, deixando o som rolar na língua como os provadores de vinho fazem ao experimentar um exemplar de uma nova safra. Seus olhos encontraram os dela e cintilaram de prazer. — Um nome bem escolhido, *madonna*.



AMATA APOIAVA-SE CONTRA A PORTA entreaberta de sua casa. O mercador fora afinal cuidar da carroça avariada. Ainda bem! Ele se fora na hora certa, pois ela ficara muito surpresa com suas palavras ao partir. Mas por que, então, estava também desapontada?

Esticou o corpo para alcançar a janela mais próxima. Arrancou uma pedrinha de gelo presa na persiana, pressionou-a contra os lábios machucados e entrou. Sentia-se muito tola. O que se passara com ela na rua? Talvez estivesse tonta de susto depois de ter estado tão perto de uma desgraça com o conde Roffredo. Talvez o que dissera fosse fruto do desespero. De qualquer forma, viera tagarelando sem parar no caminho de volta até a casa. Surpreendeu-se querendo contar a esse estranho tudo sobre sua vida.

— Dois anos atrás, tudo que eu queria era viver uma vida simples como eremita numa cabana da floresta, mas os frades aprisionaram meu amigo — meu conselheiro espiritual, melhor dizendo. Então, durante meses, só pensei em vingar minha família dos... de algo que aconteceu quando eu era criança, mas o alvo da minha vingança desapareceu da cidade. Felizmente, no meio de toda essa confusão, vivi como criada com uma senhora muito bondosa pertencente à nobreza, embora ela me tratasse como filha ou neta, e agora que ela morreu, deixando-me sua casa e seu dinheiro, sou assediada por pretendentes gananciosos como o conde Roffredo. Aconselharam-me a casar para proteger meu patrimônio, mas esses pretendentes são todos tão horrorosos que passei a prezar muito a minha liberdade que é algo surpreendente, porque houve uma época em que tudo o que eu queria era me casar.

Tomou fôlego e disse abruptamente:

— Agora, não posso nem ouvir falar em casamento. O que acha do casamento, *signore*? É casado? Tem filhos?

Ficou vermelha de vergonha assim que fez a pergunta, vexada de sua tagarelice e ousadia — ousadia gerada, sem a menor dúvida, pela decisão que tinha de tomar, e bem depressa. O homem não caçoou dela, porém. Parou nos degraus, reacomodou um pouco o penitente que carregava em seus braços e virou-se para ela. E falou normalmente, sem ofegar e sem aparentar ter feito qualquer esforço.

— Não, *madonna*, não dispus de tempo nem dos meios para me casar. Mas não tenho nada contra o casamento. E sinto-me lisonjeado por ter perguntado.

— Oh, eu não pretendia... — ela começou a objetar, mas sabia que já tinha ido longe demais. E ela pretendia *sim*, e ele fora bastante sensato e franco fazendo-lhe o favor de eliminar os circunlóquios convencionais. Foi ela quem se sentiu na obrigação de mudar de assunto.

— Não está cansado? Um homem alto como *Sior* Jacopone deve ser bem pesado.

O mercador recomeçou a subir os degraus.

— Que nada. Este aqui é uma pluma. Acho que não come há uns três anos. Trabalhei como remador numa galera veneziana antes de entrar para o comércio. Aqueles anos de trabalho duro ainda me servem.

— Deve ter viajado muito, não?

— É, acho que posso dizer que sim. Acabamos de chegar de Flandres e de França. E já estive bem longe no Oriente, já fui até à Terra Prometida.

Ele sorriu e seus olhos se iluminaram.

— Poderia lhe contar tantas histórias, *madonna*...

Um retinir de armas e o ruído de passos apressados o interromperam: Pio, *Maestro* Roberto e outros homens que trabalhavam na casa de Amata vinham descendo as escadas correndo.

— Amatina! Graças a Deus está salva — exclamou o mordomo. — Viemos o mais rápido possível quando Pio nos contou o que aconteceu.

— Deus abençoe a todos. Estou um pouco machucada, mas o conde Roffredo foi posto para fora da cidade. Entretanto, preciso de um médico para o *Sior* Jacopone. Foi ferido ao tentar me salvar.

Roberto rapidamente avaliou a situação. Ordenou que um dos homens fosse a cidade buscar um médico. Recolheu a maioria das armas que os criados traziam e as foi empilhando nos braços de Pio. Em seguida, ele e outro homem tomaram Jacopone dos braços do mercador.

— Acomode-o no quarto que frei Conrad usava — ordenou Amata quando os homens subiam a escada. — Já vou subir. Quero agradecer a esse cavalheiro que me ajudou tanto.

Depois que os dois saíram apressados para realizar suas tarefas, Amata e o desconhecido retomaram a conversa. Pio usou o peso que carregava como justificativa para ficar para trás, mas a mulher diminuiu ainda mais o passo, não lhe deixando alternativa a não ser seguir em frente.

— Gostaria de ouvir essas histórias, *signore* — disse Amata quando ela e

o mercador ficaram a sós mais uma vez.

— Com o maior prazer, *madonna* — respondeu ele. — Espero que me permita visitá-la dentro de uns dias. Agora que meu empregador me deve uma boa soma de dinheiro, tenho um assunto de família que preciso resolver. Uma espécie de vendeta ao avesso.

Algum tipo de instinto feminino deve tê-la impellido a fazer a pergunta seguinte. Ou então o mesmo atordoamento que lhe inspirara toda aquela conversa desde que tinham deixado a praça.

— Envolve alguma mulher? — ela sorriu para o mercador enquanto perguntava, mas notou que *seu* coração batia um pouco rápido demais para alguém que só queria fazer uma brincadeira.

Dessa vez o homem não sorriu.

— Mais uma vez sinto-me lisonjeado, *madonna*. Envolve, sim. Imagino que o objeto da minha missão hoje seja uma mulher, embora em minha mente ainda a veja como uma criança.

E Deus permita que continue a vê-la desse jeito, pensou Amata. Não queria a mente dele ocupada com outra mulher naquele momento.

Enfim, chegaram à porta da casa. Ela ofereceu ao mercador uma bebida quente e convidou-o para entrar e descansar um pouco em sua cozinha antes de seguir caminho, mas ele não aceitou.

— Um outro dia, *madonna*. Devo ir ao encontro de meus homens e supervisionar os negócios.

E estava prestes a sair quando ela percebeu que, em meio a toda a confusão e agitação, não tinha sequer perguntado o nome dele.

— Orfeo — respondeu ele, com uma mesura. — Orfeo di Angelo Bernardone. E, depois de uma saudação, dirigiu-se para a viela.

— *A presto, madonna* — disse, virando a cabeça.

Foi mesmo que bater fortemente com a cunha de um machado no meio dos olhos dela. Amata ficou paralisada, confusa, imóvel, todo o ódio e a amargura que havia conjurado no passado contra esse filho do seu inimigo refluíram para o seu coração. Bateu com o punho na ombreira da porta enquanto o som dos passos dele ia desaparecendo na escadaria e pressionou a cabeça contra a fria madeira de carvalho. *Por que ele tinha de ser tão diabolicamente encantador?*

CAPÍTULO XXX



ORFEO FOI CAVALGANDO PELA TRILHA íngreme que levava a Rocca Paidà, saboreando o sol de *inverno* que lhe batia no rosto. Numa árvore junto ao caminho, um esquilo saiu depressa de um buraco para examinar melhor o dia. O galho fino em que estava cedeu ao peso do bichinho, balançando como se acenasse para um bando de gansos, que seguia aos gritos para o norte por cima de sua cabeça. O mercador disse a si mesmo que não podia esquecer de raspar a barba e aparar o cabelo, que lhe chegava aos ombros, antes de ir ao encontro de Neno naquela tarde. Os ventos gelados dos desfiladeiros da montanha tinham ficado para trás; já não precisava do agasalho para pescoço e garganta, e um rosto barbudo não era muito bem-visto *na sua* cidade natal.

O tilintar de moedas na bolsa também o animava. Segundo as condições de sua *commenda* com *Sior Domenico*, recebera um quarto dos lucros da viagem. Agora trazia consigo uma renda de meio ano de trabalho, certamente mais do que o suficiente para comprar a liberdade da criança prisioneira — caso ela ainda vivesse na Rocca. Nenhuma das pessoas com quem falara na cidade sabia sobre essa menina, mesmo sendo uma cidade pequena. A impressão que se tinha era de que a fortaleza a engolira depois do ataque. A única novidade é que o velho Simone tinha morrido e o filho Calisto tomara o lugar do *signore*. Os cavaleiros da Rocca viviam num mundo à parte, encastelados muito acima das casas do populacho. Diziam que seria uma imprudência alguém se meter com a vida deles.

Entretanto, oferecendo-se uma quantia polpuda... talvez fosse uma outra história. Orfeo tinha esperanças de que não seria difícil chegar a um acordo com o novo *signore*; negociante que era, esperava conseguir um preço justo, com

certeza inferior ao de uma escrava no mercado em Veneza. Afinal de contas, ainda tinha os próprios sonhos para financiar.

Seus pensamentos se voltaram para a mulher de Assis que acabara de conhecer, mal podendo acreditar na sua boa sorte. Linda, apesar dos ferimentos, ansiosa por livrar-se dos pretendentes, mas aparentemente tão contente em tê-lo conhecido quanto ele estava em conhecê-la — e, além do mais, herdara um bom patrimônio recentemente. Embora tivesse passado dois anos fazendo negócios pelo interior de toda a Europa por um salário que poderia ser considerado "modesto", ele ainda sonhava um dia operar numa escala que se comparasse à dos Polo. A fortuna de Amata, somada às suas economias, poderia ser suficiente para permitir um avanço em sua vida — sobretudo se os seus assuntos com o *signore* da Rocca dessem certo. Não lhe faltavam motivos para sorrir, e a temperatura mais quente aumentava seu bom humor. Era um prenúncio de que a primavera estava próxima, trazendo crescimento e novos projetos.

Dos bastiões do castelo, vários guardas observavam os movimentos de Orfeo morro acima. O portão estava aberto, mas a grade levadiça fora abaixada como medida de precaução. O porteiro levantou-a apenas o suficiente para que Orfeo passasse com seu cavalo, depois de ter explicado que tinha negócios a tratar com o *signore*. O guarda então tomou o animal pelo cabresto e levou o mercador ao encontro de um grupo de cavaleiros reunidos no pátio. Fez sinal para que Orfeo aguardasse a uma certa distância. Um dos homens se afastou do grupo.

O porteiro inclinou-se diante dele:

— Meu senhor Calisto, este homem quer lhe falar. Diz chamar-se Orfeo di Angelo Bernardone.

Calisto della Rocca fez sinal para o criado sair. O guarda pegou as rédeas do cavalo de Orfeo e puxou-o para as estrebarias.

— Seu nome me é familiar — disse Calisto com voz gutural, enquanto ia caminhando à frente de Orfeo para o grande salão. — Por que será?

— Meu pai fez negócios com o falecido *signore* há uns oito anos.

Calisto lançou um olhar de esguelha para Orfeo. Mas não disse nada ao entrarem no prédio. Sentou-se numa ampla cadeira e gesticulou oferecendo um banco que havia por perto. Ficou cutucando uma ferida no pescoço enquanto o comerciante ajeitava seu manto.

Orfeo virou a cabeça quando duas criadas passaram pelo salão. Calculou

que ambas eram mais velhas que a menina que procurava. O *signore* acompanhou seu olhar.

— Gosta delas? — E abriu um sorriso malicioso. — Se fosse passar a noite aqui como meu convidado, poderia ter as duas.

Orfeo percebeu que Calisto procurava seduzi-lo.

Na verdade, elas me fazem lembrar o propósito de minha visita — disse. — Estou à procura de uma mulher que hoje deve estar com dezoito a vinte anos, assim presumo.

A mão de Calisto desviou-se para o punho de sua espada, embora a voz permanecesse jovial.

— Algum parente seu?

— Não. Nem ao menos sei o nome dela. Teve conhecimento do ataque de seu pai ao Coldimezzo, na comuna de Todi, alguns anos atrás?

— Se soube? Eu estava lá! E foi um belo trabalho, cheio de sangue. Nem ficaram sabendo o que os atingiu. — Os olhos pretos cintilavam enquanto falava.

Orfeo cerrou os dentes. Por ele, agarraria ali mesmo aquele fanfarrão animalesco pela garganta, do mesmo modo que esganaria o próprio pai se pudesse; mas lembrou-se de que viera a negócios. A primeira coisa que um comerciante tem de aprender é controlar a emoção.

— Havia uma menina — disse —, parece que seu pai fez dela uma escrava. Calisto ficou de pé num salto.

— Aquela rameira! Por que está procurando por ela? — Estendeu a mão direita. — Está vendo esta cicatriz? Ela tentou arrancar meu dedo. Mal consigo segurar uma espada desde então.

Orfeo foi se levantando bem devagar. Não estava disposto a encarar esse homem, cujo temperamento era, no mínimo, instável. Lordes dessa laia agrediam-se lhes desse na veneta. Não queria permanecer sentado, vulnerável ao *signore*. Começou também a rezear que a menina estivesse morta. Se ela atacara um homem desse tipo, era provável que tivesse pago um preço bem alto por isso.

— O senhor a castigou?

— Ela fugiu, aquela prostituta miserável! Foi embora no mesmo dia, na companhia da minha irmã religiosa. Que o diabo as carregue, mesmo que estejam protegidas por seus hábitos de freira.

A bolsa de dinheiro pendurada à cintura de Orfeo ficou mais pesada de repente. Se a menina estivesse segura atrás das muralhas de um convento, não havia por que pechinchar com esse filho de assassino. Ainda assim, teve curiosidade em conhecer o destino da menina.

— E como eu a encontraria, então, se desejasse vê-la?

— Está querendo o mal ou o bem dela? — Calisto estreitou os olhos, reduzindo-os a meras frestas. — Se lhe deseja o bem, corto seu pescoço neste mesmo instante e o penduro no mourão do meu portão.

A respiração de Orfeo ficou curta, embora externamente mantivesse a compostura.

— Não será necessário — disse. — Agora ela está nas mãos de Deus e não tenho mais com que me preocupar.

Esboçou um sorriso falso e fez uma saudação, mantendo os olhos fixos na mão do *signore* junto à espada. Ao curvar-se, a corrente ao redor de seu pescoço saltou de dentro da túnica e o anel balançou diante de seu peito.

Os olhos de Calisto se arregalaram, acompanhando o movimento do anel. Como é que conseguiu isso? — disse, tocando com um dedo na pedra do anel. — Uma inscrição bastante interessante.

— Ganhei de meu pai — respondeu Orfeo.

Calisto deu um passo para trás.

— Claro.

Orfeo girou o anel e examinou o entalhe no lápis-lazúli. O interesse demonstrado por Calisto deixara-o intrigado. Teria o anel alguma coisa a ver com os negócios entre os pais de ambos?

— Isso tem algum significado para o senhor? — perguntou. — Esta jóia é um enigma para mim.

Calisto fingiu que não ouviu a pergunta.

— Diga-me onde está hospedado, *Sior* Bernardone, para o caso de eu me lembrar de mais alguma coisa sobre a menina — a voz e as maneiras voltaram a ser gentis, quase untuosas.

— Acabei de voltar à cidade — Orfeo respondeu. — Poderá me encontrar na casa do comerciante Domenico.

Mal acabara de pronunciar essas palavras e arrependeu-se de ter falado. Lembrou-se na mesma hora do aviso do irmão. Fez outra rápida reverência e dirigiu-se às estrebarias tão depressa quanto o desinteresse simulado lhe

permitia. Os pelos de sua nuca estavam eriçados, toda a atenção voltada para qualquer ruído que denunciasse que Calisto o seguia. Se o *signore* resolvesse atacá-lo, estaria indefeso contra esse homem e seus inúmeros cavaleiros.



RAIOS DE SOL E SOMBRAS alternando-se na parede branca.

Ar quente do interior de uma casa. Barulhos domésticos. Vassouras de gravetos sobre piso azulejado, lenha crepitando em cima da grade da lareira.

Rostos flutuando no ar, aparecendo e desaparecendo.

Dor. Nos ombros, costelas, joelho, por quase todo o corpo. Dor lancinante na cabeça.

Agora, Senhor Jesus, deixa este Teu servo partir em paz.

Vanna. Estou indo. Espere por mim.

Uma voz de mulher sussurrando:

— Ele está melhor?

Vanna?

— Dorme e acorda, Amatina. Tem um grande calombo na cabeça. Apesar disso, o médico acha que ele sobreviverá. É forte como um touro.

Uma carícia leve em seu rosto.

— Estou aqui, primo. Tem de lutar contra o demônio. Não deixe que o leve ainda.

Lutando para ouvir a voz. Um besouro preto lustroso se debatendo num lamaçal escuro à beira da estrada.

Querendo partir, deixar para trás esse vale de lágrimas. Buscando o eterno descanso. Ao lado de Vanna.

De quem é essa voz? De quem, se não é a de Vanna?

— Primo?

Rosto emoldurado de preto como o de uma freira, indistinto, flutuando para baixo na direção dele.

Cheiro de jasmim. Umidade fria na testa.

Sombras propagando-se. Palavras murmuradas à distância, misturando-se umas às outras.

Escuridão. Silêncio.

Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim, uni pecador.
Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de...



— OUVI POR ACASO VOCÊ CONVERSANDO SOBRE TROYES. — Um frade corpulento e de rosto vermelho sentou-se no banco diante de Orfeo e Neno e encheu seu copo da jarra deles.

— Uma bênção por sua generosidade, amigos — disse.

— Todas as gargantas são irmãs — arrematou Orfeo de bom humor. O frade fez girar o vinho no copo e aproximou o nariz da borda.

— Os franceses vivem dizendo que os melhores vinhos têm três "Bs" e sete "Fs":

C'est bon et bel et blanc,
Fort et fier, fin et franc,
*Froid et frais et frétilant. **

Sorveu o vinho e declarou:

— Não admira que eles nos deliciem com seu bom vinho, pois o vinho "faz a alegria de Deus e dos homens" como está escrito no capítulo 9.º do Livro dos Juízes.

Ergueu o copo:

— E deste vinho podemos dizer com segurança, como o sábio rei Salomão: "Dêem vinho forte para os que estão tristes, e vinho para aqueles que passam por aflições. Que bebam e esqueçam suas carências, e não se lembrem mais de seus pesares."

— Bem lembrado — disse Orfeo. — E, levantando a voz:

— Que a tristeza seja banida para sempre deste lugar.

Ele e Neno ergueram seus copos e todos brindaram. Uma porção de hurras ecoou dos cantos escuros da adega.

Orfeo bateu no peito quando terminaram de beber.

* *É bom, belo e branco, forte e orgulhoso, fino e franco, frio e fresco e buliçoso.* Em português, seriam quatro "Bs" e cinco "Fs" portanto. (N. do T.)

— Orfeo, antigamente dos Bernardoni, e Neno, tão forte e fiel como o boi que ele conduz.

O frade balançou a careca rosada:

— Frei Salimbene, recém-chegado de Romagna, a serviço de Deus e de todos os homens decentes... e das mulheres também, sejam decentes ou não — o frade caiu na gargalhada e puxou a papada gorda.

Neno começou a cantar. A letra, porém, terminou num murmúrio confuso, pois o carreteiro apoiara os braços sobre a mesa e fora abaixando a cabeça devagar sobre eles. Orfeo deu-lhe uma sacudidela e tornou a encher seu copo.

— Acorde. Talvez este bom frade tenha um poema para nós, ou uma música que consiga cantar até o *finis*.

Frei Salimbene aquiesceu e bateu com força na mesa para chamar a atenção dos presentes. Levantou-se, olhou ao redor e dirigiu-se a todos no aposento:

— Uns versos de *Maestro* Morando, que ensinava gramática em Pádua quando eu era menino. Deus tenha piedade da alma dele.

Tornou mais um gole e entoou, com voz tão sombria como se estivesse rezando a Missa:

*Bebes vinho com mel, doce, glorioso?
Tens corpo robusto, teu rosto brilha,
Cospes com desenvoltura;
Bebes vinho velho, capitoso?
Tens alma alegre, ó maravilha,
E mente sagaz à altura.*

*Bebes vinho ralo, acinzentado?
Logo estarás endefluxado
E rouco, ruim da garganta.
Bebes zurrapa a cair de borco
E engordas que nem um porco?
O vinho feio não te espanta.*

*A rubra cor não desdenhes, porém,
Mesmo clara ou desmaiada,*

*Pois te deixa a tez encarnada;
Mas d'água branca se abstém
Todo homem honesto tomar
Pois se arrisca a enferrujar.*

Orfeo bateu com as mãos abertas na mesa e socou os ombros caídos de Neno. Mandou trazerem um outro jarro enquanto Salimbene ajeitava o largo traseiro no banco.

— Já estive na França, irmão? — perguntou o comerciante.

— Não nos últimos vinte e cinco anos — respondeu o frade. — No ano 1248 de Nosso Senhor Jesus Cristo, viajei para o Convento de Sens para participar do Capítulo Provincial de nossa Ordem na França. O senhor Luís, rei de França, e seus três irmãos também foram para lá, e eu estava ansioso para vê-los. O ministro provincial da França e o frei Odo Rigaldi, arcebispo de Rouen, também foram, e com eles Giovanni da Parma, nosso ministro geral, além de muitos custódios, definidores e *discreti* da nossa irmandade.

Fez uma pausa para outro gole, voltando os olhos para o céu, e prosseguiu:

— Nosso ministro geral se recusou a se destacar, preferindo seguir as orientações contidas no Eclesiastes: "Não te ensoberbeças no dia da tua honra" apesar de o rei tê-lo convidado para sentar-se a seu lado. Em vez disso, Giovanni resolveu sentar-se a mesa com os mais humildes, os quais honrou com sua presença, e muitos aperfeiçoaram suas virtudes devido a essa atitude dele.

— Que todos nós aprendamos com os homens piedosos — exclamou Orfeo.

Ergueu a taça em saudação:

— E vamos também beber à saúde das mulheres bonitas, sobretudo à de uma que conheci hoje.

— E às muitas mulheres encantadoras com cujo diretor me encontrei hoje — disse Salimbene.

Neno começou a roncar baixinho. Orfeo e Salimbene trocavam histórias das viagens. Para Orfeo, parecia que mal haviam começado a séria tarefa de se embriagar quando ouviram o repicar de um campanário nas proximidades.

— Epa! O danado do sino dos beberrões tocou cedo hoje.

Esvaziou o copo e bateu-o na mesa estrepitosamente. Pôs-se de pé com

grande dificuldade, sacudiu Neno para que acordasse e ajudou-o a levantar-se.

— *Addio, signore* — gritou o frade da porta. — Venho procurá-lo aqui uma outra noite dessas.

Orfeo balançou sua lanterna em resposta ao frade. A brisa noturna fez arderem-lhe as maçãs do rosto, lisas e ainda sensíveis do barbear recente. As pedras do calçamento davam a impressão de estarem injustamente escorregadias quando ele e Neno atravessaram o umbral da porta e foram aos tropeços para a casa de *Sior Domenico*, mais precisamente para o sótão onde dormiam os homens que trabalhavam para ele. As ruas traiçoeiras inclinavam-se, perigosas. Neno parou um pouco diante da parede de uma casa para aprumar o corpo e se aliviar. Queria voltar a cantar, mas Orfeo o empurrou de leve para que prosseguisse.

— O toque de recolher já vai soar, amico. Temos de chegar à casa de *Sior Domenico* antes disso.

Três homens vinham devagar na direção deles pela ruela escura, os rostos encapuzados protegidos da luz da lanterna. Orfeo lembrou-se de que ainda carregava a bolsa de moedas e instintivamente enfiou a mão dentro da capa, segurando o punho de seu espadim. Neno, ignorando a presença dos homens, seguia cambaleante pelo outro lado da ruela, com a mão esticada buscando apoio no muro mais próximo.

— É ele — disse o mais alto ao se aproximarem. — O homem de barba. Antes que Orfeo pudesse reagir, os três correram para o carreteiro. As lâminas das adagas reluziram à luz trêmula da lanterna e Nemo caiu de joelhos com um gemido.

— Pegue o anel. Está no pescoço dele.

— Diabos! Não está, não. Nem nos dedos.

— *Merda!*

Orfeo deu um berro e atacou os homens por trás, investindo contra eles como um possuído ao fazer girar a lanterna e o espadim. O que estava mais perto se virou e foi ferido no pescoço. Os outros dois gritaram e saíram correndo rua abaixo, sem olhar para ver quem os havia atacado. O criminoso que não fugiu segurava a ferida com uma das mãos, ameaçando golpes de faca no vazio com a outra. Orfeo estendeu a lanterna como escudo e avançou para ele com a espada erguida. O homem tentou recuar, mas tropeçou e caiu em cima de Neno. Orfeo balançou a lanterna na direção da lâmina, atirando a arma no chão com

estrépito. Tomado de fúria, retalhou o homem com a ponta do espadim como se empunhasse um machado. Continuou atacando até os gritos e movimentos cessarem. Só então pousou a lanterna e encostou-se em uma porta, ofegante, chorando, olhando para seu amigo jogado na ruela escura como um monte de roupa suja.

Enxugou o rosto com as costas da mão e puxou a corrente que trazia ao pescoço para pegar o anel. Apertou-o, praguejando contra o próprio pai, contra Calisto di Simone e os assassinos do *signore*. Agora fora *ele* a perder um amigo para um *signore* da Rocca, assim como a menina que fugira para o convento perdera a própria família. Mesmo sob o impacto da perda, sentiu-se mais ligado a ela do que nunca. Jurou que um dia, de alguma forma, iria vingar as duas afrontas.

Por seu gosto, arrancaria a corrente do pescoço e arremessaria o anel o mais longe possível. Resistiu, contudo, ao impulso, colocando-o de novo dentro da túnica, e guardou a espada. Pela segunda vez naquele dia, Orfeo ajoelhou-se para recolher uma vítima da violência desenfreada dos nobres. Sussurrou no ouvido agora insensível de Neno:

— Agora, *amico*, você está finalmente livre deste mundo brutal e sem sentido.

CAPÍTULO XXXI



JACOPONE PESTANEJOU E ABRIU os olhos castanhos e redondos como florins de ouro. Com voz rouca, murmurou um pedido à mulher sentada num banco ao lado de sua cama:

— Tem algum resto de comida para um pobre pecador?

A mulher fez um sinal para o menino em pé ao seu lado.

— Diga a sua mãe que nosso doente está com fome. Só caldo e pão por ora, eu acho.

O penitente cheirou o antebraço e torceu o nariz em desagrado.

— Passamos unguento nas suas feridas — explicou a mulher. — O médico também deixou um pó para você beber misturado com água. Para restabelecer suas forças.

— Deus me livre dos curandeiros charlatães — rosnou. — Poupe-me dos tônicos deles, meros destilados da bosta amassada dos leprosos. Nada de unguentos, nem de paliativos, nem de calmantes. A natureza é o único médico de que preciso.

Fez uma careta e cuidadosamente passou os dedos pelos cabelos amarelados.

— Perdi meus miolos? — perguntou.

— Não, mas tem um caroço bem grande na cabeça. Deve tê-la batido nas pedras quando a carruagem o derrubou.

Os olhos cor de avelã, levemente estrábicos, tentaram focalizar a mulher.

— Já ouvi sua voz antes. Quem é você?

— Amata, prima de Vanna. Os invasores levaram-me embora de casa antes que fôssemos apresentados.

Eles haviam se conhecido na estrada mais de dois anos antes, é claro, mas ela não viu motivo algum para confundi-lo ainda mais, contando-lhe que eles tinham se encontrado enquanto ela se disfarçava de Fabiano.

—A pequena Amata di Buonconte? Viva? — o cenho do penitente formou um sulco em formato de "V" acima do nariz. Os olhos perscrutavam o quarto, tentando respostas nas paredes caiadas de branco. Por último, pousaram no rosto dela e exploraram suas feições, até que as pálpebras pesadas se fecharam novamente.

— Foi de você que ela mais sentiu falta — e sua cabeça afundou mais no travesseiro enquanto dizia essas palavras. — Ela tentava imaginar o que lhe teria acontecido.

A mata tomou-lhe a mão imensa, entrelaçando seus dedos nos dele.

— É uma longa história, *Sior* Jacopone. Quando estiver forte o bastante para me ouvir, vou falar sem parar.

— Foi você quem me chamou *na piazza*, não foi?

Ela assentiu.

— Mas por que o Gaetani tentou raptá-la?

Amata torceu um dos cantos dos lábios num meio-sorriso.

— Aquilo foi o que o conde Roffredo Gaetani chama de fazer a corte a alguém. O homem que vier a se casar comigo será senhor de uma fortuna considerável.

Jacopone continuava com o olhar fixo nela, e Amata ficou impressionada com a limpidez daqueles olhos, tão diferentes dos seus, cobertos de veias vermelhas que se espalhavam como uma teia devido às noites de insônia dos últimos dias.

— Existe alguém com quem deseje se casar?

Ela sorriu e fez que não.

— Nenhum desses que até agora me propuseram casamento. Mas já me avisaram para escolher alguém logo, um cão de guarda que me proteja de lobos como Roffredo.

Jacopone teve um acesso de tosse.

— Não necessariamente... Você tem parentes, homens que poderiam agir como seus protetores... para cuidar de suas propriedades. — Falou com dificuldade, com a respiração ruidosa entre as frases. — Já fiz isso para outros... na minha vida passada.

O penitente começou a agitar a cabeça sobre o travesseiro, encolhendo-se e lutando com a inconsciência. Aquela mera sugestão surtiu um efeito hipnótico em Amata. Viu-se olhando fascinada para esse suposto lunático, porém tão instruído e experiente que poderia, com uma pena e um único pedaço de pergaminho, transformar o emaranhado das leis num atalho de salvo-conduto para ela.

A lista de seus parentes homens tornara-se na verdade bem curta. O avô Capitano morrera um ano antes de seus pais, deixando para seu pai o anel que mais tarde fora roubado por Simone della Rocca. O tio-avô Bonifazio seria o último homem a quem ela iria procurar. Provavelmente iria lhe roubar até o último centavo e abandoná-la nas ruas como uma mendiga — ou trancafiá-la num convento, onde viveria o resto de seus dias como *Suor* Amata novamente. Mas um homem, seu tio Guido, pai de Vanna, podia ser a solução de seus problemas. Se o tio ainda estivesse vivo, seria hoje o único senhor do Coldimezzo. E se Jacopone falasse em nome dela... certamente o sogro do notário não haveria de se recusar, apesar do antigo escândalo envolvendo Bonifazio e ela. Os lábios de Jacopone, rachados pelas intempéries, abriram-se mais uma vez:

— Seu irmão.

— Fabiano?

— Se não tivesse feito os votos solenes de viver para sempre na pobreza, ele serviria.

À menção ao irmão morto, Amata aspirou com força o ar entre os dentes cerrados. Era uma lembrança dolorosa demais. Mas a alusão do primo ao voto de pobreza de Fabiano também a fez reprimir um sorriso. Um dia ela iria distrair *Sior* Jacopone com a história do "frei Fabiano".

Atrás dela ouviu-se o som do arrastar de sandálias, mais forte que as pisadas de Pio. A cozinheira em pessoa viera trazer a comida.

— Por favor, *madonna*, permita-me servir nosso hóspede, em agradecimento por ele ter salvo sua vida.

Amata sorriu.

— Viu, *signore*, quantas boas almas estão aqui para cuidar de você? — e ficou imaginando se o fato de ambos serem viúvos teria a ver com a atenção especial que a cozinheira dedicava ao doente.

Levantou-se para deixar a mulher sentar-se no banco e saiu discretamente

do quarto, detendo-se numa das janelas do corredor. Espiou pelas venezianas as pedras úmidas do calçamento da vicia, que tinham adquirido um leve polimento acinzentado ao sol do meio-dia de inverno. Amata também viu um Orfeo Bernardone sem barba encaminhando-se para a porta da frente de sua casa, com a cabeça e os ombros caídos e o andar desanimado. Que falta de sorte a dele, ter aparecido justamente quando ela estava pensando no irmão. Se tivesse alguma dúvida sobre qual atitude tomar desde a última visita do rapaz, o fato de ele chegar naquele exato momento deitou por terra qualquer incerteza.

— Tenho visita chegando— falou para dentro do quarto onde estava Jacopone. — Quero conversar com você mais tarde sobre o conselho que me deu.

Um esboço de um plano começou a se formar em sua cabeça enquanto atravessava o vestíbulo para receber Bernardone. Se desse certo, de uma só vez amarraria a vingança à sua necessidade de proteção. Assim que Jacopone estivesse forte o bastante para viajar, iriam até Coldimezzo — confiando que o conde Guido ainda morasse na propriedade. Não fazia a menor idéia se a *castella* sobrevivera ao ataque, mas Jacopone haveria de saber. Ela poderia continuar a mostrar-se interessada nesse Orfeo, pedir-lhe para acompanhá-los como proteção contra saqueadores no caminho e, quando chegassem a Coldimezzo... era o lugar perfeito para o filho de Bernardone pagar pelas mortes de sua família! O terreno rochoso do Coldimezzo ficaria feliz em absorver a oferenda que ela lhe faria; seria um altar de sacrifício, como as pedras achatadas banhadas em sangue sobre as quais os patriarcas hebreus imolavam cabras, bezerros e pombos para expiar seus pecados.



APESAR DA FANTASIA DA JUSTIÇA FINAL que fazia seu espírito flutuar, Amata ficou perturbada com a tristeza de Orfeo. Que satisfação teria ela em matar alguém que já dava a impressão de preferir estar morto? A palidez do rosto recém-barbeado apenas aumentava o aspecto de sofrimento. Ele se deixou cair numa cadeira do outro lado da lareira de pedra, diante de Amata, mas sem conseguir encará-la. Seu olhar, em vez disso, fixava-se nas labaredas.

— Por que esse olhar tão distante, *signore*? É sempre assim mesmo por

baixo de suas suíças? Pensei que viesse me divertir com histórias de suas aventuras.

— Não devia ter vindo tão cedo. Foi um erro.

Caiu novamente em silêncio, remexendo-se no assento para ficar diante do fogo, mas não fez menção alguma de se levantar para ir embora. A boca estava frouxa, entreaberta, como a de um imbecil incapaz de se lembrar o que pretendia dizer em seguida.

Enfim, falou com uma voz tenebrosa.

— Precisava conversar *com alguém*. E vou de fato lhe contar uma história, de Ala-al-Din, o Velho da Montanha, um seguidor do tio de Maomé, Ali.

Ele fixou o olhar nas chamas ao começar:

— Esse chefe mora na região de Alamut, para além da fronteira da Armênia Maior. Construiu lá um jardim repleto de todas as frutas e todas as flores aromáticas. Palácios de mármore decorados com peças de ouro, pinturas e sedas espalham-se por suas propriedades. Através de tubos instalados nesses prédios, vinho, leite, mel e água pura fluem de fontes para todas as direções.

Dentro dos palácios, moram donzelas elegantes, que cantam e dançam ao som de liras e alaúdes e são peritas na arte da sedução.

Amata sorriu ao imaginar como seria. Por que ela não nascera num ambiente tão prazeroso quanto aquele, pagão, em vez de nessa vida de tanto rigor cristão? Espreitou o rosto de Orfeo, que continuava lúgubre como antes, fazendo um triste contraste com a rica descrição. Ela cerrou os olhos, não querendo estragar o devaneio com o que quer que fosse que o estivesse deprimindo.

— Poucos conhecem o paraíso terrestre de Ala-al-Din — continuou ele no mesmo tom monótono —, pois está escondido num vale guardado por um castelo poderoso, através do qual uma passagem secreta leva à entrada. Ao criar esse cenário celestial, ele teve em mente se passar por profeta, por aquele que tem o poder de admitir no paraíso os homens que fizerem a sua vontade.

Ele continuou:

— Em sua corte, Ala-al-Din mantém muitos jovens das montanhas vizinhas, selecionados por suas habilidades marciais e coragem excepcional. Depois de lhes ensinar sobre o paraíso e de gabar-se do poder de lhes conceder permissão para lá entrar, faz com que lhes seja servido um certo narcótico

chamado "hashishin" Então, quando estão quase adormecidos de embriaguez, ele os leva para o palácio secreto, onde por muitos dias ficam ainda mais inebriados com os excessos de prazeres de todos os tipos, até que acreditam realmente que se encontram no paraíso.

Amata chegou-se para a ponta da cadeira.

— E esses rapazes bonitos nunca mais saem de lá?

— E eu disse que eram bonitos? — ele inclinou a cabeça e olhou-a de relance pelo canto do olho. — Eles não vão embora por vontade própria. O chefe faz com que sejam drogados de novo e os traz de volta para a sua corte. Pergunta onde estiveram e lhes assegura que, se obedecerem às suas ordens, ele os levará de volta para o paraíso que acabaram de visitar. Assim, os jovens ficam contentes em receber as ordens dele e até em morrer a seu serviço, pois acreditam que serão mais felizes depois da morte do que enquanto estão vivos. Caso algum príncipe da vizinhança insulte Ala-al-Din, acaba assassinado pelos guerreiros do chefe, que não temem perder a própria vida. Ninguém, por mais poderoso que seja, que se exponha à inimizade do Velho da Montanha pode escapar de seus "assassinos" pois é assim que vieram a ser chamados, por causa do "hashishin" que ingerem. Seus atos homicidas fizeram com que a palavra *assassino* chegasse até a nossa língua.

Orfeo fez uma pausa, limpando uma pequena mancha debaixo de uma unha. Amata bateu palmas entusiasmadas, mas mesmo assim não conseguiu fazer com que o comerciante se animasse.

— Uma história maravilhosa e assustadora, *signore*. É verdadeira?

— Verdadeira até demais.

Ele então cobriu o rosto com as mãos fortes. Quando voltou a olhá-la, havia um brilho úmido em suas pálpebras e seus olhos estavam vermelhos.

— Assassinos mataram meu primeiro carroceiro, e meu amigo, há duas noites — disse ele —, aquele homem que você viu com um machado e que manteve os soldados do conde Roffredo à distância.

Amata compreendeu a tristeza do comerciante. Mesmo assim, esforçou-se em evitar qualquer sentimento de solidariedade, fechando aquele canto de seu coração. Preferiu concentrar-se num único pensamento: foram assassinos também os que mataram minha família, assassinos contratados pelo pai de Orfeo di Bernardone.

— Era eu o alvo das adagas deles — continuou o comerciante. — Como

raspei a barba e Neno não, eles se equivocaram.

A cadeira de Orfeo arranhou os azulejos quando ele se levantou e empurrou-a com a perna.

— Vim me despedir, *madonna*. Não sei por que despertei tamanha inimizade, mas sei que minha vida me será confiscada se permanecer em Assis. Vou pedir a *Sior Domenico* para providenciar outra expedição de compras. Só lamento ter de ir justamente agora, quando acabei de conhecê-la.

Ah não! Você não pode desaparecer de novo, pensou Amata.

— Mas não é exatamente isso o que esses assassinos esperam? — disse ela, impulsivamente. — Será que não estarão à espreita para atacá-lo fora das muralhas?

Ele se deteve e ela aproveitou o momento para trazer à baila o que era de seu interesse:

— Vou viajar para a Comuna de Todi dentro de alguns dias e preciso de uma pessoa armada para me escoltar. Estava pensando em chamá-lo.

E acrescentou logo em seguida:

— Seu inimigo não seria capaz de prever algo assim, e você e eu... — *E você e eu?* — calou-se antes que fizesse concessões à sua resolução, antes de mentir deslavadamente.

A melancolia que cobria as feições de Orfeo foi se dissipando mesmo antes de ela ter terminado. Amata não sabia se ele tinha sido mais atraído pela perspectiva da fuga ou pela palavra que ela não chegara a dizer.

Orfeo tomou-lhe a mão.

— Sinto-me honrado, *madonna*. Sinceramente honrado.

Uma fígada inesperada aqueceu o interior das coxas de Amata quando ele pressionou os lábios o mais suavemente possível nas costas de sua mão.



— GERARDINO ESTÁ MUITO MAL. A gripe atacou-lhe os pulmões e ele parou de comer. — Zefferino transmitiu o aviso pela grade quando fez descer a ração do dia para Conrad e Giovanni.

Giovanni da Parma abanou a cabeça com ar grave quando Conrad lhe entregou a tigela de caldo.

— Muitos acreditam que frei Gerardino di Borgo San Donnino foi o responsável involuntário pela minha prisão. Há quanto tempo você disse que ele e eu somos convidados de Bonaventura? Dezesseis anos? Tem sido um cerco maçante para alguém tão jovem e simpático. Você teria gostado muito dele, Conrad. Um teólogo brilhante: afável, religioso, moderado nas palavras e na comida, prestativo, com humildade e gentileza.

— Estas são as qualidades de um santo. O que foi exatamente que ele fez de errado? — perguntou o frade.

— Assim como eu, ele concordou com as profecias do abade Joachim. Mas ele levou as teorias de Joachim a conclusões anti-sacerdotais, e o clero secular em Paris ficou contra ele. Como ministro geral, eu deveria tê-lo punido, pois suas declarações realmente chegavam às raias da heresia, mas não pude, porque enxerguei a beleza lógica por trás delas. Na verdade, alguns dos escritos dele foram até atribuídos a mim. Conseqüentemente, quando ele caiu em desgraça, eu caí com ele. Era justamente a desculpa de que os Conventuais precisavam para me substituir.

Giovanni mergulhou um naco de pão no caldo morno até que ficasse macio o bastante para ser mastigado. Quando terminou o pão, levou a tigela à boca. Conrad procurou fazer seu companheiro voltar ao assunto.

— O que então Gerardino acrescentou aos ensinamentos de Joachim? Giovanni ergueu os olhos de repente para Conrad enquanto este lhe fazia a pergunta. No rosto dele, Conrad notou um sobressalto, e o frade se preparou para uma das freqüentes digressões de seu companheiro.

— Perdoe-me, irmão, estava me recordando de partes de uma música que há anos estava esquecida para mim. As pessoas dizem que uma criança de colo foi quem primeiro a entou, como um alerta do que aconteceria no futuro.

*Certa vez um romano na cabeça de outro romano bateu.
Mas este romano ao primeiro foi Roma inteira o que deu,
E o leão foi à montanha e da raposa fez-se amigo, o ladino.
Mas vestiu pele de leopardo e assim leve um fim repentino.*

Nunca fui capaz de descobrir quem eram os romanos, nem o leão nem a raposa, assim como não sei quem é o Anticristo ou a Abominação da Desolação nas profecias de Joachim. Durante anos acreditei que o imperador Frederico

fosse o Anticristo; a mania que ele tinha de banhar-se diariamente, mesmo aos domingos, era prova de que não respeitava os mandamentos de Deus nem as festividades ou os sacramentos da Igreja. Entretanto, depois que Frederico morreu com o restante das profecias ainda por acontecer, comecei a duvidar. Quando perguntei a Gerardino qual era sua opinião, ele citou o capítulo 18 de Isaías, desde "Oh! Terra em que ressoa o ruído de asas" e assim por diante até o final, como se fizesse referência ao rei Alfonso de Castela. "Com certeza ele é o maldito Anticristo de quem todos os doutores e santos falaram" foi o que ele disse. Quanto à Abominação da Desolação, ele acreditava com igual certeza que o termo se referia a um papa simoníaco que viria em breve.

E foi por causa dessas interpretações que os ministros prenderam Gerardino? — indagou Conrad.

— Não só por elas, muito embora tenham sido grandes responsáveis por expô-lo ao escárnio dos lentes da universidade. O abade Joachim divide o tempo em três: no primeiro estágio, Deus, o Pai, introduziu os mistérios por intermédio dos patriarcas e profetas. Num segundo estágio, o Filho atuou por meio dos Apóstolos e seus sucessores, ou seja, o clero, e a respeito desse estágio ele diz: "Meu Pai atuou até agora; daqui para a frente, Eu atuo." No estágio final, o Espírito Santo vai agir por meio das ordens religiosas, dos frades, monges e freiras, conduzindo a hierarquia para novos caminhos. Não que o Antigo e o Novo Testamento tenham de ser abolidos, veja bem, mas os olhos dos homens serão abertos pelo Espírito de forma a verem uma nova revelação nas antigas Escrituras: um Evangelho Eterno que procede dos Testamentos, conforme o seu autor, o Espírito Santo, procede do Pai e do Filho. Mas, antes que isso ocorra, é preciso que aconteçam as convulsões previstas no Apocalipse, a Batalha de Armagedon que deve preceder ao reino dos santos. Nós acreditávamos que o ano da reviravolta seria o de 1260.

— E por que esse ano? — Conrad perguntou.

— Era bem evidente, considerando-se a história de Judith. Judith, depois de enviudar, viveu três anos e seis meses, quer dizer 1.260 dias. Ela simboliza a Igreja, que sobrevive ao esposo Cristo, não por 1.260 dias, mas pela mesma quantidade de anos. O ano de 1.260 deve ser então o ponto decisivo na vida da Igreja.

— Mas se Nosso Senhor morreu aos trinta e três anos — Conrad indagou —, será que o ano da reviravolta não viria trinta e três anos após o ano 1260 de

Nosso Senhor?

Giovanni fitou Conrad. Depois esfregou a testa com o punho:

— Claro! É por isso que os eventos vaticinados por Joachim ainda não ocorreram. Gerardino se esqueceu de levar isso em consideração. Havia mais coisas, porém. Ele publicou uma *Introdução ao Evangelho Eterno* contendo as obras mais famosas do abade Joachim, com prefácio e notas dele próprio. Os sacramentos seriam símbolos transitórios, afirmou ele, a serem postos de lado durante o reino do Espírito Santo. Ele também comparou o papado à Abominação da Desolação, como eu já disse, e, com apenas alguns anos faltando para o ano da reviravolta, o governo papai não ficou nada satisfeito. *E ele também declarou que São Francisco era o novo Cristo que haveria de suceder a Jesus, que ele seria o Cristo da segunda era.* As escolas de Paris não podiam permitir que uma declaração como essa passasse incontestada, e o assunto foi parar numa comissão papal em 1255. A comissão condenou a obra de Gerardino e queimou todas as cópias existentes. Agora, parece que Gerardino morrerá como um herege e excomungado devido à sua teimosia, pois ele nunca se retratou de suas idéias não-convencionais.

Não mais voltaram a falar sobre Gerardino até que, alguns dias mais tarde, a voz rouca de Zefferino anunciou o inevitável:

— O espírito de frei Gerardino deixou seu corpo enquanto ele dormia na noite passada.

— Que Nosso Senhor e Sua Abençoada Mãe recebam sua alma — disse Giovanni.

A grade se abriu e Zefferino desceu para junto deles.

— Bernardo da Bessa usou-o como exemplo no capítulo desta manhã — Zefferino franziu o cenho e baixou o tom da voz: — "Observem esse exemplo de extrema insensatez, quando um frade é censurado por homens de grande saber e ainda assim não recua de suas idéias falsas, mas continua atrevido e obstinado, vivendo de ilusões."

— Bernardo é quem agora conduz o capítulo? — perguntou Conrad.

— Essa é a outra notícia que trago — disse Zefferino. — Bonaventura viajou para Roma. O santo padre pediu que ele discursasse no concílio da Igreja em Lyons. Vai ficar afastado pelo menos por todo o verão.

Conrad abaixou a cabeça. Pôs-se de pé, revirando os dedos dos pés na terra fria e úmida que cobria o chão da cela. Arrastando seus grilhões, levou as

sobras de comida para a cesta pendurada na parede. Durante dois anos havia alimentado a esperança de que o ministro geral pudesse apiedar-se e libertá-los, ele e Giovanni da Parma. Mas agora, ocupado com assuntos do papado, era menos provável ainda que Bonaventura se lembrasse dos frades intrometidos que deixara acorrentados nas profundezas do Sacro Convento. Ficariam presos ali por no mínimo mais meio ano.

Conrad examinou o frade idoso enquanto ele tomava o caldo. Giovanni tinha tanto tempo de prisão quanto Gerardino. O frade também lançou um olhar para as próprias mãos, pálidas, esqueléticas, e apertou um dos braços magros por dentro da manga da túnica. Será que ele e Giovanni terminariam seus dias numa cela de prisão como o rebelde Gerardino? Será que ele nunca poderia cumprir os votos pessoais de trabalhar com os leprosos? Por mais sem sentido que pudesse parecer, seria realmente essa a essência da vontade de Deus ao chamá-los para a Ordem — passar os dias na escuridão do subterrâneo, tendo apenas ralos como companhia? *Vossos caminhos são realmente misteriosos, Senhor*, refletiu enquanto recolhia a tigela de Giovanni e a entregava a Zefferino.

— Venha, irmão — disse, depois que o carcereiro saiu —, vamos agradecer mais uma vez pelo nosso alimento.

CAPÍTULO XXXII



QUANDO ORFEO LHE PERGUNTOU para onde iriam, Amata limitou-se a esfregar de leve seu manto para limpar os respingos de lama endurecida.

— Logo vamos chegar lá — respondeu.

Ele reconhecia a estrada para a comuna de Todi, é claro, pois costumava fazer aquele percurso com o pai quando era menino. Na verdade, conhecia-a *muito bem*, pois sabia que, caso não se desviassem em alguma encruzilhada nos próximos quilômetros, passariam diretamente abaixo do Coldimezzo.

Que tipo de redemoinho obscuro teria de enfrentar por ter aceito a oferta da mulher? A minúscula caravana contornava um vórtice que poderia sugá-lo para o fundo sombrio de seus mais terríveis pesadelos e deixá-lo em pedaços lá embaixo. Gotas de suor brotaram e escorreram por sua testa e rosto, o que não estava de acordo com a temperatura amena de março, quando outra vez lhe veio à mente a destruição que presenciara naqueles sonhos — pessoas caindo sob os golpes das espadas e pisoteadas pelos cascos dos cavalos de guerra — e, recentemente acrescentada, a imagem da criança infeliz arrebatada e levada pelos assassinos contratados por seu próprio pai.

De propósito, ficou na retaguarda do grupo. Sua respiração curta mesclava-se ao gorjear das aves, cujo chamado tentava atrair potenciais parceiros nas árvores à margem da estrada. Até os pássaros faziam troça de sua mudança de humor. O que se havia iniciado como uma viagem de galanteria — seu cavalo lado a lado com o de Amata enquanto ele lhe contava sobre seu amigo Marco e ela filiava de Donna Giacomina e sobre a única grande viagem que fizera a Marches; o entusiasmo dele crescendo como a seiva nas árvores em volta ao despertar do sono de inverno — fora amortecido pela realidade que ele

poderia ter de enfrentar numa curva qualquer dessa estrada.

Amata parecia igualmente ansiosa. Estava fria e distante, e fazia uma hora que não falava com ninguém. Havia puxado o capuz sobre a cabeça e sua montaria reduzira a marcha. Não dava a impressão de ir tratar de um simples negócio, motivo que usam para justificar a viagem. Até o menino Pio ficara desanimado e desistira do cavalgar ao lado dela.

Orfeo esporeou seu cavalo de guerra até emparelhar com a carroça de Jacopone. Os criados a haviam enchido de palha, cobrindo-a depois com várias camadas de mantas. Ainda machucado, Jacopone cochilava tranqüilo, sem se incomodar com a mosca que zumbia perto de seu rosto e saltava de sua testa nem com os trancos que a carroça dava no chão de terra. Continuaram morro acima depois de vadearem o rio Tibre; a estrada ia se tornando mais firme à medida que se afastavam do leito do rio. Um tapete de grama nova se espalhava pelos roçados que eles iam atravessando, e os fazendeiros apareciam aqui e ali, verificando se os campos estavam úmidos. Folhas tenras tingiam os arbustos e as árvores de verde, e os primeiros botões rosados e brancos enfeitavam como lantejoulas as árvores frutíferas que tinham sobrevivido ao inverno implacável.

Orfeo veio trotando até ficar atrás de Amata, em tempo de vê-la reprimir a custo um grito. Ela havia parado e olhava adiante. Ao retirar o capuz, o vento afastou-lhe do rosto os cachos de cabelo preto. Estavam apenas um pouco mais compridos do que os usados pelos homens, remanescência dos seus dias de convento, ela explicara. Foi preciso determinação para desviar os olhos do perfil de Amata para ver o que lhe causara tamanho sobressalto.

Esse deve ser o lugar, pensou ele. Mas tinha um aspecto diferente. Lembrava-se de uma barragem de terra que circundava o castelo, de uma floresta que crescia quase até o talude, de uma muralha cujo único tipo de pedra subia pelas torres e pelo arco que emoldurava a entrada. *Este Coldimezzo* tinha, em toda sua circunferência, altos blocos de fortificações. Acima das ameias, só se distinguia a torre de menagem, no último pavimento do castelo. As árvores e arbustos tinham sido cortados de modo que o inimigo que avançasse seria forçado a atacar num terreno íngreme, descoberto e escarpado, sem qualquer possibilidade de apanhar os ocupantes do castelo de surpresa.

— Eles o fortificaram — disse Amata baixinho para ninguém em particular —, mas o dano já está feito.

Deu a volta com seu palafrem e conduziu o animal até a carroça. Apoiou-

se na barra lateral e acordou Jacopone com uma sacudidela.

— Acorde, primo. Estamos em casa.

Orfeo ficou estático sobre a sela, mudo como uma porta, enquanto o penitente procurava recuperar a consciência. Fitou a mulher como se a visse pela primeira vez, juntando as peças do que sabia sobre ela: a idade, a amizade com o fradei sua temporada como freira, a generosidade da senhora que a recebera em casa (por ela ser órfã?), a vendeta que ainda envenenava seu coração (contra os homens da Rocca?).

Aqui seguramente se via a mão de Deus, a mão que o arrancara de Acre e o levara de volta a Assis e agora a esse lugar, com essa mulher. Examinou as feições pálidas emolduradas pelo cabelo preto, esforçando-se para descobrir, no rosto de Amata, a criança que o espreitara timidamente da casa do portão. Quantos anos antes? Oito, sem dúvida. Com certo constrangimento, ela uma vez admitira já ter dezenove anos. *Santo Deus, tinha de ser ela!*

Seu coração batia com força, como o de alguém que acidentalmente tropeça numa moeda bem valiosa. E, como esse alguém que primeiro cobre a moeda com o pé até ter certeza de que ninguém está olhando, Orfeo resolveu que esconderia sua descoberta por enquanto. Em breve, quanto a hora e as circunstâncias lhe fossem favoráveis, revelaria a infeliz associação de suas histórias pessoais. Por enquanto, seria apenas um observador, estudando o passado dela à medida que o presente fosse se desenredando. Agora admirava a mulher sob uma nova forma, sabendo o quanto sofrerá.

Ainda cambaleante, Jacopone levantou-se do leito de palha e arrastou-se até o assento da carroça. Amata fez sinal para que a caravana seguisse em frente. Mais guardas tinham aparecido no alto da muralha desde que os avistaram se aproximando do castelo. Amata esquadrinhou os baluartes, como se procurasse um rosto conhecido entre os guerreiros. Um guarda gritou para eles quando chegaram mais perto, ordenando-lhes que se identificassem e dissessem o propósito de sua visita.

— Cleto Monti não é mais o guardião do portão aqui? — Amata gritou de volta.

— Não conheço ninguém com esse nome — respondeu o homem.

— Morreu faz oito anos, senhora — outra voz acrescentou. — Foi morto num ataque a este castelo.

— Eu não sabia — disse ela tão baixinho que só os que a acompanhavam

escutaram. Suas costas curvaram-se por um momento, mas em seguida voltou a dirigir-se aos guardas:

— Amata di Buonconte, acompanhada de Jacopo dei Benedetti da Todi, solicita a hospitalidade de seu tio, conde Guido di Capitano.

— Então é uma impostora — replicou o segundo homem. — Amata di Buonconte também está morta. Foi assassinada naquele mesmo ataque. E *Sior* Jacopo enlouqueceu e se matou depois que a senhora sua esposa morreu.

A cabeça de Jacopone aprumou-se bruscamente com aquelas palavras e ele berrou para o guarda;

— Vá buscar o tio dela, seu imbecil! Qualquer idiota com dois olhos pode ver que não somos fantasmas.

Inexplicavelmente, os olhos de Orfeo se encheram de lágrimas vendo o guarda desaparecer por trás do parapeito. Queria rir, queria chorar — por Amata e seu primo. Pressionou o elmo contra a cabeça e baixou a viseira para que ninguém pudesse notar como estava emocionado.

Muitos momentos se passaram; os dois lados permaneciam em silêncio e imóveis. Então, atrás da muralha, Orfeo escutou uma grande agitação, com muitos gritos agudos de mulheres em torno de uma voz forte masculina que parecia dar ordens a todos de uma só vez. Abruptamente, o portão se abriu e a voz gritou:

— Onde está ela?

Amata apeou e ficou de pé com o braço ao redor do pescoço do cavalo.

— Sou bem-vinda, tio? — disse para o grande urso que vinha pesadamente pela entrada ao encontro dos viajantes. Mais algumas largas passadas e ele já a suspendia em seus braços imensos. O palafrém afastou-se assustado para um lado enquanto o rosto de Amata desaparecia no meio da barba grisalha desgrenhada do tio. Por fim, ele a colocou no chão e a segurou pelos ombros com os braços esticados.

— Amata, querida criança. Procuramos por você em toda parte durante meses; parecia que a terra a havia engolido. Nenhum dos sobreviventes sabia dizer quem os havia atacado.

— Fui mantida prisioneira na comuna de Assis durante muitos anos. É uma história longa e não muito feliz. Mas agora estou aqui e sou uma mulher livre.

O conde Guido tomou suas mãos e meneou a cabeça.

— Senti tantas saudades suas quanto da minha Vanna. Nós também a perdemos cerca de um ano depois.

— *Sior Jacopo* me contou. Deve ter sido terrível para vocês.

O homem lançou um olhar ao redor como se só então percebesse o restante da caravana. Seu olhar foi de rosto em rosto, e Orfeo levantou a viseira outra vez. Por fim, os olhos castanho-avermelhados pararam no penitente, vestido de trapos, a tez pálida e acinzentada, sentado no banco da carroça.

— *Sior Jacopo*? — compadeceu-se. — Chegou a esse ponto?

— *Esse ponto é bom* — *Jacopone* conseguiu sorrir. — Fui ao inferno, *suocero mio*, mas agora estou de volta.

— É um belo dia para se abater um bezerro gordo — bradou o conde para as pessoas que aguardavam na entrada do portão. — Senhor capataz, ao trabalho, já. Queremos um banquete.

Tomou as rédeas do cavalo de Amata e, passando o outro braço pela cintura dela, praticamente a carregou para o castelo. Os ombros dela estremeceram, e enfim começou a chorar.

Orfeo também apeou e foi atrás. Enquanto andavam, captou alguns pedaços da conversa entre eles.

— Não tinha certeza...

— Ora! *Bonifazio* não passa de um excremento de boi. Todos nós sabíamos... A certa altura da conversa, conde Guido parou e olhou para o rosto dela coberto de lágrimas. Disse pausadamente:

— Seu pai sofreu todos os dias em que a castigou. Ele fez o que achou que devia fazer; mas de coração partido. Para ele, você era a dádiva mais preciosa deste mundo, e não soube o que fazer quando *Bonifazio* maculou a sua jóia. Foi o tio quem ele jamais perdoou.

Amata apoiou-se nos braços dele, enfiando a cabeça em seu ombro. Ao olhar por cima dela e ver Orfeo por ali, o senhor fechou a cara e sacudiu o braço de forma altiva:

— Leve os cavalos para a cocheira, homem. Os criados vão lhe mostrar o caminho. Não fique bisbilhotando os assuntos de sua patroa.

— Mas... — Orfeo protestou. Esperou que Amata explicasse que ele era um amigo especial, não apenas um guarda contratado, mas ela nem mesmo levantou a cabeça. Por fim, viu a carroça sendo levada embora e um criado ajudando *Jacopone* a andar para o salão. Orfeo tomou as rédeas do palafrém de

Amata e foi atrás da carroça. O conde assobiou para uma criança de sete ou oito anos, com os cabelos cor de palha esfiapados.

— Teresina, venha cá. Vovô tem uma enorme surpresa para você.



JACOPONE ESTICOU OS BRAÇOS E AS PERNAS doloridos sobre a ampla cama do sogro, perto da lareira do salão do castelo. O calor das chamas e o cansaço devido aos solavancos da carroça durante a viagem deixavam-no sonolento.

Ele e Vanna haviam se conhecido naquele aposento. O penitente cerrou os olhos e reviveu mentalmente aquele dia. Ela usava um vestido cinza sem adorno e uma coifa cobria-lhe o cabelo. Mal levantou os olhos para ele. Ficou olhando para baixo resolutamente, enquanto ele conversava com os pais dela, discutindo as condizes do casamento. Que diferença entre a modesta menina do interior e as mulheres ousadas que conhecera em Todi! Ao mesmo tempo que o agradava, a falta de requinte de Vanna frustrava seus planos: ele teria de aparar suas arestas antes de se sentir confiante para apresentá-la em público. Mas sua beleza natural, devidamente adornada e enfeitada com jóias, seria uma atração deslumbrante e um trunfo para a sua carreira. Os comerciantes da cidade iriam aos bandos à sua casa pelo simples prazer de beijar aquela mão jovem, acotovelando-se para os cumprimentos, por mais que essa mão fosse crestada pelo sol.

Vanna *non vanitas*. Ele teria tanto a aprender com Vanna se ela não tivesse morrido — e se ele estivesse aberto à verdade da vida que ela vivia diariamente. Por que fora necessário ocorrer um acidente fatal para que ele se livrasse de suas idéias falsas? Puxou o pesado cobertor de Guido, que exalava o odor pungente do velho soldado sem asseio, e cobriu a cabeça. Implorou: *Quando, meu Deus, vais me libertar? Quando verei a alma radiante de Vanna para pedir-lhe perdão diretamente?*

Do lado de fora do cobertor, o aposento fervilhava com o murmúrio de muitas vozes. Uma delas, mais grave que as outras, instava:

— Vá agora. Ele não morde.

Então apareceu o querubim. Com todo o cuidado, foi puxando a coberta, descobrindo-lhe os braços e o peito. Ele sentiu a mão fria e miúda segurar a

palma áspera de sua mão. Abriu um olho. A luz oblíqua da tarde emoldurava-lhe a cabeça coberta de cachos e acrescentava um toque de deslumbramento ao ombro e à lateral da túnica branca, cingida na cintura por uma corda de ouro. O rosto pueril tinha a mesma boca, o mesmo queixo da imagem de Vanna que acabara de ver em sonho. Ele aceitou o prenuncio de todo o seu coração.

— Está na hora, então? — disse ele. — Veio buscar-me para me levar até ela? O querubim pulou como um passarinho e sentou-se na beirada da cama. Os olhos sérios fitavam silenciosamente o rosto dele. Jacopone arqueou as sobrancelhas, alternadamente enrugando e esticando a pele firme do rosto e da testa. Um formigamento indicou-lhe que continuava bem vivo.

— *Nonno* Guido diz que você é meu *papa*.

Jacopone correu os olhos pelo aposento. Seu sogro e Amata estavam de pé junto da entrada.

— Você está machucado? — a menina perguntou. — Vovô disse que você andou doente por muitos anos e que foi por isso que não pôde vir me ver.

Jacopone fechou os dedos em torno daquela mãozinha.

— Diga me o seu nome, criança.

— Teresa di Jacopo. Todos me chamam de Teresina.

— É um lindo nome. — Ele continuou a segurar-lhe a mão enquanto sua mente retrocedia através das névoas do passado. De novo, viu o corpo esmagado de Vanna sendo levado para o quarto de dormir deles, as criadas torcendo as mãos nos aventais, a ama-de-leite chorando alto, as lágrimas descendo-lhe pelas faces enquanto a *bambina* mamava em seu seio. Ele mal tinha tomado conhecimento daquela delicada presença na casa, devido ao excesso de cuidados de Vanna e da ama para não perturbarem os negócios dele. O bebê não devia ter mais de dois meses naquela época.

Abriu os dedos, mas a menina deixou a mãozinha descansar sobre a palma da mão dele.

— A última vez que a vi, você não era maior que esta minha mão — ele disse. — Olhe para você agora, tão grande.

Voltou-se para Guido, que afinal se aproximara da cama:

— Deus o abençoe, *suocero*. Cuidou dela muito bem.

— Até o dia de hoje, ela era tudo o que me restava. Para mim, tem sido um presente dos céus.

O rugido do urso reduzira-se a um mero ronronar. Sentou-se ao lado da

menina e o colchão afundou com seu peso. Passou os dedos pelos cachos da criança:

— Veja, vocês têm até a mesma cor de cabelo — disse para a menina —, embora seu rosto seja igual ao de sua mãe.

— *Deo gratias* — Jacopone riu. — Graças a Deus.

— Essa risada soou um pouco enferrujada — disse Guido. — Tenho um vinho delicioso que vai ajudar a lubrificá-la.

O conde Guido levantou-se e tirou Teresina de cima da cama.

— Vamos tomar conta direitinho de seu *papa* e engordá-lo, e logo, logo ele vai ficar forte para brincar com você — disse ele. — Agora, vamos deixar que descanse. Vão ter muito tempo para se conhecerem.



O MAU HUMOR AZEDAVA o ESTÔMAGO de Calisto di Simone. Seus homens tinham estragado totalmente seus planos de recuperar o anel da confraria e permitido que o jovem Bernardone escapasse para além dos limites da cidade. Para rematar sua desgraça, as feridas antes restritas ao seu pescoço tinham se espalhado para ambos os lados da coluna; nem mesmo conseguia sentar-se confortavelmente em sua cadeira de espaldar alto.

Estava deitado de barriga para baixo sobre uma mesa com pés em armação triangular enquanto uma criada abria os ferimentos putrefatos e colocava compressas quentes nas costas dele para drenar o pus. Um dos panos estava tão quente que o queimou; ele berrou de dor e deu um soco, atingindo a barriga da mulher.

— Você fez isso de propósito!

O soco derrubou a mulher ao chão; mas ela conseguiu falar, ofegante:

— Não, meu senhor, eu juro — e correu choramingando para o caldeirão de água fervendo, com os braços em volta da cintura. — Pela minha vida, prometo que não vai acontecer de novo.

— Pela sua vida, é melhor que não aconteça.

Um homem alto e esguio entrou no aposento e fez uma reverência diante do *signore*. As botas enlameadas, a calça justa e o manto eram indicação de que estivera cavalgando por bastante tempo. Calisto encarou-o com raiva no olhar.

— Está de volta, Bruno? Pensei que tivesse desaparecido de vez da minha frente.

O homem deu um sorriso forçado, sem tanto medo de seu insatisfeito senhor quanto a criada.

— Estive no rastro de Orfeo Bernardone — disse. — Sei onde está escondido.

— Então por que não acabou com ele e trouxe-me de volta o anel? Não quero notícias, quero resultados!

Bruno sentou-se num banco, curvou-se e começou a raspar as crostas de lama das botas com uma faca, atirando-as no chão em pequenos montes de terra. Nem mesmo se deu ao trabalho de levantar a cabeça quando explicou:

— Não conseguiria sozinho. Está entocado numa *castella*, logo acima da fronteira da comuna de Todi. Um lugar chamado Coldimezzo.

Calisto apoiou-se nos cotovelos.

— Sei onde fica. Foi lá que raptamos Amata, a meretriz. Bernardone veio fazer perguntas sobre ela e sobre esse lugar naquele dia em que esteve aqui. Esfregou o dedo defeituoso e perguntou:

— O que ele iria fazer no Coldimezzo? Meu pai e eu deixamos o lugar em ruínas.

— Nem tão em ruínas assim. Está cheio de gente morando lá.

O mensageiro passou a lâmina da faca ao longo da sola para limpar os resquícios de lama e recolocou-a no cinto.

Calisto girou de lado e lançou um olhar feroz para a mulher encolhida de medo num canto escuro da sala.

— Tire esses malditos trapos das minhas costas.

A criada correu para a mesa e tirou as compressas tom as pontas dos dedos. Agradou-lhe ver que ela esticava bem os braços, assim mantendo distância segura dos punhos dele. Quando a mulher terminou, ele se sentou e enfiou os braços nas mangas de sua túnica, cuspidando logo. Prendeu a espada no cinturão enquanto atravessava o aposento.

Bruno olhava calmamente enquanto seu senhor flexionava e girava os ombros acima dele. A dor contraía as feições de Calisto. Ele estreitou os olhos enquanto pensava, e uma centelha de maldade acendeu-se nas pupilas pretas.

— Não suporto a idéia de deixar um serviço incompleto — disse. — Reúna meus cavaleiros. Diga-lhes que se aprontem para cavalgar. Podemos

chegar a Coldimezzo amanhã. Desta vez não deixaremos nada para trás além dos escombros. E nenhum sobrevivente.

— Os homens vão gostar disso. Andam entediados por não terem nada para fazer.

Assim que Bruno ficou de pé, Calisto abruptamente deu-lhe um soco no peito, fazendo-o estatelar-se de costas por cima do banco. A cabeça do mensageiro bateu no chão de pedra e um esguicho de sangue jorrou de uma orelha. Ele tentou se levantar, com uma das mãos sobre a orelha e a outra tateando em busca de sua faca. Mas o *signore* já havia sacado a espada e encostou a ponta da lâmina na garganta de Bruno.

— Isso é por ter deixado Bernardone escapar da primeira vez. Fique atento e não me desaponte de novo, ou sofrerá muito mais.

CAPÍTULO XXXI



ORFEO NÃO FAZIA IDÉIA DO QUE esperar quando Amata mandou chamá-lo nos alojamentos dos criados. Desde a chegada, a falta de atenção dela fora nada menos do que gélida. A caminho da cozinha, lembrou a si mesmo que na realidade sabia muito pouco a respeito da mulher e de seus humores.

Mas Amata pareceu feliz em vê-lo.

— Peço desculpas por tê-lo ignorado, *Sior* Bernardone. Estar de volta à casa em que morei quando criança depois de tantos anos fez com que me esquece da cortesia mais elementar. Espero que me perdoe e aceite essa oferenda de paz. O criado atrás dela segurava uma cesta de piquenique e uma toalha dobrada.

— Pensei que pudéssemos escapar do alvoroço da casa por algumas horas completou ela.

— Aceito com muito prazer — respondeu Orfeo com uma mesura. — E espero jamais ser objeto de seu desagrado. Uma semana de tanta frieza seria intolerável.

Amata deu uma risada.

— Há uma clareira onde eu costumava brincar quando era pequena — disse. — Fica no meio da floresta, um pouco além das muralhas do castelo.

Maravilhou-se com a calma da própria voz. Bernardone fazia o papel de galante bobo da corte com o maior empenho; não suspeitava de absolutamente nada. Era mais bobo ainda por deixar a atração cegá-lo.

Ela foi andando na frente dos dois homens até a saída da fortaleza. Lá chegando, lançou uma olhadela para Orfeo, chamando sua atenção para a cesta. O rapaz fez um gesto de assentimento com a cabeça.

— *Grazie mille* — disse ele para o criado. — Daqui em diante, eu levo a

cesta da minha patroa. — E abriu um sorriso largo, contente por ter recuperado as boas graças dela.

A mulher pouco falou enquanto Orfeo a seguia entre as árvores; limitava-se a responder com breves sorrisos às amenidades que ele lhe dirigia. Havia se preparado para esse dia e não pretendia deixai que ele a desviasse de suas intenções. Não permitiria que ele a envolvesse em sua alegria.

A clareira de que ela se lembrava tinha encolhido nos últimos oitos anos, invadida pelo mato. Ainda era usada, contudo, a julgar pela relva achatada e o caminho aberto que ia até lá. Amata rezou para que ninguém aparecesse por aquelas bandas; esquadrinhou a floresta, atenta ao ruído de vozes ou de pessoas caminhando. Apenas o som dos pássaros, das abelhas e das folhas ao vento invadia o silêncio.

A despeito de estar num excelente estado de espírito, Bernardone deixava transparecer sua tensão durante a conversa, enquanto comiam frutas e queijo e bebiam o primeiro dos dois jarros de vinho que ela trouxera. Talvez estivesse sendo muito reservada; afinal, precisava ter cuidado para não se trair. Ou talvez o rapaz estivesse mais tímido, agora que estavam inteiramente a sós, do que em geral deixava transparecer. Várias vezes, o rosto dele se tornara sisudo de repente, como quando uma nuvem passageira apaga por um instante o cintilar de uma ondulação na água. Todas as vezes que ele parecia prestes a falar de um assunto mais sério, porém, voltava atrás e retomava as brincadeiras. Santa Maria, será que ele pretendia aproveitar que estavam sozinhos e propor que se casassem? Ela se horrorizava com a possibilidade. Amata tinha de vê-lo apenas como o detestado inimigo de sua família.

Talvez ele estivesse esperando até tomar o último gole do segundo jarro antes de revelar seus pensamentos, aproveitando-se da coragem que o vinho lhe daria. Por ela, o melhor seria se ele tirasse um cochilo. Tornou a encher-lhe a taça enquanto ele tagarelava sobre suas viagens por aquela região quando menino. Deu um sorriso tranqüilizador ao apoiar o jarro e abrir a bainha onde guardava a faca debaixo da manga. Era uma pena que não soubesse as palavras rituais que os profetas hebreus entoavam antes dos sacrifícios de expiação, ou as recitaria para si agora. *Beba, filho de Lúcifer*, incitou-o em pensamento. *Prepare-se para o ajuste de contas.*

Ela nunca havia matado ninguém a sangue frio. Nem a briga com o monge de Gubbio facilitara a tarefa que tinha diante de si. Aquela facada fora

um mero reflexo, uma luta pela sobrevivência. O monge teria esmagado seu crânio se ela não tivesse atacado primeiro. Desta vez, iria cortar a carne macia da garganta de um homem enquanto ele dormia, do mesmo jeito que o ajudante de cozinheiro arrancava a cabeça de um galo. Ou como Judith decapitara Holofernes, o opressor de sua gente, enquanto ele dormia depois de ter feito amor com ela. Amata já decidira que depois iria rezar sinceramente sobre o corpo de Orfeo, pois ele não era um sujeito perverso como Simone della Rocca; apenas uma pessoa que nascera na família errada. Depois, puxaria o corpo para a floresta para que os animais selvagens acabassem com ele e diria a seu tio que o patife fugira às pressas depois de roubar seu... maldição, tinha esquecido desse detalhe! Deveria ter trazido uma jóia ou algo de valor — depois de tê-la exibido diante de todos no castelo, é claro.

O sol cruzava o zênite e Orfeo bebia, e as sombras pouco a pouco penetravam na clareira pelo lado oeste. Enfim, o comerciante bocejou e se espreguiçou sobre a coberta, com as pálpebras pesadas por causa da bebida e do agradável calor da tarde. Da corrente de ouro ao redor do pescoço dele provavelmente pendia um crucifixo, concluiu ela, mas nem esse símbolo sagrado haveria de protegê-lo agora. Os músculos de seu antebraço se retesaram. Ah, como queria terminar logo com aquilo! Mais um pouco e a tarefa estaria cumprida. Finalmente se vingaria e estaria livre para seguir com sua vida. Amata soprou com força o ar dos pulmões, na tentativa de relaxar o tremor dos membros, e tirou discretamente a faca do estojo.

Uma movimentação no caminho causou-lhe um sobressalto. Enfiou depressa a faca nas dobras do vestido. Um alarido de vozes infantis e um bando de crianças, lideradas por Teresina, entrou correndo na clareira.

— Ela está aqui! Eu a encontrei! — grilou Teresina. Estatelou-se na grama aos pés de Amata, enquanto Orfeo se sentava, esfregava os olhos e sacudia o torpor de sua cabeça. As outras crianças, filhas dos criados, seguiram o exemplo de Teresina e espalharam-se ao redor dela.

— Prima Amata, conte-nos uma história — pediu a menina.

— Uma história sobre um príncipe e uma princesa — acrescentou outra menina.

Amata arfava do susto que as crianças lhe tinham dado. Apertou a mão no peito, tentando acalmar os batimentos acelerados do coração.

— *Eu* lhes conto uma história — disse Orfeo, sonolento. Tirou um lenço

da manga e passou-o por cima e em volta do dedo mindinho. — Este é o príncipe explicou. Virou-se para Amata: — Também vamos precisar do seu lenço, *madonna*.

A mulher pensou no estojo vazio da adaga amarrado no braço.

— Esqueci-me de trazer um — balbuciou.

— Eu tenho um — disse Teresina, sentindo-se importante.

O tecido estava um pouco sujo, mas Orfeo agradeceu à menina com um floreio cavalheiresco. Fez Amata levantar um de seus dedos mindinhos e amarrou o lenço em volta dele.

— Você é a princesa — declarou. Ele esticou o dedo dela e começou:

— Era uma vez um jovem príncipe que viajou com o pai e irmãos para uma terra distante — a mão dele surgiu de repente diante das crianças com todos os dedos levantados. — Certo dia, eles pararam diante de um castelo e o príncipe viu uma linda princesinha, apenas um pouquinho mais velha que vocês, de pé no alto do baluarte. O príncipe acenou para ela com uma boneca igual a esta. — Orfeo levantou a mão de Amata acima da dele e olhou-a direto nos olhos enquanto fazia uma reverência com seu próprio dedo coberto com o lenço.

Amata evitou seu olhar. O que ele estava *fazendo*? E há quanto tempo sabia quem ela era? Seria isso o que estava tentando lhe dizer?

A voz de Orfeo ficou mais profunda ao retomar a história. Bateu seu dedo no de Amata.

— Porém, os pais deles discutiram, e o príncipe e sua família foram embora antes que ele tivesse a chance de falar com a princesa.

— Aah... — as crianças suspiraram numa só voz.

— O pai do príncipe estava muito zangado com o pai da princesa. Quando ele voltou para casa, contratou um cavaleiro muito mau para invadir o castelo. O cavaleiro matou o *papa* e a *mamma* da princesa e a levou consigo para a tenebrosa fortaleza em que vivia — Orfeo abraçou a "princesa" e puxou-a devagar para si. — O malvado cavaleiro a manteve como escrava por muitos anos, e durante esse tempo ela se tornou uma linda moça. Enquanto isso, o príncipe ficou tão triste e zangado com o próprio pai que fugiu de casa e navegou para a Terra da Promissão. Um dia, muitos anos depois, quando já era um homem adulto, ele conheceu o papa. E *Il Papa* lhe disse: "Você precisa voltar para casa, jovem príncipe, e reparar o crime de seu pai."

Os olhos das crianças se arregalaram quando Orfeo mencionou o papa,

cujo papel foi representado por seu robusto polegar.

— Então o príncipe navegou de volta para sua terra natal — continuou. — Foi à procura da princesa no castelo do cavaleiro, mas, ao chegar lá, soube que ela havia fugido — abriu a mão depressa, soltando o dedo de Amata. — "Ela foi para um convento," disse o cavaleiro, enfurecido. E naquela mesma noite o cavaleiro malvado mandou seus homens matarem o príncipe para que ele nunca encontrasse a princesa. Quis o destino, porém, que os assassinos matassem o amigo do príncipe por engano.

A voz de Orfeo ficou entrecortada e sua mão começou a tremer. As crianças se entreolharam e depois voltaram os olhos para ele.

Percebendo como ele lutava com suas emoções, Amata retomou o fio da história:

— O príncipe procurou uma dama que ele havia acabado de conhecer para contar sobre a morte de seu amigo. Ela pediu que ele a acompanhasse como guarda armado na viagem que ela fazia ao seu antigo lar no interior do país, e ele aceitou. E sabem o que aconteceu?

Amata olhou em torno, cheia de expectativa, para o círculo de meninos e meninas.

— Quando chegaram à casa dela, era o mesmíssimo castelo onde ele havia visto a princesa pela primeira vez.

Orfeo se recompôs e continuou.

— O príncipe soube, então, que a dama era a princesa por quem havia procurado durante anos.

Colocou o dedo embrulhado ao lado do de Amata.

— E eles se casaram e foram felizes para sempre? — perguntou Teresina.

Orfeo contemplou aqueles rostinhos esperançosos. Lançou um olhar de soslaio para Amata e a pergunta se formou em seus olhos.

Amata meneou a cabeça.

— A história é sua — disse.

— Não assim tão rápido — o rapaz disse por fim. — Primeiro, ele queria tentar reparar o mal causado à princesa. Implorou para que o deixasse servi-la como cavaleiro e sair numa expedição para ela.

Fez uma pausa e disse:

— Mas essa história fica para outro dia.

— Conte agora — choramingou Teresina.

— *Agora* preciso conversar com sua prima — respondeu Orfeo. — A sós. Fez sinal para que as crianças se fossem.

— Vão ver o que podem encontrar de interessante na floresta. Mas não se afastem muito.

— Não se preocupe. Não vamos nos perder. Brincamos por aqui o tempo todo. Quando as crianças estavam fora de alcance da visão, Amata deitou-se de olhos fechados na toalha, mais atordoada que nunca. O tecido se esticou sob seu corpo quando Orfeo mudou de posição. O peito dele pressionou o seu ao virar-se para ela. Quando os lábios dele tocaram seu rosto, os cantos de seus olhos se encheram de lágrimas. Contudo, ela se recusou a abri-los para encará-lo. Passou o braço direito ao redor do pescoço dele e apertou-o contra seu corpo, enquanto a mão esquerda procurava a adaga. *Bernardone! Bernardone!* O nome ressoava como os tambores do demônio em sua cabeça. Apertou o punho da adaga e ergueu o braço, mas sua mão tremia tão incontrolavelmente que a arma lhe escapou dos dedos. Foi bater no ombro de Orfeo e de lá caiu em cima da coberta sem lhe causar dano algum.

Ele olhou a adaga e as lágrimas que escorriam do rosto de Amata. Com a mão em concha, segurou-lhe o queixo:

— Não sou seu inimigo, *madonna* — disse. — Meu pai era seu inimigo. Simone della Rocca era seu inimigo. O filho dele, Calisto, quer ver nós dois mortos. Estou aqui para ajudá-la, se puder — e olhou dentro dos olhos dela com uma expressão de vaga tristeza. — Amo você, Amatina.

A intensidade daquele olhar dissipou qualquer resquício de ódio do coração de Amata. Envolveu-o com os dois braços e puxou-o para perto de si.

— O que quer de mim, então? — sussurrou.

Orfeo aproximou seus lábios da orelha dela, tão perto que o calor da sua respiração fez-lhe cócegas.

— Quer mesmo que lhe diga, com as crianças brincando tão perto? Levantou a cabeça e afastou-se um pouco, com um sorriso divertido nos cantos da boca. Depois, seu rosto ficou sério novamente.

— É verdade o que eu disse sobre a reparação — ele disse. — Quero reparar pelo menos uma pequena parte da dor que minha família lhe causou. Tenho uma idéia de como fazer isso.

— Como?

— O príncipe realmente conheceu o papa e passou muitas semanas na

companhia dele. O papa prometeu conceder-lhe qualquer ajuda que estivesse ao alcance de sua função.

A conversa tinha tomado um rumo interessante. Amata inclinou um pouco a cabeça de lado, imaginando aonde ele chegaria.

— Você certa vez mencionou um amigo eremita — Orfeo continuou —, um que o ministro geral mantém prisioneiro. Se o conde Guido puder dispor de alguns homens para a acompanharem de volta a Assis, vou o mais rápido possível a Roma e peço ao papa o perdão do seu frade. Infelizmente terei de ir de imediato, porque Gregório está de partida para Lyons, para o Concílio Geral que acontecerá em breve.

Mais uma vez, os olhos dele abrasaram-lhe a alma.

— Peço apenas um favor, Amatina. Prometa-me que não vai aceitar nenhum pretendente antes de eu voltar com o perdão do papa.

Uma ternura tranqüila irradiou-se se por seu peito, por seu corpo inteiro — em parte pelas palavras dele, mas também pelo alívio de não ter levado a cabo sua vingança. Segurou uma das fortes mãos calejadas nas suas e lembrou-se de que ele também tivera um passado de remador. Um homem interessante, e por tantos motivos...

— É uma oferta justa — concordou ela —, e um pedido justo. — Levou a mão dele aos seus lábios. — Não faça como o antigo poeta cujo nome você carrega. Não precisa olhar por cima do ombro para ter certeza de que estou atrás de você. Aceite minha palavra de que sua Eurídice o seguirá sempre pelas estradas mais sombrias, pelas ruas mais movimentadas, até que volte para casa. E, quando voltar com o perdão do papa, prometo que vai receber a recompensa justa por seus esforços.

Levantou-se, apoiada num cotovelo. Inclinou-se para ele e beijou seus lábios.

— Este é o sinal da minha fidelidade e da minha paciência.



AO SAÍREM DA FLORESTA E ATRAVESSAREM a clareira na direção do castelo, Amata pensou como frei Conrad se orgulharia de seu controle sobre si mesma. Sozinha, ao lado de um homem maravilhosamente romântico que correspondia

com toda sinceridade aos sentimentos que ela nutria por ele, um homem que na verdade tinha se apaixonado por ela primeiro, ela se comportara com o maior recato e decoro. Conrad não ficaria mais surpreso do que ela própria, se bem que Orfeo também tivesse mostrado uma atenciosa moderação. Ela provavelmente adquirira maturidade na casa de Donna Giacoma sem que percebesse.

Seu coração estava em harmonia com a esperança do começo da primavera. Logo frei Conrad estaria livre; logo Orfeo regressaria da corte do papa. E, então, finalmente, ela poderia fazer as pazes com a felicidade. Até mesmo a terra novamente vibrante parecia palpitar sob seus pés.

Súbito, ficou imóvel, de ouvidos atentos. Sentira a terra tremer assim uma vez, quando Dom Vittorio e seus monges guerreiros subiram a galope o caminho para Santo Ubaldo. Orfeo avistou a nuvem de pó na parte mais distante da clareira no mesmo instante que ela. A cesta de piquenique caiu da mão dele.

— Rápido! Para o castelo! — gritou, agarrando o braço de Amata.

— As crianças! — ela gritou. — Ainda estão na floresta!

— Vou atrás delas. Corra para o castelo!

Ele a empurrou e ela correu tão depressa que seu peito parecia queimar. Dos baluartes vieram gritos e a porta se abriu. Ela se virou a tempo de ver Orfeo desaparecer entre as árvores e um único cavaleiro separar-se do grupo, galopando na direção dele.

— Orfeo! — ela gritou. — Atrás de você! — Mas seu grito se evaporou, fraco demais, frágil demais para resistir ao estrondo dos cascos e aos gritos de guerra dos atacantes.

CAPÍTULO XXXIV



DENTRO DO CASTELO, CAVALEIROS E ARQUEIROS escalavam apressadamente as muitas escadas que se apoiavam nas ameias. Amata identificou Guido nos baluartes. *Para o inferno com o recato*, praguejou ela, agarrando a saia e subindo atrás de um soldado a escada mais próxima do tio.

Ocupado em organizar seus guerreiros, a princípio o conde Guido não notou a presença dela. Amata viu os cavaleiros se aproximando como hordas do inferno em meio a nuvens de pó. Ao chegarem perto da muralha, diminuíram a marcha. Finalmente, puxaram as rédeas com violência, fazendo os cavalos estacarem em desordem quando seu líder ergueu a espada no ar. O bando se dispersou diante do castelo como uma onda espumando na praia. Pareciam tão surpresos quanto ela ficara ao ver o local fortificado e bem guardado. Só um idiota avançaria contra uma praça-forte. Uma fortaleza como aquela só cairia em mãos inimigas caso fosse sitiada ou traída.

Os invasores olharam para cima, perplexos, para os arqueiros que aguardavam um sinal para arremessar as flechas. O líder trotava de um lado para o outro ao longo da fileira formada pelos cavaleiros, brandindo a espada com fúria.

— Com os diabos, onde está Bruno? — bradou.

Amata presumiu que se tratasse do homem que se afastara do grupo para perseguir Orfeo. Olhou ansiosa para a floresta e para a barreira formada pelas plácidas árvores. Achou que escutava o retinir de metal contra metal, mas na distância em que se encontrava do bosque, e com o relinchar nervoso dos animais, era difícil distinguir qualquer som.

— Identifique-se — gritou Guido para baixo. — O que quer, vindo até

aqui Com sua cavalaria, todos armados contra nós?

O líder esporeou o cavalo no espaço entre seus homens e o portão principal e levantou a viseira. Usava um novo modelo de elmo com viseira articulada e uma cimeira leve de madeira. Seus membros e tronco estavam protegidos por quadrados de couro endurecido e ricamente decorados, amarrados nos lados, um equipamento mais leve copiado dos sarracenos, a última moda entre a nobreza da região da Úmbria.

Amata deu um grito de susto ao reconhecer a figura desprezível: Calisto della Rocca. O ruído chamou a atenção de Guido para o penteado feminino que se alinhava com os elmos polidos de seus combatentes. Lançou-lhe um olhar severo. Ela deu de ombros e percorreu a distância que os separava no alto da muralha defensiva, indo postar-se ao lado do tio.

— Sou o *Signore* Calisto di Simone, lorde da Rocca Paída de Assis.

Girou a espada num longo semicírculo, gesticulando na direção de seus homens.

— Perdão se assustei as pessoas de sua casa, *signore*. Estamos procurando um ladrão chamado Orfeo di Angelo Bernardone, que fugiu de nossa cidade vindo nesta direção.

Uma desculpa esfarrapada para acobertar o apuro em que se encontrava. Amata saboreou o rubor no rosto de Calisto e o murmúrio entre seus homens, enquanto ele tentava justificar sua investida frustrada contra o castelo. Guido balbuciou o nome de Orfeo tentando se lembrar quem era.

— Meu escudeiro — disse Amata. — E posso lhe garantir que não é nenhum ladrão.

Ela se debruçou por uma das aberturas da muralha.

— Conheço você, seu covarde — gritou. — Seu pai matou Buonconte di Capitanio, senhor deste castelo, enquanto ele rezava, desarmado, e você, guerreiro poderoso contra mulheres indefesas, enfiou a espada na esposa dele, Cristiana, quando ela se debruçou sobre o corpo do marido. Você também abusou da filha deles quando ela era apenas uma criança desprotegida.

O tom conciliador do cavaleiro transformou-se em raiva:

— E eu conheço a voz dessa megera. Era você que o ladrão procurava quando saiu de Assis. Não tente escondê-lo, sua víbora, ou acabo com você e este lugar.

— *Frocio!* Covarde! Você não tem colhões para isso — escarneceu ela —

, aliás, nem parece que é homem, com seu peruzinho minúsculo!

O rosto do cavaleiro foi do vermelho ao quase roxo quando algumas risadas se espalharam entre suas próprias fileiras. Guido acompanhava boquiaberto a discussão entre os dois, olhando ora para Amata ora para Calisto.

Já escutara mais do que o suficiente.

— O que o *signore* diz das acusações que ela lhe faz? — perguntou.

Sou um guerreiro. Não peço desculpas por vitimas guerra.

O rosto de Guido ficou duro como granito. Debruçou-se, expondo seu corpanzil:

— Também sou guerreiro, *signore*, e tenho parentesco de sangue com a dama que você assassinou. Alego o direito de consangüinidade para enfrentá-lo numa luta justa, aqui e agora.

Amata imaginava a mente de Calisto trabalhando: o homem tem a barba branca — o dobro da minha idade —, mas olhe o tamanho dele. A questão da honra seria a última coisa que ele iria considerar, ela sabia. Sorriu ao vê-lo esfregar os nós dos dedos da mão que empunhava a espada.

O cavalo pareceu ler também a mente de Calisto, ou talvez o *signore* tivesse puxado inconscientemente as rédeas para trás, pois o animal recuou até a fileira de cavaleiros. Para espanto de Amata, os homens inclinaram suas lanças e apontaram-na para o líder, um após o outro, recusando-se a deixá-lo escapulir para o meio deles.

— Não nos envergonhe, senhor — ela ouviu um dos homens dizer.

Bem rápido, Amata sussurrou algo no ouvido do tio. Ele deu uma risada.

— *Você* está *me* dizendo como lutar, mulher?

— Faça como lhe falei — ela disse. — Ele não tem força na mão direita.

Guido aprumou-se e chamou novamente:

— Diga a seus homens para se afastarem. Vou encontrá-lo a *sós* diante do portão da frente assim que tiver vestido a armadura. Vamos lutar no chão, com espadas e escudos.

Calisto inclinou a cabeça. Apeou e tirou o escudo amarrado no lombo do cavalo. Seu cavaliço adiantou-se e tomou as rédeas do animal. No mesmo instante, um cavalo sem cavaleiro veio trotando da floresta. Um dos soldados saiu das fileiras e galopou atrás dele. Depois de ter apanhado o animal, ele hesitou por um instante, olhando para as árvores, e trouxe o cavalo de volta para junto do grupo. Amata mordeu com força o nó do dedo, mas nada se movia na

floresta.

— Desça da muralha agora — ordenou-lhe Guido. — Você não precisa assistir ao que vai acontecer.

— Estou esperando a chegada de Orfeo — ela retrucou. — Ele voltou para buscar as crianças. Um dos homens de Calisto foi atrás dele. O cavalo que acabou de aparecer sozinho era desse homem.

Uma pequenina luz de compreensão brilhou nos olhos melancólicos do conde.

— Preciso conhecer melhor esse Orfeo — *disse* — ele sobreviver. Se *nós dois* sobrevivermos.

Fez o sinal-da-cruz e desceu as escadas.

Sob os raios do sol poente, Amata viu as gotas de suor brilhando no rosto de Calisto. Desviou o olhar para a floresta e em seguida para a sala de armas, onde Guido desaparecera. Os homens no alto da muralha e os cavaleiros estavam mais à vontade e conversavam em voz baixa; da floresta, porém, não vinha som algum. A certa altura, Amata inclinou-se para o arqueiro mais próximo dela, dizendo:

— Se ele matar o conde Guido, atire-lhe uma flecha. As regras de cavalaria não se aplicam a um ser tão imundo. Você vai ser regiamente recompensado.

O homem deu um sorriso e preparou seu arco. Amata percorreu a muralha até o canto mais próximo da floresta, parando junto de cada arqueiro para repetir a ordem.

Por fim, o conde Guido saiu da sala de armas sob ovação de seus homens. Mais parecia uma montanha de metal, pensou Amata, com um colete de cota de malha e um capuz separado, do mesmo material. Cobrindo tudo, usava um gibão de couro duro, reforçado com placas metálicas em seu interior. Carregava debaixo do braço um elmo de estilo inglês em formato de cone, que oferecia apenas uma superfície oblíqua para um possível golpe de espada. *Calisto vai borrar os fundilhos ao vê-lo.* O escudo reluzente tinha o dobro do tamanho dos usados pelo pessoal de Assis, e a bainha da espada, tingida de carmesim e atada ao redor da cintura, era a mais comprida que ela já vira. Lembrou que as mulheres da casa sempre o chamavam *spadalunga*, "espada longa", quando ela era criança. Disfarçou o riso ao compreender, só depois de adulta, que era possível que tio Guido fosse dotado de outras qualidades heróicas desconhecidas

de seu universo infantil. Se fosse verdade, ele devia ter apreciado a maneira pela qual ela havia se referido às partes íntimas de Calisto.

Amata voltou correndo para a sua posição anterior na muralha enquanto o conde se benzia mais uma vez e fazia sinal para um criado abrir a passagem. Ela queria ter visto a expressão de Calisto, mas ele já tinha baixado a viseira. As largas passadas de Guido consumiram o espaço entre eles e, mais rápido do que ela previa, ele desferiu um golpe violento com sua enorme espada no escudo do adversário. Os joelhos de Calisto se dobraram, mas ele se recuperou e revidou com um golpe também pesado. Equilibrados, colocaram-se os dois em posição de luta e Calisto investiu fortemente, fazendo com que o tio de Amata recuasse.

Ele não está fazendo o que lhe recomendei — exclamou Amata, preocupada, para o arqueiro ao seu lado.

Pouco o a pouco, Calisto obrigou o homem mais velho e mais lento a recuar, para alegria de seus cavaleiros. O conde parecia atordoado. Girava a espada num amplo arco lateral na direção da cabeça do oponente, mas Calisto, em sua armadura mais leve, esquivava-se da lâmina com facilidade. Mais uma vez, o *signore* da Rocca reagiu com uma série de golpes, empurrando o adversário para a sombra da muralha do castelo. Guido conseguia apenas aparar os golpes com seu escudo.

— Lembre-se de seus parentes! Lembre-se de minha mãe! — Amata gritava para ele lá embaixo; mas eram tantas vozes ao mesmo tempo que ela duvidava que ele a escutasse. Fez o sinal-da-cruz uma vez, duas vezes, e juntou as mãos em oração quando o tio caiu sobre um dos joelhos, segurando o escudo sobre cabeça.

Surpreendentemente, Calisto não investiu contra ele, talvez suspeitando de mu truque, e de fato Guido acertou-o nos tornozelos. O tio pôs-se de pé outra vez e atacou o escudo do adversário, provocando uma nova avalanche de golpes de Calisto. Entretanto, esses golpes foram perdendo intensidade, e o conde se postou meio passo à esquerda de Calisto.

— Isso mesmo — Amata incitava-o. — Isso mesmo!

Engenhoso, muito engenhoso, pensou Amata, quando percebeu a estratégia de Guido. Ele obrigara o homem jovem a cansar o braço enquanto poupava as forças do seu, mais velho. Agora, ele se distanciava da mão direita do adversário, forçando-o a aumentar o movimento circular a cada investida. O golpe seguinte resvalou fracamente pelo escudo de Guido quando a espada girou

na mão de Calisto. O conde reagiu com uma tremenda pancada, amassando o quadrante superior esquerdo do escudo de Calisto. O conde deslocou-se mais meio passo para a esquerda enquanto o homem de Assis saltava para trás, para se recuperar. Calisto atacou de novo, porém com mais cautela do que antes; investia mais que golpeava com a espada e, na posição em que os contendores se encontravam, a lâmina mais comprida estava em vantagem, e Calisto não podia se aproximar. Os homens que os observavam montados em seus cavalos de guerra se aquietaram ao reconhecerem a desvantagem momentânea no duelo. Guido deu mais um passo à esquerda, aproveitando que o adversário dera um passo atrás para repensar sua tática. O tio posicionara-se onde havia mais sol, e Amata observou ansiosa que um outro passo para o lado deixaria Guido de frente para a claridade oblíqua do poente.

Os homens no alto da muralha ficaram tão silenciosos quanto os cavaleiros no campo. Os combatentes fintavam, simulando um ataque, mas nenhum dos dois avançava. À medida que a tensão e a ansiedade cresciam, todos os músculos do corpo de Amata se retesavam junto com os dos lutadores. Por fim, ela não agüentou mais o suspense e gritou com voz aguda:

— Ninguém tem medo da sua espadinha!

Uma explosão de gargalhadas rebentou nos dois grupos. Calisto berrou alguma coisa incompreensível e investiu contra Guido com a espada erguida. O velho girou ligeiramente o escudo, o bastante para que os raios do sol poente se refletissem direto nas fendas estreitas para os olhos da viseira de Calisto. Mais uma vez, Guido desviou-se para um lado e o golpe de Calisto passou longe do alvo. A espada escapuliu de sua mão. Enquanto ele cambaleava, sem equilíbrio, o conde enfiou uma vez a ponta de sua arma no espaço entre as tiras de couro que protegiam as costelas de Calisto, e outra vez mais fundo, entre as próprias costelas. O *signore* da Rocca caiu de joelhos com um ganido de dor. Guido afundou mais a espada e finalmente a puxou, retirando-a. Calisto voltou a cabeça para cima, para o alto da muralha.

— Chamem o capelão — suplicou —, estou morrendo! — A mancha vermelha do lado de seu corpo desceu para o quadril e a coxa e sujou a grama sob seu joelho. Ele tentou a custo remover o elmo. O conde aproximou-se por trás e tirou-o de sua cabeça. Amata viu que Calisto olhava diretamente para ela.

— Vai ter o mesmo padre que absolveu seu pai — disse ela. — Cobriu a coifa com o capuz de sua capa curta, uniu as mãos em prece com ar piedoso e

entoou, na mesma voz grossa que usara ao lado da cama de Simone della Rocca:
— Que a sua alma receba sua justa recompensa.

Os olhos de Calisto se reviraram, apavorados, quando aos poucos ele se deu conta do embuste. Caiu de frente, apoiando-se nas mãos e arrancando tufo de grama com as unhas.

— Meretriz. Meretriz desgraçada — sussurrou. Com um gemido, desmoronou sobre a terra úmida. Seu cavaliariço levou o cavalo do *signore* até junto do corpo e, com a ajuda de Guido, colocou o morto atravessado em cima da cela do animal. Por fim, o conde, o senhor do momento, desenhou no ar um largo círculo com sua espada. A fila de cavaleiros deu meia-volta em seus cavalos de guerra e avançou pelo espaço aberto na direção de Assis.

Enquanto os homens de Guido o aclamavam, Amata correu escada abaixo e abraçou o tio quando este entrava no castelo. Ele retirou o elmo.

— Você estava certa. Ele não tinha força na mão direita.

Depois, ela passou correndo por ele e saiu na direção da floresta. Estava quase chegando no ponto onde tinham abandonado a cesta de piquenique quando Orfeo surgiu do meio das árvores, rodeado por um bando de crianças. Ela caiu de joelhos e uniu as mãos em prece. Ele vinha devagar, com a espada manchada de sangue balançando na mão direita e o braço esquerdo apoiado no ombro de Teresina. Então, Amata se deu conta de que as crianças não apenas o rodeavam, mas ajudavam-no a caminhar, vacilante, na direção dela. Amata ficou de pé num salto e precipitou-se para ele. Orfeo caiu pesadamente nos seus braços estendidos, a cabeça quase tocando o ombro dela. Enquanto tentava mantê-lo em pé, ele mordiscou seu pescoço e sussurrou:

— *Espadinha?*



ISSO NÃO É VIDA PARA UM MERCADOR — disse Orfeo. Ele descansava na espaçosa cama do conde Guido no grande salão, ao lado de Jacopone, escorado por uma montanha de travesseiros. — Não nasci para lutar com uma espada.

A pequena Teresina instalara-se em cima da colcha entre os dois homens, brincando com um gatinho que resolvera tomar posse do travesseiro menor. Amata estava sentada na beirada do colchão ao lado de Orfeo, enquanto seu tio

se esparramava na sua imensa poltrona próxima à cama, coçando as orelhas de um cão de caça amarelado.

Amata apertou a mão de Orfeo.

— Está dispensado de *suas* obrigações como meu escudeiro — disse. — Tio Guido vai me escoltar com toda a segurança na volta para casa. Além do mais, você tem uma promessa a cumprir.

— E, a cada hora que fico aqui deitado, mais longe terei de ir para alcançar o papa.

Tateou à procura da corrente no pescoço.

— Aquele soldado de Calisto sabia quem eu era. Acho que foi ele um dos assassinos de Neno. Quando entrou na clareira, foi logo dizendo: "Seu anel ou sua vida, Bernardone." Mas o que ele queria mesmo eram as duas coisas.

Orfeo tirou a corrente do pescoço.

— Por que alguém mataria por uma pedra arranhada e sem valor? — questionou-se.

Amata arrebatou o anel da mão dele, mais rápida do que Guido, que também já estendera o braço.

— Onde conseguiu isto? — perguntou ela. — Simone Della Rocca roubou um anel igual a este de meu pai.

— Foi meu pai quem me deu.

O conde Guido levantou-se da poltrona e caminhou até a *soppedana*, a arca que ficava encostada ao pé da cama. Tirou de dentro dela um pequeno porta-jóias de madeira e o entregou a Amata.

— Não sei o que Simone lhe mostrou, mas o anel de seu pai é este aqui.

Perplexa, Amata abriu a tampa da caixa. O anel era igual ao que estava na corrente de Orfeo: a mesma pedra azul, a mesma curiosa gravação.

— Como foi parar em suas mãos? — perguntou.

— Seu irmão Fabiano entregou-o a mim quando foi viver com os monges negros.

Um pedaço de lenha na lareira estalou alto enquanto Amata balançava a cabeça, atônita.

— Não compreendi, não estou conseguindo acompanhar — disse. — O que quer dizer com "quando Fabiano foi viver com os monges negros"?

— Oh, Deus — exclamou Guido. — Apertou as duas mãos de Amata entre as suas, ao redor do anel que ela segurava. — Você nem sabia, não é

mesmo, filha? Também, como saberia? Foi levada antes que os monges o encontrassem caído nas pedras sob a capela.

— O que está dizendo? Eu vi quando ele saltou para a morte.

— Não, Amata. Não para a morte. Ficou aleijado para sempre, mas sobreviveu à queda. Ele é assistente de despenseiro no Mosteiro de San Pietro, em Perúgia, e em breve será ordenado.

— Fabiano, um monge? — murmurou Amata, aturdida, estupefata.

— O nome dele não é mais Fabiano — acrescentou o tio. — Os monges negros o batizaram de Anselmo quando ele recebeu o hábito. É costume dos Beneditinos dar um novo nome àqueles que deixam o mundo para trás, de modo que não fique nenhum vestígio da vida passada.

Guido foi novamente à arca. Remexeu em montes de vestimentas e roupas de cama, depois voltou para a poltrona segurando um rolo de pergaminho amarrado com uma fita preta.

— Setenta e cinco anos atrás, durante a época das insurreições das comunas, quando as turbas armadas saqueavam e ateavam fogo às casas da nobreza, os condes de Coldimezzo colocaram este castelo e seus terrenos sob a proteção dos monges. A Abadia de San Pietro é poderosa, tanto no que se refere a armas quanto a imunidades pontifícias e imperiais.

Desenrolou o pergaminho e leu:

— "Caso uma comuna ou uma pessoa qualquer atacam os supramencionados castelão, o monastério promete ir em sua defesa. E se eles ou seus herdeiros e sucessores vierem a precisar, poderão livremente obter ajuda no supramencionado monastério, para o que quer que venha a ser necessário à sua vida. E se o acaso colocá-los nessa situação de extrema carência, da qual Deus nos livre, e decidirem entregar suas filhas em idade de casar, e que tenham escutado o chamado de Deus, aos conventos, o abade e os monges de San Pietro de Cassinensi se obrigam, a suas expensas, a fornecerem o dote e a acomodá-las em conventos para mulheres da regra de São Benedito. Os principais membros da família serão sempre recebidos e sentar-se-ão à mesa do abade."

Guido pôs o pergaminho nas mãos trêmulas de Amata.

— Os monges vieram o mais rápido que puderam quando souberam do ataque, mas é claro que chegaram tarde demais. Salvaram o que foi possível das construções e então encontraram Fabiano, à beira da morte e com vários ossos quebrados. Cuidaram dele até que ficasse curado e afirmaram que Deus o havia

poupado e entregado a eles para que passasse o resto da vida em sua companhia. Até mesmo o seu irmão concordou com essa lógica. Adaptou-se como um patinho na lagoa.

— Meu irmão. Ainda vivo, todos esses anos. E eu chorando a morte dele.

— Amata virou-se para Orfeo com os olhos enevoados, cheia de alegria.

— Temos um ditado aqui em nossa terra, *Sior* Orfeo: "Irmã e irmão: feitos um para o outro."

Ela riu e acrescentou:

— Alguns até dizem: "Marido é uma coisa; mas irmão é uma coisa a mais."

— Espero que *você* não diga isso — replicou Orfeo. — Por que não vai visitar Fabiano em Perúgia antes de voltar para Assis?

Amata lançou um olhar esperançoso para Cuido, que assentiu:

— Claro. Também gostaria muito de rever o menino.

Ela entregou o pergaminho a Jacopone, sabendo que suas implicações jurídicas iriam excitar a curiosidade do antigo notário.

— E Fabiano disse como veio a possuir o anel de papai? Ou, deveria dizer, do *nonno* Capitano? — perguntou ao tio.

— Sim, contou que seu pai enfiou o anel às pressas no bolso dele quando os assassinos invadiram a capela. Buonconte mandou que ele pulasse, sabendo que Fabiano seria massacrado cruelmente se ficasse no local.

— Mas o que significa a gravação no anel, tio?

O conde Guido encolheu os ombros.

— Pode ser que seu avô tenha explicado a Buonconte se quisesse que o significado fosse passado adiante. Eu, porém, não sei de nada.

Jacopone tinha acabado de ler o pacto. Tornou a enrolá-lo e bateu com o rolo na testa como se quisesse despertar sua memória.

— Conheci um frade em Gubbio que poderia ter alguma opinião a respeito. Ele alegava que não sabia nada, esse frei Conrad, embora seja extremamente inteligente. Acho que ele sabia a resposta a todas as perguntas. Mesmo assim, nós nos perdemos na floresta.

— Vocês nunca estiveram perdidos, pelo menos não tão perdidos quanto imaginavam — Amata lhe garantiu. — Você foi um herói naquela floresta.

Era chegada a hora de contar a Jacopone a história do outro Fabiano — do noviço Fabiano, de hábito cinza — e do corajoso e invencível dragão que

salvara a vida do menino.

CAPÍTULO XXXV



À MEIA-LUZ DE SUA CEIA, CONRAD rabiscou os nomes da última lista de Giovanni da Parma, com todos os ministros gerais da breve história da Ordem. Zefferino observava, sentado num dos degraus que levavam ao calabouço, ajudando Conrad com a luz de sua lanterna.

— Os ministros das províncias transmontanas destituíram Elias em 1239 e elegeram Alberto da Pisa para sucedê-lo. Infelizmente, Alberto viveu por mais um ano apenas. Depois, seguiram-se Haymo de Faversham, Crescentius da lesie, em 1247, eu. Quando os ministros me pediram para abdicar após dez anos no cargo, nomeei meu sucessor frei Bonaventura.

Enquanto Conrad garatujava o último nome nas pedras com um caco de louça, veio-lhe à cabeça, novamente, a advertência de Bonaventura, na noite em que o céu pareceu fender-se em dois mundos distintos e o ministro geral o obrigou a curvar-se e beijar-lhe o anel. A lembrança provocou uma outra indagação para a qual nunca encontrara resposta.

— Frei Giovanni — perguntou —, o ministro geral usa um anel representativo do cargo? Um símbolo que passa adiante na linha de sucessão?

O ancião esfregou os dedos sem adorno de sua mão esquerda.

— Usa, sim — respondeu por fim. — Um modesto anel de lápis-lazúli. Por que pergunta?

Conrad levantou o dedo. Virou-se para Zefferino.

— *Per favore*, irmão, poderia trazer sua luz um pouco mais para perto?

Zefferino levantou-se e suspendeu a lanterna até a altura do olho bom de Conrad, que logo raspou o limo de um pedaço da pedra. Depois de limpar uma área de bom tamanho, fez o desenho simples do bonequinho sobreposto pelo

arco duplo que já vira duas vezes: entalhado na pedra do altar da igreja Inferior e gravado no anel do ministro geral.

— Será que se lembra ou soube algum dia o significado desses símbolos?

Havia um da comuna de Todi, Capitano de Coldimezzo, o *signore* que doou a terra para a nossa basílica. O irmão de São Francisco, Angelo. O guardião da cidade, cavaleiro Simone della Rocca. E Giancarlo di Margherita, que era o prefeito de Assis naquele ano.

— E frei Elias.

— Elias cuidou do sepultamento, é claro. O secretário dele também serviu como amanuense para a confraria. Se ainda estiver vivo, provavelmente é o único outro frade que sabe onde estão as relíquias. — Giovanni sorriu satisfeito. — Dei o nome dos quatro?

— Melhor ainda, citou seis, sendo que o último é frei Illuminato — respondeu Conrad.

A maioria dos nomes dessa lista ele já sabia por intermédio de Donna Giacoma, mas agora tudo fazia sentido. Giovanni tinha levantado um pano de fundo aparentemente importante para o enigma de Leo — embora ainda faltasse saber o motivo para Elias querer esconder as relíquias sagradas. Decerto que precauções tão meticulosas assim, e toda aquela violência na praça, não haveriam de ser necessárias para proteger os ossos do santo. Como dissera a senhora, um suposto ladrão levantaria contra si uma cruzada santa. E Illuminato ter tentado frustrar a missão de Conrad fazia com que o frade ficasse mais desconfiado ainda. Será que haveria um elo fundamental entre a carta de frei Leo e essa confraria?

Um mapa! Fascinante! Sentiu uma necessidade urgente de interpretar as marcações. Será que conseguiria arrancar essa última informação de Giovanni?

Um ruído às suas costas serviu como resposta negativa, pelo menos naquele dia. Seu companheiro de cela recostara a cabeça no braço e tirava um dos seus freqüentes cochilos. Já começara a roncar suavemente quando Conrad acompanhou inúmeras vezes os dois arcos com as pontas dos dedos, como se quisesse descobrir seu significado apenas pelo tato.



UMA SEMANA DEPOIS, UM MERCADOR de tez escura que levava barris de vinho da Toscana para a Cidade Eterna acampou com seu grupo dentro dos portões do Coldimezzo. Orfeo, razoavelmente recuperado e com as feridas já cicatrizando, aproveitou a oportunidade para ir a Roma ao encontro do papa. Além do mais, sabia que a viagem ao lado do mercador seria bem mais prazerosa do que quando saíra de Veneza com os guarda-costas romanos de Gregório. Os dois falavam a mesma linguagem, a dos negócios e a da juventude.

Amata inspirou profundamente o ar fria da madrugada ao acenar para Orfeo até que não mais pudesse enxergá-lo, um último momento de calma antes que ela e o tio partissem na direção oposta para um dia inteiro de cavalgada até Perúgia. Planejavam levar apenas alguns poucos homens com eles, pois sabiam que a estrada era bem movimentada e que chegariam à casa de hospedes da abadia antes do anoitecer.

Ela mal conseguira dormir na noite anterior ao imaginar que estaria frente a frente com o irmão na manhã seguinte, após quase oito anos de separação. E que surpresa ela seria para Fabiano, como um fantasma que se levanta do túmulo! Sorriu à idéia divertida de branquear a pele como as *nobildonnas* de Roma antes de encontrá-lo, embora o longo inverno a tivesse deixado pálida o bastante.

Jacopone concordou em permanecer no Coldimezzo, permitindo-se um pouco mais de tempo para se recuperar antes de levar a carroça de feno de volta para Assis. O conde Guido o convidara a morar na *castella*, evidentemente, e ele quase aceitou. Mas isso foi antes de Amata lhe contar sobre seu mais recente projeto, o de construir um *scriptorium* em sua casa, que empregaria tantos copistas dignos de confiança quanto ela conseguisse encontrar para fazer cópias do manuscrito de Leo. Contava que Jacopone seria o primeiro. A vontade de pôr novamente uma pena sobre um pergaminho provou ser irresistível para o outrora notário e, em vez de Jacopone mudar-se por tempo indeterminado para o Coldimezzo, o conde concordou em retornar a Assis com eles depois da visita a Perúgia. Teresina também iria para Assis, na carroça com o pai. A promessa de passar muitas semanas na casa de Amata deixou a menina pulando de alegria.

Naquele dia, porém, a menina não poderia ir com eles.

— Teresina — o cavaleiro recomendou à neta antes de partirem —, cuide para que seu pai fique feliz e bem alimentado, e deixe-o dormir quando estiver cansado.

Ela balançou a cabeça, muito séria, aceitando a responsabilidade como se fosse a administradora do castelo.

Amata ainda amadurecia seus planos para o *scriptorium* quando ela, o tio e seus escudeiros atravessaram com seus cavalos os portões do castelo. Sentia-se contente porque Jacopone dava a impressão de estar satisfeito por ter uma família outra vez, e Amata desconfiava que talvez os dias de perambulação como penitente estivessem terminados para sempre. Desejava de todo o coração que ele enfim aceitasse o acidente que levara sua Vanna e se permitisse saborear um pouco de paz.

Rapidamente, ela se acostumou ao ritmo do cavalo, com o espírito animado pela brisa quente e pelo desabrochar da primavera que cercava a estrada por todos os lados. Também experimentava uma sensação de paz que havia anos não sentia, um gosto doce como mel. Tinha agora a oportunidade de conhecer o tio pela primeira vez, ou assim lhe parecia, como adulta, e não do ponto de vista de uma criancinha que juntava todos os adultos num único bloco. Foi tomada por uma onda de gratidão por esse homem corpulento que, com um único abraço apertado, trouxera-lhe de volta sua inocência, sua família, seu passado. E ainda havia Fabiano, a ponte restaurada que a ligava à infância interrompida.

E a criança! Ficou imaginando o que a atraía tanto em Teresina: seria a pureza de espírito, a energia ilimitada e repleta de alegria, o jeito de cantarolar com os lábios fechados enquanto desenhava no chão de terra com uma vareta, ou a semelhança com a mãe, que por sua vez transportava Amata de volta para seu passado de inocência? Seria o desejo de ter os seus próprios filhos que essa *angelina* despertava? Qualquer que fosse o motivo, seu amor pela menina acrescentava um sabor especial a essa deliciosa taça de paz que agora parecia prestes a transbordar.

Em meio a essas reflexões, tão agradáveis à sua mente quanto um perfume de incenso almiscarado, e às histórias das cruzadas de Frederico que ouviu durante as horas passadas cavalcando ao lado do tio, o longo dia passou praticamente despercebido. As altas muralhas de San Pietro, o mosteiro beneditino que servia como o posto avançado mais ao sul da poderosa cidade de Perúgia, não tardaram a aparecer diante deles, quase pegando Amata de surpresa. Já era muito tarde para o encontro com Fabiano, ela sabia; mas, talvez, depois de se instalarem na casa de hóspedes dos monges negros e após o jantar,

ela pudesse vê-lo de longe. A maioria das basílicas dos mosteiros tinha uma área na parte posterior da nave para os visitantes, em geral isolada dos monges por uma grade. Quem sabe, durante as Completas daquela noite, conseguisse identificá-lo entre as figuras sombrias curvadas nos bancos destinados aos monges ou pudessem ouvir sua voz naquele oceano de cânticos.

Sorriu dessa última impossibilidade. Sem dúvida, a voz de Fabiano teria ficado mais grossa desde a última vez que se viram. Ela não seria capaz de reconhecê-la. Seu irmãozinho estava agora com dezessete anos.



FREI ANSELMO ESTAVA EMPOLEIRADO num banco diante de uma escrivaninha alta, tão alerta ao vaivém à sua volta quanto uma ave do brejo. Uma de suas tarefas como assistente de despenseiro era anotar tudo o que era produzido para San Pietro nas chácaras de propriedade do mosteiro, além de registrar o nome do responsável pela produção e a quantidade e qualidade do que estava sendo entregue. Naquele dia, tratava-se de tecido para os hábitos dos monges, um produto da atividade doméstica realizada nos interiores das casas durante o longo inverno. O irmão despenseiro ia informando os detalhes enquanto o jovem anotava.

A pele descorada de seu rosto irradiava felicidade sob a luz da vela, que ardia inabalável sobre um suporte ao lado da escrivaninha. Preparava uma nova folha, começando como sempre com as letras A-M-D-G, *Ad Magnum Dei Gloria*, para maior glória de Deus. A Regra de San Benedetto identificava-se com a recitação de salmos como o *Opus Dei*, a Obra de Deus, e Anselmo dedicava-se ofício com igual convicção. Segurava a beirada da escrivaninha com a mão livre para se equilibrar enquanto escrevia e enroscava o pé saudável mima perna do banco para ter mais estabilidade. Mal tirou os olhos do que estava fazendo quando o hospedeiro entrou na despensa; imaginou que o monge tivesse vindo apanhar mantimentos para os alojamentos dos visitantes.

O monge confabulou com o despenseiro e este chamou o assistente:

— Anselmo, tem visitas esperando por você no pátio da casa de hóspedes. Podemos terminar isto mais tarde.

O mosteiro permitia visitas aos monges uma vez por ano, mas mesmo

assim a notícia o pegou desprevenido. A primeira fase de sua curta vida parecia ficar mais distante a cada ano que ele passava em San Pietro.

— Meu tio?

— É, o conde Guido — respondeu o hospedeiro. — E dessa vez trouxe uma jovem com ele.

Anselmo pulou do banco, apoiando-se no pé saudável e sorrindo de orelha a orelha.

— *Amatina!* Sabia que um dia ela apareceria por aqui! — pegou um par de toscas muletas de madeira que estavam apoiadas na parede.

— Sua irmã que estava desaparecida? Por que acha que é ela?

— Você não a conhece, irmão. Ninguém *já* conseguiu derrotá-la no que quer que fosse. Se consegue visualizar um de nossos cavalos de guerra perugino investindo contra o vento norte que ataca furioso vindo das montanhas, sem jamais se curvar aos elementos, ou então enfrentando uma saraivada de flechas sem medo de arriscar a própria segurança: aí você tem uma pequena amostra de como minha irmã é obstinada.

— Isso é o que chamo de obstinação — disse rindo o despenseiro. — Tomara que seja ela. Agora vá e aproveite a visita.

Mesmo arrastando o pé inútil, Anselmo chegou ao pátio mais depressa do que o hospedeiro jamais imaginou ser possível. Assim como todos em San Pietro, aquele monge mais velho também gostava muito do órfão aleijado que viera morar com eles desde menino. Era o queridinho de todos, e eles o mimavam sem reservas, tanto quanto a Regra permitia.

O hospedeiro apontou para o homem e a mulher que aguardavam do outro lado do pátio e depois se retirou para o claustro. Anselmo viu seu tio tocar de leve a moça enquanto ele se aproximava claudicante pelo pátio.

— Fabiano! — gritou ela, praticamente voando para ele e o abraçando com tanta força, quase atirando-o ao chão. — Não o teria reconhecido!

— Anselmo — ele sorriu, meio constrangido. — Sou frei Anselmo agora. E acho que não posso abraçar uma mulher. Vai ver, terei de me prostrar diante de toda a comunidade e confessar esse pecado em nossa reunião amanhã de manhã.

— Ora, bobagem! — ela deu um passo atrás e olhou-o dos pés à cabeça. — Você está bem? Os ferimentos ainda doem?

— Não, estou bem. Estou vivo e tão feliz aqui como era antes, *Amatina*.

Se não fosse pelos bandidos, hoje não estaria aqui, mas este é o meu lugar. E você também sobreviveu. Sempre achei que conseguiria.

— Sobrevivi, sim.

Talvez, no final das contas, isso fosse tudo que seu irmão precisava saber.

— Mas quem eram os homens que nos atacaram? Um fazendeiro que os viu levando você disse apenas que tomaram a direção leste. Tio Guido a procurou por toda parte. Era como se você tivesse desaparecido dentro de uma montanha — olhou de relance para o tio, para que ele confirmasse sua versão.

Guido respondeu:

— Eram mercenários, cavaleiros de Assis contratados por um mercador que discutira com seu pai uma semana antes.

— E o motivo da discussão era o pagamento de um pedágio para cruzar nossas terras — acrescentou Amata.

Anselmo fez que não:

— Foi de fato assim que a discussão começou, mas havia outro assunto — ele explicou. — Eu estava lá na arcada do portão. Papai também gritou com o mercador. Disse que sabia o significado do anel que o mercador tinha no dedo porque ele usava uma pedra igual. Exibiu-o diante dos olhos do outro e disse que, se alguém de sua casa sofresse algum mal, ele divulgaria o significado do anel para todo mundo.

— Não escutei essa parte — Amata enrubesceu ao lembrar a primeira vez que pusera os olhos em Orfeo. — Um moço muito bonito que fazia parte da comitiva desviou minha atenção.

O conde Guido interrompeu:

— Então você acha que o mercador matou seu pai por causa do anel, e não do pedágio?

— É o que me parece. Amata virou-se para o tio.

— Mas papai recebeu o anel de *nonno* Capitanio. Vovô não iria deliberadamente marcar o filho para a morte, que foi o que o pai de Orfeo fez.

— Não, claro que não — disse Guido. — Conhecendo seu pai, ele provavelmente achava que o significado era importante demais para não ser preservado, não importa qual fosse. Agora ficou evidente que Buonconte sabia. Algum dia ele lhe falou algo a respeito, Anselmo?

— Nunca notei a existência do anel até aquele dia — respondeu o rapaz. — Nem mesmo soube que ele o enfiou no meu bolso quando me mandou pular

da janela. O monge que o devolveu ao senhor, meu tio, disse que o encontraram enquanto cuidavam dos meus ferimentos. O que papai sabia morreu com ele.

Guido dirigiu-se a Amata.

— Acho que deveríamos destruí-lo assim que voltarmos para casa. E você deve avisar Orfeo para fazer o mesmo com o dele. Esses anéis atraíram uma terrível maldição sobre todos nós.

— Bem... podemos ter certeza de que o anel de Simone está enterrado, se não no dedo *dele*, no do filho. O senhor meu tio se incumbiu disso — e ela sorriu, impiedosa.

Anselmo fixou o olhar na irmã e seus olhos subitamente se encheram de lágrimas, o que fez Amata também ficar com os seus cheios d'água. Depois, começaram a rir deles mesmos, enxugando os olhos nos punhos das mangas, como se ainda tivessem nove e onze anos. Amata puxou o irmão pela manga do hábito e levou-o para um banco, onde recordaram os tempos de infância. O tio também contou histórias dos primeiros dias de Coldimezzo, da época em que nenhum dos dois era ainda nascido, e lembranças de quando ele e o pai de ambos eram crianças.

Anselmo disse estar muito feliz em San Pietro e falou bastante sobre sua vida e seu trabalho no mosteiro; contou como sua habilidade para fazer cálculos o levava a trabalhar na despensa e como se sentia afortunado por ser útil à comunidade apesar de suas limitações físicas. Explicou que Amata era a primeira mulher que via em quase oito anos, uma visão tão rara quanto a visita de um anjo, e comentou que o toucado que ela usava lhe parecia ao mesmo tempo curioso e exótico — simplesmente porque fazia muito tempo que não via um.

E então foi a vez de Amata lhe contar sobre seus dias em São Damião e sua vida atual em Assis. O irmão parecia desapontado por ela não ter se entusiasmado pela vida religiosa. Como alguém podia não preferir uma vida dedicada a Deus?

Amata estava guardando a melhor surpresa para o final:

— Mas — perguntou — como eu poderia ser uma religiosa e uma mulher casada ao mesmo tempo?

— Você é casada?

Amata sorriu, exultante.

— Ainda não, mas pode acontecer em breve. E, quando acontecer, vamos

chamar nosso primeiro filho de Fabiano... e o segundo de Anselmo. Ainda teremos um Fabiano na família e dois Anselmos.

Ponderou se devia explicar que Orfeo era filho do homem que contratara os assassinos, mas decidiu que não valia a pena no momento. Mas não deixou de lhe contar sobre a amizade de Orfeo com o papa e a viagem a Roma, o que, sabia, iria impressionar bastante o jovem monge.

Em um determinado momento o hospedeiro apareceu com comida e bebida, para que eles não precisassem sair do pátio. Então, depois de um longo dia em que conversaram sobre tudo o que aconteceu em suas vidas, ao cair da tarde, o sino chamou para as Vésperas, e Anselmo precisou voltar para a clausura.

— Você virá me ver?

— Todos os anos — respondeu Amata. — Tantas vezes quantas eles nos permitirem.

A pergunta seguinte a deixou espantada:

— E você já perdoou os assassinos de nossos pais? Sabe que você nunca terá paz a menos que o faça, não é?

Amata engoliu em seco.

— Já se foram, a maioria deles, e fiquei feliz por terem morrido. Durante todos esses anos pretendia me vingar e tinha muitas razões para isso. Mas estou a ponto de perdoá-los. Pergunte-me isso de novo no próximo ano, quando vier visitá-lo em companhia do meu marido.

— Até ano que vem, então. Reze por mim. Vou rezar por você.

Anselmo levantou-se e escorou as muletas sob os braços. Então, antes que ele pudesse reclamar, Amata beijou-o no rosto.

— Um beijo de despedida — ela disse — porque nós não morreremos.



FREI GIOVANNI NUNCA VOLTOU a falar sobre os anéis. O antigo ministro geral parecia arrependido das revelações que fizera, e Conrad não insistiu. Ao contrário, ouvia com paciência enquanto Giovanni se estendia nas conversas sobre sonhos, visões e aparições.

Em um desses sonhos, ele estava às margens de um rio turbulento e

observava impotente vários de seus frades, levando nas costas pesadas cargas, entrarem nas águas caudalosas. A correnteza violenta os carregou e todos morreram afogados. Mas, enquanto ele chorava, outros frades se aproximaram e, por não levarem carga alguma, atravessaram o rio sem dificuldades.

— A verdade é que a Ordem precisa mais do que nunca da sua orientação — afirmou Conrad. — Os primeiros frades são os irmãos Conventuais, que carregam consigo todas as bagagens deste mundo. O segundo grupo é composto pelos irmãos Espirituais, que se mantêm fiéis à Regra de São Francisco quanto à pobreza e se sentem realizados em seguir Cristo despido na cruz. Você teria cruzado o rio facilmente na companhia deles.

— Creio que eu estava mais alinhado com os Espirituais em meu coração — admitiu Giovanni —, embora tentasse ficar acima das facções quando dirigi a Ordem. No entanto, os ministros provinciais me espionaram e desvendaram meus verdadeiros sentimentos, e é por causa deles que hoje lhe faço companhia.

Certa noite, as correntes de Giovanni fizeram tanto barulho que acordaram Conrad. Receoso de que os demônios estivessem atormentando o ancião já enfraquecido, Conrad implorou em voz alta pela proteção dos anjos da guarda de ambos e sacudiu Giovanni até despertá-lo do pesadelo.

— Sonhei com frei Gerardino e suas heresias — explicou quando recobrou a consciência. — Temo pela alma dele, embora não seja mais culpado do que os cronistas da nossa Ordem. Sua afirmação de que o nascimento de São Francisco marca a segunda vinda de Jesus não passa de uma interpretação lógica das lendas. Tenho certeza de que você já esteve no estábulo, nesta cidade, onde a senhora Pica Bourlemont di Bernardone deu à luz Francisco, apesar de seu marido ser o mais rico comerciante de Assis. E as histórias chegam a dizer que um ancião proclamou a santidade de nosso fundador enquanto ele ainda era bebê, da mesma forma que fez Simeão quando Jesus foi apresentado no Templo. Mais tarde, quando Francisco viajou a Roma para obter do Papa Inocêncio a aprovação da nova Ordem, fez-se acompanhar por precisamente doze discípulos. Um deles, frei Giovanni del Capello, mais tarde se desligou da Ordem por não ser capaz de viver à altura dos rigores da Regra. Os cronistas o estigmatizaram como um segundo Judas. E é assim que o fio vai sendo tecido em todas as histórias das proezas e milagres de Francisco. Giovanni continuou seu relato:

— Os afrescos de Giunta da Pisa, na igreja de baixo, que representam os acontecimentos da vida de nosso fundador, foram colocados defronte dos

eventos da vida de Jesus. Isso nunca tinha sido feito antes nas igrejas construídas em homenagem a qualquer outro santo. Em todas as outras basílicas encontramos cenas do Novo Testamento diante de cenas do Velho Testamento. Mas nunca antes uma criatura humana, nem mesmo um grande santo, foi comparada tão abertamente com Nosso Senhor.

A vaga descrença de Giovanni deixou Conrad perturbado. Ele nunca ouvira um frade duvidar da verdade das lendas, embora Leo muitas vezes insinuasse a possibilidade de uma verdade mais profunda. Não esperava tamanho ceticismo de um antigo ministro geral.

— Mas não se pode esquecer dos estigmas — interrompeu Conrad. — Donna Giacoma segurou nos próprios braços o corpo ferido e quase nu de Francisco quando ele morreu. Ela me disse que ele se parecia exatamente com Jesus na hora que foi retirado da cruz.

Giovanni resmungou:

— Verdade. Havia os estigmas, e somente por esse milagre São Francisco pode ser considerado um segundo Cristo.

Conrad ainda não estava tranqüilo.

— Há ainda o testemunho do irmão que, numa visão, viu Nosso Senhor entrar na Catedral de Siena seguido por uma multidão de santos. Cada vez que Cristo levantava um pé, deixava Sua pegada marcada no chão. Todos os santos esforçaram-se para colocar seus pés nas marcas deixadas pelas passadas de Cristo, mas nenhum deles o conseguiu com perfeição. Por fim, veio São Francisco e seus pés se ajustaram perfeitamente às pegadas de Jesus.

— Ouvi inúmeros desses testemunhos — admitiu Giovanni. — Ainda assim, gostaria que os historiadores da Ordem não tivessem insistido tanto nessa comparação. Talvez assim Gerardino não tivesse cometido heresia ou, o que é mais importante, não perdesse sua alma imortal.

CAPÍTULO XXXVI



DIANTE DA LAREIRA DO SALÃO DE SUA CASA, Amata apertava contra o peito a carta de Orfeo ainda fechada, enquanto o desdentado mercador romano não parava de tagarelar sobre sua viagem. O maxilar dela estava imobilizado num sorriso e os olhos concentravam-se na verruga cheia de pêlos no nariz do comerciante. Será que Pio nunca iria atender a seus chamados? Finalmente, o menino apareceu e ela lhe pediu que acompanhasse o homem à cozinha, repetindo o quão agradecida estava enquanto ele saía.

Correu para o pátio, onde podia aquecer-se ao sol do meio-dia e sentar-se confortavelmente sozinha para ler a carta. Arrancou o selo com as unhas e desenrolou o velino.

"Cara mia,

Os dias estão cada vez mais longos, menos por causa do solstício que se aproxima e mais pela distância que nos separa. Você está sempre em meus pensamentos. Sonho com a menina de tranças cor do ébano, com a mulher na clareira, o sol brincando em seus cabelos. Não lhe parece estranho? Embora você se queixe de que os cabelos lhe chegam apenas aos ombros, vejo-a com os cabelos voando acima das flores que carrega nos braços. Acho que é uma imagem profética: os botões de flores seriam *bambinos*, frutos do nosso futuro amor.

Minhas tentativas, lamento informar, foram em vão ou, no mínimo, proteladas. Aproximar-me de Gregório é quase impossível. Estava a ponto de perder as esperanças, imaginando que nunca mais o veria, quando encontrei um amigo, frei Salimbene, que faz parte da delegação de frades

em Lyons. Ele me apresentou a um outro frade, Girolamo d'Ascoli, ministro provincial da Dalmácia, que recentemente foi nomeado legado de Gregório nas igrejas do Oriente.

Tenho a impressão de que esse frei Girolano não tem muito apreço por Bonaventura, pois quando lhe expliquei meus motivos ele deu a impressão de gostar da idéia de ver o ministro geral em dificuldades. Seja como for, consegui-me uma audiência e ajudou-me.

O papa mostrou-se sinceramente feliz por me ver, mas não atendeu ao meu pedido de imediato, receoso de ofender Bonaventura, que lhe deu sólido apoio e foi seu firme aliado no último ano. Ainda assim, pelo amor que sente por mim, Gregório afirmou que não tomaria uma decisão definitiva no momento, mas conversaria com o ministro geral após o concílio.

Gregório insistiu para que eu embarcasse com ele para Provença amanhã, mais uma vez como seu talismã da sorte. Concordei, na esperança de que ele venha a mudar de opinião tão logo as questões deste concílio estejam concluídas. De Marselha, subiremos o rio Ródano numa barcaça até Lyons. O mais provável é que os trabalhos na Catedral de Lyons já estejam em andamento quando você receber esta carta. Se Cristo permitir, espero estar de volta no final de junho e na companhia de frei Salimbene. O homem é um cronista e tem uma paixão imensa por história, sobretudo a da sua Ordem.

Embora os dias estejam ficando mais quentes por aqui, são gélidos se comparados com o fogo que arde no meu peito. E pensar que um dia lamentei ter perdido a oportunidade de ir conquistar tesouros na China, enquanto um tesouro muito maior estava escondido na cidade em que nasci. Todas as noites agradeço a Deus a boa sorte de tê-la encontrado. Antes, sonhava em nadar nos lagos de águas claras do mundo, agora quero somente banhar-me e divertir-me nos lagos profundos dos seus olhos.

Debaixo da janela do meu quarto, um grupo barulhento de velhas cata gravetos, parecem corvos num campo relvado. Vão de um lado para o outro vestidas de suas saias pretas, circulando tão devagar quanto minhas noites insones; depois que enchem os aventais de gravetos, voltam afinal para casa. Da mesma forma, vou circular em torno do nosso papa até

voltar para você com o pedido atendido. Enquanto não chega esse momento, não se esqueça de seu criado solitário e reze por mim, sabendo que serei sempre

*Innamorato tuo,
Orfeo"*

Amata leu e releu a carta inúmeras vezes, enrolando uma mecha de cabelo nos dedos. Por mais decepcionada que estivesse com as notícias relativas a Conrad, dava por si voltando aos trechos em que Orfeu declarava seu amor. Ela o havia visto mais alegre no Coldimezzo, enquanto acompanhava sua recuperação mesmo tendo que lidar com a perda de seu amigo carreteiro. Era mu Orfeo com olhos vincados pelo riso fácil. Recebia com prazer a paixão que ele lhe demonstrava, as palavras que derreteriam o coração de qualquer mulher; o fogo que ardia nele enchia seu corpo de um calor agradável e palpitante enquanto as lia.

Apesar disso, outras palavras na carta a perturbavam. Talvez fosse apenas o modo de falar de um mercador; mas inquietou-se quando ele a comparou com um "tesouro" e sua "boa sorte". Teria sido verdadeiramente estimulado pelo amor ou levado antes de tudo pela dispendiosa ambição de viajar para lugares distantes? Talvez ela estivesse apenas demasiado desconfiada de pretendentes astutos ou em busca de fortuna desde o seu incidente com Roffredo Gaetani.

A palavra "China" também se destacava a seus olhos. Recordou as histórias que ele contara sobre o amigo Marco, que só veio a conhecer o pai aos dezessete anos. *Filho meu não passará por esse tipo de separação, pensou, muito menos eu.* Não queria um marido apenas no nome. Ela e Orfeo teriam de resolver esse assunto antes de se comprometerem. Felizmente, e graças ao tio Guido, que aceitara ser o gestor de seus bens, casamento era agora uma opção, não uma necessidade.

Ouviu ruído de passos no claustro atrás dela. O tio olhou com ar curioso ao passar por ela, as mãos entrelaçadas nas costas, fazendo um trejeito com os lábios.

— Uma carta de Orfeo — ela anunciou. O conde não respondeu, mas ela entendeu a pergunta em seus olhos.

— Sei que deveria amá-lo — disse —, mas parte do que ele diz me preocupa. De uma coisa tenho certeza, porém: prefiro-o a qualquer outro

homem. Será que isso é base suficiente para um casamento, tio?

Guido sorriu com a sábia expressão de alguém que já cruzou esse tipo de oceano.

— Vai saber a resposta quando estiverem juntos de novo, Amatina. Seja como for, as pessoas podem se casar por amor e depois descobrir que amar pode se tornar um fardo.

Amata franziu os lábios e puxou-os com os dedos, ao refletir:

— Mas, se me casasse por qualquer outro motivo, será que um dia eu não teria de convencer meu marido a entregar-se ao amor para nos livrar da frustração?

— Você vai se sair bem, menina — disse o tio. Sobreviveu aos bárbaros. Posso garantir que também vai sobreviver ao casamento com Orfeo.

Retomou a caminhada, dizendo em seu íntimo: *Que geração é essa! Casar por amor! Ora! Isso jamais teria acontecido na minha época.*



ORFEO VESTIU SEU TRAJE MAIS LIMPO sobre a túnica, alisou os cabelos com a mão e seguiu o mensageiro do papa até o refeitório menorita. Gregório convidara Orfeo, na qualidade de sobrinho de São Francisco, para jantar com ele e com os frades que deveriam dar testemunhos no segundo dia do Concílio Geral.

O séquito do pontífice ocupava toda a cabeceira da mesa. Um aceno vindo lá do final chamou a atenção de Orfeo. Frei Salimbene havia guardado um espaço no banco, entre ele e frei Girolamo d'Ascoli, o frade que ajudara Orfeo a ter acesso ao papa. O pequenino e ágil Girolamo, de feições delicadas, cabelos prateados e brilhantes olhos azuis, fazia um contraste marcante com o grandalhão e desmazelado Salimbene.

Gregório, de ótimo humor, irradiava alegria. Fez uma oração abençoando o alimento que iriam receber e acrescentou uma ação de graças pelo sucesso do primeiro dia de Concílio, especialmente pela bem-sucedida reconciliação com a igreja ortodoxa.

Ao chegar atrasado na catedral de Lyons naquela manhã, Orfeo acabara ficando à porta, comprimido, impedido de entrar por causa da multidão que se

aglomerava no transepto. Entretanto, nas conversas que tivera com Gregório, compreendera que eliminar as desavenças entre as igrejas era o principal item na pauta de seu amigo papa. Nas pontas dos pés e valendo-se dos comentários dos que estavam à sua frente, Orfeo só conseguiu entrever a delegação oriental em suas brilhantes vestimentas quando seus membros se adiantaram e se ajoelharam diante do trono papal. Em voz alta, declararam: "Aceitamos a primazia e todas as convenções da igreja ocidental." Concordaram também com todas as questões conflituosas, inclusive a cláusula *filioque*, que explicitava na doutrina que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, e o uso de pão ázimo na liturgia da Eucaristia.

Enquanto Gregório repetia sua satisfação com os acontecimentos do dia, Orfeo sussurrou no ouvido de frei Girolamo:

— O que a igreja oriental recebeu em troca? — ele sabia que, como enviado de Gregório ao imperador bizantino Michael Palacologus, Girolamo compreendia muito bem as sutilezas das negociações.

— Muito pouco respondeu o frade falando baixinho. Prometemos ser tolerantes com a liturgia grega.

— Só isso?

— Precisa entender, jovem leigo, que a capitulação de Michael não tem nada a com questões religiosas. A cada ano, os sarracenos invadem mais um pouco o seu império. Ele precisa da nossa ajuda militar e não se encontra em posição de regatear.

Mergulhou um pedaço de pão na tigela de sopa e acrescentou, apenas insinuando um sorriso:

— Deus escreve certo por linhas tortas e não despreza nem mesmo as hordas mais pagãs.

Quando o volume das vozes em torno da mesa ficou mais alto, frei Salimbene entrou na conversa:

— Pode estar certo de que o restante do Concílio será mais difícil para o santo padre. Os cardeais levaram quatro anos para nomeá-lo sucessor de Clemente. No futuro, ele quer que fiquem confinados em celas individuais depois da morte de cada papa. Vai bloquear todas as fontes de renda dos cardeais enquanto estiverem isolados em seus conclaves, até escolherem um novo papa.

— Essa é apenas uma das questões — comentou Girolamo. — Amanhã

também o dia não será nada agradável. Começarão as denúncias contra o clero secular. Embora tanto os frades pregadores quanto os menoritas estivessem bem representados entre as fileiras dos prelados — bispos, arcebispos e até cardeais —, Gregório acreditava que todas as maldades do mundo vinham dos padres e prelados *seculares*, que não deviam obediência a nenhuma comunidade religiosa.

Salimbene limpou com a manga o filete de molho que lhe escorria pelas dobras do queixo. Deu uma piscadela e um sorriso forçado:

— *Non est fumus absque igne*. Onde há fumaça há fogo. Até mesmo alguns cardeais podem acabar chamuscados.

— Inclusive seu próprio cardeal Bonaventura?

A expressão atônita no rosto de Salimbene em reação à pergunta confirmou sua ingenuidade nessas questões da Igreja.

— Não, não — respondeu o frade. — Ele é o responsável pelo testemunho contra os seculares.

Orfeo seguiu o movimento dos olhos dos frades ao fitarem frei Bonaventura, sentado ao lado do papa. O cardeal atacava um pedaço de porco assado especialmente gorduroso.

— Nosso ministro geral está quase tão rotundo quanto você, frei Salimbene

— Girolamo observou com um sorriso travesso. Falava com a dicção controlada de um orador experiente, deixando que a palavra "rotundo" ressoasse em todo o seu palato e ecoasse ao deixá-la escapar pelos lábios.

— É sim, e já estava na hora. Mas também se pode notar que ele não tem o meu bom humor nem meu colorido saudável. Um tanto abatido demais para meu gosto. E aquelas olheiras escuras... — Salimbene balançou a cabeça com falsa compaixão. — Até Sua Santidade está preocupado com ele. Reparou na expressão apreensiva no rosto do papa?

Orfeo forçou um sorriso diante da falta de respeito dos comentários sobre Bonaventura, a quem o resto do mundo tratava como uma celebridade. Desde que o grupo do papa chegara a Lyons, várias vezes Orfeo entreouvira conversas sobre Gregório estar treinando Bonaventura para sucedê-lo — notícias desanimadoras, em se tratando de seu objetivo de libertar o frade amigo de Amata.

Ele voltou ao assunto da discussão do dia seguinte.

— Quer dizer então que devo chegar à catedral em jejum amanhã de manhã e arranjar um lugar na primeira fila.

— Vai haver muito com o que se entreter, acredite — concordou Salimbene.

— Vale a pena ter um bom lugar. Enfie essa metade de pão no bolso. — O frade cortou um pedaço de pão com sua faca e entregou-o a Orfeo. — Se você nunca viu as janelas da catedral pelo lado de dentro nas primeiras luzes da manhã, terá um outro prazer esperando por você.



ORFEO DEIXOU PARA TRÁS o calor da manhã de junho e entrou na fria penumbra da catedral. Tanto quanto podia enxergar à luz da única vela que tremeluzia sobre o altar-mor, era a primeira pessoa a transpor as gigantescas portas do transepto.

Não só Lyons se expandira desde a última vez que estivera lá quando menino, mas as obras da catedral haviam progredido ao ponto de toda a região da Provença se gabar dos vitrais das novas janelas. Estivera em Lyons uma vez com o pai para a feira anual do linho, que começava na semana seguinte a Páscoa e ia até o final da primavera. A catedral fervilhava de tanta atividade. Orfeo viu senhores e senhoras da aristocracia se curvarem com a maior boa vontade para as juntas de bois das carroças de suprimentos e, como animais de carga, puxarem as caçambas carregadas de pedra e madeira, azeite e cereais para o local da obra. À noite, os trabalhadores enfileiravam as carroças num semicírculo ao redor da construção, com velas ou lamparinas acesas em cada caçamba. Comemoravam a vigília com hinos e cânticos e deitavam seus doentes sobre as carroças. Depois, levavam as relíquias dos santos a cada pessoa doente para aliviar suas enfermidades.

Enquanto as imagens daquela viagem com o pai iam desfilando em sua memória, os olhos foram se adaptando à escuridão; as formas do interior da catedral surgiram devagar. Observou que o prédio em nada se parecia com as igrejas ao estilo de Roma, maciças e sustentadas por pesados pilares, comuns na sua terra. Colunas estreitas elevavam-se para o céu, fazendo o olhar voltar-se instintivamente para o teto à procura de seu ápice, em algum ponto entre as

sombras convexas da cúpula, onde se pode esperar encontrar a revelação dos mistérios de Deus. Tudo se dirigia para cima, diretamente para os céus. Tio Francisco *teria* adorado esse estilo, pensou ele, a despeito dos óbvios custos. Enquanto as primeiras Ordens acumulavam e guardavam riquezas, o tio as espalhava e dispersava, enviando seus frades aos quatro cantos no mundo. Ele fizera verdadeiramente um *movimento*, em todos os sentidos, como a nova arquitetura dessa igreja.

Enquanto o mercador contemplava o clerestório, uma luz fraca se infiltrava pelas imagens retratadas nas janelas ogivais e pelo delicado rendilhado de pedra das rosáceas acima delas. Anjos, santos e personagens bíblicos preenchiam todos os quadrados e curvas dos vitrais, enquanto os artesãos de Lyons apenas observavam dos cantos das cenas ou apareciam ocupados nos seus trabalhos diários de assar, feltrar ou tecer, deixando bem claro ao espectador que os admirava quem havia pago tais fabulosas criações. Mas esse suave prelúdio mal preparou Orfeo para o moteto que se seguiu. Aos poucos, o sol clareou o céu a leste do Ródano e a luz espalhou-se por toda a abside. Raios de tonalidades mágicas fragmentaram-se em todas as direções; todas as cores do manto da imagem de José inclinaram-se sobre o altar-mor e sobre o trono papal de ouro colocado ali para o concílio, cortando a nave escura com inúmeros seres celestiais vestidos com as cores do arco-íris. Orfeo imaginou um coro espiritual derramando incessantes aleluias em louvor ao Supremo enquanto descia até a terra cavalgando esses fochos de luz.

Infelizmente, o encantamento não podia durar para sempre. A porta fora do transepto começou a abrir-se e fechar-se à entrada dos cidadãos que vinham assistir aos debates do dia. Orfeo postou-se no canto em que o transepto se ligava à nave para ter uma boa visão do papa e dos frades que ficariam na frente da igreja. Enfiou a mão na bolsa de pano que trazia presa ao cinto e pegou o pedaço de pão seco que havia guardado do jantar.

— *Vin, monsieur?* Um copo do meu jarro por *um penny*.

Essa era uma surpresa agradável uma surpresa, porque uma das reformas propostas por Gregório seria livrar as igrejas da presença profana de vendedores ambulantes. Orfeo achava que o papa faria bem se conseguisse acabar com a presença de prostitutas nos cantos mais escuros.

O pórtico principal da extremidade oeste da nave abriu-se e Orfeo enfiou o último pedaço de pão na boca. Caminhando sob um baldaquino branco, o Papa

Gregório X encabeçava o cortejo que entrou na catedral. Vestia uma casula alva como neve, dividida em quadrantes por uma cruz azul-clara. Os sapatos baixos de seda e a mitra também eram brancos, com os avessos das fitas da mitra revestidos de seda dourada. Na mão direita, uma bengala de madeira tosca servia de bastão episcopal e marcava suas passadas vagarosas. Enquanto subia os degraus até o trono e os cônegos da catedral acomodavam o baldaquino por cima do assento do papa, Orfeo reparou, com seus olhos de mercador de tecidos, que o paramento fora feito numa sarja simples da cidade de Rheims. Atrás, os cardeais vinham em sotainas e capas vermelhas, com chapéus de abas largas da mesma cor, seguidos pelos bispos, o clero e as testemunhas dos frades menoritas e pregadores. Os campos opostos — Ordens e seculares — instalaram-se, como se tivessem combinado de antemão, em lados contrários da nave. Os frades ocupavam a parede sul, diante de Orfeo; os seculares sentavam-se de costas para ele.

Orfeo tentou chamar a atenção de Salimbene, mas o frade não alterou sua fisionomia séria nem demonstrou tê-lo visto. Frei Illuminato, bispo de Assis, sentou-se à direita de Bonaventura, assumindo a função de seu secretário na ausência de Bernardo da Bessa. Orfeo reconheceu também Girolamo d'Ascoli e outros companheiros da mesa de jantar da véspera: o menorita francês Hugues de Digne e o frade Odo Rigaldi, arcebispo de Rouen. À esquerda de Bonaventura estava o ministro geral dos frades pregadores de São Domenico, em seu hábito branco.

O Papa Gregório falou primeiro sem se levantar, com os olhos indo de uma facção à outra.

— Há aqueles que afirmam que os padres seculares e prelados não estão mais qualificados para pregar, nem ouvir confissões, nem para celebrar a Eucaristia. Muitas cidades me pedem frades para desempenhar essas funções, pois perderam a confiança em seu próprio clero. O clero contesta essas afirmações, alegando que os frades têm um comportamento pior que o deles e que os privam dos rendimentos a que têm direito ao se incumbirem de tarefas que são prerrogativas exclusivas dos seculares. Hoje, examinaremos as duas acusações. Para começar, vamos ouvir a delegação dos frades.

Fez um sinal para o cardeal Bonaventura. O ministro geral dos menoritas levantou-se devagar, uma presença ao mesmo tempo plácida e imponente. Suas maneiras deixavam entrever que ele também havia escutado e acreditado nos

rumores de que sucederia *Gregório* como papa. O frade falava em um tom quase enfadado, refletiu Orfeo, como se fosse um banqueiro contando dinheiro em seu depósito.

— O mundo parece estar muito pior agora do que antigamente. O clero enfraquece o mundo leigo, tanto em termos de moral quanto de fé, pelo péssimo exemplo que dá. Muitos de seus membros são lascivos e mantêm concubinas em casa, ou pecam aqui e acolá com diferentes pessoas. O povo mais simples seria levado a crer que esses atos pecaminosos são aceitos por Deus, se nós, os frades, não pregássemos contra eles; e as mulheres iludidas poderiam concluir que pecar com esses padres não seria pecado, argumento com que algumas foram persuadidas a isso, conforme é do conhecimento de todos. A mulher honesta tem medo de ficar mal-falada caso se confesse reservadamente com padres assim.

Bonaventura continuou:

— O último emissário do papa na Alemanha afastou os sacerdotes que pediram a freiras de qualquer Ordem que pecassem — afastou-os de seus cargos e privou-os de seus benefícios — e excomungou todos os que pecaram com eles. E foram muitos os que receberam essa sentença. No entanto, esses mesmos sacerdotes excomungados permaneceram em suas paróquias como se nada tivesse acontecido, crucificando Cristo todos os dias. As confissões que ouviam e as absolvições que davam foram anuladas, e os fiéis não podiam assistir às missas por eles celebradas. E assim paróquias inteiras foram arrastadas para o inferno por comungarem com um excomungado. O demônio ganha mais almas dessa maneira do que de qualquer outra. Pois os padres impuros, os filhos ilegítimos, os simoníacos — todos perderam o poder de unir e o de livrar dos pecados.

Fez uma pausa e depois concluiu:

— Ainda assim, eles criam empecilhos à prática do ministério pelos frades. Se dependêssemos dos padres locais para permanecer numa paróquia, pouquíssimas vezes nos seria permitido ficar. Seja por vontade deles, seja por instigação de seus bispos, iriam nos expulsar de suas paróquias mais rápido que aos hereges e judeus.

Um rumor surdo e prolongado vibrou do outro lado da nave.

— Generalidades. Generalidades difamatórias — alguém resmungou alto o bastante para sua voz alcançar os frades.

O arcebispo Odo Rigaldi levantou-se num salto.

— Em 1261, o Papa Urbano me pediu para convocar um concílio em Ravena com o intuito de angariar fundos para o combate aos invasores tártaros. Vocês, clérigos paroquiais, recusaram-se a contribuir até que tivessem discutido a usurpação dos seus privilégios pelos frades — Odo encarou ameaçadoramente as fileiras de padres seculares e continuou num timbre agudo: — Patifes! A quem devo confiar as confissões dos leigos sob minha guarda pastoral se as Ordens não estiverem lá para ouvi-los? Não posso, em sã consciência, confiá-los a vocês, pois as pessoas vêm em busca de bálsamo para a alma e vocês lhes dão veneno para beber. Vocês levam mulheres para trás do altar com o pretexto da confissão e depois agem como os filhos de Eli à porta do tabernáculo, assunto horrível para se narrar e mais horrível ainda para se fazer. Por essa razão, o Senhor reclama de vocês pela boca do profeta Oséias: "*Vi uma coisa horrível na casa de Israel: as fornicções de Efraim*". E, por essa razão, estão lamentando que os frades ouçam confissões, pois temem que eles fiquem sabendo por outros de suas más ações.

— Mais generalizações — entoou a mesma voz monótona de antes.

— É o bispo de Olmutz que resmungua sobre generalizações? — Odo apontou para um padre encostado à parede da nave. — Diga-me como poderia confiar a confissão de uma mulher ao padre Gerard aqui presente, quando sei muitíssimo bem que a casa dele é cheia de filhos e filhas, e que não seria impróprio descrevê-lo com as palavras do salmista: *A prole dele deve ser como jovens oliveiras ao redor da mesa?* E quem dera que Gerard fosse o único.

Varreu o clero com os olhos e, por fim, deteve-se em um bispo na primeira fileira:

— E quanto a você, Henri de Liège, entre suas concubinas não estão duas abadessas e uma freira? Não foi você que um dia se gabou de ter procriado quatorze crianças em vinte meses? Não é verdade que não sabe ler e que somente foi elevado ao sacerdócio onze anos depois de se ter tornado bispo?

Sentou-se pesadamente, as veias lhe saltando do pescoço gordo, ao mesmo tempo em que Henri, o acusado, com um sorriso irônico, revidava:

— Somos condenados por um frade cardeal e um frade arcebispo. No entanto, os frades elevados à prelazia exalam o mesmo fedor putrefato dos escândalos que você nos imputa.

Orfeo notou a fisionomia triste e pesarosa de Gregório durante o decorrer dos debates. O papa decerto já esperava toda essa agressividade e parecia

preparado, pelo menos por enquanto, para deixar que tudo seguisse seu rumo.

O insulto de Henri fez com que o ministro geral dominicano se levantasse. Emoldurado pelas vestes brancas, parecia uma das imagens de santos dos vitrais da catedral. Falou em tom conciliatório.

— Quando Albertus Magnus, membro de nossa Ordem, aceitou o bispado de Ratisbon com a intenção de realizar as urgentes reformas, nosso ministro geral considerou essa aceitação como uma derrota: "Quem acreditaria que você, na velhice, viria macular a sua própria glória e também a dos Frades Pregadores, que com tanto esforço você buscou engrandecer? Atente para o que aconteceu àqueles prelados que assumiram esses cargos, a reputação que têm agora e como terminam seus dias!" Por causa disso, Albertus abdicou de sua Sé e morreu como um simples frade em Colônia. Embora eu tenha passado muitos anos como dirigente da minha Ordem, não me recordo de um único momento em que Sua Santidade (e não estou me referindo ao bom papa aqui presente) ou qualquer emissário ou colegiado tivesse pedido, a mim ou a nossos superiores, ou a qualquer um dos cabidos provinciais, que encontrasse para eles um bispo digno da função. Pelo contrário, escolhiam seus próprios frades à vontade, seja por nepotismo ou outro motivo não espiritual, e portanto não podemos ser culpados pelas escolhas que fizeram.

Voltou a ocupar seu assento, mas no mesmo instante frei Salimbene se levantou para prosseguir com o tema.

— Eu também, em minhas viagens, conheci muitos Frades Menores e Frades Pregadores que chegaram ao bispado muito mais por intermédio de suas famílias e parentes consangüíneos do que através da Ordem. Os cónegos das catedrais de qualquer cidade não gostam muito de ter homens santos de ordens religiosas em posições acima deles como prelados, por mais que estes brilhem como exemplos de vida e doutrina. Temem ser censurados por eles, preferindo viver em meio à luxúria e à licenciosidade.

— Ora! De novo a luxúria e a licenciosidade! — uma exclamação de horror fingido ecoou do lado da igreja em que estavam os clérigos.

— Isso mesmo. Confirmo o que digo. E que Cristo lhe permita ser fulminado por sua zombaria.

Salimbene esfregou o rosto rosado com um grande lenço de tecido. O interior da catedral estava consideravelmente mais quente e repleto de religiosos e de espectadores.

Soube dessa história por frei Umille da Milano, que morava em nosso convento em Fano continuou ele. Em uma ocasião, durante a Quaresma! os montanheseiros vieram pedir-lhe, pelo amor de Deus e pela salvação de suas almas, que se dignasse a vir até eles. Estavam ansiosos para se confessar. De modo que o frade foi ao encontro deles com mais um companheiro, e seus conselhos foram de grande valia. "Um dia, uma certa mulher veio se confessar com ele. Ela revelou ter sido não apenas convidada, mas compelida a pecar, por duas vezes, pelos padres com quem se confessara anteriormente. Frei Umile portanto disse a ela: "Não a convidei a pecar nem vou convidá-la a pecar; pelo contrário, convido-a a desfrutar as alegrias do paraíso que o Senhor lhe vai conceder se amá-Lo e se fizer penitência." Mas, quando lhe dava a absolvição, viu que ela segurava um punhal e perguntou-lhe: "O que significa essa faca em sua mão num momento como este?" E ela respondeu: "Padre, na verdade eu pretendia me apunhalar e morrer, no meu desespero, se o senhor também me tivesse convidado a pecar, como fizeram os outros padres"

O frade se entusiasmou com a própria oratória. As maçãs do rosto gorducho brilhavam, tão vermelhas que Orfeo receou vê-lo sucumbir a um ataque de apoplexia.

— Conheci padres que emprestavam dinheiro a juros altíssimos — disse —, forçados a enriquecer para sustentar seus inúmeros filhos bastardos. Conheci padres mantendo tavernas com letreiro na porta e vendendo vinho, e tendo a casa inteira repleta de filhos ilegítimos; que passavam as noites em pecado e no dia seguinte celebravam missa. E, depois que as pessoas recebiam a comunhão, esses padres enfiavam o restante das hóstias consagradas nas fendas da parede, embora fossem o próprio corpo de Nosso Senhor. Seus missais, panos de altar e ornamentos da igreja apresentavam-se em estado deplorável: surrados, enegrecidos e manchados. As hóstias que consagravam eram tão miúdas que mal podiam ser vistas entre seus dedos; e quadradas, não redondas, e todas sujas de excremento de moscas. Usavam vinho caseiro de má qualidade, ou vinagre, para a missa...

— Um defeito que indiscutivelmente seria uma ofensa a um frade conhecido por saborear bons vinhos em todos os cantos do mundo cristão — ribombou uma voz no fundo da catedral.

Um dos cardeais que ali estavam como observadores levantara-se e percorrera a nave, postando-se no centro da discussão, com sua capa escarlate

esvoaçando. As sobrancelhas escuras e grossas, os olhos amarelados e o nariz aquilino trouxeram à mente de Orfeo a imagem de um falcão atacando a presa.

Orfeo virou se para as pessoas ao lado e perguntou:

— Quem é esse?

A maioria deu de ombros, mas um homem vestido com a longa veste preta e o chapéu de corte quadrado das universidades sussurrou:

— Benedetto Gaetani. Um compatriota seu, a julgar pelo traje. Ele aspira chegar ao papado.

Benedetto curvou-se quase até o chão diante do trono do pontífice.

— Perdão, santo padre. Sei que o dia de hoje foi reservado para o testemunho dos frades, mas não agüento mais me calar a respeito dos escândalos que presenciei em minha própria região. Como Vossa Santidade bem sabe, venho da Úmbria, da comuna de Todi. Passei toda a minha vida no mesmo solo que alimentou esses frades menoritas.

Gesticulou na direção a Bonaventura.

— Meu estimado irmão cardeal sabe muitíssimo bem que seus filhos errantes são igualmente corruptos como sacerdotes. Abusam da liberdade que tem entregando-se à gula e às intimidades com mulheres. Ele sabe melhor do que qualquer outro por que razões as autoridades menoritas foram forçadas a abdicar inúmeras vezes da direção espiritual das Damas Pobres pelos frades. Quanto aos seus votos de pobreza, os filhos de frei Bonaventura amealham tantas esmolas por todo o país que precisam de criados que lhes sigam os passos carregando cofres cheios de dinheiro. E os donos das tavernas bem sabem como eles o gastam. Esses frades escrevem os nomes dos que dão esmolas, prometendo rezar por suas almas; mas, assim que desaparecem atrás da colina seguinte, usam pedras-pomes para raspar por completo a superfície do pergaminho, de forma a venderem a mesma folha vezes seguidas. São populares entre a gente simples porque dão penitências suaves, evitando obrigações desagradáveis como a excomunhão.

Os dois aspirantes a papa trocaram olhares furiosos através da nave. Então, a frieza de aço dos olhos de Bonaventura inesperadamente deu lugar a um lampejo de perplexidade. Espalmou a mão sobre o peito, respirando com dificuldade. Depois de um momento, o ministro geral pôs-se de pé, vacilante, com o rosto acinzentado. Puxou a fita vermelha da mitra que lhe caía sob o queixo e que mantinha seu chapéu cardinalício no lugar; moveu o maxilar como

se estivesse prestes a falar, mas voltou a sentar-se sem refutar as acusações de Benedetto.

Aproveitando-se do silêncio dele, o cardeal Gaetani, de dedo em riste para Bonaventura, retomou seu discurso:

Os frades que desejam imitar seu fundador em sua santa pobreza você expulsa da Ordem ou, pior ainda, tortura e encarcera. Até Giovanni da Parma, reverenciado em todos os lugares por sua santa reputação, está preso aos grilhões há dezesseis anos. Não é verdade, frei Bonaventura? Nega alguma coisa tio que acabei de afirmar?

O ministro geral dos menoritas lutou para retomar o controle dfl discussão:

— Busquei apenas a harmonia dentro da Ordem.

Sua fisionomia ficara branca como cal. Gemeu novamente, dessa vez mais alto e mais penosamente, e curvou-se em seu assento como uma folha seca consumida pelas chamas. O frágil Illuminato tentou ampará-lo, mas o peso de Bonaventura levou os dois ao chão. Um grito coletivo ergueu-se de todos os lados da catedral. Orfeo achou ter visto um sorriso pairar nos cantos dos lábios finos de Gaetani.

O mercador voltou sua atenção para o ponto central do tumulto em tempo de ver frei Illuminato fazendo o sinal-da-cruz sobre seu superior. O secretário, então, fez algo muito estranho: levou a mão de Bonaventura aos lábios como se pretendesse beijá-la; porém, em vez disso, lambeu um dos dedos do moribundo, tirou dele um anel e meteu-o no bolso.

Um Gregório estupefato levantou-se do trono, apoiando-se no bastão episcopal.

— Santa crisma, alguém acuda depressa! — exclamou finalmente. — Ele precisa dos últimos sacramentos!

Orfeo também fitava com assombro o cardeal fulminado. Ali estava o carrasco todo-poderoso de frei Conrad estirado no chão à sua frente, face a face com sua mortalidade e tão impotente quanto Neno ao ser mortalmente ferido. Assim como o cardeal Gaetani, Orfeo precisou se conter para não exultar de alegria, pois finalmente podia vislumbrar um desfecho feliz para a sua missão.

CAPÍTULO XXXVII



— IMPRESSIONANTE, AMATINA. Quem lhe ensinou essas habilidades?

— O conde Guido observava a sobrinha preparar uma folha de velino para as cópias: raspar o fino pergaminho com pedra-pomes, amaciá-lo com giz e por fim alisá-lo com uma plaina. Ela esticou o velino na escrivaninha alta de tampo inclinado, fez pequeninos buracos nas margens com um estilete de metal e depois usou uma régua para desenhar de leve linhas horizontais entre os buracos nas margens. Num atril ao lado de sua escrivaninha havia uma única página, cortada cuidadosamente do rolo manuscrito de frei Leo e coberta por um estêncil com uma janela enquadrando a linha a ser copiada.

— *Sior* Jacopo me ensinou como preparar uma folha. É um bom trabalho manual e mantém minha mente e minhas mãos ocupadas. Foi Donna Giacomina quem contratou os preceptores que me ensinaram a ler e escrever.

A cantoria de Teresina ecoou no aposento vazio junto da *loggia* do lado sul, onde as escrivaninhas haviam sido colocadas. Do outro lado do pátio, as marteladas dos carpinteiros ressoavam na galeria do lado oposto. Os homens montavam um quebra-vento no local para onde Amata planejava levar o escritório dos copistas durante os meses de inverno.

Ela apanhou uma faca fina e afiada e pôs-se a fazer a ponta de uma pena com gestos nervosos. O conde Guido tinha avisado que voltaria para o Coldimezzo no final da semana, e Amata andava inquieta desde então. Como dizer ao tio que desejava que Teresina ficasse com ela? A criança a seduzira por completo. Mas Amata também tinha um outro motivo. Em um tributo à generosidade de Donna Giacomina, desejava que tudo o que a nobre senhora lhe deixara de herança passasse para uma mulher da geração seguinte. Contudo,

estaria o avô de Teresina disposto a partir sem ela? Ele derramara todo o seu amor sobre a menina desde que a filha Vanna morrera; Teresina se tornara todo o seu universo. E embora a criança pudesse morar com o pai verdadeiro em Assis, Amata tinha de admitir que Jacopone ainda não estava preparado para a paternidade — muito embora sua saúde estivesse melhor a cada dia, sobretudo agora que sua vida tinha um objetivo e uma rotina. Guido franziu as sobrancelhas para a página no atril.

— Para mim, não passam de rabiscos — comentou. — Nunca fui capaz de permanecer sentado o tempo necessário para aprender a ler; sempre contratei um notário para cuidar das minhas contas.

— Um notário honesto, assim espero — Amata sorriu ao ouvir atrás de si Teresina saltitando no aposento. *Deus, como desejava um filho.* E a vontade tinha ficado maior ainda depois da visita ao casto Fabiano. Dali para a frente, a responsabilidade de dar continuidade à família recaía somente sobre ela e Teresina.

Amata sonhara com o irmão na noite anterior, todo deformado e aleijado, mas mesmo assim com o rosto resplandecente de felicidade. Ser um eunuco em troca do reino do céu! Então o sonho mudou e ela se viu sozinha com Orfeo na clareira do Coldimezzo. Deixou-se levar o mais possível pela fantasia, excitada enquanto as mãos fortes dele exploravam bem devagar seu corpo úmido (embora as mãos talvez pudessem ser as dela própria), os olhos bem fechados, tentando se enganar e acreditar no sonho; e assim continuara a dormir até bem depois de as primeiras luzes da manhã penetrarem em suas pálpebras.

Ela poderia ter mergulhado de novo no mesmo agradável devaneio se Teresina não tivesse enfiado a cabeça dentro da *loggia*.

— Acabei de ver meu papai através da seteira. Ele está vindo correndo pela viela.

A menina deu uma risada:

— Papai parece uma cegonha de pernas altas quando corre.

O barulho dos pés descalços de Jacopone ecoou pela casa e subiu as escadas até a *loggia*. Deu uma parada brusca diante delas e apoiou-se na balaustrada para tomar fôlego.

— A delegação dos frades... — conseguiu dizer — ...está de volta de Lyons. Amata deu um salto do banco. Então, Orfeo devia estar chegando a Assis.

Talvez até tivesse viajado com eles. Ia abrindo a boca para falar, mas Jacopone suspendeu a mão.

— E tem mais. Bonaventura morreu e os ministros provinciais estão reunidos para eleger um novo ministro geral. Só posso prever coisas boas para frei Conrad.

Deu um tapa no ombro de Guido:

— Venha, *suocero*. Vamos à basílica para saber das novidades.

Os homens saíram de braços dados, com Teresina descendo as escadas aos pulos atrás deles. Amata juntou depressa as páginas do manuscrito que estavam no atril e as guardou, trancadas, com o restante do rolo. Embora dissesse a todos os frades que visitavam a casa que havia reservado o andar de cima para os aposentos familiares, o episódio com frei Federico a ensinara a ser mais cautelosa. Desfez o nó do avental manchado de tinta e ficou olhando horrorizada para as manchas negras nos dedos e mãos. Precisava se lavar.

Correu escada abaixo, mas não foi suficientemente rápida. O grito de Teresina veio da porta de entrada. Virou-se e viu a menina pendurada como um pingente gigante do pescoço de Orfeo, agitada, enquanto ele fazia o possível para sustentá-la com um dos braços ao redor da cintura. A outra mão segurava um pergaminho lacrado.

Um sorriso largo surgiu em meio à barba de dias e à poeira que cobria seu rosto ao ver Amata. Curvou-se até que os pés de Teresina tocassem o chão e soltou-a.

— Seu cavaleiro errante voltou — disse —, e trago comigo o Graal da liberdade para seu amigo Conrad.

Caiu sobre um joelho quando ela se aproximou, representando por inteiro o seu papel de cortesão. Estendeu a mão para segurar a dela; num ímpeto, Amata escondeu as duas mãos nas costas.

— Desgostei-a, minha dama? — perguntou. Teresina caiu na gargalhada.

— As mãos dela estão sujas de tinta. Ela anda escrevendo um livro.

— Já devia saber.

O largo sorriso de Orfeo abriu-se mais e ele meneou a cabeça ao ficar em pé.

— Acha que a descrevi bem, padre? — disse, por cima do ombro.

Amata não tinha notado a presença de um frade à espera do lado de fora da porta, mas reconheceu na hora a risada bem-humorada antes mesmo que ele

colocasse um pé no vestíbulo:

— Bem-vindo, frei Salimbene — disse. — Vejo que, pela graça de Nosso Senhor, está mais robusto do que nunca.

— Já nos conhecemos, *madonna*? — perguntou.

— Claro que sim. Se for visitar sua sobrinha na casa das Damas Pobres durante esta sua viagem, vai saber que a acompanhante dela fugiu.

— É você? A pequenina, a vivaz? — Observou as feições de Amata com alguma curiosidade. — Deve ter uma boa história para contar.

— Assim que os dois estiverem instalados, e que eu tiver me lavado.

Voltou-se para Orfeo:

— Quero ir caminhando ao seu lado até o portão do Sacro Convento, quando for libertar Conrad. Quero ver-lhe o rosto quando ele sair e respirar pela primeira vez o ar da liberdade.

— Ainda vai demorar um pouco, Amatina. Temos de esperar até que 03 frades elejam um novo ministro geral para apresentarmos a ele o perdão de Gregório. Quem vai assumir com certeza será um amigo. Tanto Gregório quanto Caetano Orsini, o Cardeal Protetor da Ordem, declararam sua preferência por Girolamo d'Ascoli, o frade de quem lhe falei na carta.

Orfeo abaixou a cabeça e esfregou os ladrilhos com a biqueira da bota.

— Além do mais, não creio que seja uma boa idéia você ver frei Conrad de imediato. Não sabe se ele mudou muito nesses dois anos. Se levar vim choque ao vê-lo...

De repente, olhou no rosto dela e ficou mudo, incapaz de terminar a frase. Ela achou que reconhecia nos olhos dele o mesmo desejo que vira na clareira imaginária, embora no sonho o rosto de Orfeo estivesse limpo e barbeado. Desejou que Teresina e o frade desaparecessem, mesmo que fosse por um momento, para que pudesse passar os braços ao redor de seu pescoço como a menina fizera e abraçá-lo bem junto a seu corpo. Seu desejo, porém, ficou suspenso, desconfortável, no silêncio entre os dois, até afinal Orfeo quebrar a tensão com mais um sorriso empoeirado.

Enfiou a mão na bolsa.

— Trouxe-lhe um presente da Provença. Este pequeno espelho de bronze.

Esfregou-o na manga e segurou-o diante dela.

— O que houve, Amatina? Está precisando de penas para a escrita? Foi obrigada a escrever com a ponta de seu lindo nariz?



SALIMBENE AGITOU A TAÇA SOBRE O PRATO VAZIO, abençoando a refeição recém-terminada. Afagou o estômago e retomou sua história.

— Esse irmão Piero, dos Frades Pregadores, chegou a um tal nível de loucura por causa das honras que lhe prestavam e por seu talento para a pregação que passou a acreditar piamente ser capaz de operar milagres. Um dia, quando veio ao convento dos Frades Menores, deixou-se barbear por nosso barbeiro mas ficou muito ofendido porque os irmãos não cataram os pêlos de sua barba para guardar como relíquias, Mas frei Diotisalve, menorita de Florença e um bufão por excelência, respondeu ao doido na medida de sua doidice. Aconteceu de um dia ir ao Convento dos Pregadores, avisou-lhes que não ficaria com eles de jeito nenhum a não ser que lhe dessem um pedaço da túnica do Irmão Piero para guardar como relíquia. Deram-lhe então um pedaço bem grande do hábito de Piero, ao qual ele deu o uso mais desprezível ao aliviar-se após o jantar e depois atirou num esgoto. Em seguida, gritou bem alto: "Que infelicidade! Ajudem-me, irmãos, preciso achar a relíquia do seu santo, que perdi na sujeira." Quando eles correram para a latrina, atendendo ao chamado e deram-se conta da zombaria, ficaram ruborizados de vergonha.

O frade esvaziou a taça e estendeu-a para que um criado a enchesse, enxugando os lábios com as costas da mão. Enquanto o menino o servia, Salimbene continuou:

— Esse mesmo frei Diotisalve estava um dia andando pelas ruas de Florença durante o inverno e aconteceu de escorregar no gelo e cair de cara, todo esparramado no chão. Diante da cena, os florentinos, que são muito propensos a brincadeiras, começaram a rir, e um deles perguntou-lhe: "Está escondendo alguma coisa aí embaixo?" E frei Diotisalve respondeu: "Estou sim. Sua mulher." Os florentinos não se ofenderam com a resposta, na verdade riram mais ainda e elogiaram o frade, dizendo: "Que Deus o guarde, pois de fato é um dos nossos."

Amata achou graça, mas não tanta quanto tio Guido e os criados que comiam na mesa de baixo. Ela estava pensando em São Damião e nas visitas de Salimbene à sobrinha. Por algum motivo estranho, já não achava tanta graça

nele quanto achara nos seus dias de convento. O frade continuaria falando até tarde, disse tinha certeza, quando todos tivessem ido para cama ou desmaiado de cansaço.

Embora ainda se lembrasse da opinião negativa que Conrad fazia de frei Salimbene, Amata correria o risco, mais cedo, naquele mesmo dia e na presença de Orfeo, de mostrar ao cronista algumas páginas do manuscrito de Leo. Explicou-lhe seu plano de fazer tantas cópias quantas ela e Jacopone conseguissem. Observou-lhe o rosto com atenção, viu seu entusiasmo ir crescendo à medida que lia. Quando lhe perguntou se desejava se unir a eles na tarefa, o frade se ofereceu de imediato:

— Posso fazer pelo menos uma cópia parcial antes que o desejo de viajar volte a me atacar — declarou ele —, mas preciso ver o restante dessa crônica.

— Sabe ser discreto, irmão? — perguntou Amata. — A Ordem pode não aprovar a história de Leo, se souber da existência dela. A pergunta nasceu do repentino temor de ter sido ela a indiscreta ao mencionar o manuscrito a Salimbene e de estar se valendo demais da boa lembrança das visitas dele à casa das Damas Pobres.

— Pelo amor que sinto por você e por seu noivo, juro que serei discreto.

Amata ruborizou-se ao ouvir a palavra "noivo". Ainda não havia aceitado formalmente a proposta de Orfeo, nem o fazia enquanto não tivesse a oportunidade de conversar a sós com ele. Notara, contudo, que Orfeo reagira ao comentário do frade com um sorriso cheio de si.

— Discreto mesmo depois de ter tomado uns copos, frei Salimbene? — a pergunta era uma grosseria, mas o frade não poderia condená-la por sua sincera preocupação.

— *Madonna!* A senhora me ofende — Salimbene fez a cara mais feia que a expressão jovial e o rosto redondo lhe permitiram.

Agora, findo o jantar, Amata rezou para que não tivesse se equivocado ao avaliar o homem do outro lado da mesa, vendo aquele nariz bulboso ficar cada vez mais rosado e ouvindo-lhe a voz cada vez mais impetuosa. Orfeo ou Jacopone teriam de acompanhá-lo sempre que ele saísse da casa.

Voltou-se e viu Orfeo sorrindo para ela, embora os outros estivessem rindo de algo que Salimbene tinha dito. Ele também estivera mais calado do que o habitual naquela noite. Seu irmão Piccardo o havia procurado naquela manhã para lhe avisar que o pai deles morreria durante a viagem de Orfeo a Lyons. A

despeito do rancor com que seu pai o tratara, foi difícil para ele recebera notícia.

Por estranho que parecesse, Amata não sentiu nenhuma alegria quando Orfeo lhe contou sobre a morte do pai, muito embora Angelo Bernardone tivesse sido, até bem recentemente, o foco de sua raiva. Deu-se conta, então, de como a visita a Fabiano colocara um ponto final na sua necessidade de vingança. Se seu irmão, que ficara aleijado para sempre, podia perdoar os inimigos e até abençoá-los por lhe abrirem as portas para uma felicidade maior, espiritual, será que ela também não seria capaz de permitir que seus instintos mais elevados a guiassem? Estava aprendendo, graças aos vários mestres que haviam se ocupado dela durante os últimos anos. Se não fosse pela traição do velho Bernardone, Orfeo não teria se rebelado contra o pai e saído pelo mundo na odisséia que, um belo dia, o levaria para os braços dela.

Amata se levantou, estendeu a mão para ele e, ao mesmo tempo, fez um gesto para que os outros permanecessem sentados e aproveitassem a ocasião. Conduziu-o para as poltronas ao lado da lareira vazia, onde tivera tantas conversas agradáveis com Donna Giacomina. Ficou imaginando se aquele seria um dia o recanto favorito deles nas noites frias de inverno... além da cama de casal.

Claro que eles *iriam* se casar. Ela o amava e já se comprometera antes de ele sair em busca da liberdade de Conrad. E, além de libertar o frade, ele a ajudou a se livrar de Gaetani e ainda defendera as crianças contra os bandidos de Calisto. Santo Deus, o que mais poderia querer daquele homem? A dúvida que lhe corroía a alma não seria pura maldade de sua parte?

Entretanto, aquela voz não lhe saía da cabeça. Uma voz que duvidava das intenções de Orfeo e insistia que, para sua paz de espírito, ela o submetesse a mais um teste, muito embora o futuro de ambos pudesse estar longe da cabeça dele naquela noite. Então, quando ele aproximou sua cadeira da dela, Amata perguntou:

— Já imaginou como será quando estivermos casados? Com que tipo de vida você sonha para nós?

Ele pensou por um momento, perturbado, o cotovelo apoiado no braço da cadeira, o queixo na mão.

— No melhor das hipóteses?

Ela assentiu.

Ele se curvou para a frente.

— Há um mundo ao sul daqui, Amatina, como nenhum que você possa imaginar, um mundo de calor o ano inteiro e de uma hospitalidade inimaginável. O oposto do frio e da animosidade que sofremos a maior parte de nossas vidas aqui na Úmbria. Há algo de nossa própria terra lá, mas misturado com todas as cores e musicalidade e sabedoria do Oriente. O imperador Frederico afirmou em certa ocasião: "Se Jeová tivesse sabido antes sobre a Sicília, não teria dado tanta importância à Terra Prometida."

— Frei Salimbene diz que Frederico era o Anticristo.

— Bobagem. Frederico era um gênio, apesar de ter desrespeitado mais de um papa. Quando ele exigiu a devolução de Jerusalém por parte dos sarracenos, não houve alarde e o patriarca da cidade se recusou a celebrar uma missa em honra dele. E sabe por quê? Porque ele o conseguiu devido à sua amizade com o sultão Al-Kamel, e não pelas armas. Ele se casou com a filha do sultão e com mais cinquenta mulheres sarracenas além dela. Compartilhava do amor dos muçulmanos pela sabedoria e até mesmo admirava o Corão, o livro sagrado deles. Frederico povoou a Sicília de filósofos e astrólogos vindos de todo o Levante e contratou tradutores para passar as palavras dele para o latim. Seu tesouro favorito era um astrolábio que o sultão lhe dera de presente.

Pela primeira vez naquela noite, Orfeo demonstrou algum entusiasmo.

— Em Palermo, onde o imperador construiu sua maior fortaleza, podem-se ver mesquitas e casas brancas quadradas iguais às encontradas no Oriente. Dizem que, ao meio-dia, metade de sua corte se levantava para fazer as orações a Maomé. Turcos e negros cuidavam de sua casa, e ele nunca viajava sem levar junto seus camelos, leopardos, macacos, leões e pássaros exóticos, e até mesmo uma girafa.

— Você já viu essas criaturas?

— Já, Amatina, e no meu sonho você também as vê. Pensei em você quando estava em Lyons admirando os vitrais coloridos da catedral de lá e desejei compartilhar com você todas as maravilhas da terra.

— E a que tipo de trabalho você se dedica nesse sonho?

Orfeo sorriu.

— Sou enfim um mercador em larga escala. Viajo por todo o Oriente, e talvez para além da China. Essa é a parte imutável do meu sonho desde os meus dias com Marco.

— E eu? O que faço enquanto você viaja, negocia, compra e vende nos

grandes mercados do mundo? Também somos parceiros nos negócios?

— Você fica aproveitando o sol em Palermo, *cara mia* — deu uma risada.
— Os marinheiros jamais permitiriam a presença de uma mulher numa galera. Dá azar. Você é a minha esposa paciente e obediente.

Riu e acrescentou, sacudindo o dedo:

— *E fiel*. Alguém vai ter de educar nossos filhos. Meu sonho inclui muitos filhos.

— Então você navegará de volta para casa de vez em quando para me engravidar?

A rispidez da pergunta pegou Orfeo de surpresa.

— É só um sonho, Amatina — respondeu. — Pensei que você quisesse muitos filhos.

— E é verdade. Mas seu sonho parece muito dispendioso. Vai precisar de um grande volume de *dinheiro* para fazer comércio em grande escala.

— Mas quando juntarmos...

Ela botou o dedo contra os lábios dele.

— Lembre-se de que tio Guido é quem cuida da minha fortuna. Estou pensando em pedir a ele para separar uma grande parte dela antes de eu me casar Para Teresina. E, é claro, devo muita aos monges de San Pietro por ter salvado a vida de meu irmão. Eles estão querendo aumentar a casa de hospedes — ela observou os olhos dele, pois sabia que veria neles a resposta à sua próxima pergunta antes de escutá-la vinda de seus lábios. — Ainda estaria interessado em se casar comigo se a única renda que eu tivesse fosse apenas o necessário para as despesas desta casa?

Nem o reflexo da luz da vela nas pupilas de Orfeo conseguiu reacender a centelha que a pergunta apagara.

— Acho que está brincando comigo, *madonna*.

Empurrou a cadeira para trás no mesmo momento em que Teresina entrou tagarelando para dar beijos de boa-noite.

A criança o adora, pensou Amata. Como ela fica feliz quando ele a abraça! Eu também o amo, diabos, e quero que me abrace, mas...

O cansaço tomou conta dela junto com a frustração pelo desapontamento que acabara de ler no rosto de Orfeo. O "sonho" dele parecia confirmar seus piores medos, mesmo não sendo mais do que uma fantasia.

Ela beijou Teresina na testa e, ao levantar os olhos, viu o tio que se

aproximava para buscar a menina.

— Vou ajudar *nonno* Guido a colocá-la na cama — disse Amata. — Preciso falar com ele.

— Sobre o quê? — indagou Teresina.

— Sobre você, pequenina.

Orfeo deixou-se cair de volta na cadeira, mal-humorado e taciturno, enquanto ela saía com a menina. Amata fez sinal para que ele a esperasse, mas ele virou o rosto. No outro lado do salão, o que havia sobrado da platéia de Salimbene ria-se a valer.



A LUA CHEIA DL JULHO ILUMINAVA o quarto em que Amata normalmente dormia sozinha. Agradava-lhe muito o luxo de ter um quarto só seu na casa, o quarto que fora usado pelos filhos de Donna Giacomina, muito embora a senhora tivesse preferido partilhar o dormitório maior com as criadas. As últimas semanas tinham sido uma exceção. A pequenina figura de Teresina estava encolhida em um colchão no canto, com as pernas e os braços pálidos como os de um espectro nas sombras úmidas. Amata deitou-se de costas e esticou os braços acima da cabeça. Seus olhos bem abertos fixaram-se no dossel e uma única lágrima escorreu-lhe pela têmpora. Essa deveria ter sido a noite mais feliz da minha vida. Estava rodeada de amor por todos os lados; no entanto, em algumas poucas horas o doce vinho da amizade se transformara em amargo fel.

Teria sido egoísta ou otimista demais, na esperança de que esses homens compreendessem O sonho *dela*? Contava que Guido concordasse sem criar problemas com os planos que ela fizera para Teresina. Depois que a menina terminou a oração e fechou os olhos, Amata levou o tio para o final do corredor e lá ele a ouviu em silêncio por um tempo. Seu olhar ficou triste, porém, quando Amata sugeriu que ele deixasse a menina com ela. Reconhecia que o jovem casal poderia educar melhor Teresina, mas não via motivo algum para a menina ficar apenas para aprender a ler e escrever. Por fim, disse que pensaria melhor sobre o assunto e daria uma resposta depois.

Mas um espírito maligno a fez acrescentar:

— Não estou certa de que deva me casar com Orfeo. Quero uma família

de verdade. O fato de ele estar sempre ausente viajando me preocupa.

— Bobagem — retrucou Guido, enfático. — Os homens estão *sempre* ausentes. Não vi minha mulher durante três anos quando fui lutar na cruzada do imperador. Todo homem de caráter deve atender ao chamado de uma grande causa ou de um grande negócio. O mundo está se expandindo, Amata, e os aventureiros, como Orfeo, vão sempre querer ir além. Você deveria se sentir a mulher mais feliz deste mundo por ser cortejada por um homem de tanta energia.

— Mas, quando ele olha para mim, receio que não veja nada mais do que meu dote.

— Isso é perfeitamente normal.

Guido segurou-a pelos ombros e sacudiu-a de leve, como se quisesse passar algum juízo para a cabeça dela.

— O que está acontecendo com você, menina?

Olhou-a nos olhos, aproximando bem o rosto. O cheiro acre do vinho que ele bebera queimou as narinas de Amata enquanto ele talava:

— Posso lhe garantir o seguinte: não vou nem pensar em deixar Teresina aos seus cuidados antes do seu casamento. Não vou deixá-la numa casa em que reina a confusão. A menina e eu voltaremos para o Coldimezzo em três dias, como planejado.

O tio saiu pisando duro de volta para o salão, resmungando baixo, zangado. Ela esperou até que o rubor se dissipasse de seu rosto e das orelhas, quase temerosa de segui-lo, mas achou que devia desculpas a Orfeo. Desejou que ele ainda estivesse disposto a retomar a conversa, e que ela conseguisse encontrar uma forma mais clara de lhe explicar suas apreensões.

O salão estava praticamente deserto quando ela voltou, exceto pelos criados e frades dormindo num canto. Orfeo ainda a aguardava com ar aborrecido em sua cadeira, mas não lhe deu oportunidade de falar. Pelo contrário, pôs-se de pé num salto e disse bruscamente:

— Estou pensando em levar minhas coisas para a casa de *Sior* Domenico pela manhã e ficar por lá.

Mordeu o lábio inferior.

— Deixo com você o documento de perdão de seu *amigo*. Frei Salimbene providenciará para que o próximo ministro geral o receba.

O laconismo dele a feriu, tanto que esqueceu que havia voltado ao salão

para pedir desculpas.

— Você virá me procurar? — perguntou. — Gostaria que continuássemos amigos, aconteça o que acontecer.

Ele respondeu com evasivas. Murmurou que *Sior Domenico* poderia querer que ele tomasse a estrada de novo, que fosse ao encontro dos outros homens.

Amata foi para a cama desolada. Por ter hesitado na hora de se comprometer a casar, tinha aborrecido Guido e ferido o orgulho de Orfeo, e aquele orgulho surgiu de repente como uma montanha intransponível entre eles. Esperava que esse mal-estar só durasse aquela noite. Enquanto enrolava o lençol nos ombros para se aconchegar, ousou desejar que Orfeo quisesse vê-la de novo. Mas será que algum dia ele conseguiria realmente compreendê-la?

— *É que tenho tanto medo* — sussurrou ao travesseiro as palavras que quisera dizer a Orfeo o tempo todo.

CPÍTULO XXXVIII



ZEFFERINO VEIO ARRASTANDO OS PÉS pelo túnel acima da cela de Conrad, seguido de outras passadas que o frade não conseguiu identificar. A primeira coisa que lhe veio à mente foi que o carcereiro estava trazendo um novo prisioneiro para o calabouço.

Ergueu a cabeça devagar quando a luz do archote se aproximou da abertura acima. O cadeado se abriu. Zefferino suspendeu a grade e ele e outro frade desceram de lado os degraus.

O carcereiro chamou Conrad e Giovanni ao descer.

— Irmãos! Frei Girolamo d'Ascoli, nosso novo ministro geral, está aqui para falar com vocês.

Os prisioneiros se levantaram com dificuldade, com as correntes tilintando. A um sinal de Girolamo, Zefferino retirou uma chave grande do anel preso à corda de sua cintura e agachou-se ao lado dos pés de Conrad. Abriu os grilhões dos tornozelos dele e atirou-os fora com um estrépito triunfal.

O ministro geral disse a Conrad:

— Nosso santo pai, o Papa Gregório X, perdoa suas ofensas contra a nossa Ordem, irmão. Está livre. Também será bem-vindo se quiser permanecer aqui no Sacro Convento até que recupere a saúde. Recomendo que não tenha pressa e que se entregue aos cuidados do irmão da enfermaria.

Conrad piscou os olhos à luz do archote. Sentia um formigamento nas pernas, agora que o sangue corria livre nelas. A despeito dos meses de expectativa, a ausência de emoção de sua repentina soltura tornava-a difícil de acreditar. Sacudiu as teias de aranha que haviam se formado em seu cérebro para

ter certeza de que escutara direito.

Girolamo continuou:

— Em breve, quando estiver forte o bastante, vamos conversar de novo, frei Conrad. Tenho planos para você: quero que seja meu emissário junto aos irmãos Espirituais para ajudar-me a trazê-los de volta para o nosso meio. Como simpatiza com as práticas deles e é ex prisioneiro dos Conventuais, vão escutá-lo quando lhes explicar que é inevitável haver uma mudança para que a Ordem cresça e sobreviva. Tenho certeza de que frei Giovanni aqui presente reconhecia isto quando serviu como ministro geral.

A mente de Conrad tenteava, sem orientação, como a de um sonâmbulo.

— Sinto-me honrado pela confiança que deposita em mim, frei Girolamo — Disse —, mas recentemente fiz um juramento que, espero, me permitirá cumprir. Prometi a Nosso Senhor que se conseguisse sair da prisão iria trabalhar durante um tempo com os leprosos. Mas o frei Giovanni da Parma aqui presente é amado por todos os frades. Será que ele não serviria como seu emissário?

— Pretendo também libertar esse reverendo padre — disse Girolamo.

Perscrutou a figura decrépita do frade meio oculta pelas sombras. — Duvido, entretanto, que ele agüente as viagens que têm de ser feitas para o cumprimento dessa missão. — E, dirigindo-se a Giovanni: — Já havia pensado no que faria quando saísse daqui, padre?

Giovanni balbuciou a resposta.

— Pensei nisso centenas de vezes. Quero ir para Greccio... somente para Greccio. — E acrescentou, numa voz trêmula: — Quero terminar meus dias diante do estábulo onde São Francisco recriou a cena do nascimento de Nosso Senhor.

Enquanto Zefferino abria os grilhões de Giovanni, Girolamo virou-se para Conrad, com as mãos espalmadas.

— Viu? Frei Giovanni não quer ir. Fale-me sobre esse seu juramento. Por quanto tempo jurou permanecer entre os leprosos?

— Até aprender o que preciso.

— E o que é que precisa aprender?

— Não sei muito bem. Nem eu mesmo sei com certeza. Apenas sei que Deus vai me dizer quando chegar a hora. Pode levar um dia; pode ser que fique lá até morrer sem nunca descobrir.

Girolamo esfregou a face enquanto observava os prisioneiros.

— Meu desejo de unir a Ordem é tanto que me precipitei, irmãos. Obviamente, os dois precisam de um tempo até se ajustar à vida na Terra. Vá cumprir seu juramento, frei Conrad. Contudo, ainda tenho esperanças de usá-lo um dia, assim que terminar sua missão e recuperar as forças.

Uma fungadela barulhenta vinda dos degraus de pedra chamou a atenção deles. À luz do archote, Conrad viu lágrimas correndo pelo rosto do guarda.

— Frei Giovanni vai precisar de alguém que o acompanhe até Greccio — disse Conrad. — Talvez frei Zefferino... se for possível inventar uma espécie de máscara... porque ele se preocupa com o fato seu rosto estar desfigurado...

Girolamo inclinou a cabeça de lado, surpreso,

— Você advoga a favor de seu carcereiro?

— Ele fez o papel de bom pastor para nós durante esses dois anos. Acho que já está começando a sentir falta de seu pequeno rebanho.

Girolamo correu os olhos pelo trio, meditando em silêncio.

— O que me diz, Zefferino? — perguntou por fim. — Está pronto para entregar suas chaves a outro irmão e ir embora deste lugar?

Um riso contido escapou da garganta do carcereiro.

— Estou pronto, mas deveria ir com frei Conrad. Frei Giovanni precisa de um companheiro mais jovem e mais forte. Conrad, você e eu somos dois cegos que se completam, como um par de suportes de livros.

Conrad tocou a cicatriz acima da face.

— Não havia pensado na minha aparência aos olhos dos outros. Será que meu rosto pode assustar uma criança?

— Você envelheceu, amigo, parece mais velho do que é — disse Zefferino. — Quando veio para cá, seu cabelo era preto como a zibelina; agora carrega o capote de inverno do arminho. Coxeia como um jumento alquebrado e vai ficar cego como um morcego sob o sol forte do dia. Trocando em miúdos, sem contar a sua barba de profeta, fazemos uma dupla perfeita.

Distraído-se por um momento, o carcereiro levou o archote para perto de seu próprio rosto a fim de que Conrad o enxergasse melhor; quando o calor lhe aqueceu a maçã do rosto, porém, afastou depressa o braço. Jamais esqueceria o anjo vingador da floresta à meia-noite.

Conrad foi claudicando até as escadas e apertou o ombro de Zefferino. Vá na frente então, irmão. Se cantar junto comigo hinos de louvor e agradecimento, nós dois formaremos uma dupla capaz de desconcertar todos aqueles que

depositam esperanças nas graças mundanas.



ZEFFERINO ESTAVA CERTO QUANTO À LUZ DO SOL. Ansioso por sair do Sacro Convento, Conrad mal passara do portão do mosteiro e teve de cobrir o olho com a manga de seu hábito. Com andar inseguro, foi se esconder no interior sombrio da basílica de baixo, seguido de perto por seu ex-carcereiro. Como uma criança aprendendo a andar, seguiu cambaleando até o túmulo de frei Leo. Reprimiu a vontade de ralhar com seu mentor. Em vez disso, lembrou-se do hino de louvor que mencionara a Zefferino ainda na masmorra e balbuciou agradecimentos, tentando reafirmar sua fé nos desígnios de Deus.

— Há algo de novo disse Zefferino atrás dele. — Esta placa não estava neste lugar na última vez em que vim aqui. É o túmulo de uma mulher. *Jacoba... sancta romana.*

— Jacoba? — Conrad persignou-se e depois estendeu a mão para baixo do púlpito e correu os dedos sobre a inscrição. — A data, irmão, qual é?

— Do último inverno. Eu lhe disse que era recente.

Conrad deixou cair o braço.

— *Requiescas in pace*, frei Jacoba.

Zefferino olhou para ele com ar de dúvida.

— Um frade com nome de mulher?

— Era uma senhora bonita e doce, e uma história para quando estivermos viajando. Vou contar-lhe tudo o que sei sobre ela enquanto caminhamos. — Ficou imaginando se Donna Giacomina teria conseguido realizar o plano de deixar sua herança para Amata.

Amata agora já devia ser uma mulher adulta. Mal havia pensado nela no último ano, mas de repente precisava saber como estaria passando. Conjeturou se teria se esquecido dele tanto quanto ele dela. Esperava que não.

Uma severa repreensão ecoou do outro lado do transepto. Uma fileira de tochas iluminava o canto norte da basílica. Protegendo o olho, Conrad divisou duas pessoas que se moviam sob a claridade, subindo os andaimes. Não fosse pelo linguajar, lembrariam os anjos subindo e descendo a escada de Jacó. A voz que lhe chamara a atenção gritou mais uma vez, com o sotaque grave e rouco de

um florentino idoso.

— Meus pigmentos estão prontos, Giotto. Rápido, menino. Traga a argamassa aqui para cima. Quero terminar a Virgem hoje.

Conrad cruzou a abside, aproximando-se dos andaimes para ver o pintor de afrescos trabalhar. Uma reprimenda brusca, porém, o fez estacar, constrangido.

— Agradeceria se os irmãos ficassem afastados. Estão distraindo meu aprendiz.

Conrad ficou estático. Abriu bem o olho, de repente sem se incomodar se podia ou não enxergar. De início, a luz intensa das tochas ofuscou sua visão, e ele imaginou se os santos de Deus estariam sempre banhados de tanta luz. As poucos, porém, conseguiu distinguir as cores nas paredes, e uma multidão de querubins rodeando uma *Madonna* inacabada sentada num trono. Nos braços, ela trazia um bebê que parecia real — e não uma miniatura de imperador romano, como o frade estava habituado a ver em afrescos daquele tipo.

A esquerda da Virgem encontrava-se a imagem viva de São Francisco, vestido com o hábito marrom-cinza característico da Ordem. Tinha os olhos escuros calmamente fixos em algum ponto além de Conrad; os lábios grossos não sorriam nem demonstravam desagrado. Uma auréola dourada emoldurava as orelhas salientes e a tez olivácea do santo, a barba por fazer e a tonsura acobreadas, e as ínfimas sobrancelhas. O artista havia pousado a mão direita de Francisco no peito, enquanto a outra segurava uma Bíblia, ou talvez a Regra da Ordem. As feridas dos estigmas estavam claramente visíveis em cada mão. Conrad observou também as marcas dos cravos nos pés descalços. A ferida da lança no lado do corpo de Francisco podia ser vista por um rasgo no tecido do hábito.

Os olhos sem expressão, pacíficos, prenderam a atenção do frade. Lembrou que Francisco era quase cego na época em que o serafim o marcou com as feridas. Foi tomado por uma sensação de gratidão pelo olho que lhe restava.

— Belo, *signore* — murmurou em voz alta para o velho pintor.

— A beleza é meu ofício.

Um traço de sarcasmo na voz do artista fez Conrad se perguntar se o homem estaria comparando sua obra com os dois frades que o observavam. Certamente, a ele e a Zefferino faltava beleza. O florentino, com toda a sua

delicada sensibilidade, devia achá-los no mínimo repulsivos. A bravata que o animara enquanto estava na cela evaporou-se de repente, e Conrad se cobriu com o capuz.

— Vem, irmão — chamou o companheiro. — Sei de um lugar onde poderemos descansar e seremos bem recebidos.



ESCONDIDOS SOB OS CAPUZES, Conrad e Zefferino esperavam no salão da casa de Amata. O criado Pio não reconheceu Conrad nem quando o frade perguntou se ela morava ali. Ocorreu-lhe também a possibilidade de sua voz ter mudado por causa da friagem da cela, embora tivesse tido amplas oportunidades de usá-la na companhia de Giovanni durante o último ano.

Como fazia muito tempo que perdoara seu carrasco, Conrad não tinha se preocupado até então se Zefferino seria bem-vindo. Mas Amata vira o frade apenas uma vez na escuridão da capela abandonada, e o homem não revelara seu nome até Conrad ouvi-lo em confissão. A aparência de Zefferino também mudara em consequência da cicatrização das feridas e de todo aquele tempo passado no calabouço subterrâneo. Mas a reação de seu companheiro a Amata poderia ser outra caso ele viesse a fazer a ligação entre ela e o noviço que vira na estrada. Seria mais prudente se Conrad não mexesse nesse vespeiro nos poucos dias em que estivessem na casa dela. Baixou a cabeça depressa ao ouvir Amata entrar no aposento. Que a paz esteja convosco, irmãos. Procuram abrigo? Sim, Amatina — respondeu Conrad. — Para meu companheiro e para mim. A hesitação dela foi quase palpável.

— Conrad? — Sua voz tremeu.

— Eu mesmo. Estou livre.

— Oh, Deus! Deixe-me vê-lo! — Levou as mãos ao capuz para retirá-lo, mas ele ergueu a sua impedindo-a. Por favor, não. Iria assustá-la. As mãos dela contraíram-se enquanto as afastava devagar.

— O que eles fizeram com você?

— Não foram "eles", *madonna* — interrompeu Zefferino. — Fui eu o torturador.

— Você foi apenas um instrumento de Deus — Conrad interveio. — Não

seja tão severo consigo mesmo.

— Irmãos! Basta! Parem com isso — reclamou Amata. — Agora, os dois é que estão me torturando.

Apoiou a mão no ombro de Conrad. Ele não a retirou.

— Então pretende se esconder debaixo do capuz para o resto da vida? Lembre-se de que está na casa de sua amiga mais verdadeira — e acariciou a cabeça de Conrad por cima do pano. — Por que não começar agora?

Conrad inclinou-se para o companheiro.

— Você também, Zefferino. Temos de fazê-lo, ou então vai ser melhor voltarmos para a masmorra.

Retiraram os dois capuzes ao mesmo tempo. Amata piscou para esconder as lágrimas. A jovem esfregou um nó do dedo no rosto e deu um passo atrás, fitando ora um ora outro. Para alívio de Conrad, não deu mostras de ter reconhecido Zefferino como o frade que tentara atacá-la com a lança.

Finalmente, os olhos dela se fixaram no amigo, e a atenção o fez enrubescer.

— Conrad, Conrad. Senti muito a sua feita. Nunca precisei tanto conversar com você como agora — falava com a voz inalterada, como se não visse nada de errado nele. Ate conseguiu sorrir de leve. — E tenho uma surpresa para você. Venha comigo.

Amata e Zefferino ajudaram Conrad a subir a escada para a *loggia*. Mais uma vez, ele não reagiu quando a mão dela segurou seu cotovelo. Começou a perceber o quanto ansiara por uma prova de afeto, por menor que fosse, durante aqueles meses todos, e quanto de afeição ele havia deixado passar despercebido naquela mesma casa anos antes.

Ao vencer o último degrau, Conrad viu dois escribas — um frade e um leigo — debruçados sobre suas escrivatinhas. Achou que já os conhecia, embora ainda não confiasse inteiramente em sua visão. Às vezes, tinha a impressão de que estava andando dentro de uma nuvem, e por isso o pequeno *scriptorium* de Amata pareceu-lhe algo mais fabuloso do que real.

— Frei Salimbene, *Sior* Jacopone — chamou Amata. — Vejam quem chegou. Lembram-se do nosso frei Conrad?

A tristeza anuviou o rosto de Jacopone quando ele ergueu a cabeça. Desviou o olhar para além da balaustrada da *loggia*. O frade, por sua vez, parecia apenas curioso. Salimbene não conhecera Conrad tão bem assim para se

recordar de sua aparência anterior.

— Um documento inacreditável, esse que frei Leo confiou a você — comentou o cronista —, embora careça de milagres.

Rapidamente, Amata explicou o que os copistas tinham em cima de suas mesas.

— Espero que esteja feliz, Conrad. Certa vez, você me pediu para fazer exatamente isso — disse, lançando um olhar interrogativo.

Com a ajuda de Zefferino, Conrad foi até cada uma das escrivatinhas, examinando os velinos.

— Vocês são calígrafos muito bons — disse. Parou ao lado de frei Salimbene. Quanto aos milagres, frei Leo pretendia apenas escrever uma história verdadeira. Ele não se permitiria enfeitar seu relato com falsos acontecimentos, muito embora os leitores pudessem se sentir edificadas por eles.

Salimbene curvou-se como se pedisse desculpas, talvez em consideração às condições físicas de Conrad.

— E ele estava certo em agir assim, é claro. Conheci muitos que simularam visões falsas para que fossem mais reverenciados do que os outros, como santos a quem os segredos de Deus são revelados. E só Deus sabe quantos fantasmas se originaram de mentes atordoadas, nubladas pelas próprias emanções, quando um homem acredita ser verdadeira a visão do que não passa de mera fantasia.

Animou-se com o assunto.

— Oh, e quantas falsas relíquias vi nas minhas perambulações! Os monges de Soisson exibem um duvidoso dente de leite do Menino Jesus, que caiu quando Ele fez nove anos. Já vi o cordão umbilical de Nosso Senhor em três relicários separados, embora evidentemente seja possível que cada um deles contenha apenas um pedalo do cordão. Mas também já vi o prepúcio de Jesus, em não menos de sete lugares. E todos o exibem com toda a pompa na Festa da Circuncisão.

Jacopone apoiou a pena com uma expressão mortificada no rosto:

— Uma vez toquei na pele do prepúcio e senti-me comovido. Serviu de inspiração para minhas orações durante semanas.

Salimbene deu um sorriso irônico, de costas para Jacopone.

— E assim vai a fé *simples*. Afinal, essa é a melhor justificativa para milagres e relíquias. As abstrações de nada valem para a viúva com seu óbolo na

mão. Mas por um frasco contendo algumas preciosas gotas do leite da Virgem... ela não daria de bom grado o pouco que tem?

Conrad franziu o cenho, mas não respondeu.

— Estou muito cansado — disse para Amata, sem acrescentar que era Salimbene quem o cansava. — Onde posso descansar?

Quando chegaram ao pé da escada, fora do alcance dos ouvidos dos escribas, Conrad exprimiu sua preocupação com a escolha que ela fizera.

— Confio em *Sior* Jacopone e fico feliz por vê-lo à escrivania, mas receio que tenha errado ao mostrar o pergaminho de Leo para frei Salimbene. Ele pode parecer desinteressado e indiferente, mas simpatiza com os Conventuais.

— Ele é um cronista, Conrad — tranqüilizou-o Amata. — O interesse dele pela história da Ordem está bem acima de qualquer opinião que possa ter sobre suas facções.

— Mas o que vai acontecer depois que ele satisfizer a sua curiosidade?

— Ele prometeu solenemente. A mim e a... — Amata calou-se, não sabendo como caracterizar Orfeo. Com certeza não poderia chamá-lo de noivo, como fizera Salimbene. Nem sabia ao certo se ainda podia chamá-lo de amigo. — Preciso conversar com você, Conrad. Se frei Zefferino não se importar, gostaria que conversássemos a sós após o jantar.

Zefferino assentiu.

— Se quiserem tirar um cochilo até o jantar ou se precisarem de alguma coisa da cozinha, é só pedir. Minha casa está à sua inteira disposição.

Depois do jantar, levaria o amigo para um canto sombreado do pátio. Enquanto ele estivesse disposto ou fosse capaz de ouvir, ela lhe contaria tudo o que havia ganhado desde a separação de ambos e tudo o que havia perdido recentemente. E, se ele quisesse contar-lhe a sua história, ela o escutaria, compreensiva e solidária. Muita coisa havia mudado na vida de ambos nesses dois anos.

CAPÍTULO XXXIX



ORFEO EXAMINOU A LONA QUE COBRIA a carga das carroças para se certificar de que estava tudo bem amarrado. Numa mesa ali por perto, o velho Domenico contava velos de carneiro, sacos de lã e peças de tecido. Vários carreteiros conduziam bois pelo pátio e os atrelavam às três carretas e carroças que ainda restavam.

As viagens, em geral, deixavam Orfeo animado. Mas não naquele dia. Bem que tentara se concentrar nos negócios; entretanto, apenas cumpria os preparativos para a viagem sem o menor entusiasmo.

Várias semanas haviam se passado desde que soubera que o "frei de Amata" tinha se instalado na casa dela de novo. Ela enviara a Orfeo um bilhete de agradecimento e o convidara para ir conhecer Conrad, mas ele não conseguira nem mesmo dar-lhe uma resposta. Ainda lhe doía o último encontro de ambos.

Atravessou o pátio para verificar o trabalho dos carreteiros. A maioria desses homens participara da longa e cansativa viagem do inverno anterior, da última expedição de compras a Flandres e à França. Eram sujeitos mal-encarados, corpulentos, desbocados, vestindo túnicas de couro iguais às dos ferreiros, com as adagas penduradas batendo-lhes nas coxas. Mas Orfeo sabia que essa turma era capaz de enfrentar qualquer obstáculo, viesse da natureza ou do homem. Somente um dos carreteiros era inexperiente — um homem de meia-idade que chegara para substituir Neno. Até o momento, os outros haviam aceitado o recém-chegado sem problemas.

Orfeo passou os dedos por baixo de urna canga, certificando-se de que estivesse protegida no ponto em que tocava o cachaço do boi, e correu os olhos

pela fila de veículos. Perto do último carro, emoldurado pelo sol nascente, vinha um frade encapuzado, caminhando com dificuldade. A barba branca e comprida como a de um patriarca oriental descia-lhe desganhada pelo peito. O homem ergueu a cabeça ao se aproximar, fitando primeiro *Sior* Domenico e depois Orfeo. O mercador sobressaltou-se ao ver o rosto do frade, com uma cavidade ocular coberta de cicatrizes e o olho bom semicerrado. Esse *aí podia amaldiçoar uma alma apertada com o olhar, sem dizer qualquer palavra*, pensou.

— Orfeo di Angelo Bernardone — o frade chamou em voz alta.

Ele pronunciou o nome sem a entonação de uma pergunta, secamente, como se estivesse apenas confirmando sua suposição. Naquele instante, Orfeo podia imaginar como seria o Anjo da Morte chegando para ceifar sua vida.

— Ele mesmo. O que quer de mim, frade?

— Para mim, nada. Já me fez bastante bem. Que Deus o recompense por ter ido ao papa buscar minha liberdade. — Com cautela, o frade retirou o capuz, expondo aos raios do sol uma venerável cabeleira branca emaranhada.

Espantado, Orfeo não disse nada a princípio. Imaginara um homem muito mais jovem, até mesmo bonito — alguém que pudesse atrair fisicamente Amata. A frieza com que ela o recebera ao voltar para casa trazendo o perdão do frade o fez suspeitar que ela talvez tivesse um outro motivo para querer libertar esse tal Conrad — sobretudo quando lhe disse que queria esperar por ele no portão do convento. Orfeo se sentiu usado, achou que ela tinha zombado dele e lhe virado as costas ao conseguir seu intento. Agora, vendo o amigo eremita em pessoa, deu-se conta do equívoco. Fez um gesto com a mão dispensando o agradecimento.

— Fiquei feliz em ajudar um inocente.

E voltou sua atenção para a canga.

— Também vim lhe dizer que você é um tolo — acrescentou o frade.

Os ombros de Orfeo se retesaram. *Sior* Domenico e vários carreteiros desviaram os olhos de suas tarefas. Notou que todos concentravam sua curiosidade *nele*, porém, evitando fitar o rosto de frei Conrad.

— Acho que não tem o direito de me dizer o que sou ou deixo de ser — disse, erguendo o queixo e colocando-se na defensiva.

— Arrisco-me a exercer esse direito, se me disser que não consegue amar uma mulher pelo que ela é, mas apenas pelo que ela tem. Conheço alguém que o ama tanto quanto à própria vida.

Conrad acabara de arrancar a crosta de uma ferida ainda não cicatrizada. Magoado e desconcertado, Orfeo lançou um olhar de relance aos seus conterrâneos.

— Com a sua licença, *Sior Domenico* — disse —, preciso de alguns momentos para conversar a sós com este frade.

Conrad encarou o velho comerciante. Domenico baixou os olhos para suas partidas de linho e, com um aceno, deu licença para que se fossem.

Orfeo saiu com o frade pela arcada do portão do pátio, o que será que Amata lhe contara?

O frade foi o primeiro a falar.

— Pelo que vejo em seus olhos, posso dizer que minhas suspeitas se confirmaram. Você sente tanta falta dela quanto ela de você. E, vendo seu empregador, ocorreu-me uma idéia. Pode dar certo se você quiser, se for sua intenção casar-se com Amatina só por amor, como ela tanto anseia.

Com o olhar, Orfeo incentivou o frade a se explicar. Sabia que sua voz iria tremer caso tentasse falar. Escutaria o que Conrad tinha a dizer, aproveitando para recuperar a calma.

O frade contou-lhe seu plano, entremeando cada etapa com um condicional: *se você realmente a ama*. O conselho era sensato, na opinião de Orfeo, o quê era espantoso, considerando-se que o frade não entendia nada de comércio. Quando Conrad terminou, Orfeo disse:

— *Sior Domenico* deve dar sua permissão, parece evidente, e meu irmão Piccardo também.

— Sim, claro, ele queria de todo o coração que a idéia de Conrad funcionasse. Seu peito ardia só de pensar na possibilidade. Apertou a mão do frade e sacudiu-a com força.

— Agora talvez tenha sido você que veio me salvar, irmão.

— Então que Deus permita que tudo dê certo — respondeu Conrad. Orfeo finalmente soltou-lhe a mão, e o frade acrescentou: — Faça-me o favor de levar uma mensagem minha, *signore*, quando estiver com Amatina. Não me despedi dela quando saí de casa hoje por recear que ela tentasse adiar minha partida. Diga-lhe, por favor, que fui para o Ospedale di San Salvatore delle Pareti e voltarei quando puder.

— O leprosário?

Conrad assentiu.

— Também deixei na casa dela o frade que me acompanha, sem explicar minhas intenções. Mais uma vez, agi assim porque não queria alarmar ninguém. Ele será bem-vindo se desejar me seguir, ou não, conforme Deus o oriente. Não posso afirmar quando voltarei, e a moradia que escolhi pode não ser do agrado dele.

O frade conseguiu dar um sorriso amargo.

— *Addio, signore*. Que Deus abençoe os dois: você e sua senhora.



ZEFFERINO PASSOU QUASE A NOITE TODA se revirando no colchão, até que finalmente caiu num sono entrecortado. A ansiedade o atingia como uma doença que se espalha pelo sangue. Não passara dos muros do mosteiro desde o dia em que os irmãos o encontraram quase morto na capela abandonada e o carregaram para o Sacro Convento. Quase nunca deixava os subterrâneos, a não ser para ir buscar comida para seus prisioneiros. Cobriu a cabeça com o braço, isolando-se dos corpos escuros volumosos e dos roncamentos das pessoas desconhecidas que dormiam perto dele; dobrou as pernas formando com seu corpo uma bola tensa. Seu único consolo vinha da respiração regular de Conrad no colchão ao lado do seu.

Em algum momento antes do raiar do sol, Conrad se mexeu. Com o olho entreaberto, Zefferino viu seu confrade dirigir-se para a porta, como fizera depois de ouvir-lhe a confissão na capela. Por um instante, Zefferino receou que fosse abandonado de novo, mas os ruídos em torno dele eram humanos, não de animais. Caiu de novo no sono.

Quando acordou novamente, foi por causa da agitação dos criados guardando os colchões, bocejando, se alongando e pedindo a Deus para abençoar o novo dia de trabalho. O colchão de Conrad estava vazio e ainda não fora enrolado. Talvez tivesse ido primeiro à latrina.

Zefferino levantou-se, amarrou bem o capuz ao redor da cabeça e seguiu na mesma direção dos demais. Reparou como todos visivelmente evitavam fitá-lo. Conrad podia não se dar conta disso, mas para Zefferino a aversão ou medo que os outros sentiam era evidente demais.

Não demorou muito para descobrir que o companheiro não estava em parte alguma, nem mesmo à mesa do desjejum. Enquanto o frade beliscava a

comida, Amata aproximou-se dele e indagou sobre seu amigo. Zefferino, porém, apenas deu de ombros e olhou em torno do aposento. A tagarelice que envolvia a sala batia em suas orelhas como as asas dos morcegos que esvoaçavam pelos túneis do calabouço.

— Vou procurar por ele na capela — disse ela. — E foi-se pelos corredores chamando o nome de Conrad.

Havia algo na voz dela... "*Conrad! Frei Conrad!* Como o noviço na floresta. Quase podia ouvir aquela voz gritando: "*Esses não são homens tementes a Deus, frei Conrad.*" E então a trombeta do anjo de fogo soara, um pouco antes de Zefferino cair em agonia. Nunca perguntara a Conrad sobre o anjo. Depois da visão do prisioneiro na cela, Zefferino compreendeu que o outro vivia num plano mais elevado que o dele. O guarda receava bulir muito com os mistérios sagrados.

Todos terminaram depressa desjejum, deixando Zefferino sozinho à mesa na enorme sala. Ao redor dele, criados empilhavam tigelas e canecas. O mingau gorgolejava dentro do seu estômago. Logo, os dois copistas recomeçariam seu dia de trabalho. Talvez Conrad tivesse ido para a *loggia* a fim de ajudá-los, agora que já podia andar sozinho.

Zefferino subiu as escadas de cabeça baixa. Encontrou apenas o escrita Jacopone. Ficou observando o copista usar uma faca para cortar uma página do rolo grosso e estendê-la sobre seu atril. O frade apanhou o rolo e examinou o delicado material. Tinha ouvido falar desse "papel", mais barato e mais fácil de usar, se comparado ao pergaminho, muito embora talvez não conseguisse agüentar o mofo das úmidas bibliotecas monásticas. Alguém fizera um buraco naquele rolo com a maior facilidade. Enfiou o dedo mindinho no buraco.

— Há uma história neste rasgão que você está tocando, irmão — disse Jacopone. — O manuscrito salvou a vida da senhora desta casa numa noite muito escura. A aparição sombria de um frade assassino teria lhe aberto as entranhas com uma lança se este rolo grosso não estivesse amarrado à cintura dela. Até hoje recomendo-lhe que agradeça a Deus por frei Leo gostar tanto de palavras.

Zefferino apertou o rolo com ambas as mãos.

— Um frade? Por que um frade iria querer matar alguém tão generoso para a irmandade?

— Não a chamaria de generosa para com os irmãos se a tivesse visto

naquela noite. Ela lutou como um diabrete e despachou um deles sozinha, embora eles tivessem matado um dos nossos. For algum motivo, os frades queriam seqüestrar Conrad. Eles nos pegaram de surpresa na floresta depois que escureceu.

O olho de Zefferino se fechou. Escutou de novo o pavoroso encadeamento daquela noite: a gritaria ao redor dele, seguida do som da trombeta e do estrépito do fogo direto em seu rosto.

— Você também estava lá? — perguntou.

— Estava, embora tenha chegado um pouco tarde para ajudar. Transformei o líder deles numa tocha ardente e o resto do bando se espalhou como doninhas fugindo para a toca.

O rolo caiu com um baque surdo e foi-se desenrolando pela *loggia*. Jacopone deu um salto de seu banco e pegou-o antes que caísse lá embaixo.

— Cuidado, irmão! Está se sentindo bem?

Zefferino enfiou as mãos nas mangas e abaixou a cabeça. Sua garganta se contorcia e afinal ele tossiu — uma tosse áspera, amarga.

— *Angelus Domini* — disse. — Anjo do Senhor. *Você!*

O chão de madeira do galeria foi sacudido por um leve tremor. Amata subia correndo as escadas, com Salimbene ofegante atrás dela.

— Frei Conrad foi embora, irmão — disse a Zefferino. — Pediu que lhe avisássemos que poderá encontrá-lo no hospital de leprosos, se quiser.

— Virou-se para Jacopone, com o rosto rosado de tanta excitação, e comentou: Foi um mensageiro da parte de *Sior* Orfeo. Ele virá aqui amanhã e disse que espera trazer boas notícias.

Jacopone e Salimbene deram vivas.

— Sabia que ele não poderia ficar longe por muito tempo, *madonna* — comentou o frade gordo.

Amata virou-se outra vez para Zefferino, incapaz de conter o largo sorriso. Minhas desculpas, irmão, pela nossa comemoração particular. Meus amigos sabem como esta mensagem é importante para mim.

Olhou o bilhete que tinha na mão:

Estou preocupada com frei Conrad morando com aqueles leprosos imundos. Sabe por que ele foi para lá?

— Para cumprir uma promessa, *madonna*.

— Pretende se unir a ele? Posso mandar que preparem comida para levar.

Conrad deve ter saído sem se alimentar.

Unir-se a ele? Unir-se ao homem que o abandonara no meio de seus inimigos? Zefferino abanou a mão diante do único olho, afastando a visão das chamas.

— Se me permite, *madonna*, gostaria de ficar aqui mais uma noite. Voltarei para o Sacro Convento pela manhã.



FOI CONRAD, E NÃO ORFEO, quem ocupou os últimos pensamentos de Amata antes que ela caísse no sono naquela noite. Ainda pensava no frade como o único homem que a amara incondicionalmente, nada pedindo em troca. Embora tivesse feito o possível para esconder a repulsa no dia em que ele voltara, sofria por seu amigo. Nunca mais veria aqueles olhos acinzentados repletos de luz. E se ele contraísse lepra no hospital, a despeito da pureza de seu coração? Murmurou uma prece pela segurança e proteção dele; todavia, estranhamente, invocou Donna Giacomina em vez de Deus. Virou-se de lado e dormiu pesadamente até acordar com gritos no meio da noite.

A criada Gabriella puxava-a pelo braço, praticamente arrancando-a da cama e do sono profundo.

Vista se depressa, *madonna*. Há um incêndio no pátio.

Movendo-se através de uma névoa de sono e fumaça, Amata saiu correndo do quarto envolta em seu manto. O que poderia ter iniciado o fogo em pleno verão, com todas as lareiras, a não ser a da cozinha, limpas e fechadas? Alguém provavelmente se esquecera de apagar uma vela. Ao se aproximar do claustro, recuou diante do brilho alaranjado das chamas, que dançavam como um nascer do sol endiabrado contra os pilares e as paredes de pedra. Criados e hóspedes tiravam água da fonte no centro do pátio, enquanto outros corriam de um lado para o outro entre o incêndio e o poço público mais próximo.

Esfregou o rosto e olhou para o pátio sob a proteção de um dos arcos do claustro. Seu estômago se contraiu e ela mordeu o polegar para sufocar um grito. Viu horrorizada que a parte da galeria de madeira onde se encontravam as escrivatinhas era o foco da conflagração. Uma imensa bola de fogo engolia os degraus que levavam para a ala sul e toda a parede sul da casa. Os homens que

lutavam para apagar as chamas subiam a escada ao norte e ao longo dos balcões laterais carregando baldes, numa tentativa de evitar que as labaredas se propagassem, mas as escrivatinhas já haviam sido consumidas pelo fogo. Muda, Amata esquadrinhou as chamas com os olhos, tentando localizar o armário em que guardara o manuscrito de Leo e as cópias inacabadas. Nisso, o balcão sul ruiu, trazendo junto a parte leste da *loggia* e espalhando grandes pedaços de madeira em chamas por todo o pátio. Entre os escombros, Amata viu parte de um atril e seu coração se apertou.

Tudo perdido!

As paredes de pedra e a cobertura de telhas agüentariam as chamas, os carpinteiros reconstruiriam a *loggia*, mas a crônica de Leo estava perdida para sempre. Só podia esconder o rosto nas mãos. Havia fracassado em seu compromisso com Conrad!

A batalha para salvar o resto de sua casa durou até o raiar do dia. O vigia noturno acordara os vizinhos de Amata, e todos os poços e baldes do quarteirão foram destinados ao trabalho como brigada de incêndio, espalhando-se em todas as direções desde a entrada principal. Pares de homens musculosos carregavam tinas enormes cheias de água. Amata, enquanto isso, ajudava as mulheres que batiam as brasas e fagulhas voadoras para evitar que o fogo se alastrasse. Ela circulou apressada de um lado para o outro pelos corredores do pátio e do claustro até sentir que seus pulmões estavam a ponto de explodir de tanta fumaça, calor e exaustão; enquanto isso, a multidão ia crescendo, dentro e fora da casa, e com ela o barulho.

Finalmente, um pouco depois de o sino da Igreja anunciar a hora prima, *Maestro* Roberto foi procurá-la para avisar que haviam conseguido dominar o fogo. Aturdida, ela o acompanhou até o centro do pátio e olhou ao redor para a cantaria chamuscada e rachada, para os arcos de pedra enegrecidos. Dentro do perímetro do claustro, nada restara que fosse feito de madeira, nem mesmo os batentes das portas. No meio das cinzas, Jacopone estava sentado no banco de pedra, o mesmo onde ela havia conversado com Conrad na noite em que ele voltara; escondia a cabeça nos braços e balbuciava algo em voz alta, embora não houvesse ninguém por perto. Pio, coberto de fuligem, aproximou-se dela.

— Pio salvou sua casa, Amatina — disse o mordomo. — Ele sentiu o cheiro de fumaça e veio nos acordar.

Amata pousou a mão no peito do jovem.

— Deus o abençoe — sussurrou. Correu os olhos pelos outros moradores da casa, ocupados em apagar algum tição remanescente e em remover os escombros, formando pilhas longe das paredes. Nem frei Salimbene nem o companheiro de Conrad estavam entre eles.

— Os frades estão bem? — ela perguntou. — Ainda não os vi — respondeu Roberto.

— Vi seu escriba logo no começo — disse Pio. — Ele foi o primeiro a chegar na *loggia*. Também deve ter sentido o cheiro de fumaça. Depois que acordei os outros, corri para cá e o avistei descendo na carreira as escadas do lado norte. Achei que estivesse procurando baldes de água e gritei que fosse para a cozinha. Depois disso, não o vi mais.

Jacopone gritou para eles o mais alto que pôde.

— *Angelus Domini*. O frade cego profetizou.

— Um anjo? — Amata arqueou as sobrancelhas e fitou Roberto.

Ele deu de ombros.

— Lido com coisas práticas, *madonna*. Deixo para *Sior* Jacopone desvendar as causas mais profundas de tais acontecimentos.

Exaustos, viraram-se para entrar em casa. Uma única nota triste de trombeta ressoou vinda do canto em que Jacopone estava sentado. Amata girou nos calcanhares a tempo de ver o homem passar correndo por ela. Ele atravessou o corredor com suas longas passadas elásticas e saiu pela porta principal.

— Primo! — Amata gritou para ele.

O penitente, porém, já desaparecera.

CAPÍTULO XL



UM LEPROSO QUE ESTAVA AGACHADO do lado de fora, tomando sol, foi quem primeiro o avistou. A criatura chacoalhou o sino de advertência antes mesmo que Conrad chegasse ao final do caminho que descia da floresta e separava os dois prédios mais compridos do *ospedale*. Alertados pelo barulho, outros espectros vestidos de túnicas marrons saíram de suas celas — mulheres e crianças da construção à esquerda, homens à direita — e começaram a ganhar uma sinistra algaravia. Conrad estacou no caminho. Não teria ficado mais horrorizado do que se estivesse vendo um cemitério expelir seus cadáveres. Uma vez mais, Leo o conduzia para o cerne de seus medos mais profundos. Fechou os olhos e implorou perseverança. *Servite pauperes Christi*, sussurrou para si mesmo.

Duas cabanas menores ladeavam os alojamentos dos leprosos. Conrad presumiu que seriam as moradias dos monges e freiras da Ordem dos Crucigeri, que cuidava dos internos. Um dos monges enfiou a cabeça por uma janela aberta. Um outro homem, alto e magro, de pele morena e corada, vestido com a comprida toga e o barrete vermelhos de um médico, saiu do prédio e subiu o caminho ao encontro dele. Só quando os leprosos viram o médico é que interromperam a gritaria.

— Salve, irmão. Com uma voz rouca, o homem apresentou-se como Mateus Anglicus.

Mateus, o inglês.

— Que a paz de Deus esteja convosco — respondeu Conrad. — Eu vim para trabalhar.

Mateus examinou-o dos pés à cabeça, mas não evitou os olhos, como os

homens de Orfeo haviam feito. Sem dúvida, ele já vira mais do que o suficiente em termos de horrores naquele lugar, e olhou Conrad da mesma maneira como o faria com um novo paciente.

— E por que iria querer trabalhar aqui?

— Quero imitar meu mestre, São Francisco, e cumprir um juramento solene que fiz.

— Suspenda um pouco a sua túnica — ordenou Mateus.

Conrad obedeceu, enquanto o médico torcia o nariz:

— Era o que eu pensava. Vai ter de esperar aqui enquanto vou apanhar umas sandálias. Primeira regra: nenhum dos meus assistentes anda descalço pela área do hospital.

— Não calço sandálias desde que entrei para a Ordem — objetou Conrad. — Iria violar meu voto de pobreza. Então vai ter de decidir qual dos votos solenes pretende manter — declarou Mateus. — Se pretende servir aqui, pode começar por entender que minhas ordens são como ordens de Deus para este lugar. Deixo a orientação espiritual dos pacientes nas mãos dos monges; os monges entregam os cuidados dos corpos deles em minhas mãos. Se precisar de alívio para sua consciência, posso lhe garantir que vai viver em grande pobreza. E vou arranjar para você as sandálias mais toscas que puder.

Conrad aceitou com certa relutância, e o médico achou graça: — Seja bem-vindo, então, irmão — disse. — Como acabou de sair do calabouço do mosteiro, presumo que seja um homem bom.

Conrad gaguejou:

— Como sabe...

Mateus apontou para o olho de Conrad.

— Você foi torturado. Seu cabelo está branco, mas sua pele está clara e fresca como a de uma donzela desacostumada à luz do sol. Sua barba não vê uma navalha há alguns anos. Tornozelos sem pêlos e com marcas de esfoladura de grilhões. Além disso, usa o hábito esfarrapado dos Espirituais e anda descalço: duas boas razões para estar na prisão durante a direção de Bonaventura.

— Você conhece a divisão...

— Certa vez, pensei em entrar para a sua Ordem, mas preferi este hábito vermelho ao cinzento de vocês. O Papa Honório proibiu que os padres estudassem medicina sessenta anos atrás; por isso, desisti de ser padre.

Conrad seguiu Mateus até o final do complexo do leprosário. Esperou até o médico voltar com as sandálias. Uma corrente de ar esfriou-lhe a testa, porém lhe trouxe às narinas um cheiro doce e repugnante de carne putrefata. Resistiu ao impulso de cobrir o nariz com a manga ou de ver onde haveria uma carcaça ou pilha de ossos por perto. Havia entrado no mundo dos mortos vivos e sabia que o cheiro nauseabundo que sentira era o da carne que ainda estava grudada naquelas criaturas esqueléticas que continuavam a fita-lo das alcovas de suas celas. O rosto do homem mais próximo dele, o que tocara o alarme, exibia os lábios grossos e o inchaço azulado dos doentes recentes. O nariz achatado era indício de que a cartilagem que lhe dava forma ai começara a se decompor. Conrad forçou-se a olhar os outros; felizmente, muitos escondiam os rostos atrás de véus, apenas dando a impressão de que lhe devolviam o olhar com olhos que não desejavam ser vistos. Os casos mais graves... Conrad viu crateras de pus onde antes havia olhos, cavidades em de composição no lugar de narizes e bocas, peles moles que passavam por queixos, orelhas penduradas e muitas vezes de tamanho diferente do encontrado na natureza, mãos sem dedos, braços sem mãos, peitos intumescidos ou carcomidos, pele encaroçada e feridas supuradas. Os leprosos olhavam-no indiferentes; algumas mulheres, contudo, viravam os rostos destruídos, envergonhadas. As poucas crianças que se acocoravam ao lado delas como anões de idade avançada mostravam a mesma apatia, encarando Conrad com seriedade de adultos.

O espetáculo de horrores dominou-o com a força de uma fascinação macabra. O frade perguntou a si mesmo se estaria tendo uma visão do próprio e inevitável futuro: seu cadáver doente nos últimos estágios de decomposição. Ansiou para que Mateus voltasse logo e só conseguiu se descontraír quando o médico apareceu com as sandálias. A visão dos leprosos o havia deixado desorientado. As inusitadas sandálias contribuía para a estranheza, tirando-lhe a sensibilidade dos pés. Não sentiria mais os pedregulhos na terra do chão, nem a própria terra, nem uma única das folhas de capim. Apenas o couro universal. Toda a superfície do complexo parecia estar atapetada de couro.

— A primeira visão de perto é a mais difícil — disse Mateus. E levou Conrad para um quarto na cabana atrás da latrina dos leprosos. — Pode ficar esperando na minha cela até arranjarmos um cômodo para você.

O quarto do médico estava em completa desordem, contrastando com a monte analítica do dono. Havia uma cama estreita no canto mais afastado da

porta, uma mesa pequena com dois bancos debaixo da única janela e uma mesa de trabalho comprida e retangular que ocupava todo o centro do aposento. Sobre a mesinha repousavam um crânio e uma ampulheta, e da parede pendia um crucifixo pintado — lembretes aos pacientes sobre a natureza transitória da vida e sobre a salvação que viria. Tocos de vela, frascos de urina, piluleiro, aludel, alambique, um pilão e uma pilha de manuscritos encadernados cobriam quase toda a mesa grande. Um livro aberto em cima dela mostrava um círculo colorido, talvez um anel de urina. Conrad lembrou-se de ter lido algo parecido num texto sobre uroscopia em Paris: se o fluido de uma pessoa doente fosse vermelho e espesso, ela teria um temperamento genioso; se vermelho e fino, seria cronicamente zangada. Cada matiz — roxo, verde, azul, preto — correspondia a uma enfermidade.

Frascos de pó cujas etiquetas ostentavam símbolos de elementos metálicos, um jarro de vidro contendo a narcótica mandrágora e ervas medicinais como canela, cubeba e noz-moscada ocupavam um consolo de lareira que pendia de uma parede. Na estante de livros ao lado da cama do médico havia mais volumes do que em qualquer outro lugar que Conrad estivera, à exceção da biblioteca do mosteiro.

— Não fique aí parado de boca aberta, irmão — disse Mateus. E, com um gesto, acrescentou: — Agradeço a Constantino da África por esses livros. Depois de perambular pelo Oriente a maior parte da vida, ele afinal se tornou monge e se instalou em Monte Casino. Dedicou o restante de sua vida de clausura à tradução de textos médicos para nós, estudantes em Salerno: os antigos mestres gregos eternizados em árabe, bem como obras dos sarracenos. Foi assim que Galeno se tornou nossa bíblia (peço desculpas pela comparação) e, de tanto ler os dez livros, aprendemos todo o *Pantechne* de Ali Abbas.

Conrad examinou a estante com uma mistura de emoções: admiração pelo tamanho, porém constrangimento por sua curiosidade de estudioso. São Francisco não teria aprovado! A arrumação das prateleiras identificava melhor a mente lógica que Conrad já observara no médico do que o aposento como um todo: os lendários gregos Galeno e Aristóteles na prateleira superior, os filósofos e médicos sarracenos logo abaixo. Encontrou quatro das quarenta e duas composições de Hermes Trismegistus, o *Theatrum sanitatis* de Abul Asan, um tratado sobre hidrofobia canina, o cânone da medicina de Avicenna e, na prateleira abaixo, obras do rabino Maimonides e de seus colegas espanhóis

Avenzoar e Averroes.

A última prateleira continha obras dos mestres de Mateus em Salerno: um *Trotula da Salerno* e uma farmacopéia, *Antidotarium*, escrito por um *Maestro Praepositus* da mesma escola. O último estava em pé, apertado por uma pilha de obras sobre uso medicinal de ervas, inclusive a *De virtutibus herbarum*, de Platearius. Por que, perguntou-se Conrad, as obras dos autores cristãos estariam relegadas à prateleira inferior?

Abriu o *Methodus medendo* de Galeano e franziu o cenho para o frontispício: a ilustração do pagão Esculápio segurando o caduceu e tendo ao lado suas filhas Higéia e Panacéia.

— Um bom cristão pode encontrar motivos para criticar sua coleção — disse. — Preferiria ver os santos gêmeos Cosme e Damião ou Santo Antônio Abbas nesta página. Eles também são símbolos da crença no poder de cura de Nosso Senhor.

Mateus deu de ombros.

— Acredite-me, irmão, teria o máximo prazer em reunir médicos do nosso credo, mas conheço poucos além dos professores que tive em Salerno. Infelizmente, nossa Santa Madre Igreja insiste em considerar o corpo como uma maldição e a doença como um castigo divino. Certa vez, ouvi um penitente em Assis implorar, de maneira poética, por uma doença: "*O Signor, per cortesia, manname las malsania!*" Ele ficaria satisfeito com qualquer coisa: febre quarta ou febre terça, hidropisia, dor de dente, dor de barriga, convulsão. E eu lhe pergunto: de que modo meus conhecimentos de cura podem neutralizar esse tipo de atitude?

Conrad recolocou a obra de Galeno na estante e disfarçou um sorriso:

— Acho que sei quem é esse penitente. Você ficará satisfeito de saber que hoje ele goza de uma saúde que há anos não conhecia.

— Boas-novas, realmente. Espero que isso não seja um peso muito grande para ele.

Conrad esfregou a palma da mão no queixo cabeludo.

— Diga-me, qual você acredita ser a origem das doenças, se não for castigo por causa da natureza ruim do ser humano ou um desejo divino de testar sua resistência?

— Você se refere ao caso de Jó.

— Como um exemplo, sim — disse Conrad. — Ou, já que nos

encontramos neste *ospedale*, podemos mencionar Bartolo, o leproso de São Gimignano. Ele carregava seu fardo com tamanha alegria e resignação que as pessoas o chamavam de Jó da Toscana.

O médico refletiu um pouco antes de responder:

— Na verdade, nem eu nem meus colegas médicos podemos afirmar onde está a origem das doenças. Conforme gostamos de dizer, Galeno vota "não"; Hipócrates vota "sim" Os doutores não chegam a um acordo e ninguém consegue dizer quem está certo.

Mateus folheou rapidamente uns manuscritos que estavam sobre sua mesa de trabalho enquanto falava. Afinal, pegou um tratado encadernado, de poucas páginas.

— Descanse um pouco perto da janela, irmão, e aproveite para passar os olhos neste aqui sugeriu. — Bem curto e escrito por um compatriota meu, Bartolomeus Anglicus, que foi irmão secular da sua Ordem. Leia-o, por favor, até que sua cela esteja preparada. Vai-lhe dar alguns elementos para o trabalho que fará por aqui.

Depois que Mateus saiu, Conrad trouxe o livro para perto do rosto. Desde que perdera a vista, era a primeira vez que tentava ler. Levou o pergaminho para perto da luz que entrava pela janela e apertou o olho para apurar as letras e palavras embaçadas.

No início da obra, frei Bartolomeus tratava das causas da lepra, começando com os alimentos que aqueciam o sangue em demasia ou que podiam se deteriorar depressa: pimenta, alho, carne de cachorros doentes, peixe e porco defumados com descaso, pães de qualidade inferior feitos de cevada ou centeio contaminados. E prosseguia com detalhes demais para as suscetibilidades de Conrad ao descrever a natureza contagiosa da doença: como um incauto poderia contrair a doença por meio de relação sexual com uma mulher que se deitara com um leproso, como um bebê que se alimentasse no peito de uma ama leprosa sugaria a morte pelas tetas da mulher, ou como poderia até mesmo ser uma doença hereditária. O pergaminho tremeu na mão de Conrad quando leu a última causa da lepra: "Até mesmo respirar ou ver a lepra pode ser calamitoso." De acordo com Bartolomeus, Conrad já poderia estar carregando a doença dentro de si, ainda que a maioria dos olhos voltados para ele ao longo do caminho não o tivessem enxergado de fato.

Reprimiu a aversão que sentia à franqueza do catálogo de Bartolomeus. O

frade ultrapassava os limites do recato. No entanto, aqueles que contraíam lepra por conta da sensualidade *recebiam* o devido castigo por seu pecado. Nem Bartolomeus nem Mateus iriam convencê-lo do contrário nesse ponto. Quanto à hereditariedade, todos conhecem o ditado popular: "Os pais comem uvas verdes e os dentes dos filhos é que ficam embotados." Assim, mesmo nesse caso, o leproso pagava o preço da iniquidade de seu antepassado. Bartolomeus reconhecia isso em seguida ao discorrer sobre o tratamento dos leprosos: "É muito difícil curar a lepra, salvo com a ajuda de Deus" — obviamente, uma vez que fora Deus a infligir a doença.

Não obstante, Bartolomeus listara várias opções não-espirituais para os médicos: sangria (no caso de o leproso estar forte o bastante); purgação de vermes e ulcerações; remédios para uso interno, emplastros e pomadas para uso tópico. O frade inglês concluía: "para curar a lepra ou escondê-la, o *melhor* remédio e a víbora vermelha de barriga branca, desde que o veneno seja removido e a canela e a cabeça extirpadas, o corpo, fervido com alho-poró, deve ser comido com freqüência".

Conrad recolocou o tratado na estante no momento em que Mateus entrava no quarto. Sentiu sua velha tendência para a contenda aflorar com força. Três anos antes, iria discutir por causa dessa obra de Bartolomeus; naquele momento, porém, ele segurou a língua. Deus o havia enviado àquele lugar para aprender. Devia perguntar e ouvir, não discutir.

— A sua experiência confirma as hipóteses de seu compatriota?

Mateus pegou o tratado e folheou-o rapidamente, meneando a cabeça enquanto lia.

— Alimentação — disse afinal, dando pancadinhas no livro. — Apenas servimos carne fresca aqui. E, nesta época do ano, quando há legumes, hortaliças e frutas disponíveis, conseguimos efetuar curas completas.

A resposta surpreendeu Conrad.

— Pensei que só um milagre pudesse curar a lepra.

— No meu país, soube de milagres de cura, especialmente no santuário de Thomas de Canterbury. Um poço na cripta do santo contém água benta misturada com uma gota do sangue do santo, e muitos afirmam terem ficado curados ao beberem dessa água. Mas aqui só posso atribuir algum sucesso à alimentação.

— Nesse caso, por que todos os seus pacientes não estão curados?

Mateus sorriu.

— Você é bem inteligente e curioso, irmão. Talvez consigamos transformá-lo num médico também. E suas perguntas são pertinentes.

Correu os dedos pelo manuscrito de Bartolomeus ate encontrar uma referência à lepra.

— A palavra *lepra*, ou "escamação" como diziam os gregos, referia-se a numerosas doenças escamosas de pele. Aparecem muitos desses casos por aqui, de pessoas forçadas a saírem de suas casas e abandonarem o meio de sustento por causa das afirmações de alguns padres que não sabem nada de medicina. Dizem que o sangue dos leprosos produz um chiado quando esfregado nas palmas das mãos, ou que flutua na superfície de um recipiente com água limpa, ou que há perda de sensibilidade nos dedos das mãos e dos pés, e que a pele adquire um tom de cobre. Algumas dessas doenças de pele *são* curáveis, e já mandamos muitos desses doentes de volta para suas famílias. Mas para o que chamo de "lepra verdadeira", e que os gregos denominavam de *elephantiasis* devido ao espessamento e aspereza da pele, não há remédio, tanto quanto minha experiência me permite afirmar. Já tentei purgar e fazer sangrar e tomei dúzias de outras medidas sugeridas por diversos autores, até mesmo cura com animais.

— Pela ingestão de carne de víbora?

— A cobra vermelha e branca é uma criatura rara nesta parte do mundo. Mas já cobri feridas dos leprosos com bezoar feito de olhos de cervos, seguindo a receita de Avenzoar. O tratamento tradicional para as feridas, a aplicação do calor de cães e gatos moribundos, também não funcionou.

Mateus retirou o barrete da cabeça e atirou-o no banco diante de Conrad, de repente demonstrando imenso desânimo.

O frade estudou com mais cuidado o rosto moreno do companheiro, as sobrancelhas finas, um pequeno caroço descolorado na testa, um inchaço no lóbulo da orelha que não havia observado antes. O médico deu um sorriso triste.

— É isso mesmo. Logo vai chegar a minha vez. — O tom de voz deu a entender que ele já aceitara o inevitável.

— Então a doença é *mesmo* contagiosa, como diz Bartolomeus. Aparentemente, sim, embora eu tenha vivido aqui durante quinze anos sem que os sintomas aparecessem. Entre os *Crucigeri* que me ajudam, bastam poucos anos de trabalho aqui para alguns deles contraírem a lepra. Você só vai realmente precisar se preocupar depois de ficar conosco por um longo tempo.

No entanto, há vinte e cinco anos que uma freira idosa está aqui e não apresenta qualquer sintoma.

— Mas como, então, a doença se espalha?

— Isso é o que eu gostaria de saber. Tentei seguir as pistas de Bartolomeus. Por exemplo, conversei de forma *bem específica* com os casados antes de checarem aqui. A maioria continuou tendo contatos íntimos com maridos ou esposas, mesmo depois de os primeiros sintomas se tornarem visíveis, e em geral sem nenhum dano ao parceiro. As exceções foram aqueles que continuaram a beijar os parceiros, mesmo depois de as pústulas surgirem ao redor dos lábios. Mateus encolheu os ombros.

— Vejo que minha franqueza o perturba, irmão; contudo, estou apenas tentando dar uma resposta ao menos parcial à sua pergunta. O comportamento físico entre as pessoas interessa ao médico; o corpo nada mais é que a lousa sobre a qual escrevemos. Como já disse, deixo os julgamentos morais para vocês, padres. Seja como for, passei a acreditar que a boca é a parte mais infectada do corpo dos leprosos. E é por isso que meus assistentes calçam sandálias: para proteger as solas dos pés do cuspe dos pacientes.

Conrad revolveu a barba com os dedos, Imaginou Francisco, Leo e outros dos primeiros frades entre os leprosos daquele mesmo *ospedale* cerca de uns sessenta anos antes: descalços, jejuando e se alimentando com o mínimo de comida, até beijando essas almas infelizes na boca para darem prova de sua humildade. Entretanto, nunca ouvira falar de um caso sequer de lepra causado pela falta de precauções deles — se bem que eles desfrutassem da proteção especial de Deus em seu santo serviço. Conrad concluiu que as teorias de Mateus praticamente não passavam de conjeturas. Ainda assim, esfregou os dedos dos pés, grato por estarem dentro de sandálias.



ORFEO EXAMINOU A GALERIA destruída e as pilhas de pranchas e vigas de madeira chamuscadas no pátio da casa de Amata.

— Não é o melhor cenário para as notícias que trago — disse com ar solidário. — Fico feliz por pelo menos todos estarem a salvo, Amatina.

A mulher o tomou pelo braço e apoiou o rosto no ombro dele.

— A *loggia* não é nada — disse. — Estará refeita até o inverno. É a perda do pergaminho de Leo que me entristece.

— Nada que você tivesse feito poderia alterar o curso dos acontecimentos. Frei Conrad vai entender. Vai ver nisso os desígnios de Deus, o que é a pura verdade.

Ela conseguiu dar um sorriso conformado.

— Estou muito feliz com sua volta, Orfeo. Quase perdi as esperanças de revê-lo.

— Pensei que você não *quisesse* me ver. Da próxima vez que conversar com seu amigo frade, agradeça-lhe por me esclarecer. Acho que frei Conrad não lhe contou, mas eu tinha acabado de carregar as carroças de *Sior Domenico* e estava prestes a começar a viagem para Flandres quando ele me impediu de continuar.

— Não sabia disso. Conrad não voltou aqui desde que conversou com você. E *Domenico* não está zangado com você pelo atraso? Mal conseguirá chegar a Flandres antes da neve, se sair agora.

— Ele não é mais meu patrão — explicou Orfeo. Chutou um pedaço de madeira queimada, que voou e foi parar numa pilha perto da fonte.

— Não me diga, Orfeo! E agora, como vai viver?

Um sorriso iluminou lhe o rosto.

— É sobre isso que vim lhe falar. *Sior Domenico* está velho, cansado após anos de comércio. Ofereci-me para comprar as mercadorias e as carroças, com os bois e tudo o mais. Até mesmo o armazém e a tenda no mercado. E ele aceitou. Não tenho dinheiro para cobrir o custo, é claro, mas meu irmão *Piccardo* concordou em entrar com metade, como meu sócio.

— *Piccardo* iria *ser* concorrente dos irmãos?

— Para ter a oportunidade de ser seu próprio patrão, sim. Quando nosso pai morreu, *Piccardo* recebeu algum dinheiro, mas o negócio da família foi para *Dante*, o primogênito. *Piccardo* tem sofrido sob o jugo de *Dante* desde então. De qualquer forma, *nós* dois vamos tomar emprestado de um agiota o restante da quantia. Com sorte e bons negócios, vamos conseguir pagar o total da dívida em poucos anos. E agora vem a melhor parte: *Piccardo* está disposto a fazer a maioria das viagens. Eu fico aqui em *Assis* cuidando do armazém, do mercado e da escrita nos livros.

Virou-se para olhá-la de frente, afrouxando carinhosamente o aperto da

mão dela em seu braço. Segurou as duas mãos de Amata nas suas e olhou dentro dos olhos dela. Por um momento, o pátio, as paredes de pedra enegrecidas, até o contorno do corpo e do rosto dele perderam o foco quando ela retribuiu seu olhar. Viu apenas o fogo ardente no fundo das pupilas dele, negras como carvão.

— Agora podemos nos casar, Amatina, e começar nossa família, se você me aceitar. E você que eu quero, é você que eu amo. O dinheiro não é tão importante para mim. Teremos o suficiente se estivermos juntos; o resto virá com o tempo e com muito trabalho.

Amata soltou as mãos.

— E você vai se satisfazer com os prazeres domésticos?

— Só posso prometer que farei todo o possível.

— E não posso pedir mais do que isso.

Hesitou somente um instante antes de saltar e lançar os braços em torno do pescoço dele.

— Orfeo, precisa saber que quero você mais do que qualquer outra coisa. Era o que eu desejava que você me dissesse na noite em que nos separamos.

Orfeo abraçou-a com força contra o peito.

— Você tem de compreender que, às vezes, eu sou muito cabeça-dura. Preciso de tudo bem explicado. Prometa me agüentar no futuro.

Amata aconchegou o rosto no calor da túnica dele até sentir os braços do rapaz se afrouxar. Reparou que ele olhava para alguma coisa ou para alguém por cima do ombro dela. Ao virar-se, deu com Pio parado, constrangido, no canto do palio. Atrás dele, nas sombras do claustro, um bando de criadas de repente começou depressa a tagarelar, varrer e limpar a poeira.

— O jantar está quase pronto, *madonna* — disse Pio.

Orfeo exclamou:

— Pio! Vamos nos casar!

O jovem riu de orelha a orelha, olhando ora para Orfeo ora para Amata. Por alguma razão inexplicável, a reação dele decepcionou Amata. Talvez esperasse menos satisfação de alguém que por tanto tempo fora apaixonado por ela.

— *Con permesso, madonna.* — Pio dirigiu-se à sua senhora com uma mesura quase até o chão: — Também desejo me casar.

— Você, Pio? Com quem? — Amata relanceou os olhos para o grupo de criadas e viu que todos os olhares se voltavam para Gabriella. A menina corou

intensamente, e todos os criados saíram rindo para dentro do salão, seguidos de perto por um ruborizado Pio. Então, Amata se recordou de que na noite do incêndio fora acordada por Gabriella, e que o primeiro a acordar os homens tinha sido Pio. Como não percebera nada antes? Donna Giacomina, com toda certeza, teria intuído o romance, por meio de um talento secreto qualquer.

Murmurou para Orfeo:

— Ainda bem que não sei de tudo o que acontece na minha casa durante a noite. Acho que minha indulgência ou minha ignorância foi o que salvou esse lugar.

Segurou a mão que ele estendia em sua direção e retomou seu modo habitual de caminhar, ao se dirigirem para o salão.

— Quanto ao dinheiro... eu apenas precisava ter certeza, Orfeo. Não precisamos de fato recorrer a um agiota. E vou trabalhar o seu lado tanto quanto qualquer homem, se for preciso. E também espero que você, que nós viajemos algumas vezes. Ambos sabemos que ainda corre água do mar em suas veias. Além disso, ainda não pude ver os vitrais coloridos da catedral de Lyons...

CAPÍTULO XLI



APÓS O DESJEJUM DA MANHÃ SEGUINTE, Mateus veio buscar Conrad.
— Venha fazer a ronda comigo, irmão. Vou apresentá-lo aos pacientes e também às suas tarefas.

Sob a orientação do médico, Conrad encheu um balde de água na cisterna e o seguiu pela clareira de terra batida que separava o refeitório do dormitório masculino. Mateus bateu de leve na porta do primeiro leproso, um dos muitos que estavam doentes demais para participar da refeição em comum.

— Esta é a cela do velho Silvano. Primeiro vamos limpá-lo e também limpar o q uai to, depois vamos alimentá-lo — o médico explicou.

Conrad concentrou-se no crucifixo preso do lado de fora da porta da cela, buscando forças para a desgraça que estava prestes a encontrar lá dentro. Um fedor nauseante escapou do aposento do leproso quando Mateus empurrou a porta. O gosto do mingau de aveia ainda por digerir amargou na garganta de Conrad.

Uma figura enrugada e curvada estava numa cadeira de madeira colocada num canto — cego, idoso, quase completamente escondido por baixo de uma túnica imensa feita de aniagem. Mateus fez sinal para que Conrad se postasse num dos lados da cadeira, enquanto ele gritava para o doente:

— O sol está brilhando hoje outra vez, Silvano. Vamos tomar ar fresco: você e esse quarto.

Os dois levaram o homem na cadeira para fora, posicionando-o de forma que o sol aquecesse suas costas.

— Este aqui é frei Conrad — o médico continuou em voz alta. — Daqui

para a frente, ele vai cuidar de você.

Mateus cobriu o velho com um cobertor enquanto Conrad trocava a roupa da cama, cheia de sangue seco e pus endurecido, que forrava o colchão de Silvano. Jogou água no chão e pôs a esfregá-lo, quando terminou, Mateus sacudiu o leproso de leve:

— Você já vai tomar banho — disse.

Silvano, começando a reviver à luz do sol, assentiu pela primeira vez.

O médico mandou Conrad à copa para apanhar água quente enquanto ele continuava atendendo à fila de pacientes, incentivando os menos doentes a saírem do quarto para tomar ar fresco.

Conrad tornou a encher o balde com a água quente de um caldeirão que estava sendo aquecida. Levou a água limpa de volta para a cela de Silvano, onde Mateus o fez retirar o véu do leproso e desatar-lhe a túnica. Para alívio de Conrad, ele conseguiu segurar no estômago a refeição que acabara de fazer, enquanto limpava o corpo e o rosto em decomposição de Silvano. Em vez de fazê-lo vomitar, que era o que temia, as feridas despertaram nele pena e compaixão. Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto torcia o pano de lavar sobre o balde fumegante.

Mateus observava atentamente enquanto o frade colocava e recolocava o pano sobre as feridas de Silvano, retirando o máximo possível do fluido amarelado. Por fim, Conrad secou o corpo do ancião com uma toalha e embrulhou suas mãos e pés com ataduras de pano. Resistiu ao desejo de beijar o homem como São Francisco teria feito anos atrás. O aviso que Mateus lhe dera na véspera produziu o efeito desejado.

— Que a paz e a bondade do Senhor estejam com você, *Sior* Silvano — disse. O leproso fez um gesto com a mão em resposta.

— Ele está lhe agradecendo — disse Mateus.

— Ele não pode falar?

O homem sinalizou para a boca aberta, e só então Conrad notou o toco murcho que um dia tinha sido uma língua.

Ao passarem para cela seguinte, Mateus apoiou a mão no ombro do frade.

— Como está se sentindo?

— Envergonhado. Ontem mesmo julguei-os pecadores e, portanto, merecedores desse castigo. Mas são os verdadeiros pobrezinhos de Cristo, como disse São Francisco.

— Já começa a compreender, e é tudo o que importa por enquanto. Vai se sair bem aqui.

O paciente seguinte, um homem bem mais novo que Silvano, surpreendeu Conrad. Quase não havia feridas em seu corpo — apenas uma placa mole nas costas, franzida e enrugada como as pétalas de um cravo. Os dedos das mãos, porém estavam contraídos como garras, o polegar inútil dentro da palma, e uma névoa leitosa sarapintada de grãos parecidos com giz cobria as córneas de seus olhos. Enquanto Conrad banhava a placa ressecada, olhava para Mateus com ar interrogativo.

Mesmo entre os verdadeiros leprosos, irmão, encontram-se muitas variedades da doença. Algumas não exibem nenhum tubérculo, ou apenas um, ou uns poucos. Variam também de cor, desde o rosado-claro, como este, ao rosado-escuro quase vermelho. E aparecem em qualquer parte do corpo. Mas mesmo que essa placa no momento esteja seca, não tem qualquer sensibilidade. Ele não sentiria a água mesmo que estivesse fervendo. Esse pedaço da carne dele está morto para sempre.

Mateus conversava sobre a lepra despreocupadamente, como se estivesse sentado em outro aposento. O homem, porém, olhava direto para a frente, não demonstrando nenhum interesse na conversa deles — era a mesma lassidão que na véspera fizera a pele de Conrad arrepiar-se quando imaginou estar entrando no mundo dos mortos-vivos. Abençoou o leproso ao terminar, como fizera com Silvano, mas esse paciente mostrou-se mais apático do que o ancião. Mateus esfregou o topo do crânio calvo do doente quando saíram, com os lábios apertados num sorriso amargo.

— Já vi muitos casos como o dele — acrescentou, quando estavam do lado de tora. — Chamo esses leprosos de "limítrofes". Como esse homem, exibem apenas uma única lesão, apesar de ainda não tão seca quanto a dele. Embora a sensibilidade no local tenha diminuído, continuam a sentir um pouco de dor. As lesões têm forma oval, muitas vezes com o centro afundado e o contorno nitidamente palpável — Mateus sacudiu a cabeça. — Essa doença é tão complexa... Duvido que algum dia eu vá compreendê-la totalmente.

Conrad voltou para a copa a fim de buscar água limpa, procurando absorver ao máximo em sua cabeça as explicações de Mateus. Tinha muito sobre o que refletir. No caminho, passou por inúmeros *Crucigeri*, também carregando água. Havia conhecido os cinco monges e as quatro freiras naquela

manhã. Agora se cumprimentavam com um breve aceno, ocupados em suas tarefas.

Esses religiosos formavam um grupo melancólico se comparado com os monges negros de Dom Vittorio — talvez por viverem num mundo menos afastado do juízo final, talvez porque seu trabalho lhes desse poucos motivos para sorrir. Conrad admirou o silêncio deles e o fato de terem dedicado suas vidas a servir a esses proscritos. Ele se sentiria bem trabalhando para sempre com esses irmãos — até com as mulheres, criaturas igualmente modesta e dedicadas.

Talvez, embora não fosse médico, Deus o tivesse colocado ali precisamente naquele momento porque Mateus podia agora antever o final de seu próprio caminho. Entretanto, logo rejeitou essa idéia por ser arrogante, uma reação exagerada aos elogios que Mateus lhe fizera. *A vaidade chega a cavalo e retira-se a pé* — lembrou a si mesmo. Ele não possuía os conhecimentos especializa dos do bom médico, nem aquele vínculo especial que unia Mateus aos seu: pacientes. Além do mais, no fundo do coração, continuava a acreditar que os desígnios de Deus, e não os esforços do homem, determinavam quem seria acometido da doença e quem seria curado — crença com a qual o doutor de Salerno evidentemente não compartilhava.



PASSADO UM MÊS, CONRAD ENTROSARA-SE inteiramente com os *Crucigeri*, executando suas tarefas rotineiras em pacífica monotonia. Conversava quase todos os dias com Mateus e muitas vezes trabalhava ao lado do médico depois que terminava de cuidar dos doentes sob sua responsabilidade. O frade aprendera muito sobre seus pacientes e sobre o espectro multifacetado da doença, mas nada que o ajudasse a entender as intenções de Leo ao direcioná-lo para o *ospedale*.

Embora as noites estivessem mais frias, as tardes continuavam quentes e ensolaradas o bastante para que os doentes permanecessem fora de suas celas. Num desses dias espetaculares, Conrad avistou a roupa vermelha do médico junto à fileira de celas e foi para lá com o balde de água quente. Mateus tinha acabado de levar um leproso para fora do quarto.

— Como vai indo, Mentore? — perguntou.

Com ar inexpressivo, o homem ergueu os braços, e as mangas escorregaram. Havia inúmeras feridas na pele, mas Conrad notou que eram, na maioria, cobertas por uma crosta cinzento-arroxeadada. Os módulos do rosto também pareciam estar em processo de cura, e era a primeira vez que Conrad via qualquer sinal de melhora num paciente. Talvez Mentore tivesse uma dessas afecções de pele curáveis que o médico mencionara. O frade olhou esperançoso para Mateus, mas só lhe viu no rosto uma profunda tristeza.

— Está pronto? — perguntou o médico.

O leproso assentiu.

— Vou mandar um padre vir confessá-lo e administrar-lhe os sacramentos — disse Mateus. — Fez sinal para que Conrad se aproximasse. Dê-lhe um banho especial hoje — disse. — Deve prepará-lo para o encontro com o Salvador.

— Mas as feridas dele parecem estar em melhores condições que as dos outros — disse Conrad. A pele dele nunca teve tão boa aparência.

— Algumas das feridas terão desaparecido por completo amanhã — disse Mateus. — É o sinal de morte iminente, que todos por aqui aprenderam a reconhecer. E ficam ansiosos para que ela chegue; se não alegres, no mínimo aliviados.

De olhos cerrados, a fisionomia de Mentore mantinha-se absolutamente imperturbável. Se o leproso sentia qualquer emoção, não deixava transparecer. Conrad lembrou-se da conversa que tivera com Jacopone na estrada para Assis; os assuntos tinham sido poesia, experiência e a respiração espasmódica dos moribundos. No entanto, esse condenado esperava sentado em seu banco, respirando tão regularmente quanto o catarro lhe permitia, impassível como um cambista cuidando das balanças.

Conrad mergulhou a toalha na água quente e limpou uma das mãos do homem. Uma frase da carta de Leo veio-lhe à mente: *As unhas de um leproso morto estão incrustadas de verdade*. Com uma curiosidade que lhe pareceu quase mórbida, levantou o outro braço do leproso pelo punho, mas as duas mãos terminavam em cotos nas articulações dos dedos. O significado do que Leo queria lhe transmitir teria de esperar outra oportunidade. Mentore não tinha dedos, muito menos *unhas*. O mesmo se aplicava aos pés. Deles não sobrara nada além de calombos retorcidos.



NAQUELA NOITE CONRAD TEVE UM SONO AGITADO, interrompido por um ruído semelhante a uivos de lobos. Despertou aos poucos na escuridão e percebeu que o lamento indistinto vinha dos alojamentos dos leprosos. *Deve ter acabado para Mentore*, pensou. Uma batida na porta e a voz de Mateus chamando-o para ir à capela confirmaram suas suspeitas.

O médico levava um archote, já que o céu ficara nublado durante a noite e agora a lua estava escondida. Cruzaram o pátio debaixo de uma garoa fina.

Os monges já tinham carregado o corpo para a capela e ele estava estendido sobre uma mesa na nave, rodeado de velas. Homens e mulheres de *Crucigeri* recitavam os salmos penitenciais em uníssono nos dois lados do coro. Os leprosos que podiam caminhar se comprimiam nos fundos do prédio.

Conrad entrelaçou as mãos e seguiu Mateus até junto do corpo do leproso.

Queria acrescentar sua benção pessoal às orações da comunidade. Os tubérculos no rosto de Mentore tinham sumido por completo, conforme Mateus havia previsto. A pele, antes sarapintada, cintilava branca como o marfim sob o tremeluzir da vela próxima à cabeça do morto.

Os braços do leproso, dispostos em cruz sobre o peito, chamaram a atenção de Conrad. As feridas nas costas das mãos de Mentore estavam totalmente secas e coaguladas e brilhavam sólidas e escuras, lembrando cravos sob a chama das velas. Com os dedos trêmulos, Conrad ergueu a mão que estava por cima e virou-a. A lesão na palma tinha uma crosta igualmente dura e preta. Conrad passou nela a ponta do dedo, e o cravo inteiro, da palma às costas da mão, se moveu como uma peça única. Com todo o cuidado, ele recolocou o braço do leproso na posição em que estava antes.

Apoiando uma das mãos na beirada da mesa, ajoelhou-se e contemplou a imagem do Cristo crucificado acima do altar. Seu coração se encheu de uma paz que não experimentava desde o dia em que Amata aparecera em sua cabana. Toda a tensão e a angústia dos últimos trinta e quatro meses se esvaíram de seu corpo, flutuando nas ondas de sua respiração subitamente calma.

Afinal, compreendia! Assim como Giancarlo di Margherita, ele havia tocado a unha com as próprias mãos — *a unha do leproso morto!*



— PRECISO SABER DE MAIS DUAS COISAS.

Conrad foi para o quarto de Mateus depois do enterro.

— Os sintomas da lepra podem se manifestar de repente, vamos dizer, num período de quarenta dias?

Inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos na mesa do médico. Tinha todos os fios da história na mão, faltando apenas uns poucos nós de confirmação para juntá-los. A trama que Leo havia tecido para ele poderia dissipar para sempre a veneração universal a São Francisco. Entretanto, para Conrad, a verdadeira explicação dos estigmas era mais maravilhosa e sublime que o mito, da mesma forma que a verdade sobre a juventude perdulária de Francisco ultrapassava a versão censurada de Bonaventura.

— Em geral, os sintomas aparecem só aos poucos e durante um longo período — explicou Mateus. — Mas já vi casos em que as lesões irromperam da noite para o dia, numa explosão de espasmos dolorosos. Nessas situações, a inflamação cobre as costas das mãos e a parte de cima dos pés. As mãos, sobretudo, ficam quentes e inchadas e muitíssimo doloridas. — O médico passou o dedo ao longo das veias salientes das costas de sua própria mão para mostrar a área afetada. — Esse estado agudo pode durar alguns dias ou semanas até que desapareça. À medida que a inflamação vai cedendo, as juntas e tendões se contraem; congelam na posição em que repousavam durante o estágio agudo, como os dedos em garra que viu em alguns dos pacientes.

— E os olhos?

Mateus sinalizou sua aprovação à pergunta de Conrad.

— Você é um observador perspicaz, irmão. É verdade, essa lepra aguda ataca primeiro as mãos e os pés, mas também os olhos. Normalmente, termina em cegueira: primeiro, porque afina a íris; segundo, porque estimula a paralisia por todo rosto e o paciente não consegue fechar as pálpebras para proteger os olhos da violência dos raios solares. É por isso que fazemos nossos pacientes sentarem-se de costas para o sol.

Conrad abaixou a cabeça. Bateu de leve com a mão na barba branca contra o peito e balançou a cabeça.

— É tudo verdade, tudo o que Leo escreveu.

Uma sensação de vazio infiltrou-se em sua calma interior, uma sensação parecida com a depressão, como a sensação de perda que Rosanna contou-lhe ter experimentado depois do parto, ou igual ao que um artista provavelmente sente ao término de um longo trabalho.

— Irmão?

A preocupação na voz de Mateus trouxe o frade de volta à realidade. Sentiu um desejo momentâneo de compartilhar todas suas conclusões com o médico, todos os acontecimentos e descobertas de seus quase três anos de buscas. Um leigo inteligente, menos ameaçado por suas descobertas do que um seguidor de São Francisco, provavelmente teria mais paciência e compreensão para ouvi-lo do que seus irmãos frades.

As palavras que poderiam alterar para sempre a história da sua Ordem começaram a fluir dele naquele cômodo sombrio, no vale isolado que abrigava o leprosário. Conrad falou do amor de Francisco pelos leprosos, do monte LaVerna e dos louvores que o santo ditou quando lá estivera, da cegueira que começou quando ele se encontrava na montanha, da descrição que Donna Giacoma fizera da aparência do santo ao morrer, a pele branca como a neve e a ferida de lança igual a uma rosa. De como Elias seqüestrara e escondera o corpo de Francisco e de como os ministros tinham alterado os relatos da vida do santo. Por fim, contou ao médico sobre a carta de Leo e sobre suas buscas para desvendar-lhe o significado. Significado que agora parecia evidente: o *pauper Christi*, o leproso a quem Leo servira, fora ninguém mais que o pobrezinho de Assis, *Il Poverello di Cristo*.

Mateus ouvia em silêncio, fascinado, enquanto o frade desfiava toda a meada.

— E o seu São Francisco — perguntou ele afinal — nunca declarou os estigmas como fato verdadeiro, nunca proclamou, nas palavras de São Paulo: *ego stigmata Domini Jesu Christi in corpore meo porto*, "Carrego as chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo no meu corpo"?

— Ele disse apenas: "*Meu segredo é só meu*" Contudo, a alegria dele no monte LaVerna é absolutamente plausível. Em sua profunda humildade, ele sempre procurou diminuir-se. Mais teria ele agradecido ao serafim pelo presente da lepra do que pelos estigmas, acreditando ser merecedor da doença e indigno dos estigmas. Depois de LaVerna, ele podia verdadeiramente dizer como o Senhor crucificado: "*Sou um verme, não um homem.*" Podia compartilhar a

humilhação de Cristo sem compartilhar a glória de Suas chagas.

— Mas você aceita que ele tenha visto um anjo — indagou Mateus —, a despeito de talvez já estar cego àquela altura?

O ceticismo na voz do médico ofendeu Conrad, apesar da própria interpretação que dera ao martírio no monte LaVerna.

— Até um homem cego consegue enxergar com sua visão interior — respondeu. — Depois de alguns momentos de hesitação, acrescentou brandamente: — Passei por algo semelhante na total escuridão da cela em que estava preso.

Mateus observou o frade em silêncio por um instante. Finalmente disse:

— É claro. Perdoe-me, irmão. Julgo esses fenômenos do ponto de vista de um médico. Não me surpreenderia, sob a perspectiva puramente médica, por exemplo, que um homem que jejuasse, vamos dizer, por quarenta dias enquanto meditava sobre o arcanjo Miguel e sobre a Santa Cruz, de repente avistasse, flutuando diante dele, um serafim ostentando as chagas de Cristo. Para mim, pessoalmente, o momento espiritual de São Francisco na montanha é mais significativo que suas manifestações físicas.

— Como assim? — perguntou Conrad.

— Quando um imperador premia a bravura de um soldado com um objeto bastante notável, as pessoas o reverenciam. Entretanto, o prêmio é apenas um sinal da bravura digna de recompensa.

Puxou a túnica na altura do peito.

— Meus pacientes olham com respeito minha roupa escarlate; no entanto, este traje não representaria nada sem os anos de estudo que ele simboliza. Compreende aonde quero chegar?

— Está dizendo que não importa o que tenha acontecido a Francisco *fisicamente* no monte LaVerna? Que a espiritualidade merecedora dos prêmios físicos é mais importante?

— No meu entender, sim; como um sincero cristão, assim espero. Fico muito mais impressionado com a vida dele de conquistas espirituais, que até eu posso tentar imitar, do que pelos estigmas, que estão muito além da minha compreensão e mesmo da minha imaginação.

Conrad fitou mais uma vez o pequeno nódulo da testa de Mateus.

— No entanto, um dia você pode vir a ter também as humildes feridas de Francisco.

— É bem possível, e vou usar esse pensamento daqui em diante para amenizar quaisquer sintomas de pesar.

Mateus tamborilou na mesa, ponderando se deveria falar mais. Por fim, lançou um rápido olhar para Conrad e acrescentou:

— Por motivos meramente físicos, jamais acreditei de fato na história dos estigmas de São Francisco.

Em resposta à expressão de surpresa estampada no rosto de Conrad, estendeu as mãos viradas para cima.

— Ao estudar anatomia, compreendi que Nosso Senhor não poderia ter sido trespassado pelas palmas quando os romanos o pregaram na cruz. A carne não teria agüentado o peso do corpo por três horas sem se rasgar.

Com o polegar esquerdo, Mateus pressionou os tendões do punho direito.

— Aqui é onde os cravos devem ter sido enfiados para segurá-Lo. Todavia, as feridas de São Francisco, pelo que ouvi, apareceram nas palmas. Sempre fiquei me perguntando o seguinte: se ele realmente recebera as chagas da crucificação, por que não apresentava também as lacerações no couro cabeludo provocadas pela coroa de espinhos? E o que dizer das quarenta chibatadas que Jesus recebeu nas costas? Nunca soube nada a respeito dessas marcas no santo.

— E nunca verbalizou essas dúvidas? — indagou Conrad. Mateus riu alto.

— Você é um puro de espírito para perguntar uma coisa dessas, considerando-se que acabou de sair das profundezas do inferno. Já ouviu falar no frade pregador Tomas d'Aversa?

Conrad fez que não com a cabeça.

— Numa época em que ele pregava em Nápoles, eu estudava em Salerno. Dizem que certa vez ele questionou a veracidade dos estigmas. Como resultado, o papa proibiu-o de pregar durante sete anos, o que, para um filho de São Domenico, equivale a proibir *você* de viver na pobreza. Atualmente, esse frei Tomas é o inquisidor de Nápoles. Ele alivia sua frustração, que atribui a São Francisco, nos seus irmãos Espirituais, matando-os devagar e com prazer por meio de diferentes e requintadas torturas. O que me leva de volta à sua pergunta: não, irmão, jamais dei voz às minhas dúvidas e jamais pretendo fazê-lo. Não sou homem de mijar contra o vento.

Mateus esticou os lábios naquele seu sorriso tenso característico e

perguntou: O que você pretende fazer com essas novas informações?

Conrad resmungou e arqueou as costas. Vou explicar tudo a frei Girolamo d'Ascoli, nosso novo ministro geral. Acho que Deus deliberadamente escondeu a verdade de mim até agora, até depois da morte de Bonaventura. Girolamo é justo e honesto. Vai fazer o que e certo.

Mateus assobiou baixinho ao se levantar.

— Você tem sede de martírio, não é?

Parou sob o umbral da porta e olhou na direção do sol que nascia.

— Lastimo perdê-lo assim tão depressa — falou por cima do ombro.

— Estou feliz aqui — respondeu. — Se o ministro geral me autorizar, voltarei de bom grado.

Mateus virou-se e apontou para o céu, através da névoa:

— Olhe... a Arca da Aliança.

Conrad seguiu-lhe o gesto e viu um duplo arco-íris curvando-se acima das árvores.

— Do que mesmo você os chamou?

— Foi um trocadilho com "arco" irmão. O sinal do compromisso de Deus, de Sua aliança com Noé.

— Mas você o comparou à Arca da Aliança, o Santo dos Santos onde os hebreus guardavam as tábuas dos dez mandamentos.

Mateus deu uma risadinha de troça.

— Não procure interpretações tão profundas no que falei, irmão. Conrad desconsiderou o comentário com um gesto da mão.

— Compreendi o que disse. Mas minha mente já enveredou por outro caminho, meu amigo. Deus o abençoe, Mateus. Você acabou de me dizer onde foi que enterraram São Francisco.

CAPÍTULO XLII



CONRAD ESPERAVA POR GIROLAMO D'ASCOLI sob a luz mortiça do interior da Igreja de baixo da basílica. Por precaução, havia pedido ao ministro geral que o encontrasse fora do mosteiro. Era uma alegria sentir a friagem dos ladrilhos sob os pés descalços e empoeirados, novamente livres. Que nunca mais, implorou, eles tivessem de agüentar o frio congelante de uma prisão subterrânea.

Por ser Dia do Senhor, o pintor dos murais e seu aprendiz não estavam trabalhando. O andaime erguia-se, esquelético e vazio, no canto nordeste da abside. Enquanto aguardava o ministro geral, Conrad apreciava o afresco, agora pronto, que o artista havia pintado representando a *Madonna* e São Francisco. Sem o pintor por peito para reclamar que estava sendo interrompido em seu trabalho, podia examinar a imagem do santo com mais atenção. Os lábios e as orelhas de Francisco davam a impressão de estar mais grossos do que quando Conrad vira o afresco pela primeira vez, e as pupilas fixas em um ponto distante, na eternidade, agora lembravam os pacientes cegos de Mateus. A expressão do santo quase imitava a impassibilidade que presenciara no lazareto.

Conrad ponderou que certamente a semelhança com os leprosos seria consequência de sua visão reduzida ou da escassa claridade proporcionada pela chama de uma única lamparina no altar-mor. O artista Cimabue não conhecera Francisco em vida e desenhara a imagem usando sua imaginação. Por outro lado, não teria o Espírito Santo guiado seu pincel ao produzir essa obra sagrada?

A porta nos fundos da nave fechou-se com um estrondo. Passos curtos e joviais ressoaram pelas sombras e detiveram-se perto do altar-mor.

— Frei Conrad! — Girolamo saudou-o com alegria. — Não esperava que

estivesse de volta tão cedo.

Os olhos claros cintilavam à luz da lamparina.

— Nem eu esperava estar aqui. Mas aprendi algo de grande importância em minha temporada em San Salvatore, de tanta importância que me senti na obrigação de vir logo lhe contar.

— Aqui na igreja? Por que não no meu escritório?

Conrad contemporizou, não querendo admitir sua falta de confiança nem mesmo naquele bom ministro geral, mas afinal balbuciou:

— Não queria me submeter ao destino do mensageiro que traz más notícias.

Girolamo franziu o cenho.

— E que notícias são essas, irmão?

Conrad apontou para a imagem do fundador no afresco. Talvez pudesse obter, com a surpresa, uma concordância do ministro geral, indo direto ao ponto:

— *Francesco Lebbroso*. Francisco, o Leproso. Há uma associação, não acha?

Enquanto falava, Conrad observava o rosto de Girolamo, tentando detectar a mais leve reação. Os olhos azuis viraram-se ligeiros para a direção que ele indicava, mas não demonstraram qualquer compreensão.

Conrad continuou, usando as palavras que havia aprendido durante o mês em companhia de Mateus.

— O médico do hospital dos leprosos provavelmente o teria diagnosticado como "lepromatoso limítrofe", por ter uma única lesão oval e rosada no lado do corpo, além de perda de visão e crostas maculares nas mãos e pés.

Os olhos de Girolamo se estreitaram.

— Aaah... Entendi sua insinuação, frei Conrad — trinou ele, com aquela voz que se assemelhava à de um pássaro. — A pergunta que me faço é: *por quê?* Será que, enquanto estava acorrentado na prisão nesses três anos, você concebeu uma conspiração de mentiras, de acordo com todos os primeiros companheiros de São Francisco, talvez iniciada por nosso próprio mestre? Será que sua visita ao leprosário deu-lhe combustível para o tição que já queimava lentamente na sua imaginação? Você não é o primeiro a duvidar dos estigmas, irmão, embora eu tenha de admitir que esteja chocada ao ouvir essas dúvidas partirem de você. Deve ser o primeiro a chamar São Francisco de leproso.

— Por favor, frei Girolamo, ouça o que tenho a dizer.

O ministro geral suspirou, com os olhos refletindo a tristeza e a compaixão normalmente dedicadas aos insanos. *Tinha tantos planos para você,* diziam esses olhos, *mas nunca imaginei que sua mente tivesse se afastado tanto da realidade.* Apesar disso, fez sinal para que Conrad continuasse.

Conrad respirou fundo e mais uma vez contou a história de sua peregrinação. Enquanto levava Girolamo passo a passo pelo mesmo percurso que acabara de percorrer com Mateus Angelicus, o ministro geral o ouvia de braços abertos, Num certo ponto, entrelaçou as mãos delicadas nas costas e andou devagar e de cabeça baixa entre o afresco e o altar principal, às vezes levantando os olhos para a pintura. O rosto de Girolamo permaneceu neutro quando o frade finalizou seu relato.

— Frei Illuminato não lhe explicou tudo isso quanto assumiu o cargo? — indagou Conrad. — Não é parte dos conhecimentos secretos transmitidos para sucessão dos ministros gerais? Tive a impressão, quando estava preso, de que frei Giovanni da Parma sabia. Ele deu a entender que sim, sem de fato admitir abertamente.

— O cargo não veio com segredo algum — atestou o ministro geral. — Se Elias orquestrou esse mito cinco décadas atrás, nem você nem eu jamais saberemos ao certo. Pode ser que o bispo Illuminato saiba, mas não passou nenhuma informação secreta para mim. Além do mais, mesmo que sua teoria esteja correta, ainda me identifico com a decisão que frei Elias tomou. Poderia agir de forma parecida, dadas as mesmas circunstâncias.

— Mas estaria fomentando uma mentira. Por que faria uma coisa dessas?

Conrad retesou os punhos por baixo das mangas. — São Francisco jamais perdoaria uma falsidade assim.

Girolamo parou e estudou a figura em destaque no afresco. Depois, seu olhar voltou-se outra vez para Conrad, que prosseguiu:

— Na época do retiro no monte LaVerna, São Francisco já havia abdicado da liderança da Ordem em favor de Elias, seu representante oficial. Passou os últimos anos em contemplação, entregando-se às questões divinas, deixando para Elias a obrigação de governar sob o aspecto prático uma organização que estava desabrochando. Ainda assim — continuou Conrad —, Francisco permaneceu como figura de proa, o santo que inspirou moços e moças a abandonarem suas fortunas e a se unirem a nós, que convenceu príncipes e prelados a terminarem com suas rixas e incentivou os leigos a corrigirem seus

maus hábitos. Acha que Elias poderia permitir que esse símbolo fosse trancafiado num leprosário, mesmo sabendo de fonte segura qual era a causa da transformação física de seu mestre? Acha que ele poderia deixar o mundo desconfiar que nosso santo e fundador havia pecado tanto que Deus o punira com a lepra? Acredite-me, irmão, São Francisco teria exercido uma influência benéfica muitíssimo menor, mesmo no papel de um segundo Jó, do que como um segundo Cristo.

Tomou fôlego e continuou sua explicação.

Elias compreendeu melhor do que qualquer outro homem os aspectos práticos da situação. Foi por isso que, quando o papa ficou entusiasmado em erigir um monumento para que se pudesse venerar São Francisco com dignidade, não encontrou ninguém mais qualificado do que Elias para cuidar da construção dessa mesma basílica, o projeto que faz seus amigos Espirituais o criticarem tanto. O frei conseguiu arrecadar o dinheiro e terminou a tarefa com rapidez inimaginável. No entanto, com o trabalho concluído, ele deixou sua marca no prédio da forma mais humilde, como *Frater Elias peccator*: irmão Elias, o pecador.

Girolamo segurou a barba do frade como se fosse um buquê oferecido por uma criança e fitou-lhe o rosto com carinho:

Você chegou cinquenta anos atrasado com sua reivindicação, irmão. Se Leo realmente quisesse que o mundo soubesse da doença de Francisco, ele a teria divulgado àquela época. Em vez disso, passou a tarefa para você. Leve em consideração, também, que as pessoas acreditam naquilo que querem. Tenho a impressão de que vai descobrir que os estigmas de Nosso Senhor são muito mais atraentes para o imaginário popular do que o seu *Francesco Lebbroso*.

A voz do ministro geral ecoou por toda a extensão da nave e, ao perder a intensidade, indicou o fim da conversa. Enquanto ele soltava aos poucos a barba Conrad, as sombras negras e silenciosas da igreja envolveram o altar onde os dois se encontravam. Conrad imaginou os espíritos dos primeiros companheiros de Francisco saindo de seus túmulos na capela, reunindo-se na penumbra, exortando-o a continuar tentando trazer a verdade à luz.

— Mas podemos provar — insistiu. — Podemos exumar os restos mortais. O médico de São Salvatore disse que teria condições de afirmar se Francisco alguma vez teve lepra por meio do exame do esqueleto.

— E como sugere que façamos isso? Ninguém viu sequer um vestígio dos

restos mortais dele desde que Elias os escondeu.

— O anel do cargo que o ministro geral usa. O mapa para se encontrar o ataúde está gravado na pedra do anel.

Girolamo pareceu momentaneamente atordoado. Os lábios se entreabriram e em seguida se fecharam. Levou a parte de trás do anel à boca, deu um suspiro e virou-se. Conrad o seguiu até a lamparina, junto da qual Girolamo expôs o lápis-lazúli à claridade. A pedra brilhava, mais lisa e polida que o azulejo sob os pés dele.

— Parecia ter sido muito arranhada. O bispo Illuminato ofereceu-se para mandar polir a pedra do anel para mim. — Um sorriso amargo repuxou os lábios do ministro. — A ansiedade dele em remover as marcas *parece* confirmar sua história.

— Claro que ele faria isso! Quer levar o segredo com ele para o túmulo! — exclamou Conrad. Mas a mesma figura está entalhada aqui, nesta pedra de altar. Descobri por acaso certo dia.

Levou Girolamo para o outro lado do altar, para o canto onde estava o desenho. Suspendeu o pano do altar e mais uma vez correu os dedos pelas ranhuras: o arco duplo, a figura humana esquematizada com os círculos concêntricos sobre os ombros — os círculos, que agora compreendia, representavam a cabeça do santo e o nimbo de uma auréola. E o círculo maior envolvendo a figura o que mais poderia ser além do próprio sarcófago?

Os olhos de Girolamo se arregalaram à luz mortiça.

— O anel tinha mesmo um desenho semelhante a esse. Acredito que os dois arcos representem os tabernáculos do altar-mor das duas igrejas, a de cima e a de baixo — explicou Conrad. — Contêm o Santo dos Santos, o corpo consagrado de Nosso Senhor, como a Arca original continha as tábuas entregues a Moisés. Essa figura com a auréola, fechada na cripta debaixo do arco inferior, é São Francisco. Estamos sobre o túmulo dele neste momento.

Girolamo roeu a unha do polegar por um instante, mas não se deu por vencido.

— É possível, suponho. Mas precisaria de evidências mais concretas do que a sua engenhosa interpretação desse desenho antes de destruir o altar e começar a cavar.

— Mas tem de fazer *algo!* — disse Conrad, em desespero. — Poderia obrigar o bispo Illuminato a admitir a verdade. Precisamos restabelecer a

integridade das legendas.

Duas angústias apertavam-lhe simultaneamente o peito: dúvida e autopiedade. Então seus três últimos anos não teriam valido de nada? Teria sacrificado sua serenidade, seus anos de juventude e metade de sua visão por absolutamente nada?

— Não estou nem ao menos convencido de que isso seja necessário, irmão — respondeu Girolamo. — Ou que o bispo Illuminato queira apoiar sua história.

Cruzou os braços nas costas novamente e caminhou devagar ao redor do altar, examinando os ladrilhos e a base do altar como se os estivesse vendo pela primeira vez.

— Eis o que quero que faça, frei Conrad — disse, quando retornou ao ponto de partida. — Não quero que fale absolutamente nada sobre suas descobertas, a ninguém, até depois da Festa dos Santos Estigmas dentro de duas semanas por ser também o aniversário de cinquenta anos da data em que São Francisco recebeu os estigmas, toda a cristandade estará aqui, inclusive o Papa Gregório, se sua saúde permitir. Há meses estamos planejando o evento e não quero nenhuma complicação agora. Pode me prometer isso? Ou devo obrigá-lo a meio mês de silêncio em sagrada obediência?

— Por que não me obriga ao silêncio perpétuo como o que Elias impôs a frei Leo?

Girolamo agarrou o ombro de Conrad e disse pausadamente:

— Porque, para ser franco, sinto-me tentado a acreditar em você; porque sei que sofreu ao ir em busca da verdade de Leo; e sobretudo porque prefiro que seu silêncio seja fruto de sua própria vontade.

Duas semanas. Será que o ministro geral estava/alarido sério? Ou seria um pretexto para ganhar tempo até que Girolamo encontrasse uma forma de silenciá-lo fala sempre?

Mudou o apoio do corpo para o outro pé, hesitando em tocar em assuntos particulares, espirituais, mas a situação tomara um rumo drástico. Sua voz vacilou quando finalmente disse:

Tive uma visão de frei Leo na noite em que recebi a mensagem dele. Ele repetia a ordem dada na carta para descobrir a verdade das legendas. Contudo, não veio só. São Francisco estava ao lado dele, como se ali estivesse para acrescentar sua autoridade pessoal aos pedidos de Leo.

— E o que *ele* disse?

Conrad deixou cair a cabeça:

— Nada. Nenhuma palavra, embora eu tivesse sentido uma onda de amor infinito que vinha dele.

— E aí, talvez, você vá descobrir a origem de toda a sua provação: *Deus casula aqueles a quem ama*. Seja como for, tem minha palavra de honra de que conversaremos mais sobre esse assunto depois da comemoração.

— Aqui?

Aqui, se quiser, ou no meu escritório. Não precisa ter medo de mim. Não sou um tirano. Não vou cortar sua língua nem arrancar o olho que lhe resta e insistir em sua crença. Mas quero duas semanas. O que me diz? Pode me dar esse prazo?

Conrad entrelaçou as mãos e fez uma profunda reverência ao seu superior.

— Não por ser obrigado a obedecer; porém em respeito à sua pessoa. Pode contar com duas semanas, então.

Fez uma genuflexão em direção ao altar com seu tabernáculo de ouro, inclinou a cabeça para as relíquias sagradas que agora sabia estarem enterradas ali embaixo e avançou para a escuridão da nave.



UM FORTE ODOR DE MADEIRA QUEIMADA pairava na viela que dava acesso à casa de Amata. *Um cheiro de manhã de inverno, não de um começo de tarde de setembro* pensou Conrad. Quando *Maestro* Roberto abriu a porta para ele, a fisionomia abatida do mordomo indicou-lhe que alguma coisa muito séria acontecera na sua ausência. Em vez de deixar as más notícias para a patroa, Roberto levou o frade diretamente para o pátio e mostrou-lhe a *loggia* em ruínas. Enquanto isso, Pio saiu correndo à procura de Amata, que veio ter com os dois homens perto da fonte.

Sem falar, Conrad balançava a cabeça para a base chamuscada de uma escrivaninha que se projetava do monte de entulho. Sua mente e suas narinas retraíram-se com o odor de destruição. Aos poucos, deu-se conta da presença da mulher a seu lado. Temia fazer a pergunta óbvia, especialmente depois de ter sido impedido pelo ministro geral de executar a outra tarefa que Leo lhe

confiara.

— Não encontramos nenhum vestígio do rolo — disse Amata.

Deus castiga aqueles a quem ama, Conrad repetiu para si.

— Como isso aconteceu?

Ela arqueou os ombros.

— Jacopone pôs a culpa num anjo.

— Só um dos lacaios do anjo decaído, Lúcifer, poderia causar tanta destruição.

— Jacopone disse *angelus Domini*. Mas você sabe como às vezes os pensamentos dele são febris.

— Preciso falar com ele — disse Conrad.

— Ele se foi, irmão — interrompeu Roberto. — Perdeu seu norte. Deixou-se levar outra vez pela loucura.

— E o que aconteceu a frei Salimbene e a frei Zefferino?

Amata sacudiu a cabeça.

— Desapareceram durante o incêndio. Mas Pio viu Salimbene correndo pela *loggia* logo no início.

Conrad cofiou a barba, tentando recriar a cena improvável em sua cabeça. O corpulento cronista não era de se arriscar, muito menos de "sair correndo" para lugar algum. Talvez houvesse um lampejo de esperança.

— Salimbene não teria fugido enquanto ainda restasse qualquer possibilidade de recuperar a crônica de Leo — disse o frade. Por esse manuscrito, o homem arriscaria a própria vida. Seria até capaz de roubá-lo para preencher o que sabe ser uma lacuna na história da Ordem. Aposto como levou o manuscrito consigo quando desapareceu — declarou Conrad. Fechou a mão e com ela socou várias vezes a outra enquanto conjeturava. — Pode até ser que tenha posto fogo na *loggia* para acobertar o roubo premeditado.

— De certa forma, espero que esteja certo — disse Amata. — Pelo menos assim saberíamos que o rolo de pergaminho está em algum lugar.

— Com grande probabilidade, num dos armários de frei Lodovico. A Ordem é apaixonada demais pelo próprio passado para destruir todos os traços do registro de Leo.

Apertou os olhos para a parede enegrecida que fora a base do *scriptorium* de Amata.

— Ainda não é hora — disse, afinal. — Na hora certa, Nosso Senhor vai

revelar onde a crônica está.

Sua própria observação fez com que se detivesse. Começou a refletir: o mesmo não se aplicaria à lepra de Francisco? Talvez aquele não fosse o momento indicado por Deus para anunciar suas descobertas. Talvez Girolamo houvesse pedido um adiamento por esse motivo, dando-lhe as duas semanas seguintes para que tivesse tempo de se conformar com esse mesmo ponto de vista. A incerteza parecia ser a única verdade absoluta naquele dia, e isso lhe agitava o estômago como uma comida indigesta.

— Tenho outras novidades — disse Amata, sondando o seu humor.

Conrad leu no rosto dela que essas seriam as boas notícias. Sorriu e disse:

— Seu mercador esteve aqui.

— Melhor que isso — respondeu Amata. — Publicamos os proclamas na igreja há dois domingos. Queremos que você celebre o casamento, pois foi você quem nos uniu.

Conrad fez umas contas.

— Os proclamas devem ser anunciados mais duas vezes. A última vez será o domingo antes...

— Antes da Festa dos Santos Estigmas, em homenagem ao tio de Orfeo — completou Amata. — Já havíamos pensado nisso. Orfeo acha que é bom presságio que nosso casamento coincida com a celebração da maior distinção de seu tio Francisco. Ele disse que podemos fingir que toda a decoração e pompa são em nossa homenagem. E São Francisco certamente vai abençoar nossa casa com muitos filhos.

Conrad já não sorria mais, porém guardou para si as suas apreensões. Era o primeiro teste porque passava a sua promessa ao ministro geral. Fez que sim.

— Na véspera da Festa dos Santos Estigmas, então.

Tornada por seu próprio entusiasmo, Amata não notou a mudança de humor do frade.

— Deus o abençoe, Conrad — disse ela. — Então, está tudo acertado. Voltou-se depressa para seu mordomo, toda risonha e agitada:

— *Maestro* Roberto, vamos preparar a festa de casamento para essa noite. E preciso que mande logo um mensageiro a cavalo avisar o conde Guido no Coldimezzo, e preciso comprar *panni franceschi* para meu vestido. Temos tão pouco tempo.

Agarrou Roberto pelo braço e levou-o para fora do pátio praticamente à

força, falando sobre o ombro para Conrad:

— Pretendo também fazer uma surpresa para você na festa, Conrad.

O frade abriu as mãos com ar interrogativo, mas ela apenas riu.

— Não seria uma surpresa se eu lhe contasse agora — gritou antes de sair com o mordomo.

Quando eles se foram, Conrad remexeu na pilha de entulho. Abaixou-se e pegou um único fragmento de pergaminho de velino. Mal conseguiu ler as frases truncadas, sujas de fuligem, na caligrafia de Jacopone; ainda assim, dobrou-o e enfiou-o na túnica. Assim como Amata, esperava que a crônica tivesse sobrevivido intacta e estivesse segura — mesmo que inacessível a ele para todo o sempre — no Sacro Convento. Ou então aquele fragmento seria a única prova das cinco décadas de indignação de Leo.

CAPÍTULO XLIII



OS DIAS QUE ANTECEDERAM O CASAMENTO e até mesmo a própria cerimônia passaram como um sopro para Amata. Assim que o escuro pórtico e o severo campanário da igreja ficaram para trás, o estado de espírito do cortejo que acompanhava, à luz de tochas, os recém-casados para o jantar do casamento mudou imediatamente. Frei Conrad desculpou-se alegando que havia planejado passar a noite fora da cidade, em Porciúncula.

— Minha presença na sua festa é tão inútil quanto uma terceira roda numa carroça — justificou-se a Amata.

Livre das influências clericais, um dos convidados começou a entoar uma canção ao antigo deus romano do casamento:

"Hymen, O Hymenae, Hymen..." e acrescentava invocações a Vênus e ao querubim:

"Quando a seta de Cupido o ating..."

O vinho correu à vontade depois que todos se instalaram no grande salão da casa de Amata e Orfeo. A impressão que se tinha era a de que tio Guido havia trazido toda a sua adega do Coldimezzo. Criados se misturavam a carreteiros, mercadores e convidados mais nobres, e os brindes de felicidade logo passaram do meramente pagão para o obscuro. Diante da alegria no local da festa — havia casais dançando, apertando-se nos bancos, sussurrando, corando —, Amata garantiu a Orfeo que, antes que a noite terminasse, seriam muitas as propostas de casamento e que ela esperava que depois não fossem renegadas à sóbria luz do dia.

Um desses casais tentou escapar, mas não passou despercebido.

Procuravam a privacidade de um quarto no segundo andar, muito embora, por causa do incêndio, só conseguissem chegar lá usando uma escada de mão. A mulher agarrava-se à escada, já no topo, e muitos homens embriagados tentavam tirar seu companheiro dos degraus de baixo, deixando o homem a meio do caminho, no eterno cabo de guerra entre o paraíso e o inferno. Afinal, ele conseguiu subir para o quarto, e os convidados irromperam em vivas e aplausos delirantes quando ele arrancou a escada dos homens, puxando-a para cima. No meio do alvoroço, Orfeo sussurrou a Amata que aquele seria o momento perfeito para *eles próprios* escaparem.

O dia fora inusitadamente quente para meados de setembro, e nenhuma brisa fazia mexer as cortinas do dossel da cama. Amata notou com prazer que não precisariam de cobertas para sua nudez naquela noite. A luz alaranjada de uma única vela proporcionava uma claridade perfeita para os amantes: tênue o bastante para esconder algum defeito, mas suficientemente clara para delinear na penumbra os contornos arredondados e macios da mulher ou as ondulações dos músculos dos ombros do homem. Pelas venezianas da janela vinha um aroma de madressilva, perfumando o ambiente.

Ela desamarrou o cordão dourado que lhe prendia o vestido branco e comprido à cintura e tirou a coroa de flores do cabelo. Orfeo a observava com desejo, segurando ainda uma taça de vinho, enquanto ela sacudia os cachos do cabelo preto e tirava o vestido pela cabeça. Já estava no meio do caminho quando disse, com a voz mais natural possível:

— Lembra-se, meu amor, da história no Velho Testamento de um casal recém-casado que passou rezando as três primeiras noites após o casamento? Talvez devêssemos...

Ela se arrependeu por não ter esperado acabar de se despir para falar, pois perdeu a expressão no rosto de Orfeu. Ouviu-o engasgar, porém, e um desenho irregular marcou a parede onde o espirro de vinho foi parar. Orfeo sacudiu um dedo para ela, mas não disse nada, com medo de engasgar de novo. Ela sorriu por cima do ombro, empinando o traseiro convidativamente ao se esgueirar entre as cortinas da cama.

Ele tirou as botas e o cinto quando se juntou a ela, mas ainda vestia sua túnica multicolorida de noivo.

— Orfeo, por que você não se despiu? — queixou-se Amata. Os olhos pretos dele cintilaram na penumbra.

— Você vai ter de merecer essa túnica, como a mulher do chefe da tribo nômade.

Era a resposta dele à brincadeira que ela fizera. Correu um dedo por baixo dos seios dela e ao redor de um dos mamilos.

— Conhece a história do bufão Kareem?

— Ah, amor, não é hora de contar histórias.

— Você não vai se incomodar, juro. Vou pontuar cada frase com um beijo... ou outro carinho."

Bem devagar, ele atçou lhe o desejo contando como um certo sultão havia recompensado Kareem por suas brincadeiras inteligentes com uma túnica tão colorida como o arco-íris, e a qual a mulher de um chefe disse querer muita para si quando o viu de longe se aproximando. "Tenha cuidado" a criada dela avisou, "Kareem não é o idiota que parece ser."

Mas a mulher gananciosa tinha caçoado da serva e convidou o bufão para ir à tenda dela. Depois de comer e beber do bom e do melhor, Kareem havia dito que só lhe daria a roupa em troca de um ato de amor, pois a beleza da mulher acendera nele um desejo diferente.

A essa altura havia fogo correndo em cada partícula do corpo de Amata, sedento do orvalho do amor que jorra do portão de Astarté. Todos os seus músculos estremeciam antes mesmo que Orfeo a penetrasse. Por *um* tempo delicioso, abençoado, imensurável, ele não falou, até que ela explodisse de prazer e ele a trouxesse de volta com cuidado, arquejante e trêmula, para uma pausa.

— Agora tire essa maldita túnica! — exclamou ela, ofegando.

— Foi exatamente o que a mulher do nômade disse para o bobo — replicou ele. "Não", disse Kareem, "essa vez foi para você, porque a amo mais que qualquer outra mulher que conheci. Agora, será pela túnica."

E ele ficou tão firme quanto no começo. Quando Amata deixou escapar curtos gemidos involuntários acompanhando o ritmo dele, Orfeo começou a penetrá-la mais e mais depressa até afinal desmoronar com um grito prolongado sobre seu peito. Amata o abraçou, feliz por lhe dar tanto prazer.

— A túnica? — disse ela.

Respirando com dificuldade, Orfeo sussurrou:

— Essa vez foi para mim. Prometo que a próxima será pela túnica.

Inacreditavelmente, ele continuava pronto para mais. Na manhã seguinte,

Ela iria perguntar-lhe como conseguira, pois sua limitada experiência com homens lhe dizia que aquilo era fisicamente impossível. Mas não quis interrompê-lo naquele momento, no estado de máxima excitação em que ele se encontrava, a não ser para insistir:

— Primeiro, tire a túnica!

— De novo, as mesmas palavras da mulher do nômade — riu ele, finalmente despindo pela cabeça, com a ajuda frenética dela, e atirando sua vestimenta para fora das cortinas. O peito, os ombros e as costas dele eram tão largos que Amata mal conseguia abraçá-lo por inteiro. *Todos os homens deviam ficar cinco anos trabalhando como remadores*, pensou ela antes que ondas de êxtase afugentassem de novo todas as suas idéias, passando por ela muitas vezes enquanto Orfeo se prolongava por uma verdadeira eternidade.

— Venha, venha junto comigo — ela pediu.

— Vou sim — ele respondeu em voz baixa — mas, por hora, meu prazer é dar-lhe prazer.

Ela se entregou completamente, mergulhou, flutuou, voou alto, até achar que não conseguiria mais agüentar a doce aflição. A respiração de Orfeo ficou cada vez mais profunda enquanto ele sorvia o ar, gemendo como se também estivesse prestes a sucumbir e, dessa vez, desmaiaram juntos.

Permaneceram quietos por um longo tempo. Durante esse intervalo tranqüilo, Amata pressionou de leve o próprio abdome com as mãos, certa de que o momento em que haviam gozado juntos tinha milagrosamente gerado uma nova vida em seu ventre — um segredo que guardaria para si até ter certeza. Por fim, Orfeo apoiou-se num dos cotovelos e afastou os cabelos negros emaranhados da testa úmida de Amata enquanto sorria para os olhos dela. O carinho de seu toque emocionou-a tanto quanto a sensação física.

Amata riu de leve quando recuperou o fôlego, e sua voz tinha um tom de triunfo:

— A túnica é minha!

— Você também subestimou Kareem — disse ele baixinho. Girou o corpo e sentou-se na beirada do colchão, puxando a cortina para o lado. — "O dia está muito quente. Estou com sede" disse Kareem para a mulher depois que ela trocou uma das túnicas velhas do marido pela linda túnica dele. — Orfeo levantou-se e apanhou a taça de vinho. — Ele pegou a vasilha de água que ela lhe ofereceu e sentou-se no chão do lado de fora enquanto bebia. À distância,

Kareem reconheceu o marido dela vindo a cavalo na direção da tenda. Mas, antes que o homem chegasse...

A taça escapuliu da mão de Orfeo e espatifou-se no chão.

— Orfeo, cuidado! — disse Amata.

Ele deu apenas um largo sorriso travesso.

— ...Kareem também quebrou a vasilha e começou a chorar. O chefe da tribo apeou e lhe perguntou o que acontecera para deixá-lo tão triste. Kareem explicou que a mulher do chefe tirara dele a bela túnica que o sultão lhe dera porque ele quebrara aquela simples vasilha de barro. O homem entrou como o vento na tenda, furioso com o tratamento vergonhoso que sua mulher dispensara ao bobo, pois acreditava que a hospitalidade era um dever sagrado. Jurara ao bufão que espancaria a mulher com muita força se ela não lhe devolvesse a túnica imediatamente.

— E ela...?

— E ela, muito sábia, devolveu a túnica e calou a boca.

— Mesmo assim — completou Amata —, Kareem pode ter despertado algo por amar tão bem a mulher do nômade. Ele provavelmente perturbou os sonhos dela por muitos anos.

A própria Amata tinha ainda um pesadelo para apagar, uma história em que faltava colocar um ponto final. Enquanto Orfeo descansava a seu lado, ela recomeçou a história do eremita Rustico e da jovem Alibech, a mesma história que começara a contar a Enrico na noite da luta na floresta. Mais uma vez, contou como o anacoreta superestimou sua capacidade de resistir à beleza da menina e como finalmente ensinou-lhe a pôr o demônio no inferno. Naquele ponto, Orfeo interrompeu a narrativa e passou a tomar parte ativa e entusiasmada na trama, fazendo o papel do eremita até o fim. Porém, enquanto o abraçava, parte de Amata condoía-se lembrando o desventurado Rico, que nunca teria oportunidade de conhecer uma felicidade como a deles. Talvez, com a ajuda de Orfeo, ela finalmente deixasse esse fantasma descansar.

Quando Orfeo se deitou de costas, exausto, Amata montou nele e apertou-lhe os quadris, imaginando que seus joelhos rodeavam um touro musculoso.

— Rústico — disse, em tom de queixume —, por que perde tempo descansando quando deveria pôr o demônio no inferno?

Orfeo olhou para ela por entre as pálpebras pesadas.

Pensei que quisesse terminar a sua história. Ela detectou um leve sinal de

preocupação naquele olhar, exatamente o que precisava para continuar a história.

— Não termina nunca — avisou. — A princípio, Alibech pensou que o inferno deveria ser um lugar pavoroso, pois o demônio de Rústico causou-lhe muita dor; entretanto, quanto mais ela praticava o ato de devoção, mais delicioso ia ficando. Era verdade, ela pensou, que o Senhor havia dito: "Meu jugo é doce e Meu encargo é leve." Perguntou-se como era possível que todas as mulheres não fugissem da cidade para agradar tanto a Deus na floresta.

Amata massageou o peito e os ombros de Orfeo e disse com fingida tristeza:

— Entretanto, que infelicidade! Quanto mais o inferno dela ansiava por receber e prender o demônio de Rústico, mais o demônio fugia dela. "Pai", ela se queixou, "vim aqui para servir a Deus, não para ficar à toa." O eremita, que vivia somente de raízes e água e, portanto, não tinha forças para atender a todos os chamados da moça, explicou-lhe que também precisava cuidar de seu jardim e que o demônio só merecia ser lançado no inferno quando erguia a cabeça por orgulho. O rapaz por fim acabou compreendendo, desalentado, que seria necessário haver uma profusão de demônios para acalmar inteiramente o inferno dela, e que, embora às vezes ele lhe desse prazer, a satisfação ocorria tão raramente que era como se uma vagem fosse atirada na boca escancarada de uma leoa faminta.

Aquela altura, a vela derreteria e se apagara. Orfeo deu uma risada na escuridão. Amata aconchegou-lhe a cabeça junto a si quando ele se apoiou nos antebraços, com ela ainda montada nele, e beijou-lhe os seios. *Oh, Deus, nunca vou conseguir terminar a história*, pensou ela, embora ao mesmo tempo lhe agradasse a idéia de continuá-la noite após noite. Ela mesma dissera que, afinal de contas, a história não acabava nunca.

E fez o possível para contar o restante bem depressa.

— Enquanto continuava a discussão entre o inferno de Alibech e o demônio de Rustico, por causa do desejo excessivo de um lado e da falta de vigor do outro... — mas não pôde continuar, porque o demônio de Orfeo penetrou em seu inferno mais uma vez, arremetendo de baixo para cima e recusando-se a baixar a cabeça orgulhosa até as primeiras luzes da manhã.

No pálido e lânguido amanhecer, Amata louvou em silêncio as cortesãs de Acre e Veneza, ou quem quer que tivesse ensinado a Orfeo os inumeráveis e

sutis segredos do amor e inspirado nele a paciência e persistência de praticá-los. Pela primeira vez, nos braços desse homem que tinha o cheiro do mar e do calor do Levante, dos vales invernosos e dos bazares de odores pungentes, ela se deu conta de toda a força sexual de seu próprio corpo, do prazer para o qual, agora compreendia, ela havia nascido.

Lágrimas de felicidade se acumularam nos cantos dos olhos de Amata.

— Estou feliz como um dia de sol, murmurou do fundo do coração, e então pensou: *Estou tão contente por não tê-lo matado*. Aninhou a cabeça no ombro de Orfeo, acariciando-lhe a barriga com a palma da mão, até que uma batida leve e ao mesmo tempo rude reverberou através da porta do quarto:

— *Scusami, signore, signora*. Está começando a procissão de São Francisco. Disseram que queriam ser avisados.

Ouviu passos tímidos sumindo no corredor enquanto um toque floreado de trombeta soava à distância. Amata adorou aquele "*signora*".



TOCHAS DE RESINA ESTALARAM E ASSOBIARAM a noite toda nos bosques ao redor de Porciúncula. Conrad saiu quando o céu clareou e viu muito mais tochas contornarem a subida da colina na direção da pequenina capela. Os membros das guildas tinham comparecido em peso e desfraldaram as bandeiras de seus vários ofícios assim que a borda do sol coroou o monte Subasio, no instante em que soou uma fanfarra de trombetas.

Conrad, o amante da solidão, deliberadamente imperceptível em sua túnica cinzenta, viu-se de repente dentro de um redemoinho de cores. Com os outros frades que haviam se reunido na capela, seguiu montanha acima na companhia de cavaleiros e guardas-civis. Atrás vinham os membros das guildas com seus estandartes balançando, rodeados pelo clero — pobres padres do interior com suas negras sotainas puídas e luzentes pelo uso e as sobrepelizes brancas; bispos e cardeais na frente deles com seus escarlates e arminhos — e, em algum lugar na dianteira da procissão, o Papa Gregório em pessoa.

Nem bem tinham começado a andar, o povo da cidade, trajando mantos e túnicas multicoloridas, atravessou o portão e acorreu alvoroçado ao encontro deles. Em sua exaltação, iam quebrando, ao passar, os galhos mais baixos do

bosque de oliveiras que margeava o caminho, o mesmo bosque onde Conrad remexera na mistura de adubo três anos antes. A folhagem ondulante fazia um contraponto verde-claro aos estandartes das guildas, como espuma do mar batendo contra um pavilhão de praia. A Compagnia di San Stefano, banda de flagelantes de Assis que entoavam louvores, cantava um hino aos estigmas:

*"Sia laudata San Francesco,
Quel caparve en crocefisso,
Como redentore..."*

"Louvado seja São Francisco,
Que apareceu crucificado
Como o Redentor..."

Os cavaleiros se empenhavam em controlar seus cavalos, nervosos com o fogo das tochas e a aglomeração ruidosa de gente. O cheiro forte de estéreo fresco que subia do chão de terra lembrou a Conrad de atentar para onde pisava. O céu sem nuvens passou do cinza ao púrpura, ao azul-anil e ao azul-vivo durante a hora e pouco que a procissão levou para chegar às muralhas da cidade e à Porta San Pietro. Ali, a multidão se dividiu: os frades e prelados seguiram para a igreja de baixo da basílica, enquanto a massa de leigos seguia como um enxame para a igreja de cima, transbordando para a Piazza di San Francesco. Conrad afastou-se dos dois grupos, subindo apenas até a extremidade sul da praça, para que pudesse ter uma visão melhor de todo o espetáculo.

Alguns cidadãos importantes tinham sido convidados para a cerimônia principal na igreja de baixo: administradores do alto escalão e benfeitores locais. Conrad viu Orfeo e Amata, sonolentos, bocejando entre o segundo grupo. Imaginou que Amata provavelmente pagara pela tumba de Donna Giacomina. Depois se lembrou também que o marido dela era parente do santo e amigo pessoal do papa.

Orfeo conversava com alguém a seu lado que era parecido com ele, embora mais alto e mais magro — possivelmente o irmão Piccardo, seu sócio nos negócios. Enquanto isso, Amata agachara-se ao lado de uma maca transportada por quatro criados. O rosto de um desses criados parecia-lhe familiar, mas Conrad não confiava nem na visão nem na memória para tentar descobrir quem seria, estando tão distante da praça. Um cobertor curto cobria a pessoa inválida que estava na maca, que com certeza era uma mulher, porque usava um toucado igual ao das freiras. Tudo indicava que Amata conhecia a

mulher doente, que provavelmente viera à basílica naquele dia na esperança de uma cura milagrosa. Mordeu o lábio ao conscientizar-se da credulidade maciça e delirante à sua volta, frustrado porque só ele e Girolamo compreendiam inteiramente a falsidade sobre a qual as esperanças da mulher inválida se baseavam.

Amata ergueu-se e esquadrinhou a fila de frades que entrava na igreja. Conrad seguiu o olhar dela. Pensou ter reconhecido Zefferino pela coxeadura, embora o frade andasse encurvado e com a cabeça abaixada por baixo do capuz. Incentivar o carcereiro a sair do calabouço do Sacro Convento tinha sido um erro; seu antigo companheiro ficara mais introvertido do que nunca. Avistou também o menino Ubertino, que o avisara do perigo dois anos antes. O jovem parecia cantar com convicção, mas Conrad notou que ele lançava olhares rápidos para a multidão o tempo todo, com uma curiosidade sem fim. Conrad ponderou se alguns dos frades Espirituais se arriscariam a entrar na igreja, ou se iriam celebrar a solenidade em outro lugar, na segurança de suas cavernas e cabanas ou locais de reunião secretos nas montanhas. Uma coisa era certa: esses frades que participavam da procissão não pareciam ser os malvestidos ou mal-alimentados amantes da pobreza.

Então, Conrad viu quem mais procurava: frei Salimbene, com os braços cruzados sobre a barriga de comilão, fazendo um par anômalo na procissão com o magricelo Lodovico. Sentiu uma necessidade urgente de falar com eles sobre o pergaminho de Leo, embora a cerimônia não tivesse ainda acabado, e desceu correndo as escadas para a igreja de baixo. Encontrá-los fora do mosteiro seria a sua única chance de saber com certeza se a crônica ainda existia ou, ao contrário, se queimara no incêndio. Embora quisesse acreditar em Girolamo, as lembranças dos dois anos no inferno ainda estavam bem frescas em sua mente; sabia que levaria anos até estar preparado de novo para entrar no Sacro Convento, e talvez nunca chegasse a tanto.

Estava quase chegando à fila quando um guarda-civil impediu que passasse. O homem segurava a lança na diagonal como uma barricada e empurrou Conrad e os que estavam ao lado dele para trás, contra o muro, liberando o caminho para a pequena praça.

— Dêem passagem para o doge de Veneza! — bradou o guarda.

O alarido da multidão aquietou-se enquanto um nobre ricamente vestido descia de sua liteira. O homem fez um leve cumprimento com a cabeça para um

lado e para outro em reconhecimento à reverência dos espectadores. Flutuou alguns passos na direção da entrada da igreja, e o clamor de vozes recomeçou atrás de Conrad.

A procissão dos frades tinha também avançado. Conrad começou a sentir falta de ar no meio da multidão. Salimbene teria de esperar. Começou a subir outra vez as escadas, procurando um espaço mais livre, quando ouviu a voz de Amata chamando por ele:

— Frei Conrad! Aí está você, afinal! Venha cear conosco hoje.

— Se eu puder — respondeu. — Primeiro, tenho de falar com frei Girolamo.

— Você *tem* de vir — gritou ela de volta, gesticulando para a mulher na maca, mas a multidão o empurrou escada acima e ele não conseguiu ouvir as últimas palavras de Amata. Levou as mãos em concha às orelhas e acenou que não, que não tinha alternativa. Ela juntou as mãos em prece numa súplica final e ele fez que sim, que faria o possível para ir.

Finalmente conseguiu voltar ao lugar onde estivera antes, perto da extremidade da praça, onde achou que a aglomeração era mais suportável. *Maestro* Roberto, acompanhado pelo conde Guido e a neta, saiu do meio da multidão e veio ao seu encontro. O mordomo sorriu e fez um gesto majestoso com a mão.

— Já tinha visto um espetáculo como esse, irmão?

Conrad seguiu-lhe o gesto que abrangia toda a praça. A maior parte do povo estava de frente para a basílica; alguns choravam e batiam no peito e erguiam as mãos para o céu. Outros riam e abraçavam os vizinhos. Conrad escutou dois homens se desculpando, pedindo perdão por ofensas passadas. Alguns poucos estavam quietos, de olhos fechados, os lábios se movendo em preces silenciosas. Como sempre, os vendedores ambulantes ofereciam tortas de carnes e doces para aqueles cuja devoção também exigia alimento para o corpo. Havia um homem ajoelhado, afastado atrás da multidão, com a cabeça bastante inclinada sobre o peito e o corpo inteiramente escondido por um manto preto e pesado, apesar da temperatura quente do dia. A altura, o aspecto taciturno e os ombros largos fizeram Conrad lembrar-se do penitente apesar da louca veneração que o antigo notário tivera pelo falso prepúcio. Entretanto, qual seria a diferença entre Jacopone e essa pessoa, imersa em adoração por estigmas que nunca existiram?

Uma mescla de emoções — tristeza pela ilusão generalizada que testemunhava, perplexidade diante do entusiasmo da multidão, indignação por ver a antiga mentira de Elias proliferando por toda parte — deixou Conrad esgotado. *As pessoas adoram um grande milagre, quanto mais fantástico melhor*, repetiu o que guardava em algum lugar de sua memória. Recordou-se da conversa com Amata na encosta da colina fora de Gubbio, da descrição que fizera das equipes que subiam às carreiras o monte Ingino com suas pesadas velas. "Nilo importa quem seja o vencedor" dissera à menina, "as pessoas simples precisam de imagens simples que sirvam de estímulo à sua crença, não de sermões nem de panfletos."

Imagens como as de um santo humilde com as chagas de Cristo impressas em seu corpo! Como suas próprias palavras o corroíam por dentro agora! fossem reais ou não as feridas, Conrad tinha de reconhecer que a prova delas estava por todo lado a seu redor. Os estigmas de São Francisco acendiam a imaginação e o fervor religioso de crentes de todas as classes, ao menos por esse único dia de sua comemoração. Teria ele o direito, ou a obrigação, de retalhar essa fé — mesmo se tivesse o poder de persuadir todos esses devotos fanáticos a acreditarem nele?

O homem que estava ajoelhado levantou-se vacilante e olhou com olhar vazio por cima das cabeças da multidão, com os olhos vermelhos de chorar, os cabelos cor de areia grudentos e desgrenhados. Ele rezava, ignorando o tumulto ao redor, até mesmo quando a menina Teresina, que também o havia visto, correu e puxou o manto que o cobria, gritando mais alto ainda que o clamor da multidão:

— *Papa! É você? Estive procurando você por toda parte!*

CAPÍTULO XLIV



A CELEBRAÇÃO PÚBLICA DOS ESTIGMAS só terminou no final da tarde, e Conrad teve de esperar até depois das Vésperas para a sua audiência. Quando entrou na sacristia da igreja de cima, onde Girolamo tinha combinado encontrá-lo, o frade viu, em vez do ministro geral da Ordem, um homem alto vestindo uma batina branca e um solidéu. Estava virado para a janela, com as mãos entrelaçadas nas costas. Nos dedos finos, brilhavam os *anéis* indicativos de seu alto cargo.

O clérigo virou-se calmamente. Sua pele amarelada esticava-se como um velino envelhecido sobre os pômulos salientes. Havia bolsas arroxeadas sob os olhos de pálpebras pesadas, que observaram Conrad por um momento desconfortável.

Bem-vindo, irmão — disse afinal, numa cadência imponente que contrabalançava o sibilar que lhe vinha dos pulmões. — Seu ministro geral houve por bem satisfazer nosso desejo de conhecer o frade cuja curiosidade o levou a prisão. Os elogios que Orfeo di Bernardone fez à sua pessoa despertaram a nossa curiosidade.

Conrad caiu de joelhos sobre o chão de pedra e curvou a cabeça.

— Devo minha vida a Vossa Santidade.

E permaneceu naquela humilde posição até sentir uma leve pressão na cabeça, enquanto o papa murmurava uma bênção em latim. Gregório segurou-lhe os ombros e ordenou que se levantasse.

Frei Girolamo não pôde vir se encontrar conosco. Está se preparando para viajar com o doge, que volta para Veneza amanhã.

O pontífice apontou para uma cadeira vazia e sentou-se numa outra em

frente.

— Veja bem — disse Gregório —, *nós* precisamos ainda mais da liderança dele tio que a sua Ordem. Pedimos que voltasse a Bizâncio para amarrar a miríade de detalhes necessários para a reunificação da Igreja.

Conrad perguntou o quanto exatamente teria Girolamo contado ao papa a respeito dele próprio. Teria o ministro geral, em troca de aceitar a missão para o leste, pedido a autoridade suprema da Igreja para impedi-lo a lepra de São Francisco?

— À unidade dos membros do corpo místico de Grato é uma bênção de Deus — continuou Gregório —, sobretudo a união entre os irmãos. Frei Girolamo nos contou sobre seu plano de usar você como intermediário para extinguir a brecha em sua própria Ordem; assim que estivesse curado de seus próprios males, é claro. Uma tarefa sublime e laboriosa. Ele terá de fiar-se muito mais do que imaginava em frades como você, agora que o pegamos de volta para cuidar de nossos interesses. Falando em particular, assim como em nome da Igreja, nos sentimos recompensados por termos libertado você da prisão.

O pontífice observava seu rosto atentamente, e Conrad, de propósito, procurava mantê-lo desprovido de qualquer expressão. Ainda não tinha se recuperado da surpresa inicial. Também planejava guardar sua reação para quando ouvisse a proposta integral de Gregório.

— Frei girolamo simpatiza muito com seus amigos Espirituais. Ele cresceu em Ascoli, em Marches, onde eles se escondem. Não obstante, ele compreende que os irmãos moderados e mais práticos têm mais condições de levar adiante o plano de São Francisco de reformar a Igreja, de eliminar as barreiras entre padres e pessoas, do que os membros mais zelosos da Ordem. Em minha opinião, sua Ordem deveria dar menos ênfase à pobreza e mais à simplicidade, menos à ascese e mais à austeridade. A linha que separa esses conceitos é muito tênue, mas vai trazer mais conforto divino a um maior número de religiosos do que a sombra mais restrita que é projetada pelas práticas rígidas de seus amigos.

O papa apontou para a túnica de Conrad.

— Por exemplo: preferimos ver um frade usando uma túnica de tecido bom e pesado que vá durar muitos anos e que evitará que ele se desconcentre de suas devoções numa basílica gelada do que vê-lo vestido em trapos. Espero que chegue a essa mesma compreensão depois de um período de reflexão.

Gregório se levantou e andou outra vez até a janela, dando as costas para Conrad, que acariciou os remendos das mangas de sua túnica. Já tivera esse tipo de discussão com Donna Giacoma e podia sentir o sangue subindo-lhe ao rosto.

Gregório disse, então:

— Frei Girolamo nos contou que você ficaria satisfeito em servir num leprosário, mas acreditamos que Deus lhe reservou uma tarefa maior. Sugerimos ao seu ministro geral que você passasse um tempo de reclusão no mosteiro do monte LaVerna, paia meditar sobre o maior projeto da vida de São Francisco: sua missão para a Igreja como um todo, para todos os fiéis.

Ah, isso decerto tem a ver com me fazer calar.

— Por que o monte LaVerna? — perguntou Conrad, fingindo ignorância, mas convencido de que a única razão era por ter sido lá que as lesões haviam aparecido em Francisco. *Gregório e Girolamo caçoavam dele.* — Não é fato que a verdade permanece a mesma, inalterada, onde quer que se esteja? — perguntou, certo de que agora o papa sabia a qual verdade ele estava se referindo.

As costas do pontífice se retesaram.

— *Quid est veritas?* O que é a verdade? Pilatos perguntou a Nosso Senhor. Infelizmente para toda a humanidade ele não esperou pela resposta de Jesus. Toda a humanidade gostaria muito de ter ouvido *aquela* resposta. Nós vivemos o dobro de seus anos, frei Conrad, muitos deles passados lendo crônicas e histórias que se diziam verídicas. Chegamos à conclusão de que as penas dos escribas podem escrever verdades rasas e flexíveis com tanta facilidade quanto os martelos dos fabricantes de armas malham as espadas.

— Mas estou absolutamente certo sobre a lepra de São Francisco.

Gregório virou a cabeça, com uma expressão de mágoa no rosto, como a sublinhar a indelicadeza de Conrad ao falar de forma tão direta. O papa obviamente preferia falar sobre aquele assunto por circunlóquios.

— Certa vez, um sábio imaginou que Deus lhe estendia, em Sua mão direita, toda a verdade do universo; na esquerda, o Criador tinha apenas a busca diligente da verdade, incluindo a condição de que o homem sempre se perdesse nessa busca. Deus ordenou ao sábio: "Escolhe!" Humildemente, ele tomou o que havia na mão esquerda de Deus, dizendo: "Pai Divino, dê-me essa, pois a verdade absoluta pertence somente a Ti."

A voz sibilante do papa crepitou quando ele acrescentou:

— Você deve ter visto hoje na praça que a verdade a que se apega não é tão simples, tão absoluta. Sua *verdade* seria um golpe lancinante no âmago da *fé* das pessoas.

Conrad abaixou a cabeça. Levado pelas próprias convicções, havia ultrapassado os limites. Devia ao sumo-pontífice total obediência, além de gratidão.

— Perdoe-me, santo padre, por meu orgulho.

Fechou o olho, com a impressão de que seu coração iria explodir, agitado por tanto tumulto, tanta confusão. Continuou em voz baixa:

— Cheguei a mesma conclusão que Vossa Santidade ao observar a multidão e teria remorsos para sempre se causasse danos a devoção das pessoas. Certamente não é esta a hora para revelações, foi o que eu disse para mim mesmo. No entanto, em respeito a essa mesma verdade, não deveríamos fazer pelo menos uma observação em alguma crônica, para aqueles que vierem depois De nós?

— Não.

A palavra foi dita em tom baixo, porém firme, e a mão do papa tocou-lhe o ombro.

— Não meu filho.

Conrad levantou o rosto mais uma vez, surpreso com a repentina ternura do pontífice.

— Mas, estamos em débito com você, pelo sofrimento que suportou e porque... porque, é simples, concordamos com frei Girolamo que você provavelmente está certo. Suas descobertas não deverão morrer mais do que... do que uma morte temporária. Quando for da vontade de Deus, Ele poderá ressuscitá-la com a mesma facilidade com que o fez com Seu Filho. Nosso acordo, então, é o seguinte: um frade vai acompanhá-lo a LaVerna; por intermédio dele, poderá começar a tradição *oral* da sua história de *Francesco Lebbroso*. Oral, não escrita. Não poderá fazer nada além disso: deixe o resto nas mãos de Deus.

— E o companheiro? Posso escolher?

O papa assentiu:

— Desde que seu ministro geral concorde.

Deus permita que ele aceite, pensou Conrad. Algumas centelhas de esperança luziram de repente no seu íntimo. E com isso veio-lhe uma paz

inesperada, a sensação de confiança de que um frade de alguma geração futura finalmente iria trazer à luz a maquinação de Elias. Sentiu reacender-se sua antiga determinação, mas não precisava dizer nada sobre isso ao papa.

— Se frei Girolamo estivesse aqui, também pediria que me liberasse por esta noite para me despedir de Orfeo e da esposa. Prometi ir cear com eles.

— Não vejo problema algum nisso, irmão. E, por favor, acrescente a eles os meus cumprimentos, pois gosto muitíssimo de Orfeo.

Gregório fez uma pausa e sorriu, antes de indagar:

— Quando virá buscar seu companheiro?

— Se ele puder encontrar-se comigo na Porta di Murorupto depois das terças, amanhã de manhã...

O pontífice fez que sim e concordou em transmitir o pedido; depois acompanhou Conrad até a porta principal da basílica. E foi assim, facilmente, que o dilema que atormentara Conrad desde o seu encontro com frei Girolamo resolveu-se com o caráter decisivo e infalível de um decreto papal.

Enquanto Conrad conversava com o papa, a Piazza di San Francesco esvaziara-se. A multidão se dissipou para a refeição da noite. Um único vira lata, que remexia nas sobras que os peregrinos haviam deixado cair nas pedras do calçamento, veio cheirar os tornozelos do frade. O animal o seguiu até a extremidade da praça, e Conrad desejou mais uma vez voltar à companhia das criaturas da floresta e que os últimos três anos jamais tivessem acontecido. Afagou a cabeça do cachorro, sentindo uma saudade repentina de Chiara, a corça mansa que pastava junto de sua cabana. Depois espantou o cachorro para que voltasse para a praça e prosseguiu sozinho.



A ÚNICA QUESTÃO AINDA NÃO RESOLVIDA era a existência ou o paradeiro da crônica de Leo. Conrad tivera a esperança de fazer a pergunta a frei Girolamo, mas, com o ministro geral de partida para Veneza, perdera aquela oportunidade. E sabia que, mesmo se pudesse de alguma forma questionar frei Salimbene ou o bibliotecário a respeito do pergaminho, não receberia uma resposta sincera. Restava-lhe usar uma alavanca para soltar as tábuas dos armários de livros na calada da noite, uma experiência que esperava nunca mais repetir, nem mesmo

em seus mais terríveis pesadelos. Mas o companheiro de viagem para LaVerna... ao mesmo tempo em que receberia por herança a história da lepra de Francisco... poderia, quem sabe, herdar também a história de Leo.

Enquanto percorria o caminho para a casa de Amata, Conrad deu-se conta de que a repentina mudança dos acontecimentos o haviam deixado com uma verdadeira sensação de calma e alívio. Por três anos, o peso da mensagem de Leo havia vergado sua alma como um salgueiro que se curva sob pesada nevasca e esgotado as suas forças para evitar que se quebrasse. Mas o calor da autoridade de Gregório finalmente derreteria essa carga, libertando-o para voltar à sua natural postura ereta. O jugo da obediência cega carregava em si a liberação de uma irresponsabilidade igual à das crianças. O desaparecimento tio manuscrito de frei Leo representava uma outra carga, mais um peso que ele agora entregava de bom grado nas mãos de Deus. Ansiou pelo retiro no monte LaVerna; tinha várias camadas de cargas como essas para se desfazer.

Ao chegar a casa de Amata, encontrou todo mundo reunido no grande salão, e a refeição já pela metade. A mesa dos criados estavam sentados os quatro homens que carregavam a maca perto da igreja de baixo naquela manhã. Mais de perto, pôde finalmente reconhecer o que lhe parecera familiar, *o criado de Rosanna o mesmo que toda semana levava alimento para ele na cabana da montanha.*

Conrad encaminhou-se depressa, cheio de expectativa, para a mesa principal, reservada para a família e os convidados especiais, mas Rosanna não estava lá. Deixou cair os ombros. Reconheceu o quanto ficara desapontado; era a mesma sensação que experimentara antes, naquela manhã em que partiu para o mosteiro e Rosanna não pudera se despedir dele.

Os olhares de Amata e Conrad se cruzaram, e ela acenou para o lugar que lhe estava reservado, entre ela e o conde Guido. Guido saudou o frade cordialmente e abriu mais espaço no banco, enquanto Amata fazia sinal para um ajudante da cozinha trazer mais um prato. Com a mente ainda girando com lembranças de seu eremitério, Conrad recordou-se naquele instante da adolescente de língua afiada que enchia a boca de uvas, uma atrás da outra, enquanto o repreendia em sua cabana. A jovem adulta ao lado dele era uma homenagem viva à sabedoria e à paciência de Donna Giacomina.

Eu lhe prometi uma surpresa, Conrad! — disse Amata. — Convidei Monna Rosanna para vir a Assis para o dia santo, embora eu não soubesse que

ela estava doente. Esperamos que, pela intercessão das chagas de São Francisco, ela consiga uma cura durante sua permanência aqui.

— O estado dela é grave? — indagou Conrad.

A tristeza anuviou o rosto de Amata.

— *Muito grave.* A pessoa que aplica ventosas acha que ela não conseguirá sobreviver, a não ser por milagre. Muitos partos difíceis. É a bênção e a maldição das mulheres. — Conseguiu dar um leve sorriso presciente, reconhecendo que dentro de um ano a sua vida poderia estar suspensa por um fio entre a maravilha e o perigo mortal da gravidez e do parto.

Conrad enterrou a cabeça nas mãos e rangeu os dentes. *A companheira mais querida de sua infância, obrigada a sofrer porque o marido tinha a auto-disciplina de um animal no cio!* Não houvera um ano sequer desde o casamento em que ela não estivesse grávida. Embora zangado, frustrado e sentindo-se impotente, uma parte de si foi forçada a admitir que Rosanna e Quinto tinham Apenas cumprido o preceito bíblico de crescer e multiplicar-se. Teria a vida dela sido diferente caso tivesse se casado com alguém como ele?

Amata deu-lhe um gole de sua taça. Tocou no braço de Conrad e acrescentou:

— Ela tem perguntado por você desde que chegou.

O frade imediatamente começou a se levantar, antes mesmo que a criada viesse com a comida, mas Amata apertou um pouco mais o braço dele.

— Ela está descansando confortavelmente, Conrad. Jante primeiro e nos conte sobre seus planos. Gostaríamos que ficasse conosco por um tempo. A sua companhia também seria benéfica para Jacopone. — E fez um gesto com a cabeça em direção a um banco de madeira que ficava abaixo de uma das tapeçarias do salão.

Teresina já tinha terminado de comer e estava ao lado do pai, com a cabeça apoiada no ombro dele e segurando sua mão enorme em suas duas pequeninas mãozinhas. O penitente girava a cabeça, sem energia.

A imagem da recaída entristeceu Conrad. Levou as mãos ao rosto, cobrindo-o por um momento, depois explicou que deveria viajar na manhã seguinte.

— Só me resta oferecer um *conselho*, Amatina — disse. — Faça com que *Sior* Jacopone escreva alguma coisa. Como seu notário, ou anotando os próprios poemas, copiando, seja lá o que for. Ele tem a sensibilidade nervosa dos artistas.

Para essas mentes angustiadas, escrever é o melhor purgativo, talvez o único. Ele poderia até tentar morar no nosso mosteiro em Todi. Todos lá o conhecem, e foi bem respeitado antes que a loucura tomasse conta de seu espírito.

Conrad podia ver que sua resposta deixara Amata decepcionada, mas o papa havia ordenado a sua viagem e, acima de tudo, seu próprio espírito necessitava de cuidados. Sentiria saudades do carinho de todas essas pessoas, mas sabia que deveria renunciar a elas. Encontrava-se numa das encruzilhadas da vida, com mais uma irrevogável mudança de rumo em vista. Enquanto tomava seu caldo, Conrad pensou mais uma vez em Rosanna, a quem ele já havia renunciado duas vezes — quando fora para o mosteiro e ficara sabendo do noivado dela e, mais recentemente, quando abandonara seu eremitério para voltar a Assis. Agora, era provável que tivesse de deixá-la pela terceira e talvez última vez.

Naquela noite, a sopa não teve cheiro nem sabor para ele, e quase não percebia a conversa ao seu redor. Sua consciência já ia longe, para alguma noite escura, acenando para que sua alma a seguisse, e depressa. Sua mente parafraseava um verso curto de um poema popular: *Despedi-me de meus amigos e embrenhei-me no outono de LaVerna*. Mal tinha tocado a comida quando os criados responsáveis pela cozinha começaram a limpar o salão.

Amata permaneceu a mesa enquanto os outros foram em busca de seus colchões de enrolar.

— Conrad? — disse baixinho. — Se você não quer comer, vamos ver Rosanna agora. Mas antes de nos desejarmos *boa noite*, prometa-me que não vai desaparecer ao amanhecer, como fez no dia que foi embora para San Lazzaro.

— Prometo, Amatina.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Espero que Deus guie meus passos para cá mais uma vez, mas por agora não posso prever nada além de LaVerna.

As palavras lhe faltavam, mas sabia que precisava dizer algo. Tentou explicar:

— Vou sentir saudades de vocês todos, saudades imensas, mas a separação será mais fácil porque sei que finalmente está vivendo na paz que Giacomina desejava para você, que todos nós queríamos que tivesse.

Mas ele desconfiava que não seria tão fácil como dizia. Separar-se de Amata poderia ser tão triste quanto a outra despedida que estava prestes a

enfrentar.

Ele não opôs resistência quando ela lhe tomou pela mão e o levou para o mesmo quarto onde ele havia estudado os manuscritos. Ao parar na entrada, Amata sussurrou:

— Orfeo está esperando por mim — e voltou discretamente para o salão.

A lareira acesa no canto do quarto deixava escapar um filete de fumaça que subia pelas pedras da chaminé e ia para o teto, exatamente como ele se lembrava; mas a mulher deitada num colchão sobre o piso respirava sem dificuldade. Suas pálpebras estremeçeram, depois se abriram ao perceber alguém a porta.

— Sou *eu*, Conrad.

O brilho alaranjado do fogo refletiu-se na névoa úmida que se formara nos olhos da mulher.

— O que fizeram com o meu amigo? Amata me avisou que você tinha mudado muito na prisão, mas nunca poderia imaginar...

Conrad ajoelhou-se ao lado do catre e tocou-lhe os lábios com o dedo.

— Dizem que Deus trata mal àqueles a quem ama; do mesmo jeito que as crianças tratam seus brinquedos favoritos. Devemos ser muito amados, você e eu, Rosanna.

Tomou-lhe a mão, num movimento instintivo, como se ainda tivessem dez anos, surpreendendo-se com a naturalidade do gesto.

— Amata disse que estava esperando por mim.

Ela virou a cabeça, com os olhos voltados para a fumaça lá no alto.

— Queria suas preces para libertação da minha alma e para a proteção de meu marido e filhos quando eu partir. Eu sei que vou morrer, Conrad.

Ele mal sentia a fraca pressão dos dedos dela na palma de sua mão.

— Também preciso confessar uma coisa — arrematou ela.

Conrad soltou-lhe a mão e assumiu uma posição mais ereta. Rosanna riu baixinho na penumbra.

— Não, não, nada tão formal assim. Confessei-me com o padre de Ancona antes de deixar a cidade, caso a viagem acabasse sendo dura demais para a minha saúde. Com você, a confissão é apenas entre amigos. Por favor, segure minha mão de novo.

Ele obedeceu, mas dessa vez segurou-lhe a mão de modo mais acanhado.

— Durante todos esses anos de meu casamento com *Sior* Quinto —

continuou Rosanna — estive apaixonada por outro homem. Isso escandaliza você?

A respiração de Conrad ficou suspensa por um momento. Não fosse pelo débil estado de saúde dela, soltaria sua mão. Embora ela tivesse afirmado se tratar de uma limpeza de consciência informal, ele reagiu como um padre severo.

— Você o amou no sentido carnal? — perguntou, receoso da resposta.

De novo Rosanna deu uma risadinha, o som saindo em tênues sopros de ar.

— Não. Apenas nas minhas fantasias de menina. E agora nos meus sonhos de mulher madura. Acho que ele é o tolo mais ingênuo que existe, por jamais ter percebido nenhum dos indícios.

— Você o conhecia quando era menina? Por que não declarou seus sentimentos em vez de se casar com um estranho?

— Você bem sabe que as filhas não têm direito de fazer escolhas matrimoniais, Conrad. Declarei, sim, meu amor a ele, para meus pais, na noite em que me avisaram que fora prometida em casamento a Quinto. Tive o pior dos acessos de raiva que você pode imaginar e jurei que só me casaria com... você. Por que acha que o levaram correndo para o mosteiro?

O colchão rangeu sob o esforço que ela fez para ficar de lado.

— E veja onde fomos parar. Dois velhos bonecos de trapos aos frangalhos, que deveriam ter formado o casal mais feliz do mundo. Sei que você também me amou, mesmo que tivesse sido apenas um amor de adolescente.

O aperto em sua garganta o impediu de responder. A lua nascente iluminou um canto do quarto, insinuando-se através das folhagens e de uma brecha na parede. De repente, ele reconheceu a solidão de sua vida inteira naquele único e pálido raio de luar.

— Fale, Conrad. Deixe-me dizer *addio* a você em paz.

Apertou a mão dela entre as suas, acompanhando os dedos frágeis da mulher com as pontas dos seus. Falou, enfim, com voz rouca:

— Sabemos que nossas almas não morrem, Rosanna. Não devemos dar tanta importância assim a dizer adeus. Conversaremos outra vez um dia, num lugar mais feliz.

— *Diga*, Conrad. Por favor.

Ele tentou se levantar, mas a mão dela o reteve:

— *Conrad!*

Ele soltou-lhe a mão e pousou-a sobre o corpo dela.

— Deus sabe como a amei, Rosanna. Até este instante, só Deus sabe que *nunca* deixei de amá-la. Só agora me dou conta disso. — Sorriu. — Acho que isso prova que sou mesmo um tolo ingênuo, como você diz.

Tocou com os lábios a testa úmida de Rosanna; depois, passou as mãos por baixo dos ombros dela e soergueu-a do colchão. Segurou-a contra seu peito por um longo momento, lutando contra as lágrimas. Deitou-a no colchão, e dessa vez permitiu que seus lábios tocassem os dela.

— Obrigada Conrad — sussurrou ela.

— *Addio*, Rosanna. Adeus, minha amiga.

Num esforço, ficou de pé e andou com dificuldade para a porta, onde parou vacilante. Apoiou-se no umbral e levantou os olhos para o céu que brilhavam além do claustro. Fez um leve gesto de cabeça para as estrelas e disse:

— Vejo você lá.



EM UM IMPULSO, CONRAD atravessou o portal. Seguiu a trilha do luar e foi até o pátio de Amata. Lá, a luz resplandeceu em sua barba prateada, atraindo uma chuva de mariposas claras, que dançaram em volta de seu rosto e depois pousaram em seu cabelo. Desejou poder fincar raízes ali, no meio dos escombros deixados pelo incêndio, criando musgo como um carvalho venerável, servindo de lar para milhões de besouros e de sombra ao tranqüilo ambiente familiar de Amata, com suas folhagens, seu tronco e seus galhos sendo escalados pelos alegres *bambinos* dela.

Sua peregrinação, porém, não lhe permitia essa vida de prazer. Seu destino estava bem distante dali. Não só o monte LaVerna, uma simples parada no meio do caminho, mas nada menos do que o reino de Deus — escondido dentro de si, como Jesus ensinara.

Amanhã transmitiria o fardo de Leo para o companheiro que escolhera para a viagem: o frade da geração futura, frei Ubertino. Em toda aquela busca, não havia encontrado Deus, nem mesmo na túnica cinzenta e remendada que agora lhe cobria o corpo trêmulo. Sabia que o Pai habitava um lugar bem mais

profundo do que todas as batalhas dos homens, do que aquele pedaço de pergaminho carbonizado que guardava no bolso e que representava a pureza da alma da Ordem, e até mesmo do que a imensa basílica que desalojara essa mesma alma. Muito além de qualquer *coisa* que Conrad pudesse nomear ou pensar, do que a sua mais inteligente *noção* de um Deus, que era apenas uma invenção.

Teve certeza de que o caminho para Deus iria desaparecer em mistério, talvez num *lugar* de absoluto nada, ainda que certamente não seria um lugar, e nem mesmo um vazio — nada além do puro amor. O Apóstolo, inspirado pelo espírito Santo, profetizara: "*Deus é Amor*"

E lá, no âmago do Amor Original, Conrad sabia que encontraria Rosanna unira vez.

EPÍLOGO



DEPOIS DE SUA TEMPORADA NO MONTE LAVERNA, frei Conrad da Offida ficou ou famoso como pregador itinerante e visionário. Permanentemente devotado à causa da facção Espiritual de sua Ordem, morreu em 1306 no mosteiro Santa Croce, em Bastia, e mais tarde foi beatificado. Um contemporâneo seu, frei Angelo Clarenó, afirmou que Conrad usou a mesma túnica por cinquenta anos, um duplo tributo à teimosia e resistência tanto do homem quanto do tecido. Dezesesseis anos após sua morte, ladrões de Perúgia roubaram os ossos do beato Conrad e os guardaram em relicários em sua cidade.

Ubertino da Casale se tornou líder dos Espirituais nos últimos anos de 1200. Na sua obra *Arbor Vitae* (A árvore da vida), ele faz menção ao manuscrito desaparecido de Leo. Ubertino citou algumas passagens do manuscrito que lhe foram transmitidas por frei Conrad, mas foi chamado de mentiroso por não mostrar o verdadeiro texto, que permanece desaparecido até hoje.

Em 1294, o cardeal Benedetto Gaetani foi eleito Papa Bonifácio VIII e mergulhou o papado na pior e mais longa crise de sua história. Admitindo-se que o raciocínio de Conrad estivesse correto, o de que as profecias do abade Joachim de Flora de fato apontavam para o ano de 1293, torna-se plausível que Bonifácio representasse a chegada da Abominação da Desolação prognosticada pela visão do abade.

Jacopone da Todi entrou para a Ordem Franciscana em 1278. E também se tornou um líder entre os Espirituais. Suas poéticas *Laudas*, escritas no vernáculo, conquistaram-lhe o amor do povo e o desdém de um poeta rival, Dante Alighieri. E, pelo fato de Jacopone atacar com todas as forças a corrupção

dentro da Igreja, o Papa Bonifácio VIII o encarcerou na masmorra papal. Mas esta é uma outra história.

No ano em que seu pai entrou para o mosteiro, a adolescente Teresina viajou com Orfeo, Amata e os quatro filhos deles para Palermo, Sicília, onde Orfeo montou um posto avançado, negociando por todo o Levante, pouquíssimos anos antes das Vésperas Sicilianas — e esta também é uma outra história.

Em 14 de abril de 1482, o Papa Sisto IV canonizou o antigo ministro geral, frei Bonaventura. Além disso, em 1588, o Papa Sisto V proclamou santo um Doutor da Igreja, com o título especial de Doutor Angélico.

Em 1818, um grupo de operários que cavava na cripta sob a igreja de baixo da Basílica de São Francisco descobriu os restos mortais do santo — quinhentos e cinquenta anos depois de terem desaparecido. As relíquias jamais foram analisadas para se verificar a existência de sinais de lepra.



Fim

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.



<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

[http://groups.google.com/group/Viciados em Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros)